

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

THOMAS HEIMANN

IMAGEM E IDENTIDADE PASTORAL: A DESIDEALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO
PASTORAL A PARTIR DA TEOLOGIA DA GRAÇA PROPOSTA POR LUTERO

São Leopoldo

2016

THOMAS HEIMANN

IMAGEM E IDENTIDADE PASTORAL: A DESIDEALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO
PASTORAL A PARTIR DA TEOLOGIA DA GRAÇA PROPOSTA POR LUTERO

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientador: Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H467i Heimann, Thomas

Imagem e identidade pastoral : a desidealização do Ministério Pastoral a partir da teologia da graça proposta por Lutero / Thomas Heimann ; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.

400 p. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Clero – Stress ocupacional. 2. Igreja Luterana – Clero. 3. Clero – Psicologia. 4. Burnout (Psicologia) – Aspectos religiosos – Cristianismo. 5. Clero – Saúde e higiene. 6. Lutero, Martim, 1483-1546 – Teologia. I. Sinner, Rudolf Eduard von, 1967- . II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

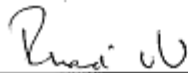
THOMAS HEIMANN

“IMAGEM E IDENTIDADE PASTORAL: A DESIDEALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO PASTORAL A PARTIR DA TEOLOGIA DA GRAÇA PROPOSTA POR LUTERO”

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 14 de março de 2016

Prof. Dr. Rudolf von Sinner (Presidente)



Prof.ª Dr.ª Karin Hellen K. Wondracek (EST)



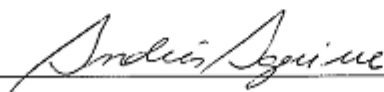
Prof. Dr. Nilton Eliseu Herbes (EST)



Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth (ULBRA)



Prof. Dr. Andrés Eduardo Aguirre Antúncz (USP)



Dedico esse trabalho a todos os pastores que exercem o seu ministério com amor e fidelidade e, de modo muito especial, a dois pastores especiais em minha vida: meu avô Johannes H. Rottmann (*in memoriam*) e meu pai Leopoldo Heimann. “Quão formosos são, sobre os montes, os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, do que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, do que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52.7)

*“Quem sou eu? Seguidamente me dizem
Que deixo a minha cela
Serenos, alegre e firme
Qual dono que sai de seu castelo.*

*Quem sou eu? Seguidamente me dizem
Que falo com os que me guardam
Livre, amável e com clareza
Como se fosse eu a mandar.*

*Quem sou eu? Também me dizem
Que suporto os dias do infortúnio
Impassível, sorridente e altivo
Como alguém acostumado a vencer.*

*Sou mesmo o que os outros dizem a meu respeito?
Ou sou apenas o que sei a respeito de mim mesmo?
Inquieto, saudosos, doente, como um pássaro na gaiola,
Respirando com dificuldade, como se me apertassem a garganta,
Faminto de cores, de flores, do canto dos pássaros,
Sedento de palavras boas, de proximidade humana,
Tremendo de ira por causa da arbitrariedade e ofensa mesquinha,
Inquieto à espera de grandes coisas,
Em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
Cansado e vazio até para orar, para pensar, para criar,
Desanimado e pronto para me despedir de tudo?*

*Quem sou eu? Este ou aquele?
Sou hoje este e amanhã um outro?
Sou ambos ao mesmo tempo? Diante das pessoas um hipócrita?
E diante de mim mesmo um covarde queixoso e desprezível?
Ou aquilo que ainda há em mim será como um exército derrotado,
Que foge desordenado à vista da vitória já obtida?*

*Quem sou eu? O solitário perguntar zomba de mim.
Quem quer que seu seja, ó Deus, tu me conheces,
Sou teu”.*

(Dietrich Bonhoeffer)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Rudolf von Sinner, pela orientação competente, marcada também pela sensibilidade, acolhimento, solidariedade e confiança, mesmo diante de minhas fraquezas e limitações.

A minha esposa, amiga e companheira Beatriz, pela compreensão, amparo e incentivo ao longo desses quatro anos, me dando a serenidade necessária para a conclusão desse projeto.

Ao Thiago e a Amanda, filhos amados, presentes de Deus em minha vida, pelo amor e compreensão mesmo diante de minha ausência em tantos momentos dessa caminhada.

Aos meus pais, Leopoldo e Marie Luize Heimann, por terem exercido com amor e dedicação a sua vocação de pais, pelas lições de vida e por tantos gestos carinhosos de cuidado nos meus momentos de imersão na tese, além do auxílio nas traduções do inglês e alemão.

Aos pastores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB, pela confiança dispensada em responderem com tanta disponibilidade essa pesquisa, tornando o sonho dessa tese possível.

Ao PPG da Faculdades EST, em especial a cada um dos seus professores, pela formação sólida, crítica e sempre afetuosa que me dispensaram ao longo de meu percurso acadêmico.

À Diretoria Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, especialmente na pessoa do Pastor-Presidente Rev. Egon Kopereck e seu Vice-Presidente de Ensino, Rev. Rony Marquardt, pela confiança, incentivo e disponibilidade no repasse de informações.

À Universidade Luterana do Brasil – ULBRA, por acreditar na minha capacidade e ter me incentivado a continuar os meus estudos acadêmicos.

Aos meus colegas professores da ULBRA, pelas inúmeras reflexões compartilhadas acerca do tema, com quem pude amadurecer diversos aspectos de minha pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa em Aconselhamento e Psicologia Pastoral e também ao Grupo de Teologia Pública em Perspectiva Latino Americana, da Faculdades EST, pelas contribuições e compartilhamentos de ideias na construção do projeto que culminou nessa tese.

Ao professor e colega, Dr. Clóvis Jair Prunzel, pela contínua disponibilidade em dialogar sobre a teologia de Lutero e pelo auxílio em me dispor de sua biblioteca física e digital.

A Elizabete Moraes, por todo o apoio técnico com o instrumento online de pesquisa e pela construção dos diferentes gráficos e tabelas apresentando os resultados.

À CAPES, por ter financiado os meus estudos de doutoramento.

Acima de tudo, gratidão ao meu Deus e Salvador, pela sua incomensurável graça e amor.

RESUMO

A presente tese apresenta uma pesquisa bibliográfica, documental e empírica sobre a imagem e identidade pastorais, buscando verificar possíveis processos de idealização neurótica de ministros religiosos de uma denominação protestante luterana. Procura encontrar na teologia da graça possibilidades de desidealização do ministério pastoral, tal como vivido e ensinado pelo reformador Martinho Lutero. O primeiro capítulo enfoca o eixo sócio-histórico-cultural, buscando verificar como foram sendo construídas as representações sociais da imagem e identidade pastorais, bem como analisando o seu processo de crise e desconstrução na contemporaneidade. O segundo capítulo trata do eixo psicológico, buscando compreender como se dão os processos psíquicos de idealização neurótica, a partir de conceitos seletos de três teorias psicológicas: a psicanálise freudiana, a psicologia analítica de Jung e a psicanálise culturalista de Karen Horney. O terceiro capítulo busca apresentar evidências de que o sofrimento pastoral é uma realidade no mundo eclesiástico, devendo, por isso, ser admitida no âmbito das instituições religiosas, no âmbito das comunidades de fé e no âmbito dos próprios pastores, sem que isso seja considerado como uma ameaça à perda da autoridade ou dignidade pastoral. O quarto capítulo vai tratar da teologia do ministério pastoral, verificando como esse tema é definido pela Bíblia, compreendido pela Igreja Primitiva, e interpretado no pensamento de Lutero, das Confissões luteranas e dos textos contemporâneos da igreja luterana. O quinto e último capítulo procura apresentar o percurso do reformador Martinho Lutero pelos meandros da idealização neurótica até a descoberta da teologia da graça, demonstrando que a teologia e antropologia do reformador auxiliam na desconstrução de qualquer tentativa de idealização do pastorado. A pesquisa empírica, realizada com 223 pastores, num percentual de 25,87% de toda a população de pastores da denominação religiosa investigada, demonstrou nos seus resultados que há significativos elementos de sofrimento pastoral no meio pastoral luterano, bem como indica evidentes percepções de idealização do ofício pastoral na referida igreja por parte da maioria dos pastores. A pesquisa evidencia a existência de um distanciamento entre a teologia do ministério pastoral na igreja luterana, que é desidealizada, para com as experiências e vivências sentidas pelos pastores no exercício do seu ministério pastoral. A pesquisa indica a necessidade de se retomar, junto à igreja luterana, o resgate do pensamento de Martinho Lutero acerca do ministério, tanto em sua antropologia como na exposição da teologia da graça. Esse resgate poderá auxiliar nos processos de desidealização do ministério pastoral bem como promover uma necessária humanização desse ministério, no sentido de acolher com mais amor e graça as falhas e limitações pastorais.

Palavras-chave: Ministério Pastoral. Identidade. Idealização. Martinho Lutero. Teologia da Graça

ABSTRACT

This dissertation presents a bibliographic, documental and empirical research about the pastoral image and identity, seeking to verify possible processes of neurotic idealization of religious ministers of a Lutheran Protestant denomination. It seeks to find in the theology of grace possibilities of de-idealization of the pastoral ministry as lived out and taught by the reformer Martin Luther. The first chapter focuses on the social-historical-cultural axis, seeking to verify how the social representations of the pastoral image and identity were constructed as well as analyze their process of crisis and deconstruction in contemporary times. The second chapter deals with the psychological axis seeking to understand how the psychic processes of neurotic idealization occurs based on selected concepts of three psychological theories: Freudian psychoanalysis, the analytical psychology of Jung and the culturalist psychoanalysis of Karen Horney. The third chapter seeks to present evidence that pastoral suffering is a reality in the ecclesiastical world, which therefore should be admitted within the environs of the religious institutions, of the faith communities and of the pastors themselves without this being considered a threat of loss of pastoral authority or dignity. The fourth chapter deals with the theology of the pastoral ministry verifying how this theme is defined in the Bible, understood by the Primitive Church and interpreted in Luther's thoughts, the Lutheran Confessions and the contemporary texts of the Lutheran church. The fifth and last chapter seeks to present the trajectory of the reformer Martin Luther through the meanders of the neurotic idealization until the discovery of the theology of grace demonstrating that the theology and anthropology of the reformer helped in the deconstruction of any attempt of idealizing the pastorate. The empirical research, carried out with 223 pastors, a 25.87 percentage of the whole population of pastors of the religious denomination investigated, showed in its results that there are significant elements of pastoral suffering in the midst of Lutheran pastors, as well as points out evident perceptions of the idealization of the pastoral office in the referred to church on the part of the majority of the pastors. The research showed the existence of a distancing between the theology of the pastoral ministry of the Lutheran church, which is de-idealized, from the experiences lived out and felt by the pastors exercising their pastoral ministry. The research indicates the need take up with the Lutheran church the recovery of Martin Luther's thought about ministry, in his anthropology as well as in the exposition of the theology of grace. This recovery could help in the processes of de-idealization of the pastoral ministry as well as promote a necessary humanization of this ministry in the sense of accepting with more love and grace the pastoral failures and limitations.

Keywords: Pastoral Ministry. Identity. Idealization. Martin Luther. Theology of Grace.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 IMAGEM E IDENTIDADE PASTORAIS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FONTES DE IDEALIZAÇÃO.....	27
1.1 Considerações iniciais	27
1.2 Uma introdução à importância da imagem e do imaginário social	28
1.2.1 Imagem: um conceito polissêmico	31
1.2.2 A imagem profissional.....	35
1.2.3 A relação entre imagem pessoal e a imagem corporativa/institucional	37
1.2.4 Imagem pastoral: a apropriação da imagem-símbolo de pastor pela igreja	41
1.2.5 A (des) construção da imagem pastoral na sociedade contemporânea: o poder da mídia	48
1.3 A Identidade	55
1.3.1 O conceito de identidade	56
1.3.2 Identidade social ou do papel	60
1.3.3 A identidade profissional ou ocupacional	62
1.3.4 A identidade pastoral e a identidade do pastor	64
1.4 A crise da Identidade na pós-modernidade: uma oportunidade de reconfiguração da imagem e identidade pastorais.....	77
1.4.1 Uma Identidade pastoral também em crise.....	82
1.5 Considerações finais	85
2 OS PROCESSOS PSÍQUICOS DA IDEALIZAÇÃO: APORTES NA PSICANÁLISE E NEOPSICANÁLISE	86
2.1 Considerações iniciais	87
2.2 A Psicanálise Freudiana e a formação da idealização	88
2.2.1 Ego ideal e ideal de ego.....	88
2.2.2 Freud e a Psicologia das Massas: o pastor como líder e modelo de identificação	93

2.3 Hugo Bleichmar: regras da enunciação identificatória, ideais e metaideais.....	96
2.4 Elementos da teoria de Carl Gustav Jung	103
2.4.1 O arquétipo da persona	104
2.4.2 A sombra em Jung e a repressão pastoral	111
2.5 A psicanálise culturalista de Karen Horney: a idealização cultural.....	114
2.5.1 A autoimagem idealizada.....	117
2.5.2 O narcisismo neurótico	121
2.6 Considerações finais	124
3 O SOFRIMENTO PASTORAL E SUAS INTERFACES COM A IDEALIZAÇÃO NEURÓTICA.....	125
3.1 Considerações iniciais.....	125
3.2 A dialética do prazer e sofrimento na função pastoral.....	125
3.3 Considerações gerais sobre o sofrimento pastoral	129
3.4 Problemas específicos geradores de sofrimento pastoral.....	138
3.4.1 A culpa pastoral: as limitações e o dilema das prioridades.....	139
3.4.2 A família pastoral como vitrine: o ideal social da família perfeita.....	145
3.4.3 A solidão pastoral.....	148
3.5 O Estresse pastoral	151
3.6 A Síndrome de Burnout	155
3.6.1 O <i>Burnout</i> pastoral.....	158
3.7 Fadiga por compaixão.....	161
3.8 A síndrome de Listra: a síndrome da idealização pastoral.....	164
3.9 A idealização pastoral como fonte de sofrimento e neurose.....	167
3.10 Considerações finais	170
4 MINISTÉRIO PASTORAL: LEITURAS NA TEOLOGIA LUTERANA E DA IELB....	171
4.1 Considerações iniciais.....	171
4.2. A complexidade da expressão “ministério pastoral”	172

4.3 O ministério pastoral: uma aproximação a partir da Escritura Sagrada e da Igreja Primitiva	174
4.4 O conceito de ministério a partir da Reforma Protestante – o pensamento de Lutero	180
4.5 O ministério/ofício pastoral nas Confissões Luteranas	185
4.6 Ministério pastoral: conceituação atual no mundo evangélico e Luterano	187
4.7 Chamado e vocação para o ministério	191
4.7.1 A vocação ao ministério ou ofício pastoral	194
4.7.2 Elementos na vocação de pastores da Igreja Luterana - IELB	197
4.8 A Ordenação Pastoral	199
4.8.1 Análise dos ritos de ordenação na Igreja Luterana – IELB	202
4.9 O ministério/ofício pastoral em documentos oficiais da igreja luterana da IELB.....	209
4.9.1 Estatutos e Regimentos da IELB	212
4.9.2 O Código de Ética Pastoral da IELB	214
4.10 O pastor e o ministério pastoral tematizados em artigos das revistas oficiais da igreja. 218	
4.10.1 Revista Igreja Luterana.....	218
4.10.2 Mensageiro Luterano	225
4.11 Considerações finais	228
5 DA DESGRAÇA DA IDEALIZAÇÃO PASTORAL À TEOLOGIA DA GRAÇA: REFLEXÕES E CUIDADOS A PARTIR DA VIDA E ENSINO DE LUTERO	231
5.1 Considerações iniciais	231
5.2 Culpa e idealização: a neurose como construto da vida de Lutero.....	233
5.2.1 Tempos neuróticos.....	234
5.2.2 A neurose profissional: um clero neurótico?	236
5.2.3 Sob o domínio da culpa	238
5.2.4 Idade Média: uma época marcada pela culpa neurotizante	241
5.2.5 Uma Igreja Neurótica	242
5.2.6 Lutero: uma educação familiar e escolar repressoras	244
5.2.7 Lutero e sua angústia pessoal: o agravamento neurótico no mosteiro	247

5.3 Lutero e o encontro com a graça libertadora de Deus.....	249
5.3.1 Lutero e a experiência da torre: insight teológico - ação do Espírito	250
5.4 A antropologia inclusiva e universalista de Lutero e seu impacto sobre a teologia do ministério pastoral.....	255
5.4.1 A antropologia de Lutero: o <i>simul iustus et peccator</i>	255
5.5 O salto no tempo: uma aplicação da vida e ensino de Lutero para o ministério pastoral contemporâneo	258
5.5.1 O <i>gap</i> entre o discurso da teologia luterana da IELB acerca do ministério pastoral e a percepção pastoral sobre ele	260
5.6 Identidade pastoral: O <i>simul iustus et peccator</i> como resgate da dimensão humanizadora do ministério pastoral.....	270
5.7 Cuidados Pastorais a pastores em sofrimento	276
5.8 Considerações finais: uma palavra de despedida	286
CONCLUSÃO	289
REFERÊNCIAS.....	301
ANEXO 1- RAPPORT INICIAL: CONVITE À PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA.....	317
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	319
ANEXO 3 – RESPOSTAS DAS QUESTÕES FECHADAS COM GRÁFICOS	320
ANEXO 4 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA Nº 47	339
ANEXO 5 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA Nº 48.....	355
ANEXO 6 – CHARGES NEGATIVAS ALUSIVAS A PASTORES E RELIGIOSOS.....	372
ANEXO 7 – CAPAS DE REVISTAS	379
ANEXO 8 – CÓDIGO DE ÉTICA PASTORAL	384
ANEXO 9 – RITO LITÚRGICO DE ORDENAÇÃO PASTORAL DA IELB	394

INTRODUÇÃO

Cuidando dos cuidadores! Talvez não seja usual na introdução de um trabalho acadêmico iniciá-lo com uma expressão que faz uso de conceitos que nem sequer constam no título do trabalho, Porém, quando nos deparamos com o título da tese, *Imagem e Identidade Pastoral: a desidealização do ministério pastoral a partir da Teologia da Graça proposta por Lutero*, precisamos já vislumbrar por trás dele o pano de fundo que eliciou o interesse no assunto e que também contempla uma das principais terminalidades dessa pesquisa: o cuidado aos cuidadores pastorais. A hipótese de que pastores possam estar sofrendo por processos de idealização neurótica de sua imagem e identidade, talvez por uma má compreensão ou vivência da teologia confessional, nos leva a olhar com atenção e cuidado para essa categoria de cuidadores. O objeto de pesquisa, portanto, centra-se sobre a pessoa do cuidador pastoral, os ministros religiosos, numa preocupação com os processos de saúde psíquica e espiritual que envolvem a promoção de sua saúde e bem-estar integral.

Numa observação preliminar, a preocupação com o cuidado de líderes, pastores ou ministros religiosos não é um tema novo, visto que a própria Escritura Sagrada o transversaliza, direta ou indiretamente, em muitos textos e narrativas. Podemos começar citando o grande líder religioso Moisés, cujos braços cansados precisaram ser seguros por Arão e Hur na batalha contra os amalequitas (Êxodo 17). Líderes, portanto, cansam e precisam se deixar auxiliar. Em outro episódio com Moisés, seu sogro Jetro o alerta de que seu trabalho era por demais pesadoso, devendo nomear auxiliares para si (Êxodo 18.13ss). Também no Novo Testamento temos a admoestação bíblica do apóstolo Paulo: “Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos cuidados de vocês” (Atos 20.28), entre outros textos que poderiam ser aqui citados. O próprio apóstolo Paulo confessa aos filipenses: “... Fiquei muito alegre porque vocês mostraram de novo o cuidado que têm por mim [...] vocês fizeram muito bem em me ajudar nas minhas aflições”. (Filipenses 4.10,14)

Além da importância existencial inerente ao tema do cuidado humano, bem como da orientação bíblica a esse respeito, uma justificativa pessoal da escolha do assunto passa pela minha própria história pessoal, acadêmica e profissional. Desde o meu ingresso no PPG da Faculdades EST, no ano de 2000, esse tema vem fazendo parte de meus estudos e pesquisas.

Após a defesa do mestrado esses estudos me propiciaram a trabalhar com diferentes grupos de cuidadores, envolvendo professores, assistentes sociais, gestores de escolas, equipes de enfermagem, equipes de assistência espiritual hospitalar, voluntários de entidades

como o CVV (Centro de Valorização da Vida), lideranças leigas da igreja à qual pertencem etc. Estes trabalhos foram e continuam sendo realizados em formas de palestras, conferências e minicursos, normalmente sob a epígrafe *cuidando de cuidadores*.

De maneira bem especial, a minha formação no PPG/EST dentro dessa temática ensejou a própria Diretoria Nacional da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB – a me convidar a tratar do tema cuidando de cuidadores em reuniões do Conselho Diretor da Igreja (IELB) e em diversos cursos de aperfeiçoamento pastoral pelo país, tendo como público-alvo os pastores pertencentes à IELB.

A delimitação do tema dessa tese brotou, fundamentalmente, da escuta desses grupos de pastores, ao longo da última década. Motivados a se manifestarem em dinâmicas de grupo, análise de poesias, músicas e textos na área do cuidado a cuidadores, os pastores compartilhavam vivências claras de sofrimento associadas à sua condição de cuidadores pastorais, sem também negar, obviamente, o lado gratificante e prazeroso de serem pastores.

Numa tabulação e análise do material coletado nesses encontros verificou-se que os sofrimentos pastorais possuíam diversas causas, indo desde as condições de trabalho como questões salariais, locomoção, moradia, excesso de trabalho ou de comunidades para atender, falta de tempo para a família, falta de lazer etc., até questões de caráter mais subjetivo, como sentimentos de desvalorização do trabalho pastoral, crise de vocação, culpa em relação às limitações e falta de carismas pessoais, frustrações com as lideranças da igreja, falta de confiança entre os colegas pastores, repressão de sentimentos vistos socialmente como negativos, crises conjugais e familiares, solidão e isolamento social, falta de intimidade, entre tantos outros que foram verbalizados e escritos pelos pastores com os quais tive contato. Muitos dos “espinhos” ou sofrimentos sinalizados pelos pastores poderiam ser incluídos numa variável categorial única, ligada à impossibilidade de cumprir com aquilo que se esperaria de um bom pastor (e também bom pai, bom marido etc), numa aparente demonstração de idealização neurótica do ministério pastoral.

Mesmo não tendo sido aplicados de forma metodologicamente científica, os dados da escuta desses pastores foram registrados e tabulados por mim em meus estudos pessoais sobre o tema, servindo como base empírica para uma investigação científica que se consumou na presente tese doutoral. Portanto, procurando dar seguimento ao tema trabalhado no Mestrado, reconfigurando um pouco o objeto específico daquela pesquisa, afirmo que uma das premissas que fundamentam a escolha desse tema está no fato de que as próprias instituições religiosas, em diferentes instâncias de sua estrutura e funcionamento, precisam tomar consciência dos sofrimentos que atingem a classe pastoral, muitos deles ligados a processos de idealização do

ofício pastoral, que geram uma conseqüente sobrecarga, que pode ser tanto autoimposta quanto imposta pela comunidade de fé ou pela administração da igreja aos pastores, gerando o sofrimento que aqui queremos investigar. Essa tomada de consciência talvez seja um dos possíveis pontos de partida para a promoção de uma postura mais compreensiva e acolhedora diante das limitações e fragilidades pastorais.

Finalmente, nesse conjunto de elementos que se constituem na justificativa e também relevância do tema a ser apresentado, como pastor que sou, formado desde 1992, sendo a terceira geração de pastores na família, explico a minha falta de isenção e neutralidade diante do tema que iremos investigar, que me é afeto direta e explicitamente. A neutralidade científica, nesse sentido, será quase sempre uma falácia, visto que na maior parte das vezes não somos nós quem escolhemos o objeto de nossa pesquisa, mas sim, o objeto de pesquisa é quem nos escolhe. Tendo consciência do risco da contaminação de meu mundo subjetivo na construção desse trabalho, penso que a qualidade da formação acadêmica adquirida no PPG/EST, bem como a qualificada intervenção do orientador nos deveriam tranquilizar no sentido de que possíveis contaminações tenham sido pontuadas e corrigidas no decorrer desse longo e exaustivo processo de pesquisa e escrita da tese.

Posto esse cenário que nos entroniza e nos compromete intimamente com o presente tema de pesquisa passemos à descrição de algumas questões mais técnicas do trabalho, como os objetivos, problemas e hipóteses, bem como a descrição do roteiro e da base epistemológica da pesquisa, sem esquecermos da descrição detalhada da metodologia utilizada.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar se os pastores ou ministros religiosos pertencentes à Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB – possuem uma imagem e identidade idealizadas, independentemente dessa idealização ser produzida interna e/ou externamente a eles. Quer também verificar se essa idealização contribui como uma das principais fontes geradoras de sofrimento pastoral, causando o que iremos denominar de uma neurose de excelência, decorrente dessa idealização.

Nesse sentido, a pesquisa pretende identificar possíveis incongruências entre a teologia luterana do ministério pastoral – que em nosso entender não idealiza nem o pastor nem tampouco o próprio ofício pastoral – contrapondo à percepção dos pastores frente às suas experiências práticas e concretas no exercício do seu ministério.

Entre os pressupostos que permeiam essa possível incongruência entre teologia e prática buscaremos verificar de que maneira os pastores luteranos estão conseguindo vivenciar – ou deixar de vivenciar – a teologia da graça, doutrina central na vida e

pensamento do reformador Martinho Lutero. Dessa maneira, a pesquisa procura apontar para o próprio exemplo de Lutero como alguém que vivenciou profundamente processos de idealização neurótica, mas que também encontrou na teologia da graça uma saída para não ficar eternamente escravo dela, pelo menos livrando-se parcialmente de sua tirânica consequência. Dentre as hipóteses levantadas na pesquisa está a possibilidade de que esteja havendo uma equivocada compreensão acerca do ministério pastoral, fato que estaria contribuindo para os processos de idealização. A pesquisa quer encontrar, portanto, na vida e ensino de Lutero, de modo especial na sua antropologia e na teologia da graça, elementos que desidealizem o pastor e o ofício pastoral. Porém, de modo algum a pesquisa tem a pretensão de minimizar a importância dos pastores reconhecerem a necessidade do compromisso com o seu ministério, o que também implica cuidar de sua imagem e identidade públicas, observando as características e virtudes necessárias que pertencem ao pastorado e que a própria Escritura Sagrada ensina, de modo a sermos “sal da terra e luz do mundo” (Mateus 5.13).

Para abarcarmos todas as facetas desse conjunto temático estruturamos o nosso trabalho em quatro eixos epistemológicos distintos, que serão dispostos em cinco capítulos. Os quatro eixos são, respectivamente, o eixo sociocultural, o eixo psicológico, o eixo fenomenológico e o eixo teológico. Num tema interdisciplinar por natureza, visto tratar do ser humano e sua identidade, concretizado nessa tese na pessoa do pastor, nos parece necessário e indispensável esse olhar mais holístico, que não apenas contemple o viés teológico, mas sim o todo, com suas múltiplas e inter-relacionadas faces.

Penso ser importante ainda destacar que a abordagem do tema nessa tese parece trazer um certo grau de originalidade, especialmente se considerarmos as escassas produções científicas em torno do tema da idealização do ministério e ofício pastoral, tanto mais se considerarmos tal produção no contexto específico da igreja luterana, ainda inexistentes na forma como o estamos apresentando. Produções científicas que tratam da identidade pastoral bem como do sofrimento dos pastores e ministros religiosos, especialmente enfocando o *burnout* pastoral, têm crescido significativamente nas últimas décadas, mais ainda no contexto católico, mesmo que já existam algumas produções no campo pastoral evangélico. Dois dos outros temas que estão descritos na tese, o ministério pastoral e a vida e o ensino de Martinho Lutero dispensam maiores apresentações, visto existir uma vasta produção sobre tais temas, tanto no Brasil quanto no exterior. A inserção de um apanhado geral de toda a produção científica existente nas diferentes bases de dados sobre o tema da tese demandaria um espaço que esse trabalho não permite, pela enorme abrangência dos temas e subtemas nela tratados.

Algumas obras e trabalhos recentes que enfocam a identidade na relação com a idealização e sofrimento pastoral, porém, podem ser citados a título de exemplo, tais como as referenciadas na nota de rodapé que segue.¹ Nas obras de Dreher encontramos uma clara exposição do conceito de ministério pastoral para a teologia luterana, expostas de uma forma didática e sintética, contemplando os fundamentos das confissões luteranas. Nas obras de Josuttis, Oliveira, Pereira, Souza, Silva, Tripp e Von Heyl temos um bloco de literatura bastante sólido que fundamenta o eixo fenomenológico e sociológico de nossa pesquisa, que confirma a existência do sofrimento pastoral na relação com a identidade profissional do pastor. A obra de Santos, nesse sentido, é fundamental para a problematização da identidade presbiterial nesse viés da (re) construção e transformação sofridas na contemporaneidade, não apenas no meio católico mas inclusive protestante. Após esse breve apanhado, passemos agora para a descrição do roteiro e estrutura de cada um dos capítulos desenvolvidos nesse trabalho.

O primeiro capítulo, intitulado *Imagem e identidade pastorais: representações sociais como fontes de idealização*, irá se focar, conforme já indica o seu título, nos termos imagem e identidade. Veremos o quanto as representações sociais influenciam e até determinam a forma como os sujeitos e as profissões são produzidos, histórica e culturalmente, processo do qual o pastorado não está excluído, muito pelo contrário, sendo profundamente influenciado por tais representações, como pretendemos demonstrar. Iniciar a pesquisa por esse viés sociológico pode causar um certo estranhamento para alguns, em se tratando de um trabalho teológico, porém, como já dissemos há pouco, seria imprudente refletirmos sobre o ministério pastoral e sobre a pessoa do pastor sem, contudo, analisarmos o percurso histórico pelo qual esse tema foi se desenvolvendo na história e pensamento cristão, desde a sua origem até a contemporaneidade.

Numa descrição mais detalhada desse primeiro capítulo veremos, inicialmente, os conceitos de imagem e imaginário, em toda a sua polissemia. Veremos o quanto a imagem é

¹ DREHER, Martin N. *Igreja, ministério, chamado e ordenação: estudos a partir de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011; JOSUTTIS, Manfred. *Der Pfarrer ist anders: aspekte einer zeitgenössischen Pastoraltheologie*. 4. Aufl. München, Kaiser, 1991.; OLIVEIRA, Roseli K. de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005; PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. ed. Petrópolis: RJ, Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013; SILVA, Jetro Ferreira. *O Burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção*. 2007. Tese. Doutorado. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, São Paulo: 2007; SILVA, Rogério Rodrigues da. *Profissão pastor: prazer e sofrimento*. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2004; SOUZA, Wilson Emerick. *Pastores em crise: O conflito da identidade social do pastor Presbiteriano*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UESP, 1998; TRIPP, Paul David. *Dangerous Calling: confronting the unique challenges of Pastoral Ministry*. Published by Crossway, Illinois, 2012; SANTOS, Jésus Benedito dos. *O presbítero católico: uma identidade em transformação*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010; VON HEYL, Andreas. *Das anti-Burnout-Buch für Pfarerinnen und Pfarrer*. Freiburg im Breisgau: Kreuz Verlag, 2011.

importante para a projeção social ligada a profissões públicas, como é o caso do pastorado. Descreveremos também alguns aspectos históricos do começo da utilização da imagem-símbolo de pastor na igreja cristã, bem como sinalizaremos para o impacto da mídia na desconstrução da imagem pastoral contemporânea. A seguir, passamos a abordar o conceito de identidade, especificando os diferentes tipos de identidade existentes: social, profissional e pastoral, enfocando tanto aspectos individuais quanto coletivos de tais identidades. Encerrando esse capítulo trataremos, mesmo que de forma breve, a respeito da crise de identidade na pós-modernidade, mostrando o quanto ela tem influenciado na própria crise identitária que atinge a classe pastoral. Nesse eixo são trazidos mais de sessenta autores diferentes, o que demonstra a amplitude epistemológica desse capítulo. Destacamos, dentre esse grupo de autores, a pesquisa do teólogo e presbítero católico, doutor Jesús Benedito dos Santos, que trata da transformação da identidade dos presbíteros na contemporaneidade, bem como fazemos referência aos estudos dos sociólogos Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Manuel Castells.

O segundo capítulo de nossa tese intitulado *Os processos psíquicos da idealização: aportes na psicanálise e neopsicanálise* vai abordar o eixo psicológico, abordando alguns conceitos de três linhas teóricas distintas, mas que em nosso entender se complementam para uma compreensão mais ampla do tema aqui proposto, da idealização. Iniciamos com um breve olhar da psicanálise freudiana, especialmente focando os conceitos de ego ideal, ideal de ego, modelos de identificação, neurose e narcisismo propostos por Sigmund Freud. Acrescentamos dentro da visão psicanalítica um olhar para os escritos de Hugo Bleichmar, um psicanalista argentino neofreudiano que acrescenta outros conceitos importantes para a análise do tema, como os enunciados identificatórios, as regras de enunciação identificatória, os ideais e os metaideais.

A segunda corrente psicológica tratada nesse capítulo aborda a Psicologia Analítica de Jung, com os seus conceitos arquetípicos clássicos de *persona* e sombra, cujo equilíbrio de ambas é fundamental para a construção de um self saudável. A familiaridade e aplicabilidade dos conceitos junguianos com a realidade pastoral talvez seja fruto da própria história pessoal de Jung, visto ser ele filho de pastor protestante e ter experienciado, com grande probabilidade, elementos de idealização com o uso de personas e repressão da sombra em seu meio familiar, o que pretendemos também verificar em nossa pesquisa.

A terceira corrente abordada no capítulo dois será a Psicanálise Culturalista de Karen Horney, que procura justamente integrar a interpretação freudiana de neurose com os elementos neuróticos de origem cultural, ampliando a compreensão do tema. Horney trata

com profundidade o tema da autoimagem idealizada bem como o narcisismo neurótico, conceitos relevantes e perfeitamente aderentes à nossa pesquisa.

Passando para o terceiro capítulo, vamos caracterizá-lo como o eixo fenomenológico² da pesquisa, por tratar de uma realidade que está se tornando cada vez mais evidente e comprovada por diferentes pesquisas: o sofrimento pastoral. Intitulado *O sofrimento pastoral e suas interfaces com a idealização neurótica*, o capítulo aponta para a realidade do sofrimento sem, porém, negar o seu oposto, de que o pastorado também é fonte de satisfação e prazer. Quer focar, contudo, um aspecto que não tem tido um espaço adequado de reflexão, de que cuidadores pastorais também sofrem e precisam de auxílio para o exercício de um ministério mais profícuo, pleno e abençoado.

Buscaremos elencar alguns dos principais fatores causadores do sofrimento pastoral, como a culpa pelas limitações pastorais, os dilemas das prioridades, as questões familiares, e também o drama da solidão pastoral e da crise da confiança na contemporaneidade. Passamos, a seguir, descrevendo as diferentes patologias ligadas ao mundo do trabalho, que também atingem diretamente a classe pastoral, justamente pela configuração de trabalho exercido no pastorado, propícia à emergência desses tipos de sofrer. Iniciaremos falando do Estresse, passaremos pela Síndrome de *Burnout*, abordaremos a Fadiga por Compaixão e chegaremos à Síndrome de Listra. Por último retomamos a questão da neurose da idealização, que chamaremos de neurose de excelência. Dentre o extenso grupo de autores utilizados nesse capítulo, destacamos os estudos da psicóloga e teóloga Roseli Oliveira e do psicólogo e professor da Universidade Jesuíta do Rio de Janeiro (FAJE, RJ), William Cesar Castilho Pereira, no qual trata do sofrimento psíquico dos presbíteros e a dor institucional que isso causa na igreja.

Finalmente, no capítulo quatro, chegamos ao eixo propriamente teológico da pesquisa. Intitulado *Ministério pastoral: leituras na teologia luterana e da IELB*, esse capítulo quer tratar do ministério pastoral na sua perspectiva histórico-teológica sem, porém, ter a pretensão de ser um capítulo entendido como dogmático-sistemático, até porque isso comportaria um estudo muito mais aprofundado do que o que será apresentado. O capítulo inicia apontando para a complexidade da expressão “ministério pastoral” não só no contexto cristão, mas inclusive luterano. Tenta caracterizar o ministério tanto no Antigo quanto no

² Não queremos aqui adentrar no complexo conceito de fenomenologia, mas apenas situar o capítulo nesse eixo epistemológico, pelo assunto que nele será desenvolvido. Critelli afirma que a abordagem fenomenológica introduz o problema da perspectiva, que invoca necessariamente o caráter de mutabilidade e relatividade da verdade, vistas pela fenomenologia como uma condição que os entes têm de se manifestar no horizonte do tempo, num incessante movimento de mostrar-se e ocultar-se. CRITELLI, D.M. *A analítica do sentido: uma aproximação e interpretação da real orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense, 1996.

Novo Testamento, passando pelas suas modificações ocorridas a partir da Igreja Primitiva. Num salto histórico passamos para o conceito de ministério que nasce da Reforma Protestante, investigando o pensamento de Lutero acerca do tema. Numa sequência lógica também abordaremos como o tema é visto na Confissões Luteranas, produzidas nesse mesmo período histórico.

Já na análise do contexto atual da teologia luterana da IELB sobre o ministério se abordará os conceitos de chamado, vocação e ordenação, com uma análise também documental dos atuais ritos de ordenação pastoral na igreja investigada. Os documentos oficiais da igreja luterana que tratam acerca do pastor e do ministério também serão abordados, bem como uma breve síntese do que já foi produzido, escrito e publicado nas revistas oficiais da igreja acerca do tema pesquisado nessa tese. O sentido desse extenso percurso é verificar se há neste conjunto histórico-ritualístico-conceitual, elementos indicativos de idealização do ministério pastoral.

O último capítulo, que dá continuidade ao eixo teológico da pesquisa, recebeu um título provocativo que talvez se aproxime mais da terminalidade última dessa tese: *Da desgraça da idealização pastoral à teologia da graça: reflexões e cuidados a partir da vida e ensino de Lutero*.

A proposta desse último capítulo é a de apresentar elementos históricos da biografia de Lutero, contextualizando-o dentro das características da sua época, marcada por traços profundamente neuróticos em diferentes âmbitos, envolvendo aspectos culturais, eclesiásticos, educacionais, familiares e pessoais. Pretendemos mostrar o quanto esses fatores influenciaram na vida e na própria saúde psíquica e espiritual do reformador. Portanto, esse capítulo que lançar um olhar investigativo a respeito do mundo interior e exterior de Lutero, buscando identificar experiências de angústias, dúvidas, culpas, cobranças e idealizações que o envolveram e ajudaram a forjar sua identidade e personalidade. De igual modo, o capítulo pretende compreender como se deu a mudança gradativa do pensamento teológico-existencial do reformador, que conseguiu sair de um esquema de extrema cobrança de si próprio, baseado na busca neurótica da autojustificação, para a libertação espiritual-existencial, a partir da compreensão ou inspiração da teologia da graça. Nesse contexto descreveremos o relato de um momento paradigmático de Lutero nessa sua guinada teológica, conhecido como o *Turmerlebnis*, ou “A experiência na Torre”.

A partir da exposição da antropologia de Lutero, o *simul iustus et peccator*, bem como da exposição clara da teologia da graça fazemos um salto histórico buscando a aplicação das experiências e do ensino de Lutero para o ministério pastoral contemporâneo.

Nessa seção tentaremos demonstrar o distanciamento existente entre aquilo que se professa acerca do ministério pastoral na IELB para o modo como os pastores percebem a vivência dessa teologia no exercício cotidiano do ofício pastoral. O capítulo encerra com uma breve reflexão acerca da necessidade do cuidado pastoral aos pastores em sofrimento, justamente a partir de um resgate da antropologia de Lutero e da teologia da graça. Permanecendo fieis à delimitação de nossa pesquisa, essa proposta de cuidado ficará circunscrita àquilo que podemos aprender da vida e ensino do reformador, o que de certa forma limitará a abordagem prática e pastoral que poderá advir concretamente da reflexão dessa tese.

Posto os elementos introdutórios que contextualizam ao leitor o que ele irá encontrar ao longo dos cinco primeiros capítulos passamos a descrever como se deu o processo metodológico de nossa pesquisa, tanto bibliográfica, documental e empírica.

Metodologia de pesquisa

O delineamento metodológico da pesquisa se fundamenta, primeiramente, na pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de uma acurada investigação da revisão de literatura já publicada, especialmente em livros e artigos científicos, que serão fielmente destacados e referenciados ao longo dos cinco capítulos. Para Gil, esta modalidade de pesquisa também inclui outros tipos de material impresso e eletrônico, como revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos³, como de fato foi utilizado na presente tese. Pautada, preferencialmente, na utilização de fontes primárias, a pesquisa também fez uso de fontes secundárias, na busca de aumentar a compreensão acerca de conceitos chave desenvolvidos na tese.

Como a pesquisa procurou lançar luz a uma área a ser ainda melhor investigada, especialmente falando-se da idealização pastoral, isso a torna, segundo Gil, uma pesquisa de caráter exploratório, que tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e a construir hipóteses sobre ele. Nesse tipo de pesquisa interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado através de levantamento bibliográfico, entrevistas ou questionários aos sujeitos que tiveram a experiência prática com o assunto, bem como a análise de experiências⁴, o que justifica a abordagem ampla que trilhamos nessa tese, que procurou contemplar esses passos propostos por Gil.

³ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 29.

⁴ GIL, 2010, p. 27.

Na busca de melhor compreensão do tema proposto foi utilizada também uma pesquisa de caráter documental, realizada a partir de documentos contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos, mas sobre os quais ainda não foi realizado um tratamento analítico. Para Gil, o que normalmente se recomenda a classificar como fonte documental é quando o material consultado é interno à organização.⁵ Nesse sentido a presente tese buscou analisar os ritos litúrgicos oficiais de ordenação pastoral na referida denominação investigada, cartas circulares dirigidas a seus pastores, os regimentos e estatutos bem como o código de ética pastoral da denominação, procurando verificar a existência ou não de elementos de idealização do ministério nesses documentos.

Na complementação da pesquisa bibliográfica e documental foi desenvolvida uma pesquisa de campo (empírica) ou *levantamento*, que envolveu a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se desejava conhecer,⁶ a saber, os pastores luteranos. Procedeu-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pastores acerca do problema investigado para, em seguida, mediante análise quantitativa e, em parte, qualitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados, apresentados em gráficos e tabelas nos anexos três, quatro e cinco.

A análise dos dados, portanto, será de dupla natureza: quantitativa e qualitativa. Como diz a mestra em administração, Rosana Hoffmann Câmara, em artigo sobre a análise de conteúdo, a utilização de pesquisa e análise quantitativa ajusta-se melhor a casos onde há uma população maior, exercendo um papel auxiliar de “termômetro” ao permitir a análise descritiva do real ao traçar o perfil de fatores que influenciam o processo, como foi o caso de nossa pesquisa, realizada com o maior número de pastores possível da igreja luterana - IELB. As inferências são feitas a partir da frequência com que certas características do fenômeno ocorrem, podendo indicar objetivamente alguns aspectos centrais do trabalho, como a presença ou não de sofrimento pastoral e da idealização da imagem e identidades dos pastores, entre outras categorias de análise. Porém, com a inserção de duas questões abertas, onde os sujeitos pesquisados puderam escrever livremente acerca de dois temas, houve a necessidade de se realizar uma análise qualitativa dessas informações. Buscamos em Laurence Bardin, pesquisadora francesa, elementos de sua análise de conteúdo para fazermos, mesmo que de forma incipiente, uma análise das verbalizações pastorais transcritas nas questões abertas. Bardin (2011), citada por Câmara no artigo abaixo referenciado, indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: a pré-análise, exploração do

⁵ GIL, 2010, p. 30-1.

⁶ GIL, 2010, p. 35.

material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.⁷ Procuramos, portanto, seguindo o modelo de Bardin, categorizar alguns eixos temáticos trazidos nas verbalizações, inserindo-os na medida em que os temas teóricos se alinhavam com o conteúdo trazido pelos pastores, já havendo aqui a inferência e interpretação dos conteúdos. Porém, esse trabalho foi feito, como já dito acima, de forma muito incipiente e breve, sem maiores aprofundamentos, o que consideramos uma das lacunas importantes dessa tese.

Para a busca das informações foi utilizado um questionário *online* de autoaplicação com 46 questões fechadas e duas questões abertas. As 46 questões fechadas foram cadastradas de modo a serem obrigatórias para o envio do questionário. O termo de consentimento livre e esclarecido foi colocado como primeira questão do formulário, de modo a que se o sujeito não desejasse participar nem necessitaria preencher as demais questões. As 46 afirmativas fechadas procuraram contemplar os grandes eixos teóricos e conceituais desenvolvidos na pesquisa: como imagem, identidade, idealização, sofrimento e graça, buscando transversalizar os eixos de análise bíblico, eclesiológico, familiar, pessoal (afetivo-relacional) e social/cultural. A análise das questões e os critérios de resposta a cada uma delas seguiram a utilização da *Escala de Likert* cuja variabilidade de resposta foi composta dos seguintes critérios: concordo totalmente; concordo em parte; nem concordo nem discordo; discordo em parte; discordo totalmente.

No questionário também foram cadastradas duas questões abertas, não obrigatórias, no sentido de que o seu não preenchimento não impediria o envio do questionário ao pesquisador. Nessas duas questões abertas os respondentes puderam redigir suas considerações e comentários livremente a partir do tema proposto nas mesmas. Foi utilizada a ferramenta *google docs* para envio e aplicação online da pesquisa.

A população que será o objeto da pesquisa ficou restrita a uma denominação religiosa específica, no caso os pastores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB. Foram colhidos os endereços eletrônicos de todos os pastores ativos, eméritos e licenciados, disponíveis publicamente no anuário da denominação investigada, sendo então enviado o *link* da pesquisa a todos, com um texto-convite, numa espécie de *rapport*⁸ inicial, que segue descrito no anexo I. No interior do documento online foi um texto explicativo da pesquisa e

⁷ CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. In: *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6 (2), jul-dez, 2013, p. 179-191. p. 180, 182. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2014.

⁸ *Rapport* é um conceito clássico e já usual no meio da psicologia, sendo uma técnica utilizada para criar uma ligação de sintonia, de empatia e de confiança com as pessoas com as quais se pretende relacionar ou trabalhar. Como diz o Dicionário online, “trata-se de um método utilizado a fim de estabelecer um *link* que empatiza e sintoniza com outro indivíduo”. Dicionário Online. *Rapport*. Disponível em: <<http://www.meusdicionarios.com.br/rapport>> Acesso em: 11 jul. 2016.

também o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) que precisava ser lido e aceito pelo respondente para que o questionário pudesse ser enviado de volta ao pesquisador. O termo de consentimento está disponível para leitura no anexo dois (2).

Antes do envio do formulário definitivo foram realizados dois pré-testes, envolvendo seis pastores, que auxiliaram a identificar possíveis dubiedades, inconsistências ou falta de clareza em alguma das questões. O questionário também foi apresentado no Seminário de Pesquisa do PPG das Faculdades EST, onde colegas do programa de mestrado e doutorado puderam fazer suas observações frente ao instrumento. O projeto de pesquisa foi submetido em 2014 ao Comitê de Ética em Pesquisa, via cadastro na Plataforma Brasil, tendo sido aprovado integralmente, sem diligências.

A aplicação do instrumento ocorreu seguindo-se os seguintes passos, descritos a seguir. A partir da solicitação do pesquisador, houve o envio por parte da Diretoria Nacional da IELB de uma listagem com todos os e-mails dos pastores da IELB, contabilizando 850 indivíduos (alguns possuíam dois e-mails cadastrados, o que gerava um número de e-mails superior ao número de pastores). Dessa lista excluímos para o envio os 7 pastores que realizaram o pré-teste, mais o pesquisador, chegando a total de 842 indivíduos. Fomos selecionando grupos de 50 endereços por envio, finalizando o envio ao término da primeira quinzena de setembro de 2014. Diversos e-mails retornaram, o que nos permitiu contabilizar 803 questionários que chegaram realmente ao seu destino. O prazo final de devolução foi marcado para o dia 31 de outubro de 2014. Em 20 de outubro de 2014 enviamos novo e-mail reforçando o pedido de devolução dos questionários. Em 01 de novembro contabilizamos 223 retornos, num percentual de 27,77% de retorno, o que superou a expectativa dos 20% de retorno projetados no exame de qualificação. Se levarmos em conta que o dado recebido em 2014 contabilizava 862 pastores na IELB, entre aqueles ativos, eméritos e licenciados, a amostra dessa pesquisa atingiu um índice de 25,87% da população total investigada na tese, qual seja, os pastores da Igreja Evangélica Luterana do Brasil- IELB.⁹

Numa análise das variáveis da pesquisa, lembramos que foram quatro as variáveis previstas na tese, descritas logo no início do questionário *online*. A primeira variável foi a *idade* dos pastores. Nessa variável os resultados foram os seguintes: 20 a 30 anos (13%); 31 a 40 anos (30%); 41 a 50 anos (22%); 51 a 60 anos (16%); acima de 61 anos (18%). A segunda variável foi o *tempo de ministério*, com números percentuais bastante aproximados da

⁹ A descrição mais detalhada acerca dos pastores não foi discriminada na tese, mas os dados da época indicavam os seguintes números. 627 pastores em paróquias, 10 professores de teologia, 35 capelães, 41 pastores em atividades diversas (direção de escolas, entidades etc), 105 pastores eméritos, 15 pastores sem chamado e 29 pastores em licença, contabilizando os 862 pastores citados acima.

primeira variável: de 0 a 5 anos (13%); 06 a 10 anos (21%); 11 a 20 anos (22%); 21 a 30 anos (21%); mais de 31 anos (18%); pastor emérito ou licenciado (5%). A terceira variável foi o *tipo ou local de pastoreio*. Os resultados foram: comunidade rural/do interior (19%); comunidade urbana (52%), capelania militar, escolar, hospitalar, universitária etc. (9%); comissionado para funções acadêmicas, gestoras ou diretivas (10%); pastor emérito (5%); pastor licenciado (4%). A última variável dizia respeito a se o pastor tinha *origem ou alguma relação com família pastoral*. 37% responderam que possuem origem ou algum tipo de vínculo com família pastoral, ao passo os 63% restantes afirmaram não possuir tal vínculo.

Importa afirmar que o modelo de instrumento de pesquisa que utilizamos nos permite, indefinidamente, criarmos novos gráficos e tabelas, a partir da seleção ou cruzamento das diferentes variáveis. Nessa tese não foi possível apresentarmos todas essas tabelas e gráficos, mas certamente elas nos ensejarão a continuar a aprofundar o tema, nos possibilitando conhecer a realidade numa perspectiva mais específica de cada situação ou contexto pastoral.

Encerrada a descrição da metodologia utilizada em nossa pesquisa, queremos finalizar nossa introdução apontando para o que leitor deverá encontrar nas próximas páginas, no que diz respeito à comprovação ou não de diferentes hipóteses levantadas em nosso projeto de pesquisa.

Acreditamos que ficará claro ao leitor a existência de diversos elementos que contribuem para a idealização da imagem pastorais e que são fonte geradora de sofrimento psíquico nos ministros religiosos, abrangendo desde aspectos culturais, eclesiásticos, familiares, pessoais e, inclusive, bíblico-teológicos, a partir de uma hermenêutica inadequada de textos bíblicos e confessionais.

O trabalho também irá demonstrar que o cultivo de uma boa imagem e identidade pastorais, pautadas no cumprimento de valores e ideais claramente presentes na essência do ofício pastoral, são aspectos relevantes a serem observados pelos pastores no exercício de seu ministério. Por outro lado, veremos que a busca por atingir esses ideais da forma mais plena possível poderá se tornar uma perigosa armadilha para a vida do pastor, tanto na sua dimensão pessoal, familiar quanto vocacional/profissional, pois poderá levá-lo à processos de idealização neurótica do seu ministério, no que chamaremos de neurose de excelência.

Veremos, igualmente, que se tais processos se instalarem no meio pastoral, isso se tornará, com grande probabilidade, um sério obstáculo para a humanização, saúde e bem-estar integral dos pastores de hoje. Iremos perceber, igualmente, que a vida e o ensino de Martinho Lutero, de fato, oferecem à igreja possibilidades reais de desidealização do ministério

pastoral, encontrando em sua antropologia e experiência na teologia da graça de Deus caminhos para um resgate da dimensão pecadora, frágil e limitada de todos os que exercem o ofício pastoral.

Com essa exposição encerramos a nossa introdução. Esperamos que tenhamos possibilitado uma prévia do que o leitor encontrará nas próximas páginas.

1 IMAGEM E IDENTIDADE PASTORAIS: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO FONTES DE IDEALIZAÇÃO

1.1 Considerações iniciais

O que significa ser pastor na sociedade em que vivemos? O que está envolto nessa função religiosa, cujo lugar ou espaço em termos de representação social é historicamente reconhecida ao longo dos tempos, em diferentes culturas? Qual a imagem ou identidade que acompanham, ou melhor, que constituem essa representação social pastoral, sendo ao mesmo tempo produto e produtoras de sentido?

Pode parecer estranho a muitos leitores iniciarmos um trabalho de teologia por perguntas eminentemente de cunho sociológico, porém consideramos fundamental apresentarmos um pano de fundo sociocultural acerca da figura pastoral, aqui tematizadas pelos conceitos de imagem e identidade, que serão fundamentais para a compreensão do atual cenário de idealização pastoral que permeia a nossa pesquisa. A teologia, portanto, jamais poderia ser produzida ou refletida sem esse olhar multi, inter ou até transdisciplinar, visto que ela não existe num vácuo histórico, pelo contrário, ela é uma produção eminentemente social.

Portanto, iniciamos esse nosso trabalho descrevendo dois conceitos fundamentais que estão ligados não só à personalidade individual de cada sujeito histórico, mas que se fazem presentes na construção e exercício de qualquer atividade profissional, sendo especialmente significativos quando se trata de profissões que possuem um caráter público e social. Esse é justamente o caso do ministério pastoral, tema central da presente tese. Esses conceitos, que compõem, de uma certa maneira, a *forma* e *conteúdo* de qualquer classe profissional são, respectivamente, *imagem* e *identidade*, elementos constitutivos fundamentais da *representação social* dos sujeitos.

Afinal, quais os sentidos dos termos *imagem* e *identidade*? Qual a real importância de se construir uma “boa imagem” profissional, tanto para o indivíduo quanto para a própria instituição a que se está representando? Qual a relação existente entre a imagem pública assumida pela pessoa no desempenho de seu papel social e a identidade individual e também profissional dos sujeitos? Qual o peso de se ter que assumir uma imagem e identidade profissionais carregadas de idealização, como provavelmente acontecerá no ministério pastoral?

Essas são algumas das perguntas que norteiam esse capítulo. Mais do que buscar a origem, o sentido e a diferenciação entre os conceitos de *imagem* e *identidade*, ele pretende também identificar os pontos de intersecção entre os dois conceitos, na busca de apontar o

quanto ambos estão imbricados, a ponto de um interferir sobre o outro, numa retroalimentação contínua e dinâmica de seus significados, que certamente interferirão na concepção – ou concepções – do ministério pastoral.

Portanto, *imagem e identidade*, tanto mais no contexto de nossa pesquisa, são dois conceitos que se inserem num mesmo campo epistemológico, precisando ser conhecidos, analisados e interpretados na relação íntima que lhes é peculiar dentro do campo das representações sociais, fundamentais para a compreensão de nosso objeto de pesquisa: a pessoa e o ofício do pastor.

De modo geral esse capítulo divide-se em três partes. Na primeira parte iremos analisar o conceito de imagem e imaginário, procurando demonstrar a polissemia do termo, sua importância para o exercício profissional e pastoral, as relações entre a imagem pessoal e corporativa, aspectos históricos da imagem-símbolo de pastor para a igreja cristã, bem como sinalizar para o impacto da mídia no sentido de contribuir para a desconstrução da imagem pastoral contemporânea. Na segunda parte abordaremos o conceito de identidade, especificando aos poucos os diferentes tipos de identidade existentes: social, profissional e pastoral, tanto na sua dimensão pessoal quanto coletiva. Já a terceira parte adentrará numa análise da crise de identidade na pós-modernidade, mostrando o quanto ela tem influenciado na própria crise identitária que tem atingido a classe pastoral.

1.2 Uma introdução à importância da imagem e do imaginário social

Há alguns anos atrás uma peça publicitária de um conhecido refrigerante marcou época ao fazer uso de um slogan controverso que dizia: “Imagem não é nada, sede é tudo”.¹⁰

Questionar a força ou poder da ‘imagem’, especialmente no contexto do mundo publicitário, chega a ser um contrassenso. Sabe-se, empiricamente, que a veiculação de uma imagem bela, positiva e de sucesso é fundamental para o mundo dos negócios, seja para a venda de produtos, para o posicionamento estratégico de uma marca/empresa e até mesmo para a “venda” de si mesmo como um profissional bem-sucedido.

Imagem, portanto, é um conceito essencial para o marketing empresarial e pessoal, sendo um elemento imprescindível para o sucesso das pessoas, marcas e instituições. Essa conclusão preliminar nos remete a um dos eixos centrais de nossa tese, ao deixar claro que a imagem pública do pastor se torna, no dizer do sociólogo Pierre Bourdieu, um importante

¹⁰ A peça publicitária era do refrigerante *Sprite* e foi veiculada no final da década de 1990. Foi inclusive tema de trabalho acadêmico em 2003, onde é apontada a metalinguagem dessa campanha publicitária, isto é, através da desconstrução da linguagem utilizada na produção de filmes publicitários a partir de sua própria linguagem.

capital simbólico.¹¹ Por isso, acaba se tornando necessário o investimento na *imagem* para se alcançar um pastorado “de sucesso”, no sentido da obtenção do reconhecimento, respeito, honra e prestígio, não só da comunidade de fé, mas de toda a sociedade.

Já passando a relacionar esses aspectos teóricos com os resultados de nossa pesquisa de campo, uma das perguntas do instrumento de pesquisa buscou justamente verificar a compreensão dos pastores frente a essa questão, ou seja, da importância da imagem. Ao serem perguntados a respeito do tema, sobre se “a construção e manutenção de uma boa imagem pública seria essencial para o exercício do ministério pastoral” (questão 40), houve uma concordância quase unânime entre os pastores respondentes. Atingiu-se o elevado índice de 96% de concordância nessa assertiva, somando-se os 54% dos que concordam totalmente com os 42% que concordam em parte. Partimos, portanto, de um cenário no qual o conceito de imagem é visto pelos próprios pastores, de forma quase unânime, como algo não só relevante, mas essencial para o exercício do seu pastorado.¹²

É possível afirmar, nessa linha de pensamento, que o fenômeno *imagem* sempre estará implicado com algum tipo de *status* ou poder, visto que ela pode empoderar ou desempoderar os sujeitos no exercício de sua função pública, dependendo da qualidade positiva ou negativa da imagem veiculada. O que precisa ser considerado como fato inequívoco, como vai afirmar a pesquisadora francesa Martine Joly, é de que uma das características da contemporaneidade é de que vivemos em uma ‘*civilização da imagem*’, em seus múltiplos e variados sentidos. Essa constatação é seguida, porém, por um alerta da autora, ao afirmar que as imagens podem se tornar uma ameaça por serem capazes de fornecer um mundo ilusório e enganador aos que a elas são expostos. Esse alerta inclui toda a sociedade moderna, pois o ser humano tornou-se hoje um voraz ‘consumidor de imagens’, que se tornaram as grandes responsáveis por comunicar e transmitir mensagens nos tempos atuais.¹³

Portanto, associar o slogan de que “imagem não é nada” somando-o com o alerta de Joly da imagem como algo ilusório, poderia resultar em uma tendência inicial de se interpretar a *imagem* como um elemento negativo, no sentido de que ela poderia aludir a algo falso ou superficial, que não refletiria o verdadeiro conteúdo daquilo que se pretende apresentar ou comunicar.

¹¹ Na teoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu *capital simbólico* é aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social. É um crédito firmado na crença e no reconhecimento conferido a uma pessoa ou a um objeto. Esse conceito é amplamente desenvolvido na seguinte obra: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

¹² Os gráficos de cada questão analisada no desenvolvimento do corpo teórico não serão transcritos no texto, podendo ser consultados no anexo 3 da tese.

¹³ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 9-10.

Porém, julga-se necessário aqui logo rejeitarmos essa concepção negativa do conceito *imagem*, buscando compreender seu significado e relevância positivos, tanto mais quando relacionarmos o conceito de imagem com o conceito de identidade, fazendo alusão à marca representativa de uma classe profissional - como o pastorado - ou de uma instituição - como a igreja. Por isso, ao contrário do que afirma o slogan publicitário supracitado, mais apropriado nos dias atuais seria confirmar a ideia de que “imagem é tudo”, como bem sinaliza o provocativo comentário atribuído ao poeta irlandês Oscar Wilde: “Somente as pessoas superficiais não julgam pela aparência”.¹⁴ O fato é que, nos dias atuais, cada vez mais parece imperar o conteúdo de um conhecido ditado popular: “À mulher de Cesar não basta *ser* honesta, é preciso também *parecer* honesta”. Pessoas públicas, como os pastores, precisam levar essa verdade em consideração no exercício de sua função pastoral, ou seja: não basta *ser* um bom pastor, é preciso também *parecer* um bom pastor, necessitando haver congruência entre o *ser* e o *manifestar-se* publicamente.

Reforçando essa crítica introdutória a uma possível desvalorização da imagem e imaginário social, o antropólogo e sociólogo Gilbert Durand trata de alguns elementos que procuram justamente demonstrar o contrário, ou seja, procura reconhecer o poder do imaginário, relacionando-o com os conceitos de imagem e imaginação. Durand faz uma crítica explícita ao pensamento ocidental que procura desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação, afirmando que elas seriam fomentadoras de erros e falsidades. Nessa visão o imaginário ficaria relegado a uma posição de grande desvalorização, tal como Durand demonstra e critica:¹⁵

Sem cessar, aparecem sob a pena do psicólogo atributos e qualificações degradantes: a imagem é uma “sombra de objeto” ou então “nem sequer é um mundo do irreal”, a imagem não é mais do que um “objeto fantasma”, “sem consequências”; todas as qualidades da imaginação são apenas “nada”; os objetos imaginários são “duvidosos”; “vida factícia, coalhada, esfriada, escolástica, que, para a maior parte das pessoas, é somente o que lhes resta, é ela precisamente que um esquizofrênico deseja...”. Finalmente, esta “pobreza essencial” que constitui a imagem e se manifesta especialmente no sonho “também assemelha-se muito ao erro no espinosismo” e a imagem torna-se assim “fomentadora de erro”, como para os metafísicos clássicos.¹⁶

¹⁴ WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. 1890 *apud* FILHO, Lelivaldo Marque. Todo mundo de olho em você. *Revista Época-Negócios*. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT229999-16366,00.html>> Acesso em: 23 jul. 2014.

¹⁵ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 59.

¹⁶ DURAND, 2012, p. 23.

Portanto, ao criticar a visão acima exposta, Durand defende que o campo do imaginário é um importante e fundamental construto das representações sociais, possuindo um poder de determinar e configurar imagens e identidades coletivas, na qual também se insere o pastorado. O psicólogo Carlos Serbena, ao abordar a teoria de Durand, afirma não haver dúvida sobre a importância da fantasia, dos símbolos e das imagens no mundo social, visto todas elas fazerem parte do complexo campo do imaginário. Como já foi dito, esse imaginário é que vai construir e determinar a grande maioria das representações sociais, procurando transformar objetos estranhos em familiares, ou seja, inseri-los em uma posição segura na matriz de identidade dos diferentes grupos sociais, em diferentes contextos. “Assim ele adquire uma identidade e pode ser descrito, qualificado, distinguido de outros objetos, receber juízos e ter seu significado partilhado entre este determinado grupo social”.¹⁷

Portanto, partindo e embasado em importantes autores das ciências sociais, fica registrada a relevância do conceito *imagem* na sua relação com o imaginário e na formação das representações sociais das quais se insere o pastorado, o que nos leva a abordarmos esse conceito em nosso trabalho antes de tratarmos com maior profundidade o conceito de *identidade*.

1.2.1 Imagem: um conceito polissêmico

O conceito de imagem é bastante diverso, sendo que seu sentido irá variar dependendo do contexto em que o termo estiver sendo utilizado. Tem sua origem etimológica na palavra latina *imago*, traduzida como “figura”, “representação”, “semelhança”, “retrato” ou “aparência” de algo.¹⁸

Partindo do senso comum, o conceito *imagem* evoca alusões a diversos elementos concretos como, por exemplo, desenhos, fotografias, gravuras, pinturas, cartazes, outdoors, logotipos, marcas, vídeos etc. Já nos dias atuais o termo *imagem* relaciona-se fortemente com aquilo que é veiculado pela mídia, seja escrita, radiofônica e principalmente visual, marcada pela força televisiva e pelas redes virtuais.

O Dicionário Houaiss descreve uma gama enorme de significados do conceito *imagem*, dos quais selecionamos apenas aqueles que mais nos auxiliam para a compreensão do tema em estudo. *Imagem*, portanto, é entendida como:

¹⁷ SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. n. 52, p. 1-13, Dezembro de 2003. p. 10 Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1944/4434>> Acesso em: 03 jul. 2015.

¹⁸ HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Imagem. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1048.

Representação, reprodução ou imitação da forma de uma pessoa ou de um objeto; representação de seres que são objeto de culto, de veneração; aspecto particular pelo qual um ser ou objeto é percebido; [...] aquilo que apresenta uma relação de analogia, de semelhança (simbólica ou real); pessoa que representa, simboliza ou faz lembrar alguma coisa abstrata; personificação; opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição ou personalidade; representação ou reprodução mental de uma percepção ou sensação anteriormente experimentada.¹⁹

O Novo Dicionário Aurélio não faz acréscimos significativos. Numa pequena variação linguística define que imagem é “aquilo que evoca uma determinada coisa, por ter com ela semelhança ou relação simbólica”.²⁰

Porém, como já foi enunciado, o conceito *imagem* pode ser bem mais amplo e profundo do que as definições acima indicam. O Dicionário de Psicologia Larousse define *imagem* como “a representação mental de um objeto ausente”, ou seja, a imagem traz como característica sempre conservar alguma coisa do concreto, ultrapassando a abstração do conceito *ideia*.²¹

Já conforme Joly, a imagem “indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece”.²² Esse conceito de Joly se aplica sobremaneira à *imagem pastoral*, visto ser ela produzida e reconhecida histórica e culturalmente, transformando-se e sendo transformada pelo imaginário social: produzida pela comunidade, pela igreja em especial e pela sociedade em geral.

Já ao falar das “imagens mentais” que se formam numa sociedade, Joly afirma que elas tratam do estudo e da análise das “associações mentais sistemáticas, mais ou menos justificadas, que servem para identificar este ou aquele objeto, esta ou aquela pessoa, esta ou aquela profissão, atribuindo-lhes um certo número de qualidades socioculturalmente elaboradas”.²³

Dorsch, em seu dicionário de psicologia dá um passo além no conceito. Começa a definir imagem pela raiz etimológica latina, afirmando: “*Imago*, usada originalmente na Psicanálise, significa cópia, o quadro que uma pessoa tem do objeto de sua vivência

¹⁹ HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1048.

²⁰ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

²¹ SILLAMY, Norberto. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 124.

²² JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 13.

²³ JOLY, 2006, p. 21.

(personalidades, artigos de consumo, organizações, instituições)”.²⁴ Logo mais adiante, ao aprofundar ainda mais o conceito, Dorsch insere um elemento novo a ele, relacionando *imagem* com o conceito de *prestígio*:

O conceito de *imagem* está em estreito parentesco, por ser uma representação de um objeto, com o conceito de *prestígio*. A demarcação se deve ver, sobretudo, no fato de a imagem ser normalmente tomada como neutra (num contínuo de positivo até negativo, todas as possibilidades estão presentes), enquanto que o conceito de *prestígio* social se empregar como sinônimo da consideração dada a uma pessoa ou coisa.²⁵

Nessa mesma linha de associação entre conceitos correlatos, Paul Argenti, professor de administração e comunicação empresarial, vai diferenciar o conceito de *imagem* com o de *reputação*, assim os descrevendo: “A *reputação* diferencia-se da *imagem* por ser construída ao longo do tempo e por não ser apenas uma percepção em determinado período”.²⁶ A *reputação*, portanto, é um produto da *imagem*, sendo o resultado de toda uma história. A *reputação* não pode ser “gerenciada” pela pessoa ou pela organização, que simplesmente iria acabar colhendo o que plantou ao longo de sua existência passada.

José Mora, em seu Dicionário de Filosofia, estabelece uma outra relação entre termos análogos, a saber, entre *imagem* e *representação*, descrevendo que “é comum chamar de *imagens* as representações que temos das coisas. Em certo sentido, os termos *imagem* e *representação* possuem o mesmo significado”.²⁷ Já o Dicionário Enciclopédico da Bíblia faz a mesma relação que Mora, assim as definindo:

Para o mundo antigo, e isso depois para o paleolítico, a imagem está estreitamente unida à realidade; ela já é realidade. O objeto e sua representação são percebidos num relacionamento de identidade. [...] A relação do homem com a imagem exprime diretamente sua relação com o objeto representado; está carregada das mesmas complacências e onerada pelos mesmos conflitos.²⁸

Já Roger Cahen, pesquisador na área da comunicação empresarial, além de definir o conceito de *imagem* já passa a sinalizar para a sua importância, não só para o indivíduo mas para as instituições, apontando para a existência de uma possível incongruência que pode existir entre a autoimagem e a *imagem* percebida pelos outros, conforme lemos:

²⁴ DORSCH, Friedrich. *Imagem*. In: *Dicionário de Psicologia Dorsch*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 470-471. p. 470.

²⁵ DORSCH, 2001, p. 470.

²⁶ ARGENTI, Paul A. *Comunicação empresarial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. p. 108.

²⁷ MORA, José Ferrater. *Imagem*. In: *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1442-1444. p. 1442.

²⁸ MONLOUBOU, Louis. *Imagem*. In: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Publicado sob a direção do Centro: “Informática e Bíblia” Abadia de Maredsous. São Paulo: Edições Loyola; Paulus: Paulinas, 2013. p. 672-675. p. 672.

Imagem é o *conceito* que as pessoas têm e/ou formam sobre as coisas. Queiramos ou não, gostemos ou não, tudo e todos têm imagem – inclusive a respeito de si próprios. Afora casos de complexo de inferioridade, geralmente as pessoas têm de si próprias uma ótima imagem – que quase nunca corresponde à realidade e especialmente àquela percebida pelos outros.

Empresas não são muito diferentes. Geralmente pensam que são melhores do que realmente são e, salvo honrosas exceções, poucas empresas realmente investem em suas imagens.²⁹

Dessa afirmativa de Cahen emanam algumas considerações interessantes, que poderiam ser verificadas num trabalho subsequente, visto não estarem contempladas em nossa tese, qual seja, a verificação se a autoimagem dos pastores é congruente com a imagem que a comunidade de fé ou a sociedade em geral possuem dos pastores. Já a questão sobre o investimento e cuidado da instituição na sua imagem pública e de seus pastores será contemplada, mesmo que indiretamente, pouco mais adiante em nossa tese.³⁰

Já Tereza Halliday, doutora e jornalista, aprofunda ainda um pouco mais o conceito de imagem, afirmando que ela pode ser analisada sob diferentes perspectivas. A primeira é a imagem como um produto da imaginação, no sentido de que a imagem de uma pessoa ou organização não pertence a ela, mas é produto da imaginação de quem pensa sobre ela. A segunda perspectiva é a imagem enquanto construção mediada pelo discurso, ou seja, a pessoa ou organização possuem subsídios para a construção, modificação ou solidificação da sua imagem, mesmo que isso não esteja sob seu total controle. A terceira perspectiva é a imagem na sua relação com a legitimidade, sendo essa determinada pela compatibilidade entre as ações do sujeito ou empresa com os valores e interesses de seu público.³¹ Essa visão de Halliday é bastante útil para se compreender a importância do conceito imagem nos contextos profissional e institucional tal como estamos estudando nessa tese, enfocando a profissão pastoral e o contexto eclesialístico na qual ela está inserida.

Ainda um último conceito de imagem, que pode interferir diretamente sobre o sentido da imagem no contexto pastoral é aquele com o significado de *metáfora e semelhança*, que também nos é apontado por Joly:

²⁹ CAHEN, Roger. *Comunicação Empresarial*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1990. p. 57.

³⁰ Serão descritos alguns excertos de cartas circulares da presidência nacional da igreja pesquisada, dirigidas aos pastores da respectiva denominação religiosa, que vão denotar a preocupação das mesmas com a imagem pública de seus ministros religiosos perante a comunidade de fé e da sociedade em geral, na busca do resguardo dessa imagem.

³¹ HALLIDAY, Tereza. A Construção da Imagem Empresarial: quem fala, quem ouve? In: *Espaços na Mídia: história, cultura e esporte*. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 58-67. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIImostra/ComunicacaoSocial/61966%20-%20CAMILO%20CATTO.pdf>> Acesso em: 03 jul. 2015.

De um modo mais ou menos confuso, lembramos que “Deus criou o homem à sua imagem”. Esse termo, imagem, aqui fundador, deixa de evocar uma representação visual para evocar uma semelhança. O homem-imagem de uma perfeição absoluta para a cultura judaico-cristã une o mundo visível de Platão, sombra, “imagem do mundo ideal e inteligível”, aos fundamentos da filosofia ocidental. Do mito da caverna à Bíblia, aprendemos que nós mesmos somos imagens, seres que parecem com o Belo, o Bem e o Sagrado.³²

Esse último conceito tem implicação direta na forma como o pastor é visto pela comunidade de fé e pela sociedade, numa relação de semelhança natural e quase que automática com a pessoa de Jesus, visualizada ou representada pelo símbolo do *Bom Pastor* que dá a vida pelas suas ovelhas, aspecto que será descrito ainda nesse capítulo.

Como pudemos verificar, mesmo que brevemente, os conceitos de imagem trazidos até aqui já começam a circunscrever o tema de nossa tese, da importância da imagem na construção das representações sociais. Continuemos, pois, a aprofundar e delimitar o conceito.

1.2.2 A imagem profissional

Tendo visto diferentes conceitos de imagem, passamos para aquele que vai delimitando e aprofundando o objeto de nosso estudo: a *imagem profissional*. Mesmo que essa seja uma questão teológica polêmica, o pastorado tem sido encarado por muitos estudiosos como uma área profissional especializada e não apenas uma função ligada a uma *vocação*³³ ou chamado divino. Portanto, é importante e necessário relacionarmos o pastorado também ao conceito de *imagem profissional*, definida pela enfermeira e pesquisadora Alcione Silva da seguinte forma:

Entendemos por imagem profissional uma rede de representações sociais [...], as quais por meio de um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas ideologias originadas no cotidiano das práticas sociais, internas/externas a ela. A imagem profissional remete-nos à própria identidade profissional, em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão. A imagem profissional se consubstancia, assim, na própria representação da identidade profissional, que é em si um fenômeno histórico, social e político.³⁴

³² JOLY, 2006, p. 16.

³³ O conceito de *vocação* é interpretado diferentemente pelas várias correntes teológicas cristãs. O conceito será aprofundado no capítulo quatro, numa exposição da perspectiva teológica protestante-luterana.

³⁴ SILVA, Alcione Leite da; PADILHA, Maria I.C. de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. In: *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. vol. 10, n. 4, Ribeirão Preto, julho-agosto 2002. p. 587-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000400017&script=sci_arttext> Acesso em: 10 ago. 2015.

Percebe-se nessa definição de Silva o quanto já se relaciona o conceito de imagem com o conceito de identidade, motivo pelo qual defendemos a premissa de que são conceitos não só imbricados, mas indissociáveis.

Luiz Araújo, jurista, também trata do conceito de imagem na relação com aspectos sociais e profissionais. Araújo diferencia dois tipos de imagem: a *imagem-retrato*, que está ligada a uma representação de um objeto ou pessoa pelo desenho, pintura, escultura etc e a *imagem atributo*, ligada à consequência da vida em sociedade, sendo resultado de características que acompanham determinada pessoa em seu conceito social, a partir do desenvolvimento de relacionamentos sociais. A *imagem atributo* pode englobar também a imagem da pessoa jurídica, inclusive de seus produtos e serviços.³⁵ Dessa forma, a *imagem atributo* está ligada a *imagem social*, sendo que juridicamente esta última também é um bem ou patrimônio de um indivíduo ou de uma classe. Afirma Araújo:

A imagem-retrato, conjunto de características físicas da pessoa, deixa de ser o único bem protegido. Surge um conceito de imagem social, como atributo do indivíduo em seu grupo social. Não se trata de honra. O indivíduo tem um conceito social – sua imagem – de caráter quase publicitário. Defende sua imagem, protege-a, modifica-a, tenta aperfeiçoá-la. A imagem de um bom pai de família, de um bom advogado, de um médico cordial, de um técnico atualizado, de professor estudioso, de hábil negociante etc. Inexiste qualquer vínculo desse direito à imagem como a honra. Posso ser um homem honrado e ter a imagem de bom ou mau profissional.³⁶

Esse conceito de imagem-atributo nos remete a um fenômeno que tem atingido duramente a imagem profissional dos pastores na atualidade. Mesmo que presumamos que a maioria dos pastores sejam, de fato, pessoas honradas e de bom caráter, ainda assim eles sofrem as consequências de uma imagem social cada vez mais denegrada pelos constantes escândalos envolvendo religiosos e pela gradativa perda de *status* social da dimensão religiosa na sociedade pós-moderna. Aprofundaremos esses aspectos logo mais adiante.

Araújo também procura fazer uma correlação direta do conceito de imagem com a identidade, no sentido de afirmar que a imagem é uma decorrência lógica do direito à identidade. A imagem seria a contrasenha da identidade, ou seja, a sua individualização figurativa.³⁷

Nesse contexto da construção de uma imagem institucional ou profissional, vinculada ao conceito de identidade, Costa vai afirmar:

³⁵ ARAÚJO, Luiz Alberto David. *A proteção constitucional da própria imagem*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996. p. 27-32.

³⁶ ARAÚJO, 1996, p. 22.

³⁷ ARAÚJO, 1996, p. 40.

A imagem é a resultante da identidade organizacional, expressa nos feitos e nas mensagens. Para a empresa a imagem é um instrumento estratégico, um conjunto de técnicas mentais e materiais, que têm por objetivo criar e fixar na memória do público, os ‘valores’ positivos, motivadores e duradouros. Estes valores são reforçados ao longo do tempo (reimpregnação da mente) por meio dos serviços, as atuações e comunicações. A imagem é um valor que sempre se deseja positivo – isto é, crescente e acumulativo –, e cujos resultados são o suporte favorável aos êxitos presentes e sucessivos da organização.³⁸

Costa continua seu pensamento afirmando que a imagem coletiva, institucional ou profissional é formada, entre outros fatores, pelas impressões causadas pelos seus empregados no meio público e social. É esse fato que torna tão importante para uma instituição religiosa que seus pastores, representantes máximos da “corporação” igreja, sempre procurem manter uma postura e comportamento modelares e irrepreensíveis, pública e socialmente, na busca da promoção e manutenção da melhor imagem possível para a instituição a qual pertencem. É sobre a importância dessa relação entre indivíduo-instituição que agora queremos descrever.

1.2.3 A relação entre imagem pessoal e a imagem corporativa/institucional

Como já foi enunciado, há uma importante correlação da imagem do pastor para com a imagem da instituição. Para Roger Cahen, a boa imagem é o maior patrimônio das empresas, sendo uma “propriedade” extremamente valiosa, motivo pelo qual deve-se prestar muita atenção a ela.³⁹ Cresce nesse sentido a responsabilidade de quem irá “representar” publicamente a empresa, que no caso das instituições religiosas é, reconhecidamente, a figura do sacerdote, líder religioso ou pastor.

Conforme o administrador de empresas Roberto Minadeo, muitas empresas estão sendo hoje arrastadas pela onda de incredulidade que paira sobre as instituições e que ameaçam perigosamente sua imagem pública. Dentre inúmeras formas para uma organização prevenir sua imagem está uma gestão com transparência, bem como uma prontidão e agilidade para responder publicamente diante de eventuais crises que surgirem, atendendo às demandas jornalísticas e sociais. Algumas dessas crises podem surgir da incongruência entre a mensagem e o produto da organização e de condutas irregulares nos negócios ou de quem os representa.⁴⁰

³⁸ COSTA, J. *apud* MINADEO, Roberto. *Gestão de marketing: fundamentos e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2008. p. 170-1.

³⁹ CAHEN, Roger. *Tudo que seus gurus não lhe contaram sobre comunicação empresarial: a imagem como patrimônio da empresa e ferramenta de marketing*. São Paulo: Best Seller, 1990. p. 50.

⁴⁰ MINADEO, 2008, p. 415-17.

A transposição da constatação acima para a crise que vive o mundo eclesiástico no que tange a sua imagem é muito fácil de ser feita, visto que a incongruência tem sido uma das marcas da relação entre muitos sacerdotes/ministros religiosos para com o discurso/mensagem das instituições às quais representam. Isso é comprovado pelos inúmeros escândalos de ordem moral envolvendo a classe profissional religiosa e pastoral nas últimas décadas, amplamente divulgadas pelas diferentes mídias sociais.

Maria Schuler, pesquisadora na área de gestão e pesquisa de imagem, sinaliza para o perigo desse fato e o risco que podem causar inclusive para a sobrevivência das instituições, ao afirmar que “em uma sociedade tão complexa como a nossa, que passa por transformações profundas, rápidas e imprevisíveis todos os dias, torna-se cada vez mais crucial para as organizações a gestão cuidadosa de sua imagem”.⁴¹

Nessa mesma linha de pensamento, os pesquisadores na área das ciências administrativas, Thomas Wood e Ana de Paula afirmam que o “caminho para o êxito é identificado com a habilidade de vencer a “concorrência”, administrando a própria carreira como uma empresa e dominando as qualificações valorizadas pelo mercado de trabalho”,⁴² que no caso dos pastores e religiosos seria uma conduta ético-moral ilibada, para começo de conversa.

São duas as conclusões a que podemos chegar pelas afirmativas supracitadas. A afirmativa de Schuler aponta para a importância da gestão da imagem institucional perante a sociedade, num contexto mais macro. Já a afirmativa de Wood e Paula sinalizam para a importância da gestão da imagem pessoal de cada profissional para a instituição a que pertencem, num contexto mais micro. Ambas, porém, devem ser cumpridas e satisfeitas à luz do ideal estabelecido culturalmente para a “marca” a ser vendida, precisando ser compartilhada por ambos, tanto pela empresa – igreja, quanto pelos seus funcionários – pastores, pois é isso que o público externo e a própria sociedade esperam encontrar.

Não é necessário muito esforço para verificarmos que estes pressupostos expressos a partir da teoria de gestão de marketing se aplicam plenamente às organizações eclesiásticas. Visto elas serem regidas pelos mesmos princípios no que tange ao cuidado e marketing público de sua imagem, uma igreja e seu representante público maior, o sacerdote, também precisarão zelar pelo cultivo de uma imagem pública positiva perante a sociedade.

⁴¹ SCHULER, Maria. O método de configuração de imagem aplicado à administração de imagem de produtos. In: KUNSH, Margarida Maria K. (org.). *Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. p. 241-257. p. 241.

⁴² WOOD, Thomaz; PAULA, Ana Paula Paes de. O culto da performance e o indivíduo S.A. In: EHRENBURG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010. p. 197-208. p. 200.

Clotilde Perez, pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da PUC/SP, ao tratar do tema da semiótica da marca corporativa, discorre sobre a importância dos signos, símbolos, cores e imagens na construção das identidades corporativas. Afirma que o signo-marca carrega em si um potencial comunicativo. A marca tem o poder de criar uma conexão simbólica entre o objeto que representa e a complexidade dos desejos humanos.⁴³ Afirma Perez:

A construção da imagem envolve ainda um conjunto de experiências, impressões, posições e sentimentos que as pessoas apresentam em relação a um determinado objeto. Quando falamos de imagem corporativa, por exemplo, referimo-nos às experiências que os consumidores tiveram com uma organização pelo uso de seus produtos, por seu posicionamento social, pelo comportamento de seus executivos, pelo tratamento por ela dispensado a seus funcionários, pelas mensagens publicitárias que divulga etc.⁴⁴

Perez continua seu pensamento afirmando que “o conceito de imagem é múltiplo, englobando reações de tipo cognitivo, afetivo e comportamental, as quais se traduzem em variáveis como notoriedade, associações posicionadoras, estima, [...]”⁴⁵, elementos visivelmente presentes no exercício e desempenho do ministério pastoral.

Nesse sentido, o pastor será valorizado na proporção em que demonstra brilhantismo em suas prédicas e estudos, pela simpatia e empatia que demonstra pelas pessoas e também por se esforçar em ser um exemplo de conduta, o que contempla as três dimensões citadas por Perez na conceituação de uma imagem: ações e reações no campo cognitivo, afetivo e comportamental.

Perez diz ainda que a imagem pública é construída visual ou concretamente, sendo reforçada pela sua exposição reiterada, que deve ser sempre congruente, compatível e reforçadora da identidade corporativa que a empresa deseja comunicar ao público. Se concordarmos com o fato de que a figura do pastor/sacerdote é a principal imagem-marca de uma comunidade religiosa, isso trará consequências diretas para o pastor no exercício de sua função. Em nossa pesquisa de campo, ao serem questionados se “o pastor é a principal referência de identificação moral e espiritual da comunidade cristã” (questão 6), 89% dos pastores respondentes concordaram com essa assertiva, 44% totalmente e 45% em parte. Dessa forma, se quiserem ser congruentes com o que expressaram no resultado da pesquisa,

⁴³ PEREZ, Clotilde. Semiótica da marca corporativa. In: KUNSH, Margarida Maria K. (Org.). *Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. p. 225-240. p. 226.

⁴⁴ PEREZ, 2009, p. 232.

⁴⁵ PEREZ, 2009, p. 231.

os pastores precisarão confirmar, a todo momento, pelo conjunto de suas ações, essa sua imagem representativa de uma moralidade cristã ideal junto à sociedade.

Tudo parece indicar que essa relação entre imagem pessoal e corporativa seja um dos principais desafios pastorais da atualidade, ou seja: a necessária busca cotidiana em tentar corresponder à imagem pública exigida pela comunidade cristã e pela própria sociedade. Cid faz menção a esse desafio, que acaba quase se tornando um dilema, ao afirmar:

[...] aquilo que o indivíduo é, depende também do reconhecimento dos outros. Para este autor, o que se estabelece como um padrão social na sociedade é o crédito coletivo. Afirma que o indivíduo convive com uma série de padrões universalmente reconhecíveis e tem que habituar-se com a tarefa de decidir quem é. Melhor dizendo, precisa lidar com a responsabilidade de decidir qual imagem gostaria de divulgar aqueles com quem convive, e buscá-la.⁴⁶

Diante do exposto, portanto, um pastor precisa admitir que tentar corresponder a sua imagem como pastor é um aspecto de importância para o seu pastorado. Isso se configura numa decisão diária que ele precisa tomar sobre que imagem quer expressar e manter publicamente, exigindo uma adaptação constante ao espaço e ambiente nos quais circula como pastor. Outro dos desafios pastorais está em fazer da sua imagem a mais fiel tradução da sua identidade, no que é chamado de autenticidade ou congruência, tal como já sinalizado há pouco.

De forma até surpreendente esse dilema parece estar sendo bem equacionado entre os pastores da instituição pesquisada na tese. Ao serem interpelados em nossa pesquisa de campo acerca dessa questão, diante da assertiva “a minha autoimagem real está muito próxima da imagem pública e social que comunico à comunidade” (questão 29), 76% dos pastores respondentes concordaram que há uma congruência entre sua autoimagem e sua imagem pública. Porém, desses 76% de concordância, 52% representam uma concordância apenas parcial. Isso poderia indicar eventuais dúvidas sobre a autoimagem ou representar um resultado mais próximo da saudabilidade psíquica, de um *eu real*, como propõe Horney, visto ser arriscado expor o seu mundo interior de forma plena e transparente nas suas relações públicas e sociais. A vivência cotidiana de uma vida profissional de caráter eminentemente público, exige de quem a exerce a utilização de personas ou máscaras sociais, conceitos que serão descritos e aprofundados ao abordarmos a psicologia profunda de Jung e Horney no próximo capítulo.

⁴⁶ CID, Andrea Cristina Vaz. *Tudo pela fama*. Idealizações narcísicas na contemporaneidade. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília. Mestrado em Psicologia e Cultura. Instituto de Psicologia, 2006. p. 49-50.

De qualquer modo, é notório, tanto pelo referencial bibliográfico quanto pelos dados coletados pela pesquisa de campo, que a imagem do ministro religioso, do clérigo ou sacerdote que recebe o título, o signo, a imagem, a metáfora, o símbolo de *pastor*, carrega em si um significado muito profundo, no sentido de ser uma referência para os fiéis e também para a sociedade em geral. Por isso, o próximo passo da pesquisa é adentrar no estudo da imagética/imaginário da figura do pastor, buscando verificar como ela foi sendo construída ao longo dos tempos, bem como analisando o seu processo de desconstrução nas últimas décadas.

1.2.4 Imagem pastoral: a apropriação da imagem-símbolo de pastor pela igreja

Tratando-se da corporação “igreja cristã”, pode-se afirmar que dentre as marcas ou símbolos mais fortes no imaginário cristão encontra-se a imagem representada pelo próprio Jesus Cristo como a figura do *Bom Pastor*. O Salmo 23, reconhecidamente um dos textos mais conhecidos pela cristandade, juntamente com a parábola da ovelha perdida, que se faz presente em pinturas, quadros e vitrais de muitas igrejas ao redor do mundo, reforçam o signo-marca-símbolo-arquétipo de Jesus como o *Bom Pastor*. Esse é um símbolo carregado de crédito, de autoridade, de carisma e de confiança, no qual se crê, confia e de quem se espera proteção, exatamente como vai sinalizar o renomado e contemporâneo sociólogo francês Pierre Bourdieu ao definir o conceito de *capital simbólico*, tratando acerca do poder dos símbolos.

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. *Credere*, diz Benveniste, “é literalmente colocar o *kred*, quer dizer, a potência mágica, num ser de que se espera proteção, por conseguinte, crer nele” O *kred*, o crédito, o carisma, esse não-sei-o-quê pelo qual se tem aqueles de quem isso se tem, é o produto do *credo*, da crença, da obediência, que parece produzir o *credo*, a crença, a obediência.⁴⁷

Bourdieu cita essa definição no contexto do poder simbólico que é exercido nas sociedades pelas figuras políticas e públicas, o que nos permite aplicá-la à imagem-símbolo do pastor. Bourdieu, inclusive, se utiliza de uma linguagem religiosa para descrever esse poder do qual se investe o símbolo.

Portanto, uma questão interessante na análise da *imagem* do sacerdote ou ministro religioso é buscarmos a origem da utilização do símbolo de *pastor* que passou a ser a

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6. ed. Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 188.

principal forma pela qual os sacerdotes também passaram a ser chamados, conhecidos e reconhecidos, dentro e fora da igreja, a ponto de ter se tornado um símbolo clássico de representação social de religiosos cristãos no seu ofício profissional.

Penso ser relevante afirmar que essa também se revela como uma percepção da grande maioria dos pastores respondentes de nossa pesquisa de campo. Perguntados se a figura do “Bom Pastor” seria a principal marca da imagem e identidade públicas de quem deseja exercer o ministério pastoral (questão 3), 77% dos pastores concordaram com tal assertiva, 34% totalmente e 43% em parte. Apenas 7% dos pastores discordaram totalmente dessa afirmativa e 8% discordaram em parte. Se analisarmos os resultados da pesquisa redimensionando-os pela variável *tempo de ministério*, veremos que entre os pastores mais experientes, acima de 21 anos de ministério, o índice de concordância aumenta ainda mais, chegando a 89,5%. Esse dado parece indicar que, à medida em que o pastor experimenta e vive o seu ministério, a percepção de que ele evoca a figura do “Bom Pastor” diante da sua comunidade aumenta gradativamente, o que é um elemento importante de ser destacado no conjunto de resultados obtidos em nossa pesquisa. Uma outra possibilidade interpretativa desse resultado é uma diferença nas concepções imagéticas das antigas e novas gerações acerca desse tema, hipótese que não foi possível de ser auferida em nossa pesquisa.

Tendo já reconhecido a importância do símbolo para a construção das representações sociais, partimos agora para um estudo histórico do termo-símbolo *pastor*. Já no mundo helênico a terminologia *pastoral* estava muito em voga. A palavra grega *poimen*, cuja tradução é “pastor” ou “boiadeiro”, já era empregada na literatura de Homero e Platão com o sentido metafórico de “líder”, “governante” ou “comandante”. Platão relembra o emprego religioso da palavra quando compara os governantes da cidade-estado com os pastores que cuidam de seu rebanho, no sentido de que o pastor é uma cópia do divino pastor e legislador. Também no antigo oriente “pastor” era um título de honra que se aplicava a soberanos e divindades de igual modo.⁴⁸

O professor e teólogo metodista Ronaldo Sathler-Rosa também relata que os povos da Mesopotâmia, antes do período bíblico, já designavam seus reis e chefes de *pastor*. Entre as tarefas desse rei/pastor cabia reunir e proteger o povo, cuidando dos bens terrestres e sendo o guardião da justiça.⁴⁹

⁴⁸ BEYREUTHER, E. Pastor. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. vol. III. BROWN, Colin (Editor Geral). 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985. p. 469-473. p. 469.

⁴⁹ SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2010. p. 27-8.

Há aqui uma importante relação histórica que nos permitiria novamente relacionar elementos da teoria sociológica de Bourdieu, na qual ele trata do capital político, que é um dos tipos de capital simbólico. A figura do *Bom Pastor* uniria esses dois elementos, o capital político e o capital simbólico, na construção do seu imaginário social. Vejamos o que diz Bourdieu:

[...] o homem político retira sua força política da confiança que um grupo põe nele. Ele retira o seu poder propriamente mágico sobre o grupo da fé na representação do próprio grupo e da sua relação com os outros grupos. [...] ele é unido por uma relação mágica de identificação àqueles que, como se diz, “põem nele todas as esperanças”. E, devido, ao seu capital específico ser um puro *valor fiduciário* que depende da representação, da opinião, da crença, da *fides*, o homem político, como homem de honra, é especialmente vulnerável às suspeitas às calúnias, ao escândalo, em resumo, a tudo o que ameaça a crença, a confiança, fazendo aparecer à luz do dia os atos e os ditos secretos, escondidos, do presente e do passado, os quais são próprios para desacreditar o seu autor [...] Este capital supremamente *lábil* só pode ser conservado mediante o trabalho que é necessário não só para acumular o crédito como também para evitar o descrédito; daí, toda a prudência, todos os silêncios, todas as dissimulações, impostos a personagens públicas incessantemente colocadas perante o tribunal da opinião, pela preocupação constante de nada dizer ou fazer que possa ser lembrado pelos adversários, princípio impiedoso da irreversibilidade, de nada revelar que possa contradizer as profissões de fé presentes ou passadas ou desmentir-lhes a constância no decurso do tempo. E a atenção especial que os homens políticos devem dar a tudo o que contribui para produzir a representação da sua sinceridade ou do seu desinteresse explica-se se se imaginar que estas atitudes aparecem como a garantia última da representação do mundo social, a qual eles se esforçam por impor, dos “ideais” e das “ideias” que eles têm a missão de fazer aceitar.⁵⁰

Portanto, mesmo na sua condição histórica primitiva ligada à política, o símbolo de *pastor* já se investe de inúmeras idealizações, como se percebe na citação supracitada. A questão ou função religiosa, que se somará à função política, apenas intensificará essas idealizações sobre a figura-símbolo do pastor, precisando não só ser considerada, mas buscada incessantemente por todos aqueles que a desejarem assumir. Caso contrário, a sua condição de figura pública está fadada a fracassar. Tornar-se-ia impossível assumir a condição de liderança, autoridade e confiança, implícitas ao símbolo-função pastoral.

Dando seguimento à compreensão do símbolo de *pastor*, no Antigo Testamento o termo passa a ser carregado de outros sentidos, que permitirão uma melhor e mais atualizada compreensão de seu uso no meio cristão. Esse simbolismo já inicia no próprio fato do povo de Israel ter tido no cultivo do rebanho de ovelhas a sua principal riqueza e fonte de subsistência. A vida do povo de Israel girava em torno do que o rebanho oferecia, além da ovelha ser o principal animal no sistema de culto e sacrifícios, motivo pelo qual a pessoa

⁵⁰ BOURDIEU, 2003, p. 188-9.

encarregada de cuidar delas desempenhava função de grande importância entre o povo. Essa pessoa era justamente conhecida como *pastor*.⁵¹

Esperava-se dos pastores, bem como de seus assistentes, demonstrações de cautela, paciência e honestidade. Eles deviam cuidar incansavelmente dos animais indefesos, conforme a descrição de tarefas que o profeta Ezequiel elenca em seu livro: tratar as ovelhas fracas, curar as doentes, fazer curativos nas machucadas, buscar as que se desviam, procurar as que se perdem, guardar e proteger o rebanho – dia e noite – contra as feras e ladrões. (Ezequiel 34. 1ss.). Este dever árduo se tornava um divisor de águas, no sentido de que pastores mercenários contratados para realizar essa tarefa normalmente decepcionavam seus empregadores.⁵²

O Antigo Testamento também faz uma relação direta e explícita de Deus (JAVÉ) como sendo o Pastor de seu povo - Israel. Já ao final do livro de Gênesis, quando Jacó dá a bênção a José, Deus já é comparado a um pastor, nas palavras que seguem: “Ó Deus, a quem meus pais Abraão e Isaque serviram, abençoa esses rapazes. Abençoa-os, ó Deus, tu que me tens guiado como um pastor durante toda a minha vida até hoje” (Gênesis 48.15).

Porém, especialmente no clássico texto do Bom Pastor do Salmo 23, percebe-se que dois componentes fundamentais e complementares se articulam na concepção de Deus como Pastor: força e afeição, autoridade e solicitude, poder e carinho, vigor e ternura. Deus é, portanto, ao mesmo tempo, o soberano Senhor, mas também o afetuoso Pai, que vigia, comanda e conduz as ovelhas, conhecendo e chamando cada uma pelo seu próprio nome.

Por esse motivo, ser pastor em Israel exigia uma fidelidade ao chamado de Deus junto ao povo. Quando essa fidelidade não acontecia o pastor precisava ser denunciado, exortado e criticado, tal como o próprio Deus exige através do livro do profeta Ezequiel: “Eu, o Senhor Eterno, declaro que estou contra vocês. Tirarei de vocês as minhas ovelhas e não deixarei que vocês sejam os seus pastores que só cuidam dos seus próprios interesses” (Ezequiel 34.10).⁵³

Uma mudança interessante na representação social e simbólica do termo *pastor* vai ocorrer na transição entre o judaísmo posterior e o Novo Testamento. Depois do exílio, os rabinos farisaicos ajudaram a macular e a desvalorizar a ocupação de pastor no judaísmo da Palestina. Diante de uma crise salarial do período, os pastores passaram a ser suspeitos de desonestidade, sendo inclusive negado a eles os privilégios cívicos, o que os impedia de

⁵¹ SATHLER-ROSA, 2010, p. 27.

⁵² BEYREUTHER, 1985, p. 469-70.

⁵³ SATHLER-ROSA, 2010, p.28.

assumirem funções de juízes ou mesmo testemunhas. Porém, de forma até curiosa, esse conceito contemporâneo negativo dos pastores não foi adotado nem tampouco parece ter influenciado seu uso positivo no Novo Testamento.⁵⁴ Pelo contrário, o seu significado simbólico foi acrescido de cores ainda mais brilhantes do que no Antigo Testamento (conforme os textos de João 10.3-4; Lucas 15.4-5 etc.).⁵⁵

No Novo Testamento o próprio Jesus vai usar a imagem do *pastor* para representar a si mesmo como metáfora para glorificar o amor de Deus para com os pecadores. Segundo os evangelhos Sinóticos, Jesus é o Pastor messiânico prometido no AT. Na linguagem parabólica há uma só referência de Deus como Pastor, em Lucas 15.4-7. Já o texto de João 10.1-30, intitulado de *Jesus, o pastor verdadeiro*, traz uma ênfase sobre a entrega voluntária da vida do pastor em prol da defesa, resgate e salvação de seu rebanho, o povo de Deus. “A proclamação de Cristo como Bom Pastor, que deu sua vida pelo rebanho e ressuscitou para pastorear esse rebanho que é o novo povo de Deus, ficou sendo uma experiência viva para a igreja neotestamentária e era aplicada na obra pastoral”.⁵⁶

Como relata Sathler-Rosa, no evangelho de João Jesus manifesta a “missão última e radical do pastor”, que é a expressão do amor às ovelhas por meio da doação de sua vida por elas. Esse é um dos motivos pelos quais a aplicação do termo *pastor* aos chefes e líderes políticos e religiosos se tornou polêmica e conflituosa, pois ninguém conseguia ter o mesmo espírito de entrega total em prol de seu “rebanho”, tal como foi demonstrado e vivido por Jesus.⁵⁷

Também a atribuição do termo pastor aos presbíteros da igreja primitiva não aconteceu sem problema. Quando Jesus pede ao apóstolo Pedro para “pastorear as suas ovelhas” (João 21.16) abre-se o precedente para que os apóstolos e ministros do evangelho também passem a ser chamados dessa forma. Ou seja, um título atribuído a Deus e a Jesus, o de Pastor, passa a ser atribuído também a pessoas que exercem o apostolado ou o ministério

⁵⁴ Esse tema poderia ser melhor desenvolvido e aprofundado. Fazemos referência à obra dos biblistas Reinhard Feldmeier e Hermann Spieckermann, na qual os autores apresentam, interpretam e aprofundam o que Deus revelou de si desde a sua criação em sua relação com o povo de Israel no Antigo Testamento e com o povo de judeus e gentios, unido pela fé em Jesus Cristo, no Novo Testamento. Ali os autores fazem uma interpretação de Deus, o seu ser, seus atributos, ações, amparo e salvação, onde se insere a temática desenvolvida nessa seção da tese. Acerca da figura de Deus como Pastor os autores fazem uma breve referência: “Na oração, o consolo pode fazer frente à ameaça de morte. Se no Sl 23.4 bastão e cajado, as armas do pastor de Yhwh, consolam, a surpresa é intencional. Os efeitos aguardados do matar e proteger são escolhidos para que o poder do pastor de Yahw possa ser reconhecido a contento. Quem está no vale da escuridão pode confiar em Yahw. [...] O Salmo 23, pós-exílico, não deixa o mundo da morte sem o consolo eficaz de Yahw, e visa, como isso, fundamentar confiança”. FELDMEIERS, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *O Deus dos vivos: uma doutrina bíblica de Deus*. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2015. p. 514.

⁵⁵ BEYREUTHER, 1985, p. 471.

⁵⁶ BEYREUTHER, 1985, p. 473.

⁵⁷ SATHLER-ROSA, 2010, p. 28.

pastoral. A diferença abissal entre Deus e o ser humano pecador acaba se tornando uma “comparação” ou atribuição perigosa demais, impossível de ser exercida à altura do atributo, na relação direta de Jesus/Deus como o *Bom Pastor*. Temos aqui, provavelmente, uma das principais fontes da idealização da imagem e identidade pastorais, uma idealização absolutamente impossível de ser cumprida por um ser humano.

Essa foi outra das questões que buscamos verificar em nossa pesquisa de campo. Ao serem perguntados se “pensam que os membros da igreja esperam do pastor que ele assuma/encarne a imagem e missão do bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas (questão 10), 86% dos respondentes concordaram com tal assertiva, mesmo que 51% parcialmente e apenas 35% totalmente. Julgamos que 86% é um índice bastante elevado de concordância, levando-se em conta que “dar a vida pelas ovelhas” é uma expressão radical, sendo uma “tarefa” por demais difícil de ser cumprida no sentido literal, tal como o próprio Jesus realizou em seu ministério, visto fazer parte do seu plano vicário.

Parece óbvio supor que a expressão “dar a vida pelas ovelhas” tenha sido corretamente entendida pelos pastores, não no sentido literal, mas metafórico, implicando doação e entrega total ao trabalho ministerial, como objetivou a formulação da questão. Ela parte do pressuposto que o “dar a vida” normalmente traz implícita a ideia do pastor abdicar de seus próprios interesses pessoais e familiares, estando em prontidão constante para cuidar dos seus congregados, ou seja, das “ovelhas” perdidas, cansadas, doentes e necessitadas, tal como foi sempre demonstrado por Jesus em seu ministério.

Os resultados obtidos nessa questão em particular, podem nos levar a inferir que há uma percepção pastoral de uma idealização externa do seu ministério por parte da comunidade de fé, como dizem alguns dos pastores respondentes da pesquisa: “Há uma exigência muito forte por parte das congregações de uma perfeição absoluta do pastor” (anexo 4, questão 47, nº 8). Já outro pastor complementa: “[...] muitos membros da igreja acham que o pastor é alguém que deve ser um modelo idealizado, as demais pessoas podem falhar, mas o líder deve ser irrepreensível” (anexo 4, questão 47, nº 16). Como a nossa pesquisa empírica não foi realizada com a comunidade, apenas com os pastores, saber se de fato a comunidade idealiza seus pastores será um aspecto que carecerá de comprovação na presente tese.

Fazendo um salto histórico de dois mil anos, queremos retomar a relação histórica da imagem do pastor com a própria imagem do Bom Pastor Jesus. Fazemos isso a partir de documentos recentes da Igreja Católica Romana, após o Concílio Vaticano II. Nos decretos *Presbyterorum Ordinis* e *Optatum Totius*, que tratam da formação e identidade presbiterais, o verdadeiro presbítero é reputado como aquele que se assemelha a Jesus Cristo. Já nos

documentos do Papa João Paulo II, especialmente na exortação apostólica *Pastores dabo Vobis* (1992), “o grande modelo para o Presbítero é o Cristo Bom Pastor, o Presbítero é um *Alter Christus*.”⁵⁸ Essa imagem teológica do pastor, sacerdote ou presbítero, entendida como uma quase personificação atual do Bom Pastor Jesus é transmitida socialmente pela igreja cristã e transcende os muros da Igreja Católica Romana, fazendo parte de todo o imaginário cristão, abrangendo inclusive o meio evangélico, protestante e luterano, motivo pelo qual a estamos citando em nosso estudo. Há elementos perceptíveis no discurso e prática da igreja que parecem indicar que a teologia romana acerca do sacerdote/pastor/religioso está profundamente enraizada nas mentes e corações não só da comunidade cristã em geral, mas dos próprios pastores luteranos, mesmo que verifiquemos que a teologia luterana desconstrua essa visão teológica pastoral quase deificada.⁵⁹

De qualquer modo, entretanto, podemos afirmar que no imaginário cristão, Jesus Cristo, o Bom Pastor, se tornou o paradigma ou símbolo máximo da imagem pastoral de quem vai exercer o ministério, sendo modelo e critério para todas as circunstâncias. Aquele que assume e passa a exercer o pastorado simboliza, relembra, evoca e representa para os fiéis a própria Pessoa e Ministério de Jesus Cristo.⁶⁰ Essa forte representação simbólica do Bom Pastor contém um significado que não apenas vai pairar sobre as cabeças daqueles que pretendem ingressar no ministério pastoral, mas acabará se tornando uma pressão diária no sentido de se constituir na própria maneira de ser, pensar e agir do pastor, passando a orientar e definir a sua identidade ao longo do exercício de seu ministério, inexoravelmente.

É bastante provável que essa ainda seja a imagem pastoral que prevalece no imaginário ideal da cristandade e da própria sociedade, mesmo que venha sendo contradita ou até mesmo invalidada pelos escândalos recentes envolvendo pastores e sacerdotes. Penso ser quase unânime a ideia coletiva e social de que ter Jesus Cristo como o exemplo de pastor deveria ser um imperativo para todo aquele que almeja o ministério pastoral. Porém, nesse processo pode se encontrar o início bíblico-teológico da idealização pastoral, que em breve será descrita como uma fonte de sofrimento e neurose, justamente pela impossibilidade dessa imagem ser cumprida na sua plenitude pelos pastores/sacerdotes no cotidiano de sua vida

⁵⁸ SANTOS, Jéus Benedito dos. *O presbítero católico: uma identidade em transformação*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010. p. 20.

⁵⁹ Essa certa deificação do sacerdócio, em parte interpretada na igreja católica, também pode ser percebida em denominações cristãs neopentecostais, que idealizam demasiadamente seus pastores. Lembramos, porém, que uma outra interpretação poderia ser feita sobre a questão do sacerdote/pastor oficial *in persona Christi*, ou seja, como representante de Cristo. Essa visão, ao invés de deificar, poderia aliviar parcialmente a idealização, desde que a interpretássemos como o pastor/sacerdote sendo apenas mero instrumento de Deus, visto que representação e o seguimento não serem, necessariamente, a mesma coisa.

⁶⁰ SATHLER-ROSA, 2010, p. 29-30.

ministerial. No dizer freudiano, tentar assumir essa imagem perfeita é permanecer num *ego ideal*, primário, de cunho absolutamente neurótico ou patogênico, como iremos tratar no segundo capítulo.

1.2.5 A (des) construção da imagem pastoral na sociedade contemporânea: o poder da mídia

Já temos citado em alguns momentos acerca do processo de desconstrução da imagem pastoral em função dos escândalos relacionados a sacerdotes/pastores/religiosos. Afinal, como vem sendo veiculada a imagem do pastor ou do ministro religioso na contemporaneidade? Essa pergunta precisa ser seguida de uma outra, não menos importante. Qual a importância da mídia na desconstrução da imagem pastoral e na construção de uma nova imagem do pastor? Afinal, isso traz alguma implicação positiva ou negativa para os processos de idealização e desidealização pastoral? Antes de aprofundarmos essa questão é possível afirmarmos que poderia haver sim, nessa desconstrução, não apenas aspectos negativos, mas também positivos, na medida em que a mídia, ao veicular os escândalos, auxilia a reconstruir socialmente a identidade do religioso como um ser humano falível, passível de erros e tropeços. Há, portanto, mesmo como um efeito colateral, um aspecto positivo em meio a todo contexto negativo da veiculação dos escândalos pela mídia.

A psicóloga Maria Cristina Strocchi afirma que “a força dos meios de comunicação é notável e condiciona muito nosso modo de pensar e de nos comportar”. Além disso, a autora aponta para as últimas pesquisas sociológicas que indicam que “muitos mal-estares psicológicos de nosso tempo são devidos a mensagens da mídia”, dando como exemplo o aumento da depressão em função do uso massivo de mensagens negativas, assim como pela divulgação de padrões impossíveis de beleza, riqueza e felicidade que não conseguem ser atingidos pela maioria das pessoas.⁶¹

Tomando por base essa constatação da autora, o impacto negativo que as notícias sobre escândalos ligados a igrejas, sacerdotes católicos e pastores evangélicos causam na imagem religiosa-pastoral nos últimos anos é lógica e quase óbvia, como já citado anteriormente. Esse cenário é fonte geradora de um mal-estar psicológico, não só para a comunidade cristã, mas especialmente para os próprios pastores, principais “vítimas” dos ataques da mídia.

⁶¹ STROCCHI, Maria Cristina. *Psicologia da Comunicação*: manual para estudo da linguagem publicitária e das técnicas de venda. São Paulo: Paulus, 2007. p. 126.

Como estamos falando da imagem social e cultural do pastor, não há como deixar de sinalizar que o título de pastor, ministro religioso ou sacerdote é um “guarda-chuva” que abriga uma quantidade enorme de denominações religiosas, cada uma com suas singularidades e diferentes modelos. Porém, a sociedade, em geral, provavelmente terá uma grande dificuldade em discriminar essas singularidades e diferenças, sendo que o termo *pastor* ou *sacerdote* é, provavelmente, unificador de uma representação coletiva e social arquetípica, ou seja, quase universal. Por esse motivo, falar de uma imagem pastoral deteriorada estará sujeito a uma generalização que pode ser perigosa, não retratando fielmente a imagem do pastor na igreja protestante histórica que é o objeto de nossa pesquisa. Porém, essa é uma questão que não teremos como resolver em nossa tese, bastando termos clareza de que ela existe, sendo uma variável importante que deveria ser considerada para a compreensão mais ampla e profunda do tema.

Feito esse comentário e retomando o tema dessa seção, ao buscarmos uma correlação entre imagem, mídia e contemporaneidade, podemos afirmar que o mundo tradicional tem se transformado no mundo do espetáculo, na qual a mercadoria é espetacular, a aparência triunfa sobre a essência, e no qual o tempo e o espaço são reordenados à maneira do espetáculo. A própria cultura e a ideologia são de uma sociedade do espetáculo.⁶² Dessa forma, também a imagem do pastor, sacerdote ou ministro religioso irá sofrer alterações na relação com esta sociedade e com todas as demais instituições produtoras de sentido, tal como afirma Freitas.⁶³

Cunha, citado por Freitas, ao descrever a contemporânea *cultura das mídias* e sua relação com a imagem e identidade, afirma que ela deve ser compreendida:

[...] como um novo quadro das interações sociais, uma nova forma de estruturação das práticas sociais, marcada pela existência dos meios. [...] precisa ser conhecida como a reconfiguração do processo coletivo de produção de significados por meio do qual um grupo social se compreende, se comunica, se reproduz e se transforma, a partir das novas tecnologias e meios de produção e transmissão de informação. [...] Na cultura das mídias, diferença e padronização convivem sincronicamente, pois é no âmbito do mercado, base dessa cultura, que os indivíduos e os grupos sociais constroem suas identidades, partilham expectativas de vida, modos de ser, e o poder se torna virtualizado.⁶⁴

Portanto, reitera-se o quanto a imagem e identidade estão vinculados ao que é produzido e veiculado nesse contexto midiático, marcado pela espetacularização da fé e pelo consumismo de bens simbólicos: nesse contexto a imagem pastoral a ser formada no

⁶² RAMOS, Luiz Carlos. *A Pregação na Idade Mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. 2005. 280 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005. p. 166.

⁶³ FREITAS, Hugo Gonçalves de. Pastor espetacular: a imagem do pastor na sociedade midiática. In. *Discernindo* – Revista Teológica Discente da Metodista. vol. 2, n. 2, p. 225-236, jan-dez 2014. p. 226.

⁶⁴ CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Misterium, 2007. p. 231 *apud* FREITAS, 2014, p. 226.

imaginário individual e coletivo dos fieis passa a ser de um *showman*. O pastor precisa se tornar um ser “espetacular”, não apenas transmitindo com correção a doutrina, mas também transmitindo essa mensagem de uma maneira que ela toque o coração e o sentimento dos ouvintes.⁶⁵ A questão que se descortina aqui é se, de fato, os pastores estão conseguindo fazer jus a essa imagem idealizada e espetacularizada, o que acreditamos não estar acontecendo, mesmo que a tentativa esteja sendo feita por muitos pastores e igrejas.

Pesquisas relativamente recentes a respeito do nível de prestígio das diferentes profissões têm demonstrado mudanças significativas na imagem de pastores e clérigos junto à sociedade atual. Uma pesquisa realizada na Alemanha, pelo *Institut für Demoskopie Allensbach*, em abril de 2011, indicou que pastores, clérigos e religiosos perderam visivelmente a estima, prestígio e valorização nos últimos quarenta anos, de acordo com um levantamento feito com o povo alemão.

Conforme o gráfico que será apresentado logo a seguir é possível perceber o contínuo declínio na profissão pastoral, que saiu de um honroso segundo lugar para um discreto oitavo lugar, no que tange ao prestígio e valorização da sua profissão junto ao público.⁶⁶ Segue, portanto, a transcrição do gráfico da pesquisa apresentada:

⁶⁵ FREITAS, 2014, p. 226.

⁶⁶ *Institut für Demoskopie Allensbach*. Allensbacher Berufsprestige-Skala, 2011. Disponível em: <http://www.ifd-allensbach.de/uploads/tx_reportsndocs/prd_1102.pdf> Acesso em: 17 agos. 2014.

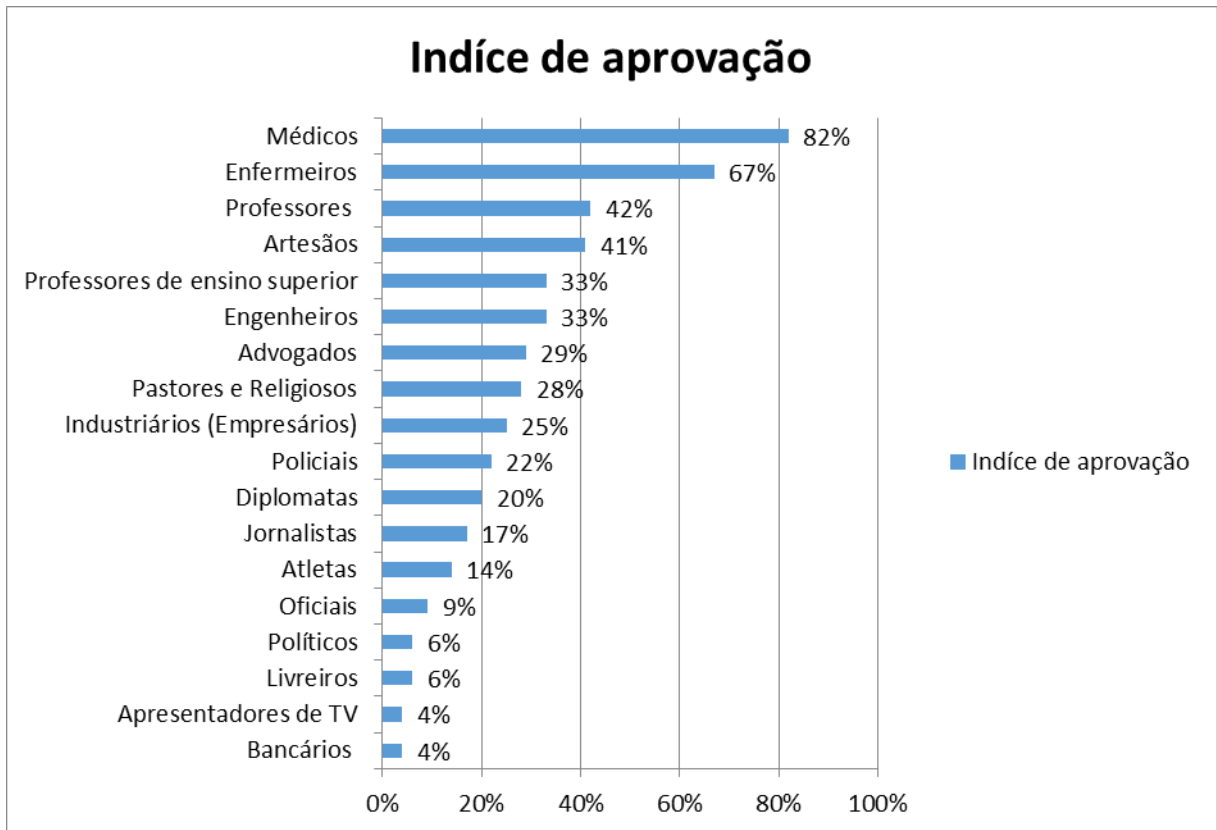


GRÁFICO 1 - adaptação do gráfico original. *Escala de Prestígio Profissional Allensbacher* – 2011. Pergunta: “Aqui estão descritas algumas profissões. Você pode por favor escolher cinco dentre elas que você mais valoriza e das quais você tem maior respeito”.

Em um segundo gráfico, apresentado pelo mesmo instituto de pesquisa, podemos observar a linha decrescente, que sinaliza para a perda gradativa de prestígio da profissão pastoral nos últimos 40 anos, lembrando que a partir de 2008 os escândalos da pedofilia se tornam recorrente na mídia, o que talvez explique a queda acentuada no prestígio dos religiosos após aquele período, conforme sinaliza o gráfico abaixo.

Prestígio Profissional – Pastores e Espiritualistas (religiosos)

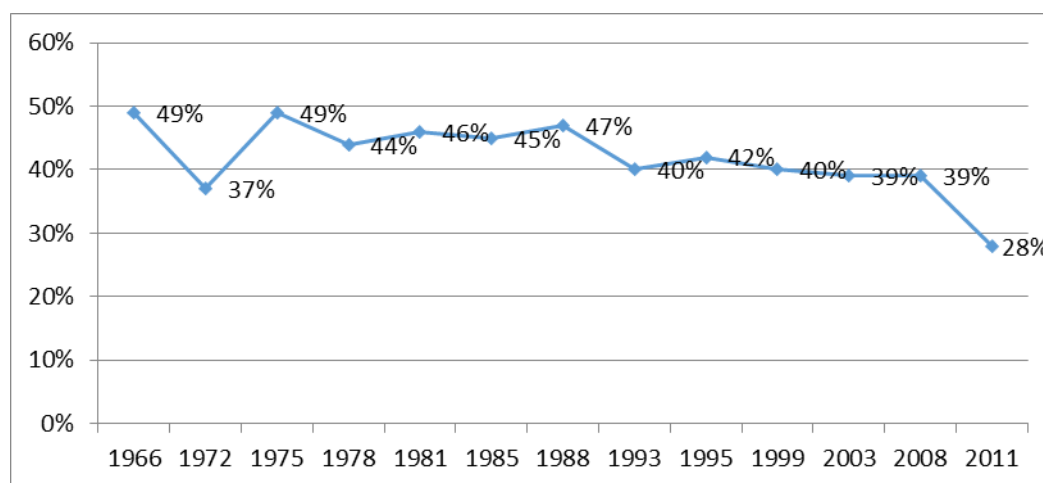


GRÁFICO 2 - adaptação própria do gráfico original.⁶⁷

Mesmo que não tenhamos encontrado pesquisas similares no contexto brasileiro, nem tampouco latino-americano, essa pesquisa alemã pode indicar uma tendência semelhante em toda sociedade ocidental. Há de se fazer referência, porém, que na replicação recente da pesquisa pelo mesmo Instituto alemão, realizada em agosto de 2013, o índice de prestígio profissional dos pastores subiu percentualmente 1%. Passaram de 28%, conforme mostrou o gráfico acima, para 29%.⁶⁸ Mesmo que seja um aumento ínfimo, o novo resultado rompe com a linha sequencial e contínua de declínio ocorrida desde 1995 e com a queda brusca que se visualiza a partir de 2008.

Em nosso entendimento, as mídias sociais têm tido um papel importante no sentido de contribuir para o processo de desconstrução da imagem da classe religiosa a partir da veiculação de imagens negativas a seu respeito. Mesmo que as informações sejam verídicas, sendo um retrato fiel da realidade que atinge muito religiosos, elas acabam atingindo toda a classe pastoral, mesmo aquele segmento que procura permanecer fiel aos princípios ético-morais-espirituais de sua profissão. A importância ou impacto das mídias e de suas informações numa sociedade em rede também é fundamentada pelo sociólogo Manuel Castells, que afirma de forma muito clara: “[...] a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social”.⁶⁹

⁶⁷ *Institut für Demoskopie Allensbach*. Allensbacher Berufsprestige-Skala, 2011. Disponível em: <http://www.ifd-allensbach.de/uploads/tx_reportsndocs/prd_1102.pdf> Acesso em: 17 ago. 2014.

⁶⁸ *Institut für Demoskopie Allensbach*. Allensbacher Berufsprestige-Skala 2013. Disponível em: <http://www.ifd-allensbach.de/uploads/tx_reportsndocs/PD_2013_05.pdf> Acesso em: 13 jul. 2015.

⁶⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. vol. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013. p. 573.

Uma rápida ou breve pesquisa documental que busque auferir a quantidade de notícias ou reportagens veiculadas pela mídia nos últimos vinte anos a respeito de pastores e sacerdotes já nos auxiliaria a perceber que o tipo de veiculação da imagem e identidade de pastores ou clérigos, seja em jornais, revistas, noticiários, charges e telenovelas faz pender a balança da imagem pastoral para uma representação social claramente negativa.

Em nosso país, talvez o início dessa “campanha” televisiva negativa aos pastores possa ser demarcado pelo episódio de 12 de outubro de 1995, quando o bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Sérgio von Helde, no programa *O Despertar da Fé*, transmitido pela Rede Record, profere insultos verbais e físicos contra uma imagem de Nossa Senhora de Aparecida. Esse episódio ficou conhecido como “o chute na santa” e teve grande repercussão na sociedade brasileira, atingindo negativamente a imagem de toda a classe pastoral, não só da denominação da qual o pastor/bispo pertencia.⁷⁰ Esse fato também é abordado no artigo de Ronaldo Almeida, intitulado “Dez anos do chute na santa – a intolerância com a diferença”.⁷¹

Seguiram-se a esse episódio uma série de outros escândalos ligados a pastores, especialmente enfocando casos de corrupção moral, financeira e sexual.⁷² O título *pastor* passa a ser continuamente associado com adjetivos como trambiqueiros, aproveitadores, imorais, gananciosos, ladrões, corruptos, intolerantes, radicais, fundamentalistas, homofóbicos etc. Documentários, programas e charges se encarregaram de veicular para a sociedade essa péssima imagem da figura do pastor, conforme podemos observar no anexo seis (6) que traz diversas charges nesse sentido.⁷³

As consequências dessa massiva veiculação negativa da imagem sacerdotal/pastoral certamente atingiram a todos que se utilizam do título *pastor*, mesmo no seio das igrejas protestantes históricas. Capas de revistas de ampla circulação nacional como as que seguem no anexo sete (7) possuem um potencial que contribuem para a generalização negativa da imagem religiosa/pastoral.

⁷⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. Sociologia do Novo Pentecostalismo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 53 ss.

⁷¹ ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do chute na santa – a intolerância com a diferença. *apud* SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

⁷² Um dos maiores escândalos no meio evangélico, ainda anterior ao do bispo Von Helde, envolveu o então principal tele-evangelista norte-americano, Jimmy Swaggart, que possuía um programa de televisão, também veiculado no Brasil na década de 1980 pela Rede Bandeirantes de Televisão. Em 1988 Swaggart renunciou de seu ministério por ter sido flagrado em adultério com uma prostituta. Ele próprio confessou publicamente isso num de seus programas. Também sofreu denúncia de sonegação fiscal nos Estados Unidos. Esse caso gerou um grande e negativo impacto sobre a imagem dos “pastores midiáticos”.

⁷³ É incontável o número de charges que tematizam de forma muito crítica e sarcástica a religião cristã, de maneira especial referindo-se a pastores, padres e sacerdotes. Muitas delas deixam explícito sobre a qual religião ou líder religioso estão se referindo. A crítica é normalmente embasada em fatos e notícias socializados pela mídia.

Nesse mesmo período, que compreende as duas últimas décadas, outro grande escândalo foi trazido à lume pelas redes de notícias, agora envolvendo a Igreja Católica, no que ficou conhecido como o *Escândalo da Pedofilia na Igreja*. As denúncias partiram dos problemas ocorridos na Igreja Católica dos Estados Unidos, principalmente na Arquidiocese de Boston, que esteve envolvida em uma série de escândalos de abuso sexual infantil. Em 2003, após anos de discussão nos tribunais, a Arquidiocese de Boston concordou em pagar US\$ 85 milhões em indenizações morais, após receber mais de quinhentos processos por abuso e omissão.⁷⁴

Com a divulgação desses escândalos pela mídia, deu-se o efeito “cascata”, ou seja, passaram a surgir denúncias em diversas outras Dioceses, em diferentes países. Na Alemanha, desde o início de 2010, pelo menos trezentas pessoas acusaram padres católicos de abuso sexual ou físico. Na Holanda foram mais de duzentos casos. Somam-se a essas múltiplas denúncias na Irlanda, Itália, Áustria e Suíça. Todos esses casos colocaram em xeque a imagem da Igreja Católica enquanto instituição, visto que o próprio Vaticano foi acusado de omissão, por saber dos escândalos e não tomar medidas para punir os agressores e coibir novos casos. Em 2002, o então Papa João Paulo II convocou uma reunião de emergência para tratar dos casos de pedofilia, mas novos escândalos surgiram, inclusive no Brasil.⁷⁵

No cenário brasileiro, o jornalista Roberto Cabrini abordou no seu programa *Conexão Repórter*, da rede de TV SBT, um documentário da rede inglesa BBC, tratando dos quarenta anos de Pedofilia da Igreja, desde que eclodiram os primeiros escândalos. Em outra edição do mesmo Programa, em 2010, o jornalista aborda a pedofilia na igreja católica no Brasil, com a chamada jornalística intitulada *Padres Pedófilos no Brasil*.

Mesmo que a Igreja Católica tenha pedido perdão publicamente por todos os escândalos envolvendo seus sacerdotes o estrago à sua imagem foi significativo, assim como foram significativos os estragos para o mundo evangélico os escândalos de corrupção envolvendo diversos pastores, que ainda permanecem sendo revelados nos dias atuais. A confluência de escândalos das duas das principais correntes cristãs, católica e evangélica, provavelmente contribuíram e continuam a contribuir para macular e desconstruir a imagem da classe religiosa/sacerdotal/pastoral cristã como um todo.

Em nosso entendimento, foram descritos acima dados suficientes para demonstrar que o conceito de imagem do pastor/sacerdote/ministro religioso tem sofrido incessantes ataques,

⁷⁴ *BBC Religião*. Conheça os escândalos mais recentes na Igreja em vários países. 26 de março de 2010. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/03/100326_igrejaescandalosml.shtml> Acesso em: 17 mai. 2015.

⁷⁵ *BBC Religião*, 2015, s/página.

que exigem dos “bons pastores e sacerdotes íntegros” um desmedido esforço para não deixar que tal imagem maculada interfira negativamente sobre o exercício de seu ministério pastoral particular. Insere-se aqui um importante conceito sociorelacional, que é o da confiança na convivência. O doutor e teólogo luterano Rudolf von Sinner aborda a temática em sua obra *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*, na qual afirma que “não seria possível viver nossa vida se não pudéssemos confiar sem nos preocupar, [...] Sem confiança não existe vida”.⁷⁶ Portanto, para von Sinner, o binômio confiança-convivência é absolutamente indispensável *na e para* a vida humana em sociedade, sendo essa não só uma virtude a ser seguida, mas também uma dádiva.

Essa temática foi, em parte, uma das questões investigadas em nossa pesquisa empírica. Mesmo que no texto da questão o conceito ‘confiança’ não esteja descrito, ele está, porém, totalmente implícito no seu teor. Perguntados se “na sociedade contemporânea os pastores precisam se esforçar para restaurar a imagem pública da função pastoral/sacerdotal, manchada por muitos escândalos” (questão 39), 92% dos pastores concordam com a afirmativa, sendo que 53% totalmente e 39% em parte. Isso demonstra o quanto essa questão mobiliza os pastores na atualidade, sendo provavelmente razão para um dispêndio de energia psíquica no exercício do ministério pastoral. Vemos isso na resposta de um dos pastores da pesquisa, que afirmou numa das questões abertas:

Tenho a impressão que o próprio termo "pastor" é pejorativo atualmente. Traz a imagem, principalmente, de pessoa que explora os outros, que age levemente com a verdadeira espiritualidade cristã. Isso tem causado um grande desgaste na vida daqueles pastores que buscam desempenhar a função pastoral com seriedade e integridade. (anexo 5, questão 48, nº 11)

Penso ter sido possível verificar até aqui a importância do conceito *Imagem pastoral*, no sentido de que a imagem é um construto pessoal, institucional, social e cultural, que terá muita influência sobre o próximo conceito a ser abordado: a identidade.

1.3 A Identidade

Se o conceito de imagem já se mostrou amplo e de difícil conceituação, o conceito de identidade se mostrará ainda mais complexo. A vantagem que temos em abordá-lo é a de que identidade é um conceito clássico no campo da psicologia e sociologia, sendo bastante

⁷⁶ VON SINER, Rudolf. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. In: _____. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9-25. p. 11.

discutido e tematizado na contemporaneidade, o que facilita a busca de um referencial teórico qualificado para sua plena compreensão.

1.3.1 O conceito de identidade

O fato de ser um conceito clássico, não faz da identidade um conceito unívoco. Pelo contrário, a discussão em torno de seu sentido perpassa diferentes áreas das ciências humanas e sociais nas suas mais diferentes correntes e tendências, que analisadas complementarmente podem auxiliar a compreender o termo em toda a sua complexidade.

Alguns desses diferentes vieses conceituais são indicados pelo teólogo católico Vinícius Teixeira, quando cita três ciências: a psicologia, a sociologia e a filosofia. A psicologia enfoca os processos de identificação como imprescindíveis à formação da identidade, sempre num contexto dinâmico e evolutivo. A sociologia vai enfatizar a influência do meio social na construção da identidade. Já a filosofia, especialmente a de corte personalista, aponta para o “caráter dialético do conceito de identidade, construído na confluência entre interioridade e exterioridade”.⁷⁷

Fica evidente, desde o início, que o conceito de identidade perpassa o ser humano em sua integralidade, em todos os campos relacionais possíveis: intra e interpessoais, intra e interinstitucionais, intra e interculturais. Isso torna o conceito de identidade subjetivo e dinâmico, por essência. Afinal, o ser humano é um ser de relações plurais e cotidianas, que influenciam, constroem e modificam o indivíduo no seu ser e estar no mundo a cada nova experiência que vivencia, do nascimento à morte.

Posto este pano de fundo sobre a identidade, passemos a ver como ela é conceituada. O Dicionário Houaiss define identidade como “a qualidade do que é idêntico; conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la”.⁷⁸

Já o doutor e teólogo católico Roberto Daunis, ao abordar o desenvolvimento da identidade, a define “como a qualidade ou condição de cada ser humano individual de ser ele mesmo nos aspectos característicos da própria personalidade e interações com os outros, possuindo a consciência deste processo”.⁷⁹

⁷⁷ TEIXEIRA, Vinícius Augusto Ribeiro. Identidade: construção, abertura e interiorização. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. fascículo 286, p. 431-436, Abril, 2012. p. 431.

⁷⁸ HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 1043.

⁷⁹ DAUNIS, Roberto. *Jovens desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 92.

Santos também discorre sobre a identidade num aspecto psicodinâmico, apontando para o seu complexo processo de construção.

Psicodinamicamente, a identidade se constrói desde o início da evolução embrional. Radica-se no biológico, é tecida pelas relações com as pessoas, ambiente, clima, sofre o impacto dos padrões culturais da época, das estruturas às quais o indivíduo pertence, passa por um processo de refusão no embate com os valores da cultura com a qual se familiariza.⁸⁰

Manuel Castells, importante sociólogo, pelo viés epistemológico da sociologia, vai apontar para essa construção contínua da identidade, mostrando que ela pode ser ressignificada a partir das reorganizações individuais, sociais e culturais a que o ser humano é submetido ou se submete.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social bem como em sua visão de tempo/espaço.⁸¹

Stuart Hall, outro renomado sociólogo contemporâneo, ao abordar o conceito de identidade, influenciado pelo pensamento freudiano, vai descrevê-la como sendo sempre incompleta, num interminável processo de formação. Hall assim a define:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude.⁸²

A identidade é, outrossim, uma instância em permanente processo de construção, podendo sofrer mudanças significativas em muitos de seus aspectos, em função das contingências da vida, das quais o ser humano é tanto produto – em situações em que não tem poder de ingerência – quanto produtor, a partir de sua autonomia e liberdade decisória.

⁸⁰ SANTOS, 2010, p. 29.

⁸¹ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 23.

⁸² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 39.

Há, entretanto, alguns aspectos da identidade que, se não forem imutáveis, pelo menos deveriam ser sólidos, indicando aquilo que constitui cada indivíduo essencialmente e que é manifesto em sua forma própria e singular de pensar, sentir e agir, ou seja, de ser pessoa.

É isso que Teixeira afirma ao caracterizar o conceito de identidade:

Pela identidade, distinguimo-nos dos outros, explicitando e tornando visíveis nossos traços característicos. Toda identidade, portanto, possui uma dupla estrutura: *interior*, que comporta valores, predisposições, convicções e motivações, e *exterior*, que se traduz num *modus vivendi et operandi*, ou seja, numa maneira própria de viver e atuar na história.⁸³

A psicóloga empresarial Márcia Regina Banov, ao definir identidade, diz que ela está relacionada com a questão “eu sou”, definindo e identificando quem é a pessoa. “A identidade é formada dentro do processo de socialização e é dependente dos valores que a pessoa assimilou do seu grupo social”.⁸⁴

Já Pierre Bühler, teólogo suíço, ao tratar dos processos formativos da identidade, vai além, afirmando:

A busca da identidade se realiza antes como um processo dinâmico que coloca o homem no campo animado das interações múltiplas com tudo o que o cerca. A identidade, enquanto identificação, se elabora pela integração dos diversos aspectos que constituem a realidade do homem numa perspectiva de unidade que lhe dá sentido, consistência e conteúdo.⁸⁵

João Batista Libânio, importante teólogo católico, recentemente falecido, vai ao encontro dessa última definição ao trazer para a discussão do conceito de identidade a ideia da relação, que traz em si a dupla qualidade de mostrar tanto a permanência quanto a mudança. Para Libânio a identidade possui essa dupla característica, permanecendo com elementos constantes mesmo na mudança. A perda da identidade – exemplificada pela mudança de elementos – bem como a fixidez rígida da identidade – normalmente surgida como um mecanismo de autodefesa – são os extremos que se configuram numa identidade não saudável, percebidas frequentemente no período em que nos encontramos agora, da pós-modernidade.⁸⁶

⁸³ TEIXEIRA, 2012, p. 432.

⁸⁴ BANOVA, Márcia Regina. *Psicologia no gerenciamento de pessoas*. São Paulo: Atlas, 2008. p. 102.

⁸⁵ BÜHLER, Pierre. A identidade cristã: entre a objetividade e a subjetividade. *apud* TEIXEIRA, 2012, p. 431-436, p. 433.

⁸⁶ LIBÂNIO, João Batista. *Identidade na Pós-modernidade*. Publicado em 06/06/2011. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=170>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

Portanto, conforme Libânio “a identidade reestrutura-se processual e historicamente. E isso só acontece se for mantida a dialética da conservação da própria identidade com as modificações pedidas pelo processo e pelas novas situações históricas”.⁸⁷

Anselm Strauss, citado pelo doutor e cientista social Rennê Martins, também concebe a identidade como um processo dinâmico e sempre em curso. Porém, a contribuição desse autor para o nosso trabalho é a de que ele reforça a indissociabilidade da identidade individual e coletiva, pois afirma que “é o processo de interação entre a esfera individual e as estruturas sociais que colabora para delinear, formar ou estabelecer a identidade”.⁸⁸ Ou seja, uma pessoa identifica-se com determinado grupo ou passa a fazer parte dele pelo fato de apresentar características comuns a ele, numa síntese entre biografia pessoal e processos sociais e institucionais.

Dessa forma, para Martins, há uma estreita relação entre a identidade individual e profissional, definida assim pelo autor:

Identidade pode ser aprendida como algo que identifica um grupo como tal, sua identidade coletiva compartilhada com os demais membros. O grupo profissional possui essas características comuns que fazem com que o indivíduo compartilhe do *ethos* comum ao grupo, ao coletivo, mas, ao mesmo tempo, que não retire sua identidade individual. Portanto, o indivíduo incorpora características condizentes com as estruturas específicas das quais recebe influências diretamente.⁸⁹

Numa diferenciação dos dois conceitos que vem sendo até aqui estudados, é importante reafirmar que *identidade* é a realidade singular de cada ser humano, aquilo que lhe é plenamente autêntico e essencial, ao passo que o conceito *imagem* é uma exteriorização de parte do que somos, podendo comportar até mesmo um *falso eu*, ou no dizer de Jung, a representação de uma *persona*, num personagem que não necessariamente irá representar a pessoa que está por trás da máscara, conceito que será melhor desenvolvido no próximo capítulo.

Finalmente, buscamos ainda o conceito de identidade trazido por Castells, em sua obra *A sociedade em rede*, onde o autor discute a influência da sociedade informacional na constituição das novas identidades.

[...] a tendência social e política característica da década de 1990 era a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas,

⁸⁷ LIBÂNIO, 2011, s/página.

⁸⁸ MARTINS, Rennê. A construção social da imagem da OAB na mídia. In: BONELLI, Maria da Glória. *et al.* *Profissões jurídicas, identidades e imagem pública*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2006. p. 102.

⁸⁹ MARTINS, 2006, p. 102.

enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significado e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. Afirmção de identidade não significa necessariamente incapacidade de relacionar-se com outras identidades [...], ou abarcar toda a sociedade sob essa identidade [...]. Mas as relações sociais são definidas *vis-à-vis* as outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade.⁹⁰

Definido o conceito de identidade, passamos agora a verificar desdobramentos ou especificidades desse mesmo conceito, iniciando pelo conceito de identidade social, também chamado de identidade do papel, como veremos a seguir.

1.3.2 Identidade social ou do papel

De modo um pouco diverso das posições acima manifestadas, alguns autores defendem a ideia de que é impossível definir identidade, na perspectiva de que o ser humano não possuiria uma, mas várias identidades: sexual, de gênero, étnica, cultural, religiosa, familiar, profissional, intelectual etc. Em nosso entendimento essa visão não é contraditória com a anterior, mas simplesmente complementar. Portanto, é possível sim se falar de diferentes identidades, ou melhor dizendo, de diferentes *papeis sociais* que um indivíduo ocupa ou exerce na sua vida cotidiana.

Stephen Robbins, um dos mais proeminentes estudiosos da área de gestão e comportamento organizacional, define o conceito de *papel* como um “conjunto de padrões comportamentais esperados, atribuídos a alguém que ocupa uma determinada posição em uma unidade social”.⁹¹ Quando um indivíduo desempenha cotidianamente um desses papéis ele acaba estabelecendo o que se chama de *identidade do papel*, que é o conjunto de “determinadas atitudes e comportamentos efetivos consistentes com um papel”.⁹²

Outros fenômenos importantes serão decorrentes dessa *identidade do papel*. O primeiro deles refere-se à *percepção do papel*, que é a visão que um sujeito tem sobre como deve agir em uma determinada situação. Com base na interpretação de como acredita que

⁹⁰ CASTELLS, 2013, p. 57-8.

⁹¹ ROBBINS, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005. p. 189.

⁹² ROBBINS, 2005, p. 189.

deve se comportar, o indivíduo passa a assumir certo tipo de comportamento. Tais percepções surgem dos estímulos que o rodeiam.⁹³

No caso da aspiração para a assunção do papel pastoral, essa percepção começa a ser formada desde o momento em que o indivíduo passa a conviver na comunidade religiosa a que pertence. Essa percepção vai se consolidando ou se alterando a partir das diferentes formas de interações com os pastores e líderes religiosos. Em nossa função docente, que implica conduzir entrevistas com os candidatos ao Seminário e ministério pastoral da igreja, são reiteradas as falas que afirmam que um dos motivos para buscar o pastorado está no modelo inspirador de seu próprio pastor.

Com o ingresso no Seminário essa percepção vai se remoldando na convivência com professores de teologia, colegas seminaristas e supervisores pastorais, assim como na compreensão e assimilação teológica dos conceitos ligados ao ministério pastoral, na observância das qualificações e virtudes exigidas para o exercício do ministério e na própria reflexão sobre a imagem pública do pastorado, a partir de suas próprias experiências. Ou seja, a *identidade de papel* vai se formando e se reformatando continuamente.

O doutor em psicologia social, Antonio da Costa Ciampa, fala de algo semelhante quando propõe uma diferença entre o conceito de *identidade* e de *personagem*. Diz Ciampa:

Identidade, que inicialmente assume a forma de um nome próprio, vai adotando outras formas de predicções, como papéis, especialmente. Porém, a forma personagem expressa melhor isto na sua generalidade. Um nome, efetivamente, nomeia uma personagem. No teatro isto fica claro: um ator representa “Hamlet” e poderá dizer que é seu papel. Um papel, de fato, pelo menos em termos de identidade, designa uma personagem. [...] A identidade então assume a forma de personagem, ainda que esta seja chamada pelo nome próprio, por um apelido, por um papel etc.⁹⁴

Aqui insere-se um elemento ou pergunta importante: ser pastor, então, é um papel ou personagem a ser desempenhado? A resposta tende a ser afirmativa, o que é, inclusive, reforçado pelo uso do talar ou batina, onde já se ascende ao personagem pela própria vestimenta que é usada. Como o *papel* se refere à função exercida por alguém na sociedade ou cultura, o papel pastoral, que é construído ou padronizado previamente pelas instituições religiosas e pela própria cultura, acaba designando um roteiro prévio a ser seguido por todo aquele que pretende personificar tal papel. O papel pastoral dentro da instituição religiosa é o mesmo para todos os que anseiam “representá-lo”.

⁹³ ROBBINS, 2005, p. 190.

⁹⁴ CIAMPA, Antonio da Costa. *A história de Severino e a estória da Severina*. São Paulo: Editora Brasiliense, 7. reimpressão, 2001. p. 134.

Santos vai aprofundar essa discussão colocando um elemento a mais, que é a relação da objetividade do papel com a subjetividade do presbítero, afirmando que cada presbítero poderá desempenhar esse papel de uma maneira singular, a partir de seus talentos, compreensão e assimilação do papel a ele confiado. Mesmo que a definição abaixo seja dada num contexto católico, podemos concordar integralmente com ela, bastando alterar o nome da denominação religiosa para sustentarmos a ideia do autor num contexto protestante.

O papel é uma forma de identificação do presbítero, é uma determinação objetiva que se deve subjetivar na vida de cada presbítero. Mas para que essa identificação seja perfeita ou gere menos conflito na vida do indivíduo, faz-se necessário que subjetivamente o indivíduo almeje, deseje, busque aquele papel de presbítero. A liberdade do indivíduo está em aceitar ou não esse papel. Uma vez aceito, a inspeção e o controle do papel é feita pelo magistério da Igreja Católica que detém o monopólio desse papel e também pela comunidade dos crentes onde ele estará inserido. Procurando a unidade da subjetividade e objetividade, o presbítero deve relacionar seu agir com a finalidade, relacionando desejo e finalidade, pela prática transformadora de si mesmo, [...].⁹⁵

Compreendida a *identidade de papel*, que exige um processo de transformação de si mesmo para a identificação plena com o papel social que se deseja cumprir, passemos a uma face complementar desse conceito, intimamente ligada a que acabamos de descrever: a identidade profissional, que é um tipo específico de identidade de papel.

1.3.3 A identidade profissional ou ocupacional

Seguindo na perspectiva de uma delimitação do conceito de identidade, passamos a definir aquilo que é entendido como *identidade profissional ou ocupacional*. Esta faz parte da identidade integral da pessoa, sendo exercida nas atividades profissionais e estando ligado ao cargo e hierarquia ocupados em dada empresa ou organização. Esta identidade exige que o indivíduo se desenvolva na profissão que escolheu, buscando se apropriar das aptidões e atributos exigidos para o desempenho qualificado de sua função.⁹⁶ Toda a identidade ocupacional já possui uma imagem previamente estabelecida que precisa ser atendida o mais integralmente possível pelo profissional que pretende ingressar nela, inclusive no pastorado, que é algo similar à *identidade de papel* recém descrita.

Dessa imagem/identidade decorre mais um fenômeno, denominado de *expectativas do papel*, que são as formas como os outros acreditam que devemos agir em determinada situação. Para Robbins, a forma como o indivíduo se comporta é determinada, em grande

⁹⁵ SANTOS, 2010, p. 127.

⁹⁶ BANOVA, 2008, p. 102-3.

parte, pelo papel definido no contexto no qual ele atua. No contexto do exercício profissional, surge um contrato psicológico tácito, que estabelece expectativas mútuas entre empregado e empregadores, que precisam ser cumpridos,⁹⁷ o que não exclui também os aspectos explícitos dessa identidade. Nesse aspecto, passa a existir uma relação importante entre as expectativas da comunidade com a identidade pastoral que é veiculada no imaginário cristão, aspecto que será descrito logo a seguir.

Já Martins, há pouco citado, ao abordar a construção das identidades profissionais faz uma observação pertinente ao afirmar que “as profissões não são formadas por grupos homogêneos, ao contrário, há heterogeneidade em sua composição”.⁹⁸ Se Martins afirma isso num contexto do meio jurídico, tanto mais isso se aplica no meio eclesiástico, que é demarcado por diferenças significativas na constituição da imagem e identidade dos sacerdotes nas diversas denominações religiosas existentes. Novamente podemos transpor as considerações de Martins para o contexto religioso, quando ele afirma:

A trajetória profissional, os valores compartilhados pelo grupo, os papéis exercidos, o perfil biográfico, a percepção da população sobre as carreiras, a imagem interna e externa do grupo, sua presença na mídia, enfim, a dinâmica das relações sociais do grupo profissional tanto interna quanto externamente vai contribuindo para estimular e fortalecer sua identidade, que pode tanto ser questionada nas redes internas de socialização como pode ser percebida de maneira homogênea, fazendo com que a imagem externa seja de um grupo coeso (...). Uma parte da construção da identidade profissional pode ser percebida na mídia.⁹⁹

Levando em consideração as afirmações de Martins, torna-se necessário abordar a imagem e identidade profissional do clero em termos mais amplos, visto que a mídia, ao trazer notícias negativas, desabonadoras e escândalos ligados a pastores ou igrejas evangélicas, não se preocupa muito em discriminar a qual denominação estes pertencem. Com exceção aos escândalos acontecidos com sacerdotes dentro da Igreja Católica, que conseguem ser melhor discriminados pela mídia e pelo público, a imagem externa da classe sacerdotal ou pastoral é vista pela sociedade, pelo menos a grosso modo, como uma unidade coesa, como já enunciamos há pouco nesse capítulo.

Ainda no contexto da definição da identidade profissional do clero volta a questão sinalizada anteriormente, a respeito da vocação ou profissionalização do sacerdócio. O doutor, teólogo e filósofo José Queiroz, ao tratar do tema da profissionalização, não do pastorado, mas da teologia, faz a seguinte constatação:

⁹⁷ ROBBINS. 2005, p. 189.

⁹⁸ MARTINS, 2006, p. 101.

⁹⁹ MARTINS, 2006. p. 101-2.

Este breve panorama da “secularização” da teologia indica que estamos diante de uma área que já constituiu, na prática, um grande segmento profissional, embora ainda desorganizado e desarticulado como profissão. [...] constatei com grande surpresa que o *Dicionário das Profissões*, publicados pelo CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola), faz constar a teologia entre as inúmeras profissões. [...] Descreve as atividades do profissional teólogo (orientação religiosa no primeiro e segundo graus, ensinamentos bíblicos ou de outros livros sagrados, atividades eclesiais); enumera os requisitos pessoais para exercer a profissão e estabelece o currículo mínimo para a formação.¹⁰⁰

O dado curioso encontrado em nossa pesquisa, citado em outras seções dessa tese, indica que 94% dos pastores que participaram da pesquisa “sentem que Deus os escolheu e vocacionou para o ministério pastoral” (questão 17), com 78% dos pastores concordando totalmente com tal assertiva. O índice geral de concordância em 94% é um número muito significativo, que poderia até ser interpretado como um questionamento à crescente visão da profissionalização pastoral, ou seja, busca-se o pastorado por uma questão vocacional interna e não como uma possibilidade de mercado de trabalho emergente. Porém, essa é apenas uma hipótese, visto que o instrumento de pesquisa falhou em não ter perguntado se o ministério nos dias de hoje seria visto mais como uma profissão do que uma vocação.

1.3.4 A identidade pastoral e a identidade do pastor

Finalmente chegamos à delimitação final de nosso conceito de identidade. Veremos que definir a *identidade pastoral* também não é tarefa simples. A compreensão e caracterização da identidade pastoral passa por variações históricas, no tempo e no espaço, além de ser diferenciada em cada um dos grupos religiosos cristãos que coexistem na contemporaneidade.

Ao pesquisarmos esse conceito, chama a atenção no meio teológico protestante, não apenas brasileiro, a escassa pesquisa e produção acadêmica a respeito da temática *imagem e identidade pastorais*.

Samuel Park, no contexto acadêmico norte-americano, em sua tese doutoral, na qual tematiza a identidade pastoral como uma construção social, faz algumas afirmativas importantes justamente apontando para uma certa incongruência ou paradoxo dessa temática teológica. Para Park, ao mesmo tempo que o conceito de identidade pastoral deveria ser

¹⁰⁰ QUEIROZ, José J. Caminhos da profissionalização da teologia. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Teologia: Profissão*. São Paulo: Edições Loyola e SOTER, 1996. p. 89-90.

central para uma compreensão do ministério pastoral, pouco se tem publicado academicamente sobre o assunto.¹⁰¹ Diz Park:

Ironicamente, no entanto, poucos volumes publicados examinam de forma intensiva e exclusiva o tema essencial da identidade pastoral. (Instituto de Cuidado Pastoral, 1966). O banco inteiro de dados sobre religião ATLA, por exemplo, encontrou apenas 28 achados relativos à palavra-chave *identidade pastoral*. Alguns estudiosos e teólogos podem ter lidado com o tema implicitamente em seus escritos usando algumas outras palavras-chave, tais como identidade teológica, ministerial, profissional e de papel. No entanto, o resultado de 28 entradas é muito escasso, dada a importância do conceito de identidade pastoral no ministério cristão e disciplinas pastorais. De forma ainda mais surpreendente, nenhum autor tem utilizado o termo identidade pastoral no título de seus livros publicados, ou ainda em artigos de periódicos e dissertações não publicadas (para dissertações de doutorado ver Alegiani Belogour, 2007; Crumpler, 1994; Edgar, 1985; Hardwick, 1995; McFayden, 1994; Yang, 2002)¹⁰²

Mesmo que o foco do trabalho de Park tenha sido entre pastores que exercem de forma mais específica o ministério do aconselhamento e cura d'almas, não enfocando o pastorado tradicional de comunidades, os achados de sua pesquisa nos fornecem elementos aplicáveis para todo o contexto do ministério pastoral, visto a expressão *identidade pastoral* pertencer a um universo mais amplo do que apenas à área do aconselhamento e cura d'almas.

Já no contexto brasileiro, uma das poucas obras de referência que tratam do assunto *identidade pastoral* no meio protestante é do psicólogo e professor de teologia Merval Rosa que, em 2001, escreveu a obra *O Ministro Evangélico: sua Identidade e Integridade*, trabalhando o tema do ministério pastoral e suas implicações emocionais e espirituais no contexto do pastorado batista.¹⁰³

Também no meio presbiteriano, outra igreja protestante histórica, encontramos alguns trabalhos que tematizam a identidade profissional do pastor, especialmente

¹⁰¹ PARK, Samuel. Pastoral identity as social construction: an exploration of pastoral identity in postmodern, intercultural, and multifaith contexts. *Dissertation*. Presented to the Faculty of the Brite Divinity School. Fort Worth, Texas, May 2010. Disponível em: <<https://repository.tcu.edu/bitstream/handle/116099117/4260/Park.pdf?sequence=1>> Acesso em: 12 ago. 2015.

¹⁰² PARK, 2010, s/página. Tradução própria. "Ironically, however, few published volumes intensively and exclusively examine the essential theme of pastoral identity (e.g., Institute of Pastoral Care, 1966). The entire ATLA religion database, for example, yielded only 28 hits for the keyword *pastoral identity* (as of October 30, 2008). Some scholars and theologians may have dealt with the topic implicitly in their writings by using some other keywords, such as theological, professional, ministerial, and role identity. Nonetheless, the result of 28 entries is far too sparse, given the importance of the concept of pastoral identity in Christian ministry and pastoral disciplines. Even more astonishingly, no authors have used the term *pastoral identity* in the title of their published books, other than some journal articles and unpublished dissertations (for doctoral dissertations, see Alegiani Belogour, 2007; Crumpler, 1994; Edgar, 1985; Hardwick, 1995; McFayden, 1994; Yang, 2002)".

¹⁰³ ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. 2.ed. revista e ampliada. Recife: edição do Autor, 2001.

desenvolvidos por Leonildo Silveira Campos e José Roberto da Silveira.¹⁰⁴ Já na igreja luterana investigada na pesquisa, a IELB, um único estudo sobre o tema foi encontrado, sendo um trabalho de conclusão de curso em psicologia, realizado pelo pastor luterano Wesley Hoffmann, intitulado *A escolha por ser pastor: uma questão de identidade social*. Essa foi uma pesquisa qualitativa, na qual o autor entrevistou cinco pastores da cidade de Vitória, Espírito Santo, acerca do ofício pastoral e suas implicações sob o ponto de vista psicológico.¹⁰⁵ Na IECLB, mesmo que tenha sido abordado a partir de um enfoque de gênero, fugindo ao escopo da presente tese, o ministério pastoral foi tema da dissertação de mestrado de Musskopf. Nesse seu trabalho o autor desenvolve alguns dos conceitos que transversalizam a nossa pesquisa, especialmente a partir de elementos históricos, desde a Igreja Cristã neotestamentária até a Reforma, como vocação, ordenação, separação entre clero e laicato, ministério ordenado etc.¹⁰⁶

Em função dessa escassez teórica no meio do protestantismo histórico, precisamos tomar emprestado a caminhada de uma denominação religiosa que tem se ocupado, já há algumas décadas, do tema da identidade sacerdotal de forma muito ampla e profunda, especialmente a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Falamos da Igreja Católica Apostólica Romana.

Mesmo que a concepção católico-romana de pastorado ou sacerdócio seja significativamente diferente da denominação protestante que é objeto de estudo dessa tese, os estudos desenvolvidos pelos católicos sobre a identidade pastoral/sacerdotal/presbiterial, especialmente sob o ponto de vista da transformação a que essa identidade está sofrendo na contemporaneidade são plenamente aplicáveis para o contexto protestante.

¹⁰⁴ Entre os trabalhos citamos: CAMPOS, Leonildo S. *Destino pessoal e organização religiosa – um estudo de carreiras pastorais no interior de uma organização religiosa*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1987.; _____. A crise na formação do pastor protestante em um contexto de pós-modernidade. In: *Contexto Pastoral*, ano VII, n. 39, set/97. _____. As mudanças no campo religioso brasileiro e seus reflexos na profissionalização do pastor protestante. In: *Teoria e Pesquisa*. 40/41, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, jan-jul, 2002.; SILVEIRA, José Roberto. A profissão de pastor presbiteriano na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005; _____. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. *Âncora - Revista Digital em Estudos da religião*; SOUZA, Wilson Emerick. *Pastores em crise: O conflito da identidade social do pastor Presbiteriano*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. 139 p.

¹⁰⁵ Não tivemos acesso a esse trabalho, apenas a uma resenha do mesmo publicada na *Revista Mensageiro Luterano*, de junho 2014. Recebemos, a posteriori, um artigo do autor referente a sua pesquisa, porém sem a referência à revista na qual foi publicada. Segue o título do trabalho original: HOFFMANN, Wesley. *A escolha por ser pastor luterano: uma questão de identidade social*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade Brasileira.

¹⁰⁶ MUSSKOPF, André. *Talar Rosa – Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a ordenação ao ministério eclesialístico e o exercício do ministério ordenado por homossexuais*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004. 209 p., especialmente p. 143-184.

De maneira muito especial nos servirá de referência a obra do psicólogo social e presbítero Dr. Jésus Benedicto dos Santos, intitulada *O Presbítero Católico: uma identidade em transformação* (2010), que se originou da tese de doutorado em Psicologia Social defendida pelo mesmo autor na PUC de São Paulo. Esse autor também nos fornece excelentes subsídios na perspectiva de análise das fontes de idealização do ministério pastoral, que por consequência irão gerar o sofrimento e neurose pastorais, aspectos a serem trabalhados nos próximos capítulos da tese.

Uma das primeiras contribuições de Santos é resgatar e aprofundar a importante e necessária distinção entre dois tipos de identidade ligadas ao ministério pastoral: a primeira ele chama de *identidade presbiterial*, a outra de *identidade do presbítero*.¹⁰⁷ Essa bifurcação entre esses dois tipos de identidade teriam o objetivo de “fortalecer o princípio de que entre uma e outra deve haver uma distância para que o presbítero possa entender-se como ‘presbítero’ e não como ‘outro’.”¹⁰⁸ Lembra ainda o autor que a *identidade presbiterial* é uma representação pública, social e institucional, funcionando como um modelo para todos aqueles que querem se formar presbíteros, tendo uma importante interferência na formação dos mesmos. Ou seja, a *identidade presbiterial* padroniza previamente, identificando o que faz ou o que deve fazer o presbítero.¹⁰⁹ Já a *identidade do presbítero* diz respeito ao seu mundo pessoal e subjetivo, do ‘seu eu’.

Ferreira, ao tratar do mesmo tema, consegue sintetizar a diferença entre essas duas identidades de forma muito clara.

[...] a identidade presbiterial significa uma representação social compartilhada no mundo da vida e reconhecida como autêntica pela igreja, ou seja, é uma identidade de caráter social, oficial, que se compartilha nos discursos e manifestações sociais. Já a identidade do presbítero nasce do confronto da história da vida particular do eu real com a identidade presbiterial e, nesse caso, ganham importância a subjetividade, a realização pessoal, a felicidade, a clareza do projeto pessoal de vida.¹¹⁰

Percebe-se, nessa definição, que não há como cindir as duas identidades, a social e a particular, sendo que elas precisarão ser integradas na vida real e concreta de cada pastor, sendo esse um desafio pessoal intransferível de cada indivíduo que ingressar no ministério.

¹⁰⁷ O uso do termo presbítero, que não é usual na igreja protestante pesquisada na tese, será mantido algumas vezes ao longo do texto, até porque o seu sentido é análogo ao termo pastor, termo corrente para indicar aquele que exerce o ministério pastoral na igreja protestante pesquisada.

¹⁰⁸ SANTOS, 2010, p. 27-8.

¹⁰⁹ SANTOS, 2010, p. 27-9.

¹¹⁰ FERREIRA, Sandro. Comunicados do 14º Encontro Nacional de Presbíteros. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. fascículo 286, p. 431-436, abril, 2012.

Buscamos auferir em nossa pesquisa de campo o quanto os pastores conseguem integrar essas duas identidades. Ao serem perguntado se “o pastorado seria um eixo organizador de sua vida, um projeto pessoal que não gostariam nunca de abandonar” (questão 18), 78% dos pastores respondentes concordaram com tal assertiva. (43% concordaram totalmente e 35 % em parte). Esse resultado indica o quanto podem se fundir elementos da identidade pessoal do pastor com a identidade presbiterial, no sentido dessa identidade ser um eixo organizador de sua vida pessoal.

Santos, porém, afirma que nem sempre essa integração vai ocorrer de forma tranquila, podendo ser uma das fontes geradoras de sofrimento, como indicará o final de sua afirmativa descrita abaixo:

[...] para manter uma identidade presbiterial para todos os presbíteros, precisa-se de muita coerção e convencimento. Algo que parece fictício, no momento, se pensarmos a vida do presbítero numa amplitude maior. Uma “identidade presbiterial” coesa, sobrepondo-se ao indivíduo presbítero, numa sociedade pluralista, estará sentenciada a permanecer incompleta e precária, um projeto a exigir uma contínua vigilância, um esforço gigantesco e com emprego de boa dose de força, a fim de assegurar que a exigência seja ouvida e obedecida. Se esse projeto consegue se firmar, ele se faz com boa dose de exclusão ou de anulação do indivíduo.¹¹¹

Esse último aspecto trazido por Santos, de que há um grande perigo da identidade presbiterial anular a identidade do presbítero, é descrito por Paul D. Tripp em sua obra *Dangerous Calling*.¹¹² Numa autoanálise de sua vida, Tripp admite que permitiu que o ministério definisse a sua identidade, no que considerou um dos passos para o seu próprio desastre, levando-o a se tornar uma pessoa raivosa e amargurada. Para Tripp esse é um perigo que pode atingir a todos que exercem o ministério pastoral. Diz Tripp:

O ministério havia se tornado minha identidade. Não, eu não pensava em mim como um filho de Deus, em necessidade diária da graça, em meio à minha própria santificação, ainda em batalha com o pecado, ainda necessitando do corpo de Cristo e chamado para o ministério pastoral. Não, eu pensava em mim como um *pastor*. É isso e ponto final. O ofício de pastor era mais do que um chamado e uma série de dons dados por Deus que haviam sido reconhecidos pelo corpo de Cristo. “Pastor” era o que me definia. *Pastor Era* eu, de uma forma que era mais perigosa do que eu poderia imaginar. Permita-me explicar a dinâmica espiritual de tudo isso.

De modo que meus olhos não o viam e meu coração ainda não estava pronto para abraçar, meu cristianismo deixara de ser um relacionamento. Sim, eu sabia que Deus é meu Pai e eu sou seu filho, mas no final as coisas pareciam diferentes. Minha fé se tornara um chamado profissional. Havia se tornado meu “trabalho”. Meu papel como pastor era a maneira como eu me via. Moldava o modo como eu me

¹¹¹ SANTOS, 2010, p. 32-3.

¹¹² TRIPP, Paul David. *Dangerous Calling: Confronting the Unique Challenges of Pastoral Ministry*. Wheaton, Ill.: Crossway, 2012.

relacionava com Deus. Moldava meu relacionamento com as pessoas em minha vida. Meu chamado havia se tornado minha identidade, e eu estava em dificuldade e eu nem tinha ideia disso. Eu estava perto do desastre, e se não tivesse sido raiva, teria sido alguma outra coisa.

Não é nenhuma surpresa para mim de que há muitos pastores amargurados por aí, muitos que se sentem mal socialmente, muitos que têm relacionamentos confusos ou disfuncionais em casa, muitos que têm relacionamentos tensos com os membros de sua equipe de trabalho ou líderes leigos e muitos que lutam com pecados secretos, não confessados.¹¹³

Vemos no relato de Tripp a que ponto pode chegar a sobreposição/imposição da identidade presbiterial sobre a identidade pessoal do presbítero. Como diz Tripp, esse é um dos caminhos para o desastre, fonte certa de sofrimento. Nesse sentido, precisamos concordar que um certo profissionalismo pastoral, entendido como um adequado distanciamento entre o pastor e sua função, é algo essencial para que o pastor possa suportar algumas crises no ministério, não permitindo essa “fusão” inadequada e um pouco doentia, como demonstra o relato de Tripp.

Sabe-se que essa tensão natural que existe entre a identidade do pastor e a identidade pastoral, no sentido da manutenção de uma certa homogeneidade ou pelo menos uma coerência comportamental dos pastores de uma denominação, por vezes é demarcada por interpelações ou orientações oriundas da hierarquia/administração da igreja. Podemos observar isso numa recente carta circular dirigida aos pastores da igreja pesquisada, no qual a presidência nacional justifica a necessidade de compartilhar alguns aspectos da vida e do ministério pastoral. Alguns excertos dessa carta circular.¹¹⁴

Meus caros colegas!

¹¹³ TRIPP, 2012. (livro digitalizado sem paginação expressa; cap. 1, p. 1). Tradução própria. “Ministry had become my identity. No, I didn’t think of myself as a child of God, in daily need of grace, in the middle of my own sanctification, still in a battle with sin, still in need of the body of Christ, and called to pastoral ministry. No, I thought of myself as a *pastor*. That’s it, bottom line. The office of pastor was more than a calling and a set of God-given gifts that had been recognized by the body of Christ. “Pastor” defined me. It *was* me in a way that proved to be more dangerous than I would have thought. Permit me to explain the spiritual dynamics of all this.

In ways that my eyes didn’t see and my heart was not yet ready to embrace, my Christianity had quit being a relationship. Yes, I knew God is my Father and that I am his child, but at street level things looked different. My faith had become a professional calling. It had become my job. My role as pastor was the way I understood myself. It shaped the way I related to God. It formed my relationships with the people in my life. My calling had become my identity, and I was in trouble, and I had no idea. I was set up for disaster, and if it hadn’t been anger, it would have been something else.

It’s no surprise to me that there are many bitter pastors out there, many who are socially uncomfortable, many who have messy or dysfunctional relationships at home, many who have tense relationships with staff members or lay leaders, and many who struggle with secret, unconfessed sin.”

¹¹⁴ As cartas circulares a pastores da IELB não são necessariamente confidenciais ao público externo. De qualquer modo, foi feita uma solicitação pessoal ao presidente da IELB em abril de 2015, numa das reuniões da Diretoria Nacional da IELB, relativas ao Convênio IELB-ULBRA. Nessa ocasião o pastor-presidente autorizou o seu uso na presente tese. Não houve registro escrito dessa solicitação justamente pelo fato das cartas não serem sigilosas.

Desejo que a graça e misericórdia de Deus estejam inundando vossas vidas, enchendo-vos de paz, alegria e conforto.

O que me leva a vos escrever são alguns aspectos da vida e do ministério, que gostaria de compartilhar.

[...]

3º) Falem mais das coisas boas que acontecem na Igreja. As coisas ruins se espalham por si e fazem o estrago do mau testemunho. As alegrias, os exemplos de vida, testemunho e fé precisam ser compartilhados.

4º) Procurem se ajudar mutuamente. Se alguém estiver falhando, falem com ele, aconselhem, orientem. Pratiquemos o verdadeiro amor de uns para com os outros.

5º) Cuidado com a família. Zelem por ela. Amem a esposa e os filhos, com os quais Deus vos presenteou. Demonstrem isso em palavras e ações.

6º) Vivam de acordo com o que pregam. Sejam zelosos nas virtudes cristãs. Uma forma de testemunho é a vida.

7º) Não deem escândalo, nem sejam vulgares. O povo olha para o pastor como modelo. Sejam autênticos e coerentes com o que pregam.

8º) Cuidado com o zelo pastoral. As ovelhas precisam ver o seu pastor e serem cuidadas e guiadas por ele. Procurem por elas. Chamem-nas sempre de volta. Pastoreiem com fidelidade o rebanho que vos foi confiado (At 20.28). Se necessário, estejam prontos a se sacrificar por elas, assim como fez o nosso Bom Pastor Jesus.

9º) Cuidado com o uso do dinheiro. Não sejam maus pagadores. O que compraram ou emprestaram, paguem, prestem conta, devolvam. Não fiquem devendo nada a ninguém, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros (Rm 13.8). Isso inclui empréstimos junto à IELB e compras na Editora Concórdia.

10º) Não deixem de pagar o INSS e previnam-se para o futuro.

11º) Cuidado com o que falam e com o que escrevem. O 8º mandamento, por vezes, é esquecido e isso, além de ser pecado, mancha o ministério e o bom nome da Igreja.

12º) Leiam o código de Ética de tempos em tempos e procurem viver e agir de acordo com suas orientações.

[...]

16º) E, por fim, sejam exemplo em tudo que falam, fazem e como agem, para que, por vosso intermédio, o nome de Deus seja engrandecido e honrado (Mt 5.16 e 1Co 4.6).

Assim, Deus abençoe a todos. Deus vos dê ânimo, coragem, força e ousadia para abrir a boca e falar das maravilhas do amor de Deus (Ef 6.19).

Sejam uma bênção no lar, na Igreja, na sociedade e no mundo em geral.

Deus nos ajude a ***comunicar sempre Jesus, a fonte da água viva***, até o dia em que estaremos com ele, no aprisco eterno.

Cordialmente, em Cristo, vosso irmão,

Presidente da IELB¹¹⁵

Nesta carta circular verifica-se a importância, para a instituição, do resguardo da imagem e identidade do pastor, numa tentativa de realinhar o comportamento, postura e atitude dos pastores, na busca de uma coerência necessária da identidade pastoral da instituição religiosa a qual pertencem. O teor da carta circular traz implícito uma realidade onde provavelmente pastores estivessem descumprindo aquilo que a instituição espera deles, no que tange à sua integridade e atitude pastoral, o que mancharia a reputação da identidade presbiterial ou pastoral da referida denominação religiosa.

¹¹⁵ KOPERECK, Egon. [Carta circular da Presidência da IELB aos pastores do sínodo]. Outubro de 2014. Reproduzida com autorização/permissão da presidência da igreja.

Uma segunda carta circular, essa ainda mais recente, datada de 20 de março de 2015, também enviada pela presidência da Igreja, é ainda mais direta no que diz respeito à cobrança de uma postura identitária pastoral modelar. A carta circular tem como título: “*Pastor: um exemplo em atitudes cristãs*”. Após algumas considerações introdutórias e gerais sobre a função ministerial a carta leva os pastores a refletir sobre si mesmos e sobre sua conduta pessoal, especialmente no contexto de sua exposição pública como pastores. Seu envio está situado dentro de um contexto de retomada de uma maior responsabilização diante do cumprimento do chamado pastoral. Vamos a alguns extratos da carta:

[...] CUIDADO!!! “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupa o vosso pensamento” (Fp 4.8)

O que tem ocupado a nossa mente? Com o que a temos alimentado?

De certa forma, nós somos aquilo que pensamos. E o que é que pensamos? Aquilo que ouvimos, aquilo que vemos, aquilo que lemos, aquilo que sentimos, e isso, em grande parte depende de nós. Somos responsáveis por aquilo que assistimos, lemos, falamos, enfim, de como ocupamos nossa mente. CUIDADO! “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé...” (1 Pe 5.8 e 9).

E, por fim, não esqueçamos jamais: Somos exemplo. Em Fp 4.9, o apóstolo Paulo se recomenda como modelo. Ele diz: “O que aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes em mim, isso praticai”.

As crianças nos observam, os jovens se espelham em nós, as servas, os leigos, os membros em geral, esperam pelo nosso bom testemunho, bom nome, dignidade, fidelidade e amor nas atitudes e no proceder.

Jesus foi exemplo para os seus discípulos. Ele disse: “Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13.15).

Paulo, além de se recomendar como exemplo, ele pediu a Tito, e isso vale para cada um de nós: “Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras”. (Tt 2.7). A Timóteo ele disse: “Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza”. (1 Tm 2.12).

Queridos colegas! Ouçamos a recomendação do apóstolo Paulo a Timóteo: “Cuida de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres, porque fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes.” (1 Tm 4.16)

O trabalho é sublime. A seara é grande, desafiadora e extensa. As armadilhas estão em toda parte. VIGIAI! Estejamos alertas! Mantenhamos comunhão íntima com Deus na leitura, meditação, reflexão em sua Palavra e que as nossas petições, orações, súplicas e ações de graça, com gratidão em nossos corações, sejam sempre levadas e conhecidas pelo nosso bom Deus, por meio de Cristo Jesus, nosso Salvador.

Seja nossa vida o bom perfume de cristo aos que vivem ao nosso redor (2 Co 2.15). “Vivamos e anunciemos o que o Senhor tem feito” (Sl 118.17), com palavras e atitudes coerentes. [...] ¹¹⁶

Independente do ponto de vista que se analise o teor das duas cartas circulares, ambas são claras e traduzem princípios justos para quem deseja exercer com fidelidade o

¹¹⁶ KOPERECK, Egon. [Carta circular da Presidência da IELB aos pastores do sínodo]. Março de 2015. Reproduzida com autorização/permmissão da presidência da igreja.

ministério pastoral. Tornam-se, portanto, recomendações e orientações absolutamente lícitas de serem expostas por parte da diretoria nacional e da presidência da igreja, responsáveis pelo acompanhamento, capacitação e eventual disciplinamento dos pastores da organização. Porém, elas não deixam de reforçar os princípios ideais do pastorado, podendo ser entendidas por muitos como uma forma de imposição de uma idealização, que deve ser aplicada na vida ministerial e pessoal dos pastores, visto essas duas formarem uma unidade indissociável, quer queiramos ou não.

Uma observação importante é que essa indistinção entre identidade presbiterial e identidade do presbítero pode ocorrer não só a partir da exigência da instituição religiosa, numa idealização externa, mas também a partir do próprio presbítero enquanto indivíduo, no que vamos posteriormente chamar de uma idealização pessoal de sua imagem e identidade.

Já Merval Rosa, numa obra em que trata justamente da identidade e integridade do ministro evangélico, faz menção a algumas pesquisas que tratam da imagem contemporânea do pastor. Dentre essas pesquisas, o estudo feito por Sorrel (s/data) aponta que o ministro evangélico se encontra hoje num verdadeiro dilema quanto à sua autoimagem,¹¹⁷ o que certamente interfere na assunção e assimilação de sua identidade pastoral. Porém, Rosa faz uma afirmação que poderia dar sustento teórico à atitude que levou a igreja pesquisada a enviar a circular, ao dizer:

[...] o pastor precisa definir sua identidade em termos de igreja. Acontece, porém, que uma igreja é ordinariamente parte de uma organização. Pergunta-se, então: Por que uma denominação e porque é importante que eu defina a minha identidade pastoral também em termos de denominação?

[...] a denominação é importante, em primeiro lugar, porque nos ajuda a definir a nossa própria identidade. [...] é com ela que nos identificamos como ministros do evangelho. A denominação também é importante porque nos ajuda a definir nossos objetivos como pastores. [...]

Ora, o ministro evangélico existe em função da igreja e da denominação. Será, portanto, de todo necessário, que o pastor defina sua identidade também em termos da sociedade, da comunidade em que a igreja está inserida a qual serve como ministro do evangelho e como representante simbólico de Deus.¹¹⁸

Aqui pode se perceber que a tensão entre as duas imagens e identidades – a pessoal e institucional - é um ônus da função pastoral. Como já dissemos, a relação entre ambas é indissociável, numa tensão impossível de ser desfeita e que precisará ser trabalhada por cada ministro religioso para que se torna frutífera e não neurótica.

¹¹⁷ ROSA, 2001, p. 74 ss.

¹¹⁸ ROSA, 2001, p. 62-3.

Agora, se quisermos descobrir qual seria a principal característica psicológica ou traço comportamental da identidade pastoral, uma eventual pesquisa nas comunidades cristãs poderia evocar diferentes respostas. Partindo, porém, da própria Bíblia Sagrada, grande parte das respostas provavelmente não fugiria da recomendação que o apóstolo Paulo deu a Timóteo “Torna-te padrão dos fiéis” (1 Tm 4.12) e a Tito “Torna-te padrão de boas obras” (Tito 2.7). A recomendação a Timóteo resume as dimensões ideais da identidade pastoral, que abarcam integralmente os âmbitos intelectual, afetivo, espiritual e comportamental: “Mas, para os que creem, seja exemplo na conversa, na conduta, no amor, na fé e na pureza”. (1 Tm 4.12)

Scholz e Nerbas, ambos teólogos luteranos, o primeiro um biblista e o segundo um sistemático, num artigo conjunto em que tratam do perfil do pastor segundo as cartas pastorais, apontam para uma possível contradição entre o modelo ideal proposto nas cartas pastorais e o modelo vivo do apóstolo Paulo, que traz no seu histórico ter sido um perseguidor da igreja. Porém, os autores insistem no fato de que isso não diminui a força da orientação paulina da irrepreensibilidade exigida aos pastores, baseado no texto de 2 Coríntios 6.2: “não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado”.¹¹⁹

A identidade pastoral, portanto, pode ser resumida na tarefa de se tornar “modelo para os fiéis”, sendo um referencial ético, moral, espiritual, intelectual para a comunidade cristã e para a própria sociedade. Na linguagem psicanalítica, o pastor assume o caráter de ser uma figura pública de identificação coletiva, um líder com o qual a comunidade estabelece laços íntimos, mesmo que inconscientes, que precisam ser seguidos e imitados pelos fiéis.

Diferentes perguntas a respeito dessa temática foram feitas em nossa pesquisa de campo. Ao serem perguntados se “ser modelo para os fiéis e padrão de boas obras é uma exigência de Deus para quem almeja ser pastor” (questão 1), 79% dos pastores concordaram totalmente com essa premissa. Acrescidos de mais 17% que concordam em parte, chegamos ao elevadíssimo índice de 96% de concordância nesse aspecto. Já com relação a se “o cumprimento da recomendação apostólica de ser modelo e padrão de boas obras ser uma das tarefas mais difíceis no exercício do ministério pastoral” (questão 2), o índice baixa um pouco, com 48% concordando totalmente e 39% em parte, o que nos faz chegar a 87% de concordância geral na questão, ainda assim um índice bastante elevado. Nesses resultados

¹¹⁹ SCHOLZ, Vilson; NERBAS, Paulo Moisés. O pastor e seu perfil segundo as cartas pastorais. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.) *Lutero: o pastor*. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2006. p. 197-207. p. 201.

podemos perceber elementos da idealização bíblico-teológica da imagem e identidade pastorais, que acaba sendo expressada nas respostas dos pastores participantes da pesquisa.

A psicóloga Andrea Vaz Cid, baseando-se na teoria psicanalítica freudiana, nos auxilia na compreensão dessa temática ao afirmar:

[...] os modelos ideais organizam e direcionam a vida em sociedade. A psicanálise ensina que é por meio do processo de identificação que o indivíduo se organiza em harmonia com os modelos oferecidos pela sua sociedade, os quais, por essa razão, cabe chamar de identificatórios.

A existência de modelos identificatórios é indispensável para que os indivíduos possam formar sua própria identidade. Em todos os grupos humanos há a presença de uma figura ideal. As coletividades precisam desse modelo idealizado, vistos sem defeitos, para ser seguido, a fim de garantir um bom funcionamento da sociedade.

O processo psíquico de identificação possibilita que o sujeito assimile características de um outro, o qual é tido como modelo. Através da identificação, dá-se ao sujeito a condição de existência e pertencimento ao mundo. O processo de idealização, por sua vez, investe o objeto, libidinalmente, tornando-o admirável e perfeito.¹²⁰

Aqui surge um aspecto, já referenciado anteriormente, que talvez fuja à possibilidade de ser algum dia desconstruído, pelo menos no âmbito do desejo ou do imaginário coletivo da comunidade cristã. A identidade pastoral não tem como deixar de estar fortemente impregnada com a ideia de que o sacerdote/pastor é a representação mais próxima de Cristo no mundo, ou seja, de que atua *in persona Christi*, “na pessoa de Cristo”, estando diretamente identificado com ele, para ser, por consequência, também objeto de identificação para a comunidade cristã. É o que nos diz o teólogo e bispo católico Edson Oriolo, que mesmo falando de um contexto católico, seu conteúdo se aplica perfeitamente no imaginário cristão evangélico:

Agindo *in persona Christi capitis*, o sacerdote torna-se o ministro das ações salvíficas essenciais, transmite as verdades necessárias à salvação e apascenta o povo de Deus, conduzindo-o rumo à santidade.

Esta é a função *in persona Christi* do sacerdote: fazer presente, na confusão e na desorientação de nossa época, a luz da Palavra de Deus, a luz que é o próprio Cristo nesse nosso mundo.¹²¹

Cabe citar aqui, também, uma afirmativa de um dos pais da Igreja Antiga, o teólogo São João Crisóstomo, cuja visão de sacerdócio expressa por volta do século quarto também coloca a idealização pastoral nos píncaros:

¹²⁰ CID, 2006, p. 74.

¹²¹ ORIOLO, Edson. Identidade Presbiterial: estatuto social do sacerdote. In: Formação dos presbíteros. *Revista Eclesiástica Brasileira*. fasc. 282, p. 428-238. abril, 2011. p. 434.

Sobre o que diz respeito ao sacerdócio, embora seja exercido na terra, possui ele contudo o caráter de instituição celeste. E isso com toda razão. Pois nenhum homem, nenhum anjo, nenhum arcanjo, nenhum outro poder criado, senão o próprio Paráclito instituiu esta função, encarregando homens de carne e osso a exercerem o serviço de anjos. Por isso é mister que, quem for sagrado sacerdote, seja puro como se estivesse no céu e no meio dos anjos.¹²²

Nessa questão está um dos “nós górdios” do tema em pauta. Por mais que a teologia luterana possa tentar desidealizar bíblica e teologicamente a figura do pastor ou sacerdote – apesar de lembrar que o pastor é digno de honra conforme orientam textos bíblicos¹²³ – parece haver um *gap*, um hiato entre aquilo que a igreja objeto dessa tese professa/confessa institucionalmente, daquilo que a grande maioria dos pastores, líderes e comunidade cristã entendem ou pelo menos esperam do pastor no exercício de sua função pastoral. Perguntados a esse respeito “se há na sua igreja uma certa idealização da figura do pastor, no sentido da exigência de uma irrepreensibilidade moral e comportamental” (questão 44), 89% dos pastores respondentes concordam com tal percepção, 42% concordando totalmente e 47% concordando em parte, comprovando a nossa prévia percepção empírica acerca desse aspecto.

Manfred Josuttis, autor de uma obra que é importante referência na análise temática da pessoa e função pastoral, denominada *Der Pfarrer ist anders* (O pastor é diferente), afirma que ainda se espera algo especial do pastor, seja de dentro ou de fora da própria congregação, da direção da igreja ou dos que não pertencem a ela, bem como obviamente por parte do próprio pastor.¹²⁴ Diz Josuttis, enfatizando especialmente esse autocobrança:

Torna-se complexo, no entanto, apenas quando se torna claro que a frase *o pastor é diferente* também inclui uma declaração de intenção. O pastor quer ser diferente, pelo menos em alguns âmbitos. Esta decisão ele fez quando escolheu seu ofício. Ele define suas próprias obrigações muitas vezes em contraposição a outros trabalhos e objetivos. Na sua vida não é o dinheiro que interessa, mas Deus, não o poder, mas o amor, não o impor-se, mas o serviço. Assim ele quer levar as pessoas a ele confiadas a uma vida nova, verdadeira e melhor. Ele quer ser diferente e quer modificar outros. [...]

Este fato se torna difícil para o pastor de duas maneiras. Ele próprio não consegue seguir suas próprias exigências e por outro lado tem que viver sempre a experiência de que a congregação foge de seus desejos de melhoria e conversão.

Isto provoca nele decepção, raiva e também agressividade contra si mesmo e contra a congregação, pois se vê confrontado com uma permanente exigência. O pastor deve ser diferente. É o que é esperado dele pelos membros da congregação, das autoridades eclesiais e por externos também. Ele vê sua vida sob constante

¹²² CRISÓSTOMO, João. *O sacerdócio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979. p. 54.

¹²³ Os principais textos que fazem alusão a isso são 1 Timóteo 5.17: “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino”; e Filipenses 2.29: “Recebei-o, pois, no Senhor, com toda a alegria, e honrai sempre a homens como esse” (referindo-se a Epafrodito). A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

¹²⁴ JOSUTTIS, Manfred. *Der Pfarrer ist anders: Aspekte einer zeitgenössischen Pastoraltheologie*. 4. Aufl. München, Kaiser, 1991. p. 11.

controle externo. Ele se vê como uma tela de projeção para desejos de idealização das mais diferentes formas. Ele deve representar valores e normas que são julgadas importantes e corretas, mesmo que na própria vida não quer ou não se consegue realizá-las.

Tais exigências agem sobre o pastor de forma ameaçadora, porque sua vida se torna mandada por outros e porque estas exigências fazem com que não seja considerada a humanidade, fragilidade e o ser passível de tentação de sua pessoa.¹²⁵

Pelo que estamos verificando, tanto pela teoria quanto pelos resultados da nossa pesquisa, há diversos elementos que levam a crer que a construção histórico-cultural da imagem e identidade pastorais, mesmo no contexto protestante histórico, ainda está muito permeada com elementos da teologia romana, de um pastor instituído e reconhecido como um ser ontologicamente diferente, melhor ou mais puro do que os demais membros da comunidade a que atende, uma premissa que o reformador Martinho Lutero irá desconstruir em seus escritos no século XVI.

Karl Kepler, um teólogo e psicólogo protestante que vem se ocupando do tema das neuroses eclesíásticas, vai perceber e afirmar exatamente isso:

[...] enquanto Deus é sentido “lá no alto”, aqui em baixo existe uma categoria de servos especiais dEle, que, de certo modo, o representam: são os pastores e pastoras e, no caso dos irmãos pentecostais, também os profetas e profetisas. [...] Não dá para negar: mesmo que nós, protestantes, afirmemos a correta doutrina do “sacerdócio universal dos crentes”, no ambiente da igreja praticamos uma separação entre ministros (pastores, anciãos, presbíteros, qualquer que seja o nome) e os irmãos e irmãs em geral; diferenciação muito parecida com a existente entre clérigos e leigos na igreja católica. Essa hierarquia amplia, no cristão comum, aquele sentimento de pequenez, de incapacidade própria.¹²⁶

¹²⁵ JOSUTTIS, 1991, p. 12-13. Tradução própria: “Komplex wird der Tatbestand aber erst, wenn man sich klarmacht, daß der Satz auch eine *Absichtserklärung* einschließt. Der Pfarrer will anders sein, jedenfalls in manchen Bereichen. Diese Entscheidung hat er mit seiner Berufswahl getroffen. Er definiert seine eigenen Aufgaben häufig in Abgrenzung gegen andere Berufe und Ziele. In seinem Leben soll es nicht um Geld gehen, sondern um Gott, nicht um Macht, sondern um Liebe, nicht um Durchsetzung, sondern um Dienst. Dem gemäß will er die ihm anvertrauten Menschen zu einem neuen, wahren, besseren Leben führen. Er will anders sein und will andere verändern. [..]

Daß er anders sein will und andere ändern möchte, ist für den Pfarrer in zweifacher Hinsicht beschwerlich. Er selber bleibt hinter den eigenen Ansprüchen immer wieder zurück und muß auf der anderen Seite immer auch die Erfahrung machen, daß die Gemeinde sich seinen Besserungs – und Bekehrungswünschen entzieht.

Das löst bei ihm Enttäuschung, Ärger, auch Aggressionen gegen sich selbst und die Gemeinde aus, weil er sich gleichzeitig mit einer permanenten *Forderung* konfrontiert sieht. Der Pfarrer soll anders sein. Das erwarten Gemeindeglieder, Kirchenbehörden, auch Außenstehende von ihm. Er sieht sein Leben unter andauernder Außenkontrolle. Er erfährt sich als Projektionswand für Idealisierungswünsche verschiedenster Art. Er soll Werte und Normen repräsentieren, die man für wichtig und richtig hält, auch wenn man sie im eigenen Leben nicht realisieren kann oder will.

Solche Forderungen wirken auf den Pfarrer bedrohlich, weil sein Leben dadurch fremdbestimmt wird und weil diese Ansprüche die Menschlichkeit, Gebrechlichkeit, auch Versuchlichkeit seiner Person unberücksichtigt lassen”.

¹²⁶ KEPLER, Karl. *Neuroses eclesíásticas e o evangelho para crentes: uma análise preliminar*. São Paulo: Arte Editorial, 2009. p. 23.

Além deste problema há um segundo ponto de tensão e conflito a ser analisado na relação da identidade com a imagem pastoral, que é a própria espiritualidade do pastor, base de toda a vocação e carisma do ministério pastoral. Esse aspecto é bem sinalizado por Libânio em seu artigo sobre a identidade e a espiritualidade do presbítero:

A identidade presbiteral acomoda-se ao *status quo* pela via da superficialidade, exterioridade. Esta tem ganhado enorme importância. Deslocou-se do ser para o ter com a modernidade produtiva do capitalismo agressivo. Já aí afetou a identidade e a espiritualidade. Ambas radicam basicamente no ser. Agora se prefere o aparecer ao ser e ao ter. O desafio cresce. Cultiva-se na identidade a aparência, a forma visível, unida a uma espiritualidade também ela voltada para fora, para ser vista, para os olhos e menos para o coração.¹²⁷

Estes talvez sejam dois dos principais desafios na reconstrução da imagem e identidade pastorais, na busca de evitar possíveis distorções que são profundamente nocivas para o exercício do ministério pastoral. Esta faceta de análise, que relaciona a idealização neurótica com a espiritualidade desembocará no conceito da graça divina, que será trabalhada no último capítulo. Essa graça precisa ser redescoberta pelos pastores que, apesar de anunciá-la ao povo, talvez não a estejam anunciando a si mesmos, exigindo de si seguirem uma imagem e identidade idealizadas, sendo isso, em última análise, uma ação legalista e pecadora, voltada contra si mesmo.

1.4 A crise da Identidade na pós-modernidade: uma oportunidade de reconfiguração da imagem e identidade pastorais

Mesmo não sendo a análise social das identidades na pós-modernidade o objeto de estudo de nossa tese, é importante apontar para ela na busca de uma melhor compreensão do tema, visto que essa análise deixa claro que a questão da imagem e identidade passam por um momento paradigmático de transformação e crise, que certamente também afetam a identidade pastoral. Essa análise é encontrada, proeminentemente nos renomados sociólogos contemporâneos Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Hall, inclusive, prefere não usar a expressão Pós-Modernidade, mas sim modernidade tardia. Já Bauman, ao invés de utilizar o conceito de Pós-Modernidade prefere chamar o momento atual de “modernidade líquida”.

Antes de observarmos o que esses dois autores têm escrito sobre a crise da identidade na pós-modernidade, cabe fazer referência novamente à pesquisa acadêmica norteamericana de Park, intitulada *Pastoral Identity As Social Construction: An Exploration Of Pastoral*

¹²⁷ LIBÂNIO, João Batista A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, ano 43, n. 121, p. 353-388, Set/Dez 2011. p. 369.

Identity In Postmodern, Intercultural, And Multifaith Contexts (Identidade Pastoral como Construção Social: Uma exploração da identidade pastoral em contextos Pós-modernos, Interculturais e Multireligiosos).¹²⁸ Como já dissemos, mesmo que o foco de pesquisa do autor tenha sido circunscrito à construção da identidade dos conselheiros e cuidadores pastorais e não tanto de pastores de comunidades, a conclusão a que este autor chega em sua pesquisa sinaliza que a identidade pastoral está em constante transformação.

Informado através de um recente estudo psicológico social pela identidade esse trabalho explora uma possibilidade para um paradigma interativo, intersubjetivo e construtivo da identidade pastoral. Adaptando e trabalhando para mudar o contexto cultural contemporâneo e estruturas de poder os cuidadores pastorais constroem suas identidades interacionalmente com os requerentes de cuidado (*care-seekers*) através de um entrelaçamento com o chamado [vocação] providencial de Deus e o pedido específico por ajuda de seus clientes. Tais construções resultam num abraçar de múltiplas identidades pastorais, incluindo representantes espirituais, colegas humanos, pastores e cooperadores de Deus.¹²⁹

Já Hall introduz o seu pensamento sobre a crise das identidades na sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade*, afirmando:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.¹³⁰

Para Hall, as identidades modernas estão sofrendo um processo de “descentramento”, isto é, estão sendo deslocadas ou fragmentadas. Aquilo que antes era tido como fixo, coerente e estável nas identidades, passa a se tornar algo duvidoso e incerto, o que leva a colocar a identidade em crise. Continua Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós

¹²⁸ PARK, 2015, s/página.

¹²⁹ PARK, 2015, p. XII. Tradução própria: “Informed by a recent social psychological approach to identity, the paper explores a possibility for an interactional, intersubjective, and constructive paradigm of pastoral identity. Adapting to and working to change contemporary cultural contexts and structural powers, pastoral caregivers construct their identities interactionally with care-seekers by interweaving God’s providential calling and clients’ specific callings for help. Such constructions result in an embrace of multiple pastoral identities, including spiritual representatives, fellow humans, pastors, and divine partakers”.

¹³⁰ HALL, 2011, p. 7.

próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.¹³¹

Hall afirma que o próprio conceito de identidade é demasiadamente complexo e pouco compreendido na ciência social contemporânea. Ele diferencia três concepções de identidade: no sujeito do Iluminismo, no sujeito sociológico e no sujeito pós-moderno. As duas últimas interessam especialmente ao escopo de nossa tese. Ao abordar o conceito de identidade a partir do sujeito sociológico, Hall faz uso das concepções de G. H. Mead e C.H. Cooley, que elaboraram uma concepção interativa da identidade e do eu, que se tornou a concepção sociológica clássica do termo. Nessa visão, a identidade é formada na e a partir da interação entre o eu e a sociedade. Dessa forma, “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.¹³²

A identidade, nessa perspectiva, preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público, alinhando os sentimentos subjetivos do indivíduo com os lugares objetivos os quais ocupa no mundo social e cultural. Assim se constroem mutuamente, estabilizando tanto os sujeitos quanto a sociedade, numa costura que torna a ambos – indivíduo e cultura – mais unificados e predizíveis.

Essa relação ‘estável’ é que foi rompida na pós-modernidade. O sujeito pós-moderno está se tornando fragmentado, composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Também as mudanças estruturais e institucionais estão colapsando os processos de identificação através dos quais projetamos nossas identidades culturais, tornando tudo mais provisório, variável e problemático. O sujeito pós-moderno, portanto, não tem mais uma identidade fixa, essencial ou permanente, tornando a identidade “uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.¹³³

Portanto, como diz Hall,

[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e

¹³¹ HALL, 2011, p. 9.

¹³² HALL, 2011, p. 11-2.

¹³³ HALL, 2011, p. 13.

cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.¹³⁴

Hall, concordando com o pensamento de David Harvey, afirma que o advento da modernidade implicou não apenas "um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente", mas ficou "caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior". Já Ernesto Laclau, também citado por Hall, usa o conceito de 'deslocamento' para afirmar que a sociedade moderna perdeu um centro único de poder, que hoje foi substituído por uma "pluralidade de centros de poder". Esses diferentes centros se articulam, criando uma variedade de identidades ou de "posições de sujeito", criando uma identidade que está sempre aberta.¹³⁵

Por mais estranho que possa parecer, esse processo de deslocamento, mesmo que desarticule as identidades estáveis do passado, gerando uma angústia e incerteza, tem aspectos positivos, no momento em que abre a possibilidade de novas articulações, com a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos.¹³⁶

Essas considerações são perfeitamente apropriadas e aplicáveis para o caminho de reflexão proposto nessa tese, que procura refletir criticamente sobre um modelo identitário, antes solidamente estabelecido, mas que necessita ser revisto, diante da crise cultural e pessoal que atinge os pastores da contemporaneidade.

O doutor e teólogo católico Edênio Valle, em seu prefácio à obra de Santos, *O presbítero católico: uma identidade em transformação*, já amplamente referenciada nesse capítulo, afirma que o papel social exercido pelos detentores do poder sagrado, especialmente ligados ao cristianismo, sempre foi visto como um dos mais complexos existentes na sociedade, sendo marcado por códigos bem determinados por uma tradição que vem de séculos. Porém, nas últimas décadas esse papel vem sendo dilapidado pelas mudanças culturais que atingiram em cheio as instituições religiosas. Os antigos modelos já não estão dando conta das necessidades sentidas.¹³⁷

Vivemos, portanto, numa época propícia para a reflexão e para um possível reposicionamento da identidade pastoral, cujo processo já está em andamento em função da mudança da imagem contemporânea dos pastores. Isso pode levar à produção de novos sujeitos, não tão uniformes ou estáticos como a tradição tem exigido ao longo dos tempos,

¹³⁴ HALL, 2011, p. 13.

¹³⁵ HALL, 2011, p. 17-8.

¹³⁶ HALL, 2011, p. 18.

¹³⁷ VALLE, Edênio. Prefácio. In: SANTOS, 2010, p. 15-18. p. 16.

mas também sem perder a centralidade que lhes é tão cara e essencial para o exercício de sua função pastoral.

Um outro sociólogo que discute a questão da identidade é Zygmunt Bauman. Em sua obra *Identidade* (2005) o autor continua a aprofundar seu clássico conceito de “modernidade líquida”, caracterizada pela corrosão das estruturas e modelos, que interferiram diretamente sobre as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro. Nesse contexto Bauman aponta para a profunda ambivalência da identidade, gerada pela nostalgia do passado conjugada à pressão da “modernidade líquida”. Para Bauman, a sociedade pós-moderna tornou incertas e transitórias as identidades sociais e culturais.¹³⁸

Bauman também insere uma discussão entre os conceitos de “pertencimento” e “identidade”, afirmando que ambas não têm mais a solidez de uma rocha nem são garantidas para toda a vida, sendo atualmente bastante negociáveis e revogáveis, especialmente pelas decisões e caminhos que cada indivíduo toma cotidianamente. Diz Bauman:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.¹³⁹

Portanto, a acelerada liquefação das estruturas e instituições sociais, dentre as quais as instituições religiosas fazem parte, certamente atingem e desequilibram tanto a identidade pastoral/presbiterial quanto a identidade do pastor/presbítero. Diz Bauman:

Não se deve esperar que as estruturas, quando disponíveis, durem muito tempo. Não serão capazes de aguentar o vazamento, a infiltração, o gotejar, o transbordamento – mais cedo do que se possa pensar, estarão encharcadas, amolecidas, deformadas e decompostas. Autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas; [...]¹⁴⁰

A profética afirmativa de Bauman já pode ser sentida pela enorme crise de autoridade que vivemos no meio da política, da educação, da segurança e, como não poderia deixar de ser, também no meio religioso. Numa das questões de nossa pesquisa de campo, os pastores, ao serem defrontados com esse tema, diante da afirmativa “há uma crescente desvalorização da autoridade pastoral mesmo no meio das comunidades cristãs” (questão 7),

¹³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 13.

¹³⁹ BAUMAN, 2005, p. 19.

¹⁴⁰ BAUMAN, 2005, p. 57-8.

indicam uma percepção bastante preocupante. O resultado apontou que 90% dos pastores respondentes concordam que essa desvalorização existe, divididos equitativamente entre os que concordam totalmente (45%) e os que concordam em parte (45%). Portanto, sinaliza-se, por tais resultados, que a crise de autoridade está atingindo em cheio a classe pastoral, segundo a percepção dos próprios pastores.

Porém, mesmo diante dessa crise de autoridade ainda existe espaço para a manutenção de referências, tanto reais quanto simbólicas. São nesses espaços que os líderes e pastores precisam se inserir. Deve-se levar em conta, porém, que estarão sempre diante de indivíduos inseguros e ambivalentes diante da transitoriedade do mundo, conforme bem sinaliza Bauman:

Para pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a “comunidade” parece uma alternativa tentadora. É um sonho agradável, uma visão de paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual. Para pessoas que lutam numa estreita rede de limitações, preceitos e condenações, pelejando pela liberdade de escolha e autoafirmação, a mesmíssima comunidade que exige lealdade absoluta e que guarda estritamente as suas entradas e saídas é, pelo contrário, um pesadelo: uma visão do inferno ou da prisão. A questão é que todos nós estamos, intermitente ou simultaneamente, sobrecarregados com “responsabilidades demais” e ansiosos por “mais liberdade”, o que só pode aumentar nossas responsabilidades. Para a maioria de nós, portanto, a “comunidade” é um fenômeno de duas faces, completamente ambíguo, amado ou odiado, amado *e* odiado, atraente ou repulsivo, atraente *e* repulsivo. Uma das mais apavorantes, perturbadoras e enervantes das muitas escolhas ambivalentes com que nos, habitantes do líquido mundo moderno, diariamente nos defrontamos.¹⁴¹

Como habitantes desse mundo líquido, toda a sociedade, incluindo a comunidade de fé, viverá esse dilema, que interferirá nas formas de relação entre comunidade e autoridade religiosa/pastoral, colocando-a em xeque ou suspeição. Porém, ao aplicar essa afirmativa de Bauman especificamente para a realidade da classe pastoral, poderíamos dizer que ela também pode viver tal ambiguidade: sabedora de que necessita da segurança dos paradigmas que norteiam a identidade pastoral, por vezes os pastores, individualmente, poderão sentir tais paradigmas como uma responsabilidade desmedida, cerceadora de uma vida mais autêntica e livre.

1.4.1 Uma Identidade pastoral também em crise

Como vimos acima, vivemos um tempo realmente diferente. Esse tempo ‘líquido’ também vem fazendo revolução no campo da religiosidade e fé, com alguns estragos e com

¹⁴¹ BAUMAN, 2005, p. 68.

alguns ganhos, como uma maior liberdade religiosa. Bauman, porém, faz referência ao terror da incerteza e do desamparo, que também atingiu o sistema de crenças religioso do ser humano.

A guerra contra Deus, a busca frenética da prova de que “Deus não existe” ou “morreu”, foi deixada para os radicais. O que a mente moderna fez, contudo, foi tornar Deus irrelevante para os assuntos humanos na Terra. [...] Se a mente de Deus é inescrutável, vamos parar de perder tempo tentando ler o ilegível e nos concentrar naquilo que nós, seres humanos, podemos compreender e fazer. [...] A autoridade do sagrado e, de modo geral, nossa preocupação com a eternidade e os valores eternos, foram as suas primeiras e mais proeminentes baixas.¹⁴²

Esse movimento de desvalorização do sagrado gerado pela secularização impacta profundamente a identidade do pastor. Não queremos aprofundar a questão da secularização, mas pensamos que pelo menos devemos defini-la, tal como entende Peter Berger, ou seja, como “[...] o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”.¹⁴³

Como vai dizer Silveira, a profissão pastoral enfrenta dificuldades em várias partes do mundo. Expressões como “crise”, “mal-estar”, “insegurança”, “desvalorização”, têm sido recorrentes em estudos da Europa e Estados Unidos para descrever a situação profissional do pastorado protestante na sociedade moderna.¹⁴⁴

Alguns dados da pesquisa de campo merecem ser aqui descritos e analisados. Ao serem perguntados se “Na sociedade atual perdeu-se muito do antigo respeito que se tinha pela figura do pastor?” (questão 37), 93% dos pastores respondentes concordam com tal afirmativa (43% totalmente e 50% em parte). Num aprofundamento dessa questão, buscando verificar se “em comunidades rurais e do interior o pastor é mais valorizado e respeitado do que em centros urbanos” (questão 38), 85% vão concordar com essa afirmativa (42% totalmente e 43% em parte). Esse número aumenta ainda mais quando analisamos essa questão a partir da variável “atualmente pastoreando em comunidades urbanas ou rurais”, sendo que 90,6% dos pastores que estão pastoreando no interior ou em comunidades rurais concordam de que são mais valorizados do que pastores em comunidades urbanas. Aqui caberia a necessidade de um aprofundamento, buscando verificar se tais pastores já possuem

¹⁴² BAUMAN, 2005, p. 79.

¹⁴³ BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 119.

¹⁴⁴ SILVEIRA, José Roberto. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. *Âncora. Revista Digital de Estudos em Religião*. São Paulo, vol. 1, p. 106-127, 2006. p. 106-7. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_1/04.pdf> Acesso em: 24 ago. 2014.

experiências nos dois campos do ministério, para então analisar as suas percepções acerca dos motivos pelas quais haveria essa diferença de tratamento.

Porém, é possível verificar que esse movimento de desvalorização pastoral na modernidade não é tão novo assim. Isso já era percebido pelo teólogo H. Richard Niebuhr na década de 1950, quando considerava a profissão de pastor como uma “profissão desorientada”, conforme citado por Silveira. Numa mesma perspectiva, um documento do Conselho Mundial de Igrejas – CMI, na década de 1960, reiterava as incertezas que giravam em torno do pastor na sociedade contemporânea.

O pastor em particular já não tem muita certeza sobre a importância de sua tarefa. Não duvida de que no passado fora uma pessoa bastante útil na comunidade. Podia ler e escrever. Aconselhava o povo quando este lhe confiava os seus problemas, lembrava-o de seus deveres e o liderava nas orações em tempo de peste e de enchente, providenciando que todos fossem devidamente liberados da ira de Deus. Era um homem bastante conhecido de toda comunidade. Era respeitado e compreendido pelo povo – era um homem de Deus. Mas agora quase ninguém mais sabe para que serve o pastor. Dificilmente alguém entenderá que para presidir casamento ou enterrar mortos seja preciso uma ocupação de tempo integral. Quando precisamos, recorremos aos especialistas – médicos, advogados, psicanalistas, pessoas que trabalham no serviço social, disponíveis a qualquer um, independentemente da religião [...]. (Conselho Mundial de Igrejas, 1969).¹⁴⁵

William Willimon, pastor metodista, ao tratar dos desafios da pregação na modernidade aborda algumas das dificuldades contemporâneas do pastor no exercício do seu ministério, ligadas ao próprio ofício. Diz ele:

O ofício do pastor não parece valorizado na sociedade. Não ganhamos muito dinheiro. Não exercemos uma função específica que contribua para o produto interno bruto ou para os índices dos principais indicadores econômicos. A profissão dos clérigos fica próxima ao do coletor de lixo na lista das carreiras mais valorizadas pelos alunos no final do segundo grau. Não é à toa que às vezes duvidamos do poder da palavra pregada. (...) ¹⁴⁶

Já Steve Brown, outro pastor e escritor protestante, também possui uma percepção análoga a Willimon, ao afirmar:

Tenho que lidar com esse fato de, na nossa cultura, inclusive de boa parte de nossas igrejas: muitas vezes nós, os pastores, não somos levadas a sério. Isso é um problema, não pelo que sou, mas pelo que represento. Se as pessoas não me levam a sério, eu que sou um pastor, é pouco provável que levem a sério minha mensagem. ¹⁴⁷

¹⁴⁵ Conselho Mundial de Igrejas, 1969. (sem citação de autor e nome de artigo), *apud* SILVEIRA, 2005, p. 111.

¹⁴⁶ WILLIMON, William. O poder de meras palavras. In: PRICE, Donald E. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002. p. 21-31. p. 22.

¹⁴⁷ BROWN, Steve. Quando você não é levado a sério. In: PRICE, Donald E. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002. p. 59-71. p. 60.

Uma outra linha de análise que auxilia a explicar o processo de desvalorização pastoral na sociedade contemporânea é o ingresso dos pastores da atualidade na perversa lógica de mercado.

Os pastores se transformaram em um grupo de gerentes de lojas, sendo que os estabelecimentos comerciais que dirigem são as igrejas. As preocupações são as mesmas dos gerentes: como manter os clientes felizes, como atraí-los para que não vão às lojas concorrentes que ficam na mesma rua, como embalar os produtos de forma que os consumidores gastem mais dinheiro com eles.¹⁴⁸

Mesmo que as igrejas protestantes históricas, de modo geral, não tenham se rendido à teologia da prosperidade, o que invalida a última frase da citação supracitada, as demais premissas talvez não estejam tão longe do que efetivamente acontece em diversas comunidades cristãs.

O motivo pelo qual julgamos importante abordar, mesmo que brevemente essa crise da pós-modernidade, é porque ela é outra das causas para que muitos pastores não apenas sofram no seu ministério pastoral em função dessa crise identitária, como também precisem lutar contra ela, buscando cada vez mais demonstrar para a sociedade a importância da sua atividade pastoral. Para isso fazem um esforço desmedido para provarem a sua integridade, utilidade e relevância social, estabelecendo um padrão de conduta o mais irrepreensível possível, para obter o reconhecimento público e social diante de perda crescente de prestígio da profissão pastoral, conforme já descrito anteriormente. Cresce nesse contexto, o número de idealizações neuróticas de muitos pastores.

1.5 Considerações finais

Descrito esse eixo teórico de caráter mais sociológico, que nos auxilia a compreender em que contexto sócio-histórico-cultural se insere a discussão do pastorado, especialmente na (de) formação e des (construção) da imagem e identidades pastorais, passamos agora a analisar um segundo eixo fundamental de nossa pesquisa, o eixo psicológico. A Psicologia, especialmente, especialmente as que optam por uma abordagem de corte psicanalítico e da psicologia profunda, nos darão subsídios para a compreensão de como se formam os processos neuróticos de idealização, também no contexto do ministério pastoral.

¹⁴⁸ PETERSON, Eugene. H. *Um pastor segundo coração de Deus: a forma da integridade pastoral*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. p. 2.

2 OS PROCESSOS PSÍQUICOS DA IDEALIZAÇÃO: APORTES NA PSICANÁLISE E NEOPSICANÁLISE

2.1 Considerações iniciais

O segundo capítulo de nossa tese vai buscar o aporte da Psicologia, adentrando especialmente nos conceitos da Psicanálise e Neopsicanálise, englobando três principais linhas ou autores: Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Karen Horney, buscando neles os referenciais para a compreensão dos fenômenos da idealização, encontrados no contexto da formação da imagem e identidade pastorais.

Conceitos freudianos como ego ideal, ideal de ego, idealização, narcisismo, e modelos de identificação compõem a primeira parte desse capítulo. Logo a seguir, ainda dentro do contexto da psicanálise trazemos alguns conceitos trazidos pelo psicanalista argentino Hugo Bleichmar, como os enunciados identificatórios, as regras de enunciação identificatória, os ideais e os metaideais. Na segunda parte do capítulo serão abordados alguns conceitos clássicos junguianos, como *persona* e sombra, que são analisados e trazidos para dentro do contexto eclesial, na busca de lançar alguma luz interpretativa para a análise do tema pesquisado. A terceira linha psicológica abordada será a psicanálise culturalista de Karen Horney, que procura integrar a interpretação freudiana de neurose com os elementos neuróticos de origem cultural que, em nosso entendimento, são parte integrante da construção neurótica da imagem pastoral. Traremos alguns pensamentos da autora referente ao tema da autoimagem idealizada e o narcisismo neurótico, bastante aderentes à nossa pesquisa.

Mesmo que possa parecer pretensioso e arriscado abordarmos três linhas teóricas distintas nessa tese, a nossa intenção é apontar para elementos importantes e complementares em cada uma das teorias. Juntas elas possibilitam uma melhor e mais profunda compreensão do tema aqui exposto, mesmo que em alguns aspectos os autores diverjam entre si. Não nos interessa, porém, identificar ou explorar teoricamente tais diferenças, pois uma análise comparativa não faz parte do escopo do trabalho. As diferenças existentes não interferirão significativamente naquilo que iremos expor de cada teoria ou autor.

Deve-se, entretanto, ter em mente que, na presente tese, em função do modelo de instrumento de pesquisa utilizado, não há qualquer pretensão ou mesmo possibilidade de buscarmos uma análise psicológica individual dos sujeitos respondentes da pesquisa, o que poderia estar implícito quando da escolha e utilização dessas teorias como base epistemológica de análise do tema. Isso exigiria, no mínimo, uma pesquisa de caráter qualitativo, o que esse trabalho não contempla. Portanto, o que nos importa aqui é verificar

como são construídos os processos de idealização a partir dessas três teorias, na busca de compreender estruturalmente o fenômeno da idealização, de modo a podermos aplicá-lo, ao menos de forma genérica, à categoria dos ministros religiosos ou cuidadores pastorais.

2.2 A Psicanálise Freudiana e a formação da idealização

A primeira escola psicológica que estabeleceu uma teoria sobre os processos de idealização foi a Psicanálise. Em Sigmund Freud¹⁴⁹ vamos encontrar diferentes conceitos que nos auxiliarão a compreender esse mecanismo psíquico, que encontra terreno fértil para se instaurar no meio daqueles que exercem o ministério pastoral. Para uma melhor compreensão dos conceitos freudianos faremos uso de fontes primárias e secundárias, abordando autores que tentam esclarecer e interpretar os diferentes conceitos freudianos.

2.2.1 Ego ideal e ideal de ego

O conceito de *ego ideal* foi inicialmente utilizado por Freud em 1914, no seu escrito *Introdução ao Narcisismo*, mas nesse mesmo texto também já se percebe a utilização do conceito *ideal de ego*. Freud acaba não fazendo uma distinção muito clara ou específica entre os conceitos de *ego ideal* [*Ideal-Ich*] e *ideal de ego* [*Ich-Ideal*] ao longo de toda sua obra,¹⁵⁰ sendo esta questão conceitual freudiana fruto de muita discussão.

Essa imprecisão conceitual em torno desses dois termos na obra de Freud também é apontada pela psicanalista e pesquisadora Kelly Puertas:

[...] foi realizado um levantamento dos textos que abordavam o conceito de Ideal do Eu na obra de Freud. No verbete Ideal do Ego (Eu) é apontada a obscuridade deste conceito na obra de Freud, quando declaram: “é difícil delimitar um sentido unívoco da expressão ‘ideal do ego’ na obra de Freud” (p. 222). Esta dificuldade, ponderam os autores, provém do fato deste conceito estar ligado a noção de supereu que foi

¹⁴⁹ Sigmund Freud (1856-1939) é chamado de o “Pai da Psicanálise”. O seu sistema foi a primeira teoria formal da personalidade humana e continua a ser uma das mais conhecidas, especialmente por Freud ter sido o “desbravador” do inconsciente humano, mostrando sua influência no determinismo psíquico. O seu trabalho não só afetou a forma de pensar a personalidade nas áreas da psicologia e psiquiatria, como também causou um enorme impacto na nossa maneira de encarar a natureza. Muitas das teorias da personalidade propostas depois de Freud são derivações da sua obra básica. Destacar seus principais conceitos é tarefa quase impossível, pela amplitude de sua produção. Entre as suas principais obras podemos citar: *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Estudos sobre a Histeria* (1893), *Sobre a psicopatologia cotidiana* (1901), *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), *Totem e Tabu* (1913), *Moisés e o Monoteísmo* (1939), *O Mal Estar na Civilização* (1930) e *O Futuro de uma Ilusão* (1927) etc. In: SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ, Sydney Ellen. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Cengage Learning, 2008. p. 42-3.

¹⁵⁰ O ego ideal é tratado por Freud em alguns outros escritos, tais como: *A Teoria da Libido e o Narcisismo*. (1916-1917). É também aludido em *Luto e Melancolia* (1917), *Psicologia de Massas e Análise do Ego* (1921), *O Ego e o Id* (1923) e em *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933).

sendo elaborada progressivamente na obra de Freud. Da leitura desses textos pôde-se constatar a obscuridade citada pelos autores, sendo que a mais intrigante foi a equivalência com que Freud apresenta os conceitos de Ideal do Eu e Supereu, encontrada no terceiro capítulo do texto *O Eu e o Isso*, de 1923.¹⁵¹

É consensual, porém, o pensamento de que *ego ideal* estaria ligado ao narcisismo primário, “primitivo”, ao passo que o *ideal de ego* já pertenceria ao narcisismo secundário, mais maduro, fruto de uma castração imposta ao sujeito e de certa maneira aceita e assumida por ele. O *ideal de ego* é que vai possibilitar a instauração de preceitos sociais no aparelho psíquico, sendo a porta de entrada para a possibilidade de uma vida em sociedade.

Uma das primeiras falas de Freud a respeito desses conceitos já apontam para esse elemento, do contato com as ideias morais e culturais, que defrontam o indivíduo com a impossibilidade de vivenciar a perfeição narcísica de sua infância.

Aprendemos que os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo. Com isso não entendemos jamais que a pessoa tenha um simples conhecimento intelectual da existência de tais ideias, mas que as reconheça como determinantes para si, que se submeta às exigências que delas partem. Dissemos que a repressão vem do Eu; podemos precisar: vem do autorespeito do Eu. As mesmas impressões, vivências, impulsos, desejos que uma pessoa tolera ou ao menos elabora conscientemente são rejeitados por outra com indignação, ou já sufocados antes de se tornarem conscientes. A diferença entre as duas, que contém a condição da repressão, pode ser facilmente colocada em termos que possibilitam uma explicação pela teoria da libido. Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.¹⁵²

Portanto, para Freud, o que impele o indivíduo a construir um *ideal de ego* é não estar disposto a desistir da satisfação desfrutada no passado infantil, ou seja, não desejar renunciar à perfeição narcísica da infância. Dessa forma, busca recuperar pelo menos parte dessa perfeição sob a forma de um *ego ideal*, mas que passa a se chamar então de *ideal de ego*,

¹⁵¹ PUERTAS, Kelly Cristina Pereira. *Emergência e constituição do ideal do eu em Freud*. 2010. 128 f. Dissertação. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010. p. 13.

¹⁵² FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas*, vol. 12. [1914-1916]. Introdução ao narcisismo. Ensaios de metapsicologia e outros textos São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50. p. 27-8.

necessário para o desenvolvimento e amadurecimento de seu ego. No texto o *Ego e o Id*, Freud vai aproximar o conceito de *ideal de ego* do conceito de *superego*, fazendo um uso equivalente desses dois conceitos, quando coloca em parênteses logo após o termo *superego* o termo *ideal do eu*.¹⁵³

De modo geral, Freud (1930 [1929]/1974) vai definir a imagem idealizada como um meio de aliviar a tensão interna. A imagem ideal fantasiada e os esforços em corresponder a ela prometem pôr fim a dolorosos sentimentos de frustração e impotência e restaurar o senso de integridade do eu, ferido pelo real.¹⁵⁴

Segundo Andrea Vaz Cid, já citada no capítulo anterior, Freud afirma que os modelos ideais carregam consigo a promessa de saída da realidade frustrante, direcionando-se à restauração do narcisismo ilimitado, o qual concede satisfação absoluta ao sujeito. A manutenção no registro do ideal se inscreve no não confronto com o sofrimento.¹⁵⁵

A sedução do poder e prestígio e da construção de um ego idealizado se dá através da extinção das frustrações que prometem. Entretanto, o ser idealizado referente ao *ego ideal* ao qual se busca incorporar, jamais poderá ser alcançado pelo indivíduo. A crença de que se é importante oscila no contato estabelecido com cada indivíduo do grupo social. O *ego ideal* é imaginário e, justamente por este fato, o ser humano prontamente é machucado no confronto com o real. O contato com a realidade traz uma ameaça mortal para a existência autocentrada do indivíduo na medida em que incita dúvidas às suas autoreferências.¹⁵⁶

O que se pode depreender da idealização proposta por Freud aplicando-a ao contexto de nossa tese é de que muitos pastores podem estar se refugiando numa imagem ideal como forma de fugir da realidade de suas próprias limitações e imperfeições, que seriam não aceitas na sua condição de líder e modelo de identificação para os fiéis. O pastor necessitaria, como alimento vital para seu ego, se reafirmar constantemente na sua condição de ser a figura de identificação idealizada para o seu rebanho ou comunidade de fé. Dessa forma ele reprime ou tenta reprimir a sua ferida narcísica, trazida à tona pela consciência de sua incompletude, mas continua a se relacionar com a fonte do sofrer, a própria idealização, sem se dar conta de que isso só potencializa sua doença neurótica. O ganho secundário, no dizer psicanalítico, é que seu ego é massageado, a partir dos elogios que poderia receber de sua comunidade por se mostrar um sujeito livre de imperfeições ético-morais.

¹⁵³ PUERTAS, 2010, p. 14.

¹⁵⁴ CID, 2006, p. 68.

¹⁵⁵ CID, 2006, p. 68.

¹⁵⁶ CID, 2006, p. 70.

Já o principal teórico freudiano que estabelece diferenças entre *ego ideal* e *ideal de ego* é o psicanalista argentino Hugo Bleichmar.¹⁵⁷ Tal como Freud, Bleichmar também considera que o *ego ideal* tem seu modelo no narcisismo primário, fase do desenvolvimento psíquico caracterizado pelo fato do indivíduo “acreditar” em sua perfeição. Já o *ideal de ego*, para Bleichmar, aponta para uma instância do narcisismo secundário e da identificação primitiva com as figuras parentais já substituídas pelo meio social mais amplo.¹⁵⁸ Novamente registra-se que o *ideal de ego* é perpassado pelo fenômeno da castração, ou seja, da consciência das suas falhas, da sua incompletude e da total impossibilidade do atingimento da perfeição.

Como já foi dito, apesar de Freud não deixar muito clara a diferenciação entre *ego ideal* e *ideal de ego*, ele diferencia claramente o narcisismo primário do secundário. Bleichmar, tal como propõe Freud, defende que a formação dos ideais não parte apenas da identificação com os pais, como também dos ideais coletivos, ou seja, tanto do narcisismo primário quanto do secundário.¹⁵⁹

Diz Bleichmar:

Na realidade, o ideal constitui-se a partir do momento em que o outro deixa de ser um admirador incondicional que oferece ao sujeito a vivência de perfeição para passar a converter-se em alguém que exige do sujeito a adequação a determinadas normas. Essas, que agora requerem ser satisfeitas pelo sujeito para obter a admiração do outro, passam a constituir-se em seus ideais. O cessar da admiração incondicional e queixa do outro quando o sujeito afasta-se de determinadas qualidades ou condutas desejáveis é o que cria, portanto, a dimensão do ideal. Que o ideal provenha não de uma desilusão do sujeito, mas de uma queixa do outro que já está moldado pela cultura explica por que os ideais não são individuais, mas uma aquisição daquilo que a sociedade pauta.¹⁶⁰

Ao definir o conceito de *ego ideal*, Bleichmar diz que ele vai caracterizar-se

[...] pela incondicionalidade da admiração do outro. Sua perfeição está fora de qualquer discussão, de qualquer análise pormenorizada de seus atributos que pudessem ser contrastados com parâmetros de avaliação. É essa incondicionalidade

¹⁵⁷ Hugo Bleichmar é Psicanalista, psiquiatra, doutor em medicina pela Universidade de Buenos Aires, diretor do curso da pós-graduação de Psicoterapia Psicanalítica da Universidade Pontifícia Comillas Madrid, membro da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), presidente da Sociedade “Fórum” de Psicoterapia Psicanalítica e diretor da Revista Aberturas Psicanalíticas. Pesquisador autor de diversos livros, como Autor de vários artigos e dos livros: “A Depressão. Um Estudo Psicanalítico”, “O Narcisismo. Estudo sobre a Enunciação e a Gramática Inconsciente”, Nueva Vision Editora; “Angústia e Fantasma: Matrizes Inconscientes além do Princípio do Prazer”, ed. Adotraf, e de “Avanços em Psicoterapia Psicanalítica. Rumo a uma Técnica de Intervenções Específicas”, ed. Paidós. In: *Hugo Bleichmar* (site oficial). Disponível em: <<http://centropsicanalise.com.br/user/hugo-bleichmar/>> Acesso em: 19 jan. 2016.

¹⁵⁸ BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985. p. 60.

¹⁵⁹ CID, 2006, p. 61.

¹⁶⁰ BLEICHMAR, 1985, p. 51.

da admiração do outro – ausência de requisitos que devam ser satisfeitos – o que converte alguém num ego ideal.¹⁶¹

Nesta breve exposição já se começa a vislumbrar como o exercício da função pastoral está predisposta para o desenvolvimento da idealização neurótica. A condição de tornar-se um pastor, uma pessoa pública, referência para uma comunidade já parece trazer em si mesma uma potencial fonte de alimentação do desejo narcisista humano. Como já foi visto, a representação narcisista do ego do pastor é uma construção a partir de uma série de representações que são colocadas sobre essa sua identidade específica. Não é apenas uma criação individual, mas também familiar, eclesiástica, social e cultural, todas confluindo para a construção de uma identidade idealizada, como Horney dirá mais adiante.

Nesse contexto, a ferida narcísica do pastor poderia começar a doer quando percebe que suas falhas, limitações e imperfeições são vislumbradas pela sua comunidade de fé, o seu “rebanho”, o que coloca em risco a sua condição de ser “modelo de identificação para os fiéis”. Está em jogo a sua própria sobrevivência como figura idealizada e de autoridade, que precisa ser plenamente atendida em diferentes direções ou âmbitos: junto à comunidade de fé, junto à instituição religiosa a que pertence, junto à sua família, como também – e talvez especialmente - junto a si mesmo. Nesse contexto destacamos o que disse um dos pastores respondentes da pesquisa empírica: “[...] a graça pregada e ensinada pelos pastores - tanto do púlpito como em momentos não cúlticos [...] - nem sempre é aplicada ao pastor. As vezes pelo pastor mesmo, em função de colocar parâmetros muito elevados a si e a seu ministério” (anexo 4, questão 47, nº 18). Já outros pastores, na mesma linha de pensamento, responderam:

A cobrança vem tanto de fora como do próprio pastor. Pastores são tentados a assumir uma posição moral, intelectual e espiritual superior. Quando encontram nas comunidades e na sociedade uma aprovação ou até mesmo um incentivo para que isso seja cultivado e aperfeiçoado, aí o perigo cresce. (anexo 4, questão 47, nº 35)

[...] diante de uma idealização muitos pastores se vestem de uma imagem de pura santidade, se distanciando dos congregados, e muitas vezes se tornando puritanos, devido a cobrança sobre eles imposta. (anexo 4, questão 47, nº 108)

[...] os pastores, ao pregarem e ensinarem sobre a Graça, precisam se colocar como alvo da mesma, é difícil ser um ideal para os outros e ser cobrado por isso, mas é mais difícil ser um ideal para si mesmo, e não assumir suas fraquezas, dores e pecados...! - Nem sempre a cobrança desse ideal vem dos membros da Igreja...em muitos casos falta a maturidade e a coragem de lidar com as suas limitações... [...] (anexo 4, questão 47, nº 124)

Muitas vezes a cobrança maior é do próprio pastor diante de si mesmo e não de meios externos como Congregação e lideranças. (anexo 4, questão 47, nº 136)

¹⁶¹ BLEICHMAR, 1985, p. 61.

Ainda outros desses elementos teóricos acima expostos podem ser percebidos, de forma não explícita, mas indireta, em algumas das respostas às questões objetivas propostas na pesquisa empírica. Na questão doze (12), 77% dos pastores respondentes concordaram com a assertiva de que “as experiências e vivências dentro da igreja luterana indicam a exigência de um ministério pastoral irrepreensível”. Essa percepção alcança índices de concordância bastante significativos, mesmo que somente 30% concordem totalmente com isso e 47% concordem em parte. A idealização externa parece estar presente no resultado dessa questão. Mesmo que ela não sinalize para o fato de que o pastor procure satisfazer tal irrepreensibilidade, o simples fato de percebê-la já é um elemento importante no processo de formação da sua idealização.

Já quanto a uma possível idealização familiar sobre o lugar ocupado pelo pastor, buscamos auferir se houve “incentivo por parte dos pais ou pelo menos o desejo de que o filho se tornasse pastor” (questão 13), o que poderia indicar elementos de idealização familiar na escolha do pastorado como uma profissão. O índice de concordância atingiu apenas 47% dos sujeitos da pesquisa, sendo que apenas 18% concordaram totalmente com essa assertiva, o que, de certa forma, mostrou-se como um resultado até abaixo do que se imaginava previamente encontrar na pesquisa.

Porém, quando os pastores foram questionados se um “possível abandono do ministério pastoral certamente decepcionaria muitas pessoas que estimam” (questão 26), 67% dos respondentes concordaram que isso aconteceria, o que acreditamos ser um índice de concordância bastante significativo. Esse resultado pode indicar a existência de projeções externas idealizadas sobre a identidade e função pastoral, sendo essa projeção percebida e assimilada pelos pastores respondentes. Sabemos que o medo de decepcionar a quem se ama ou estima é fonte psíquica de sofrer, pois a própria imagem autoidealizada é colocada em risco. O ser humano parece precisar constantemente do amor e da confirmação do outro sobre si, especialmente quando se está num papel ou função onde idealizações coletivas são projetadas sobre sua pessoa. Esse aspecto nos leva ao próximo aspecto do assunto.

2.2.2 Freud e a Psicologia das Massas: o pastor como líder e modelo de identificação

Tomando por sequência a relação existente entre o pastor e a comunidade, tal como descrita acima, Freud também faz algumas alusões ao como se estabelece tal relação entre o líder e seu grupo. No seu escrito *Psicologia das massas e análise do eu* (1920-1923), Freud afirma que “um grupo é um rebanho obediente, que nunca poderia viver sem um senhor.

Possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe”.¹⁶²

Freud atribui aos líderes “um poder misterioso e irresistível, a que chama de ‘prestígio’. O prestígio é uma espécie de domínio exercido sobre nós por um indivíduo, um trabalho ou uma ideia. Paralisa inteiramente nossas faculdades críticas e enche-nos de admiração e respeito”.¹⁶³ Já vimos, no capítulo anterior, que o conceito de prestígio está intimamente ligado à construção histórica da imagem pessoal e profissional.

Ao falar dos grupos sociais, Freud passa a tratar de dois grupos, vistos por ele como grupos artificiais, pelo fato de existir uma força externa empregada para impedi-los de desagregarem-se e evitar alterações em sua estrutura.¹⁶⁴ Esses grupos são justamente a Igreja¹⁶⁵ e o Exército.

Portanto, no grupo social Igreja há uma exposição de modelos identificatórios que existem para serem seguidos e que vão além das figuras parentais. A ligação entre pessoas que compartilham de um mesmo grupo ou cultura acaba acontecendo pela identificação e introjeção de uma mesma pessoa em seu superego. Essa pessoa, invariavelmente, será o seu líder, um ser idealizado, que fornece o elemento comum para todos os membros do grupo identificarem-se entre si. Diz Freud a respeito disso:

[...] o laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. Outra suspeita pode dizer-nos que estamos longe de haver exaurido o problema da identificação e que nos defrontamos com o processo que a psicologia chama de ‘empatia’ [*Einfühlung*] o qual desempenha o maior papel em nosso entendimento do que é inerentemente estranho ao nosso ego nas outras pessoas.¹⁶⁶

Mais uma vez percebe-se o quanto a teoria freudiana pode ser aplicada ao que acontece nas comunidades religiosas, na relação entre o pastor/líder e o seu rebanho/liderados. O pastor acaba se tornando uma necessária fonte de identificação, com a qual a comunidade precisa *empatizar*, o que confere ao pastorado uma responsabilidade ímpar nesses processos de identificação do líder com o seu rebanho. A existência de modelos identificatórios é absolutamente indispensável para que os indivíduos possam encontrar referências para formar

¹⁶² FREUD, Sigmund. *Psicologia da massa e análise do eu*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. Coleção L&PM Pocket, vol. 1106. p. 55.

¹⁶³ FREUD, 2013, p. 56.

¹⁶⁴ FREUD, 2013, p. 78.

¹⁶⁵ Freud faz menção à Igreja Católica, tomando-a como exemplo, certamente em função de sua estrutura hierárquica claramente perceptível, tal como acontece no exército.

¹⁶⁶ FREUD, 2013, p. 103-4.

a sua própria identidade, o que se aplica plenamente à construção de uma *identidade religiosa* como a *identidade cristã*.

Se estamos percebendo que em todos os grupos humanos há a presença de uma figura ideal, tanto mais isso ocorrerá nos grupos ou comunidades religiosas, que normalmente são caracterizadas por um conjunto de padrões éticos-morais que precisam ser seguidos pelos seus membros, normalmente incentivados e instados pelo seu líder máximo, o pastor. Cid reforça a necessidade da existência desse modelo idealizado:

[...] As coletividades precisam desse modelo idealizado, vistos sem defeitos, para ser seguido, a fim de garantir um bom funcionamento da sociedade.

O processo psíquico de identificação possibilita que o sujeito assimile características de um outro, o qual é tido como modelo. Através da identificação, dá-se ao sujeito a condição de existência e pertencimento ao mundo. O processo de idealização, por sua vez, investe o objeto, libidinalmente, tornando-o admirável e perfeito.¹⁶⁷

Fazer jus a essa admiração de uma quase perfeição, que segundo Freud é indispensável para o equilíbrio do grupo, é o ônus colocado sobre aquele que se habilita a exercer a função de liderança, ou seja, é o ônus de quem se habilita a exercer o ministério pastoral.

Nesse processo de assumir essa imagem pública podem surgir idealizações narcísicas, conforme confessa o pastor batista Jaime Kemp a respeito de si mesmo: “Há uma gratificação pessoal instantânea e um enlevo divino em ajudar pessoas necessitadas. Nunca é fácil para mim dizer NÃO!”¹⁶⁸ Kemp confessa essa tentação pastoral no contexto de crítica a um ministério que pode se tornar uma “santa” obsessão, onde o pastor busca realizar ambições egoístas que minam e destroem suas relações íntimas e familiares. O sucesso pastoral se torna a “amante” do pastor, que o acaricia quando as pessoas da comunidade passam a considerá-lo um ser maravilhoso, sempre disponível a ela.¹⁶⁹

Temos aqui, no relato de Kemp, um retrato concreto do que estamos sugerindo em nossa tese, de que pastores vivem uma tentação irresistível em assumir a idealização pastoral, de modo a receberem uma gratificação imediata por parte da comunidade de fé.

¹⁶⁷ CID, 2006, p. 66-7.

¹⁶⁸ KEMP, Jaime. *Pastores em Perigo*: ajuda para o pastor, esperança para a Igreja. 3.ed. São Paulo: Sepal, 2000. p. 15.

¹⁶⁹ KEMP, 2000, p. 14-16.

2.3 Hugo Bleichmar: regras da enunciação identificatória, ideais e metaideais

Bleichmar, um teórico neofreudiano, nos oferece subsídios interessantes que nos podem auxiliar a explicar fenômenos presentes nos processos de idealização neurótica e narcísica dos pastores. Ao tratar do narcisismo, afirma que ele está ligado a um sistema de representações, ou seja, uma possível representação narcisista do ego do pastor é resultado de uma série de representações que são atribuídas e colocadas sobre essa sua identidade específica.

O ego, utilizando-se o termo para designar a forma pela qual o sujeito se representa, não é uma entidade única nem homogênea. Na realidade, acha-se integrado pelo conjunto de representações – enunciados e imagens – que o sujeito toma como descrições de seu ser. Dentro delas, há um subconjunto de representações que se têm da perspectiva da valoração dos julgamentos positivos e negativos que se formula acerca de si mesmo, o que permite falar de *representação narcisista do ego*.¹⁷⁰

Porém, como continua Bleichmar, o narcisismo parece ser uma força constante no psiquismo que busca continuamente sua satisfação. Por esse motivo, o sujeito tenderá a incessantemente ir ao encontro dos chamados *objetos da atividade narcisista*, ou seja, os objetos que permitem que essa realize-se.¹⁷¹ Isso parece explicar porque muitas vezes o pastor alimenta o seu narcisismo, mesmo que isso seja fonte de sofrimento pastoral.

Bleichmar traz, nesse contexto da formação da identidade narcísica, o conceito de *regras da enunciação identificatória*, diferenciando-a dos *enunciados identificatórios*. Os *enunciados identificatórios* “são afirmações concretas que dizem que alguém é, foi ou será de determinada maneira. Constituem uma identidade atribuída. As *regras da enunciação identificatória* são, no entanto, normas para construir aquelas afirmações”.¹⁷²

O que Bleichmar quer dizer é que, na atribuição de uma identidade a alguém, seja a um outro ou ao próprio sujeito por parte de si mesmo, os enunciados identificatórios não estão liberados para uma liberdade absoluta, “mas circulam pelos trilhos de regras de enunciação das quais são produtos”.¹⁷³ As regras existem como formas que o sujeito possui para organizar a maneira como se representará.

Aplicando esse conceito ao contexto pastoral, as *regras de enunciação identificatória* do ministério pastoral trazem em todo seu construto histórico-cultural-social um ideal de

¹⁷⁰ BLEICHMAR, 1985, p. 17-8.

¹⁷¹ BLEICHMAR, 1985, p. 31.

¹⁷² BLEICHMAR, 1985, p. 45, 54.

¹⁷³ BLEICHMAR, 1985, p. 50.

perfeição, de irrepreensibilidade, de um ser que precisa se tornar modelo ou padrão para os fiéis. No meio eclesiástico parece não haver escapatória dessa regra de enunciação. Ela tem sido uma condição *sine qua non* para o exercício do ministério pastoral. A possibilidade de erros e falhas do pastor ferem a essência de sua identidade social, quase inviabilizando-o de continuar exercendo essa função pública. Em outras palavras: ou o pastor beira a perfeição ou ele não vale nada. É o que parecem afirmar as regras de enunciação da identidade pastoral ou sacerdotal no contexto eclesiástico cristão, também no meio luterano.

Um outro conceito importante trazido por Bleichmar é o estabelecimento da diferença entre *ideal* e *metaideal*, sendo que a satisfação narcisista do sujeito está ligada não aos ideais, mas aos *metaideais*, ou seja, das regras que regulam sua relação com aqueles. Os ideais existem para serem cumpridos. Quem os cumpre passa a ser gostado pelos outros. Já quem não consegue cumpri-los ou é desprezado ou castigado, sendo essa a regra geral nas relações humanas e profissionais. Para Bleichmar esses ideais, uma vez constituídos passam a fazer parte da estrutura intrapsíquica do sujeito.¹⁷⁴ Já o *metaideal*, que são as crenças não formuladas conscientemente, vão determinar o grau em que o sujeito pode afastar-se do ideal. O *metaideal* é assim definido pelo autor:

O metaideal é uma crença que fixa como deve ser alguém ou algo para que seja valorizado, preferido; surge sempre no campo do narcisismo – âmbito das preferências e das rejeições – e não perderá jamais a marca de sua origem. [...] O metaideal impulsiona para a assunção de identidades que o encarnem: se o ego é uma máscara do sujeito, se existe a personalidade “como se” é porque para ser querido pelo outro externo ou pelo superego o sujeito tem que se mostrar como sendo o que não é.¹⁷⁵

Na relação e diferenciação entre ideais e metaideais, Bleichmar se utiliza de um exemplo cuja transposição ao pastorado será de fácil aplicação e entendimento. Diz Bleichmar sobre o *ideal*.

[...] a diferença entre o ideal e o metaideal podemos encontrar no espectador de qualquer esporte. É capaz de ser um especialista que aprecie a graça e a precisão no movimento, e ao concorrer em torneios onde participem os grandes no esporte não lhe escape o mais leve deslize. Possui um ideal do movimento, das qualidades que esse deve possuir, inclusive desejaria poder corresponder a esse ideal. No entanto, quando é ele o que joga, se não tem habilidade pode aceitar essa característica com tranquilidade. O ideal de perfeição está no seu psiquismo, porém o sujeito aceita não encarná-lo. Não tem o ideal de ser o ideal; não é para ele essencial sê-lo, tolerando afastar-se dele.¹⁷⁶

¹⁷⁴ BLEICHMAR, 1985, p. 53.

¹⁷⁵ BLEICHMAR, 1985, p. 52.

¹⁷⁶ BLEICHMAR, 1985, p. 53.

Esse é um ideal positivo, segundo Bleichmar. Em substituição à figura do espectador/esportista poderíamos colocar a figura do cristão/pastor. Enquanto cristão e, mais ainda, enquanto pastor, o indivíduo sabe das inúmeras qualidades e virtudes que “precisa” possuir, ou seja, de um ideal importante que desejaria corresponder à altura diante de si mesmo, diante da sua família, diante da comunidade e diante do próprio Deus no desempenho de sua função pastoral. Porém, quando está exercendo a função pastoral o pastor precisará dar-se conta de que *ideal* por vezes imposto a ele, de ser o mais próximo de Jesus, o Bom-Pastor, é impossível de ser cumprido na sua totalidade, ou seja, a perfeição é algo inatingível para o ser humano. Já a assunção do *metaideal* poderá não permitir que o pastor se permita a errar, no momento em que crer que será odiado ou desprezado caso não cumpra o ideal que se espera dele (ou que ele espera de si mesmo).

A psicóloga e mestre Cláudia Rodrigues Pereira também explica o que estamos falando aqui em outras palavras, mostrando o quanto isso pode ser fonte geradora de um sofrer pastoral:

A questão é quando a não correspondência aos ideais é sempre vivida como derrota, trazendo à tona o sentimento de precariedade do eu. Na cultura contemporânea, os nossos metaideais, para usar os termos de Bleichmar, são ainda mais rígidos do que nossos ideais. É o metaideal que transforma ‘um pequeno tombo em uma queda’, um ‘arranhão em uma ferida’, o erro em reprovação. Trata-se da maneira totalizante como o sujeito lida com cada “furo” na imagem narcísica.¹⁷⁷

Para que fique ainda mais clara a diferença entre o *ideal* e o *metaideal* seguimos com o complemento da explicação de Bleichmar, que vai afirmar:

[...] O metaideal, no entanto, ao fixar a medida em que é possível desviar-se do ideal para que o sujeito seja aceito, já não constitui uma simples comparação entre o ideal e o traço numa escala avaliativa. Através do traço aceita-se ou rejeita-se toda a pessoa. Enquanto o ideal permite comparar traços, o metaideal é uma instrução sobre a reação emocional que se deve ter quando alguém contrasta com o ideal. Fixa o amor ou o ódio que se destina à pessoa que está sendo avaliada com relação ao ideal. A partir desse ponto de vista, os metaideais atribuem identidades ao colocar alguém em relação com o ideal.¹⁷⁸

Portanto, o perigo para o pastor é que, caso não consiga cumprir com perfeição o ideal, cometendo algum erro, pecado, deslize ou mesmo se mostre incompetente em alguma

¹⁷⁷ PEREIRA, Cláudia Rodrigues. *Distímia e precariedade do espaço transicional*. 2008. 104 f. Dissertação. (Mestrado). PPG em Saúde Coletiva. Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. p. 48.

¹⁷⁸ BLEICHMAR, 1985, p. 53.

tarefa do pastorado, poderá lhe surgir o temor de que toda a sua pessoa será rejeitada e desprezada, colocando toda a sua identidade pessoal e pastoral em risco. É preciso, dessa forma, tentar fugir da sedutora mas perigosa armadilha da busca *do ideal de perfeição* do ministério pastoral, porque ele poderá se transformar num *metaideal* tirânico e vingativo. Mesmo que Bleichmar não nomeie o que vamos afirmar, poderíamos dizer que precisaríamos lutar para desconstruir o *metaideal negativo* do pastorado, transformando-o num *metaideal positivo*. O que isso iria querer dizer? Que ao invés de fixar o ódio ou desprezo para aquele que se afasta do ideal moral, social e espiritual, exigido do pastor, fixasse o amor quando o pastor eventualmente caísse em erro ou não cumprisse tudo o que se espera dele, implicando aprender a lidar de forma mais amorosa com as falhas. Esse seria um *metaideal* muito mais saudável e próximo do real, que precisaria ser assumido pelo pastor e pela comunidade de fé.

Porém, o que vemos nas igrejas é, normalmente, um *metaideal* negativo. Enquanto a igreja e o próprio pastor exigirem de si mesmos ou acreditarem que conseguirão atingir a mesma condição de perfeição de Jesus, o Bom Pastor, nunca poderá haver uma satisfação narcísica, mas somente sofrimento narcísico, pela total impossibilidade de cumprimento do ideal que serve como parâmetro de comparação. Com a assunção de um *metaideal positivo*, o pastor e a igreja podem processar a quantidade de amor e aceitação de um pastorado mais real, que assume a completa impossibilidade de alcançar o ideal, ou seja, abre-se espaço para a aceitação de um pastorado mais humanizado, onde erros do pastor são melhor compreendidos e tolerados, num clima de amor e perdão.

Entretanto, sabe-se que, mesmo de forma inconsciente, alguns pastores podem cair na armadilha de serem até apologetas na defesa de um ideal de perfeição do pastorado. A defesa apaixonada desse ideal, como dirá Bleichmar, “coloca o sujeito numa situação de privilégio: passa a ser aquele que se integra com os méritos do ideal enquanto é seu defensor. O brilho do ideal cai sobre o sujeito e seu narcisismo se nutre de ver-se como zeloso custódio daquele”.¹⁷⁹ O pastor, portanto, acaba se alimentando daquilo que ele próprio “sabe” ou intui que lhe faz mal. Porém, o desejo da satisfação narcísica torna-se irresistível e ele acaba cedendo à tal tentação, como já dissemos anteriormente e haveremos de reafirmar mais adiante.

Essa é uma das mais perigosas armadilhas para o equilíbrio psíquico e saúde mental dos pastores e foi, inclusive, uma das conclusões aproximativas a que os pastores respondentes de nossa pesquisa empírica chegaram. A questão 46 afirmava: “A idealização da

¹⁷⁹ BLEICHMAR, 1985, p. 56.

imagem e identidade pastorais, assim como é importante para o exercício da função pastoral e para o reconhecimento público de seu trabalho é, ao mesmo tempo, uma perigosa armadilha para sua vida e seu ministério”. O índice de concordância dessa asserção atingiu 85% dos pastores, 43% concordando totalmente e 42% concordando em parte. Apenas 9% dos sujeitos da pesquisa discordam dessa afirmativa. Esses dados parecem indicar que os pastores da pesquisa possuem consciência de que vivem um dilema difícil de ser ultrapassado, qual seja: a necessidade de trabalhar em prol de uma idealização de sua imagem e identidade pastorais, mesmo sabendo que isso pode ser nocivo à sua própria saúde, vida e ministério.

A dúvida que pode surgir é por quais motivos os pastores arriscam-se a viver nesse constante dilema, que certamente é fonte de tensão psíquica. Seria por questões meramente narcísicas, como já sugerimos? Mesmo que isso não possa ser claramente determinado, pois exigiria uma investigação de caráter mais profundo e individual, a nossa pesquisa nos fornece algumas pistas. Quando os pastores foram questionados no instrumento se “ser uma figura pública reconhecida e de destaque faz bem para seu próprio ego” (questão 41), 60% dos respondentes concordaram com tal assertiva. É justo sinalizar, porém, que apenas 15% dos pastores concordaram totalmente com isso, ao passo que 45% concordaram apenas em parte. Porém, é lícito supormos que existem elementos claramente narcísicos nesse resultado, lembrando que apenas 20% discordaram dessa ideia, sendo que apenas 5% totalmente. Mais um comentário precisa ser feito quanto à análise dessa questão. No conjunto total de resultados da pesquisa, essa questão apresentou o maior índice na categoria de resposta “nem concordam nem discordam”, atingindo 20% dos respondentes, o que destoa das respostas expressas nas demais quarenta e cinco questões do instrumento de pesquisa. É um dado pelo menos curioso, que careceria de maior aprofundamento.

Nesse contexto, de certa forma ambíguo e dialético do narcisismo, diz Bleichmar:

É nesse terreno da dor e da alegria narcisista que nos encontramos com uma representação privilegiada, o ego ideal, que não deixará de solicitar ao sujeito; pois, como sustenta Freud, possui todas as perfeições daquilo que é de valor. Essas perfeições, por outra parte, constituem o meio para obter a admiração de alguém – o outro externo ou o próprio sujeito. Se a representação de um ego ideal existe é porque existe alguém capaz de ver o sujeito dessa maneira, o que faz surgir nesse o desejo de sê-lo para aquele”.¹⁸⁰

Essa afirmação de Bleichmar parece indicar que a escolha do ministério pastoral como profissão ou modo de vida já poderia implicar uma escolha narcísica. O ministério profético/pastoral está ligado intimamente à ideia de um processo de escolha ou eleição de

¹⁸⁰ BLEICHMAR, 1985, p. 59.

Deus. Mesmo que isso não seja afirmado explicitamente pelos pastores, em função da teologia luterana não concordar com tal premissa, essa é uma percepção histórico-cultural, que acaba sendo internalizada mesmo que de forma inconsciente pelos pastores. Existe toda uma expectativa eclesial, cultural, familiar e pessoal de que pastores/sacerdotes sejam pessoas especiais, vocacionadas pelo próprio Deus a exercerem a função pública de liderança espiritual.

Vejamos algumas falas dos pastores respondentes da pesquisa com relação ao conjunto de virtudes e aptidões necessárias exercício do ministério pastoral:

[...] Aptidão para o ministério pastoral (consagração, conhecimento, dons, habilidades) é inquestionável. As fraquezas... todos têm as suas próprias. Vejo isto como o que ocorre com os atletas de uma seleção. Claro que todos os seres humanos que quiserem poderão jogar onde quiserem, mas para atuarem numa seleção, deverão ter várias habilidades e qualidades. Assim é com quem aspira ao pastorado. (anexo 4, questão 47, nº 62)

[...] A teologia da graça não anula as exigências da aptidão para o exercício do ministério, nem as qualificações para ele exigidas. Mas, não esqueçamos, a teologia da graça nos traz o consolo do abraço perdoador de Deus para nossas fraquezas, deslizes e pecados no exercício do ministério. [...] (anexo 4, questão 47, nº 120)

Um dado objetivo verificado no resultado de nossa pesquisa parece corroborar o que acabamos de expor acima. Ao se posicionarem diante da afirmativa “segundo a Bíblia, o ministério pastoral precisa ser exercido por pessoas especialmente qualificadas” (questão 5), 92% dos pastores respondentes concordam com essa premissa, sendo que desses 61% concordam totalmente. Lembramos aqui novamente o resultado da questão 17, onde 94% dos pastores respondentes sentem que foram escolhidos e vocacionados por Deus para o exercício do ministério pastoral, o que ajuda a compor esse cenário de uma suposta idealização narcísica em torno de sua função pastoral.

Numa comparação até curiosa, quando olhamos para líderes e profetas como Moisés, Jeremias e Paulo, vemos que eles demonstraram certo temor e reticência em assumirem o chamado e a missão de Deus.¹⁸¹ Já os pastores de nossa pesquisa, levando-se em conta os resultados agregados das questões 5 e 17 de nossa pesquisa, poderiam levantar a hipótese de que se consideram, pelo menos minimamente, aptos e capazes para assumirem

¹⁸¹ Moisés relutou diante do chamado de Deus, afirmando não ser suficientemente apto. Diz, por exemplo “ser pesado de boca e pesado de língua”, referindo-se à falta de eloquência (Êxodo 4.10). Jeremias responde a Deus de forma muito similar a Moisés, dizendo: “ah, Senhor Deus, eis que não sei falar, porque não passo de uma criança” (Jeremias 1.6), aparentemente alegando ainda imaturidade diante de tão sublime chamado. Já Paulo, apesar de não se opor inicialmente ao chamado de Deus (Atos 9.1ss) em diversas ocasiões reconhece sua total indignidade como pecador, insuficiência como pessoa e total dependência de Deus em seu ministério.

ou preencherem os requisitos que se esperam de um pastor/sacerdote/ministro religioso. Isso pode denotar a projeção do ministério pastoral como um projeto de vida para os pastores, em torno do qual é investida muita energia psíquica. Já relatamos no primeiro capítulo que, para 78% dos pastores respondentes, o pastorado é um eixo organizador de suas vidas, ou seja, um modo de vida que não gostariam nunca de abandonar” (questão 18).

Santos afirma algo exatamente nesse sentido, de que a vida presbiterial/pastoral normalmente concretiza-se como um projeto pessoal de vida, podendo, porém, estar idealizada por parte daquele que abraça esse projeto.

O papel presbiterial idealizado pode representar um ideal magnífico. Vale dizer que, para a idealização de qualquer papel ou função, tem-se a necessidade de projetar nele embelezamento, qualidades e grandezas em função da realização de expectativas e dos desejos da instituição, do grupo ou dos indivíduos. A idealização tem como reverso a decepção, pois a realidade pode ser bem diferente e trazer decepções. Findas as ilusões, só resta a desilusão. O acesso a certa maturidade psíquica do presbítero se faz através de um longo e perpétuo processo de desilusão, de decepção daquilo que foi pensado como ideal presbiterial, como política específica de grupo. É então que muitos presbíteros perdem o interesse, tornam-se até indiferentes à vida presbiterial.¹⁸²

Como é amplamente reconhecido no meio eclesiástico cristão, lembrando a afirmativa do apóstolo Paulo, “Quem aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1 Timóteo 3.1). Essa é uma importante premissa teológica, desde muito cedo expressa aos que aspiram ao ministério pastoral. Esse texto bíblico auxilia a compor o quadro retratado por Santos, de uma idealização do papel presbiterial/pastoral como um sublime projeto de vida. Porém, Santos aponta na sua afirmativa o perigo que ronda essa idealização: o choque de realidade marcado por decepções e frustrações, que podem levar à posterior desilusão no seu ministério. Disso, entretanto, nos ocuparemos mais adiante.

Encerramos essa breve análise de conceitos freudianos e neofreudianos sobre as questões da idealização, com um conclusivo parágrafo escrito por Puertas, que justamente aponta para esse perigo que é cair na idealização:

Se dissemos que o cumprimento do ideal leva a satisfação, o sentimento de não alcançá-lo pode ser devastador para algumas pessoas. Esse sentimento de incapacidade de mover-se no presente e que é ampliado ao tempo futuro é gerador de sofrimento. A baixa na estimacão por si mesmo faz com que o indivíduo sofra com os reproches do Supereu. Um Supereu que tem por função impelir o indivíduo a cumprir o ideal será feroz com aquele que não o pode atingir. O sentimento de menos valia, de inferioridade, que vemos no dia a dia da clínica, que é nomeado como patologias do vazio, tem fortes raízes narcísicas. É decorrente de um eu expropriado de sua quantidade, de um eu simbolicamente empobrecido e, portanto,

¹⁸² SANTOS, 2010, p. 67-8.

incapaz de obter ganhos substitutos. O que está no ideal é tão ardentemente almejado que esse eu vê-se incapacitado em atingi-lo. Trata-se de um eu massacrado pela grandiosidade do ideal, oprimido pela libido objetal direcionada a um objeto quimérico que esvazia-o e, conseqüentemente, escraviza-o. A inviabilidade de retorno do investimento ao eu mantém o ideal cada vez mais distante e mais impalpável para o indivíduo, o que se concretiza nele como sentimento de desesperança e impotência com relação ao presente e ao futuro. Existe saída? Acreditamos, como Iray Carone (2007), que a saída está no indivíduo. Em estabelecer um eu detentor de suas funções, que possa utilizar-se do ideal como gatilho, um impulsor para suas conquistas no meio e não como caudilho. Um eu que permita ao indivíduo apropriar-se de formas outras de satisfação e não ficar aprisionado ao primeiro objeto. E neste caminho de [re]construção do eu, a clínica pode ser um lugar de conforto, mas também de confronto entre o real e o ideal. Um embate que pode levar o indivíduo a outras formas de ligação eu-objetos.¹⁸³

Pensamos, porém, que mesmo que a saída para esse dilema esteja no indivíduo, ou seja, no trabalho individual psíquico de cada pastor, que essa responsabilidade também precisa ser assumida, pelo menos em parte, pela instituição eclesiástica, em diferentes instâncias. A igreja precisa auxiliar no processo de desidealização da figura do pastor para diminuir a distância que existe entre o ideal e o real no exercício do ministério pastoral. Quanto maior for essa distância tanto maior será a desilusão, decepção e sofrimento dos pastores. Ou seja, ao mesmo tempo que o pastor precisa ser modelo para os fiéis, a busca e manutenção desse ideal fragiliza a sua estrutura psíquica. Pastores que não conseguem lidar com essa pressão diária, como diz Bleichmar, podem se desmoralizar, gerando sofrimento desmedido, esgotamento, depressão e *burnout*. “O ego ideal é, nesse sentido, um enorme edifício assentado sobre um pilar que, ao manter a estrutura total, pode provocar seu desmoralamento no caso de quebrar”.¹⁸⁴

Posto essas considerações gerais sobre a teoria freudiana, tanto do próprio Freud quanto de Bleichmar, passemos a olhar agora para alguns pressupostos trazidos pela teoria junguiana.

2.4 Elementos da teoria de Carl Gustav Jung

Carl Gustav Jung,¹⁸⁵ contemporâneo de Freud, é um dos autores da chamada corrente neopsicanalítica, cujos representantes, mesmo partindo de pressupostos freudianos, encontraram caminhos próprios para a compreensão do ser humano e de sua personalidade.

¹⁸³ PUERTAS, 2015, p. 120-1.

¹⁸⁴ BLEICHMAR, 1985, p. 61

¹⁸⁵ O suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), contemporâneo de Freud, é conhecido como o criador da Psicologia Analítica ou Profunda. Sua análise sobre a natureza humana inclui investigações acerca de religiões orientais, Alquimia, Parapsicologia e Mitologia. Um dado relevante na biografia de Jung é ele ser filho de pastor protestante. As questões religiosas e espirituais certamente afetaram e influenciaram o seu percurso teórico.

Jung, na verdade, desenvolveu uma teoria que se diferiu sensivelmente da psicanálise ortodoxa, criando uma nova e elaborada explicação da natureza humana, diferente de qualquer outra e que passou a ser conhecida como Psicologia Analítica.

Alguns conceitos desenvolvidos por Jung são plenamente aplicáveis ao contexto da idealização do pastorado. É possível até supor que diversos conceitos teóricos desenvolvidos por Jung possuem elementos decorrentes de suas próprias experiências pessoais dentro da religião, visto que era filho de pastor protestante, sentindo na sua própria “carne” as influências de uma idealização pastoral paterna.

Não há como apresentar no escopo desse trabalho a complexa teoria junguiana, mas cabe destacar alguns aspectos dela que serão úteis para o desenvolvimento do tema da tese, mais especificamente os conceitos de *persona*, *self*, *individuação*, *sombra* e *neurose*.

2.4.1 O arquétipo da *persona*

A definição de *persona* para Jung não difere muito do sentido original do termo latino *persona*, que se referia a uma máscara que o ator usava no teatro para representar vários papéis ou rostos para o público. Da mesma forma, o arquétipo da *persona* é uma máscara, “um rosto público que usamos para nos apresentar como alguém diferente de quem realmente somos”.¹⁸⁶

Jung considerava que a *persona* é necessária porque o ser humano é forçado a representar vários papéis na vida para se sair bem e ter sucesso, seja no âmbito pessoal ou profissional. Porém, ao mesmo tempo em que a *persona* pode ser útil ela também pode se tornar perniciosa, especialmente quando o indivíduo passa a acreditar que a *persona* reflete sua verdadeira natureza. No momento em que isso acontece, ou seja, que o ego se identifica com a *persona*, ele pode deixar de se identificar com a verdadeira natureza da pessoa, o que leva a um processo doentio que Jung chama de *ilusão*, onde o indivíduo passa não só a enganar os outros como também a si mesmo.¹⁸⁷

Para Jung esse é um passo perigoso, que refreia o processo de *individuação*, outro importante conceito junguiano e que significa “um estado de saúde psicológica resultante da

Entre os seus principais conceitos estão os tipos psicológicos, o inconsciente pessoal e coletivo, os arquétipos (*self*, *persona*, *sombra*, *anima* e *animus*) e *individuação*. Jung, tal como Freud, é autor de inúmeras obras, como “Tipos psicológicos”, “Psicologia do Inconsciente”, “O eu e o inconsciente”, “A natureza da psique”, “Aion: estudos sobre o simbolismo de si mesmo”, “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, “Psicologia e Religião”, “Resposta a Jó” etc. In: FADIMAN, James. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986. p. 42.

¹⁸⁶ SCHULTZ, 2008, p. 97.

¹⁸⁷ SCHULTZ, 2008, p. 97.

integração de todas as facetas conscientes e inconscientes da personalidade”.¹⁸⁸ É a individuação que permite que o indivíduo amadureça e desenvolva o máximo possível o seu *self*, arquétipo central da teoria da personalidade junguiana e que representa a unidade, integração e harmonia da personalidade total.¹⁸⁹

Portanto, nas palavras do próprio Jung, veremos qual o perigo de um indivíduo assumir na sua vida cotidiana a *persona* exigida pelo meio social.

A *persona* é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado, ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. Só quem estiver totalmente identificado com a sua *persona* até o ponto de não conhecer-se a si mesmo, poderá considerar supérflua essa natureza mais profunda. No entanto, só negará a necessidade da *persona* quem desconhecer a verdadeira natureza de seus semelhantes. A sociedade espera e tem que esperar de todo o indivíduo o melhor desempenho possível da tarefa a ele conferida; assim, um sacerdote não só deve executar, objetivamente, as funções do seu cargo, como também desempenhá-las, sem vacilar a qualquer hora e em todas as circunstâncias.¹⁹⁰

Jung, mais adiante no texto, afirma que a sociedade está orientada indubitavelmente para ideais dessa ordem e que cada indivíduo busca cumprir e levar em consideração tais exigências. Cita, apropriadamente, a figura do sacerdote como exemplo dessas idealizações normativas. Porém, como nenhum indivíduo tem a capacidade de adaptar-se por completo a essas expectativas, passa então a construir e a viver uma personalidade artificial, com o uso de uma máscara adequada, que satisfaça os ideais que a comunidade espera dele.¹⁹¹ “As exigências do decoro e das boas maneiras incumbem-se do resto, para incitar ao uso de um tipo de máscara adequada. Atrás dessa última forma-se então o que chamamos de ‘vida particular’”.¹⁹² Porém, a criação de uma máscara perfeita, ou o uso de uma *persona* boa demais, no dizer de Jung, fará com que o indivíduo que a assumir sofra, em sua “vida particular”, no mínimo, crises de irritabilidade.

Ao analisarmos outros dados de nossa pesquisa, encontramos na questão 31 algumas sinalizações, mesmo que indiretas, desse fenômeno apontado por Jung. Mesmo que na referida questão não tenha sido nominado o conceito *máscara* ou *persona*, o tema pode estar implícito na “exigência do decoro e boas maneiras” que equiparamos aos conceitos de “exercício de zelo e fidelidade”, presente na questão 31. Os pastores foram perguntados se “exercer o ministério pastoral com zelo e fidelidade seria um trabalho cansativo e

¹⁸⁸ SCHULTZ, 2008, p. 101.

¹⁸⁹ SCHULTZ, 2008, p. 99.

¹⁹⁰ JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 68.

¹⁹¹ JUNG, 1987, p. 69.

¹⁹² JUNG, 1987, p. 69.

desgastante”. O resultado apresenta uma concordância a respeito dessa assertiva na ordem de 65% entre os pastores respondentes. A correlação que acreditamos ser possível de ser feita com a teoria junguiana é de que a manutenção da *persona* pastoral pública, representada pelos conceitos de zelo e fidelidade ao exercício do ministério pastoral, gera cansaço e desgaste na maioria dos pastores, aproximando-se da afirmativa de Jung de que usar uma *persona* idealizada ou “boa demais” gera sofrimento ao indivíduo.

Dessa forma, “a construção de uma *persona* coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro autosacrifício, que força o eu a identificar-se com a *persona*”.¹⁹³

Este processo leva certas pessoas a acreditarem que são o que imaginam ser, sendo que tais identificações com o papel social são uma fonte geradora de neuroses, tanto mais quanto o indivíduo pretender assumir integralmente as idealizações projetadas socialmente na *persona* escolhida. É isso que Jung procura demonstrar no trecho abaixo:

Essas identificações com o papel social são fonte abundante de neuroses. O homem jamais conseguirá desembaraçar-se de si mesmo, em benefício de uma personalidade artificial. A simples tentativa de fazê-lo desencadeia, em todos os casos habituais, reações inconscientes: caprichos, afetos, angústias, ideias obsessivas, fraquezas, vícios etc. O “homem forte” no contexto social, é, frequentemente, uma criança na “vida particular”, no tocante a seus estados de espírito. Sua disciplina pública (particularmente exigida dos outros) fraqueja lamentavelmente no lar e a “alegria profissional” que ostenta mostra em casa um rosto melancólico. Quanto à sua moral pública “sem mácula”, tem um aspecto estranho atrás da máscara – e não falemos de atos, mas só de fantasias: suas mulheres teriam muitas coisas para contar. Quanto ao seu abnegado altruísmo, a opinião dos filhos é outra.¹⁹⁴

Não é necessário muito esforço para a aplicação desses postulados junguianos sobre o objeto/sujeito de nossa presente pesquisa: a pessoa do pastor. Como em outras profissões em que o profissional assume a condição de ser uma referência e “homem forte” para os liderados, o pastorado traz em si tais características que são “inerentes” à função de líder, como bem vão descrever os textos bíblicos enunciados no ritual litúrgico da ordenação pastoral, que serão vistos no capítulo quatro. Mas atender a essa idealização social não passa incólume na vida pessoal do pastor, que sofre em sua vida privada os efeitos dessa repressão de seu lado “negativo” ou da sombra, como dirá Jung. Esse lado sombrio vai acabar se manifestando na sua vida particular, de uma ou de outra forma, como já sinalizado anteriormente.

¹⁹³ JUNG, 1987, p. 69.

¹⁹⁴ JUNG, 1987, p. 70.

Uma outra questão também trazida por Jung na citação direta acima descrita, fala da incongruência da *persona* pública com a vida privada, algo que é percebido pelas esposas e filhos dos pastores, sendo este também um claro elemento existente na vida pastoral da atualidade. Careceríamos aqui de uma pesquisa que corroborasse esse postulado junguiano, mas experiências empíricas de escuta pastoral e psicológica nos últimos vinte anos já nos permitem fazer essa inferência, qual seja, de que as famílias pastorais conseguem visualizar e perceber a “sombra” pastoral por trás da *persona*, visto que manter a *persona* social na intimidade do lar, cotidianamente, é uma impossibilidade total.

Nesse processo de identificação com o papel social, porém, o indivíduo pode se perder na máscara que assume, podendo se desindividualizar e adoecer. Como já foi dito, o indivíduo passa a viver num mundo falso e de ilusão, onde passa a acreditar que sua *persona* é real, de que de fato é aquilo que representa, alimentando cada vez mais sua neurose.

Portanto, fica claro no pensamento de Jung de que o indivíduo que precisa viver e representar a sua *persona* a maior parte de seu tempo sofrerá, inevitavelmente, um choque de personalidade. Esse choque pode se evidenciar no que já indicamos acima, um paradoxo ou incongruência, qual seja, o indivíduo forte ou idealizado publicamente poderá se tornar um indivíduo fraco e infantil no contexto privado da sua “vida particular”.

Mesmo que Jung não esteja falando exclusivamente de sacerdotes ou religiosos, esse relato encontra ressonância na situação atual de muitos pastores, até em virtude de estudos recentes que apontam para índices alarmantes de estresse, esgotamento e *burnout* que tem levado muitos pastores a abandonar o ministério pastoral. Esse aspecto será melhor desenvolvido no próximo capítulo.

Importa afirmar que questionar, suprimir ou negar a necessidade do uso da *persona* pastoral é uma impossibilidade social/cultural/teológica, especialmente se analisadas sob o contexto do estabelecimento das relações entre “pastor e seu rebanho”. Talvez pela representação que um sacerdote possui no inconsciente coletivo da humanidade, inscrito nas culturas desde os povos primitivos como aquele ser humano especial, escolhido e chamado para fazer a mediação entre Deus e os homens – como os profetas e apóstolos bíblicos no cristianismo – essa representação idealizada parece ser ainda mais exigida no exercício do pastorado do que em outras profissões.

Ser pastor implicará, necessariamente, assumir uma *persona* que, antes de ser individual, é coletivamente construída. É o rosto público, mesmo que seja um “falso” eu, que precisa ser usado cotidianamente para permitir que haja identificação com os ideais projetados

no “representante de Cristo” no mundo – papel que o pastor representa histórica, cultural e teologicamente.

Jung aborda especificamente essa questão ao afirmar:

Ao analisarmos a *persona*, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual ela é no fundo coletiva. Desse modo surpreendemos “a pequena divindade humana” em sua origem, o Deus geral personificado pela psique coletiva. Por fim, com espanto, percebemos que a *persona* não é mais que a máscara da psique coletiva. No fundo, a *persona* nada tem de “real”. Ela é um compromisso entre o indivíduo e a sociedade acerca daquilo que “alguém parece ser”: nome, título, função e isto ou aquilo.¹⁹⁵

A questão da *persona* ser uma construção não apenas pessoal mas também coletiva é o ponto central que explica porque existe uma retroalimentação dessa *persona* idealizada. Ou seja, tanto o pastor, individualmente, quanto a própria comunidade necessitam reforçar mutuamente essa imagem de perfeição pastoral, culturalmente construída e necessária para a manutenção da “ordem das coisas”.

João Mohana, sacerdote católico e psicanalista, autor de um dos primeiros trabalhos que analisa o sacerdócio pelo viés psicanalítico, ao final da década de 1960, vai ao encontro dessa afirmativa ao tratar da responsabilidade que recai sobre a função religiosa e pastoral, no exercício de sua *persona*. Mesmo que não concordemos com o radicalismo de sua posição, acreditando que hoje diversas profissões precisam manter a coerência entre sua personalidade e sua *persona* pública, Mohana enfatiza o ideal pastoral:

Pois no povo de Deus nós somos os únicos profissionais cuja personalidade tem de ser necessariamente coerente, correta. Não nos basta competência. Um engenheiro, não. Pode ser um patife e o edifício será construído. Um médico pode ser um canalha. Os homens procurá-lo-ão. Mas nós não. Se não formos autênticos, os homens fugirão de nossa companhia. Correrão de nossa amizade, distanciar-se-ão de nossa mensagem. Não se realizarão na Fé nem no Amor.¹⁹⁶

Um pastor idealizado, sobre o qual paira uma expectativa de quase perfeição (bom pregador, inteligente, afetivo, acolhedor, hospitaleiro, bom pai etc.) será fonte não só de orgulho pessoal, mas também de prestígio coletivo para a comunidade que possuir esse “pastor perfeito”. Por isso a busca desenfreada e neurótica de poder e prestígio, que só pode ser conseguido pela assunção total da *persona* idealizada, transforma-se na grande armadilha neurotizante, na qual o pastor acaba sendo tentado a cair, alimentado pela expectativa que também emana das próprias comunidades.

¹⁹⁵ JUNG, 1987, p. 134.

¹⁹⁶ MOHANA, João. *Padres e bispos auto-analisados*. 2. ed. Rio de Janeiro, AGIR, 1968. p. 11.

Importa dizer ainda que Jung não defende a supressão das *personas*, até porque isso seria impossível no seu entendimento teórico. Porém, reforça que a utilização demasiada das *personas* é um sério obstáculo ao desenvolvimento individual. A dissolução da *persona* é, portanto, uma condição indispensável da individuação e da saúde psíquica e mental.¹⁹⁷

De uma forma bastante clara vemos um exemplo do uso nocivo de *personas* no pensamento do pastor presbiteriano, Eugene Peterson, que faz uma crítica a pastores que dela se utilizam, podendo exemplificar na vida concreta e real o que Jung defende teoricamente.

Não conheço outra profissão em que seja tão fácil fingir como a nossa. Existem comportamentos que podemos adotar para sermos considerados, sem nenhum questionamento, conhecedores de mistérios: ter um porte reverente, cultivar uma voz empostada, introduzir em nossas conversas e palestras eruditas em quantidade suficiente apenas para convencer os outros de que nosso treino mental está um pouco acima do que o da congregação. A maioria das pessoas, ou pelo menos aquelas com quem convivemos mais estreitamente, sabe que, na realidade, estamos cercados por enormes mistérios, como a vida e a morte, o bem e o mal, o sofrimento e a alegria, graça, misericórdia, perdão. Podemos insinuar familiaridade com esses assuntos profundos com gestos, suspiros cheios de simpatia ou toques repletos de compaixão. Mesmo quando, no meio de ataques de humildade ou honestidade, declaramos que não somos santos, ninguém acredita, porque todos precisam de ter certeza de que alguém tem contato com os assuntos mais elevados. As pessoas têm seu interior dividido entre listas de compras e boas intenções, adultérios (reais ou imaginários) que trazem culpa e atos heroicos cheios de virtude, desejo de se santificar e anseio por autossatisfação. Esperam tornar-se melhores a partir de, quem sabe?, amanhã ou, no mais tardar, da semana que vem. Enquanto isso não acontece, precisam estar perto de alguém que possa tomar o lugar delas, em que possam projetar seus anseios de uma vida gratificante com Deus. Ao apresentarmos-lhes um fraco simulacro do que esperam, elas o tomam como real e convivem com ele, atribuindo-nos mãos limpas e corações puros.¹⁹⁸

É possível sentir na fala de Peterson uma fina ironia que poderia beirar a um quase sarcasmo diante desse “faz de conta” pastoral. Mais adiante no seu livro, Peterson volta a abordar esse assunto e aprofunda esse dilema, mostrando o quão nocivo ele pode ser à saúde psíquica e espiritual do pastor, levando-o a refletir sobre a própria essência de sua vocação:

Morgan tinha consciência de algo que a maioria dos pastores descobre bem cedo: pode-se simular com facilidade aquilo que é aparente no trabalho pastoral, que consiste em atender às expectativas das pessoas. É possível fingir ser pastor sem sê-lo. Existe, porém, um problema: embora possamos representar com muito sucesso, não conseguimos ficar em paz conosco mesmos. Ou pelo menos, nem todos conseguimos. Alguns se sentem muito mal, incomodados. O sucesso, por maior que seja, não pode evitar que, de um momento para outro, no meio de uma atuação tão elogiada, tenhamos um ataque de ansiedade. A inquietação não resulta de um sentimento de culpa injustificado, já que estamos fazendo aquilo que somos pagos para fazer, ou seja: os que pagam nossos salários estão tendo um bom retorno para o

¹⁹⁷ JUNG, 1987, p. 150.

¹⁹⁸ PETERSON, Eugene. H. *Um pastor segundo coração de Deus: a forma da integridade pastoral*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. p. 5-6.

investimento. Estamos valorizando a aplicação, porque os sermões são inspiradores, os ministérios da igreja eficientes e a conduta moral boa. A inquietação vem de outra dimensão, da lembrança da vocação, da fome espiritual, do compromisso profissional. Se nos satisfizemos em simplesmente agradar a congregação, ser pastor será um dos trabalhos mais fáceis que existem na face da Terra.¹⁹⁹

O teólogo católico Jesús dos Santos, já citado no capítulo anterior, ao abordar a crise de identidade do presbítero, afirma que pode surgir desse dilema acima descrito uma inadaptação dos sentimentos internos do presbítero para com a missão que lhe foi confiada. Tentações, sentimentos de solidão, invasora afeição, ímpetos de independência, desejo de sucesso humano são conflitos que o pastor precisará muitas vezes reprimir. Diz Santos:

Muitas vezes, para suplantar esses conflitos ou não ter problemas com a hierarquia ou decepcionar os fiéis, ele acaba usando máscaras, conforme diz César (sociólogo brasileiro contemporâneo), ou no dizer de Goffmann (in Representação do eu na vida cotidiana, 14ª edição, Editora Vozes, 2007, p.46), uma “representação idealizada”: “Se um indivíduo tem de dar expressão a padrões ideais na representação, então terá de abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles.”²⁰⁰

Uma outra obra, de um ex-sacerdote católico, Brennan Manning, conhecido escritor e conferencista cristão, tem um título muito sugestivo, que se alinha ao pensamento teórico que estamos desenvolvendo aqui. Sem entrar no mérito da teologia desse autor, na sua obra intitulada *O impostor que vive em mim*, ele traz algumas ideias interessantes que concretizam o que estamos aqui propondo baseado na teoria junguiana. Primeiramente, fazendo alusão à dificuldade de se confrontar com o “eu” verdadeiro, relata uma afirmativa de Simon Tugwell, proferida no contexto da tradição cristã:

E assim, tal como escravos fujões, escapamos de nossa realidade ou produzimos um falso “eu” que seja admirado pela maioria, relativamente atraente e feliz apenas na superfície. Escondemos aquilo que sabemos ou sentimos ser (que pressupomos ser inaceitável ou indigno de amor) atrás de algum tipo de aparência que, esperamos, seja mais agradável. Escondemo-nos atrás de semblantes bonitos só para agradar os outros. Com o tempo, podemos até esquecer o que estamos escondendo e passar a acreditar que temos, de fato, a mesma aparência das máscaras que usamos.²⁰¹

Ao falar de suas próprias experiências como ministro religioso, Manning afirma o quanto a manutenção de uma *persona* tal como exposta acima foi geradora de sofrimento para si mesmo:

¹⁹⁹ PETERSON, 2000, p. 9.

²⁰⁰ SANTOS, 2010, p. 40.

²⁰¹ TUGWELL, Simon. The beatitudes: Soundings in Christian Tradition apud MANNING, Brennan. *O impostor que vive em mim*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 23.

Antes, eu nunca me sentia seguro, a menos que meu desempenho fosse impecável. A avidez pela perfeição havia superado o desejo de Deus. Oprimido pela mentalidade do “tudo ou nada”, interpretava a fraqueza como mediocridade e a incoerência como perda do controle emocional. Descartava a compaixão e a autoaceitação, que considerava reações inapropriadas. Aquela sensação repisada de fracasso e inadequação pessoal me levou à perda da autoestima, provocando momentos de depressão moderada e forte ansiedade.

Sem querer, havia projetado em Deus os sentimentos que nutria a meu respeito. Sentia-me seguro com ele apenas quando me via como uma pessoa nobre, generosa e amável, sem cicatrizes, medos ou lágrimas. *Perfeito!*²⁰²

É possível reconhecer em Manning o mesmo sentimento de opressão e angústia vivido pelo reformador Martinho Lutero, ambos aprisionados por um tirânico e falso idealismo religioso, indícios da falta da teologia da graça em suas vidas. Chamando-se a si mesmo de impostor, Manning acrescenta outras informações sobre a vivência desse dilema em sua vida, que o acompanhou por longos anos de seu ministério.

O brilho de minha imagem precisa ser preservado a qualquer custo. O impostor em mim treme só de pensar na possibilidade de provocar insatisfação ou ira nos outros. Incapaz de ser franco, ele se protege, dissimula, procrastina e se cala pelo medo da rejeição. [...] Impostores se preocupam com aceitação e aprovação. Por causa da necessidade sufocante de agradar os outros, não conseguem dizer “não” com a mesma convicção que dizem “sim”. [...] A sobrevivência do falso “eu” gera o desejo compulsivo de apresentar uma imagem de perfeição diante do público, de maneira que todos nos admirem e ninguém nos conheça. A vida do impostor se transforma numa montanha russa de júbilo e depressão. [...] Durante muitos anos, o desempenho ministerial era um modo de me esconder de meu verdadeiro “eu”. Criei uma identidade por meio de sermões, livros e histórias que contava. Raciocinava da seguinte maneira: se a maioria dos cristãos tinha um bom juízo a meu respeito, então não havia nada errado comigo. Quanto mais investia no sucesso ministerial, mais real se tornava o impostor.²⁰³

Mesmo que pareçam um pouco radicais os relatos dos pastores e sacerdotes aqui descritos, poderíamos perguntar quantos pastores atualmente não vivem esse mesmo dilema? No último capítulo desenvolveremos mais esse aspecto.

2.4.2 A sombra em Jung e a repressão pastoral

A *sombra* é um dos arquétipos mais importantes propostos por Jung. Segundo o autor “trata dos traços obscuros do caráter, das inferioridades do indivíduo, de fundo eminentemente emocional”²⁰⁴. Segundo Schultz, os comportamentos que a sociedade

²⁰² MANNING, 2007, p. 28.

²⁰³ MANNING, 2007, p. 36-7.

²⁰⁴ JUNG, Carl G. *AION*. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990. p. 6-7.

considera maldosos e imorais residem na sombra e esse lado obscuro da natureza humana deve ser domado se as pessoas quiserem conviver harmoniosamente.²⁰⁵

Para Jung, a sombra, mesmo sendo um arquétipo, é de natureza pessoal. Por isso, desenvolver a autocrítica é um passo necessário para perceber a própria sombra. O problema, segundo Jung, é que mesmo que o indivíduo reconheça o aspecto relativamente mau de sua natureza, “defrontar-se com o absolutamente mau representa uma experiência ao mesmo tempo rara e perturbadora”.²⁰⁶

A sombra, portanto,

constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais. Mas nesta tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, via de regra, ele se defronta com considerável resistência.²⁰⁷

Para Jung, a existência da sombra não é opcional. Ela existe em cada ser humano. O que a torna única e singular para cada indivíduo é a quantidade de conteúdo reprimido que nela é depositado. Portanto, o pastor precisa admitir que possui a sombra, como o próprio apóstolo Paulo testemunha, dizendo em Romanos 7.19: “Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero fazer, esse faço”. Esse reconhecimento é o primeiro passo para fazer da sombra não uma inimiga íntima, mas uma aliada para o exercício de um ministério pastoral mais verdadeiro, profundo, sincero e, provavelmente, mais profícuo e abençoado.

A armadilha criada por uma relação perversa entre os arquétipos da *persona* e da *sombra* é que, quando mais a *persona* se destaca e brilha publicamente no meio social, mais carregada, profunda, escura e sombria faz a *sombra* se tornar. Os crescentes casos de depressão e esgotamento (*burnout*), bem como outras formas de adoecimento no mundo pastoral, serão, em muitos casos, a expressão de sintomas neuróticos, pela repressão desse lado sombrio, que precisa ser constantemente negado para o desempenho idealizado da *persona* pastoral.

Quando os sujeitos da pesquisa foram questionados a respeito da necessidade de assumir o controle de suas fraquezas e emoções negativas, no sentido de evitar demonstrá-las em público (questão 21), 76% dos pastores respondentes concordaram que isso é uma prática necessária no seu pastorado. Em outras palavras, tudo o que é inaceitável, obscuro e proibitivo ao pastor e aos olhos da comunidade e que poderia eventualmente ameaçar a aceitação,

²⁰⁵ SCHULTZ, 2008, p. 98.

²⁰⁶ JUNG, 1990, p. 8.

²⁰⁷ JUNG, 1990, p. 6.

prestígio, poder e reconhecimento públicos do pastor, passa a ser reprimido na sombra, que vai se tornando, no dizer popular, uma bomba-relógio prestes a explodir, alimentando e fortalecendo a sua neurose. Aliadas à questão 28, onde 87% dos pastores concordam que não há espaços, pessoas ou lugares para o pastor compartilhar o peso de sua alma quando ela está atribulada, pode-se depreender o efeito nocivo sobre a saúde psíquica que implica essa falta de verbalização das dores e angústias pastorais, que acabam tendo que ser reprimidas, alimentando cada vez mais a *sombra* de cada indivíduo.

Diante desse cenário sinalizado pelos próprios pastores da pesquisa, urge que a igreja, em todos os seus níveis, desde as bases da comunidade até as mais altas autoridades da igreja, sem esquecer dos próprios pastores, tomem consciência de que fomentar a *persona* pastoral idealizada, que nega a dimensão das fraquezas, imperfeições, erros e pecados do pastor, talvez seja uma das principais causadores do crescente sofrimento pastoral da modernidade.

Na perspectiva pastoral, relacionando-a com a teoria de Jung, poderíamos dizer que entrar em contato com a sombra, com os “piores” sentimentos e desejos humanos, nominando e enunciando os sofrimentos, feridas, angústias, dúvidas e medos é um aspecto fundamental para que o pastor possa ser mais completo no que faz, que é cuidar e servir aqueles que o Espírito Santo lhe confiou em seu ministério pastoral.

Não há como deixar de, pelo menos superficialmente, numa confluência de aspectos freudianos e junguianos, ressaltar o aspecto coletivo como complementar nos processos que influenciam na negação da sobre: a comunidade que se estrutura como “massa” necessita de líderes idealizados, pela angústia do desamparo. Isso tem um duplo efeito. Na comunidade, pela permanência da infantilização. Já no pastor, pelo incremento da idealização. Oskar Pfister, em sua obra *Das Christentum und die Angst*,²⁰⁸ aborda a possibilidade de elaborar essa angústia no cristianismo e assim permitir que haja uma dupla transformação: da massa em uma comunidade de partilha e nos pastores um crescimento que integre aspectos reprimidos.

Esse é o caminho para fortalecer o arquétipo do *self*, que representa a unidade, a integração e harmonia da personalidade total. A realização total do *self* é uma meta que raramente será alcançada pelo indivíduo, mas ele serve como força motivadora, empurrando para a frente. A realização do *self* envolve metas e planos para o futuro, que implicam uma percepção das próprias habilidades. “Como o desenvolvimento do *self* é impossível sem o

²⁰⁸ PFISTER, Oskar. *Das Christentum und die Angst*. Zúrique: Artemis, 1944. p. 310.

autoconhecimento, é o processo mais difícil com que deparamos e requer persistência, perceptividade e sabedoria”.²⁰⁹

Após verificarmos os diferentes conceitos de Jung, podemos ver o quanto eles são pertinentes à nossa temática, podendo ser correlacionados a diferentes aspectos vivenciados por pastores no exercício do ministério pastoral. De modo especial referimo-nos à utilização demasiada das *personas* que, como diz Jung, podem se tornar um sério obstáculo ao desenvolvimento individual, até porque também leva a uma concomitante negação da existência da *sombra*. Sempre é importante lembrarmos que *persona* e *sombra* são aspectos complementares na teoria junguiana, no sentido de que viver na *persona* diminui o contato com a *sombra* e vice-versa. Posta essa visão psicológica passemos agora a descrever a fundamentação teórica trazida pela psicanálise culturalista de Karen Horney.

2.5 A psicanálise culturalista de Karen Horney: a idealização cultural

Uma das principais autoras da psicologia profunda que trata da formação de neuroses a partir de uma visão culturalista é Karen Horney.²¹⁰ Numa de suas principais obras, *A personalidade neurótica do nosso tempo*, a autora afirma que, apesar do termo neurótico ser oriundo da medicina, fundamentando-se numa perspectiva de ordem biológica, ele não deveria ser empregado sem suas inferências culturais, especialmente no contexto da modernidade. Fazendo uma crítica à visão freudiana, que centra-se na origem biológica e individual da neurose, Horney afirma: “O menoscabo dos fatores culturais por Freud não só conduz a generalizações falsas, como, em grande parte, opõe-se à compreensão das forças reais que motivam nossas atitudes e atos”.²¹¹

Horney, na realidade, não refuta a psicanálise freudiana, mas apenas busca acrescentar a ela uma nova faceta no que tange a outros aspectos intervenientes na formação das neuroses, enfatizando justamente o papel da cultura. Diz Horney a esse respeito:

²⁰⁹ SCHULTZ, 2008, p. 98.

²¹⁰ A psiquiatra alemã Karen Danielsen Horney (1885-1952) é precursora e uma das principais representantes da corrente neopsicanalítica que passou a ser chamada de Psicanálise Culturalista. Foi treinada na doutrina psicanalítica freudiana oficial, mas acabou se afastando de muitos preceitos freudianos, acabando por criar a partir de seus trabalhos uma nova abordagem da psicanálise. Dentre seus principais conceitos ou ideias destaca-se uma psicologia feminista, o impacto das forças sociais e culturais na personalidade, a competitividade neurótica, tendências neuróticas, a ansiedade básica etc. Entre suas principais obras estão “A personalidade neurótica de nosso tempo” (1937), “Conheça-se a si mesmo” (1942), “Nossos conflitos interiores” (1945), “Novos rumos na Psicanálise” (1939), “Neurose e Desenvolvimento Humano” (1950). SCHULTZ, 2008, p. 142.

²¹¹ HORNEY, Karen. *A personalidade neurótica do nosso tempo*. 10. ed. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 17.

A dificuldade particular da descrição de uma neurose consiste em não ser possível dar uma resposta satisfatória só com instrumentos psicológicos ou só com sociológicos, sendo mister recorrer a eles alternadamente [...]. Se encarássemos uma neurose apenas sob o ponto de vista de sua estrutura dinâmica e psíquica teríamos que conceber um ser humano normal – e este não existe. [...] E se encarássemos uma neurose unicamente sob o ponto de vista sociológico, como um mero desvio da configuração de conduta comum em uma certa sociedade, estaríamos desprezando grosseiramente tudo o que sabemos acerca das características psicológicas da neurose. A reconciliação dos dois modos de abordar o problema é encontrada em um método de observação que considera o afastamento tanto no quadro evidente da neurose quanto na dinâmica dos processos psíquicos, mas sem considerar qualquer deles como principal e decisivo: os dois devem ser combinados.²¹²

O que se pode inferir a partir da afirmativa de Horney é que a análise do sofrimento ou neurose de pastores não deveria ser visto apenas sob o ponto de vista de uma psicodinâmica individual, tal como propõe Freud. Horney nos permite levantar a hipótese de que o sofrimento que pode conduzir alguns pastores ao desenvolvimento de uma neurose pastoral não está apenas ligado às questões de vivência de conflitos infantis particulares ou individuais, mas às próprias estruturas culturais neurotizantes. Desse modo, aplicando esse pressuposto para o objeto de nossa tese, tanto a sociedade quanto as instituições eclesiais cristãs, contribuiriam significativamente para a construção de situações e contextos neurotizantes às quais os pastores estariam expostos e submetidos no seu cotidiano de trabalho. Vejamos o que diz Horney:

Quando dirigimos nossa atenção para as dificuldades neuróticas reais, percebemos que as neuroses são geradas não apenas por experiências individuais incidentais, mas também pelas condições culturais específicas em que vivemos. Na verdade, as condições culturais não só dão peso e cor às experiências individuais, mas, no final das contas, determinam sua forma particular.²¹³

Kepler, teólogo e psicólogo cristão, parece se alinhar com essa visão de Horney ao tratar do tema *neuroses eclesiais* no contexto da igreja cristã, afirmando que ela também tem sido produtora de neuroses, algo já sinalizado por Freud. A respeito do mal-estar atual da Igreja afirma Kepler:

No meio de uma sociedade que vai adoecendo seus relacionamentos, a Igreja não tem se saído muito melhor. Buscamos aqui as “neuroses de igreja” – ou “neuroses eclesiológicas” – adoecimentos, especialmente emocionais, que são típicos de quem participa da vida de uma igreja e ali aprendeu a se relacionar com Deus. [...] Muitas vezes os membros das igrejas parecem presos a uma estrutura circular, repetitiva, na qual só podem receber a graça de Deus os que estão muito mal, muito necessitados ou infantilizados. [...] Enquanto isso, a igreja incentiva testemunhos de vitória,

²¹² HORNEY, 1984, p. 21.

²¹³ HORNEY, 1984, p. 8.

exemplos de seriedade e compromisso, grandes conquistas, coisas que crentes infantes se sentem incapazes de oferecer.²¹⁴

Não se quer aqui negar os reconhecidos efeitos positivos da comunidade cristã sobre as doenças mentais – ou sobre a saúde psíquica – tal como aponta o psiquiatra Paulo Dalgalarro, de modo especial em sua obra *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*. Num de seus artigos, citando estudos do sociólogo Roger Bastide, afirma que “o espírito comunitário, a disciplina das Igrejas e o controle da vida afetiva do homem podem prover, via religião, uma vida mais sadia às populações”.²¹⁵ Porém, outros estudos de Bastide citados por Dalgalarro apontam que determinadas religiões podem intensificar os transtornos mentais, especialmente acirrando “os conflitos psíquicos entre o desejo de perfeição absoluta e os instintos”, fazendo referência, de modo especial, às igrejas evangélicas marcadas pelo pietismo e moralismo estrito.²¹⁶

Novamente, tanto no pensamento de Kepler quanto no de Dalgalarro vemos um vínculo aproximativo entre a instauração da neurose ou sofrimento psíquico/mental com o desejo de perfeição e a conseqüente incapacidade de atingi-la, o que tornaria a igreja um solo propício para o florescimento de neuroses de origem ou cunho cultural, tal como propõe Horney.

Trazendo essa temática para o contexto da categoria pastoral, uma das linhas interpretativas de Horney para a construção da neurose contempla o que já foi visto anteriormente sobre o esforço do pastor em procurar corresponder à imagem ou *persona* ideal, gerando nele um violento sentimento de incongruência interna pela impossibilidade de conseguir atingi-la. O medo da reprovação por não alcançar o ideal social e cultural exigido tem a seguinte conseqüência, segundo a autora:

Se o medo da reprovação não é causado por sentimentos de culpa, pode-se perguntar, então, porque o neurótico se preocupa tanto com o ser descoberto e rejeitado. O fator principal é a grande discrepância que existe entre a fachada (*persona* em Jung) que o neurótico apresenta tanto ao mundo quanto a si mesmo e as tendências recalçadas que jazem escondidas por detrás de tal fachada. Conquanto ele sofra, ainda mais do que percebe, por não estar integrado em si mesmo e por todos os fingimentos que tem de sustentar, não obstante defende esses fingimentos com todas as suas forças, porquanto representam a amurada que o protege contra sua sorrateira ansiedade. [...] Há algo a mais a ser modificado: falando sem rodeios, é a

²¹⁴ KEPLER, 2009, p. 16-7.

²¹⁵ DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. In: *Revista de Psiquiatria Clínica* 34, supl. 1; p. 25-33, 2007, p. 29. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a05v34s1.pdf>> Acesso em: 24 out. 2015.

²¹⁶ DALGALARRONDO, 2007, p. 28-9.

insinceridade toda de sua personalidade, que é responsável por esse medo de reprovação, e é essa insinceridade que ele teme ver descoberta.²¹⁷

Para Horney, portanto, o indivíduo neurótico precisa “esconder quão fraco, inseguro e inerte se sente, e quão pouco é capaz de afirmar-se”,²¹⁸ construindo para si uma fachada de força. Passa a sentir que há perigo em sua fraqueza, considerando-a abjeta, classificando como fraqueza qualquer insuficiência. A partir do desprezo que passa a ter para “qualquer fraqueza” em si mesmo – e desde que não pode deixar de acreditar que outros o desprezarão igualmente se descobrirem suas fraquezas – faz esforços desesperados para escondê-las. Porém, sua ansiedade não diminui, pois paira o temor constante de que, mais cedo ou mais tarde, será desmascarado.²¹⁹ Esse parece ser o retrato fiel da vida de muitos pastores, que parecem viver seu ministério por trás de uma falsa fachada de perfeição, que se não for reconhecida e ressignificada pode acabar se transformando em uma perigosa autoimagem idealizada, impossível de ser vivida integralmente.

2.5.1 A autoimagem idealizada

Em sua obra *Nossos Conflitos Interiores* (1945), Horney se ocupa de um capítulo para tratar do conceito *imagem idealizada*, relacionando-a com a formação das neuroses. Inicialmente é preciso dizer que para Horney todos os indivíduos, neuróticos ou não, criam uma autoimagem que pode ou não estar baseada na realidade. Para as pessoas ditas normais, essa autoimagem é um retrato idealizado da pessoa criado com base numa avaliação flexível e realista das suas habilidades, ou seja, o indivíduo se dá conta de suas limitações e fraquezas, não colocando para si uma idealização que é impossível de ser alcançada.²²⁰

Já para as pessoas neuróticas, que vivem um conflito entre os modos incompatíveis de comportamento, suas personalidades são marcadas pela desunião e desarmonia. Acabam criando uma autoimagem idealizada na busca de unificar sua personalidade, mas essa tentativa está fadada ao fracasso, pelo fato de sua imagem do *self* não estar baseada numa avaliação realista dos pontos fortes e fracos da pessoa e sim numa ilusão, num ideal inatingível de perfeição absoluta.²²¹

²¹⁷ HORNEY, 1984, p. 175.

²¹⁸ HORNEY, 1984, p. 176.

²¹⁹ HORNEY, 1984, p. 175-6.

²²⁰ SCHULTZ, 2008, p. 151.

²²¹ SCHULTZ, 2008, p. 151.

Verifiquemos o que diz a própria Horney, quando explica acerca dos mecanismos neuróticos que os indivíduos utilizam para tentar solucionar seus conflitos no capítulo cinco, intitulado *A Imagem idealizada*:

Outra tentativa [...] é a criação de uma imagem do que o neurótico julga que ele é, ou do que, na ocasião, sente que pode ou deve ser. Consciente ou inconsciente, a imagem é sempre muito distante da realidade, embora a influência por ela exercida na vida da pessoa seja, de fato, bastante real. [...] Os aspectos particulares dessa imagem variam, sendo determinados pela estrutura de personalidade. [...] Exatamente na medida em que a imagem for irreal, tenderá a tornar a pessoa arrogante, [...]. E, quanto mais irreal a imagem, tanto mais fará a pessoa vulnerável e ávida por afirmação e reconhecimento exteriores. Nós não carecemos de confirmação para as qualidades sobre as quais estamos certos, mas somos extremamente sensíveis quando são postas em dúvida as alegadas falsamente.

[...] Em todos os seus elementos essenciais, a imagem idealizada é um fenômeno inconsciente. [...] O neurótico não tem consciência de se estar idealizando, nem tampouco sabe que bizarro conglomerado de caracteres vai-se acumulando nessa imagem. Ele pode ter uma noção vaga de que está exigindo demais de si mesmo, porém de forma alguma questiona sua validade e, em verdade, orgulha-se dela.²²²

Nessa citação de Horney nós nos deparamos com diferentes questões já sinalizadas em nossa tese. A necessidade de fazer jus à imagem social projetada social e culturalmente é uma delas. Uma outra diz respeito a uma questão que é fundamental na análise psicológica da classe pastoral, num aspecto já enunciado em páginas anteriores: a perigosa armadilha da idealização, muitas vezes não percebida pelo próprio indivíduo ou, quando percebida por ele, mesmo assim configurando-se numa armadilha irresistível e sedutora, da qual não consegue escapar.

Para Horney, há pelo menos três caminhos distintos que poderão decorrer dessa idealização, dependendo da forma como o indivíduo lida cotidianamente com ela. Esses caminhos vão desde o endeusamento de si mesmo - numa idealização narcísica, tal como a *Síndrome de Listra*,²²³ - até uma crítica profundamente autodepreciativa, por não conseguir dar conta da idealização autoimposta, gerando muito sofrimento pessoal. Horney deixa esse seu pensamento bem claro ao afirmar:

Se o interesse do neurótico reside em convencer-se de que ele é a sua imagem idealizada, desenvolve a convicção de que ele é de fato o espírito superior, o

²²² HORNEY, Karen. *Nossos conflitos interiores: uma teoria construtiva das neuroses*. 8. ed. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 89-90.

²²³ A Síndrome de Listra faz alusão ao capítulo catorze do livro de Atos dos Apóstolos, quando os cidadãos de Listra, após os apóstolos Paulo e Barnabé realizarem milagres naquela cidade exclamaram: “os deuses chegaram até nós em formas de homens” (Atos 14.11). Fala, portanto, das fantasias de alguns cristãos em relação à idealização da personalidade de seus guias espirituais. Esse fenômeno/conceito será desenvolvido no próximo capítulo de nossa tese.

primoroso ser humano cujos próprios erros são divinos. Se o centro está no eu real que, comparado com a imagem idealizada, é altamente desprezível, sobressai a crítica autodepreciativa; como a representação do eu que resulta de semelhante menoscabo é tão afastada da realidade quanto da imagem idealizada, podemos apropriadamente chamar-lhe imagem menosprezada. Se, por fim, o centro de seu interesse recai na discrepância entre a imagem idealizada e o eu atual, então tudo que ele percebe e tudo que podemos observar são os seus incessantes esforços por vencer os hiatos e, a duras penas, aperfeiçoar-se. Nesse caso, ele repete a palavra “deveria” com uma incrível frequência; insiste em dizer-nos o que deveria ter sentido, pensado ou feito. No íntimo, ele se acha tão convencido de sua perfeição inerente quanto a pessoa ingenuamente “narcisista”, e trai-se ao exprimir a crença de que realmente poderia ser perfeito se ao menos fosse mais exigente consigo próprio, mais controlado, mais vigilante, mais circunspecto.²²⁴

Ainda sobre a imagem idealizada, Horney diz que ela também poderia ser chamada de *eu fictício ou ilusório*, mas isso seria apenas uma meia-verdade, afinal a sua origem está ligada a uma crença baseada no próprio desejo. Ou seja, é uma criação imaginária mas que está entrelaçada e até determinada por fatores bem reais. Ela irá conter, invariavelmente, traços dos ideais genuínos do indivíduo, ou seja, mesmo que as realizações grandiloquentes sejam mentirosas, as potencialidades subjacentes a elas são verdadeiramente legítimas.²²⁵ Essa certa ambivalência vivida no íntimo de cada sujeito se aplica sobremaneira ao contexto eclesiástico que estamos tratando em nossa tese. Cristãos sinceros e tanto mais pastores sinceros possuem certamente ideais genuínos de procurar viver uma vida santificada, guiada por princípios éticos e morais, no desejo real de se tornar “padrão de boas obras”. Esse é um desejo real, um ideal religioso e cristão lícito. Porém, tanto esse desejo quanto esse ideal acabam se transformando em uma imagem idealizada, lembrando ainda que, para Horney, os ideais genuínos fomentariam a humildade ao passo que a imagem idealizada fomentaria a arrogância.

O problema, segundo Horney, é que a imagem idealizada traz imensos inconvenientes para o indivíduo. Por ser uma construção extremamente frágil, em função dos elementos, fictícios nela envolvidos, ela se torna um “verdadeiro cofre cheio de dinamite”, tornando o indivíduo altamente vulnerável. Nesse sentido, qualquer crítica feita por outrem ou qualquer percepção de seu próprio insucesso em corresponder à sua imagem pode fazê-lo explodir ou desmoronar.²²⁶ Horney vai mais além nesse seu pensamento. Afirma, ao tratar da possibilidade dessa imagem ser solapada ao indivíduo, que isso pode gerar uma ameaça dele defrontar-se com as suas próprias fraquezas escondidas:

²²⁴ HORNEY, *Nossos conflitos ...*, 1984, p. 91.

²²⁵ HORNEY, *Nossos conflitos ...*, 1984, p. 99.

²²⁶ HORNEY, *Nossos conflitos ...*, 1984, p. 101.

O que é mais apavorante ainda, será confrontado com seus conflitos e com o medo horrível de desintegrar-se. O fato de isso poder dar-lhe uma oportunidade para tornar-se um ser humano muito melhor, mais valioso do que toda a glória de sua imagem idealizada, é uma cantilena que ele leva muito tempo ouvindo sem nada entender: é um salto no escuro, de que ele tem medo.²²⁷

Para Horney, portanto, o indivíduo neurótico vive esse drama constante. Ele acaba construindo uma autoimagem idealizada porque não pode tolerar o seu eu, tal como é de fato. A imagem teria a função de neutralizar essa calamidade, mas pelo fato de ter se colocado em cima de um pedestal o indivíduo tolera cada vez menos o seu eu real e começa “a menosprezá-lo e a irritar-se sob o jugo das exigências intangíveis que faz de si mesmo. Oscila, assim, entre a autoadoração e o autodesdém, entre a imagem idealizada e a imagem desprezada, sem nenhum terreno firme para onde possa retrair-se”.²²⁸

Surge aqui um novo conceito em Horney, ao afirmar que o indivíduo neurótico acaba caindo num círculo vicioso de *tiranía dos deveres*,²²⁹ ao dizer a si mesmo que é preciso ser “o melhor aluno, cônjuge, pai/mãe, amante, empregado, amigo ou filho”. Parafraseando para o meio pastoral, o ministro religioso precisa dizer a si mesmo que é o melhor pregador, melhor conselheiro, melhor pai, melhor marido, melhor educador, melhor líder, ou seja, o pastor perfeito, numa tentativa infrutífera de tornar real uma imagem ilusória, inatingível e idealizada do *self*, que nega o *self* real e verdadeiro em troca do exercício da sua *persona* idealizada, às custas da sua saúde mental.²³⁰

Kepler, novamente parecendo ter bebido das fontes de Horney pelo uso de termos muito semelhante a autora – mesmo que não a cite em sua obra – escreve um livro intitulado *O fascínio do dever para os cristãos*.²³¹ De modo sintético, podemos dizer que Kepler percebe a tirania de deveres que existe no meio cristão, tirania essa, porém, que é transformada em fascínio de deveres, tal como estamos verificando no pensamento de Horney a sutil diferenciação entre ideais genuínos e imagem idealizada. Kepler, ao final de sua obra consegue diferenciar um indivíduo neurótico pelo dever, de outros que vivem sob a égide da liberdade da graça:

Vista por fora, a vida de um cristão fascinado pelo dever não é muito diferente da vida de um cristão livre por crer na morte de Jesus por ele, ao menos no lado

²²⁷ HORNEY, *Nossos conflitos ...*, 1984, p. 100.

²²⁸ HORNEY, *Nossos conflitos ...*, 1984, p. 101-2.

²²⁹ HORNEY, Karen. *Neurose e desenvolvimento humano: a luta pela autorealização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966. p. 71.

²³⁰ SCHULTZ, 2008, p. 151.

²³¹ KEPLER, Karl. *O fascínio do dever para os cristãos: estudos em Gálatas e na história da Igreja*. 1. ed. Joinville: Grafar, 2014.

negativo. Nenhum dos dois fará grandes besteiras, nenhum deles vai se entregar à corrupção ou a outras paixões desenfreadas. Mas por dentro a diferença é enorme: “o fascinado pela obediência” viverá o tempo todo preocupado, se perguntando se não está errando, precisando ter certeza da vontade de Deus em todas as coisinhas, e preferindo não se arriscar em nada que possa parecer errado; preocupado como um escravo que não pode nunca desagradar o seu dono. Já o cristão que anda no caminho do Espírito, crente na morte de cruz de seu Senhor, estará grato por não precisar se preocupar mais com os pecados, feliz por se sentir filho amado por Deus, e assim livre para “arriscar” atitudes de amor a favor de outras pessoas (às vezes não previstas em lei), interessado em salvar o mundo e não em condená-lo. Em paz, ciente de que continuará cometendo erros, continuará dependente do Salvador – e por fim acabará ficando mais parecido com Ele, “cometendo alguns acertos”, que certamente O agradarão.²³²

Mais uma vez percebemos a diferença entre quem cai na armadilha da idealização neurótica e se deixa tyrannizar pelos deveres, nutrindo um paradoxal fascínio pelos mesmos deveres que o tyrannizam. Nesse sentido, o neurótico passa a nutrir ilusões narcísicas de grandiosidade a seu próprio respeito. Para sustentar essa crença própria, pensa que os outros têm obrigação de tratá-lo com atenção especial, afinal os neuróticos esperam ser tratados de acordo com seus *eus ideais*, precisando ser admirados, respeitados e estimados a qualquer custo, como se disso dependesse sua existência, felicidade e segurança.²³³

Portanto, a manutenção da *persona* idealizada pelo pastor serve para evitar uma possível rejeição por parte de seu rebanho, colegas de trabalho e do próprio entorno social no qual exerce seu ministério. Como figura idealizada culturalmente, há um temor por parte dos pastores de que suas limitações, fraquezas e problemas sejam utilizados como forma de destituí-los do poder e autoridade inerentes à função pastoral, vistos como necessários para o exercício do ministério pastoral. Entretanto, viver esse “fingimento” cotidianamente é fonte segura de ansiedade, se tornando produtora de sofrimento e neurose.

2.5.2 O narcisismo neurótico

Como já está sendo possível perceber, para Horney o funcionamento neurótico e também é caracterizado pela necessidade do indivíduo se sobrepor às pessoas, autoexaltando-se na busca de admiração, numa exigência autoimposta de atingimento de um modelo ideal. Segundo Horney (1937/1977), o narcisismo, como elemento neurótico, está associado à admiração inflada de si próprio por meio de valores fundamentados em idealizações de si mesmo. A pessoa com traços ou funcionamento narcísistas espera amor e admiração das pessoas com quem convive, em razão de qualidades que ela julga possuir.

²³² KEPLER, 2014, p. 95.

²³³ CID, 2006, p. 76.

A diferença entre os anseios naturais e a conquista neurótica da glória é a mesma que existe entre a espontaneidade e a obrigatoriedade; entre o reconhecimento e a negação das limitações; entre visar um glorioso objetivo final e um sentimento de evolução; entre parecer e ser; entre a fantasia e a verdade.²³⁴

Esse narcisismo é marcado por uma tendência neurótica autodefensiva, cuja origem pode ser encontrada em contextos culturais desfavoráveis, que exigem o sucesso e a glória dos indivíduos. Horney também se afastar da visão freudiana de narcisismo por um outro viés. Ela diverge que o narcisismo faça parte de um desenvolvimento psíquico normal, bem como discorda da definição de amor de si mesmo. Ao passo que para Freud o narcisismo implica um investimento grande de libido em si mesmo – esvaziando o objeto de libido –, Horney defende que os indivíduos narcisistas afastam-se não só dos outros mas também de si mesmos, tornando-se incapazes de amar tanto a si como aos outros. Para Horney, portanto, o narcisismo é sempre uma inadequada autoinsuflação:

Somente para fins descritivos, tal pessoa poderia ser chamada de narcisista. Encarado dinamicamente, contudo, esse nome pode dar margem a erros, pois embora essa pessoa esteja constantemente preocupada em inflar seu ego, não o faz essencialmente por amor próprio, mas para proteger-se de um sentimento de insignificância e humilhação ou, mais explicitamente, para ressarcir seu respeito próprio alquebrado.²³⁵

Horney exemplifica as regras autoimpostas por um modelo idealizado do próprio eu:

O indivíduo deveria atingir o máximo de honestidade, da generosidade, da consideração, da justiça, da dignidade, da coragem, do altruísmo. Deveria ser o amante, o professor, o esposo perfeitos. Deveria ser capaz de suportar tudo, gostar de tudo mundo, amar os seus pais, a sua esposa, o seu torrão natal; ou, então, não deveria afeiçoar-se a ninguém ou a nada, não deveria importar-se com coisa alguma, nunca deveria sentir-se ofendido, e deveria estar, sempre, calmo e sereno. Deveria gostar, sempre, da vida, ou, então, deveria estar acima dos prazeres e alegrias. Deveria ser espontâneo, ou, então, controlar sempre seus sentimentos. Deveria saber, compreender e prever tudo. Deveria ser capaz de resolver todos os seus problemas, ou os alheios, num piscar de olhos. Deveria ser capaz de superar todas as suas dificuldades, no mesmo instante em que as percebesse. Nunca deveria sentir-se cansado, ou ficar doente. Deveria ser capaz de fazer, numa hora apenas, um trabalho que exigiria duas ou três horas dos demais.²³⁶

Em outras palavras, o que Horney afirma é que as exigências internas do indivíduo são vivenciadas como regras, mandamentos ou leis que precisam ser cumpridas inexoravelmente, não importando o preço a ser pago. Esse processo neurótico torna-se muito mais do que um

²³⁴ HORNEY, 1966, p. 43.

²³⁵ HORNEY, *A personalidade neurótica ...*, 1984, p. 126.

²³⁶ HORNEY, 1966, p. 72.

mero desejo de aproximação do ideal colocado para si, o que até poderia ser visto como algo positivo, se considerado dentro de um contexto da santificação e vivência da ética cristã. Torna-se, entretanto, um dever tirânico autoimposto de tornar-se a imagem perfeita fantasiada. Nesse funcionamento neurótico o indivíduo não tem o direito de reconhecer as suas limitações, de modo a manter-se fiel às ilusões que alimenta sobre si mesmo.

Por esse motivo o indivíduo estará sempre em busca de corresponder fielmente ao que acredita ser a sua própria imagem de perfeição. Pode-se afirmar que aqui o desejo de buscar e reter uma imagem de perfeição de si mesmo, tal como evidenciado por Horney, coincide com o desejo de retorno ao ego ideal conceituado por Freud.

Quando Horney descreve acima algumas das causas e características das neuroses, verifica-se que as mesmas são falas comuns no meio pastoral.²³⁷ A cultura competitiva da sociedade moderna, forte geradora de neuroses segundo Horney, é plenamente perceptível no cenário eclesiástico. O medo de fracassar ou não dar conta das expectativas impostas sobre a função pastoral são percebidas, mesmo que veladamente, no meio pastoral, visto que há grande receio de confessá-las publicamente ou mesmo com alguns colegas. O isolamento emocional, representado pela ausência de figuras de referência e apoio, aliados à crise da confiança, especialmente sentida entre pastores - “tudo o que você disser será usado contra você” - são características presentes no discurso pastoral, o que nos leva a concluir que o ambiente cultural das igrejas está notoriamente se tornando fonte produtora de neuroses eclesiásticas.

As palavras de Horney, ao tratar do conceito *tiranía do dever*, poderiam servir como um alerta a muitos pastores, que talvez estejam dioturnamente dizendo a si mesmos o que os neuróticos repetem internamente, segundo Horney descreve abaixo:

Sustenta diante de sua alma a sua imagem de perfeição e, inconscientemente, diz para si próprio: “Esqueça-se da criatura desgraçada que você é, realmente; é isso que você deveria ser; e, conseguir ser essa imagem é tudo o que importa. Você tem de ser capaz de aguentar tudo, de entender tudo, de gostar de todos, de ser, sempre, produtivo (para mencionarmos apenas alguns dos ditames internos do neurótico). Como esses ditames revestem-se de um caráter inexorável, dei-lhes o nome de “tiranía do dever”.”²³⁸

²³⁷Tendo ministrado inúmeros cursos “Cuidando de cuidadores”, atingindo cerca de 200 pastores da igreja luterana (IELB), verificou-se, a partir de exercícios e dinâmicas de grupo, a enunciação dos muitos dos aspectos descritos por Horney como causas de neurose e sofrimento, muitos deles auferidos na presente pesquisa empírica.

²³⁸HORNEY, 1966, p. 71.

2.6 Considerações finais

Esse capítulo procurou fazer uma breve exposição do eixo psicológico de nossa pesquisa, lançando luz a aspectos que contribuem na formação de processos de idealização neurótica do ser humano. Fizemos isso a partir de conceitos seletos de três correntes da Psicologia, a saber: a psicanálise freudiana, acrescida do pensamento de Hugo Bleichmar, da psicologia analítica de Jung e da psicanálise culturalista de Karen Horney. Pensamos que tal abordagem, mesmo que também não emane do campo da teologia está, porém, afeta a ele, assim como também está o eixo sociológico. Ambos os eixos vistos até agora são, em nosso entender, essenciais e necessários para uma compreensão mais completa e sistêmica do assunto. Posto isso, passamos a descrever e investigar o sofrimento pastoral, em suas múltiplas interfaces.

3 O SOFRIMENTO PASTORAL E SUAS INTERFACES COM A IDEALIZAÇÃO NEURÓTICA

3.1 Considerações iniciais

Este terceiro capítulo pretende trazer um eixo fenomenológico, demonstrando que o ministério pastoral, mesmo sendo uma profissão ou função considerada como geradora de prazer e gratificação pessoal, também pode se transformar em fonte geradora de sofrimento, por diferentes motivos. Uma das facetas desse sofrimento está ligada à neurose da idealização pastoral, que pode ser relacionada ao conceito psicológico de *neurose de excelência*. Porém, antes de aprofundarmos esse aspecto específico do sofrer pastoral, que é o ponto fulcral de nossa tese, apresentaremos um panorama mais amplo dos diferentes tipos de sentimentos, sofrimentos e patologias que podem atingir a classe pastoral, muitas delas ligadas direta ou indiretamente aos processos de idealização, motivo pelo qual trataremos delas, mesmo que sinteticamente.

O roteiro desse capítulo inicia por uma abordagem que coloca os sentimentos de prazer e sofrimento lado a lado no exercício da função pastoral, mostrando que ambos parecem pertencer à natureza desse ofício. Em seguida passamos a fazer algumas considerações gerais sobre o sofrimento pastoral, procurando demonstrar que muitos estudos têm apontado para essa realidade no contexto profissional pastoral contemporâneo. Numa análise desses fatores causadores do sofrimento abordaremos questões como a culpa pastoral pelas suas limitações, os dilemas das prioridades, o drama das questões familiares e a realidade da solidão pastoral. A seguir, descreveremos diferentes patologias ligadas ao mundo do trabalho, que também atingem diretamente a classe pastoral, justamente pela configuração de trabalho exercido no pastorado, propícia à emergência desses tipos de sofrer. Iniciaremos falando do Estresse, passaremos pela Síndrome de *Burnout*, abordaremos a Fadiga por Compaixão e chegaremos à Síndrome de Listra. Por último retomamos a questão da neurose da idealização, que chamaremos de neurose de excelência, em parte já tratada no capítulo dois.

3.2 A dialética do prazer e sofrimento na função pastoral

Pode parecer estranho iniciar um capítulo sobre o sofrimento com o enunciar de uma dúvida que vai na contramão da hipótese que queremos defender: afinal, que tipos de

sentimentos prevalecem no exercício do ministério pastoral? Sentimentos de prazer/satisfação ou de aflição/sofrimento?

A pergunta não está inserida aqui por acaso, pois refere-se a uma questão de fundo, dentro da temática que estamos abordando. Ao ministrar o curso *cuidando de cuidadores* a um grupo de mais de trinta pastores, em abril de 2015, após uma dinâmica grupal em que havia se trabalhado diversos aspectos do sofrer pastoral, um dos participantes, já mais experiente, sinalizou justamente para essa questão. Com certa preocupação ele perguntou se o preletor e o grupo de colegas não estavam dando por demais ênfase no sofrer pastoral, esquecendo-se da gratificação, honra, alegria e prazer de ser “ministro do evangelho”. As reações dos colegas pastores foram sóbrias e ponderadas, no sentido de confirmarem a alegria e prazer em serem pastores, porém apontando para a dimensão do sofrimento como algo a ser também lembrado e trabalhado no exercício do ministério, especialmente por perceberem a quantidade de colegas que tem adoecido, pedido licenciamento ou mesmo abandonado o ofício pastoral.

Nesse mesmo contexto dialético de reflexão, Silva e Holanda publicaram em 2008 um artigo intitulado *A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes*,²³⁹ onde justamente pesquisam a dúvida levantada nessa seção do capítulo. Os conceitos de prazer e sofrimento trazidos pelos autores nesse artigo irão balizar a discussão que pretendemos realizar a seguir:

Para Silva (2004), o prazer está ligado a uma consonância entre os anseios, desejos e aspirações do trabalhador e aquilo que o contexto de produção pode oferecer. Assim, são de fundamental importância para o estabelecimento do prazer no trabalho a flexibilização da organização do trabalho; a possibilidade de ver o começo, meio e fim da atividade; métodos e instrumentos de trabalho mais adequados; identificação com o trabalho a partir da constatação da totalidade dos resultados e objetivos; maior autonomia; uso de competências técnicas e criativas; e relações sociais baseadas na confiança, na cooperação e na participação.

Já o sofrimento é considerado como uma vivência individual ou compartilhada de experiências como angústia, medo e insegurança, resultantes da impossibilidade de uma negociação bem-sucedida entre os desejos e anseios individuais e o contexto de produção de bens e serviços.²⁴⁰

Os resultados obtidos na pesquisa de Silva e Holanda se aproximam da observação feita pelo pastor participante do curso *cuidando de cuidadores*, conforme recém relatado. Como aponta a conclusão do artigo dos autores supracitados, encontrou-se altos índices de

²³⁹SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estudos Psicológicos*. Campinas. vol. 25, n. 3. p. 375-383, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300006>> Acesso em: 07 jan. 2014.

²⁴⁰SILVA; HOLANDA, 2008, p. 375-383, s/página.

satisfação e prazer, com fortes sentimentos de realização por parte dos líderes religiosos protestantes. Estas vivências de prazer foram vinculadas à possibilidade de um maior controle de seu processo produtivo, bem como à oportunidade de vivência de valores no trabalho considerados positivos e desejáveis, como amor, respeito, consideração etc. Outro fator de prazer esteve associado ao contato mais próximo e presente com a comunidade, atribuindo maior sentido ao seu trabalho, dando ao líder religioso uma sensação de utilidade e a certeza de estar a serviço da comunidade.²⁴¹

Dados semelhantes também foram encontrados no trabalho do renomado pesquisador Harold G. Koenig que, em parceria com outros autores, publicou artigo intitulado *Mental Health Issues Among Clergy and Other Religious Professionals: a Review of Research*, no qual faz uma ampla revisão de literatura sobre pesquisas que investigaram a saúde mental de clérigos e profissionais da religião. Numa das tantas pesquisas citadas pelo artigo, a realizada por P.J. Dewe, aplicada entre o clero protestante da Nova Zelândia, especialmente envolvendo pastores metodistas, indicou que, apesar das pressões, do estresse e das exigências extraordinárias, a maioria do clero, na casa de 75%, se achava bastante satisfeita em seu ministério e com o trabalho realizado em suas comunidades. Essa satisfação estava associada ao sentimento de cumprimento de seu chamado e do seu trabalho junto aos fiéis.²⁴²

Tais dados de satisfação e prazer ligados ao exercício do ministério pastoral foram corroborados em nossa pesquisa de campo, com altos índices de concordância. Ao serem questionados se “o prazer, alegria e realização em ser pastor superam qualquer dificuldade enfrentada no exercício do ministério pastoral” (questão 34), 84% dos pastores respondentes concordaram com essa assertiva, 43% concordando totalmente e 41% em parte. É um resultado expressivo, que não deixa dúvidas quanto aos aspectos positivos eliciados pela profissão pastoral.

Porém, sem esquecer o outro lado, ao retomarmos a pesquisa de Silva e Holanda, foi encontrada também uma vivência moderada de sofrimento pastoral, relacionada principalmente à diversidade das atividades, o que acaba acarretando sobrecarga de trabalho. A falta de um suporte organizacional foi citada como uma das fontes de sofrimento, ao não existir espaços para o líder religioso aliviar as tensões decorrentes de seu trabalho. Em nosso entender isso poderia ser minimizado tanto pela oferta de um

²⁴¹ SILVA; HOLANDA, 2008, p. 375-383, s/página.

²⁴² KOENIG, Harold G; WEAVER, Andrew J. *et. al.* Mental Health Issues Among Clergy and Other Religious Professionals: a Review of Research. *The Journal of Pastoral Care & Counseling*. vol. 56, n. 4, p. 393-403. Winter 2002, p. 397-8. Disponível em: <<http://healthcarechaplains.org/userimages/Mental%20Health%20Issues%20Among%20Clergy%20and%20others.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2013.

supervisor/conselheiro/psicólogo externo à denominação religiosa quanto por pessoas de dentro da denominação, desde que mediadas pela relação de confiança necessária a essa tarefa. Finalmente, a carga elevada de tensão emocional decorrente de seu papel e de cobranças por resultados também foi apontada como fonte moderada de sofrimento,²⁴³ sendo que esse último fator aproxima-se muito dos processos de idealização que estamos aqui enfocando.

Essa dialética entre satisfação e sofrimento no exercício do ministério pastoral também foi encontrada no estudo de Dennis Orthner, da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Realizado com quase dois mil pastores metodistas, a pesquisa demonstrou que o trabalho do pastorado pode ser compensador, mas é muito exigente, exigindo do clero que cumpram muitas responsabilidades para com seus paroquianos e comunidades, o que acaba pesando muito em seu tempo e energia.²⁴⁴

O que parece ficar evidente é que toda a atividade laboral, incluindo o ministério pastoral, possui esse duplo “poder”, de tanto gerar vivências de prazer quanto de sofrimento. Essa é uma dialética inerente não só à vida em geral, mas também ao mundo específico do trabalho. No contexto laboral, o prazer vincula-se ao bem-estar que o trabalho produz no indivíduo, seja na dimensão corporal, psíquica, intelectual, afetiva e também sócio relacional. Já o sofrimento se expressará, contrariamente, através dos malefícios causados nas mesmas dimensões supracitadas.

Porém, nem sempre o sofrimento precisará ser caracterizado como *patogênico*, podendo também assumir um caráter *criativo*, como bem expressam Freitas e Facas:

[...] o sofrimento é inerente ao trabalhar. Origina-se na angústia vivida pelo trabalhador ao se deparar com a distância inevitável daquilo que foi prescrito (normas, regras, manuais, etc.) e a situação real de trabalho. A vivência de sofrimento decorrente desse confronto com o real pode ser *criativa* ou *patogênica*, a depender do destino que o trabalhador pode dar a ela. Quando o sujeito pode engajar o seu saber-fazer, utilizar sua inventividade para dar conta do hiato entre prescrição-real e ser reconhecido por isso, tem-se o sofrimento criativo. Este processo ressignifica o sofrimento e ocorre por meio da mobilização subjetiva, [...] ²⁴⁵

A partir do que sinalizam os autores, a subjetividade individual de cada pastor é que vai direcionar o destino das vivências de sofrimento no exercício do ministério pastoral.

²⁴³ SILVA; HOLANDA, 2008, p. 375-383, s/página.

²⁴⁴ KOENIG, 2002, p. 394.

²⁴⁵ FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 1, p. 7-26, 2013. p. 9. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7880/7251>> Acesso em: 23 jul. 2015.

Nessa subjetividade estarão presentes elementos da biografia de cada pastor, sua predisposição à instabilidade psíquica, sua estrutura de personalidade, sua espiritualidade, sua capacidade de resiliência entre outros fatores. A fala de alguns pastores, sujeitos de nossa pesquisa doutoral, retratam o que estamos dizendo:

Já vivi momentos de stress bastante acentuado. Fiquei bastante deprimido. Relutei em me afastar do ministério pastoral. Busquei e clamei pela misericórdia divina. Mas também busquei auxílio de um profissional em psicologia. Pela graça de Deus, consegui vencer o stress depressivo. Ainda exerço o meu ministério com alegria e gratidão. (anexo 4, questão 47, nº 68)

Posso tranquilamente dizer que amo muito ser pastor. Tenho tristezas, frustrações, mas encaro eles como forma de crescimento, avanço no conhecimento, pois nesses momentos tenho crescido muito. Mas posso dizer também que as alegrias e bênçãos no ministério são muito maiores. (anexo 5, questão 48, nº 83)

[...] Mas, por dever de consciência, não poderia deixar de escrever o que se passa em meu coração. Agradeço a Deus pelos pastores fieis que a IELB tem; mas também me preocupo com os que fazem do ministério uma simples opção de vida, onde se destaca o negativismo e a reclamação, levando muitos ao adoecimento. Creio que a valorização do ministério também passa pela alegria, zelo, responsabilidade, exemplo, ... com que os pastores fazem o seu dia a dia. (anexo 5, questão 48, nº 116)

Portanto, é importante deixarmos claro ao leitor que a premissa de que o pastorado é fonte de alegria, prazer e satisfação não é negada nem tampouco deve ser diminuída ao afirmarmos que o sofrimento também faz parte do exercício do ministério pastoral. É nessa dialética da vida e também do ministério pastoral, que surge a necessidade de fazermos emergir a dialogicidade do discurso. É isso que pretendemos realizar a partir de agora, dando “vez e voz” a um aspecto da vida pastoral que vem sendo negligenciado no ambiente eclesiástico: o sofrimento pastoral.

3.3 Considerações gerais sobre o sofrimento pastoral

Algumas críticas e preocupações de colegas pastores tem surgido ao longo de minha caminhada acadêmica e profissional, quando defendo a tese de que há um contingente significativo de pastores que estão vivendo um processo de sofrimento neurótico ou patogênico em função de estarem exercendo um ministério pastoral envolto de idealizações, além de outras dificuldades inerentes ao pastorado.

Essa preocupação provavelmente está ligada ao que acabamos de tratar logo acima. Dar ênfase ao sofrimento pastoral poderia colocar em risco a verdade da “sublime vocação

pastoral”²⁴⁶ ou quem sabe alimentar um “*coitadismo* pastoral” que seriam nefastos para a igreja, indo contra aquilo que deveria ser pregado e ensinado positivamente na igreja e sociedade acerca do ministério pastoral e do trabalho no reino de Deus. Fazemos referência a duas verbalizações pastorais em nossa pesquisa que parecem estar ligadas a essa preocupação:

[...] Me parece que os pastores estão querendo "se fazer de vítimas" em muitas situações, embora em algumas realmente seja, mas isso está fazendo com que muitos de nós deixemos de nos esforçar para o ministério, querendo que a comunidade e a IELB nos trate como reis mimados. Não tenho o ministério como um peso ou obrigação. Trabalho feliz e creio que, dentro de meus limites, faço o que preciso. (anexo 5, questão 48, nº 52)

Creio que o quanto mais, nós pastores, fugirmos da autopiedade, do pousar como vítima, aplicando o poder transformador da Palavra de Deus as nossas vidas, e então estendendo, este poder as pessoas que nos cercam, família e congregados, mais conseguiremos viver um ministério pastoral feliz. (anexo 5, questão 48, nº 65)

De fato, são compreensíveis e de certa forma procedentes tais preocupações de meus colegas, pois parece ser muito plausível a existência de um contingente de pastores que poderia fazer mau uso dessa “verdade” incômoda. Porém, defendo que negar a existência do sofrimento pastoral seria igualmente nefasto à igreja, colocando justamente em risco a “sublime vocação pastoral”, no sentido de que essa “sublime vocação” também está exposta à dialética do prazer e sofrimento. Isso pode ser percebido bíblica e teologicamente na vida de muitos profetas, apóstolos e líderes bíblicos, como Moisés, Elias, Jó, Jeremias etc. Como paradigma de um ministério dialético podemos citar o próprio apóstolo Paulo, por exemplo, quando ele agradece aos irmãos da comunidade de Filipos, que o auxiliaram em meio às aflições decorrentes do exercício de seu ministério pastoral:

Na minha vida em união com o Senhor, fiquei muito alegre porque vocês mostraram de novo o cuidado que têm por mim. Não quero dizer que vocês tivessem deixado de cuidar de mim; é que não tiveram oportunidade de mostrar esse cuidado. Não estou dizendo isso por me sentir abandonado, pois aprendi a estar satisfeito com o que tenho. Sei o que é estar necessitado e sei também o que é ter mais do que é preciso. Aprendi o segredo de me sentir contente em todo lugar e em qualquer situação, quer esteja alimentado ou com fome, quer tenha muito ou tenha pouco. Com a força que Cristo me dá, posso enfrentar qualquer situação. Mesmo assim vocês fizeram bem em me ajudar nas minhas aflições. (Filipenses 4.10-14)²⁴⁷

²⁴⁶ Preferimos colocar a expressão “sublime vocação pastoral” entre aspas, sinalizando um certo cuidado com o uso do termo, pelo fato de que o conceito de vocação para a teologia luterana não é o mesmo compreendido em outras denominações cristãs ou mesmo pelo senso comum. Tem se percebido que mesmo dentro da igreja protestante pesquisada nessa tese doutoral o conceito de vocação, a partir do que o teólogo Martinho Lutero propõe, vem sendo mal compreendido e mal utilizado.

²⁴⁷ A BÍBLIA Sagrada. Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

Temos consciência, porém, de que a própria conceituação do termo *sofrimento* em nossa tese pode se tornar um problema, pelo caráter subjetivo que o termo carrega em si mesmo. O que para uns é sofrer para outros pode ser encarado apenas como mais um desafio da vida ou da profissão. Muitos aspectos podem contribuir para tais diferenças: experiências prévias de vida, crises e sofrimentos já vivenciados, traços de personalidade e de caráter (por exemplo, pessoas depressivas são mais suscetíveis às frustrações e fracassos), níveis diferentes de resiliência etc. Por isso talvez seja importante definirmos o que entendemos por sofrimento de caráter patogênico, no contexto laboral, conforme expressam Freitas e Facas:

As vivências de sofrimento patogênico podem se expressar pelos males causados no corpo, na mente e nas relações socioprofissionais. Suas causas advêm do contexto de trabalho e manifesta-se por ansiedade, insatisfação, indignidade, inutilidade, desvalorização e desgaste no trabalho. O sofrimento no trabalho é compreendido por meio de vivências simultâneas de esgotamento emocional e falta de reconhecimento. O esgotamento emocional se expressa por vivência de frustração, insegurança, inutilidade e desqualificação diante das expectativas de desempenho, gerando esgotamento, desgaste e estresse. A falta de reconhecimento se traduz pela vivência de injustiça, indignação e desvalorização e pelo não-reconhecimento do trabalho.²⁴⁸

Veremos que muitas das características patogênicas citadas na definição acima serão encontradas no discurso pastoral trazido nessa tese, tanto pelo aporte teórico quanto pelos resultados encontrados em nossa pesquisa de campo.

Portanto, a premissa da existência de sofrimento pastoral defendida nessa tese é ancorada em diversos pontos, partindo da base epistemológica desse trabalho. Na perspectiva da psicologia, para a psicanálise o sofrimento psíquico é um fenômeno universal, inerente ao gênero humano.²⁴⁹ Já na perspectiva da teologia, a Teologia da Cruz é, segundo muitos estudiosos de Lutero, o cerne de sua concepção antropológica e teológica. A realidade humana, marcada pela tensão entre vida e cruz (sofrimento), representa uma das bases fundamentais a partir das quais Martinho Lutero pergunta pelo que Deus é e faz.²⁵⁰ Aliado a essa visão conceitual psicológica e teológica que norteia grande parte de nossa tese, a hipótese do sofrimento pastoral é reforçada empiricamente a partir de mais de uma década de escuta pastoral, em trabalhos realizados diretamente com pastores protestantes, nos cursos “*cuidando de cuidadores*”, no qual a verbalização de sofrimento, *no e por causa* do ministério, foi muitas vezes enunciada e reiterada por diversos pastores.

²⁴⁸ FREITAS; FACAS, 2013, p. 9.

²⁴⁹ SILVA, Magali Milene da. Para além da saúde e da doença: o caminho de Freud. *Revista Ágora*. Rio de Janeiro. vol. XII, n. 2, p. 259-274, jul/dez 2009. p. 271.

²⁵⁰ RIETH, Ricardo W. Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, vol. 43, n. 2, p. 7-20, 2003. p. 8.

Nesse capítulo, portanto, pretendemos apontar para alguns dados que orientam e fundamentam solidamente o pressuposto teórico do sofrimento pastoral, mostrando que ele não é apenas produto de observação, mas já uma constatação científica demonstrada por diversas pesquisas, inclusive a realizada na presente tese doutoral.

Diversas questões foram apresentadas em nosso instrumento de pesquisa de campo no sentido de averiguarmos a existência ou não de sofrimento pastoral entre os pastores da denominação protestante investigada. Ao serem questionados se “já houve momentos de estresse ou de sofrimento em seu ministério pastoral” (questão 32), 96% dos pastores responderam afirmativamente, num altíssimo índice de 74% de concordância total e 22% de concordância parcial. Atingir a concordância quase unânime nesse aspecto não deveria soar como uma surpresa, visto a configuração das profissões de ajuda inclinarem-se para vivências desse tipo, conforme iremos demonstrar.

Já quando perguntados se “viveram muitas frustrações e decepções nas suas vidas como pastores” (questão 33), o índice de concordância baixa um pouco, mas ainda alcançando o índice de 76%, somados aqueles que concordam plenamente com essa assertiva (43%) e aqueles que concordam em parte (33%).

Nesse contexto temático, ao falar da expectativa de jovens pastores ao ingressarem no ministério, Price afirma que normalmente eles chegam cheios de esperança e planos, num otimismo quase ingênuo, ao passo que os pastores mais experientes já se veriam emocionalmente esgotados por suas experiências.

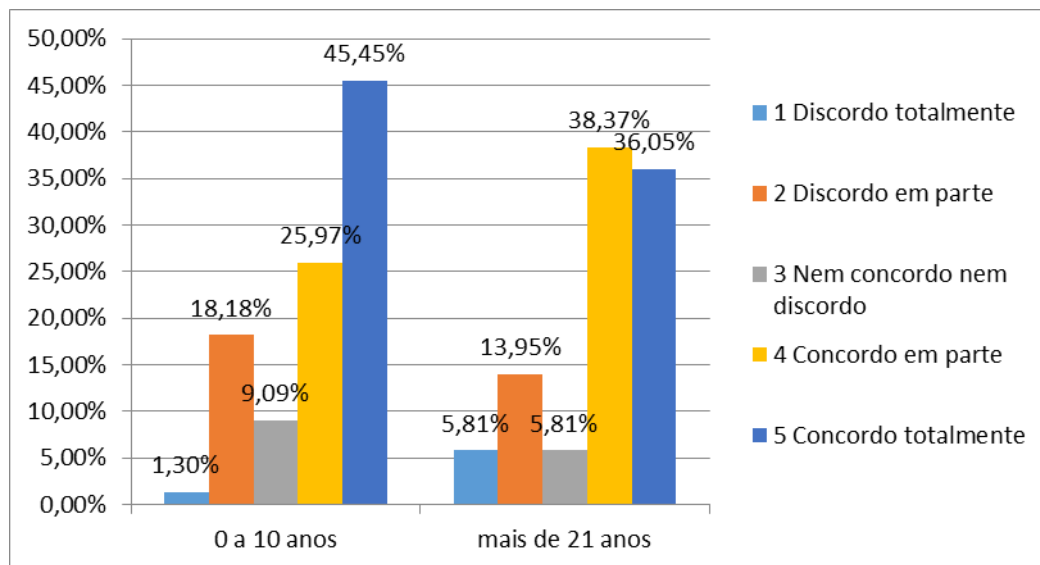
O pastor mais experiente, com alguma quilometragem, sente que a coisa não é tão simples e bonita quanto geralmente se pensa. Ele já sentiu na pele as dificuldades do trabalho pastoral, já passou pelo menos uma vez pela experiência de se sentir física e emocionalmente esgotado diante da fraqueza e da insensibilidade de muitos membros e até de igrejas inteiras. Ele sabe o que é estar à beira de um ataque de nervos ou sem o menor desejo de se levantar da cama no domingo pela manhã. E ele então lamenta consigo mesmo: estou sozinho no meio de um deserto desolador. Ninguém por perto para me dar alento. Sentindo-me como se falasse para o vento, ele vai empurrando seu ministério com a barriga, às vezes sem nenhuma perspectiva de grandes realizações.²⁵¹

Quando analisamos os resultados de nossa pesquisa nessa questão sobre frustrações e decepções (33) a partir da variável *tempo de ministério*, encontramos o dado que entre os pastores com 0 a 10 anos de ministério 45,45% vão concordar totalmente com a vivência de frustrações e decepções pastorais, ao passo que entre os pastores com mais de 21 anos de

²⁵¹ PRICE, Donald E (Org.). *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002. p. 7-8.

ministério esse índice baixa para 36,05% dos que concordam totalmente. O gráfico que segue nos ajuda nessa visualização.

33. Já vivi muitas frustrações e decepções na minha vida como pastor.



Porém, ao analisarmos o gráfico acima veremos que se somarmos a concordância total e parcial, o resultado inverte, ou seja, 74,42% dos pastores com mais de 21 anos de ministério reclamam de decepções e frustrações, para o índice de 71,42% dos pastores abaixo de 10 anos de ministério. Esses índices que parecem não se alinhar totalmente com algumas hipóteses apenas nos incitam a aprofundar mais o presente tema de estudo, mostrando que ele apresenta muitos elementos subjetivos na sua composição.

Uma terceira pergunta de nossa pesquisa, que se agrega a esse conjunto temático que estamos analisando, buscou inquirir os pastores sobre “se já houve momentos em que pensaram em abandonar o ministério pastoral” (questão 35). Na mesma tendência decrescente da questão anterior, 65% dos pastores concordaram que essa ideia já lhes passou pela cabeça, sendo que 41% concordaram totalmente com ela e 24% em parte. Novamente, pela variável *tempo de ministério*, chega-se a resultados análogos ao da questão anterior, quais sejam, o de que pastores com menor tempo de ministério (0 a 10 anos) tiveram um índice de 45,45% de concordância total, ao passo que dos pastores mais experientes, com mais de 21 anos de ministério, apenas 29,07% tenham concordado totalmente com a ideia do abandono do ministério em algum momento de suas vidas.

Esse resultado até poderia ser visto com certa estranheza, se considerarmos o cansaço ou esgotamento que o ministério pode gerar gradativamente nos pastores ao longo de seu

ministério, como lembrou Price, há pouco referido. Isso pode evocar uma pergunta: seriam os pastores das gerações mais antigas mais resilientes ou mais vocacionados ao ministério, pelo menos na denominação religiosa objeto dessa pesquisa? Essa é uma questão que, para ser respondida corretamente, precisaria ser aprofundada em pesquisas subsequentes, levando-se em conta outras variáveis, como mudanças de contexto na igreja, a perda atual de prestígio pastoral, mudança da própria concepção e de postura diante do ministério etc. Porém, é importante ressaltar que, na média geral, ainda que o índice de asserção dessa última questão analisada (questão 35) seja menor do que as duas primeiras, podemos afirmar que 65% de pastores já terem pensado em abandonar o ministério pastoral em algum momento de sua vida ainda é um número significativo para confirmarmos elementos de sofrimento pastoral na denominação pesquisada.

Posto esses dados iniciais, queremos iniciar a fundamentação teórica deste assunto justamente citando uma reportagem, matéria de capa, trazida pela revista *Cristianismo Hoje*, de maio de 2012, que tematizou explicitamente a tese do sofrimento pastoral em seu título: *Pastores Feridos – porque cada vez mais líderes estão abandonando o ministério?* Nessa reportagem o autor elenca sentimentos como desânimo, insegurança, medo e dúvida como sendo normais na vida de muitos pastores. O artigo traz também dados de pesquisas norte-americanas que corroboram essa realidade de sofrimento pastoral, conforme citação abaixo:

O Instituto Francis Schaeffer, por exemplo, revelou que, no último ano, cerca de 1,5 mil pastores têm abandonado seus ministérios todos os meses por conta de desvios morais, esgotamento espiritual ou algum tipo de desavença na igreja. Numa pesquisa da entidade, 57% dos pastores ouvidos admitiram que deixariam suas igrejas locais, mesmo se fosse para um trabalho secular, caso tivessem oportunidade. E cerca de 70% afirmam sofrer depressão[...]²⁵²

Os dados dessa reportagem parecem trazer números e percentuais demasiadamente elevados. Alguns deles, como o índice de depressão entre pastores na casa dos 70% , talvez seja tão alto em função de uma má compreensão do termo por parte dos respondentes, que podem ter usado o termo depressão referindo-se a momentos de tristeza e melancolia vividos em períodos do seu ministério. De qualquer modo, são dados que mostram uma tendência de sofrimento pastoral, evidenciados tanto por dados objetivos/quantitativos, quanto subjetivos, a partir da autopercepção dos pastores e líderes religiosos quanto ao seu próprio sofrer no ministério.

²⁵² SANTOS, Marcelo. Vocação em xeque. *Revista Cristianismo Hoje*. ano 5, ed. 28, p. 18-22, abril/maio 2012, p. 20.

Alguns importantes trabalhos no Brasil têm sido escritos nos últimos anos a respeito do sofrimento pastoral. Lotufo-Neto, desde 1996, vem estudando a saúde mental de religiosos cristãos não católicos no Brasil, demonstrando que os transtornos depressivos (16,4%), do sono (12,9%) e de ansiedade (9,4%) são os que mais atingem os ministros religiosos.²⁵³ Já vemos aqui que os índices percentuais são muito menores do que os trazidos pela revista supracitada, que talvez não esteja usando corretamente a definição clínica de depressão.

Na tese de doutorado de Lotufo-Neto há um dado interessante, onde o autor aponta para estudos de mais de cinquenta anos atrás (1956), que já indicavam o aumento significativo no número de ministros religiosos que estavam tendo crises nervosas, em função de sobrecarga de trabalho.²⁵⁴ Porém, tais estudos sofreram críticas de Dittes (1959), por estar se falando na época muito em “*break down*” de ministros, sem grande base científica.²⁵⁵

Ainda outros dados arrolados na tese do autor, como os estudos de Argyle e Beit-Hallahmi (1975), indicaram que até mesmo entre candidatos à vida religiosa e seminaristas o índice de neuroticismo era elevado nos Estados Unidos. O motivo estaria associado ao fato desses estudantes serem mais isolados e perfeccionistas, sendo que tais características só pioravam à medida de seu treinamento.²⁵⁶ Dados como esse parecem já indicar a presença de elementos de idealização neurótica desde muito cedo, não só em sacerdotes e pastores, mas também em candidatos ao ministério pastoral. De forma empírica, poderia corroborar esse fato a partir do contato com alunos seminaristas ingressantes, com os quais lido anualmente na condição de professor de teologia na disciplina de psicologia. Grande parte dos alunos vem com uma grande carga de idealização no que tange aos atributos que precisariam ter e desenvolver como futuros pastores. Aqui está uma bela fonte de pesquisa que pode ser melhor explorada no futuro como complemento a essa tese.

Voltando às descobertas do artigo de Koenig, autor já citado nesse capítulo, destacamos alguns dados que abordam justamente o clero protestante, objeto de nossa pesquisa:

Ministros, especialmente aqueles que eram pastores solitários numa comunidade, indicaram que muitas vezes se sentiam isolados e tinham pouco amigos ou colegas a quem podiam dirigir-se para auxílio. Muitos pastores protestantes expressaram

²⁵³ LOTUFO-NETO, Francisco. *Psiquiatria e religião – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. 1997. 368 f. Tese. (Livre-Docência). Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Livre-docente junto ao Departamento de Psiquiatria. São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.hoje.org.br/arq/artigos/20050516-es-drfln-teseFranciscoLotufoNeto.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2013. p. 3.

²⁵⁴ LOTUFO-NETO, 1997, p. 212.

²⁵⁵ LOTUFO-NETO, 1997, p. 228.

²⁵⁶ LOTUFO-NETO, 1997, p. 221.

preocupação com sua falta de habilidade de colocar limites de tempo, mostrar sua vulnerabilidade ou expressarem raiva apropriada com seus paroquianos.²⁵⁷

Em 2004, o psicólogo R.R. Silva tratou em sua dissertação de mestrado a temática *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais*.²⁵⁸ Autores como Oliveira, psicóloga e mestre em teologia, também vêm tratando do tema do sofrimento e da necessidade do cuidado a cuidadores já há alguns anos, tendo como tema de sua dissertação de mestrado *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*, trabalho em seguida publicado em forma de livro, como segue referenciado abaixo.²⁵⁹

O *Burnout* pastoral, um termo relativamente novo, também já vem sendo estudado por diferentes pesquisadores, em diversos continentes. Numa rápida pesquisa na Internet com o termo “burnout”, relacionando-o com os termos pastor/pastoral, nas línguas inglesa e alemã, nos indicaram diversas obras referentes ao assunto, que serão apenas referenciadas com seu título e ano de publicação. Algumas delas serão utilizadas nessa tese, com sua referência completa. Em 1982 John Sanford publica nos Estados Unidos a obra *Burnout Ministry*. Já em 2006 Fred Lehr lança a obra *Clergy burnout: recovering from the 70-hour week – and other self-defeating practices*. Um ano após, em 2007, Joseph D. White, publica a obra *Burnout Busters: Stress Management for Ministry*. Em 2011, Andreas Von Heyl, publicou na Alemanha a obra intitulada *Das Anti-Burnout Buch für Pfarrerinnen und Pfarrer*. A pesquisa desse tema nos levou, inclusive, a verificar a existência de um site norteamericano intitulado *pastorburnout.com*, cuja página inicial tem por título *Pastor Burnout: the silent ministry killer*. Nesse site há diversos links com dados estatísticos, informações sobre causas e sintomas, testes virtuais, entre outros aspectos relativos ao *Burnout*, sendo um espaço para os ministros religiosos não só conhecerem a Síndrome como também encontrarem caminhos de auxílio ao perceberem a possibilidade dele se tornar um risco real nas suas vidas.

Com relação à produção literária no Brasil ainda não há livros publicados que enfoquem especificamente o *Burnout* pastoral, mas esse foi tema da tese de doutorado de J.F.

²⁵⁷ KOENIG, 2002, p. 396: Tradução própria: “Ministers, especially those who were sole pastors, indicated that they frequently felt isolated and had few friends or colleagues to whom to turn for help. Many Protestant clergy expressed concern about their inability to set time limits, show their vulnerability, or express appropriate anger with parishioners”.

²⁵⁸ SILVA, Rogério Rodrigues da. *Profissão pastor: prazer e sofrimento. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais*. 2004. 187 f. Dissertação. (Mestrado). Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v11n1/v11n1a12.pdf>> Acesso em: 02 de mar. 2014.

²⁵⁹ OLIVEIRA, Roseli K. de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005. 147 p. (Teses e Dissertações, 28).

Silva, em 2007.²⁶⁰ O interesse em pesquisar o *Burnout* vem também sendo despertado em diversos trabalhos de conclusão de curso, em nível de graduação e pós-graduação.

No campo dos estudos sobre sofrimento pastoral há de se fazer referência a uma obra recente, do doutor e psicólogo William Castilho Pereira, também professor da Faculdade dos Jesuítas (FAJE) do Rio de Janeiro, intitulada *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*,²⁶¹ publicada em 2013. Essa obra desvela e aprofunda a temática do sofrimento em meio ao contexto do sacerdócio católico, mostrando como esse sofrimento impacta não só a vida dos presbíteros, mas também acaba afetando toda a instituição eclesiástica. Pereira busca explicar o sofrimento psíquico dos que exercem o ministério a partir de algumas categorias de análise, que envolvem “a espiritualidade, a motivação vocacional, o poder, a vida presbiterial, a dimensão humana-afetiva, o dinheiro, o prestígio, o prazer, o projeto pastoral e as novas gerações”.²⁶² Muito do que o autor traz nessa obra é plenamente aplicável ao clero protestante, como posteriormente veremos com mais detalhes e profundidade.

Já Jaime Kemp, conhecido teólogo protestante brasileiro, ligado ao meio batista, afirma que nas últimas décadas pastores e líderes evangélicos do mundo todo têm sido arrastados por uma tormenta espiritual, emocional e social, que acabou desabando sobre as igrejas, comunidades e sobre a própria cultura. Diante do desafio pastoral da atualidade, reconhece que há pastores que estão firmes e atuantes no serviço pastoral, porém alerta para uma situação contrária que vem crescendo e atingindo diversos pastores:

[...] são muitos os que têm caído vencidos pelo cansaço, pelo desânimo e pelo desespero, à beira das estradas. Outros, estão desistindo do ministério por fracassos morais e familiares, e ainda há os que se cansaram de serem abusados financeiramente por igrejas que não os valorizam, em termos concretos.²⁶³

A criação de programas de acolhimento e cuidado aos pastores “feridos” é um outro fenômeno que tem crescido em diferentes denominações religiosas, apontando para a conscientização gradativa da existência do sofrimento pastoral. Destaque para a SEPAL - *Servindo aos Pastores e Líderes*, que é uma missão internacional, estabelecida no Brasil em 1963, que busca encorajar os pastores e desafiá-los a desenvolver ministérios mais saudáveis. A SEPAL faz parte da Aliança Global OC, uma missão interdenominacional na sua estrutura

²⁶⁰ SILVA, Jetro Ferreira. *O Burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção*. Tese Doutorado em Teologia. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, São Paulo: 2007.

²⁶¹ PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. ed. Petrópolis: RJ, Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013.

²⁶² PEREIRA, 2013, p. 18.

²⁶³ KEMP, 2000, p. 9.

e intereclesiástica no seu ministério. Entre seus inúmeros objetivos destaca-se o aspecto motivacional de pastores e líderes cristãos, em dois focos. O primeiro é o *encorajamento*, que prevê o pastoreio de casais pastorais visando à saúde espiritual, emocional e ministerial. O segundo é o *mentoreamento*, onde se busca incentivar que cada pastor possa ter um mentor para si, que o auxilie a viver os desafios e dificuldades cotidianas do ministério pastoral.²⁶⁴

Na igreja protestante pesquisada, há cerca de três anos iniciou-se um programa denominado Missão, Ministério e Liderança - MML, cujos objetivos também abrangem o cuidado do pastor e de sua esposa. Conforme a autodefinição do programa, o MML é um programa de liderança missionária e pastoral da igreja para “auxiliar os pastores e congregações a realizar a missão de Deus de forma mais efetiva e dinâmica. Sua ênfase é o relacionamento do pastor com Deus, consigo mesmo, com sua esposa, com a liderança da congregação e com o mundo, alvo da missão de Deus”. Dentre os diferentes objetivos destacamos aquele que diz “criar um ambiente de segurança, no qual os participantes possam dar e receber auxílio”,²⁶⁵ que parece pressupor a criação de um espaço de confiança onde os pastores e suas esposas possam compartilhar empaticamente experiências de conflitos, dores e dificuldades com pessoas que vivem os mesmos dramas do que elas.

Estes são alguns dos elementos introdutórios que demonstram que o tema do sofrimento pastoral está se tornando foco de preocupação entre diferentes pesquisadores não só da teologia como também da área da saúde mental.

Passemos, então, a verificar alguns dos principais problemas e distúrbios que tem acometido pastores no exercício de seu ministério, levando-os ao sofrimento. De modo especial fazemos referência à obra de Oliveira,²⁶⁶ já referenciada, que realizou um estudo muito próximo à sequência estabelecida nesse capítulo, assim como são aproximativas as conclusões a que ambas as pesquisas chegam.

3.4 Problemas específicos geradores de sofrimento pastoral

Como já foi observado, o sofrimento faz parte da vida pessoal e profissional de todos os seres humanos. Portanto, não seria diferente com os ministros religiosos e cuidadores pastorais. Porém, queremos destacar alguns aspectos ou problemas específicos que merecem ser elencados como fonte de sofrimento pastoral. Diversos desses aspectos aqui arroladas irão

²⁶⁴ Informações disponíveis no site oficial da SEPAL. Disponível em <http://sepal.org.br/>. Acesso em 12 out. 2014.

²⁶⁵ MARQUARDT, Rony. Coordenador MML. [Carta circular da IELB]. Missão, Ministério e Liderança. p. 1. 07 de setembro de 2012.

²⁶⁶ OLIVEIRA, 2005, p. 73-102.

reaparecer como elementos constituintes de patologias laborais, como o estresse e o *Burnout* pastoral. Julgamos importante, porém, abordarmos alguns deles em separado, pelo impacto que possuem de, mesmo que encontrados isoladamente, já serem causadores de sofrimento pastoral.

3.4.1 A culpa pastoral: as limitações e o dilema das prioridades

Sob o ponto de vista da psicanálise freudiana, uma das principais fontes das neuroses individuais e coletivas é o sentimento de culpa, especialmente ligado ao contexto religioso.

Segundo o psicólogo e pesquisador Antonio Máspoli de Araújo Gomes, culpa e pecado são conceitos intimamente ligados, sendo que o pecado é um dos elementos fundamentais para a compreensão do problema da culpa e do sofrimento humano.²⁶⁷ Gomes, citando Campbell *et alii*, conceitua culpa como um “sentimento que uma pessoa tem de ter errado, violado algum princípio ético, moral ou religioso”, associando a essa consciência um grau muito baixo de autoestima e sentimento de que o erro deve ser expiado ou compensado.²⁶⁸

Já Otto Fenichel, em sua obra *Teoria psicanalítica das neuroses*, afirma que “os sentimentos de culpa que acompanham a prática de uma maldade e os sentimentos de bem-estar que resultam do cumprimento de um ideal são os modelos normais seguidos pelos fenômenos patológicos de depressão e mania”.²⁶⁹

Com relação a esse tema específico, a fala de um dos pastores de nossa pesquisa justifica inserirmos essa breve reflexão sobre pecado e culpa como fonte de sofrimento pastoral. Na questão 48, de tipo aberto, perguntado sobre que aspecto, item ou sugestão acrescentaria à pesquisa, o pastor respondeu:

Talvez algo sobre o pecado. Imagino que ainda não entendemos bem o que isso significa. Ainda não está claro, especialmente para muitas pessoas, o aspecto do pecado na vida do ser humano. Está presente em todos nós. Somente pela graça de Deus é que somos perdoados. Diante de todas as fraquezas, limitações, cobranças, será que realmente entendemos o que significa o pecado? Quando a Palavra de Deus diz que não existe nenhum justo sequer, vale para todos, também aos pastores. Paulo escreve aos romanos que o bem que gostaria de fazer não faz, mas o mal que não gostaria de fazer, isso ele faz. Essa é a nossa realidade. Todos estamos no mesmo barco. Neste barco batemos de um lado para outro, e se não batemos é por pura graça e misericórdia de Deus que se renova a cada manhã. Essa é a forma como nós

²⁶⁷ GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. O problema da culpa e a graça da justificação pela fé. In: *Revista Fides Reformata et Semper Reformanda Est*, vol. 7, n. 1, p. 75-103, 2002. p. 76.

²⁶⁸ GOMES, 2002, p.76.

²⁶⁹ FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu, 1981. p. 96.

pastores vemos. Mas para os membros, isso ainda não está claro. É difícil para eles entenderem essa realidade presente na vida de todos nós - pecadores. Assim, queremos construir um ministério idealizado. Jamais vamos conseguir isso. Mas Deus nos assegura de que não estamos sozinhos. Ele está conosco. Nossa suficiência vem de Deus, diz Paulo. Nossas confissões enfatizam muito bem a realidade do pecado na vida do ser humano. O diabo, está aí solto, como um leão que rugir pronto para atacar, devorar. Especialmente ele vai atacar aqueles que são os mensageiros de Deus, usando o próprio povo de Deus. A Bíblia diz isso, e se ela diz, é verdadeiro. Acredito que poderia ser enfatizado essa questão também - pecado. Não é chover no molhado falar isso, mas destacar aquilo que a Bíblia traz em todos os textos - um ser humano frágil que necessita dos cuidados e amor de Deus todos os dias, por mais que ele que pregue, conheça e aconselhe outros. (anexo 5, questão 48, nº 75)

Mas, afinal, de que pecado, maldade ou culpa estamos falando aqui? Queremos focar aqui dois tipos específicos de culpas sentidas pelos pastores: a) a culpa pelo desempenho pastoral e pela consciência de suas limitações; b) a culpa pelo dilema em não saber qual a prioridade que devem dar em suas vidas: se à família ou à comunidade a que atendem.

Perguntamos aos pastores em nossa pesquisa, de forma muito direta, se “a culpa é um sentimento frequente com relação à vida e desempenho pastorais” (questão 24). Para exatos 50% dos respondentes isso é verdadeiro, mesmo que apenas 16% concordaram totalmente com isso, enquanto 34% concordaram em parte. Em nosso entender, aqui houve um percentual surpreendentemente baixo para a culpa, especialmente nos 16% que concordaram totalmente, levando-se em conta outros resultados no conjunto temático da pesquisa, que buscou auferir elementos de uma neurose de excelência, dos quais a culpa pelo desempenho seria um fator importante. Mesmo assim, não podemos desprezar o índice de 50% dos pastores que sentem algum tipo de culpa por seu desempenho pastoral. Algumas das falas pastorais na questão aberta 47 explicitam o que estamos dizendo aqui:

Eu tenho um "problema psicológico" de dualidade que preciso resolver: quando estou no escritório sofro de culpa lembrando das coisas que preciso fazer em casa e da atenção que não estou dando a família naquele momento e que ela "me cobra" por isso. E quando estou em casa, fico me culpando que estou deixando de fazer tantas coisas no ministério e que os membros e diretoria vão me "cobrar" por isso. Assim não estou dando conta de fazer tudo ao mesmo tempo, e no fim, acabo não fazendo nada direito. (anexo 4, questão 47, nº 50)

Infelizmente muitas vezes a gente é visto apenas como um empregado da igreja. Os membros só precisam ser servidos. Tudo que não acontece corretamente é culpa do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 63)

Agrego ainda a esse resultado os dados coletados empiricamente nos cursos *cuidando de cuidadores*, onde muitos pastores relataram sentimentos recorrentes de impotência, menosvalia e baixa autoestima. Os pastores referem, normalmente, a um sentimento de culpa

por não possuírem todos os dons esperados pela comunidade, especialmente quando passavam a ser comparados com pastores que os antecederam. Esse tipo de culpa está diretamente ligado a questões de idealização neurótica, um dos eixos centrais de nossa tese.

Em outra pergunta dentro dessa mesma categoria temática, ao serem perguntados se “já se sentiram culpados por não conseguirem ser pastores melhores do que são” (questão 19), o índice de concordância aumentou significativamente em relação à questão anterior recém citada (questão 24). Os resultados indicaram um índice de concordância de 89%, sendo que 58% dos pastores concordaram totalmente e 31% em parte. Esse é um índice alarmante que denota presença de culpa entre os pastores pela impossibilidade de serem “melhores do que são”.

Em algumas das respostas, descritas na questão aberta número 47, que trata sobre a distância entre a teologia da graça e a cobrança sobre quem exerce o pastorado, pastores fizeram diversos comentários sobre essa questão:

É perceptível em muitos "chamados" em que são apresentadas uma série de exigências ao candidato. Muitas congregações desejam um "super-homem" com todos os dons possíveis e esquecem-se das limitações humanas da figura do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 90).

Sim. Há uma exigência muito forte por parte das congregações de uma perfeição absoluta do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 8)

[...] Sendo pastor, muitas vezes me pego aplicando cobranças sobre humanas a mim mesmo. Por que não fiz mais visitas? Por que não consegui fazer um estudo melhor? Por que não consegui escrever todo o sermão? Este é um assunto delicado por haver uma linha tênue entre a cobrança desmesurada e o desleixo assumido. Na primeira opção acabamos numa correria sem fim. Na segunda opção, abandonamos as preocupações pertinentes ao ministério. Seguindo neste pensamento, existe uma forte pressão por parte das comunidades cristãs com a intenção de que o pastor atenda às expectativas. (anexo 4, questão 47, nº 110)

Sim, a Igreja (comunidade) muitas vezes cobra e espera além das possibilidades e características do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 52)

É preciso se afirmar, entretanto, que muitos pastores expressam plena consciência de que a cobrança faz parte do exercício de qualquer profissão, especialmente as públicas, não as percebendo como exageradas, tal como diz um pastor: “Há cobranças, sim, contudo não as vejo como exageradas. Hoje em dia qualquer pessoa pública é cobrada” (anexo 4, questão 47, nº 9). Um outro pastor complementa: “Pessoalmente, nunca senti ‘cobranças exageradas’ sobre meu pastorado. Mas sempre recebi as críticas como uma oportunidade de avaliação e reflexão para fazer melhor ou diferente” (anexo 4, questão 47, nº 27). Alguns pastores vão além e inclusive afirmam que “a ‘cobrança’ vem de um perfeito embasamento bíblico” (anexo

4, questão 47, nº 47). Novamente o pensamento dialético e contraditório precisa encontrar espaço em nossa análise, marcas da subjetividade e ambivalência do presente tema.

Nessa mesma linha de análise, uma questão feita em nossa pesquisa buscava auferir se os pastores “sentiam dificuldades em lidar com as limitações, carências e falhas como pessoa e como pastor” (questão 20). Pois 68% dos respondentes concordaram com essa assertiva, 24% totalmente e 44% concordando em parte. Como disseram alguns dos pastores nas questões abertas 47 e 48:

[...] é difícil ser um ideal para os outros e ser cobrado por isso, mas é mais difícil ser um ideal para si mesmo, e não assumir suas fraquezas, dores e pecados...! - Nem sempre a cobrança desse ideal vem dos membros da Igreja...em muitos casos falta a maturidade e a coragem de lidar com as suas limitações...uma autoestima frágil leva muitos a ignorarem essas limitações e a serem legalistas com eles mesmos e com os outros...! (anexo 4, questão 47, nº 124)

Talvez o maior problema esteja mais entre nós pastores, quando um busca ser o pastor mais ideal que o outro, não reconhecendo suas limitações e fragilidades também. (anexo , questão 48, nº 99)

Quando você erra, tem coragem de compartilhar com seus colegas pastores. Temos o medo do julgamento e de que esta confissão não fique em segredo, mas que o colega fale isso para outras pessoas (anexo 5, questão 48, nº 100)

Passando para o segundo tipo de culpa, que de certa forma está vinculada ao que acabamos de analisar acima, muitos poderão afirmar que o dilema/culpa advindos do conflito entre priorizar trabalho ou família é aplicável a quase todas as classes profissionais na atualidade. Porém, no ministério pastoral esse é um problema que parece assumir um caráter ainda mais relevante, sendo causador de grande angústia.

O dilema família *versus* igreja/pastorado tem seu início no momento em que um candidato ao ministério pastoral precisa se afastar de seu núcleo familiar para ingressar nos estudos seminarísticos. Já após sua formação e ordenação ministerial, o pastor estará sujeito a ser chamado por uma comunidade em qualquer parte do país, ou mesmo fora dele. Raras vezes um ministro é chamado para pastorear comunidades nas quais há familiares e parentes seus, por motivos que podemos colocar no campo geral da ética e do bom senso, talvez até influenciados pelo dito de Jesus de que “o profeta não é respeitado na sua própria terra” (João 4.44).

Após o casamento e formação da sua própria família o dilema do afastamento com as famílias de origem pode acabar afetando não só o pastor, mas também a família da esposa. A cada novo “chamado” emitido por alguma comunidade, caso esse seja aceito pelo pastor, a família pastoral precisará se mudar. Essas mudanças, conforme relatado no artigo de Koenig,

são uma possível fonte geradora de reações e sentimentos negativos, especialmente nas esposas de pastor, que também foram pesquisadas num conjunto de pesquisas com diversas denominações religiosas. Essas mudanças traziam a elas menos sentimento de bem-estar, mais trabalho em casa, problemas com crianças na escola, amizades, falta de amigas e interrupção de seu trabalho profissional que, por consequência, interferiam nas questões de ordem financeira do casal pastoral.²⁷⁰

Vejamos a fala de um pastor relatada em nossa pesquisa, que se alinha com o que estamos dizendo acima, acerca do dilema pastor x família:

Um exemplo do que minha esposa sente atualmente: normalmente as mães que levam seus filhos a igreja tem a ajuda do pai, avós, padrinhos ou amigos que auxiliam a cuidar. No caso da família pastoral "itinerante", normalmente a esposa está sozinha, longe dos familiares e também não tem o pai para ajudar, pois durante o culto ele é o pastor ou em outras atividades precisa dar atenção aos outros e a família fica de lado. No nosso caso, esta fase de ter mais do que um filho pequeno sem ninguém para ajudar está prejudicando a frequência e a motivação de ir aos cultos e outras atividades... e por consequência a falação de que a esposa do pastor não leva os filhos a igreja. Eventualmente até alguém se preocupa, mas logo passa o filho para o outro cuidar... ou seja, não está comprometido da mesma forma do que fosse o pai ou familiar. Por isso minha esposa "brinca sério" que os filhos de pastor não têm pai. (anexo 5, questão 48, nº 13)

A necessidade de mudanças subsequentes, portanto, podem levar a que ambos, pastor e esposa, fiquem afastados e até isolados do convívio com suas famílias de origem. Esse aspecto foi reiteradamente expresso nos cursos *cuidando de cuidadores* como sendo fonte geradora de muito sofrimento e culpa, especialmente diante de situações onde os pais dos pastores envelhecem, adoecem e morrem longe do convívio e cuidado dos seus filhos pastores, que estão pastoreando muitas vezes em locais longínquos de sua família de origem.

Como foi possível verificar não é apenas no sentido da distância com a família de origem que a culpa pastoral se manifesta. A culpa surge também diante de uma inadequada “mordomia do tempo”, na qual o pastor não encontra muito espaço para cuidar da sua família nuclear. O teólogo e missionário de origem batista Jaime Kemp trata longamente desse assunto em sua obra *Pastores em Perigo*. Diz Kemp:

Creio, seguramente, que posso afirmar que 50% dos pastores têm sérias dificuldades em seus relacionamentos familiares. Existem inúmeras razões desta porcentagem ser tão significativa. A meu ver, uma das primeiras é a “santa” obsessão egoísta pela realização. Pastores têm “casos” com seus ministérios e a família sofre a consequência dessa “traição”. [...] Ironicamente, muitos pastores afirmam ser leais

²⁷⁰ KOENIG, 2002, p. 400.

às promessas de seu casamento, enquanto buscam realizar ambições que minam e destroem seus lares. E tudo é feito em nome do ministério.²⁷¹

Outro autor que aborda essa questão, enfocando especialmente a dificuldade da mordomia do tempo do pastor, no dilema entre família e trabalho, é o pastor e escritor Ben Patterson. Diz ele:

Equilibrar o tempo dedicado à igreja, à família e a si mesmo é uma grande fonte de tensão para os pastores. Nossa cultura organiza-se em torno do fim de semana, mas sábados e domingos são dias de trabalho para o ministro. Além disso, o trabalho nos dias de semana não termina às seis horas. Assim, o limite entre o tempo para o ministério e o tempo para a família é desrespeitado constantemente.²⁷²

Ao analisar os resultados da pesquisa realizada em nossa tese, diante da pergunta “Meu ministério tem prejudicado uma dedicação e cuidados mais adequados à minha família” (questão 16), 56% dos pastores respondentes concordam com essa assertiva, sendo que 43% concordam em parte e 13% concordam totalmente. Esse dilema foi também referido por diversos pastores nas questões abertas, tal como transcrito abaixo:

No meu caso não é a teologia bíblica do ministério que pesa, mas especialmente as questões cotidianas que envolvem a família pastoral, especialmente no que diz respeito ao equilíbrio e a mordomia do tempo, onde o ministério despende muito tempo, cuidado e atenção... mas sei que a família precisa tanto quanto. [...] sofro de culpa lembrando das coisas que preciso fazer em casa e da atenção que não estou dando a família naquele momento e que ela "me cobra" por isso. (anexo 4, questão 47, nº 50)

Eu gostaria de destacar o sofrimento da minha família. Me sinto realizado no ministério, faço o que gosto, porque gosto. Mas a minha família se queixa frequentemente da minha ausência e impossibilidade de se planejar, já que o pastor, além de trabalhar em carga horária pesada, ainda trabalha "na base do plantão" (tem que atender a quem quer que seja no horário que a pessoa chega na igreja, sob pena de ser considerado antipático), não tem finais de semana, trabalha durante a noite ao longo da semana, costuma estar envolvido em todos os eventos da congregação desde que o primeiro chega até que o último sai, não tem a opção de não participar de algum evento etc... (anexo 5, questão 48, nº 28)

José Cássio Martins, psicólogo que tem trabalhado no apoio e suporte a pastores em sofrimento, faz uma afirmação que vem ao encontro da situação relatada pelos pastores supracitados, confirmando o quanto ela pode interferir na própria saúde dos pastores.

²⁷¹ KEMP, 2000, p. 14-5.

²⁷² PATTERSON, Ben. O equilíbrio do tempo dedicado à família, à igreja e a si mesmo. In: PRICE, Donald E. (Org). *Autenticidade ou Hipocrisia? A integridade e os desafios do ministério*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 115-124. p. 116.

A família do pastor é a primeira que sofre com ele. A igreja tem o pastor, mas a sua família nem sempre o tem. Ele tende a ser mais disponível para a igreja do que para a sua própria família. Isto é uma característica da nossa herança teológica e espiritual. [...] É muito bom e necessário sentir-se vocacionado, mas a excessiva sacralização da vocação pode fazer com que o pastor perca o senso de si mesmo, tornando-se uma “propriedade de sua vocação”. Por isso, ocorre em muitos casos a perda da individualidade e da identidade, para não dizer sanidade.²⁷³

Visto a notória importância dos vínculos familiares como um dos esteios para a saúde integral, a culpa por colocá-la num segundo plano em termos de zelo e cuidado, atrás do ministério, precisa ser vista como um aspecto importante na constituição do sofrimento pastoral. Porém, não podemos deixar de destacar que, quando perguntados se “a culpa é um sentimento frequente com relação à vivência da vida familiar” (questão 25), tivemos um empate percentual entre concordância e discordância: 45% dos pastores concordam (apenas 13% concordam totalmente e 32% em parte) e 45% dos pastores discordam (22% discordam totalmente e 23% em parte), sendo que 10% não concordam nem discordam dessa assertiva. Este foi um dos índices mais baixos dentre as diferentes variáveis levantadas como hipóteses de fonte de sofrimento pastoral. Se esse resultado é fruto de um mecanismo de defesa do ego, como a negação, não temos como afirmar. Porém, mesmo que essa hipótese não tenha sido confirmada pela maioria dos respondentes, ainda assim o índice de 45% não pode ser menosprezado como um elemento gerador de sofrimento pastoral numa parcela significativa dos pastores.

Associado à essa questão familiar, uma outra fonte de sofrimento é o fato da família pastoral ser avaliada e julgada constantemente pela comunidade, ou seja, ela também é fonte e fruto de idealização, como veremos a seguir.

3.4.2 A família pastoral como vitrine: o ideal social da família perfeita

O fato da família pastoral se tornar uma vitrine pública também é uma questão profundamente interligada com o tema central de nossa tese: a idealização pastoral. Veremos que essa idealização não apenas atinge o pastor, mas também atingirá sua esposa e à toda sua família, que sofre conjuntamente com ele.

Uma reportagem recente da Revista *Cristianismo Hoje*, de agosto de 2013, intitulada *Esposa de pastor: peso ou privilégio?* tematizou de forma muito clara e direta o que estamos afirmando aqui.

²⁷³ MARTINS, *apud* OLIVEIRA, 2005, p. 93-4.

Ser esposa de pastor na contemporaneidade tornou-se um desafio diferente de alguns anos atrás. Certa vez, um casal de amigos, cujo marido era pastor, me contou como ocorreu a negociação para "ele assumir" o pastorado em uma nova igreja. A pergunta-chave foi: "O que a sua esposa sabe fazer?" O pastor-candidato retrucou: "Como assim?" Então, o interlocutor foi mais explícito no questionamento: "Ela sabe tocar piano? Ensinar no departamento infantil? Já foi líder do departamento de senhoras? Gosta de hospedar pessoas? Enfim, ela é um braço direito no seu ministério?" [...] Diante dessa realidade, algumas esposas de pastores têm-se sentido sufocadas com tantas cobranças feitas a elas no meio eclesiástico. A sensação é de estar exposta em uma vitrine 24 horas por dia, como se não fossem mulheres normais, com tensão pré-menstrual, conflitos, medos, perdas etc. Por outro lado, nenhuma igreja gosta de ter uma "pastora" que não participa em nada da igreja: a esposa do pastor deve ser alguém que sempre está pronta a servir a comunidade e dar bons exemplos. E aí começa o grande dilema – equilibrar as tarefas de modo a se fazer presente na vida da comunidade, sem se sentir sobrecarregada. O fato é que nossas igrejas têm colocado expectativas irreais em relação as esposas dos pastores, cobrando-as sem valorizá-las.²⁷⁴

A diretividade e clareza da citação acima dispensa maiores comentários de nossa parte, além de reforçar que essa é uma questão que também precisa ser considerada pelas instituições eclesiásticas. Como se já não bastasse a idealização dos pastores as esposas de pastores também estão sendo submetidas a ela, o que só agrava a situação do sofrer da família pastoral. Velásquez, alerta, porém, que não só a esposa do pastor é alvo de vigilância dobrada por parte da comunidade de fé, mas também os filhos do pastor. “Eles devem ser modelos para todos, sem direito a serem crianças ou adolescentes normais como os demais de sua idade. Os problemas que afetam a vida conjugal do pastor ou que envolvem seus filhos não podem ser do conhecimento da comunidade”, conclui Velásquez.²⁷⁵ Podemos dizer que a família pastoral vive constantemente pressionada a reprimir os seus afetos, ou pelo menos reprimir tudo aquilo que possa ser visto pela comunidade como negativo.

Já Jaime Kemp afirma que, além da comunidade esperar da família pastoral o exemplo público de correção moral e comportamental, o próprio pastor pode estar exigindo isso de sua própria família, o que pode agravar ainda mais o problema. Isto está ligado aos seus próprios ideais de perfeição, que o pastor passa a exigir de si e de sua família. Diz Kemp:

Porque o pai/pastor tende a construir expectativas irreais em relação a seu (sua) filho(a)? É porque nossa igreja age assim conosco, esperando mais do que podemos fazer; somos avaliados por nosso desempenho, temos que ser exemplos de espiritualidade; querendo ou não, refletimos nossa ansiedade em nossos filhos, que

²⁷⁴ QUARESMA, Roselia Nobre. Esposa de pastor: peso ou privilégio? *Revista Cristianismo Hoje*. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigos/familia/como-equilibrar-as-tarefas-e-estar-presente-na-vida-da-comunidade-sem-se-sentir-sobrecarregada>> Acesso em: 30 jul. 2015.

²⁷⁵ VELÁSQUES FILHO. Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no Protestantismo Brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio G; VELÁSQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 205-232. p. 228.

fazem parte de nossa vida e ministério. Quando eles não alcançam o padrão que estipulamos, começamos a provocar problemas em nossos relacionamentos filiais.²⁷⁶

É provável que ambos os tipos de idealização ocorram nas famílias pastorais, tanto externas - vindo por parte da comunidade, quanto internas – vindo por parte do próprio pastor.

Em nossa pesquisa, buscamos também lançar luz a essa questão da idealização familiar. Perguntados se “a vida da família pastoral é uma vitrine sobre a qual recai o olhar vigilante da comunidade” (questão 14), 97% dos pastores respondentes concordaram com essa afirmativa, sendo que 65% totalmente e 32% em parte. Buscando aprofundar essa temática, foi questionado se “a família já sofreu com o fato de ser considerada pela comunidade como a *família do pastor*, encarada como modelo para os fieis” (questão 15). Os índices de concordância baixam com relação a questão anterior, mas ainda alcançam o elevado índice geral de concordância de 70%, com 35% de concordância total e 35% em parte.

No discurso de um dos pastores respondentes da pesquisa, na questão aberta de número 47, o sofrimento decorrente da exigência em ser “modelo de família pastoral” para a comunidade fica evidente, num desabafo bastante elucidativo para o que pretendemos demonstrar nessa seção do trabalho:

Infelizmente, alguns veem o pastor como um funcionário porque deve cumprir com suas obrigações, inclusive, como se fosse exigência empregatícia não errar. Afinal, ele recebe salário para isso! Ele foi preparado para isso! Ele foi vocacionado para isso! Quem sofre mais com tudo isso é a família. Sou filho de pastor e pastor. Eu sofria e sofro, meu pai sofre, minha mãe sofre, minha esposa sofre, meus irmãos sofrem. Meus irmãos se sentem totalmente desestimulados em permanecer na instituição luterana, ainda que, sua fé é tão luterana quanto a de muitos membros ativos de diretoria paroquial. Minha mãe, um de meus irmãos e minha esposa já tiveram que buscar ajuda psicológica para lidar com traumas ocorridos na relação congregação-família pastoral. A maior razão que por vezes sentimos vontade de desistir do ministério reside no fato da congregação não querer ajudar em carregar o fardo juntamente conosco e, ainda aproveitar-se das fraquezas, muitas vezes emocionais, para dar razão a coisas negativas que acontecem na congregação, enquanto poucos buscam compreender as dificuldades. Tal vez erramos em não ter a coragem para expressar mais sentimentos, mas parece ser um muro psicológico construído na infância pelo fato de ser o perfeito filho da perfeita família pastoral. Um "exemplo"! Acrescento ainda que isso não pode ser dito de todos os membros. Alguns tomam atitudes de amor que nos elevam a alma e como gotas de graça também nos ajudam a servir ao Senhor Deus num ministério necessário para a salvação de muitos e, da qual, cremos que Deus nos tem dado dons para servi-lo como embaixadores nas congregações e sociedade. (anexo 4, questão 47, nº 65)

²⁷⁶ KEMP, 2000, p. 69.

Curiosamente, quando buscamos analisar os resultados a partir da variável *relação com família pastoral*, imaginando que pastores que possuíssem algum tipo de vínculo com famílias de origem pastoral levaria ao aumento dos índices de concordância, isso não se confirmou. Na questão 14, da família ser vista como vitrine, 92.68% dos pastores com esse critério concordam total ou parcialmente com essa ideia, enquanto que pastores que não possuem vínculos com famílias pastorais alcançam o índice superior de 98.58% de concordância total ou parcial. Já na questão 15, que busca saber se a família pastoral já sofreu por ser considerada “modelo para os fieis” a ordem inverte, ou seja, de fato pastores com vínculos pastorais na família alcançam 71.96% de concordância no sofrimento, ao passo que “apenas” 67.37% dos que não possuem esse vínculo concordam que já sofreram por esse motivo.

Verificamos, portanto, que o assunto de nossa tese, de uma idealização pastoral não fica circunscrita ao pastor, mas também a toda a sua família, o que precisa ser levado em conta numa proposta terapêutica e de auxílio diante desse sofrer.

3.4.3 A solidão pastoral

O pastorado, cujo exercício profissional pressupõe o contato e relacionamento diário com pessoas, paradoxalmente pode se tornar uma profissão solitária. A solidão aqui é entendida na perspectiva da falta de amigos ou colegas aos quais o pastor pode derramar o peso da sua alma. Normalmente pastores têm precisado dar conta sozinho de seus próprios conflitos, tentações, dificuldades, problemas e crises, visto que desabafar com membros da igreja não é eticamente recomendável, além de se tornar uma atitude de risco, parafraseando um dito jurídico, de que “tudo o que você disser poderá e será usado contra você”.

O problema se agrava à medida que os pastores também estão perdendo a confiança para desabafar com seus próprios colegas, no que poderíamos chamar de uma crescente “crise de confiança”. Vejamos diferentes falas pastorais em nossa pesquisa de campo que demonstram esse sentimento entre os pastores:

Os pastores não são "educados" a compartilhar suas dificuldades com outros pastores. Creio que por medo, por desconfiança e por uma "rivalidade", uma "disputa" tola. Normalmente desabafam com a família, gerando altos graus de insatisfação [...]. (anexo 5, questão 48, nº 11)

Quando você erra, tem coragem de compartilhar com seus colegas pastores. Temos o medo do julgamento e de que esta confissão não fique em segredo, mas que o colega fale isso para outras pessoas. (anexo 5, questão 48, nº 100)

[...] Hoje em dia a maior dificuldade é encontrar alguém em quem você de fato pode confiar e falar tudo, mesmo um colega pastor. Vejo que até mesmo membros encontram estas dificuldades com seus pastores. (anexo 5, questão 48, nº 88)

Roseli Oliveira também trata dessa questão, referindo-se à solidão existencial dos pastores. Relata que muitos pastores se queixam de seus colegas, admitindo que não raro as confidências colocadas em sigilo aos colegas acabam vazando dos gabinetes pastorais.²⁷⁷ Apesar disso, quando perguntados em nossa pesquisa empírica “se o pastor recebe apoio e compreensão de colegas pastores diante de suas limitações e falhas pastorais” alcança-se um índice de 50% de concordância, contra 44% de discordância. Dentre aqueles 50% que concordam, 46% concordam em parte, sendo que apenas 4% concordam totalmente. A análise desse resultado de 4% dos que confiam totalmente nos colegas denota que poucos têm confiança plena na compreensão e apoio dos colegas de ministério, demonstrando que esse é um aspecto que deveria ser melhor refletido no meio pastoral. Está em xeque aqui um dos princípios básicos da ação pastoral, que é trabalhar com a confidencialidade e com o sigilo, virtudes que precisariam ser reforçadas na prática cotidiana de quem exerce o ministério. Vejamos diversas falas pastorais a esse respeito da solidão, mesmo que uma já tenha sido citada anteriormente:

Talvez o aspecto da necessidade (pouco existente) de auxílio disponível para pastores receberem auxílio de aconselhamento. Isto, antes de mais nada, envolve a disponibilidade de pessoas "empáticas" (e de confiança ?) na vida do pastor [...] (anexo 5, questão 48, nº 36)

Nós pastores carecemos do mesmo perdão que pregamos, o mesmo perdão que me leva amar meus membros; para isso carecemos do contato de gente com gente, de pastor com pastor (anexo 5, questão 48, nº 39)

Você se sente à vontade para falar de seus problemas com um colega pastor ou um líder da comunidade? (anexo 5, questão 48, nº 48)

Acredito que os próprios pastores deveriam se ajudar mais. Parece, algumas vezes, que a desgraça de um colega é a alegria do outro. (anexo 5, questão 48, nº 97)

Essa solidão pastoral traz, de modo geral, duas outras consequências negativas ao pastor, que acabam também se somando às causas de sofrimento. A primeira leva o pastor a reprimir tudo aquilo que possa ser visto como negativo pelos outros, no sentido de que ele não encontra espaços para compartilhar o peso da sua alma atribulada. Foi justamente o que a questão 28 de nossa pesquisa buscou auferir quando perguntou se “não há espaços, pessoas ou lugares para o pastor compartilhar o peso de sua alma quando ela está atribulada”. 87% dos

²⁷⁷ OLIVEIRA, Roseli, 2005, p. 91.

pastores respondentes concordaram com essa assertiva, 57% totalmente e 30% em parte. Apenas 4% dos respondentes discordaram totalmente disso, possivelmente por serem privilegiados e possuírem algum cuidador para si mesmos.

Com um percentual um pouco mais baixo, mas ainda assim bastante preocupante, 76% dos pastores da pesquisa concordaram com o fato de que “precisam assumir o controle sobre suas fraquezas e emoções negativas, evitando demonstrá-las publicamente” (questão 21), talvez até por falta de alternativa, como vimos há pouco logo acima. Destes, 30% concordam totalmente e 46% em parte com esse ato de repressão de sua “sombra”, como nomearia Jung. Penso que não há como dissociar esse resultado da influência da idealização neurótica sobre os pastores ou da necessidade de manterem irretocáveis a sua *persona* pastoral, independente do preço a ser pago por tal atitude em sua própria saúde.

Associada às duas questões acima, sabemos que ninguém vive ou passa incólume ao reprimir constantemente suas emoções negativas. O adoecimento físico, emocional e espiritual pode ser uma decorrência natural dessa repressão, como bem vai confirmar a medicina psicossomática. Além disso, em algum momento as emoções reprimidas acabam sendo desaguadas, mesmo que em contextos ou ambientes inadequados. A família, invariavelmente, acaba sendo esse local. Ao serem confrontados com a afirmativa “minhas emoções negativas são descarregadas frequentemente dentro de meu próprio lar e com minha família”, 13% dos pastores respondentes de nossa pesquisa concordaram totalmente com isso. Somados aos 41% que concordaram em parte, chegamos a um índice de concordância que alcança 54% dos pastores. Para uma profissão que procura apregoar e ensinar o amor, a compaixão, a misericórdia, a paciência entre outras virtudes cristãs, esse não deixa de ser um índice preocupante. Sabemos, porém, que a família normalmente se torna o espaço onde as máscaras e *personas* caem. Talvez porque, tacitamente, sabe-se que, quem mais nos ama, mais teria condições de suportar quem verdadeiramente somos, além de que nos veem em todas as situações. Porém, esse sempre é um caminho perigoso, porque nunca iremos conhecer totalmente os limites de tolerância de quem vive e convive conosco.

Posto esses itens mais pontuais, que poderiam ser ainda acrescidos de diversos outros, passamos agora a analisar as patologias mais conhecidas ligadas a cuidadores, dentre os quais o pastorado se insere.

3.5 O Estresse pastoral

É comum escutarmos a afirmação de que estamos vivendo tempos neuróticos, normalmente relacionado ao ritmo tenso e frenético de compromissos e de trabalho a que as pessoas estão se submetendo. Conforme diz a psicóloga Maria Angélica Sadir, encontraremos uma sociedade de estressados praticamente em todos os segmentos sociais e profissionais.

Na sociedade pós-moderna, o stress tem se tornado um problema de saúde muito comum, atingindo o marco de 40% na população de São Paulo (Lipp, 2004). Autores como Moraes, Pereira, Lopes, Rocha e Ferreira (2001) acreditam que as mudanças no estilo de vida das pessoas estão deixando-as debilitadas e, com isso, vulneráveis ao stress, que tem assumido o status de doença. No Brasil as pessoas estão cada vez mais estressadas, pois a grande maioria não possui conhecimento de como lidar com suas fontes de tensão (Lipp, 2007).²⁷⁸

Uma definição inicial de estresse se faz necessária. Os estudos sobre estresse iniciaram com o médico endocrinologista Hans Selye, em 1936, sendo que a primeira definição do termo foi proposta por esse mesmo autor:

Segundo definição de Selye (1936), o stress é uma reação do organismo que ocorre frente a situações que exijam dele adaptações além do seu limite. Atualmente, os estudos sobre stress abrangem não apenas as consequências no corpo e na mente humana, mas também suas implicações para a qualidade de vida da sociedade. O stress pode afetar a saúde, a qualidade de vida e a sensação de bem-estar como um todo (Lipp, 2001).²⁷⁹

Conforme descreve Benevides-Pereira, seguindo a proposição inicial de Selye, há dois tipos de estresse: o estresse positivo e o estresse negativo. Quando a intensidade do estressor é positiva ou breve e as respostas de estresse são suaves e controláveis, isso poderia ser estimulante e excitante ao indivíduo. Esse estresse pode possibilitar crescimento, prazer, desenvolvimento emocional e intelectual. Selye chama isso de *eustresse*, ou o “bom estresse”. Porém, quando o estressor tem um caráter negativo, sendo mais prolongado ou de maior gravidade, ultrapassando um determinado limite, gerando perdas ou transtorno maiores, isso é chamado de *distresse*,²⁸⁰ ou seja, um “mau estresse” ou estresse disfuncional.

As pesquisadoras na área do estresse, Maria Sadir e Marilda Lipp sinalizam para os problemas do estresse negativo ou disfuncional, afirmando:

²⁷⁸ SADIR, Maria Angelica et al. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. *Paideia*. vol. 20, n. 45, p. 73-81, jan.-abr. 2010. p. 73 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a10v20n45.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2015.

²⁷⁹ SADIR, 2010, p. 73.

²⁸⁰ BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (Org). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 30.

O stress na sociedade preocupa devido às suas consequências para a saúde, a qualidade de vida em nível pessoal e também devido às implicações que tem para as empresas e para a sociedade. O excesso de stress pode causar um desgaste físico e/ou mental gerando envelhecimento precoce, uma série de doenças e até a morte (Lipp, 1998). [...] A sobrecarga de trabalho e na família, o relacionamento com a chefia, a autocobrança, a falta de união e cooperação na equipe, o salário insuficiente, a falta de expectativa de melhoria profissional e também o meio social podem ser causadores de stress (Lipp, 2005; Néri, 2004).²⁸¹

Mesmo sabedores de que o fenômeno do estresse transcende o mundo do trabalho, atingindo o ser humano nas diferentes dimensões de sua vida, queremos focá-lo aqui privilegiando a perspectiva laboral, ou seja, nos preocupando com os sintomas decorrentes da ação profissional dos pastores.

No contexto do mundo do trabalho, as intensas pressões por resultados, a exigência de maior produtividade, a cobrança pelo desempenho de atividades diversificadas, a competitividade, a busca por uma condição financeira mais elevada entre outros fatores de mesma ordem, estão levando muitos profissionais a deixarem de lado sua saúde e bem-estar. O *estresse laboral* vem, por isso, se tornando um problema endêmico na sociedade contemporânea, abrindo espaço para a instauração de diferentes distúrbios e enfermidades que também tem atingido a classe pastoral.

A respeito do *estresse laboral*, chamado também de *ocupacional*, afirma Sadir:

[...] stress ocupacional, definido como o estado emocional causado por uma discrepância entre o grau de exigência do trabalho e recursos disponíveis para gerenciá-lo (Grandjean, 1998). É produto da relação entre o indivíduo e seu ambiente, sendo que quando as exigências deste ultrapassam a habilidade do trabalhador para enfrentá-las podem acarretar um desgaste excessivo para o organismo, interferindo também na sua produtividade (Perkins, 1995).²⁸²

Já enfocando o estresse profissional entre pastores, voltamos a citar a tese de Lotufo-Neto, quando ele cita diversos estudos realizados por autores sobre o estresse pastoral a partir de meados do século XX. O primeiro é o estudo de Blain (1958), que elenca alguns fatores causadores de estresse pastoral:

- O pastor recebe neste mundo menos benefícios materiais que outra pessoa com a mesma formação e responsabilidade.
- Restrição do prazer pessoal, e negar a si mesmo a expressão normal das emoções.

²⁸¹ SADIR, Maria Angelica; LIPP, Marilda E. Novaes. As fontes de stress no trabalho. *Revista de Psicologia da IMED*, vol. 1, n. 1, p. 114-126, 2009, p. 115 Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/viewFile/16/16>> Acesso em: 06 de jun. 2015.

²⁸² SADIR, 2010, p. 74.

- Falta de privacidade pessoal. Sua vida é um livro aberto ou acontece num pedestal ou aquário. Isto pode levá-lo a tentar esconder suas falhas, pois comportamento normal num membro da congregação é considerado pecaminoso na vida ou família do ministro.
- Relacionamento com seus superiores. Espera-se que seja um líder de sua comunidade e, ao mesmo tempo, há uma hierarquia que precisa ser respeitada. Os superiores são seres humanos, sujeitos à corrupção do poder, falhos em seu julgamento e não exibem muitas vezes as qualidades que um líder deve ter. Se há problemas com o lidar com a figura de autoridade, o relacionamento com o superior vai ser difícil. Experiências ruins nas mãos de um superior insensível e a incapacidade de a ele expressar seus sentimentos criarão um clima de desconfiança.
- Constantes apelos para ajudar, o que é muito desgastante. Doença, pobreza, problemas pessoais, desapontamentos, perdas, conflitos, as reações de transferência e contratransferência, são parte do dia-a-dia do ministro. Há sempre o perigo que empatia leve à identificação.
- Os membros da paróquia podem ter a expectativa de que o ministro seja autoridade em todos os assuntos. Quanto maior a competência mais ele será requisitado a assumir liderança e assediado, e será difícil para ele estabelecer um limite. Surge o cansaço, a falta de energia e a irritação.
- Pode perder seus objetivos e cair numa atividade incessante e sem sentido.
- Outro perigo é se intelectualizar. Ter fé é acreditar e acreditar é sentir e agir.
- Achar que por causa da sua profissão ele deverá ser poupado dos problemas da vida.²⁸³

Já McAllister, numa pesquisa de 1965, também citada por Lotufo-Neto, afirma que os ministros religiosos carregam dois fardos em suas vidas. O primeiro é o fardo de si mesmo, ligado ao perfeccionismo, que o impede de ter uma vida emocional real. O pastor passa a negar e reprimir as suas emoções, como sentimentos sexuais, raiva, necessidades básicas etc. Já o segundo fardo é o da própria vocação, visto que se envolve intimamente, vinte e quatro horas por dia, com sua ocupação. A profissão passa a se associar com sua própria identidade.²⁸⁴

Rowland Croucher, diretor da *John Mark Ministries*, uma organização que atende pastores, ex-pastores e líderes de igrejas, aborda o tema do estresse em muitos de seus escritos. Croucher era um pastor batista da Austrália, que em 1982 se viu diante da necessidade de abandonar o seu ministério por ter chegado ao esgotamento profissional como pastor, o *Burnout*. Esse autor também descreve algumas razões pelas quais o ministério pastoral é fonte de sofrimento e estresse. Diz Croucher:

Porque o ministério pastoral é tão estressante? As razões podem ser tão numerosas e únicas como os pastores. No entanto, pesquisas recentes são unânimes em citar as seguintes áreas de problemas: a disparidade entre expectativas (um tanto idealistas) e a dura realidade; falta de limites claramente definidos – tarefas que nunca são feitas; *workaholism*, vício por trabalho (síndrome da “cama-na-igreja”); o Princípio de Pedro – sentimento de incompetência ao liderar um exército de voluntários; conflito de ser líder e servo ao mesmo tempo (“contaminação da linha de suporte”);

²⁸³ BLAIN, 1958 apud. LOTUFO NETO, 1997, p. 225-6.

²⁸⁴ LOTUFO NETO, 1997, p. 228.

intangibilidade – como sei que estou chegando a algum lugar?; confusão entre a identidade da função e a autoimagem – muito da autoestima dos pastores vem do que eles fazem; problemas em administrar o tempo (porém pastores têm mais ‘tempo arbitrário’ do que qualquer outro grupo profissional); escassez de “benefícios”; multiplicidade de funções; inabilidade em produzir resoluções onde todos vencem; dificuldade em lidar com interrupções; a síndrome do “pequeno adulto” (Dittes) – ministros são sérios demais, têm dificuldade em ser espontâneos; preocupação em agir com cautela para evitar enfurecer congregados poderosos; “sobrecarga administrativa” - energia demais gasta em áreas de baixa recompensa; solidão – é menos provável que o pastor tenha um amigo próximo do que qualquer outra pessoa na comunidade.²⁸⁵

Algumas dessas causas citadas por Croucher já foram descritas nesse capítulo. Outras, porém, tocam diretamente no âmago de nossa tese, estando ligadas a questões de idealização da imagem e identidade pastorais, bem como fazem alusão ao uso de *personas*. A semelhança das descobertas de Croucher com as queixas comumente ouvidas nos cursos *cuidando de cuidadores* ministrados ao longo de meus últimos doze anos são enormes e significativas.

Croucher também elenca quatro categorias de fatores estressantes que acometem os líderes cristãos. A primeira categoria está ligada a *fatores bioecológicos*, como dieta ruim e sedentarismo. A segunda categoria refere-se a *fatores psicológicos*, relacionada principalmente às grandes mudanças na vida, desde perdas, morte, enfermidades, mudanças de comunidade etc. Porém, as duas últimas categorias citadas por Croucher é que nos interessam especialmente, por serem muito próprias da Teologia e do ministério pastoral. A primeira está ligada aos fatores vocacionais e a segunda a causas espirituais. Diz Croucher:

[...] Fatores vocacionais, que incluem incerteza na carreira; ambiguidade de função (falta de funções ministeriais claramente definidas e mutuamente de acordo); conflito de papéis (entre as expectativas da igreja e necessidades pessoais ou familiares); sobrecarga de papéis (muitas expectativas reais ou imaginadas); falta de oportunidades de deixar a função e ser você mesmo, para variar; solidão (95% dos pastores australianos não têm um mentor espiritual); frustrações na administração do tempo – e muito mais. [...]

[...] Causas espirituais de estresse podem incluir tentações de todos os tipos (sexuais, ansiedade para que sua igreja cresça, inveja do sucesso dos outros, ansiedade sobre problemas financeiros, ira – “quase um vício profissional no ministério contemporâneo” diz Henri Nouwen – e qualquer outra forma que Satanás pode nos atraparlar). Até orar pode ser estressante, de acordo com um estudo!²⁸⁶

Pereira, citando um trabalho do Padre Edênio Valle, afirma que padres e religiosos (as) ocupam o topo dos grupos dos que mais sofrem no contato direto com o público com

²⁸⁵ CROUCHER, Rowland. *Estresse e burnout no ministério*. s/data p. 1 Disponível em: <http://www.redemaosdadas.org/wp-content/uploads/2013/11/Estresse_Burnout_No_Ministerio-rev.pdf> Acesso em: 09 jan. 2015.

²⁸⁶ CROUCHER, s/data. p. 2-3.

quem trabalham, constatação que desconstruiria um possível mito “do manto sagrado de proteção” que alguns pensam haver sobre os religiosos. Oliveira, ao abordar a questão do cuidado aos cuidadores, vai ao encontro do que Valle sinaliza, afirmando que há uma “aura” em torno da pessoa do cuidador, que sempre tende a ser visto pela sociedade a partir de uma forma idealizada. “É como se o médico não ficasse doente, o religioso não tivesse dúvidas, o psicólogo não sofresse de angústia [...]. Isso se deve ao fato de serem retroalimentadas as visões idealizadas dos profissionais de ajuda e desse ao seu papel”.²⁸⁷ Já com relação à pesquisa feita por Valle, segue uma síntese dos resultados:

Usando métodos científicos, um grupo de psicólogos avaliou e comparou o nível de estresse de 1.600 profissionais que atua em contato direto com um público carente de ajuda e, em especial, nas chamadas profissões de ajuda. [...] Ao comparar os resultados de cada um dos grupos, constatou-se que os padres e as freiras eram os mais estressados de todos. Cerca de um quarto deles se sentiam sobrecarregados do ponto de vista físico e psíquico, enquanto era inferior o índice de estresse de grupos constituídos por policiais (23%), executivo em empresas (21%) e motoristas (15%).²⁸⁸

Pereira, ao descrever os dados de sua recente pesquisa sobre o sofrimento psíquico dos presbíteros, afirma que, ao serem perguntados sobre as principais decepções ou dificuldades em relação à vida presbiterial ou religiosa, surgiram diversos relatos sobre dificuldades de relacionamento, principalmente entre os colegas presbíteros, que não se entrosariam e seriam desunidos. Os presbíteros também relataram dificuldades afetivas como insegurança, autoritarismo, isolamento e decepção, além de se referirem ao desrespeito de leigos para com os padres.²⁸⁹

Todo esse conjunto de elementos elencados acima trazem, portanto, um cenário propício e favorável ao estabelecimento de estresse laboral à categoria dos cuidadores pastorais, sendo uma das fontes de sofrimento mais comuns no ministério pastoral.

3.6 A Síndrome de Burnout

O *Burnout* é uma síndrome relativamente recente, sendo uma resposta do organismo à exposição de um estresse crônico, ligada ao ambiente profissional e laboral. Diferente do estresse ocupacional, no *Burnout* sempre estará presente a perspectiva relacional. Essa Síndrome já foi chamada de *A Síndrome do Assistente Desassistido*, em função da reduzida

²⁸⁷ OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. *Pra não perder a alma: o cuidado aos cuidadores*. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 52.

²⁸⁸ VALLE, Edênio, 2010 apud PEREIRA, 2013, p. 36.

²⁸⁹ PEREIRA, 2013, p. 62.

consideração e suporte dados aos trabalhadores de serviços de assistência, bem como de *A Síndrome do Cuidador Descuidado*, fazendo alusão à desatenção do profissional de ajuda para consigo mesmo.²⁹⁰

Em sua origem etimológica o termo *Burnout* vem da junção de duas palavras inglesas: *burn*, que significa queimar e *out*, que significa nesse contexto, “completamente”, caracterizando-se como “um sofrimento psíquico acumulativo, fruto de desgaste orgânico, principalmente nas relações afetivas interpessoais no trabalho, provocado pela exaustão de comportamentos hétero ou autoagressivos”.²⁹¹ Numa forma mais popular, o “burnout” é quando o combustível do indivíduo termina, motivo pelo qual a chama e o fogo se apagam, num esgotamento da energia vital interior, por assim dizer.

Há quatro grandes concepções teóricas com relação à definição do *Burnout* que merecem ser aqui descritas. A primeira é a concepção *Clínica*, no qual o *Burnout* é caracterizado como “um conjunto de sintomas (fadiga física e mental, falta de entusiasmo pelo trabalho e pela vida, sentimento de impotência e inutilidade, baixa autoestima), podendo levar o profissional à depressão e até mesmo ao suicídio”. Essa é a posição defendida pelo psicólogo alemão e um dos maiores estudiosos do *Burnout*, Herbert Freudenberger (1974), que vê o *Burnout* como uma síndrome que ocorre em função da atividade laboral, mas com características individuais, sendo resultado do trabalho intenso que leva à exaustão, onde o indivíduo deixa de atender as suas próprias necessidades individuais.²⁹²

A segunda concepção é a *Sociopsicológica*, proposta pelas psicólogas Maslach e Jackson (1977), criadoras do inventário para se diagnosticar o *Burnout*. Nessa concepção se evidenciam variáveis socioambientais como coadjuvantes no processo de desenvolvimento do *Burnout*. Portanto, aspectos individuais se associam às condições e relações de trabalho formando “uma constelação que propiciaria o aparecimento dos fatores multidimensionais da síndrome, quais sejam: a *Exaustão Emocional*, a *Despersonalização* e a *Reduzida Satisfação Pessoal no Trabalho* ou simplesmente *Reduzida Realização Profissional*”.²⁹³ Essa tem sido a concepção mais aceita pelos diferentes estudiosos do fenômeno na atualidade.

A terceira concepção é a *Organizacional*, baseada na Teoria das Organizações, que vê o *Burnout* como a consequência de um desajuste entre as necessidades apresentadas pelo trabalhador e os interesses da instituição, havendo nessa relação um mecanismo de

²⁹⁰ BENEVIDES PEREIRA, 2010, p. 33.

²⁹¹ PEREIRA, 2013, p. 28.

²⁹² BENEVIDES PEREIRA, 2010, p. 34-5.

²⁹³ BENEVIDES PEREIRA, 2010, p. 35.

enfrentamento. Já a quarta concepção é chamada de *Sociohistórica*, que prioriza o papel da sociedade, cada vez mais individualista e competitiva.²⁹⁴

Há concordância, entre os diversos pesquisadores, de que os profissionais que trabalham diretamente com a assistência e cuidado a outras pessoas, sendo responsáveis pelo seu desenvolvimento e bem-estar, são o grupo mais suscetível ao desenvolvimento do *Burnout*. Também é consensual de que “o *Burnout* apresenta-se em pessoas normais, em geral entusiastas e idealistas, que no contato com o mundo profissional vão mudando seu modo de ser e apresentando transtornos que acabam por interferir em nível pessoal, social e institucional”.²⁹⁵

Conforme Pereira, a Síndrome de *Burnout* desenvolve-se lenta e silenciosamente por um longo período. Esse processo de desenvolvimento pode envolver 12 estágios, conforme proposto por Freudenberg e North: 1) necessidade de se afirmar; 2) dedicação intensificada; 3) descaso com as próprias necessidades; 4) recalque de conflitos; 5) reinterpretção de valores; 6) negação de problemas; 7) recolhimento; 8) mudanças evidentes de comportamento; 9) despersonalização; 10) vazio interior; 11) depressão; 12) síndrome do esgotamento profissional. Estes doze estágios podem ser sucessivos, alternarem-se ou também ocorrerem concomitantemente.²⁹⁶

Quando olhamos mais de perto as características de cada um desses doze estágios vemos que muitas delas parecem fazer parte da vida de muitos pastores. Tomando apenas como exemplo, observemos como Pereira descreve os quatro primeiros estágios, buscando verificar o quanto se aproximam do contexto vivenciado no exercício do ministério pastoral:

- 1) Necessidade de se afirmar: Ambição exagerada na profissão leva à compulsão por desempenho. Há uma imposição interna irresistível que leva o indivíduo a realizar determinado trabalho ou função. Pode ser consciente ou inconsciente, independentemente dos resultados.
- 2) Dedicção intensificada: Para fazer jus a expectativas desmedidas, a pessoa intensifica a dedicação e passa a fazer tudo sozinha.
- 3) Descaso com as próprias necessidades: A vida profissional ocupa quase todo tempo. A renúncia ao lazer é vista como ato de heroísmo.
- 4) Recalque de conflitos: Percebe algo errado, mas não enfrenta a situação temendo deflagrar uma crise. Surgem os primeiros problemas físicos.²⁹⁷

Buscando transpor essas características ao contexto pastoral, percebemos que a necessidade de buscarem ser a imagem fiel do “Bom Pastor”, o desenvolvimento do

²⁹⁴ BENEVIDES PEREIRA, 2010, p. 36-7.

²⁹⁵ BENEVIDES PEREIRA, 2010, p. 37.

²⁹⁶ PEREIRA, 2013, p. 28-30.

²⁹⁷ PEREIRA, 2013, p. 28-7.

“pastorcentrismo”, a renúncia a hábitos de lazer, especialmente públicos, a repressão dos sentimentos negativos e conflitos são elementos do cotidiano pastoral e que se encaixam perfeitamente nos quatro primeiros estágios propostos por Freudenberg e North. Passemos, então, a aprofundar o *Burnout* no contexto específico da profissão pastoral.

3.6.1 O *Burnout* pastoral

Ao abordar a Síndrome de *Burnout* no presbitério, Pereira cita alguns dos principais fatores que o levaram a se debruçar sobre esse tema: desistência de amigos do ministério presbiterial, esvaziamento da participação dos leigos na igreja, dificuldades no relacionamento entre presbíteros, com maledicências, falta de ética, brigas de poder, lutas por prestígio sacerdotal, dificuldades em lidar com a dimensão afetiva, injustiças sociais ligadas a questões econômicas nas comunidades, perda do carisma e da espiritualidade no mundo contemporâneo, sobrecarga de trabalho burocrático, insucessos pastorais etc.²⁹⁸ Porém, Pereira observa que esse quadro tem se agravado na contemporaneidade “pela baixa autoestima, pelo baixo status da profissão de padre, pela redução de sentido de pertença do presbitério, pelo grave contraste entre os valores pessoais e aqueles exigidos pela instituição da igreja”.²⁹⁹ Parece não haver diferenças significativas entre os problemas enfrentados pelo clero no contexto católico e evangélico, representado pelo protestantismo histórico, o que nos autoriza a utilizarmos a pesquisa desse autor como uma das fontes de nossa tese.

Já o teólogo luterano e psicólogo alemão, Andreas von Heyl, autor de uma recente obra sobre *Burnout* entre pastores no contexto da Alemanha, elenca alguns problemas típicos do pastorado, que podem aos poucos se tornarem um peso demasiado para eles, levando-os a desenvolverem o *Burnout*. Cita primeiramente o contexto dramático que vivem os pastores na Alemanha diante do crescente pluralismo religioso e da secularização, que também são fenômenos presentes na realidade brasileira, apesar de que a espiritualidade no Brasil parece ainda estar mais evidente do que a europeia.³⁰⁰

Dentre os problemas típicos do pastorado von Heyl cita a falta de coleguismo, a concorrência entre pastores, a multiplicidade de compromissos e obrigações que muitas vezes não pertencem ao trabalho do pastor e até tarefas de administração e de caixa. Também

²⁹⁸ PEREIRA, 2013, p. 68.

²⁹⁹ PEREIRA, 2013, p. 68.

³⁰⁰ VON HEYL, Andreas. *Das Anti-Burnout-Buch für Pfarrerinnen und Pfarrer*. Freiburg im Breisgau: Kreuz Verlag, 2011. p. 56-7.

refere-se à falta de reconhecimento do trabalho pastoral, o fato de haver mais exigências do que auxílio, a falta de amor e de elogios, a ausência de feedback construtivo entre outros.³⁰¹

Von Heyl demonstra toda uma preocupação sobre as trágicas consequências do *Burnout* quando essa síndrome atinge a categoria pastoral, “apagando o fogo” desses cuidadores. Acredita que pastores e diáconos têm um problema maior do que pessoas em outras profissões quando entram na síndrome do *Burnout*. Afirma que quando uma enfermeira, um policial ou alguém de outra profissão começa a sentir esta síndrome, ainda conseguem continuar trabalhando temporariamente, fazendo injeções, infusões, cuidando do trânsito, dando ordens etc. Por outro lado, quando um pastor perde o “fogo” ou o ardor no seu trabalho, ele perde o essencial. O pastor passa a pensar: como ou o que vou pregar?; O que vou dizer quando alguém falece, visto nem mais conseguir acreditar na ressurreição? Como dar coragem e consolo a um enfermo quando ele próprio se sente desencorajado e sem consolo? Como transmitir algo da alegria e da paz do reino de Deus, quando o próprio fundamento interior do pastor está vacilante? Quando lhe falta vontade, energia ou não tem mais sentimentos? Quando o veneno da resignação o cobre como um véu e nada mais pode crescer e florescer em sua vida?³⁰²

Essas reflexões de von Heyl tocam no âmago da essência do ministério e também de nossa tese. Quando o *Burnout* se instaura, o ser integral do pastor entra em crise, atingindo em cheio a sua própria espiritualidade, “ferramenta” indispensável para o exercício da função pastoral. A graça divina parece não mais ser “encontrada” em sua vida, o que pode inviabilizar a permanência no exercício de seu ministério. Voltaremos a esse aspecto em nosso último capítulo.

Retornando a algumas características do *Burnout* pastoral, Hart, citado por Croucher, diz que os sintomas do *Burnout pastoral* podem incluir desmoralização (crer que você já não é eficiente como pastor); despersonalização (tratando a si mesmo e ao outro de forma impessoal); desinteresse (se afastando das responsabilidades pastorais); distanciamento (evitando contatos sociais e interpessoais); e derrotismo (um sentimento de ter sido vencido). Diferentes fatores ou traços da personalidade além de algumas atitudes podem favorecer ou contribuir para que um pastor desenvolva essa síndrome. Entre eles podem ser citados a pressão para o sucesso, a ira interior contida e não trabalhada, a falta de positividade, o excesso de culpa, uma personalidade autoritária ou por demais sensível, inflexibilidade entre

³⁰¹ VON HEYL, 2011, p. 56-7.

³⁰² VON HEYL, 2011, p. 19-20.

outros traços. Porém, a questão central, para Hart, está justamente nos processos de idealização, conforme afirma:³⁰³

A essência do problema, no entanto, é a colisão entre as expectativas e a realidade. Os sacerdotes são muitas vezes colocados em um pedestal – pelos outros, e por eles mesmos. Muitas dessas expectativas simplesmente não podem ser alcançadas. Tentamos agradar, mas ou tornamo-nos muito focados na meta para as pessoas, ou muito acomodados com seu “relaxo” espiritual. “Ministros fortemente focados na meta vão quase que inevitavelmente experimentar mais frustração que aqueles focados no processo” (Hart).³⁰⁴

Uma outra obra importante sobre o *Burnout* pastoral é a de John Sanford, intitulada *Ministry Burnout*, publicada há mais de trinta anos atrás, em 1982. Isso demonstra que esse problema não é tão novo no meio eclesiástico. Sanford é psicólogo e ministro religioso da Igreja Anglicana nos Estados Unidos. Ele elencou nove aspectos que podem contribuir para o *Burnout* pastoral: vamos descrevê-las brevemente a partir do artigo de Nerbas, que procura fazer uma síntese da obra de Sanford.

- a) “*O ministério é uma atividade que nunca tem fim*”: a tarefa do ministério nunca está completa, o que pode levar o ministro a consumir muita energia, levando-o ao desgaste e exaustão acentuados. O pastor precisa dar-se conta que o ministério não é uma corrida de tiro curto, mas de sim de longa duração, o que exige dosar as suas energias encontrando tempo para o descanso.
- b) “*A dúvida do ministro: está o meu trabalho alcançando resultados?*”: o trabalho espiritual mesmo sendo real, muitas vezes não é tangível aos sentidos físicos. Por isso o pastor pode ser tomado por um sentimento de dúvida sobre a eficácia ou utilidade de seu trabalho.
- c) “*O ministério é repetitivo*”: a rotina pode levar à exaustão, que só podem ser combatidas com a imaginação e criatividade.
- d) “*O ministro está sempre em contato com as expectativas das pessoas a seu respeito*”: do pastor espera-se que ele seja fiel, bom professor, atencioso com os doentes, ativo no trabalho social, conselheiro eficiente, pregador atraente etc. Porém, ninguém é tão dotado a ponto de cumprir satisfatoriamente todas as funções e conseguir satisfazer a todas as pessoas da comunidade. Isso pode levar à frustração ou exaustão por não ter atingido tal objetivo. Algumas dessas expectativas sentidas partem dos próprios

³⁰³ CROUCHER, s/data, p. 3.

³⁰⁴ CROUCHER, s/data, p. 3.

pastores e não dos outros. Nessa busca de perfeição não gostamos de conviver com a realidade dos erros, omissões e fraquezas.

- e) “*O ministro precisa trabalhar com as mesmas pessoas ano após ano*”: o pastor pode ter que lidar com pessoas desagradáveis diária e continuamente. Não tem opção em não atendê-las, o que pode gerar muitos desgastes relacionais.
- f) “*Por trabalhar com pessoas em necessidade, há um crescente escoamento de energias do pastor*”: a energia de um pastor sempre está à disposição para repor a energia de alguém em necessidade. Poderá colher resultados gratificantes de alguns e nenhum resultado de outros, o que exige uma boa dose de humildade para encaminhar determinados casos a colegas.
- g) “*Certas pessoas vêm ao pastor ou à igreja em busca não do que precisam, mas do que desejam*”: o pastor pode cair na armadilha de conceder aos egocêntricos o que eles desejam ou ser dominado pelo seu próprio egocentrismo e não enfrentar como devia a situação, ou seja, dar só afagos e não o alimento espiritual genuíno, que implica riscos de conflitos.
- h) “*A questão da persona do pastor*”: se o pastor precisa assumir constantemente uma postura que não condiz com seu interior isso dispende muita energia psíquica dele e irá colher dessa atitude frutos amargos.
- i) “*O pastor pode chegar à exaustão por causa da sensação de fracasso*”: essa é vista por Sanford como a maior causa do *Burnout*. O pastor precisa perguntar a si mesmo se está fracassando por alguma falta sua, por uma situação insuperável ou se está avaliando o sucesso com padrões errados. Esse sentimento deve levar o pastor a um exame objetivo de sua situação, caso contrário poderá ficar prostrado e sem energia.³⁰⁵

Mesmo que o *Burnout* não seja o foco específico de nossa tese, buscamos aprofundá-lo em função da proximidade entre alguns elementos dessa síndrome com a idealização neurótica e neurose de excelência, sendo por vezes difícil discriminarmos uma patologia da outra.

3.7 Fadiga por compaixão

A *fadiga por compaixão* é um outro fenômeno ou patologia ligada à prática do cuidado ao outro. Como o próprio nome evidencia, “esse fenômeno é caracterizado por uma

³⁰⁵ NERBAS, Paulo Moisés. O “Burnout” do Pastor. In: *Revista Luterana*. ano 44, n. III-IV, p. 71-78, 1984.

fadiga física e emocional resultante da compaixão que os profissionais de socorro vivenciam no seu trabalho com pessoas que estão em sofrimento físico e/ou mental”.³⁰⁶

Esse fenômeno ocorre com aqueles profissionais que, de forma geral e recorrente, vivenciam ou escutam relatos de dor, medo e sofrimento e que, por se importarem verdadeiramente com as pessoas nessas condições, podem acabar sentindo dores, medos e sofrimentos similares aos delas. Mesmo que o autor do livro, o filósofo e doutor em psicologia Kennyston Lago, procure delimitar esse fenômeno/patologia entre os profissionais da saúde, mais especificamente entre os profissionais que prestam socorro (médicos, enfermeiros, socorristas etc.), não temos como deixar de estender esse fenômeno para os cuidadores pastorais, que são também prestadores de socorro em muitos momentos de dor e sofrimento (perdas, morte, luto, divórcios, conflitos familiares, desemprego, doença etc).

Portanto, um pastor que tem uma preocupação genuína com o bem-estar de seu rebanho certamente estará sujeito a desenvolver a fadiga por compaixão. A compaixão, além de ser um valor moral importante, é um sentimento ou virtude cristã por essência, vivenciada pelo próprio Cristo em inúmeras oportunidades durante o seu ministério terreno. É motivado pelo amor de Deus ao ser humano, amor esse que cada cristão deve compartilhar com o seu próximo. Se isso serve para o cristão “leigo”, tanto mais para aquele que está investido da responsabilidade, poder e autoridade em cuidar do rebanho de Cristo por dever de ofício, como é o caso dos pastores.

Antes de ser um problema ligado a saúde mental do profissional ou trabalhador, a *fadiga por compaixão* está ligada à essência do indivíduo, aos seus valores, sentimentos e emoções. Normalmente serão acometidos por essa síndrome somente aqueles indivíduos que se deixam tocar profundamente pela dor e o sofrimento do outro, sendo o sofrimento visto como algo realmente importante, que merece a atenção e o cuidado.³⁰⁷

Peterson, ao falar das inúmeras tarefas pastorais, cita dentre elas justamente a tarefa cotidiana de compartilhar a dor.

Entre outras coisas, o trabalho pastoral é a decisão de lidar, nos termos mais íntimos e pessoais, com o sofrimento. Não significa que vamos tentar encontrar formas de minimizar a dor ou caminhos que a evitem. O interesse maior não é tentar explicar o sofrimento, nem procurar uma cura para ele. A tarefa do pastor é envolver-se no sofrimento. É uma decisão consciente e deliberada de mergulhar na experiência dos que sofrem”³⁰⁸

³⁰⁶ LAGO, Kennyston. *Fadiga por compaixão: o sofrimento dos profissionais em saúde*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 7.

³⁰⁷ LAGO, 2010, p. 7.

³⁰⁸ PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 139-40.

Mais adiante, Peterson complementa sua ideia, que vai ao encontro exato da descrição da síndrome da *fadiga por compaixão*.

[...] após demonstrar um relacionamento pessoal com o Deus da aliança, compassivo e misericordioso, o trabalho pastoral passa a fornecer um companheirismo imediato. Os pastores acompanham as pessoas nos encontros com a ira de Deus e no relacionamento com ela, na aceitação da dor na submissão às suas influências ao evocar o arrependimento, se necessário, com fé, sempre. O companheirismo assegura a continuidade do cuidado de Deus e convence o sofredor de que a ira não é uma explosão emocional nem um acesso irracional, mas, sim, um aspecto de seu cuidado constante. O pastor se une ao sofredor, compartilha a experiência com a ira de Deus, penetra na dor, na ferida, na sensação de irrealidade, na descida às profundezas. As tarefas pastorais não incluem aliviar o sofrimento, minimizá-lo, nem mitigá-lo, mas, sim, compartilhar dele, segundo o exemplo de nosso Senhor, o Messias”.³⁰⁹

O que também parece ficar claro na *fadiga por compaixão* é de que ela está ligada profundamente ao conceito de *empatia*, fenômeno tão caro e imprescindível ao ofício do cuidado pastoral. Conforme diz Pereira, a *empatia* seria um requisito básico e primordial para as profissões de ajuda, pois “tais profissões demandam o relacionar-se com sensibilidade emocional, apontando para um estado de compreensão em que os profissionais procuram se colocar no lugar do outro, com o propósito de melhor entender suas dificuldades e necessidades”.³¹⁰

Essa empatia, porém, normalmente cobra o seu preço na saúde de quem se dispõe a senti-la no seu trabalho cotidiano, tal como vai afirmar Lago:

A compaixão consiste em uma preocupação empática. Ou seja, um estado de preocupação, de aflição, pelo bem-estar de outrem tendo em vista o estresse, o desconforto que o sofrimento alheio nos causa. Estresse esse que nos leva a adotar um comportamento de ajuda/socorro perante o sofrimento alheio. [...] o processo empático faz com que sejamos afetados pelo estado emocional dos outros.³¹¹

Importante também destacar que a diferença que Lago propõe entre o *Burnout* e a *fadiga de compaixão* é muito tênue. O *Burnout* é uma síndrome mais ampla, que pode atingir qualquer classe de trabalhadores que lidem diretamente com pessoas ou prestem algum serviço a elas, que pode ser desde o trabalho de uma recepcionista até de um professor. Essas duas profissões citadas, por exemplo, não implicam necessariamente lidar com o sofrer do outro. Já a *fadiga por compaixão* é específica para aquela classe profissional que lida com

³⁰⁹ PETERSON, 2003, p. 165.

³¹⁰ PEREIRA, 2013, p. 35.

³¹¹ LAGO, 2010, p. 10.

peças em sofrimento e onde o processo empático e a compaixão são condições necessárias para a realização da atividade profissional.³¹²

Mesmo que o trabalho pastoral não seja circunscrito apenas ao atendimento de pessoas em angústia e sofrimento, sendo marcado também por experiências compartilhadas de alegria, um pastor que é comprometido com sua tarefa de cuidador e tem o respeito e confiança de seu rebanho/comunidade se defrontará cotidianamente com situações da angústia e sofrer humanos. Esse é o motivo pelo qual julgamos importante ao menos citar a *fadiga por compaixão* dentre os possíveis distúrbios que causam sofrimento pastoral.

3.8 A síndrome de Listra: a síndrome da idealização pastoral

O psicólogo e conselheiro pastoral Jorge León, ao abordar as tensões psicológicas a que os pastores estão submetidos vai falar de um conjunto de sintomas que ele chama de *Síndrome de Listra*. Leon faz alusão ao capítulo catorze do livro de Atos dos Apóstolos, que fala das fantasias de alguns cristãos em relação à idealização da personalidade de seus guias espirituais. Para que possamos compreender melhor o que é essa síndrome fazemos referência direta ao texto que a fundamenta.

Quando Paulo e Barnabé souberam disso, fugiram para Listra e Derbe, cidades do distrito da Licaônia, e para as regiões vizinhas. E ali anunciaram o evangelho. Na cidade de Listra havia um homem que estava sempre sentado porque era aleijado dos pés. Ele havia nascido aleijado e nunca tinha andado. Esse homem ouviu as palavras de Paulo, e Paulo viu que ele cria que podia ser curado. Então olhou firmemente para ele e disse em voz alta: — Levante-se e fique de pé! O homem pulou de pé e começou a andar. Quando o povo viu o que Paulo havia feito, começou a gritar na sua própria língua: — Os deuses tomaram a forma de homens e desceram até nós! Eles deram o nome de Júpiter a Barnabé e o de Mercúrio a Paulo, porque era Paulo quem falava. O templo de Júpiter ficava na entrada da cidade, e o sacerdote desse deus trouxe bois e coroas de flores para o portão da cidade. Ele e o povo queriam matar os animais numa cerimônia religiosa e oferecê-los em sacrifício a Barnabé e a Paulo. Quando os dois apóstolos souberam disso, rasgaram as suas roupas, correram para o meio da multidão e gritaram: — Amigos, por que vocês estão fazendo isso? Nós somos apenas seres humanos, como vocês. Estamos aqui anunciando o evangelho a vocês para que abandonem essas coisas que não servem para nada. Convertam-se ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que existe neles. (Atos 14.6-15)³¹³

A partir desse texto Leon pretende destacar o fato de que muitos cristãos ainda têm a tendência de endeusar seus pastores, no sentido de não conseguirem enxergá-los em sua dimensão humana e frágil, como o próprio apóstolo Paulo faz questão de lembrar aos

³¹² LAGO, 2010, p. 180.

³¹³ A BÍBLIA Sagrada. Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

cidadãos de Listra no texto supracitado: “Nós somos apenas seres humanos, como vocês”. (versículo 15). Diz Leon:

Lamentavelmente, muitos servos de Deus são muito frágeis diante da lisonja e frequentemente se prestam como “cabides” onde os fiéis penduram suas fantasias. A explicação psicológica desse fenômeno é que em tais fiéis ocorre uma identificação projetiva com o pastor. Eles têm a ilusão de que ele é um ser humano perfeito, quase divino. Idealizam-no e o elevam, porque acreditam que ele é o que eles desejariam ser. O pastor que cai nessa tentação chega a crer que é assim. A catástrofe acontece quando a comunidade não reage desta forma. [...] Mas ninguém pode prejudicar um cristão se este não se deixar seduzir por seus próprios desejos de grandeza e de poder. As influências do mundo externo sobre o pastor não exerceriam influência alguma sobre ele se em seu mundo interno não houvesse o desejo de ser endeusado.
314

Pereira, por um outro caminho, vai se aproximar do que Leon afirma, mesmo sem fazer referência ao nome “Síndrome de Listra”. Para Pereira, o cristianismo tem seu epicentro na afirmação de que devemos amar a todos igualmente, de modo universal. Esse ideal resumiria tudo o que existe de melhor na civilização humana. O cultivo desse ideal eleva a autoestima do ser humano através de construções fantásticas e de “concepções possíveis de perfeição”, tratando-se de uma relação de espelho na qual se contemplam o Criador e a criatura. Afirma então Pereira:

A vivência plena desse ideal pode levar o homem a igualar-se a Deus. Tem razão o velho mito do paraíso perdido: a tentação satânica, que a todos acossa, é o desejo de “ser como Deus” (Gn3,5). Há o risco de confundir Deus com os valores da civilização ou de cada cultura. A exigência do ser humano de aproximar-se desses ideais não o transformaria num semideus? O ser humano alterar-se-ia numa espécie de deus “protético”, ou seja, um deus substituto artificial de uma parte perdida ou que lhe falta?³¹⁵

Nessa afirmativa de Pereira descortina-se o desejo original humano da onipotência narcísica, de buscar ser e personificar um Eu ideal, conforme já tratamos no capítulo anterior. Está presente aqui a tentação primária de querer não apenas ser independente de Deus, mas especialmente de desejar ser igual a Ele. Porém, junto com esse desejo surge a consciência da impossibilidade. Essa é uma questão central na obra de Pereira, sendo vista como fonte geradora de muita angústia e sofrimento, pela impossibilidade do amor incondicional aos outros ser cumprida por qualquer indivíduo, inclusive sacerdotes e religiosos. Mesmo que os motivos centrais da procura pelo sacerdócio, no contexto católico, tenham sido o desejo pela comunhão com Deus, vinculado às imagens do amor ao próximo, a certa altura de sua

³¹⁴ LEON, Jorge A. *Introdução à psicologia pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 176.

³¹⁵ PEREIRA, 2013, p. 59.

experiência ministerial esses religiosos poderão encontrar-se esvaziados de energia amorosa, incapazes de renovar as motivações e esperanças que tinham no começo do seu ministério. Há uma tensão constante entre o ideal do amor incondicional e a realidade do cotidiano. Diante disso, Pereira enxerga o seguinte dilema/situação: “A distância entre a imagem ideal e real do presbítero ou do religioso aumenta proporcionalmente frente aos documentos, regras, leis, mas pode diminuir quando se aproxima de experiências humanas”.³¹⁶

Pereira sinaliza para o perigo da Igreja transformar a incompletude do ser humano numa “prótese divina” ao anular a condição humana. Na medida que se reprime, minimiza ou se exclui a condição humana de fraqueza, num ideal de fortes exigências morais e éticas, isso produz, inevitavelmente um desencanto e desilusão no exercício da profissão presbiterial e religiosa. Dessa forma, “grande parte dessas frustrações advêm do objetivo não alcançado, do sentimento de insuficiência ou incompletude diante daquilo que projetamos ser, atormentados por uma infinidade de limitações”.³¹⁷

Johnson, numa pesquisa realizada em 1970, citada por Lotufo-Neto, vai analisar cinco riscos emocionais para os ministros religiosos, dentre as quais a primeira é a própria crise de identidade pastoral, pelos inúmeros e concomitantes papéis que um pastor precisa desempenhar no seu ministério. Porém, destacamos abaixo os outros quatro riscos elencados, que em nosso entendimento podem ser inseridos dentro do contexto da Síndrome de Listra:

- Perfeccionismo - O desafio de Jesus em Mateus 5:48 - “Sejam perfeitos assim como o vosso Pai do céu”, pesa. O que fazer com as suas imperfeições, como obter o alvo inatingível? Não é perdoado por suas falhas, não tem tempo para ser humano, impulsivo, fraco ou cansado.
- O complexo de prioridade - É o líder da comunidade e dele se espera que seja o primeiro e o principal. É uma pessoa com autoridade moral e religiosa que é chamada a se pronunciar a respeito dos grandes temas da vida, que deve estar sempre de prontidão.
- O complexo de mártir - Achar que fez a decisão errada ao entrar no ministério, desejar durante a semana ser uma pessoa comum, não identificável na multidão. Estar sempre de plantão, onde há uma necessidade lá estar, responder sempre que solicitado. Se incapaz de ajudar, frequentemente se culpa, achando que poderia ter feito melhor.
- A sensação de não pertencer - Pode se sentir isolado, um estranho entre as pessoas, que se dirigem a ele formalmente, sem naturalidade, dando pouca oportunidade para que ele se revele aberta e honestamente.³¹⁸

³¹⁶ PEREIRA, 2013, p. 60.

³¹⁷ PEREIRA, 2013, p. 65.

³¹⁸ JOHNSON, 1970 *apud* LOTUFO NETO, 1997, p. 228.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que a Síndrome de Listra é a síndrome da idealização neurótica por essência, o que nos leva então ao último aspecto desse capítulo, que vai tentar conceituar o que é a idealização neurótica ou neurose de excelência.

3.9 A idealização pastoral como fonte de sofrimento e neurose

Para que possamos compreender a linha de pensamento seguida a partir de agora, alguns conceitos precisam ser descritos, até para se ter uma clareza epistemológica do caminho que queremos seguir. O que entendemos, afinal, por neurose? A conceituação dos termos “saudável e neurótico”, tal como outros conceitos trabalhados nessa tese, também são fruto de muita discussão entre diferentes correntes psicológicas, psiquiátricas e até sociológicas.

A psicologia conceitua neurose como um “transtorno mental que não afeta as funções essenciais da personalidade, das quais o sujeito está dolorosamente consciente”.³¹⁹ Os estados neuróticos apresentam algumas características comuns, como falta de confiança do sujeito no seu papel social, agressividade contra si ou contra o outro, perturbações do sono e da sexualidade, cansaço exagerado, entre outros sintomas. Tais sintomas, ainda segundo a psicologia, seriam a expressão simbólica do drama interior que o indivíduo é incapaz de dominar, pois escapam à sua consciência clara os elementos essenciais.³²⁰

Na visão da psicanálise de orientação freudiana, neurose é uma “afecção psicogênica em que os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico que tem raízes na história infantil do sujeito e constitui compromissos entre o desejo e a defesa”.³²¹

É impossível e até desnecessário aprofundarmos os diferentes tipos de neurose propostos pela psicanálise, pois eles se dividem em muitos tipos: neurose de angústia, atual, de abandono, de caráter, de destino, de fracasso, de transferência, familiar, fóbica, narcísica etc.³²²

De qualquer modo, para Freud, o psiquismo neurotiza como uma forma de defesa das pressões. Isso fica claro quando Freud diz: “A vida, tal como encontramos, é árdua demais para nós; nos proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar medidas paliativas”.³²³

³¹⁹ SILLAMY, Norberto. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 164.

³²⁰ SILLAMY, 1998, p. 164.

³²¹ LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 296.

³²² LAPLANCHE, 1991, p. 296-318.

³²³ FREUD, Sigmund apud SILVA, Magali, 2009, p. 265.

Jung também nos oferece uma definição de neurose que é bastante aproximativa dos processos psicológicos já vistos até aqui. Segundo Jung, “o neurótico é apenas um caso específico de pessoa humana em conflito consigo mesma, tentando conciliar dentro de si natureza e cultura”.³²⁴ Para Jung, o neurótico tem uma postura infantil com relação às restrições arbitrárias. Do mesmo modo como procura apropriar-se da moral, reprimindo-se, por outro lado tem o desejo de libertar-se. Essa é a síntese do conflito neurótico. Diz Jung:

Se esse conflito fosse claro e totalmente consciente, é provável que nunca daria origem a sintomas neuróticos; estes só aparecem quando não se consegue ver o outro lado do próprio ser, nem a presença dos seus problemas. O sintoma parece produzir-se unicamente nessas condições, e ajuda o lado não reconhecido da alma a exprimir-se. Segundo Freud, o sintoma é portanto, uma realização de desejos não reconhecidos, que, se fossem reconhecidos entrariam em violenta oposição às convicções morais”.³²⁵

Dentro do campo das neuroses profissionais há uma que é chamada de *neurose de excelência*. Nicole Aubert, pesquisadora francesa, chama a *neurose de excelência* de “a doença da idealização”, colocando-a quase equiparadamente à *Síndrome de Burnout*. Aubert a descreve da seguinte forma:

Denominamos sob este termo aquilo que poderíamos igualmente chamar de a doença da idealização. Este estado se aproxima igualmente - dizíamos mais acima - daquilo que certos autores anglo-saxões denominam de "queimadura interna" (burn out). Esta doença constitui aquilo que Freudenberger chama "o custo elevado do sucesso", que decorre da luta constante que mantemos para satisfazer os ideais de excelência que caracterizam nossa sociedade [...]. A necessidade de trabalhar energeticamente, de envidar cada vez mais esforços, de desempenho cada vez melhor e de tender sempre para um maior sucesso, estão na origem desse fenômeno. O indivíduo se encontra, de certa forma, preso em uma espiral infernal, obrigado a correr cada vez mais depressa em um contexto onde tudo muda tão rapidamente que não resta nada mais de estável a que se agarrar para retomar o fôlego.³²⁶

Von Heyl aborda essa questão ao afirmar que cada vez mais pessoas que trabalham na igreja exageram nos esforços para alcançarem o melhor, num alerta crítico aos processos de idealização neurótica:

É estranho que exatamente na igreja há tantos perfeccionistas que põem a si mesmo e aos que o rodeiam sob pressão. É exatamente na igreja, cuja mensagem central consiste em que o ser humano não é justificado através do que faz, mas que é justificado diante de Deus somente pela fé, que estão pessoas que acham que precisam conquistar o amor de Deus, da comunidade e de seus superiores através de

³²⁴ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p. 11.

³²⁵ JUNG, 1980, p. 17.

³²⁶ AUBERT, Nicole. *A neurose profissional*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, vol. 33, n. 1, p. 84-105, jan./fev. 1993. p. 101-2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v33n1/a09v33n1>> Acesso em: 03 nov. 2013.

seus feitos. Mas Deus não precisa de heróis. Ele não é um Deus dos fortes e poderosos. Ele é um Deus dos pobres, dos pequenos, das viúvas e dos órfãos, daqueles que nada tem a apresentar.³²⁷

Para von Heyl, no fundo, os pastores acham que o bem-estar do reino de Deus tem muito a ver com sua própria atitude, com o seu agir. Dessa forma esforçam-se para dar o melhor de si – dar um excelente sermão, encontrar as palavras certas numa situação de cura d'almas, dar uma boa instrução aos confirmandos, visitar todos os doentes, idosos, jubilares etc. Para von Heyl tudo isto é muito belo e positivo, mas esse esforço contínuo traz consigo a exaustão e o estresse. Quem quer fazer tudo 150% bem, mais cedo ou mais tarde não consegue fazer mais nada bem. Porém, os perfeccionistas são levados por uma voz interior que lhes fala: “Não cometa erros! Faça ligeiro! Esforce-se! Sempre dê o melhor de si! Não se exponha! Seja melhor do que os outros; Seja sempre gentil e bondoso! Você está aí para todos.”³²⁸

Ainda segundo Aubert, a neurose no mundo do trabalho pode ser de dois tipos. A primeira é uma *neurose profissional atual*, quando tem origem na própria situação profissional, sem remeter particularmente a um conflito infantil. Já a segunda é chamada de *psiconeurose profissional*, que exprime através de uma situação organizacional ou profissional um conflito infantil.³²⁹

Na psiconeurose profissional, portanto, o sujeito funciona como uma caixa de ressonância dos múltiplos problemas ou dos múltiplos conflitos da organização e isto porque ele é, por sua própria história, particularmente receptivo ou sensível.³³⁰

Ebert e Soboll, ao realizarem um estudo com pastores, analisando o trabalho pastoral a partir da psicodinâmica do trabalho, também identificaram na *idealização* ou *neurose de excelência* aspectos que levam ao sofrimento. Citam como categoria de análise, a partir dos dados coletados, o princípio “o pastor precisa ter uma vida irrepreensível”. Os pastores entrevistados nessa pesquisa apontaram que o padrão exigido para o exercício do ministério se assemelha à perfeição humana, o que é impossível de ser alcançado, exemplificado na fala de

³²⁷ Tradução própria. VON HEYL, 2011, p. 21: “Es ist schon eigenartig: Gerade in der Kirche gibt es so viele Perfektionisten, die sich selbst und die Menschen in ihrer Umgebung unter Druck setzen. Ausgerechnet in der Kirche, deren zentrale Botschaft darin besteht, dass der Mensch nicht durch seine Leistung, sondern allein durch seinen Glauben vor Gott gerechtfertigt ist, tummeln sich Menschen, die meinen, sie müssten sich die Liebe Gottes, ihrer Gemeinde und ihrer Vorgesetzten durch ihre Leistung verdienen. Aber Gott braucht keine Helden. Er ist kein Gott der Starken und Mächtigen. Er ist ein Gott der Armen und Kleinen, der Witwen und Waisen, derer, die nichts vorzuweisen haben”.

³²⁸ Tradução própria. VON HEYL, 2011, p. 70: “Mach ja keine Fehler! Mach schnell! Gib dir keine Blöße! Streng dich an! Gib immer dein Bestes. Stell dich nicht so an! Sei besser als die anderen! Sei stets liebevoll und gütig! Mach es so vielen wie möglich recht – Du bist für alle da!”

³²⁹ AUBERT, 1993, p. 87.

³³⁰ AUBERT, 1993, p. 95.

um pastor: “Nós muitas vezes não entendemos no que tange a perfeição humana e queremos ser perfeitos”.³³¹ Diante disso Ebert e Soboll concluem:

Diante da exigência de irrepreensibilidade para o exercício pastoral o líder religioso pode assumir uma manutenção de uma imagem de líder de sucesso. De acordo com Wood (2001, p.152) líderes com características de “executivo eficaz” em um mundo cada vez mais complexo “lutam para manter uma aparência de controle e domínio sobre a situação”. Segundo o autor esses líderes acabam por manter seu próprio mito ao gerarem uma imagem de “controlabilidade e simplicidade”. A manutenção dessa imagem é impulsionada pela exigência de excelência absoluta, tanto na produtividade como na conduta, que sinaliza um convite para a superação contínua que exige trabalhar mais e sempre melhor.³³²

Von Heyl faz um alerta para o perigo indicado acima e afirma que um pastor que reconhece as suas fraquezas, seu sofrer, assumindo de que precisa dos outros, certamente terá uma atitude diferente e mais saudável não só para consigo, mas para com Deus e para com o seu próximo.³³³

3.10 Considerações finais

Após nos debruçarmos sobre esse amplo espectro do sofrimento pastoral, nas suas múltiplas interfaces, pensamos que esteja claro uma das importantes hipóteses dessa pesquisa, qual seja: o exercício do ofício pastoral, por mais sublime e maravilhoso que seja, sendo fonte de alegria e satisfação também possui o seu averso, a saber, pode ser também fonte de sofrimento e neuroses. Vimos que parte desse sofrimento e neurose estão ligados, direta ou indiretamente, a processos de idealização do ministério pastoral. Posto, pois, de forma suficientemente consistente o cenário do sofrimento pastoral, passemos agora a descrever e analisar como o ministério pastoral é entendido pela instituição eclesial pesquisada, adentrando no primeiro dos eixos essencialmente teológicos de nossa pesquisa.

³³¹ EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. O trabalho pastoral numa análise psicodinâmica do trabalho. *Revista Aletheia* 30, p. 197-212, jul./dez. 2009. p. 204.

³³² EBERT e SOBOLL, 2009, p. 205.

³³³ VON HEYL, 2011, p. 22-3.

4 MINISTÉRIO PASTORAL: LEITURAS NA TEOLOGIA LUTERANA E DA IELB

4.1 Considerações iniciais

O capítulo quatro quer tratar do ministério pastoral na sua perspectiva histórico-teológica, compondo o primeiro dos dois eixos teológicos de nossa pesquisa. Reiteramos que, mesmo que o foco da tese não seja uma análise teológico-sistemática da doutrina do ministério pastoral, é preciso concordar com o fato de que a forma como o tema é definido e interpretado teologicamente irá gerar um impacto direto sobre como serão construídas e formatadas a imagem e identidade pastorais em cada uma das denominações religiosas.

Numa breve apresentação e detalhamento do roteiro do presente capítulo, ele inicia demonstrando a complexidade da expressão “ministério pastoral” no contexto cristão e luterano. A seguir, buscamos elementos que embasam ou caracterizam o ministério tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, chegando até as mudanças que passam a ocorrer na Igreja Primitiva. Fazemos então um salto histórico para o conceito de ministério a partir da Reforma Protestante, investigando o pensamento de Lutero acerca do tema.

Numa sequência lógica, passamos então para a descrição e análise do ministério tal como ele é apresentado nas Confissões Luteranas. Já num outro salto histórico, nos debruçamos sobre as conceituações atuais do ministério evangélico-luterano. Dentro desse contexto temático, se abordará o conceito de chamado e vocação na concepção de Lutero, enfocando especialmente a vocação ao ministério/ofício pastoral. O conceito trabalhado em sequência é o da ordenação pastoral, onde se aponta para a diferença de sentido da ordenação romana e luterana. Nesse tópico, em especial, também irá ser feita uma breve análise dos ritos litúrgicos de ordenação na igreja luterana, a partir da consulta de seus manuais de culto e liturgia.

O passo seguinte do capítulo é adentrar na análise dos documentos oficiais da igreja luterana que tratam do ministério pastoral, abrangendo os estatutos e regimentos da IELB e o código de ética pastoral da referida denominação religiosa. Finalizamos o capítulo com uma análise documental sobre os escritos e artigos sobre o ministério pastoral e sobre a pessoa do pastor que foram produzidos e publicados nas duas revistas oficiais da igreja luterana investigada ao longo das últimas décadas.

O sentido desse extenso percurso é verificar se há, neste conjunto histórico-ritualístico-conceitual, elementos indicativos de idealização do ministério pastoral, que

possam estar influenciando numa imagem e identidade pastorais idealizadas, geradoras de um possível sofrimento e neurose pastorais.

4.2. A complexidade da expressão “ministério pastoral”

Definir termos é parte essencial para um correto entendimento e compreensão do tema estudado. Como já visto em capítulos anteriores, os termos trabalhados nessa tese não são unívocos, mas sim polissêmicos, necessitando de uma delimitação conceitual. Isso não é diferente com o termo ou expressão *ministério pastoral*, foco deste quarto capítulo.

A temática do ministério pastoral ou eclesiástico, especialmente a análise de suas bases bíblico-teológicas, já contempla ampla produção acadêmica e bibliográfica. Não é escopo desse trabalho, porém, adentrar na descrição dos diferentes tipos de ministério ou sacerdócio, que são muito variados dentro do universo cristão. Suas definições e interpretações teológicas não encontram unanimidade entre as diferentes igrejas cristãs, nem sequer naquelas situadas entre o Protestantismo histórico e, por mais paradoxal que pareça, nem tampouco dentro das próprias igrejas que se autodenominam de luteranas, inclusive no território brasileiro.³³⁴

Nessa mesma linha de análise o doutor, teólogo e historiador luterano Martin Dreher vai afirmar que o conceito de ministério pastoral é usado diferentemente nas diversas confissões cristãs, sendo que o estabelecimento de uma “doutrina do ministério” parece ser uma exclusividade do mundo luterano. Segundo Dreher, para os grupos calvinistas é mais comum falar-se de “ministérios” e para o mundo católico-romano, ortodoxo e anglicano um dos conceitos mais comum ainda é “hierarquia”.³³⁵

Sathler-Rosa também refere-se à visão plural de ministério ao afirmar que é evidente “a diversidade de expressões ministeriais, as controvérsias eclesiais sobre o seu sentido teológico, as divergências na interpretação de suas bases históricas, a variedade de sua estruturação e as formas de exercê-lo”.³³⁶

³³⁴ Um dentre tantos exemplos claros que explicitam o que estamos dizendo aqui refere-se ao ministério feminino, aceito e permitido por uma igreja luterana (IECLB) e não aceito pela outra (IELB). Não iremos entrar nessa discussão teológica, pois somente a análise dessa questão particular do ministério comportaria a produção de uma tese específica de doutorado.

³³⁵ DREHER, Martin N. *Igreja, ministério, chamado e ordenação: estudos a partir de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 2011. p. 29.

³³⁶ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Ministério Pastoral. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto. (ORG.). São Paulo: ASTE, 2008. p. 649-651. p. 649.

Bouman, outro teólogo luterano, acompanha a visão dos autores acima fazendo a seguinte afirmação a respeito da pluralidade conceitual e hermenêutica do ministério, já situando a discussão dentro do contexto protestante.

O que causa espécie, mesmo num mundo comparativo pouco profundo dos muitos escritos sobre a doutrina da Reforma referente à igreja e ao ministério, é o fato de que se tenha chegado a ilações tão diametralmente opostas, sendo as fontes perquiridas as mesmas. Neles podemos constatar toda uma gama de concepções sobre o ministério da igreja, desde as mais inferiores até as de mais alto nível eclesiástico. De certa forma o próprio Lutero é responsável por esse estado de coisas. É que ele fez muitas afirmações sob circunstâncias as mais diversas e em face de muitos problemas fundamentalmente divergentes.³³⁷

Samuel Nefzger, teólogo citado por Buss, chega a dizer que os cristãos protestantes, incluindo os luteranos, têm discordado, ao longo dos últimos 450 anos, mais sobre a doutrina do ministério do que sobre qualquer outro artigo de fé.³³⁸

Nesse sentido, numa outra obra, Dreher vai afirmar que ao longo do século XIX se acirraram as discussões acerca do ministério pastoral dentro do próprio seio luterano, sendo que as principais divergências centravam-se em quatro pontos: na concepção sobre a origem do ministério; na exposição da relação entre ministério e sacerdócio geral; na questão relativa ao mandato que a igreja tem para vocacionar alguém para o ministério; e na interpretação dos conceitos de vocação e ordenação.³³⁹

Nesse evidente contexto de indefinição conceitual, passemos então a definir ou descrever o ministério pastoral a partir de alguns elementos bíblicos, passando pelo pensamento da Reforma para só então passarmos ao conceito específico dentro da denominação protestante luterana pesquisada.

Não é nossa intenção, porém, questionar ou firmar algum tipo de posicionamento pessoal acerca da doutrina do ministério, apontando eventuais equívocos ou contradições, mas sim tentar descrevê-lo com o máximo de isenção e neutralidade tal como é apresentado pelos autores. Como alerta o doutor e teólogo luterano Ricardo Rieth, em texto apresentado num Simpósio sobre *Lutero e o Ministério Pastoral*,³⁴⁰ queremos fugir à tentação de buscar não só em Lutero, mas em toda a fundamentação teórica a ser exposta nesse capítulo, elementos para embasar uma posição única, favorável ao que queremos defender. De qualquer modo, esse

³³⁷ BOUMAN, H.J.A. A doutrina do ministério segundo Lutero e as Confissões Luteranas. In: *Igreja luterana* - vol. 27, n. 1, p. 1-30, 1966. p. 2.

³³⁸ NAFZGER, Samuel. The Office of the Pastoral Ministry and the Priesthood of All Believers, 1995. *apud* BUSS, Paulo W. (Org.). *Lutero e o Ministério Pastoral*. Porto Alegre: Concórdia, 2015. p. 7.

³³⁹ DREHER, 2011, p. 56.

³⁴⁰ RIETH, Ricardo W. Reação – Chamado e Ordenação pastoral. In: BUSS, 2015, p. 141-151, p. 141.

será um capítulo em que a análise de seu conteúdo não quer perder de vista a face do tema que mais nos interessa, que é a percepção sobre elementos de idealização do ofício/ministério pastoral ou da própria pessoa do pastor.

4.3 O ministério pastoral: uma aproximação a partir da Escritura Sagrada e da Igreja Primitiva

A primeira abordagem ao tema do ministério pastoral será feita a partir de uma visão geral do que a Bíblia Sagrada fala a respeito do assunto. Obviamente que não será possível estabelecermos uma análise exegética de textos bíblicos selecionados, pois a simples escolha dos mesmos já implicaria uma visão parcial a respeito do tema. Nesse sentido, lembramos, de um jocosos ditado, ouvido de um bispo ortodoxo e socializado pelo Dr. von Sinner numa das aulas de ecumenismo do programa de doutorado, que afirma: “Os cristãos do mundo todo se unem e reúnem em torno da Bíblia Sagrada. Porém, somente enquanto ela permanecer *fechada*”.³⁴¹ Por isso, essa seção do capítulo será humildemente genérica, porém, não aleatória, na sua forma de abordar o assunto, sabendo que tudo o que se disser acerca da doutrina do ministério pastoral, mesmo que referenciadas bíblicamente, não será consensual entre as diferentes denominações cristãs, visto a hermenêutica dos textos comportarem muitas variações.

Conforme diz Volkmann, nem o Antigo nem o Novo Testamentos possuem um termo específico correspondente ao que hoje designamos como “ministério”. Para esse autor, nas versões atuais da Bíblia, ministério estará associado ao termo *diakonia*, que originalmente significa “servir à mesa”. Todos os cargos e funções ministeriais contidos na Bíblia contêm o caráter básico de serviço em prol do outro.³⁴²

Apesar disso, conforme destaca o teólogo luterano Linden, a presença de um ministério instituído por Deus já pode ser percebida no Antigo Testamento, mesmo que lá não seja ainda apresentado ou definido claramente a figura do ministro religioso: sacerdotes, levitas e profetas eram algumas das pessoas que compunham o quadro ministerial do Antigo Testamento.³⁴³ O ministério, porém, visto como serviço, era tarefa de todas as pessoas e não apenas de certos indivíduos, mesmo que por vezes Deus chamasse determinadas pessoas

³⁴¹ Essa frase foi ouvida durante uma das aulas da disciplina de *Ecumenismo*, do PPG das Faculdades EST, ministrada pelo Prof. Dr. Rudolf von Sinner, no primeiro semestre de 2013, quando o referido professor relatou tê-la escutado de um bispo ortodoxo.

³⁴² VOLKMANN, Martin. Ministérios. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto. (Org.): São Paulo: ASTE, 2008. p. 652-655.

³⁴³ LINDEN, O ofício do ministério. In: LINDEN, Gerson Luis. *Sistemática IV – Tópicos em Teologia Escatológica*. Canoas: Ed. ULBRA, 2013. p. 51-61. p. 53.

dotando-as de capacidades para realizar tarefas específicas, além das já referenciadas acima, como no caso de juízes como Otniel, Gideão, Jefté e tantos outros.³⁴⁴

Merval Rosa, ao abordar o ministério pastoral a partir das Sagradas Escrituras, identifica no Antigo Testamento a formação de um ministério com características mais permanentes, na medida do desenvolvimento histórico do povo de Israel. Esse ministério se apresenta com uma tríplice função: sacerdotal, profética e real. A função sacerdotal, ligada ao sacerdócio de Arão, estava ligada ao culto, aos sacrifícios ofertados a Deus, ao ensino da lei, à comunicação dos decretos divinos e a questões do direito sagrado, por exemplo, quanto às coisas puras e impuras. Também os levitas exerciam esse tipo de sacerdócio, em funções um pouco mais subalternas. Porém, veremos que no Novo Testamento, especialmente no livro de Hebreus, o conceito de sacerdote, ou a função sacerdotal, ligada à questão sacrificial e redentora, foi somente atribuída a Jesus, nunca sendo utilizada para descrever aspectos do ministério pastoral exercido por seres humanos.³⁴⁵

Já a função real do ministério foi aquela dada primeiramente a Saul e Davi. Os reis em Israel são apresentados como ministros de Deus, com atividades diferentes do sacerdote e profeta. Cristo também é apresentado como aquele que cumpre essa função, sendo denominado de Messias ou “o Ungido”. Também essa função não pode ser aplicada aos pastores ou ministros religiosos da atualidade,³⁴⁶ pelo menos não na concepção hermenêutica luterana.

A terceira função do ministério do Antigo Testamento é a profética, sendo que o profeta se coloca entre Deus e o ser humano com o propósito de declarar os propósitos de Deus à humanidade. O profeta adverte, admoesta, chama ao arrependimento e aponta para a misericórdia e perdão de Deus. Segundo Merval Rosa, a função profética no Antigo Testamento é descrita em termos de sentinela e de pastor. “À semelhança do pastor, o profeta tem a responsabilidade de guardar o rebanho e de guiá-lo às fontes de alimento e de água. [...] O pastor é responsável pela vida de suas ovelhas, assim como a sentinela é responsável pela segurança da cidade”³⁴⁷.

Não há, portanto, no Antigo Testamento, textos bíblicos específicos para embasar uma teologia do ministério pastoral que possa ser aplicada aos pastores que atuam nessa função na contemporaneidade, mesmo que tenhamos que admitir a existência de indicativos bíblicos que lançam alguma luz ao tema.

³⁴⁴ ROSA, 2001, p. 15.

³⁴⁵ ROSA, 2001, p. 16-7.

³⁴⁶ ROSA, 2001, p. 17.

³⁴⁷ ROSA, 2001, p. 19.

Já no Novo Testamento, há uma profusão de textos que poderiam ser utilizados para sustentar uma teologia do ministério pastoral bem como para descrever suas características fundamentais. Alguns deles serão referidos ao longo da exposição desse capítulo. Iniciamos a abordagem do Novo Testamento, porém, com uma abordagem mais transversal do tema, tomando o ministério de Jesus como o modelo por excelência do ministério evangélico atual, mesmo tendo clareza de que o ministério de Jesus foi o ministério “de fato”, exercido sem ser um “cargo”, como é o caso do ministério pastoral atual.

Segundo afirma Linden, a visão de ministério no Novo Testamento se torna bem mais clara a partir do chamado que Jesus fez aos apóstolos, pois nesse chamado fica evidente que ele queria preparar pessoas para um trabalho especial no seu reino.³⁴⁸ Mas é sobre o próprio ministério de Jesus que começamos a nossa descrição e não sobre o ministério apostólico, como já dissemos acima.

Rottmann, exegeta luterano, ao abordar o tema do ministério cristão no Novo Testamento mostra o quão amplo e complexo seria a tarefa de examinar esse assunto, caso desejássemos aprofundá-lo, enfocando justamente esses dois aspectos: o ministério de Jesus e o ministério apostólico.

Se quiséssemos desenhar o quadro inteiro daquilo que engloba o ministério neotestamentário assim como no-lo expõe o Novo Testamento, precisaríamos escrever um livro de não poucas páginas. Seríamos forçados a iniciar com o estudo do ministério do próprio Cristo, e expor o que, segundo o Novo Testamento, sua vinda, sua atividade, sua morte como “servo” de Deus, seu ministério em preparar embaixadores, apóstolos encarregados com sua mensagem ao mundo, significava para a fundação de sua Igreja aqui na terra. Além disso deveríamos também desenrolar toda a grandiosa missão que o Senhor da Igreja deu aos seus apóstolos, instituindo o apostolado, ministério único, excepcional mas básico dos Doze, ministério esse que na vida e obra de Paulo de Tarso, apropriadamente chamado “apóstolo de Cristo para o mundo”, teve seu ponto alto.³⁴⁹

Merval Rosa destaca algumas características do ministério de Cristo que devem, segundo o autor, servir como o paradigma de referência para o ministério pastoral da atualidade. O primeiro trata do ministério como um serviço voluntário, como Jesus diz em Mateus 20.28: “Tal como o filho do homem que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. Dessa forma, o pastor precisa também ser um servo

³⁴⁸ LINDEN, 2013, p. 53.

³⁴⁹ ROTTMANN, Johannes Heinrich. O ministério cristão no Novo Testamento. *Revista Igreja Luterana*. n. 2, p. 47-57, 1976. p. 47.

voluntário, que “de livre e espontânea vontade, torna-se servo de Jesus Cristo, a serviço do homem, para a proclamação do Reino de Deus aqui na terra”.³⁵⁰

A segunda característica do ministério de Jesus refere-se à “unção do Espírito”, conforme o livro de Atos 10.37-38: “[...] como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder”. A unção para o ministério, seja ele profético, sacerdotal ou real, é encontrada no Antigo Testamento: Arão, Saul e Eliseu são alguns exemplos de pessoas que foram ungidas para seu ministério.³⁵¹ Já no Novo Testamento esse é um elemento que não aparece claramente no chamado dos apóstolos e presbíteros, sendo um aspecto que para a teologia luterana não se aplica aos pastores de hoje. Apenas Jesus é considerado como o “Ungido do SENHOR”. Já para igrejas de cunho pentecostal e neopentecostal a expressão “ungido do SENHOR” é recorrente no seu discurso, no sentido de que há uma clara referência aos seus pastores como também tendo sido “ungidos” para o ministério pastoral.³⁵² Nesse contexto pentecostal e neopentecostal, segundo diálogos com diversos pastores que pertencem a essa linha protestante ao longo dos quatro anos de meu doutoramento, a idealização do ministério e da pessoa do pastor mostram-se bastante acentuadas, sendo um excelente campo de estudos para um aprofundamento posterior de nossa pesquisa doutoral.

A terceira característica, baseada no mesmo texto de Atos 10 já citado acima, afirma que o ministério de Jesus se caracteriza pelo poder do Espírito, que o acompanhou durante todos os momentos de sua vida, do nascimento, ao batismo e por todo seu ministério terreno. É esse mesmo Espírito o único capaz de abençoar com seus dons os ministros religiosos que atuam em qualquer período histórico, inclusive nos dias de hoje. Já a quarta e última característica era a autoridade “do alto” que foi dada a Jesus. Na Escritura Sagrada toda a autoridade é delegada, sendo Deus a fonte suprema de toda a autoridade legítima. Essa foi a mesma autoridade que Jesus delegou aos doze apóstolos ao instruí-los no evangelho de Lucas 9.1 “Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade...”.³⁵³ Esse é um conceito que também pode ser aplicado aos pastores contemporâneos, lembrando que a autoridade nunca é do próprio pastor, mas de Deus que a conferiu a ele.

Segundo Dreher, o pensamento seguido pelos reformadores indica a relação do ministério no Novo Testamento com o apostolado, apesar de Dreher reiterar que o apostolado

³⁵⁰ ROSA, 2001, p. 21.

³⁵¹ ROSA, 2001, p. 21.

³⁵² Ungido é um termo que tem seu correlato no hebraico Maschiah (Messias) e no grego Christos (Cristo). No A.T. aplica-se às personagens que receberam a unção de óleo, o rei e o sumo sacerdote, o que lhe dá um caráter sagrado. Por extensão, pode designar aquele que é eleito por Javé para uma missão. BROSSE, Olivier de; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. Ungido. p.790-791. In: *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, SP: Santuário, 1989. p.790.

³⁵³ ROSA, 2001, p. 22.

é um fenômeno único, que tem sua razão de ser no testemunho ocular da ressurreição de Jesus e, por isso, não teria continuidade. Porém, não há como deixar de fazer referência ao texto de 1 Coríntios 12.28, que fala de “profetas, evangelistas e mestres” que Deus estabeleceu na igreja juntamente com os apóstolos. “Essa e outras passagens indicam que a transmissão da mensagem que congrega e edifica a comunidade por intermédio de um indivíduo, é um dado original da igreja cristã e propriedade sua.”³⁵⁴

Já passando para a Igreja Primitiva, Buss, em seu artigo “*Mudanças históricas no ofício pastoral*”, afirma que no Período Primitivo as fontes que fornecem informações sobre o ofício pastoral são duas: o Novo Testamento e os Pais Apostólicos. Para Buss não há dúvidas de que o ministério cristão inicia com o próprio Jesus Cristo.

Ele anunciou a Palavra de Deus, reuniu um grupo de discípulos e escolheu, dentre eles, doze apóstolos. A esses confiou, como representantes do ofício pastoral e de toda a igreja, a pregação da palavra, os sacramentos do Batismo e da Santa Ceia e o Ofício das Chaves. Os apóstolos tornaram-se, assim, os líderes espirituais da igreja primitiva. Eles ocupam o primeiro lugar no ministério cristão, tanto no sentido temporal, como também em termos de responsabilidade e honra (1 Co 12.28).³⁵⁵

À medida em que o cristianismo crescia e novas comunidades eram fundadas, os apóstolos perceberam a necessidade de auxiliares para a realização do seu trabalho, que se tornava cada vez mais complexo, indo muito além da mera pregação do evangelho. Em Atos dos Apóstolos 6, o texto bíblico relata a escolha dos diáconos, que tinham inicialmente funções administrativas e caritativas. Uma série de textos do Novo Testamento passam a ser citados por Buss para demonstrar a variedade de funções que passam a coexistir no já então complexo campo do ministério do Novo Testamento.

Mais tarde, são mencionados além dos apóstolos, “em segundo lugar profetas, em terceiro lugar mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedade de línguas” (1 Co 12.28). Na epístola de Paulo aos Filipenses são mencionados “bispos e diáconos, que vivem em Filipos” (Fp 1.1). Na epístola aos Efésios, há menção de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef. 4.11). Outros “dons” e funções são mencionados em Romanos 12.6-8 e em outras partes. Uma conclusão importante a que se chega ao examinar o testemunho do Novo Testamento com respeito ao ministério cristão é que é imprescindível fazer uma distinção cronológica e geográfica. Isto é, nem todas as funções existem em todos os lugares e em todo o tempo na igreja primitiva. Outra conclusão importante é que não se deve confundir funções com ofício. O ofício está sempre presente, as funções variam no tempo e no espaço. Além disso uma pessoa aparece exercendo várias funções simultaneamente.³⁵⁶

³⁵⁴ DREHER, 2011, p. 32.

³⁵⁵ BUSS, Paulo Wille. Mudanças históricas no ofício pastoral. In: NERBAS, Paulo Moisés (Org.). *O preparo de Pastores luteranos para hoje*. Conferência Teológica Mundial de Seminários do Conselho Luterano Internacional. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 99-127. p. 100-1.

³⁵⁶ BUSS, 2006, p. 101-2.

Para Linden, assim como já afirmou Merval Rosa, o ministério não foi constituído para o que modernamente se chama de “liderança”, mas para o “serviço” e, de maneira bem particular, o serviço da Palavra, que implica anunciar publicamente o evangelho e administrar os sacramentos instituídos pelo próprio Cristo. Nesse sentido, continua Linden, o ministério é uma dádiva de Cristo para a igreja. Ele não pode ser visto como uma conquista das pessoas, mas como dádiva que Cristo dá à sua igreja, conforme expresso em Efésios 4.7-11.³⁵⁷ Mesmo que Deus dê a incumbência especial para alguns serem apóstolos, evangelistas, pastores e mestres, a finalidade última é trazer a bênção sobre todo o povo, a igreja.³⁵⁸

Essa visão teocêntrica, ou melhor, cristocêntrica do ministério neotestamentário, é assim definida por Linden:

O Novo Testamento tem uma visão “teocêntrica” do ministério: Deus institui o ofício, capacita e escolhe as pessoas, dá o ministério (e as pessoas que estão nele) à igreja. Indo um pouco mais à frente, pode-se dizer que o Novo Testamento tem uma visão “cristocêntrica” do ministério. O ministro reflete o ministério do próprio Cristo. Por um lado, sendo servo como Cristo foi, evitando, assim, a busca por poder e soberania sobre a igreja (Mc 10.35-45). Por outro lado, a palavra anunciada pelo ministro chamado por Cristo, sempre que é a palavra pura de Deus e, portanto, em conformidade com a Escritura, deve ser ouvida como palavra não de homens, mas do próprio Cristo (Lc 10.16; 1 Ts 2.13).³⁵⁹

Porém, essa abordagem cristocêntrica do ministério não deve ser, segundo Linden, motivo para o estabelecimento de uma relação de poder assimétrico entre o pastor e seu rebanho. Os ministros são cooperadores de Deus (1 Co 3.9), sendo que nessa qualidade é que podem exortar o povo de Deus.

Eles não se baseiam em alguma autoridade “transferida” pela igreja; receberam-na de Deus, através da igreja, que os recebeu como dádivas divinas. Tal perspectiva evita que se examine a relação entre ministério e igreja como uma relação de poder, de ver “quem manda”! Ministros são servos de Cristo para o bem da sua igreja. A igreja recebe estes servos com honra e os ouve com fidelidade[...].³⁶⁰

³⁵⁷ “Porém, cada um de nós recebeu um dom especial, de acordo com o que Cristo deu. Como dizem as Escrituras Sagradas: Quando ele subiu aos lugares mais altos, levou consigo muitos prisioneiros e deu dons às pessoas. O que quer dizer “ele subiu”? Quer dizer que ele também desceu até os lugares mais baixos da terra, isto é, até o “mundo dos mortos”. Assim, quem desceu é o mesmo que subiu, acima e além dos céus, para encher todo o Universo com a sua presença. Foi ele quem “deu dons às pessoas”. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outras para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da igreja” Efésio 4. 7-11. Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

³⁵⁸ LINDEN, 2013, p. 52.

³⁵⁹ LINDEN, 2013, p. 53.

³⁶⁰ LINDEN, 2013, p. 55.

Começamos a ver, nas considerações expostas nessa seção, especialmente no posicionamento de Linden que, para a teologia luterana, o ofício pastoral, por mais digno e honrado que seja, está ligado a uma dimensão de serviço, nunca a uma dimensão de poder, não havendo na sua concepção elementos para o estabelecimento, por exemplo, da Síndrome de Listra, de um endeusamento de si próprio como pastor e enviado de Deus, como já descrito no capítulo anterior. Em breve retomaremos essa questão do ministério como essencialmente um serviço ao outro.

4.4 O conceito de ministério a partir da Reforma Protestante – o pensamento de Lutero

Na perspectiva delimitatória do tema, se quiséssemos circunscrever a pesquisa desse tema somente em Lutero, iríamos encontrar um conjunto de escritos extremamente vasto sobre o tema do ministério pastoral que, como diz Bouman, estarão ligadas a motivações, questões e contextos específicos a quem o reformador respondia.³⁶¹ Portanto, para se compreender a teologia de Martinho Lutero sobre o ministério pastoral é necessário situar o contexto histórico no qual cada escrito ou afirmativa teológica sua surgiram.³⁶²

Lutero, porém, nunca foi considerado pelos estudiosos como um teólogo sistemático, o que dificulta uma análise pragmática ou mesmo linear de sua teologia sobre o ministério. Portanto, por estar dispersa em diversos de seus escritos a doutrina do ministério em Lutero sempre será passível de diferentes olhares e interpretações por parte dos teólogos contemporâneos que buscam compreender e explicitar sua teologia. Para percebermos a dificuldade que existe na compreensão do tema em Lutero, buscamos a citação de Buss, no qual ele sinaliza para a crítica de diferentes teólogos que dizem perceber uma possível

³⁶¹ Seguem alguns dos escritos de Lutero em que o reformador trata diretamente sobre o tema ou pelo menos de forma relevante, conforme descreve Bouman no artigo supracitado e que julgamos importante citar como fonte de consulta primária. Utilizaremos como referência as Obras Seleccionadas de Martinho Lutero, na edição conjunta da Editora Sinodal e Editora Concórdia, citando-as abreviadamente na forma já usual de OSel, indicando o volume e as páginas do escrito. Naqueles escritos que ainda não estão traduzidos e publicados nas obras seleccionadas deixamos a referência no original WA, que diz respeito às obras de Lutero na edição alemã de Weimar. 1. A explanação de Lutero sobre a décima terceira tese relativa ao poder do Papa, 1519 (OSel. vol. 1, p. 385-332); 2. Do cativoiro babilônico da igreja, 1520 (OSel. vol. 2, p. 341-424); 3. À nobreza cristã da nação alemã, 1520 (OSel. vol. 2, p. 277-340.); 4. Direito e Autoridade de uma assembleia ou comunidade cristã de julgar toda doutrina, chamar, nomear e demitir pregadores. Fundamento e Razão da Escritura, 1523 (OSel. vol. 7, p. 25-36); 5. Como instituir ministros na Igreja, dirigido ao conselho e comunidade da cidade de Praga, 1523 (OSel. vol. 7, p. 81-113); 6. Fiel admoestação aos cristãos de Erfurt para se acautelarem contra doutrinas falsas e estimarem e prezarem mestres honrados, 1527 (WA 23:15 ss.; St. L. X: 1524 ss); 7. Uma prédica para que se mandem os filhos na escola, 1530 (OSel. vol. 5, p. 326-363); 8. Admoestação aos clérigos reunidos na Dieta de Augsburg, 1530 (WA 30 II: 340 ss.; St. L. XVI: 945 ss.); 9. Carta do Dr. Martinho Lutero sobre os intrusos e pregadores clandestinos, 1532 (OSel. vol. 7, p. 114-124); 10. Sobre a missa escusa e a ordenação de padres, 1533 (WA 38:237 ss.; St. L. XIX: 1220 ss); 11. Sobre os concílios e igrejas, 1539 (OSel. vol. 3, p. 300-432).

³⁶² BOUMAN, 1966, p. 2.

mudança ou descontinuidade da posição de Lutero frente à doutrina do ministério pastoral, argumento que Buss vai rejeitar ao final de seu artigo, afirmando que Lutero nunca chegou a se contradizer:

Enquanto alguns autores afirmam que o conceito de ministério de Lutero foi desenvolvido completamente nos primeiros anos de sua carreira como reformador, outros argumentam que, nos primeiros anos, Lutero enfatizava o sacerdócio universal dos cristãos em detrimento do ofício do Santo Ministério e que mais tarde ele mudou de ideia e então passou a conceder mais e mais autoridade ao ofício do Santo Ministério.³⁶³

O teólogo luterano Albérico Baeske, na sua introdução ao assunto ministério, descrito no volume sete das obras selecionadas de Lutero, faz algumas considerações gerais a respeito do pensamento e percurso de Lutero acerca desse tema teológico específico.

Para Lutero, a questão do ministério nunca foi um ponto central, embora ganhasse, no decorrer da sua reflexão teológica, em meio aos sempre novos desdobramentos práticos e comunitários da Reforma, algum peso e, no fim da sua vida, até certa sistematização. Jamais aboliu o ministério, todavia criticou violentamente o seu ser e fazer vigentes e contribuiu definitivamente para a recuperação do seu caráter e da sua função bíblicos. Preferiu falar em ordenação ao ministério, em vez de consagração. Em época nenhuma, pôs em dúvida, por princípio, o episcopado. Diferenciou, no entanto, de forma insofismável entre este e o papado, o qual não só considerou supérfluo, mas pernicioso. Em qualquer abordagem concernente ao ministério, Lutero aplicou o seu critério ubíquo: a proclamação da Palavra de Deus. O mesmo sucede tanto no anunciar da Lei e do Evangelho quanto no ministrar dos sacramentos. Lutero destacou sobejamente, como tarefa única do ministério, estar a serviço da Palavra de Deus.³⁶⁴

Baeske também diferencia quatro etapas no pensamento de Lutero acerca do ministério, apesar de alertar que demarcá-las com rigor seria algo temerário. A primeira etapa abrange o período de 1517 a 1520, onde Lutero desenvolve a sua compreensão do sacerdócio geral dos crentes e batizados em oposição crescente à hierarquia eclesiástica romana. A segunda etapa abrange o período de 1521 a 1523, no qual Lutero passa a insistir na importância de um ministério organizado e ordenado, em resposta crítica radical à perseguição do Evangelho pelas autoridades de Roma. Já no terceiro período, de 1524 a 1529, há um confronto aberto com os entusiastas, no qual Lutero passa a discorrer sobre como se interligam a palavra externa da pregação e a distribuição comunitária dos sacramentos com a palavra e ação internas do Espírito Santo. A última e quarta etapa ganha ímpeto após a Dieta de Augsburgo (1530), com o definitivo rompimento com Roma. Lutero vê a urgência de uma

³⁶³ BUSS, 2015, p. 9.

³⁶⁴ BAESKE, Albérico E.G.F. Ministério. Introdução ao assunto. In. LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. volume 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 73-79. p. 73-4.

ponderação meticulosa referente ao ministério, que se torna imperativa devido à necessidade de novos pregadores e à questão da sua ordenação. Lutero percebe que é impossível continuar com medidas e leis de emergência, que agora lhe carecem de embasamento teológico.³⁶⁵ De qualquer modo, para Baeske, Lutero sempre mantém uma linha coerente a respeito do ministério eclesiástico, não havendo contradições em seu pensamento teológico.³⁶⁶

Segundo Buss, Lutero tratou do tema do ministério pastoral ao longo de toda sua carreira. Um dos primeiros textos de Lutero a respeito do tema foi a carta a Espalatino, em 1519, quando afirma, baseado em I Pedro 2.5-9 e Apocalipse 5.10, que todo cristão é sacerdote e que o sacerdócio oficial da igreja não parece ser distinto dos leigos, senão pelo ofício de administração da palavra e sacramentos. Nesta carta Lutero questiona a origem da ordenação como um sacramento.³⁶⁷

Rieth também faz referência à primeira publicação específica de Lutero acerca do tema do ministério, intitulada “*Direito e Autoridade de uma Assembléia ou Comunidade Cristã de Julgar toda Doutrina, Chamar, Nomear e Demitir Pregadores - Fundamento e Razão da Escritura*” (1523), dirigida à comunidade de Leisnig, que queria reintroduzir o cargo de pároco da cidade. Com esse escrito, Lutero pretendia estabelecer um ministério paroquial evangélico adequado, porém a novidade estava no fato de partir da concepção do sacerdócio geral de todas as pessoas crentes.³⁶⁸

Buss descreve que, assim como Lutero se opõe à doutrina romana de um sacerdócio restrito ao clero – defendendo o sacerdócio geral de todos os crentes – ao mesmo tempo Lutero também ensina, baseado nas Escrituras, que Deus instituiu o ofício do Santo Ministério. Ainda conforme Buss, Lutero contrapõe a ideia romana dos sacerdotes serem considerados uma casta intermediária entre Deus e os homens, numa condição distinta e mais elevada em relação aos leigos. Cristo já garantiu o acesso de todos os cristãos ao Pai sem intermediários humanos, sendo que, em Cristo, todos os cristãos são sacerdotes. As funções

³⁶⁵ BAESKE, 2000, p. 74.

³⁶⁶ “Em ‘À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca da Melhoria do Estamento Cristão’ e ‘Do Cativo Babilônico da Igreja’ (1520) o entende como oriundo da delegação que a assembléia da comunidade efetua. No segundo escrito, chama de invenção papal o caráter sacramental da ordenação, desnecessária para a salvação. O que não o impede de afirmar, no primeiro, que o ministério é instituído por Deus para ‘dirigir o povo e a comunidade com a pregação e os sacramentos’. O que reforça em ‘Como Instituir Ministros na Igreja’ (1523), com a sua nítida distinção entre ‘sacerdote’, ou seja, o crente batizado, e ‘ministro’, isto é, o encarregado do ministério eclesiástico, o pastor, o pároco. A luta acirrada contra os entusiastas obriga Lutero a insistir no modo ordenado do ministério. Faz isto de forma palpitante na ‘Carta do Dr. Mart. Lutero sobre os Intrusos e Pregadores Clandestinos’ (1532). Acaba afirmando em ‘Dos Concílios e da Igreja’ (1539) que, para o bem da comunidade, o ministério como ‘instituição de Cristo’ é uma necessidade”. In: BAESKE, 2000, p. 76.

³⁶⁷ BUSS, 2015, p. 7.

³⁶⁸ RIETH, Ricardo W. Comunidade: introdução ao assunto. In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. volume 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 15-24. p. 20.

do sacerdócio geral e do ofício pastoral são as mesmas, sendo que apenas a esfera de atuação e o nível de responsabilidade é que variam entre elas.³⁶⁹ Já com relação à autoridade, sendo tanto o sacerdócio geral quanto o ofício pastoral dádivas de Deus, um não é hierarquicamente superior ao outro. Ambos são funções de serviço orientadas por Cristo e seu evangelho.³⁷⁰

Dreher, ao examinar a questão do chamado e ordenação pastoral a partir da teologia de Lutero, tira algumas conclusões importantes para o contexto temático da presente tese. Assim como Buss, para Dreher Lutero claramente elimina a doutrina romana da distinção de clero e laicato, negando igualmente o direito de ordenação feita por bispo, quando confere dignidade especial a um sacerdote.³⁷¹ No conhecido texto de Lutero *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão*, de 1520, Lutero diz:

Inventou-se que o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges sejam chamados de estamento espiritual; príncipes, senhores, artesãos e agricultores de estamento secular. Isso é uma invenção e fraude muito refinada. Mas que ninguém se intimide por causa disso, e pela seguinte razão: todos os cristãos são verdadeiramente do estamento espiritual, e não há qualquer diferença entre eles a não ser exclusivamente por força do ofício, conforme Paulo diz em 1 Coríntios 12.12ss: Todos somos um corpo, porém cada membro tem sua própria função, com a qual serve aos outros. Tudo isso se deve ao fato de que temos um Batismo, um evangelho, uma fé e somos cristãos iguais, porque é só o Batismo, evangelho e fé que tornam as pessoas espirituais e cristãs. Ora, o fato de que o papa ou bispo unge, faz tonsura, ordena, consagra, veste-se de forma diferente do que os leigos, pode perfazer um hipócrita ou um pseudosacerdote, jamais constitui, porém, um cristão ou pessoa espiritual. Assim, pois, todos nós somos ordenados sacerdotes pelo Batismo, como diz São Pedro em 1 Pedro 2.9: ‘Vós sois um sacerdócio real e um reino sacerdotal’ e Apocalipse [5.10]: ‘Com teu sangue tu nos constituíste sacerdotes e reis’. Pois se não houvesse em nós uma ordenação superior àquela dada pelo papa ou bispo, jamais se faria um sacerdote através da ordenação do papa ou bispo; ele tampouco poderia celebrar missa, nem pregar, nem absolver.³⁷²

Lutero rejeita, portanto, a possibilidade de os integrantes do estamento espiritual serem mais do que os leigos, sendo que cada cristão tem a mesma autoridade e o mesmo poder espiritual de um sacerdote, especialmente nos casos de necessidade.³⁷³ Acentuando a igualdade entre os cristãos, Lutero não deixa de acentuar as diferenças, que não estão no plano do estamento, mas simplesmente na “função e ocupação”. “As pessoas não têm dignidade maior ou menor, se atuam como artesãos ou se ministram sacramentos. Pois cada pessoa tem

³⁶⁹ BUSS, 2015, p. 36-9.

³⁷⁰ BUSS, 2015, p. 37.

³⁷¹ DREHER, Martin. Chamado e ordenação pastoral. In: BUSS, Paulo W. (Org.). *Lutero e o Ministério Pastoral*. Porto Alegre: Concórdia, 2015. p. 103-140. p. 111.

³⁷² LUTERO, Martinho. *À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão (1520)*. In: *Obras Seleccionadas*. vol. 2 – O Programa da Reforma e Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 277-340. p. 282.

³⁷³ Exemplo disso seria a realização do rito do batismo diante de uma criança à beira da morte.

sua função ou ocupação para servir”.³⁷⁴ Esse pensamento será melhor desenvolvido quando abordarmos o conceito de vocação em Lutero.

Dizem as confissões o próprio Lutero, acerca da distinção entre o sacerdócio universal e o ofício pastoral:

Muito embora todos sejamos sacerdotes, ainda assim não podemos nem devemos por isso todos pregar ou ensinar e governar. Contudo devem-se separar e eleger dentre toda a multidão alguns a quem se cometa esse ofício; e quem o exerce não é agora sacerdote em virtude do ofício (coisa que todos os demais o são), mas um servo de todos os demais. E quando já não puder ou quiser pregar ou servir, entre de novo para o grupo geral, transmite o ofício a outro e nada mais é que qualquer outro cristão comum. Vede, desta maneira deve-se fazer separação entre o ofício da pregação ou o ministério e o sacerdócio comum de todos os batizados. Pois que este ofício nada mais é do que um serviço público que é cometido à pessoa por parte de toda a congregação, onde todos são a um só tempo sacerdotes (cf. X, 1589).³⁷⁵

Há, porém, um elemento importante no ministério ordenado que Dreher faz questão de acentuar na teologia de Lutero, que é a instituição divina do ministério. Mesmo que já tenhamos tocado nesse ponto anteriormente, vejamos o que diz Dreher:

De onde procede a autoridade da pessoa chamada e ordenada? O fato de cristãos de uma cidade chamarem cidadão digno para o ministério ordenado não significa que o ordenado vai atuar por causa da autoridade dos que chamaram. O ordenado age na autoridade daquele que estabeleceu o ministério ordenado: Deus – Essa tese nos é importante: o ministério não brota, flui do sacerdócio de todos os crentes. É de instituição divina.³⁷⁶

A consequência dessa hermenêutica luterana é a de que o ministério não tem sua dignidade a partir de uma instituição divina direta, ou seja, aquele que ocupa o lugar ou papel de ministro religioso não possui um caráter de um indivíduo especial, com propriedades miraculosas e muito menos salvíficas.³⁷⁷

Em seu texto *Como Instituir Ministros na Igreja*, de 1523, Lutero também trata a respeito desse mesmo tema, desidealizando qualquer sacerdote que se queira julgar melhor ou mais importante do que outro cristão.

Por isso, em primeiro lugar, permaneça firme para ti a rocha irremovível de que no Novo Testamento não existe nem pode existir o sacerdote ungido externamente. Se existirem, são caricaturas e ídolos; não há exemplo nem prescrição, nem qualquer abonação nos evangelhos ou nas epístolas dos apóstolos que abonassem essa sua vaidade. Essas coisas foram estabelecidas e introduzidas por mera invenção humana, da mesma maneira como o fez outrora Jeroboão em Israel. Pois especialmente no

³⁷⁴ DREHER, 1998, p. 109-110.

³⁷⁵ LUTERO, *apud* MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Volume II. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1960. p. 245.

³⁷⁶ DREHER, 2015, p. 113.

³⁷⁷ DREHER, 2011, p. 31.

Novo Testamento, não se faz um sacerdote, ele nasce, não é ordenado mas criado. No entanto, não nasce pelo nascimento da carne, mas do Espírito, no banho da regeneração. Pois todos os cristãos são sacerdotes, e todos os sacerdotes são cristãos. Seja anátema quem afirma que o sacerdote é algo diverso do que é o cristão. Pois isso é uma afirmação sem Palavra de Deus, exclusivamente com base em palavras humanas, ou na opinião da maioria. Estabelecer qualquer uma delas como artigo de fé é sacrílego e uma abominação, como mostrei suficientemente em outro lugar.³⁷⁸

Por essas breves considerações já é possível afirmar que, em termos de proposição sistemática, a concepção luterana de ministério pastoral não parece colocar o pastor numa condição idealizada, acima dos demais cristãos, o que confirma uma das hipóteses de nossa tese, de que a idealização pastoral não faz parte da tradição luterana. Posto isso, o próximo aspecto a ser descrito é sobre como as Confissões Luteranas tratam do tema.

4.5 O ministério/ofício pastoral nas Confissões Luteranas³⁷⁹

Numa análise do ofício pastoral, conforme descrito nas Confissões Luteranas, Confissão de Augsburgo (1530), três artigos tratam do tema: Artigo V: Do Ofício da Pregação; Artigo XIV: Da Ordem Eclesiástica; e Artigo XXVIII: Do Poder dos Bispos. Vamos descrevê-los sem grandes comentários a respeito de seu conteúdo, visto estarem estritamente alinhados com o que já escrevemos acerca do pensamento expresso por Lutero em seus escritos pessoais.

No Artigo V – *Do Ofício da Pregação*, Melanchthon escreve o texto que depois foi aceito na Confissão de Augsburgo, adotada pelos que a apresentaram e pelas igrejas luteranas que se constituíram em seguida.

Para conseguirmos essa fé, instituiu Deus o ofício da pregação, dando-nos o evangelho e os sacramentos, pelos quais, como por meios, dá o Espírito Santo, que opera a fé, onde e quando lhe apraz, naqueles que ouvem o evangelho, o qual ensina que temos, pelos méritos de Cristo, não pelos nossos, um Deus gracioso, se o cremos. Condenam-se os anabatistas e outros que ensinam alcançarmos o Espírito

³⁷⁸ LUTERO, Martinho. Como Instituir Ministros na Igreja. In: *Obras Seleccionadas*. vol.7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 81-113. p. 93.

³⁷⁹ As confissões Luteranas são compostas pelos seguintes documentos e escritos: “A Confissão de Augsburgo” (1530), “A Apologia da Confissão de Augsburgo” (1530), “Os Artigos de Esmalcalde” (1537), Os Catecismos Maior e Menor (1529), e “A Fórmula de Concórdia” (1577). Citamos também o “Tratado sobre o poder e o Primado do Papa” (1537) de Melanchthon. Todas estas confissões foram reunidas num só livro e publicadas em 1580, sob o nome de “O Livro de Concórdia”, que é aceito hoje por muitas igrejas luteranas no mundo, inclusive a denominação investigada nessa pesquisa, a IELB. Essas igrejas afirmam: “Aceitamos todos os livros canônicos das Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamentos, como palavra infalível de Deus e, como exposição correta da Escritura Sagrada, aceitamos os livros simbólicos reunidos no Livro de Concórdia”. A Bíblia, porém, é a única norma e fonte na igreja para doutrina ou praxe.

Santo mediante preparação, pensamentos e obras próprias, sem a palavra física do evangelho.³⁸⁰

Segundo a interpretação de Dreher, aqui deve ser entendido que a palavra “ministério” ou “ofício” não se refere ao ministério desempenhado por um indivíduo especialmente vocacionado, mas sim referindo-se à função básica da igreja. Ou seja, foi à igreja (*ekklesia*) como um todo que foi dada a incumbência de desempenhar esse ministério e também a responsabilidade por ele.³⁸¹

Já no Artigo XIV – *Da Ordem Eclesiástica*, “se ensina que sem chamado regular, ninguém deve publicamente ensinar ou pregar ou administrar os sacramentos na igreja”.³⁸² Na síntese dos dois artigos percebe-se que o ofício da pregação e da administração dos sacramentos é dom do Deus Triúno, sendo criado para isso a função pastoral/ministerial. Porém, o poder não está sob os pastores ou sob sua função, mas sob a Palavra de Deus que dá origem à igreja, servida e cuidada pelos pastores.

Logo, segundo vai dizer Dreher, aquele que desempenha o ministério especial da pregação, “[...] carece de vocação, incumbência e poder especial. Essa vocação também pode ser chamada de *ordenação*. Os vocacionados continuam membros da *congregatio*. Na *congregatio*, e não ao lado dela, eles desempenham seu ministério”.³⁸³

Já no Artigo XXVIII – *Do Poder Eclesiástico*, Melanchthon também coloca esse poder sobre Deus e não sobre os homens, alertando para a nociva prática de se embaralhar e confundir os poderes espiritual e temporal. Este artigo da Confissão critica qualquer forma de exercício de poder temporal pelos bispos, afirmando que “o ofício episcopal é pregar o evangelho, perdoar pecados, julgar doutrina e rejeitar doutrina que é contrária ao evangelho, e excluir da congregação cristã os ímpios cuja vida ímpia seja manifesta, sem o emprego de poder humano, mas apenas pela palavra de Deus.”³⁸⁴

Mais adiante, Melanchthon acrescenta a respeito acerca do tipo de poder que é conferido aos bispos por Deus, novamente colocando o poder não sobre o indivíduo, mas sobre a ordem de Deus, conferida por graça aos que ocupam o ofício pastoral:

[...] o poder das chaves, ou poder dos bispos, é, segundo o evangelho, o poder ou ordem de Deus pregar o evangelho, remitir e reter pecados e administrar os sacramentos. Pois Cristo envia os apóstolos com essa ordem: “Assim como o Pai me

³⁸⁰ MELANCHTHON, Filipe. Confissão de Augsburgo. In: *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980. p. 30.

³⁸¹ DREHER, 2011, p. 32.

³⁸² MELANCHTHON, 1980, p. 34.

³⁸³ DREHER, 2011, p. 32.

³⁸⁴ MELANCHTHON, 1980, p. 57.

enviou, eu também vos envio. Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos”. [...] Esse poder é exercido apenas através do ensino ou pregação do evangelho e pela administração dos sacramentos a muitos ou a indivíduos, de acordo com a vocação.³⁸⁵

Não encontramos, portanto, também nos artigos da Confissão de Augsburgo, elementos que possam fundamentar uma teologia que idealize o ministério pastoral, muito pelo contrário, as Confissões nos auxiliam a desidealizá-lo.

4.6 Ministério pastoral: conceituação atual no mundo evangélico e Luterano

Iniciamos essa seção do trabalho definindo ministério pastoral a partir do Dicionário Brasileiro de Teologia, produzido pela Associação de Seminário Teológicos Evangélicos – ASTE. Essa definição nos permite ver uma definição atual, porém mais genérica, abarcando o mundo evangélico como um todo.³⁸⁶

O verbete *ministério pastoral*, de autoria de Sathler-Rosa, afirma que o ministério pastoral é parte constitutiva das igrejas, sendo mais do que uma vocação para o exercício de determinadas funções enraizadas na Bíblia e firmadas pela tradição eclesial. Envolve uma opção e um estilo de vida que são traduzidas em atitudes e caráter, pautados por ensinamentos bíblicos, no qual o pastor/a reconhecem uma vocação fundamental de viverem em amor, praticarem a solidariedade, exercerem a justiça e proclamarem a Boa Nova do Evangelho, em palavras e ações. “Ser pastor e ser pastora é um modo de ser, um modo de vida que se espelha no Pastor Supremo, Jesus Cristo, que viveu para servir”.³⁸⁷

Sathler-Rosa afirma que o ministério pastoral estaria inserido dentro de um contexto mais amplo, dos vários ministérios eclesiais na Igreja Primitiva. Porém, todos teriam um centro unificador comum, que é o serviço mútuo (*diakonia*), entendido como todo tipo de serviço reconhecido pela comunidade cristã como ministério. Já o ministério ordenado, para Sathler-Rosa, teria surgido como resultado do desenvolvimento dos múltiplos ministérios eclesiais, dividindo-se, tradicionalmente, em presbiterado, episcopado e diaconato. O presbiterado obteve o papel preponderante na vida das igrejas, passando os presbíteros a

³⁸⁵ MELANCHTHON, 1980, p. 88.

³⁸⁶ Essa visão mais ampla é que explica e justifica a linguagem inclusiva de gênero, visto que o ministério feminino não é reconhecido pela igreja luterana objeto específico dessa pesquisa.

³⁸⁷ SATHLER-ROSA, Ronaldo. Ministério pastoral. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortoletto. (Org.). São Paulo: ASTE, 2008. p. 649-651. p. 649.

serem chamados de pastores, expressão aplicada a aqueles que se dedicavam especialmente à assistência espiritual.³⁸⁸

Delimitando a definição de ministério pastoral, passemos a ver como esse tema é definido pela dogmática cristã de Mueller, que tem sido a principal base de ensino dogmático nos seminários da igreja luterana pesquisada, ou seja, a IELB.

Inserido dentro do capítulo *Do Ministério Público* (De ministério eclesiástico), a dogmática de Mueller indica que termo ministério é empregado pela Escritura e pela Igreja em dois sentidos: lato e restrito. No sentido lato ou geral, o termo designa toda forma de proclamação do evangelho ou de administração dos meios da graça, independente de quem os realize, sejam os cristãos ou os ministros eleitos e ordenados em nome da congregação cristã.³⁸⁹

Já no sentido restrito, o ministério pressupõe a existência de igrejas locais, pois ele só pode existir e ser estabelecido onde existirem essas congregações, tal como vão afirmar os Artigos de Esmalcalde, “...as igrejas devem conservar o poder de reclamar, eleger e ordenar ministros. [...] Onde há uma igreja legítima, haverá necessariamente também o poder para eleger e ordenar ministros”³⁹⁰ (Do Poder e da Primazia do Papa, par. 67).

Segundo Mueller, há uma relação íntima entre o ministério público e o sacerdócio espiritual de todos os crentes, porém ambos não são idênticos, visto a Escritura traçar uma distinção entre cristãos em geral e os pastores, bispos ou presbíteros que estão postos sobre os crentes. Essa distinção é apontada por Mueller, que a estabelece em quatro aspectos, baseados em texto bíblicos, conforme veremos a seguir.

O primeiro aspecto diz que, apesar de todos os crentes deverem conhecer e professar a verdade divina, os preceptores oficiais da igreja deveriam possuir um conhecimento superior da verdade divina e aptidão especial para ensinar (I Timóteo 3. 1-7; 5:22; Tito 1.5-11). Um segundo aspecto refere-se ao fato de que, apesar de todos os cristãos estarem incumbidos dos deveres e privilégios do ofício das chaves, Deus dá à igreja apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores para a obra do ministério (Efésios 4.11-12; I Coríntios 12. 28; Atos 20.28). O terceiro aspecto diz respeito à honra, ou seja, mesmo que todos os membros do corpo de Cristo devam possuir honra em abundância, os pastores precisam ser especialmente estimados como quem fala a palavra de Deus (Hebreus 13.7), devendo conseguir viver do evangelho (I Coríntios 9.14); também indica que os presbíteros que presidem bem devem ser

³⁸⁸ SATHLER-ROSA, 2008, p. 649-650.

³⁸⁹ MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. Volume II. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1960. p. 242

³⁹⁰ MUELLER, 1960, p. 242.

considerados merecedores de dobrada honra (I Timóteo 5.17,18), assim como ser acatados com apreço pela comunidade de fé (I Tessalonicenses 4. 12-13), bem como receberem a obediência dos crentes (Hebreus 13.17). Como último aspecto, o povo de Deus deve considerar os pastores como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus (I Coríntios 4.1, 6; 3.21).³⁹¹ Estes quatro elementos, para Mueller, estabelecem uma distinção entre o sacerdócio espiritual de todos os crentes, dos crentes que são chamados a serem ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus.

Numa leitura dessa seção da dogmática, pensamos que muitos poderiam depreender a existência de um status diferenciado entre pastor e “leigo”, mesmo que essa não pareça ser a intenção de Mueller.

Linden, teólogo luterano contemporâneo já referenciado anteriormente, ao tratar do tema ministério pastoral, também o diferencia do sacerdócio universal de todos os crentes, definindo ministério da seguinte forma:

O ministério (ofício pastoral) não é uma invenção da igreja, não é um arranjo humano. Não é nem mesmo um ofício sobre o qual a igreja possa escolher ter ou não. O ministério (ofício da pregação) é instituição de Deus. Podemos vê-lo já no Antigo Testamento, com os levitas, sacerdotes e os profetas. Mas no Novo Testamento temos uma visão ainda mais clara, a partir do chamado que Jesus fez aos apóstolos. Neste chamado, ficou evidente que Ele os queria preparar para um trabalho especial no Seu reino (Mt 4.18-2; 10.1ss)³⁹²

Esse conceito de ministério enquanto uma instituição divina, é também trazido por Mueller em sua dogmática. Baseia-se também em cinco aspectos, novamente a partir de uma seleção de textos bíblicos para fundamentá-los: a) da praxe dos santos apóstolos e de sua ordem aos seus sucessores que ordenassem presbíteros designando-os para todos os lugares em que houvessem igrejas locais (Atos 14.23; 20.17-18; Tito 1.5); b) da descrição dos requisitos pessoais dos ministros públicos (I Pedro 5.3; I Timóteo 3.2-7); c) da descrição de suas funções e deveres (Tito 1.9-11; I Timóteo 3.5; I Pedro 5.1ss; etc.); d) da distinção que a Escritura faz entre os presbíteros ou bispos e todos os demais crentes (I Coríntios 12.28,29); e) da honra e dignidade que se atribuem a todos os que oficialmente ensinam a palavra (Hebreus 13.7; I Coríntios 4.1).³⁹³

Uma outra obra a que devemos fazer referência na compreensão atual de ministério eclesial para a igreja Luterana é *Igreja, Ministério, Chamado e Ordenação: estudos a partir de Lutero*, do teólogo luterano Martin Dreher, numa publicação conjunta das duas

³⁹¹ MUELLER, 1960, p. 244.

³⁹² LINDEN, 2013, p. 53.

³⁹³ MUELLER, 1960, p. 245-6.

editoras luteranas oficiais, da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e da IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil).³⁹⁴ Essa obra já foi referida em inúmeras oportunidades ao longo das últimas páginas. Para Dreher, quando se fala de ministério eclesial na concepção luterana não se poderia falar dele como uma instituição, mas sim compreendê-lo a partir da causa de sua existência, que é funcional, da transmissão da Palavra e sacramento, para a edificação da congregação. Mesmo que já tenhamos tocado nesse mesmo ponto anteriormente reiteramos o posicionamento luterano citando Dreher:

Segundo concepção luterana, o ministério não tem sua dignidade a partir de uma instituição divina direta. Não há um mandato evidente para uma tal instituição divina, e principalmente não há um caráter especial com propriedades salvíficas. Tal caráter, “substância”, existe tão somente em relação à pregação do evangelho e à administração dos sacramentos, isto é, em relação à “substância” da incumbência, de modo que o ministério eclesial tem sua dignidade teológica tão somente a partir de evangelho e sacramento e não *per se*.

Por outro lado, ou além disso, segundo concepção luterana, o ministério eclesial não tem sua dignidade a partir de uma concepção sacerdotal e também não a partir de uma necessidade de direção e de jurisdição eclesial. Sua dignidade vem da dignidade presente nos “meios da graça”, Palavra e sacramento, por causa da sua instituição divina.³⁹⁵

Entendemos aqui que, mesmo que o ministério seja uma instituição divina, não há elementos suficientes para o idealizarmos, nem sendo essa a intenção da igreja luterana que, pelo contrário, sempre enfatiza a dimensão do serviço daquele que pretende se candidatar ao ministério ou ofício pastoral.

Encerrando essa breve exposição do pensamento de Lutero sobre o ministério pastoral, é pertinente citar uma das conclusões de Fagerberg, onde o autor traça um panorama histórico das diferentes interpretações de ministério dentro do contexto confessional luterano. Citamos uma de suas conclusões sobre o tema, baseadas na visão funcional de ministério.

Deus instituiu um serviço, o ofício do ministério. Todos os que ocupam esse ofício são fundamentalmente iguais. A autoridade para exercer funções eclesiais é comum a todos, sejam eles denominados pastores, sacerdotes ou bispos [Tr:61]. Essa similaridade encontra sua justificativa final no fato que não havia qualquer diferença de autoridade entre Pedro e os outros apóstolos. Quando Pedro confessou a Jesus como o Messias (Mt 16.16), falou como representante de todos os outros apóstolos. A mesma autoridade que ele recebeu, foi outorgada por Jesus aos demais apóstolos (Mt 18.19; Jo 20.23) [Tr: 22-24]³⁹⁶

³⁹⁴ DREHER, Martin N. *Igreja, ministério, chamado e ordenação*: estudos a partir de Lutero. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

³⁹⁵ DREHER, 2011, p. 31-2.

³⁹⁶ Tradução própria. FAGERBERG, Holsten. *A new look at the Lutheran Confessions*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1988. p. 236: “God has instituted a service, the office of the ministry. All who occupy this office are fundamentally alike. Authority to exercise ecclesiastical functions is common to all, whether they are called pastors, priests, or bishops.[Tr 61]. This similarity has its final justification in the fact that there was no

4.7 Chamado e vocação para o ministério

Os conceitos de chamado e vocação também são importantes na construção da imagem e identidade pastorais. Os dois termos serão tratados numa mesma seção, afinal “chamado” deriva-se do conceito latino *vocatio*, sendo que ambos têm sido historicamente utilizados para fazer referência ao ministério pastoral e às ordens religiosas.³⁹⁷ Noé também aborda a relação entre os dois termos afirmando:

Embora seja possível, em sentido lato, falar em “vocação” para o “chamado” que aqueles e aquelas candidatos(as) ao exercício da liderança espiritual em suas respectivas igrejas e denominações afirmam “ouvir” ou “sentir”, dentro do amplo espectro do cristianismo, quiçá, eventualmente, inclusive, em outras religiões não cristãs, é no catolicismo romano, não obstante que a expressão adquire uma compreensão e um emprego em sentido estrito.

Esse *sensu stricto* deriva o termo “vocação” da palavra latina *vocare*, que significa “chamar”, cuja raiz é constituída pela palavra *vox*. Todavia, no contexto da expressão, sempre é compreendida na voz passiva, isto é, “ser chamado(a)”. Em outras palavras, onde se fala em vocação, entende-se “ser vocacionado”, ou seja, em uma formulação livre, ouvir a voz que chama.³⁹⁸

A doutrina da vocação ou chamado em Lutero é uma das grandes e originais contribuições do reformador para a compreensão da vida espiritual. Ao mesmo tempo que Lutero se mostra crítico quanto às tentativas de ascender ao divino, insistindo que Deus é quem desce ao pecador pelos meios da graça, Lutero lança as bases para o que poderíamos chamar de misticismo da vida comum. Sobre isso, diz o doutor e cristão luterano Gene E. Veith Junior:

Se ele (Lutero), em alguns momentos, minimiza os seres humanos como sendo pecadores e limitados, em sua doutrina da vocação, por outro lado, ele exalta os seres humanos em um grau perturbador. Na doutrina da vocação, temos uma espiritualidade “pé no chão” que transfigura a nossa vida prática, diária.³⁹⁹

O conceito de vocação e trabalho estão bastante associados, sendo que o próprio ser, por vezes, está amarrado a sua condição profissional. Já tratamos disso no primeiro capítulo,

difference is authority between Peter and the other apostles. When Peter confessed Jesus as the Messiah (Matt. 16:16), he spoke as the representative of the other apostles. The same authority he received from Jesus was given to the remaining apostles. (Matt. 18:19; John 20: 23) [Tr 22-24].

³⁹⁷ VEITH JUNIOR, Gene Edward. *A espiritualidade da cruz: os caminhos dos primeiros evangélicos*. Porto Alegre: Concórdia, 2014, p. 77.

³⁹⁸ NOÉ, Sidnei Vilmar. A vocação sublime: da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa. In: *Psicologia USP*. São Paulo, janeiro/março 2010, vol. 21, n. 1, p. 165-182. p. 169. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v21n1/v21n1a09.pdf> > Acesso em: 23 jun. 2014.

³⁹⁹ VEITH JUNIOR, 2014, p. 72.

na discussão da identidade do presbítero e identidade presbiterial. Isso por vezes pode gerar uma confusão, no sentido de que utilizamos o nosso trabalho como um pretexto para negligenciarmos o que talvez sejam ofícios mais importantes que também temos, como de esposo ou pai, por exemplo. Nesse sentido, afirma Veith Jr.

Hoje em dia, mais do que no tempo de Lutero, definimos a nós mesmos pelo nosso trabalho. Nossas agendas cheias, nossos múltiplos compromissos e a maneira pela qual somos empurrados nas mais diferentes direções de uma só vez, frequentemente nos deixam exaustos. Não fica sempre claro se as nossas prioridades são corretas ou se algo do que fazemos valha a pena. O trabalho geralmente parece prejudicial à vida espiritual, envolvendo comprometimentos morais, prioridades “mundanas” e abandono de nossas famílias. As pressões do trabalho, incluindo quando falhamos ou quando não temos tanto sucesso quanto gostaríamos, também podem ser paralisantes. Mesmo assim, o trabalho, de uma forma ou de outra, permanece no centro de nossas vidas, como o objetivo de nossas ambições e realizações.⁴⁰⁰

Importante ainda ressaltar que o conceito de vocação, a partir de Lutero, deixou de ser utilizado apenas no contexto eclesiástico, passando a se referir também aos ofícios e ocupações seculares. Há múltiplas vocações, sendo que elas coexistem em esferas ou ordens distintas, tais como família, estado e igreja. Abrange, portanto, a vocação de esposo/esposa, pai/mãe, filho/filha, as diferentes vocações profissionais (professores, advogados, operários, pastores etc), a vocação espiritual (de crentes ou filhos/filhas de Deus), a vocação de cidadão/cidadã etc. Diz Lutero, em seu Comentário a Gálatas:

Assim, aquele que é magistrado, ou pai de família, ou empregado, ou mestre, ou aluno etc., permaneça na vocação em que se encontra e nela execute, digna e fielmente, a sua tarefa sem se preocupar com aquelas coisas que estejam fora de sua vocação. Procedendo assim, terá glória em si mesmo, de maneira que possa dizer: “Com a máxima fé e diligência que pude, fiz a obra da vocação que me foi confiada por Deus e, por essa razão, sei que essa obra, feita na fé e em obediência a Deus, lhe agrada.”⁴⁰¹

Portanto, em cada uma dessas vocações que o cristão assume na sua vida Deus se faz presente.⁴⁰² Nesse sentido Lutero jamais faz uma hierarquização de vocações, no sentido de uma vocação ter maior honra, valor ou dignidade do que a outra. Todas são igualmente dignas diante de Deus, pois em todas as vocações o ser humano serve ao seu próximo e semelhante.

O teólogo sistemático Gustaf Wingren, em sua obra *A vocação Segundo Lutero*, afirma que a vocação sempre está direcionada numa dimensão “para baixo”, no sentido do serviço em amor ao próximo. Para Lutero tanto mais isso diz respeito aos que ocupam cargos

⁴⁰⁰ VEITH JUNIOR, 2014, p. 73.

⁴⁰¹ LUTERO, Martinho. Comentário à Epístola aos Gálatas. In: *Obras Selecionadas*. vol. 10. São Leopoldo: Sinodal, Canoas: ULBRA, Porto Alegre: Concórdia, 2008. p. 22-557. p. 535.

⁴⁰² VEITH JUNIOR, 2014, p. 75-79.

elevados, como príncipes e demais autoridades, entre as quais podemos incluir as autoridades eclesiais. Diz Wingren, comentando esse posicionamento de Lutero:

Querer ser exaltado ao invés de servir, considerar o ofício como possibilidade de poder pessoal ao invés de serviço – é uma ofensa contra a vocação. Mediante essa ofensa, afasta-se o homem da cooperação com Deus e vem, ao contrário, trabalhar contra Deus. Dessa forma, torna-se um empecilho e um inimigo no caminho do amor autodoador do Criador. Essa ambição que se exalta, essa falta de amor, esse desejo de poder é orgulho, *superbia*; é comprometer-se com o poder do pecado e Satanás.⁴⁰³

Nesse contexto de vocação se insere o conceito de *máscara de Deus* utilizado por Lutero.⁴⁰⁴ Nas suas vocações o ser humano torna-se máscara de Deus sobre a terra, aonde quer que esteja atuando, agindo em favor dos outros, como instrumento nas mãos de Deus, ou seja, Deus se revela ao mundo através das ações humanas, tanto mais daqueles que se tornaram cristãos pelo Batismo e pela fé em Cristo. Diz Lutero a esse respeito na sua *Exposição aos Salmos* (1532), analisando o salmo 147.

Toda a nossa obra no campo, no jardim, na cidade, no lar, na batalha, no governo – o que significa isso face a Deus senão uma brincadeira de criança por meio da qual Deus se agrada em conceder seus dons no campo, no lar e em toda a parte? São essas as máscaras do nosso Senhor Deus, por trás da qual ele deseja ocultar-se e fazer todas as coisas...⁴⁰⁵

Wingren ainda complementa acerca dessa dimensão solidária, diacônica e missionária da vocação:

Na sua vocação, o homem faz obras que possibilitam o bem-estar dos outros; pois assim Deus realiza todos os ofícios. Através da sua obra nos ofícios do homem, prossegue a obra criadora de Deus e essa obra criadora é o amor, uma profusão de bens e dons. Com as pessoas nas suas “mãos” ou “cooperadores”, Deus concede seus dons através das vocações terrenas em benefício da vida do homem na terra. [...] Pela vocação dos pregadores, Deus concede o perdão dos pecados. Assim, o amor vem de Deus, fluindo para os seres humanos sobre a terra por meio de todas as vocações não só através do governo espiritual como também do secular.⁴⁰⁶

Veith Jr., em outra obra que trata da vocação, aprofunda essa questão dentro de nosso contexto temático, de onde depreendemos a necessidade de uma possível desidealização pastoral, ao afirmar:

⁴⁰³ WINGREN, Gustaf. *A vocação segundo Lutero*. Tradução Martinho Lutero Hoffmann. Canoas: ed. ULBRA, 2006. p. 141.

⁴⁰⁴ Um autor luterano contemporâneo que aborda essa temática da *máscara de Deus* é o doutor e teólogo Vitor Westhelle, em sua obra *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, especialmente ao longo do capítulo seis. In: WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008. p. 103-116.

⁴⁰⁵ LUTERO, apud WINGREN, 2006, p. 150.

⁴⁰⁶ WINGREN, 2006, p. 42.

A doutrina da vocação transparece em muitas das influências do protestantismo na cultura, embora muitas vezes sejam mal compreendidas. Se o Protestantismo resultou no aumento do individualismo, isso não foi causado pelo fato da teologia ter transformado a pessoa na autoridade suprema. Pelo contrário, a doutrina da vocação encoraja a atenção aos talentos, à personalidade e à singularidade de cada pessoa. Estes são considerados como dons de Deus, que criou e equipou cada pessoa de um modo diferente para a vocação que ele tinha em mente para a vida de cada uma delas. A doutrina da vocação questiona a conformidade, reconhece o valor único de cada pessoa e celebra as diferenças humanas, mas coloca essas pessoas numa comunidade como outras pessoas, evitando o narcisismo egoísta e exclusivo do individualismo secular.⁴⁰⁷

Mais adiante Veith Jr. também aborda Lutero e o conceito de vocação como máscara de Deus, levando-nos a perceber o quão perto Deus está do ser humano e como age e transforma nossas vidas. A vocação, porém, não está circunscrita apenas no âmbito da lei ou do dever, pelo contrário, a ênfase que Lutero dá é que a vocação está no âmbito do evangelho, sendo uma manifestação da ação de Deus, e não nossa. Nesse sentido, diz o autor, “vocação não é uma outra carga que nos é infligida, que nos fará tropeçar, mas uma área na qual podemos experimentar o amor e a graça de Deus tanto nas bênçãos que recebemos dos outros como na maneira como Deus está agindo por nosso intermédio apesar de nossas falhas”.⁴⁰⁸

Julgamos pertinente descrever essas observações preliminares sobre o conceito de vocação dentro da hermenêutica luterana, pois elas parecem não idealizar o ofício pastoral, no sentido de não o colocarem, hierarquicamente, acima de outras vocações. Porém, vamos agora tratar da vocação pastoral de forma mais pontual e específica.

4.7.1 A vocação ao ministério ou ofício pastoral

Segundo Veith Jr., o fato de Deus chamar o seu povo por meio da sua Palavra implica que há a necessidade de pregadores. Nesse sentido, a vocação do pastor é realmente um ofício especial, mesmo que não tenha mais mérito do que qualquer outra vocação, como dissemos acima. Porém, o ofício pastoral não está apenas a serviço do mundo, mas ao reino espiritual de Deus, no sentido de que Cristo age no trabalho do pastor de modo libertador. “É Cristo quem está pregando, batizando, presidindo a Santa Ceia e, num sentido mais profundo, ‘ministrando’ a seu povo por intermédio do vaso de barro do pastor”.⁴⁰⁹ Aprofundando esse

⁴⁰⁷ VEITH JÚNIOR, Gene Edward. *Deus em ação: a vocação cristã em todos os setores da vida*. [tradução Lúcia Kerr Jóia]. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 17.

⁴⁰⁸ VEITH JÚNIOR, 2007, p. 19.

⁴⁰⁹ VEITH JÚNIOR, 2007, p. 94.

conceito, Veith Jr. faz uma correlação já bastante referenciada em nossa tese, do Bom Pastor, mas que agora está inserido no conceito de vocação:

O Cristo ressurreto pediu a Pedro: “apascenta as minhas ovelhas (Jo 21.17). Um *pastor* cuida de suas ovelhas. O pastor é alguém que cuida das ovelhas desgarradas e rebeldes que formam a congregação, alimentando-as com a Palavra de Deus e os sacramentos, protegendo-as dos lobos e falsos mestres, procurando pelas ovelhas perdidas e levando o seu rebanho para as verdes pastagens da vida eterna. Naturalmente, o próprio Jesus Cristo é o verdadeiro Pastor – o Bom Pastor que dá a sua vida pelas suas ovelhas, cuja voz elas reconhecem (Jo10.1-16); por isso ele é o nosso verdadeiro pastor. Mas assim como o nosso Pai celeste faz uso dos nossos pais terrenos, o Senhor, como nosso Pastor, faz uso dos pastores terrenos. Cristo realiza o seu pastorado, na maioria das vezes, por intermédio da vocação do pastor.⁴¹⁰

Nessa afirmativa é possível perceber o renascimento de uma tensão entre a completa humildade da função pastoral com uma possível idealização do ministério, pela aproximação dos pastores com a representação da figura do Bom Pastor Jesus, mesmo que isso possa ocorrer como um fenômeno inconsciente.

Partindo para um outro enfoque do tema vocação, para o teólogo luterano Martin Dreher, a única legitimidade para o exercício do ministério pastoral é o *chamado*. No tempo dos profetas e apóstolos era o próprio Deus quem chamava diretamente pessoas para assumirem esta condição. Hoje, na doutrina luterana, Deus continua a chamar os responsáveis pelo ministério por ele instituído de maneira mediada, ou seja, por meio de pessoas, agindo de maneira oculta. “É através da *vocatio* externa que o ministro recebe a autoridade para o exercício do anúncio público na igreja”.^{411f}

Segundo Lutero a *vocatio* interna é inapropriada para servir de base para a autoridade ministerial. Já no chamado externo, o ministro é autorizado e legitimado e recebe penhor visível de sua autorização, adquirindo um caráter público de comprometimento para o serviço.⁴¹² O ministério público, portanto, se distingue do sacerdócio universal não pela competência pessoal ou carisma especial divino, mas sim pelo chamado externo da comunidade.

Percebe-se aqui, que no conceito de vocação há um uma diferença significativa entre a teologia católica romana e a teologia luterana, sendo que essa diferença tem profundas implicações na construção da identidade em cada uma das denominações. Mesmo que na teologia romana não haja o estabelecimento de uma *vocação ontológica*, ou seja, uma

⁴¹⁰ VEITH JÚNIOR, 2007, p. 95.

⁴¹¹ DREHER, 2015, 127-8.

⁴¹² DREHER, 2015, p. 128-9.

vocação dada ao ser humano antes de seu nascimento, há algo que se aproxima disso, expressa em diferentes documentos eclesiais, onde se vai falar de uma “identidade ontológica do presbítero”.⁴¹³ Nessa visão a ordenação imprime um caráter indelével ao presbítero: uma vez ordenado, o indivíduo se torna presbítero até a morte. Conforme diz Dom Valfredo Tepe, citado por Santos:

A expressão “identidade ontológica” não se refere a categorias filosóficas, e sim teológicas. Nenhuma reflexão metafísica explica a “identidade ontológica” do cristão. Alguém é cristão – tem a “identidade ontológica de cristão” – pela fé em Cristo, firmada sacramentalmente pelo batismo. A identidade ontológica do padre é do mesmo nível e é expansão da identidade básica de ser cristão.⁴¹⁴

Esse caráter indelével ou identidade ontológica é rejeitado pela teologia luterana, por não acreditar que exista uma modificação no “ser espiritual” do pastor após sua ordenação. Ele permanece sendo um cristão “normal”, apenas investido de uma função específica de serviço no reino de Deus. Essa visão, de certa forma, contribui para que não haja elementos de idealização na construção da identidade pastoral dentro do meio teológico luterano.

Sidnei Noé, outro teólogo luterano, lança ainda uma reflexão interessante sobre uma terceira face do conceito de vocação, que muito nos interessa pelo seu viés psicológico, que complementaria o viés teológico e sociológico da vocação. A pergunta feita por Noé é sobre o quanto cada indivíduo acredita num chamado interior, que surge “de dentro”, ouvido como voz interior para o ministério pastoral? Vejamos a reflexão do autor:

Não em detrimento, mas complementarmente, poderíamos nos perguntar se, além do chamado sociológico e do chamado de caráter estritamente teológico, também não haveria uma espécie de chamado psicológico que comporia uma das variáveis fundamentais para a constituição da vocação religiosa? Ou seja, se, além do chamado “de fora” e do chamado “do alto”, seria possível diferenciar o aspecto psíquico dos demais, no sentido de vislumbrar nele uma pré-disposição interior para a constituição da vocação religiosa, que, por sua vez, pode ou não estar relacionada com a exposição do sujeito ao imanente ou ao transcendente?⁴¹⁵

Noé não nega, porém, que mesmo nesse possível chamado “de dentro” ainda há a presença do *extra nos*, ou seja, um chamado que em última instância sempre está ligado ao ser chamado “por Deus”. O que Noé busca fazer em seu artigo é a análise de possíveis *motivos inconscientes* implicados na escolha da vocação religiosa, deixando um pouco de lado o

⁴¹³ SANTOS, 2010, p. 125.

⁴¹⁴ TEPE, Valfredo. (1994) *apud* SANTOS, 2010, p. 125.

⁴¹⁵ NOÉ, 2010, p. 166.

elemento teológico, no qual parte de estudos da Psicologia da Religião, mais especificamente do padre jesuíta Antonius Benkö. Entram na discussão de Noé os elementos da família de origem como fundamentais na escolha vocacional. Noé irá concluir que certamente “sob o ponto de vista psicanalítico, há motivos inconscientes decisivos predispostos no bojo do desenvolvimento individual, cuja raiz se encontra na base sociocultural e que vão culminar na decisão pela vida religiosa”.⁴¹⁶ Lamentavelmente, pela configuração da metodologia de pesquisa utilizada na presente tese, essas serão questões que não poderão ser investigadas ou comprovadas nessa pesquisa.

Quando buscamos um olhar para como os próprios pastores da denominação pesquisada interpretam a questão da vocação ministerial, verificamos que 94% dos pastores respondentes concordam com a afirmativa de que “sentem terem sido escolhidos e vocacionados por Deus ao ministério pastoral” (questão 17). Apenas um pastor discordou totalmente e três pastores discordaram em parte, perfazendo 1% dos que discordam sobre a questão da escolha e vocação divina para o ministério. Tal como dissemos acima, aqui talvez caberia um aprofundamento de como esse conceito é entendido pelos pastores respondentes, buscando verificar o quanto esse sentimento de ter se sentido vocacionado e escolhido por Deus estaria ligado a uma “voz interior” ou a motivos inconscientes. A análise disso só poderia ser feita a partir de uma pesquisa de cunho qualitativo, com entrevistas mais aprofundadas com os pastores, o que não foi possível realizar no presente estudo.

4.7.2 Elementos na vocação de pastores da Igreja Luterana - IELB

Um elemento não essencial, mas relevante para o leitor dessa tese, para melhor compreensão do contexto da questão em pauta, é a exposição de uma breve descrição de características do público-alvo objeto da pesquisa: os pastores da IELB. Como são recrutados aqueles que se sentem vocacionados ao ministério pastoral da IELB? Qual a origem étnica e comunitária predominante dos mesmos? Qual o seu perfil? Em que moldes ocorre a sua formação teológica?

Começamos essa descrição lembrando que, para a IELB, o ministério ordenado só pode ser exercido por pessoas do sexo masculino, sendo esse já um critério limitador no recrutamento de futuros pastores. A origem étnica da grande maioria dos pastores, assim como dos recentes candidatos ao ministério pastoral da IELB é teuto-brasileira. Já a origem geográfica permanece sendo de regiões rurais ou de municípios do interior, de diferentes

⁴¹⁶ NOÉ, 2010, p. 174.

estados brasileiros, com uma maior predominância dos Estados do Espírito Santo, Rondônia, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Há, entretanto, um crescente aumento de candidatos oriundos de regiões metropolitanas. Já no perfil da faixa etária e estado civil dos candidatos a seminaristas, há a prevalência do recrutamento de jovens solteiros na faixa dos 17 a 21 anos. Tem havido, porém, um aumento significativo de vocações tardias, que já chegam no Seminário casados e, muitos deles, já com filhos.

Há alguns pré-requisitos que precisam ser preenchidos pelo candidato para seu ingresso no Seminário. São eles: ser membro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) há pelo menos três anos; ter o ensino médio concluído ou estar cursando o 3º ano do ensino médio quando da sua inscrição; ser aprovado no curso preparatório e nos testes finais do Seminário e no vestibular na ULBRA.

Para o curso preparatório o candidato precisa ler e fazer provas acerca de um conjunto de textos e obras indicadas pelos professores do Seminário. Após esse curso preparatório, caso obtenha aprovação, o candidato vem para a última etapa do processo seletivo, que consta de: a) Prova de conhecimentos bíblicos e doutrinários (mesmo conteúdo estudado durante o ano); b) teste psicológico; c) entrevista com os Professores; d) vestibular da ULBRA.

Além de todas essas etapas, o candidato a seminarista deverá trazer uma carta de recomendação do pastor da comunidade a que é filiado, assim como essa recomendação deve ser submetida ao conselho distrital. O pastor conselheiro-distrital, portanto, também assina uma segunda carta de recomendação, em nome do distrito a que a comunidade está filiada.

O processo de formação teológica ocorre em modelo conventual, em regime de internato. Os alunos, atualmente, precisam cumprir um duplo programa acadêmico, que ocorre concomitantemente. Cumprem os quatro anos do programa do Curso de Teologia da ULBRA, reconhecido pelo MEC, ao mesmo tempo que cumprem um programa complementar de formação ministerial mais específico da igreja luterana no próprio campus do Seminário Concórdia. Concluído esses primeiros quatro anos de estudo, após a formatura na ULBRA, o aluno é designado para cumprir um ano de estágio numa comunidade luterana, sob a supervisão de um pastor. Finalmente, o seu processo formativo é finalizado com o retorno ao Seminário Concórdia, para mais um ano de estudos complementares. Ao término desse o seminarista forma-se pastor da IELB, sendo designado para assumir um chamado pastoral em alguma comunidade do país ou mesmo no exterior.

4.8 A Ordenação Pastoral

Segundo Sathler-Rosa, o ministério ordenado surgiu como um resultado do desenvolvimento dos inúmeros ministérios eclesiais existentes, sendo observado na Igreja Cristã a partir do século III, provavelmente com Tertuliano, a quem se atribui pela primeira vez o uso dos termos *ordem e ordenação*.⁴¹⁷

Bouman, ao tratar da diferença de “valor” entre a ordenação romana e luterana, demonstra que Lutero se insurge contra a visão quase mágica e deificada do rito de ordenação sacerdotal de sua época, afirmando:

De acordo com a doutrina romana, a ordenação sacerdotal era considerada um sacramento que, posto em prática, imprimia ao sacerdote um caráter indelével e lhe infundia poderes peculiares que um cristão comum não possuía, como, por exemplo, a faculdade de realizar a consubstanciação dos elementos. Contra essa concepção Lutero se insurge de modo impetuoso. A ordenação está intimamente relacionada com o chamado, até mesmo equiparada a ele. Ele diz que "o sacramento da ordenação não passa de um certo uso no sentido de chamar regadores para a igreja ... E se, por isso, o sacramento significa alguma coisa, nada mais pode ser do que a praxe de chamar alguém para o serviço da igreja" (XIX: 144.117) “E, desta forma, a consagração ou carisma está bastante distanciado da ordenação ou chamado para o ofício público e cristão da pregação e do ministério” (XIX: 1249).⁴¹⁸

Para Lutero, portanto, “ordenar” é sinônimo de “chamar”, tratando-se de ato externo, realizado por seres humanos no qual a Igreja age e no qual acontece o chamado de Deus a um ministro.⁴¹⁹

Dreher, entretanto, ao tratar do tema da ordenação em Lutero, diz que há dois grandes grupos de interpretação baseados nos escritos diversos do próprio Lutero. Os primeiros dizem que, muito mais do que simplesmente a declaração pública da vocação, a ordenação é a própria vocação, entendida como comissionamento para o ministério e a transmissão da bênção para o seu desempenho. Já outros vão dizer que a ordenação é um ato de bênção de caráter declaratório, através do qual o ministério da comunidade é publicamente conferido ao ordenado.⁴²⁰

Já em outro de seus escritos, ao falar dos três momentos da ordenação, que envolvem o exame, a bênção e a *missio*, Dreher mais uma vez sinaliza para uma possível tensão entre a idealização e a desidealização do ministério quando descreve e trata do momento da bênção: “A bênção, por imposição de mãos, através da qual o examinado e chamado é “sequestrado”

⁴¹⁷ SATHLER-ROSA, 2008, p. 649 ss.

⁴¹⁸ BOUMAN, 1966, p. 12.

⁴¹⁹ DREHER, 2015, p. 108.

⁴²⁰ DREHER, 2015, p. 105.

para esse ministério especial. Isto é, toda a sua existência e pessoa estão a serviço do ministério. O ordenado não é colocado em um “estado especial”; ele está compromissado com o ministério”.⁴²¹ Aqui vemos, que apesar de não ser colocado num “estado especial”, o compromisso com o ministério pastoral envolve toda a existência e pessoa do pastor, que se colocam ao inteiro serviço desse ministério. Como lidar com essa tensão passa a ser o grande desafio de cada pastor em sua realidade cotidiana no exercício de seu ofício.

Mais adiante, ao tratar especificamente do tema chamado e ordenação pastoral, Dreher vai buscar o que o próprio Lutero fala sobre o tema no seu formulário de ordenação, no qual pressupõe um exame de habilitação ao ministério, uma liturgia inicial, a admoestação ao ministro para que se comporte de acordo com seu ministério, lendo-se os textos de 1 Timóteo 3.1-7 e Atos 20.28 ss.⁴²² Aquele que ordena então diz ao ordinando:

Aqui ouvis que temos e devemos ter bispos, isto é, pregadores e pastores; não nos é ordenado cuidar de gansos ou de vacas, mas da comunidade, que Deus adquiriu com seu próprio sangue, para que a apascentemos com a pura Palavra de Deus; também que guardemos e cuidemos para que lobos e bandos não causem destruição entre as ovelhas. É por isso que o designa de obra preciosa. Também no que toca à nossa pessoa, devemos viver honradamente, que mantenhamos e eduquemos nossa casa, mulher, filho e empregados de modo cristão. Se estiverdes disposto a fazê-lo, dizei: Sim. (WA 38, 427, 11)⁴²³

Após a oração é então proferida e realizada a incumbência pública do ministro:

Ide, pois, e apascentai o rebanho de Cristo, como vos foi ordenado, e cuidai bem para que não suceda por obrigação, mas de boa vontade, não por causa de ganho vil, mas de coração, não como pessoas que dominam sobre o povo, mas tornai-vos exemplos do rebanho, assim recebereis (quando o pastor maior voltar) a imarcescível coroa das glórias. (WA 38, 430, 34 ss.)⁴²⁴

Dreher faz questão de ressaltar que, em nenhum momento, as formulações, orações e leituras davam qualquer indicativo de que o ordenado recebia qualquer dom especial, apenas que os textos bíblicos apontavam para os deveres do ministério, em sentido de admoestação. “A ordenação era um acontecimento simples, que tinha seu sentido maior na incumbência que Deus dava. A ordenação era incumbência pública para o exercício do ministério da igreja”.⁴²⁵

⁴²¹ DREHER, 2011, p. 36.

⁴²² DREHER, 2011, p. 83.

⁴²³ LUTERO, Martinho *apud* DREHER, 2011, p. 83.

⁴²⁴ LUTERO, Martinho *apud* DREHER, 2011, p. 84.

⁴²⁵ DREHER, 2011, p. 84.

De qualquer forma, Fagerberg finaliza o seu capítulo sobre o ministério eclesiástico justamente mostrando que, para os redatores confessionais, a forma da ordenação não é o aspecto mais importante do ministério pastoral:

O fato de estarem dispostos até mesmo a conceder aos bispos católicos o direito de ordenar, por amor à unidade, desde que sejam verdadeiros bispos que cuidem bem da igreja, demonstra quão pouco interesse havia entre os reformadores quanto à forma pela qual se põe um pastor no ofício. [AC XIV; AE III.X:1]. (p.249). Muito mais importante do que a forma usada para a ordenação, é a igreja não ficar sem ministros. O ministério deve permanecer e atuar, para que pelos seus serviços a Palavra, os sacramentos e a absolvição sejam oferecidos para a vida e crescimento da igreja.⁴²⁶

Beck, ao analisar o que a Confissão de Augsburgo fala a respeito da ordenação no seu artigo XIV, também sinaliza para a ênfase luterana que não se focou no rito em si, mas no cumprimento da ordem divina de chamar e instituir ministros:

Melanchthon, convém observar, usou uma formulação cuidadosa na Confissão de Augsburgo, ao dizer que ninguém deveria ser admitido ao ministério a menos que fosse ordenado de acordo com os cânones e ritos da igreja. Na Apologia ele argumenta que, se os ministros admitidos pelas igrejas luteranas não estavam sendo ordenados pelos bispos, a culpa cabia aos próprios bispos, visto que, para ordenar, impunham condições intoleráveis. Nem por isso deixavam as igrejas de ter o direito de eleger e instaurar ministros que lhes anunciassem a palavra e alcançassem os sacramentos (LC, 1989, p. 227-228). [...]

Na origem da igreja luterana a autoridade competente eram os bispos. Como estes se recusassem a ordenar os ministros que não quisessem renunciar ao evangelho, as igrejas luteranas trataram de encontrar outras pessoas, a saber os próprios pastores anteriormente ordenados pelo episcopado instituído, que pudessem ordenar, como se bispos fossem, os ministros por elas eleitos. Preservaram, pois, o que entendiam como sendo a tradição primitiva, a saber, que o próprio povo da igreja elege o ministro local, mas que outros ministros que representassem as demais igrejas aceitassem e confirmassem, pela imposição de mãos, a escolha feita pela igreja local.⁴²⁷

Sobre as qualificações exigidas para o ministério ordenado, Dreher afirma que Lutero, em seu escrito *De instituendis ministris...* recomenda que sejam pessoas “dignas e idôneas”, cristãs batizadas, sem vícios públicos e com dons que lhe possibilitem o exercício do

⁴²⁶ Tradução própria. FAGERBERG, 1988, p. 250: “How indifferent the confessional writers were to the form used in placing a pastor in office can be seen from the fact they were even willing to concede to the Catholic bishops the right for the sake of love and unity – if they would only be true bishops and take care of the church. [...] More important than the form used for ordination is that the church not be left without ministers. [...] The ministry must remain and function, so that through its services the Word, the sacraments, and absolution may be available for the church’s life and growth”.

⁴²⁷ BECK, Nestor Luiz João. O Chamado ao Ministério à Luz do Artigo XIV da Confissão de Augsburgo. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 54, n. 2, p. 131-137, nov. 1995. p. 134-5.

ministério pastoral. Tais dons Lutero busca nos textos de Tito 1.5-9, 2 Timóteo 2.2 e 1 Timóteo 3.2, os chamados textos clássicos das qualificações pastorais.⁴²⁸

Santos, que fala a partir de um contexto católico, vai afirmar que antes de ser ordenado, o candidato ao ministério já deveria ser representado como alguém que tem previamente as características próprias do presbítero, no sentido de possuir dons, qualidade e virtudes exigidas ou pelo menos esperadas de um presbítero. Ele ingressaria no “grupo de presbíteros” pelo rito de ordenação. Posteriormente, essa representação vai ser interiorizada pelo indivíduo, de modo que seu processo interno de representação é incorporado na atividade social, como presbítero da igreja.⁴²⁹

Já segundo o manual de ordenação e instalação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, ser ordenado, porém, é mais do que estar habilitado. A habilitação está ligada a aptidão para a designação a um campo da atividade da igreja, ao passo que a ordenação “é o reconhecimento formal da capacidade da pessoa para exercer o ministério tanto em termos de formação quanto de qualidades pessoais”.⁴³⁰

Depreende-se das considerações acima que mais uma vez não parece haver na teologia luterana nenhuma idealização, caráter mágico ou imposição de poder especial ligado ao rito de ordenação. Mesmo sendo um evento importante na vida da igreja, é apenas um ato de praxe, que valida publicamente o ministério pastoral perante a comunidade cristã. Até mesmo os textos bíblicos utilizados por Lutero o são num contexto muito mais evangélico do que legalista. Porém, vamos agora descrever como ocorre o atual rito de ordenação na igreja objeto de nossa pesquisa.

4.8.1 Análise dos ritos de ordenação na Igreja Luterana – IELB

Após a breve descrição de conceitos ligados ao ministério pastoral, chamado e ordenação, necessários para situar a teologia luterana em torno do tema, parte-se para uma breve análise documental dos ritos de ordenação da igreja pesquisada, a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil).

A pergunta é se o atual rito de ordenação pode estar contribuindo para a construção de uma imagem e identidade pastorais de perfeição, que se tornem fonte de uma idealização causadora de sofrimento psíquico ao pastor.

⁴²⁸ DREHER, 2011, p. 85.

⁴²⁹ SANTOS, 2010, p. 127.

⁴³⁰ MANSK, Erli (Org). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo: Sinodal: Porto Alegre: IECLB, 2011. p. 29.

Passemos então à descrição do rito litúrgico de ordenação pastoral conforme o *Manual de Culto Luterano - Liturgias*, guia que serve de normativa para a igreja pesquisada na tese.

O capítulo nove do manual trata do *ministério pastoral*, sendo imediatamente seguido do rito litúrgico que trata da *Ordenação de Pastor* (item 9.1).⁴³¹ Após uma breve introdução sobre a dispensação de Jesus aos seus discípulos, o texto passa a se dirigir diretamente ao ordinando, com as palavras: “[...] considerando ainda que você foi chamado para atuar no santo ministério, é importante ouvir e meditar nas palavras de Deus que apresentam as sagradas responsabilidades do ofício do ministério”.⁴³² O oficiante passa então a relatar trechos bíblicos das cartas pastorais, com as recomendações do apóstolo Paulo ao discípulo Timóteo:

Assim diz o apóstolo Paulo a Timóteo: “Se alguém quer muito ser bispo na Igreja, está desejando um trabalho excelente. O bispo deve ser um homem que ninguém possa culpar de nada. Deve ter somente uma esposa, ser moderado, prudente e simples. Deve estar disposto a hospedar pessoas na sua casa e ter capacidade para ensinar. Não pode ser chegado ao vinho nem briguento, mas deve ser pacífico e calmo. Não deve amar o dinheiro. Deve ser um bom chefe da sua própria família e saber educar os seus filhos de maneira que eles lhe obedçam com todo o respeito.” Com muito amor, Paulo orienta o pastor Timóteo dizendo: “Pregue a mensagem e insista em anunciá-la, seja no tempo certo ou não. Procure convencer, repreenda, anime e ensine com toda a paciência. Seja um exemplo na maneira de falar, na maneira de agir, no amor, na fé e na pureza. Cuide de você mesmo e tenha cuidado com o que ensina. Continue fazendo isso, pois assim você salvará tanto você mesmo como os que o escutam.”

Assim, pois, os ministros do Evangelho são embaixadores de Cristo, a quem cabe pregar a Palavra e ministrar os santos sacramentos; pastorear e servir a Igreja; oferecer ao Senhor as orações e súplicas do seu povo; bem como alimentar, instruir, vigiar e conduzir as ovelhas e cordeiros do rebanho de Jesus, que ele adquiriu com o seu próprio sangue. A fim de poderem cumprir o seu ministério, devem dedicar-se ao ofício, por meio da meditação e do estudo constante das Escrituras, alimentando-se com as palavras da fé e da boa doutrina, e tornando-se padrão dos fiéis em sua vida cristã.⁴³³

Numa breve análise dessa seção do rito litúrgico de ordenação, baseado no texto de 1 Timóteo 3.1-7, percebe-se que o texto arrola uma série de qualidades, virtudes e deveres que são exigidos ao ordinando, caso ele queira de fato assumir o compromisso de exercer o ofício do ministério pastoral ordenado. Mesmo que o texto supracitado não indique o recebimento de nenhum dom especial por parte do pastor, como já enunciado anteriormente, o conjunto dos deveres, qualidades e virtudes necessários para o cumprimento da função pastoral e que são explicitadas clara e publicamente a todos os presentes – ordinando, oficiante, assistentes e

⁴³¹ O rito litúrgico segue na íntegra no anexo 9 da tese.

⁴³² IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto (Org). *Culto Luterano: liturgias e orações*. Porto Alegre: Concórdia, 2010. p. 147.

⁴³³ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 147-8.

comunidade – podem sim, contribuir para a construção de uma imagem idealizada daquele que está, por livre e espontânea vontade, se candidatando a assumir o ofício pastoral.

O ato de leitura desse texto em especial, parece induzir o ouvinte e participante do culto a uma percepção/compreensão psicoteológica, mesmo que exegeticamente equivocada, de que há uma condição *sine qua non* para o exercício do ministério a partir do cumprimento pleno da pauta comportamental recém lida, até porque ela é seguida da seguinte afirmativa dita pelo oficiante: “Você, prezado irmão, está por assumir os deveres que, segundo a Palavra e vontade do Senhor Deus, fazem parte do ofício do santo ministério.”⁴³⁴

Na realidade, deve ser dito aqui que os deveres ou virtudes exigidas no texto paulino se aplicam a todo e qualquer cristão, não havendo nada de extraordinário neles, mesmo que algumas virtudes possam ser de difícil consecução no exercício cotidiano da vida cristã. Poderia até se concordar de que diversos profetas e apóstolos bíblicos não se enquadrariam neste perfil pastoral proposto por Paulo.

Dando sequência à análise do rito, após a leitura do texto bíblico supracitado, seguido da afirmativa do ordinando em desejar assumir tais deveres, segue uma série de perguntas as quais o ordinando precisa responder afirmativamente: “ Pergunto-lhe, pois, diante de Deus e desta congregação [...]”.⁴³⁵ Os temas das perguntas subsequentes versam sobre a crença da Bíblia como norma infalível de fé, sobre a aceitação dos credos ecumênicos, sobre a crença nos documentos confessionais da igreja, sobre a promessa de cumprir os deveres do ofício ministerial e sobre o desejo de exercitar a doutrina do Salvador com uma vida cristã e consagrada.

Após as respostas afirmativas do ordinando, proferidas publicamente diante da comunidade, o oficiante impõe as mãos sobre o ordinando e lhe dá a consagração ao ofício com as palavras:

Confio-lhe, pois, o santo ofício da Palavra e dos sacramentos, e assim o consagro e ordeno ministro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, † em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Queira o Senhor derramar sobre você o Espírito Santo para o desempenho do ofício e dos encargos que lhe confiou o chamado divino de modo que seja fiel na administração dos meios da graça. Amém.⁴³⁶

O rito litúrgico tem como sequência a indicação da bênção dos outros pastores presentes na cerimônia, o que inclui normalmente os pastores do distrito ou região a qual pertence a comunidade onde o pastor está sendo ordenado. Estes são convidados para serem

⁴³⁴ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 148.

⁴³⁵ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 148.

⁴³⁶ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 149.

assistentes do rito litúrgico da ordenação. Nesse momento do rito cada um dos pastores assistentes é chamado a impor a sua mão direita sobre o recém-ordenado, pronunciando uma bênção, baseada na leitura de um ou mais versículos bíblicos. Dez sugestões de texto estão arroladas no manual para que os pastores possam dar sua bênção individual. Porém, cada pastor pode escolher a sua bênção, não sendo obrigatória a escolha dentre os textos sugeridos no manual litúrgico. Assim está colocado no manual: “Os outros pastores estenderão a mão sobre o recém-ordenado, pronunciando uma bênção. Exemplos: Josué 1.7-8; Salmo 20.1-2; Salmo 27.1,14; Salmo 84.7-8; Isaías 52.7; Daniel 12.3; 2 Coríntios 2.14-16; 2 Coríntios 4.6-7; 1 Timóteo 4.6-7; 2 Timóteo 1.13-14”. Os textos seguem abaixo descritos para uma verificação de seu teor.

Seja forte e muito corajoso. Tome cuidado e viva de acordo com toda a Lei que o meu servo Moisés lhe deu. Não se desvie dela em nada e você terá sucesso em qualquer lugar para onde for. Fale sempre do que está escrito no Livro da Lei. Estude esse livro dia e noite e se esforce para viver de acordo com tudo o que está escrito nele. Se fizer isso, tudo lhe correrá bem, e você terá sucesso. (Josué 1.7-8)

Ó rei, que na hora da angústia o SENHOR Deus responda à sua oração! Que o Deus de Jacó o proteja! Que, do seu Templo, Deus lhe envie socorro, e que, do monte Sião, ele o ajude! (Sl 20.1-2)

O SENHOR Deus é a minha luz e a minha salvação; de quem terei medo? O SENHOR me livra de todo perigo; não ficarei com medo de ninguém.; Confie no SENHOR. Tenha fé e coragem. Confie em Deus, o SENHOR. (Sl 27.1,14)

Enquanto vão indo, a força deles vai aumentando; eles verão o Deus dos deuses em Sião. Escuta a minha oração, ó SENHOR, Deus Todo-Poderoso! Ouve-me, ó Deus de Jacó! (Sl 84.7-8)

Como é bonito ver um mensageiro correndo pelas montanhas, trazendo notícias de paz, boas notícias de salvação! Ele diz a Sião: “O seu Deus é Rei!”

Os mestres sábios, aqueles que ensinaram muitas pessoas a fazer o que é certo, brilharão como as estrelas do céu, com um brilho que nunca se apagará. (Dn 12.3)

Mas dou graças a Deus porque, unidos com Cristo, somos sempre conduzidos por Deus como prisioneiros no desfile de vitória de Cristo. Como um perfume que se espalha por todos os lugares, somos usados por Deus para que Cristo seja conhecido por todas as pessoas. Porque somos como o cheiro suave do sacrifício que Cristo oferece a Deus, cheiro que se espalha entre os que estão sendo salvos e os que estão se perdendo. Para os que estão se perdendo, é um mau cheiro que mata; mas, para os que estão sendo salvos, é um perfume muito agradável que dá vida. Então, quem é capaz de realizar um trabalho como esse? (2 Co 2.14-16)

O Deus que disse: “Que da escuridão brilhe a luz” é o mesmo que fez a luz brilhar no nosso coração. E isso para nos trazer a luz do conhecimento da glória de Deus, que brilha no rosto de Jesus Cristo. Porém nós que temos esse tesouro espiritual somos como potes de barro para que fique claro que o poder supremo pertence a Deus e não a nós. (2 Co 4. 6-7)

Se der esses conselhos aos irmãos na fé, você será um bom servo de Cristo Jesus, alimentando-se espiritualmente com as doutrinas da fé e com o verdadeiro ensinamento que você tem seguido. Mas não tenha nada a ver com as lendas pagãs e tolas. Para progredir na vida cristã, faça sempre exercícios espirituais. 1 Tm 4. 6-7

Tome como modelo os ensinamentos verdadeiros que eu lhe dei e fique firme na fé e no amor que temos por estarmos unidos com Cristo Jesus. Por meio do poder do

Espírito Santo, que vive em nós, guarde esse precioso tesouro que foi entregue a você. (2 Tm 1.13,14).⁴³⁷

Numa rápida análise dos textos acima sugeridos percebe-se duas coisas. Em seis dos dez textos há admoestações sobre agir modelarmente, sem medo, como “perfume” para o outro. Já em quatro deles há um pedido de auxílio a Deus diante das possíveis aflições. Dentre esses quatro, apenas um, porém, claramente explicita a fragilidade do pastor, que é justamente a alusão do cristão como sendo um “pote de barro”. “Porém nós que temos esse tesouro espiritual somos como potes de barro para que fique claro que o poder supremo pertence a Deus e não a nós” (2 Co 4.7). De modo geral, portanto, a imagem que parece estar sendo transmitida a todos os participantes do culto de ordenação centra-se mais nos deveres pastorais a serem cumpridos do que numa fragilidade daquele que está assumindo o ministério, o que de certa forma vai ao encontro do que propõe Jung sobre a necessidade de manutenção da *persona* pública do pastor. O problema não está nos textos em si, mas num contexto que se cria em torno do rito de ordenação.

Após esse momento de bênção individual de cada pastor, duas sugestões/opções de orações dão continuidade ao ato litúrgico. O texto volta a enfatizar a necessidade do desempenho dos deveres do ministério, mesmo que reputando isso ao trabalho do Espírito Santo sobre o pastor recém ordenado.

Senhor Jesus Cristo, grande Pastor e cabeça da Igreja, rogamos que conserves este teu servo na santa Palavra e na boa doutrina que ela expõe. Fortalece-o para o fiel desempenho dos deveres do ministério. Abençoa a sua atuação em teu serviço, para a glória do teu santo nome e crescimento do reino de Deus; tu, que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Senhor Deus, Pai Celestial, que envias à Igreja ministros capazes, conferindo-lhes o poder do alto para o desempenho do seu ministério; humildemente rogamos que ilumines o coração deste teu servo com o Espírito Santo. Conduze-o com a tua mão a fim de que ele possa cumprir fielmente o ministério que lhe foi confiado, para a glória do teu nome e a edificação da Igreja de Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.⁴³⁸

Finalmente, o rito litúrgico encerra-se com novas admoestações do oficiante ao pastor agora ordenado, novamente instando-o a ser exemplo para os fiéis.

O oficiante, estendendo-lhe a mão direita, dirá:

Estimado irmão, cuide de você mesmo e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados, como pastor da Igreja de Deus, que ele comprou por

⁴³⁷ A BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

⁴³⁸ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 149-50.

meio do sangue do seu próprio Filho. Faça o seu trabalho de pastor com dedicação, como Deus quer, com o verdadeiro desejo de servir. Não procure dominar os que foram entregues aos seus cuidados, mas seja um exemplo para o rebanho. Que o Senhor o abençoe e faça de você uma bênção para muitos, de maneira que produza muito fruto e o seu fruto permaneça para a vida eterna. Amém.⁴³⁹

Um acréscimo à análise do rito de ordenação talvez seja interessante. No item 9.2 do manual litúrgico consta o rito de *Ordenação e Instalação de Pastor*, quando a ordenação e instalação do pastor na comunidade em que passará a atuar ocorrem na mesma celebração cúlrica. Nesse rito há apenas alguns elementos a mais a serem descritos, elementos que também possuem significação simbólica importante na constituição da imagem e identidade públicas do pastor. Destacamos nesse rito o texto que se dirige diretamente à congregação que chamou o pastor que está sendo ordenado e instalado:

Em seguida o oficiante se dirige à congregação:

Estimados irmãos, vocês ouviram a promessa que fez o ministro que escolheram para ser o pastor de vocês.

Portanto, admoesto e aconselho com firmeza para que, como membros do corpo de Cristo, o recebam como tal, obedecendo ao que a Palavra de Deus pede a vocês. Ouçam com atenção a pregação da Palavra, recebendo-a não como palavra de homens, mas como ela é, a Palavra de Deus. Auxiliem o seu pastor em todo o trabalho da Igreja reconhecendo e usando os dons que cada um recebeu de Deus.

Amem e honrem o pastor conforme a recomendação do apóstolo Paulo, que diz: “Respeitem os que trabalham entre vocês, aqueles que o Senhor escolheu para guiá-los e ensiná-los. Tratem estas pessoas com o maior respeito e amor, por causa do trabalho que fazem”.

Lembrem-se ainda das palavras no livro de Hebreus: “Obedeçam aos seus líderes e sigam as suas ordens, pois eles cuidam sempre das necessidades espirituais de vocês, sabendo que vão prestar contas disso a Deus. Se vocês obedecerem, eles farão o trabalho com alegria; porque se eles fizerem o trabalho com tristeza, isso não ajudará vocês em nada”.⁴⁴⁰

Receber bem, obedecer, ouvir, amar, honrar, respeitar e seguir os pastores são alguns verbos utilizados nessa admoestação à comunidade cristã que está recebendo o seu pastor. São verbos que empoderam a figura do pastor, que conforme diz o texto, não representa a si no seu ofício, mas é aquele que porta a Palavra de Deus. Há, porém, dentre tantas admoestações pelo menos um pedido de que a comunidade auxilie o seu pastor: “Auxiliem o seu pastor em todo o trabalho da Igreja reconhecendo e usando os dons que cada um recebeu de Deus”.

Para fins comparativos a respeito do rito litúrgico de ordenação um rápido olhar para o rito de ordenação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB nos permitiu ver algumas similaridades, porém também sinalizando para algumas sutis diferenças.

⁴³⁹ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 150.

⁴⁴⁰ IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano...*, 2010, p. 153.

Tanto na IECLB quanto na IELB sugere-se que o rito seja conduzido pela maior autoridade eclesiástica “disponível” ou pelo seu representante, o que demonstra a importância do ato de ordenação para a Igreja.

A praxe das duas igrejas também sugere que a ordenação ocorra, normalmente, no seio da comunidade que chamou o candidato para o exercício de seu primeiro chamado pastoral. Na IECLB a bênção de imposição de mãos pode ser estendida a todos os membros da comunidade presentes no culto. Já na IELB a diretoria da comunidade pode ser chamada à frente para acompanhar diante do altar o rito, mas a imposição de mãos por parte dela sobre o pastor não é um ato tão frequente, até por não haver essa orientação específica no manual litúrgico.

Na liturgia luterana da IELB há poucos elementos simbólicos que compõem o rito de ordenação pastoral. Já na IECLB esses elementos são muito mais presentes e visíveis. Uma delas é a presença de lideranças leigas entre os assistentes do rito, bem como a sugestão do uso de diversos elementos simbólicos ao longo do culto de ordenação (flores, novelo de lã, jarra de água, despertador ou bússola, livro de culto, vestidura da estola etc.), com a presença e atuação dos leigos na condução desses momentos.

Também as leituras bíblicas ocupam papel importante no rito de ordenação. Chama a atenção, porém, que dentre as sugestões de leituras do culto de ordenação na IECLB, o primeiro texto citado faz referência a Êxodo 18.13 ss., que trata da orientação de Deus a Moisés para que ele escolha ajudantes para seu trabalho de guiar e conduzir o povo de Israel. Todos os demais textos indicados como sugestão primária, grifados em vermelho no manual litúrgico, trazem um sentido similar, apontando para um trabalho cooperativo do pastor ou apontando para a suficiência que vem de Deus e não do próprio pastor.

Tais considerações, mesmo que feitas brevemente em nossa tese, já apresentam indícios de que a própria formulação do rito da ordenação, com todos os seus elementos, pode estar contribuindo para a construção da imagem ou identidade idealizada do pastor, especialmente dentro do rito de ordenação da IELB, mesmo que a intenção original não seja essa. O problema parece estar muito mais na percepção do conteúdo, do que no conteúdo propriamente dito.

Essa foi uma das questões apresentadas em nossa pesquisa de campo. Diante da afirmativa se “o rito litúrgico de ordenação pastoral da IELB, especialmente mediante os textos bíblicos selecionados, transmite a ideia de um pastorado idealizado” (questão 4), 84 % dos pastores respondentes concordaram com esse fato, sendo que 45% concordaram totalmente e 39% concordaram em parte.

Talvez haja a necessidade de um repensar sobre o rito que atualmente está sendo utilizado pela igreja, não no sentido de rejeitá-lo, mas de auxiliar na reconfiguração do papel humilde e de fraqueza da pessoa do pastor, que deveria ser melhor explorada e explicitada à toda comunidade que assiste ao rito ordenatório.

4.9 O ministério/ofício pastoral em documentos oficiais da igreja luterana da IELB

Alguns textos importantes podem ser referenciados nesta seção, onde buscamos subsídios que tratam do ofício pastoral nos dias atuais para a Igreja Luterana.

Um dos primeiros textos a que podemos fazer referência encontra-se na página oficial da igreja que deu origem à IELB, The Lutheran Church – Missouri Synod (LCMS),⁴⁴¹ no documento intitulado de “*What about...Pastors*” (Sobre ...Pastores).⁴⁴² Ali é descrita a posição oficial da igreja a respeito do pastorado.

O documento inicia com o subtítulo *Porque Deus nos dá pastores?* A pergunta é respondida afirmando que Deus instituiu o ministério do ensino do evangelho e administração dos sacramentos para que as pessoas possam ter oportunidade de chegar ao conhecimento da Palavra de Deus e receber a fé em Cristo. Diz:

Pastores nos acompanham em nossa peregrinação terrena. Eles nos servem com a Palavra e o Sacramento de Cristo, através dos quais o Espírito Santo nos dá perdão, vida e salvação. Portanto, cremos, ensinamos e confessamos que “quando os ministros de Cristo chamados lidam conosco pela sua divina ordem...isto é tão justo, válido e certo, até mesmo nos céus, como se Cristo, nosso amado Salvador estivesse lidando conosco pessoalmente” (Catecismo menor).⁴⁴³

A segunda seção do documento, que responde à pergunta “*Por que Deus nos concede pastores?*”, deixa claro que o ofício pastoral é um dom que Deus deu a Igreja, conforme diz o apóstolo Paulo em Ef. 4.8. Paulo cita pastores e professores entre os dons pertencentes à igreja, acrescentando que eles são concedidos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo. O direito de eleger e ordenar ministros é uma responsabilidade da igreja. É pelo chamado que Deus chama um homem para ser um pastor na congregação, conforme o

⁴⁴¹ A Lutheran Church – Missouri Synod é considerada a igreja mãe da IELB, pois foi a partir dos missionários enviados por essa denominação ao Brasil, ainda no século XIX, que a IELB passa a se constituir enquanto igreja.

⁴⁴² BARRY, A.L. *What about Pastors?* Documento oficial do Presidente da Lutheran Church-Missouri Synod - LCMS. S/data. Disponível em: <<http://lcms.org/Document.fdoc?src=lcm&id=1094>> Acesso em: 10 mai. 2014.

⁴⁴³ Tradução própria. BARRY, A.L. *What about Pastors?*, s/data, p. 1: “Pastors accompany us on our earthly pilgrimage. They serve us with Christ’s Word and Sacraments, through which the Holy Spirit gives us forgiveness, life and salvation. Therefore, we believe, teach and confess that “when the called ministers of Christ deal with us by His divine command ...this is just as valid and certain, even in heaven, as if Christ our dear Lord dealt with us Himself” (Small Catechism).”

Artigo XIV da Confissão de Augsburgo. O documento sinaliza que há uma diferença entre o sacerdócio universal de todos os crentes e o ofício pastoral. Pelo batismo todos os cristãos são sacerdotes reais, porém nem todos os cristãos são ministros. Afirma o documento:

Quando um homem recebe e aceita o seu primeiro chamado como pastor, então ele é ordenado. A ordenação é uma confirmação do chamado de um homem ao ministério da igreja e é o rito histórico e apostólico através do qual, através da palavra e oração, o homem é posto à parte para o serviço a Cristo e a sua igreja como pastor.⁴⁴⁴

Ao tentar responder à pergunta *Como os pastores são descritos?*, o documento faz referência à etimologia do termo *pastor* bem como à imagem bíblica do pastoreio, aplicada ao trabalho tanto de Cristo como dos demais pastores. A Escritura indica que o Espírito Santo escolhe pessoas para pastorear seu povo (At 20.28).

Pastores são frequentemente referidos na Bíblia como ministros, “diáconos”, palavra que originalmente significa “servo, escravo”. “O pastor modela seu ministério na vida e obra do Senhor Jesus Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir. O ofício pastoral é um ofício de amor, serviço de cuidado ao povo de Deus, em lugar e sob a ordem de nosso Senhor Jesus Cristo”.⁴⁴⁵ Porém, como continua o documento, o ministério não é santo por causa dos homens que o exercem, mas por causa daquele que o estabeleceu, o Senhor. É santo por causa daquilo que o Senhor está fazendo pelo seu povo através do trabalho de seus pastores.

Percebe-se aqui, que a dignidade não está na *pessoa* do pastor, mas na sua *função*. Porém, na próxima seção do documento, intitulada “*O que Deus espera dos seus pastores?*” o texto pode dar uma impressão que dificulta esse entendimento anterior, quando afirma: “Pastores não representam a si mesmos, mas a pessoa de Cristo, por causa do chamado da igreja como Cristo testifica (Lucas 10.16), ‘Aquele que ouve a vocês, a mim está ouvindo’. Quando eles oferecem a palavra de Cristo e os sacramentos eles o fazem em lugar e na posição de Cristo (Apologia VII/VIII, 28).”⁴⁴⁶

O documento passa então a citar os textos clássicos das qualificações e virtudes exigidas do pastor, conforme 1 Tm 3.2-4, 6 e Tt 1.9. Porém, logo após essa citação, que dá

⁴⁴⁴ Tradução própria. BARRY, s/data, p. 1: “When a man receives and accepts his first call to serve as a pastor, he is then ordained. Ordination is a confirmation of a man’s call into the ministry of the church and is the historic and apostolic rite by which, through Word and prayer, a man is set apart for service to Christ and His church as a pastor.”

⁴⁴⁵ Tradução própria. BARRY, s/data, p. 1: “Pastors model their ministry on the life and work of the Lord Jesus Christ who did not come to be served, but to serve. The pastoral office is an office of loving, caring service to the people of God, in the stead and by the command of our Lord Jesus Christ.”

⁴⁴⁶ Tradução própria. BARRY, s/data, p. 2: “Pastors do not “represent their own persons but the person of Christ, because of the Church’s call, as Christ testifies (Luke 10:16) ‘He who hears you, hears me.’ When they offer the Word of Christ or the sacraments, they do so in Christ’s place and stead” (Apology VII/VIII.28)”.

toda margem para uma idealização pastoral, o documento refere-se à consciência da imperfeição pastoral, afirmando que ela não deve ser motivo para uma demissão do pastor, salvo em alguns casos:

Porque é Deus quem coloca homens no ofício pastoral através da congregação, somente Deus através da congregação pode demitir apropriadamente o homem do ofício pastoral. Pastores são pecadores perdoados, como todos os filhos de Deus. Assim, nós não esperamos perfeição de nossos pastores, como pastores não esperariam que as congregações sejam perfeitas. O perdão de Jesus Cristo sustém a todos nós. Uma atitude de “contratar e despedir” para com os nossos pastores nem deve entrar em nossa mente. Despedir um homem do seu ofício pastoral precisa ser baseado somente em critério bíblico claro; isto é, manutenção persistente em doutrina falsa, vida escandalosa ou negligência intencional de seus deveres.⁴⁴⁷

“*Quais são as obrigações e compromissos do pastor?*” é a próxima pergunta respondida pelo documento oficial. Segue descrevendo as tarefas padrão do ministério pastoral, como pregar, ensinar, administrar sacramentos, ouvir pecadores penitentes e consolar os enfermos. Afirma que a igreja precisa tomar consciência de que, mesmo os pastores mais fiéis, nunca conseguirão cumprir suficientemente todos esses deveres que lhe foram confiados. A fidelidade à Palavra de Deus e às Confissões Luteranas expressas no Livro de Concórdia é que garantem ao pastor, mesmo diante de suas limitações, a sua ação pastoral no meio da comunidade, bem como o protegem de possíveis críticas injustas, especialmente quando se levanta em favor das verdades bíblicas.

O último aspecto trazido pelo documento é introduzido pela pergunta “*Como sustentamos ou damos suporte aos nossos pastores?*”. Além de comprovar biblicamente que o pastor é digno de seu salário, o caminho indicado pelo documento para auxiliar a dar suporte ao pastor é através de oração. Deve-se pedir a Deus que dê aos pastores sabedoria, força, coragem e paz. Há um pedido especial para que os membros também ensinem os seus filhos a também orar por seus pastores. Lembra ainda que o pastor não é um serviçal que deve fazer todo o trabalho da congregação, mas deve ser auxiliado pelos membros de sua igreja com os diferentes dons que o Senhor concede a cada um.⁴⁴⁸

Levando-se em conta a origem desse documento oficial, ligado à chamada “igreja mãe” da denominação religiosa pesquisada na presente tese, ele serve como uma importante

⁴⁴⁷ Tradução própria. BARRY, s/data, p. 2: “Because it is God who places men into the pastoral office, through the congregation, only God, through the congregation, can properly remove a man from the pastoral office. Pastors are forgiven sinners, as are all baptized children of God. Thus, we do not expect perfection of our pastors, any more than pastors would expect congregations to be perfect. The awesome forgiveness of Jesus Christ sustains us all. A ‘hire and fire’ attitude toward our pastors must not enter into our thinking. Removing a man from the pastoral office must be based only on clear, Biblical, criteria; namely, persistent adherence to false doctrine, a scandalous life, or willful neglect of duty”.

⁴⁴⁸ BARRY, s/data, p. 2.

referência para a posição teológica oficial acerca do ministério. Porém, vamos tentar descrever e analisar brevemente o que diz a IELB a respeito da função e da pessoa do pastor.

4.9.1 Estatutos e Regimentos da IELB

Os estatutos e regimentos da IELB possuem textos direcionados diretamente ao ofício pastoral e aos pastores, bem como incluem e apresentam o *Código de Ética Pastoral*, criado para nortear e orientar a vida e o comportamento dos pastores no exercício de sua função.

No *Título V – Do Ministério Pastoral*, artigo 71, consta que o “o ministério pastoral será exercido na IELB de acordo com o ensino das Sagradas Escrituras para o cumprimento das finalidades da Igreja, mediante chamado ou comissionamento”.⁴⁴⁹ O artigo passa a descrever nos parágrafos seguintes como se dá o processo de chamado ou comissionamento.

No parágrafo quinto do mesmo título são estabelecidas avaliações periódicas do trabalho dos pastores e das congregações, que devem ser coordenadas pelo Conselho Distrital, conforme parâmetros estabelecidos pelo Conselho Diretor da IELB. Já no parágrafo sexto o texto descreve as tratativas que precisam ser realizadas para uma possível demissão do pastor de seu chamado ou comissionamento, conforme citação abaixo.

6º - Após esgotadas as tratativas em todas as instâncias (congregação ou paróquia, Conselheiro e Líder Leigo Distritais e Diretoria Nacional) e havendo parecer favorável do Conselho de Ética, um pastor chamado ou comissionado poderá ser demitido com o voto concorde de dois terços dos votantes presentes à assembleia da congregação, ocorrendo um dos seguintes motivos:

- a) Comprovada incapacidade física permanente para o exercício de suas funções;
- b) Recusa de cooperação com a IELB;
- c) Negligência comprovada de suas funções;
- d) Não cumprimento de preceitos regulamentares;
- e) Profissão de doutrina falsa;
- f) Conduta indigna;
- g) Comprovada incompetência para a função.⁴⁵⁰

Dois breves comentários acerca dos itens acima. No item “a” não fica claro se a incapacidade física permanente contemplaria uma possível incapacidade psicológica (como um *burnout* ou uma depressão, por exemplo), seja essa incapacidade provisória ou permanente. Penso que nesse caso não haveria motivo para a demissão, mas para um afastamento por saúde, sem tempo previamente determinado para o retorno. Já no item “g” o

⁴⁴⁹ Estatutos e Regimentos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. MARQUARDT, Rony. (Org). Porto Alegre: Concórdia, 2010. p. 59.

⁴⁵⁰ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 60.

problema que poderia surgir é a respeito de que tipo de incompetência se estaria falando para demitir um pastor, visto que para ter sido ordenado pela igreja o pastor já teve que ser declarado competente para assumir o pastorado. São apenas observações, sem a intenção de provocar maiores desdobramentos.

Passando para a subdivisão do *Título V*, encontramos o *Capítulo I – Dos Pastores*. Neste capítulo, o artigo 73 trata dos requisitos para ser considerado pastor da IELB. Citamos esse artigo na íntegra:

Art. 73 – Será considerado pastor da IELB aquele que preencher os seguintes requisitos:

- I. Aceitar a Escritura Sagrada como Palavra infalível, revelada por Deus, e subscrever incondicionalmente os documentos confessionais da Igreja Evangélica Luterana, reunidos no Livro de Concórdia de 1580;
- II. Ter sido formado e recomendado ao ministério pastoral pela Faculdade de Teologia da IELB, ou de uma de suas igrejas-irmãs, ou ter sido aceito por colóquio;
- III. Ter aceito chamado ou comissionamento, ter solicitado ao Presidente da IELB sua ordenação e instalação e ter sido ordenado e instalado conforme o rito da Igreja;
- IV. Ter solicitado ao Conselho Diretor, através da Comissão Jurídica, a sua filiação como membro votante da IELB;
- V. Subscrever o Estatuto e o Regimento da IELB, bem como submeter-se ao Código de Ética Pastoral;
- VI. Usar formas cúllicas, hinos e manuais de instrução doutrinários que estejam de acordo com a Escritura Sagrada e as Confissões Luteranas;
- VII. Renunciar ao unionismo que fira os princípios bíblicos e confessionais e ao sincretismo de qualquer espécie;
- VIII. Participar das atividades da IELB em todos os níveis, especialmente para as quais for convocado, apresentando carta de escusa quando impossibilitado;
- IX. Manter conduta irrepreensível.⁴⁵¹

Os demais artigos do capítulo sobre os pastores tratam do ministério ativo (art. 74), transferência de congregação (art. 75), cessão do pastor uma igreja irmã ou outra denominação eclesiástica (art. 76), aposentadoria (art.77), licenciamento do ministério (art.78), retorno ao ministério ativo (art. 79) e procedimentos para afastamento do ministério por motivo que fira o artigo 73 (art.80).⁴⁵²

Numa rápida análise dos estatutos e regimentos, naquilo que tange ao exercício do ministério pastoral, duas seriam as frases a serem pinçadas pela aderência à nossa pesquisa. Dentre os requisitos para o ministério seria o “manter conduta irrepreensível”. Quanto a uma possível causa de demissão do ministério destacamos “a conduta indigna”. Os textos não explicam ou justificam o que seria cada uma delas, nem tampouco dá destaque maior ou menor para as mesmas dentro do conjunto trazido. Com isso seria forçar uma possível

⁴⁵¹ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 60-1.

⁴⁵² Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 61-3.

interpretação de que haveria, nesses documentos, elementos que idealizem o ministério pastoral, exigindo do pastor uma conduta perfeita, mesmo que alguns possam assim entender.

4.9.2 O Código de Ética Pastoral da IELB⁴⁵³

Outro documento que interessa ao nosso tema, também presente na obra *Estatutos e Regimentos da IELB*, é o *Código de Ética Pastoral*. Em seu preâmbulo está dito que o código “deve ser visto como um conselheiro que, com palavras suaves e amigas, de maneira evangélica, procura orientar as relações dos membros leigos e dos pastores e professores que desejam ser encontrados fieis no serviço do reino de Deus”.⁴⁵⁴ Outro objetivo descrito é de que o Código de Ética Pastoral “será auxiliar importante para que a IELB, através dos seus representantes maiores, também tenha um ‘bom testemunho dos que são de fora’, como diz Paulo”.⁴⁵⁵

Os objetivos acima expostos aumentam nosso interesse por um olhar cuidadoso sobre esse documento, que se insere dentro do escopo de nossa tese. De maneira muito especial, já na introdução do Código de Ética são tratadas acerca das regras de conduta específicas para os “obreiros de Deus”, mencionando a capacidade de trabalho, a qualificação pessoal, a conduta social e os “proibitivos”, cuja indicação de textos bíblicos apresentada é a seguinte: 1 Pe 5.1-4; 1 Tm 3.1-7; 4.16; 2 Tm 2.24-25; 4.2; Tt 1.7-9; 2.1,7-8.⁴⁵⁶ Como esse trecho do Código de Ética está diretamente relacionado com aquilo que viemos descrevendo nos capítulos anteriores, julgamos importante abordá-lo de forma mais detalhada.

Com relação à capacidade de trabalho do pastor para cumprir seu ministério, o documento aponta para cinco aspectos: a) de que o pastor precisa ser apegado à Palavra e ter cuidado da sã doutrina; b) de que precisa pregar a Palavra, instando com integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível; c) de que precisa ser apto para ensinar e instruir como evangelista e despenseiro de Deus; d) de que deve exortar, convencer, disciplinar, corrigir, repreender com mansidão e longanimidade; e) de que deve suportar aflições.⁴⁵⁷

Com relação às qualificações pessoais, conduta social e proibitivos o código de ética indica íntegra e literalmente, como segue:

2. Qualificações pessoais:

⁴⁵³ O Código de Ética Pastoral está disponível para consulta, em sua íntegra, no anexo 8 dessa tese.

⁴⁵⁴ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 82.

⁴⁵⁵ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 82.

⁴⁵⁶ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 83.

⁴⁵⁷ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 83.

- a) O ministro será piedoso.
 - b) O ministro será espontâneo e terá boa vontade.
 - c) O ministro terá cuidado de si e terá domínio sobre si.
3. Conduta social:
- a) O ministro será irrepreensível, com bom testemunho dos de fora.
 - b) O ministro terá família padrão: uma só mulher, filhos educados.
 - c) O ministro será hospitaleiro, amigo do bem, padrão de boas obras, modelo.
 - d) O ministro será temperante, sóbrio, modesto, cordato, inimigo de contendas, brando, paciente, justo.
4. Proibitivos
- O ministro não será constringido ao ofício, ganancioso (avarento, cobiçoso), dominador, violento, arrogante, irascível, que goste de contenda e de muito vinho (pessoa alcoólica).⁴⁵⁸

Reitera-se que a descrição das qualificações acima expostas está baseada nos textos bíblicos supracitados, não sendo uma deliberação nascida a partir de discussões ético-morais no seio da igreja, ou seja, emanam da própria Palavra de Deus, tendo autoridade divina e não humana, conforme entende a teologia luterana.

Chama também atenção, após essa descrição de habilidades e qualificações necessárias ao pastor, o parágrafo subsequente, que trata da espiritualidade do pastor bem como sobre a sua fragilidade e natureza pecaminosa. É um parágrafo importante, que quebra um pouco o modelo padrão de ideal dentro do qual o pastor precisa se enquadrar. Diz o texto:

A espiritualidade recebida pela fé está continuamente sob ataque da natureza corrompida. Isso torna frágil também o pastor. Pode sentir-se exausto e sem recursos espirituais, seguido de um sentimento de frustração, fracasso ou revolta. A verdadeira espiritualidade só pode ser dada pela meditação no evangelho, que é o poder de Deus que cria e move a fé. A devoção diária com estudo e oração é básica para o pastor. Como espiritual, aceita os seguintes princípios de conduta dirigidos aos obreiros de todas as categorias e extensivas aos leigos.⁴⁵⁹

A seguir, o código é dividido em capítulos, que tematizam aspectos específicos da vida e comportamento do pastor no exercício do seu ministério. Os capítulos que são os seguintes: I. Aceitar autoridade; II. Aceitar a liberdade e seus limites; III. Respeitar a escala de valores; IV. Defender a honra do próximo; V. Reconhecer os direitos de propriedade; VI. Equilibrar responsabilidades; VII. Respeitar as responsabilidades dos outros. Cada um dos sete capítulos é dividido em diferentes artigos.⁴⁶⁰

Após leitura atenta de todo código, conforme consta em sua íntegra no anexo 8, não se percebe nele exigências descabidas, pelo contrário, são colocações ponderadas e perfeitamente exequíveis ao pastor. Uma exceção poderia ser a seção do código de ética que

⁴⁵⁸ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 83-4.

⁴⁵⁹ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 84.

⁴⁶⁰ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 84-94.

estabelece as qualificações pessoais, conduta social e proibitivos do pastor, que parecem propor um conjunto de ideais elevados demais, podendo ser percebidos e interpretados como metaideais negativos, especialmente quando forem eventualmente descumpridos pelo pastor, gerando o que Cláudia Pereira, já citada no capítulo 2, vai afirmar abaixo:

A questão é quando a não correspondência aos ideais é sempre vivida como derrota, trazendo à tona o sentimento de precariedade do eu. Na cultura contemporânea, os nossos metaideais, para usar os termos de Bleichmar, são ainda mais rígidos do que nossos ideais. É o metaideal que transforma ‘um pequeno um tombo em uma queda’, um ‘arranhão em uma ferida’, o erro em reprovação. Trata-se da maneira totalizante como o sujeito lida com cada “furo” na imagem narcísica.⁴⁶¹

Alguns artigos do código, porém, até favorecem a humanização do ministério pastoral, conforme veremos a seguir. No capítulo I do documento, sobre a aceitação da autoridade, destaque para o artigo quarto, onde um parágrafo faz referência ao auxílio mútuo que precisa existir entre os colegas pastores. “[...] Entendo que também os colegas me foram dados por Deus para mútuo conselho e exortação necessários para um ministério mais espiritual e eficiente”.⁴⁶² Um aspecto similar aparece no capítulo II, da aceitação da liberdade e seus limites, presente no artigo dezessete, que afirma: “Como cristão e pastor, eu aceito a liberdade de trabalhar em equipe com os outros, tanto com os líderes paroquiais como com os colegas pastores, sem ver neles concorrentes, mas dons de Deus para aperfeiçoamento dos santos (Ef. 4.12)”.⁴⁶³

Nesse contexto temático não há como deixar de citar novamente o resultado da pesquisa de campo, que sinalizou para uma crise de confiança entre os pastores, conforme já analisado na seção em que tratamos da solidão pastoral como fonte de sofrimento.

No capítulo IV, que prevê a defesa da honra do próximo, o artigo vinte e cinco destaca a fraqueza do pastor, assim descrita: “Como cristão e pastor, eu quero usar de moderação ao julgar os outros, sabendo que também eu tenho minhas fraquezas, que precisam de perdão”.⁴⁶⁴

No capítulo VI, sobre o equilíbrio das responsabilidades, dois artigos chamam a atenção para o contexto temático de nossa tese. No artigo trinta e um o código sinaliza, mesmo sem grande ênfase, para as outras funções da pessoa do pastor, ao afirmar: “Como cristão e pastor, eu quero cuidar para equilibrar minhas responsabilidades como pastor com as

⁴⁶¹ PEREIRA, 2008, p. 48.

⁴⁶² Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 85.

⁴⁶³ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 87-8.

⁴⁶⁴ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 89.

demais responsabilidades como esposo, pai, assalariado, súdito e como membro da sociedade e do meu país”.⁴⁶⁵ Porém, já no artigo trinta e quatro, enfatiza-se novamente a postura social do pastor, nas seguintes palavras:

Como cristão e pastor, reconheço minha responsabilidade com a sociedade em que vivo, usando a linguagem, os modos e os trajes adequados a cada momento de convívio social. Entendo que também tenho responsabilidade com minha saúde pessoal e social, dando um bom exemplo de preparo físico e mental, de limpeza e asseio pessoal, de equilíbrio entre trabalho e lazer de sensatez e seriedade na administração dos recursos disponíveis, de moderação no comer e no beber, evitando o sedentarismo, as drogas e vícios da sociedade e guardando distância da poluição moral do mundo em que vivemos.⁴⁶⁶

No capítulo VII, sobre o respeito à responsabilidade dos outros, o texto introdutório faz uma pequena crítica sobre a onipotência humana, porém não a dirigindo especificamente ao ofício pastoral. “A tendência humana é sentir-se o centro do mundo. Achamos que temos soluções para os problemas do mundo. Dessa forma, muitas vezes, tomamos a liberdade de decidirmos pelos outros, não lhes dando a oportunidade de tomarem a sua decisão ética que Deus requer”. Nesse capítulo, o artigo trinta e oito mais uma vez apresenta a condição de pecador do pastor.

Como cristão e pastor, entendo que não há espaços livres de pecado, porque continuamos a ser, simultaneamente, justos pelo evangelho e pecadores pela lei. Como, no entanto, recebemos a espiritualidade verdadeira, pela fé, a minha decisão como cristão será a favor da justiça e contra a injustiça. Isso não garante, sempre, uma decisão entre certo e errado. Muitas vezes, deverá ser uma decisão entre menos e mais prejudicial. Mesmo sabendo que não serei perfeito, eu sou chamado a decidir continuamente como um pecador espiritual que recebeu um espírito novo e voluntário pela fé.⁴⁶⁷

O Código de Ética traz, na sua curta conclusão, a seguinte afirmativa: “Em suma, como cristão e pastor, eu quero praticar o que Paulo diz ao pastor Tito: ‘...vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente.’ Tt 2.12”.⁴⁶⁸

Percebemos que não há elementos significativos nos documentos oficiais da igreja, seja no regimento ou código de ética pastoral, excetuando-se a citação dos textos bíblicos clássicos a respeito das virtudes e qualidades do pastor, que justifiquem uma idealização do ministério pastoral, uma vez que seus princípios poderiam ser aplicados igualmente a cristãos

⁴⁶⁵ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 91.

⁴⁶⁶ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 92.

⁴⁶⁷ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 93-4.

⁴⁶⁸ Estatutos e Regimentos ..., 2010, p. 94.

comuns, não possuindo nenhuma solicitação que pudesse ser considerada como exagerada, desmedida ou impossível de ser cumprida no exercício cotidiano da função pastoral.

4.10 O pastor e o ministério pastoral tematizados em artigos das revistas oficiais da igreja

Como um último aspecto a ser investigado dentro da visão luterana de ministério pastoral achamos relevante fazer alusão ao que já foi publicado pela igreja em suas revistas “oficiais” acerca do tema. Obviamente que não conseguiremos elencar todo o rol de artigos, mas procuraremos destacar, ao menos, os principais.

A Igreja Luterana (IELB), objeto da presente tese, possui duas revistas “oficiais”, uma de caráter mais teológico e outra de caráter mais geral. A primeira, conhecida como *Igreja Luterana*, que existe desde 1940, é de caráter teológico e procura ter um viés mais acadêmico, tendo como público alvo pastores e lideranças religiosas. A segunda revista, conhecida como *Mensageiro Luterano*, é uma revista mensal para leitura da comunidade luterana em geral. Sua função é de caráter mais informativo sobre a vida da Igreja, apesar de também abordar diferentes temas bíblicos e teológicos, em formato de breves artigos. Essa revista foi criada em 1917, com o nome *Mensageiro Christão*, sendo que em 1918 foi renomeada para *Mensageiro Luterano*, nome que ainda permanece em vigência.

Vamos destacar alguns dos artigos encontrados que tematizam o objeto de nossa tese nesses dois veículos oficiais da Igreja, buscando sintetizar pelo menos os temas que foram tratados em cada uma delas, trazendo, eventualmente, alguns excertos dos textos.

4.10.1 Revista Igreja Luterana

Tendo sua primeira edição em 1940, a primeira vez em que o tema do ministério pastoral foi tratado na revista *Igreja Luterana* foi em 1946, com o artigo intitulado *Tábua de Deveres Pastorais*, de autoria de Bodamer. Ali, a partir de um estudo exegético dos textos clássicos de Tito (1.6-9) e Timóteo (1 Tm 3.2-7; 2 Tm 2. 24-25) o autor descreve acerca dos imperativos presentes nas cartas pastorais para aquele que deseja se habilitar ao ministério pastoral. Diz o autor:

São chamadas cartas pastorais devido ao nelas delinear o apóstolo Paulo, mediante a inspiração do Espírito Santo, os requisitos com que se deve defrontar uma pessoa para poder exercer o cargo de pastor ou para ele aspirar, e os atributos de que deve estar possuída, e a maneira pela qual o pastor, na qualidade de servo de Deus e de

Cristo, como despenseiro dos mistérios de Deus, como embaixador de Cristo e arauto do doce evangelho, deve satisfazer os imperativos do seu ministério.⁴⁶⁹

Para Bodamer, as diretrizes pastorais que Paulo traço a Timóteo e Tito são aplicáveis também aos presbíteros do presente século. “É preciso que se os apliquem inteiramente ao presente, e temos de descobrir qual a sua significação para os pastores, mestres, professores de teologia e demais obreiros da Igreja de nossos dias”.⁴⁷⁰ Bodamer, na análise exegética dos textos, enfatiza que Paulo fez uso do imperativo gramatical, exigindo as virtudes arroladas nos textos como um *dever pastoral*. Esses imperativos se ajustam, conforme o autor, em quatro categorias distintas: a) aos atributos que deve ter o pastor e de que deve constantemente dar provas em sua maneira de viver, como exemplo para os fieis; b) à atitude pessoal do pastor para com seu trabalho, estudo etc.; c) à execução da obra e ao cumprimento do ofício por parte do pastor; d) à relação pessoal do pastor para com o povo.⁴⁷¹ É um artigo passível de ser interpretado como fonte de idealização para o ministério, pela forma como o mesmo é abordado.

Já numa edição de 1958, Rehfeldt, ao resumir um artigo americano intitulado *The Pastor as Administrator*, de G.C. Shramm, refere que o pastor precisar reconhecer os membros de sua comunidade como parceiros no trabalho do reino de Deus. Após listar uma série de tarefas nessa função de administrar os dons que o Espírito Santo distribui na igreja, diz o autor do texto:

Em tudo isto o pastor deverá ser um líder entusiástico, um homem de personalidade agradável; porém, acima de tudo, um homem de tato e consideração. Quando tudo ao seu redor parecer em confusão, sua quietude e seu autocontrole deverão acalmar a tempestade. [...] o pastor-administrador irá, com tato, com amor, contudo com firmeza, assim como Deus lhe der sabedoria e força, dirigir a nau da sua igreja até o porto da glória eterna.⁴⁷²

O tema do ministério foi o assunto central da edição de 1976, número 2, envolvendo diversos estudos sobre o ministério. O primeiro versou sobre o ministério cristão no Novo Testamento, especialmente analisando os diferentes termos utilizados para o ministério e ofício pastoral, concluindo com o estabelecimento de uma relação mútua entre o apostolado e o episcopado. O segundo artigo versou sobre o ministério na Patrística, demonstrando o

⁴⁶⁹ BODAMER, W. Tábua de Deveres Pastorais: Segundo a encontramos nos imperativos das Cartas Pastorais. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano VII, n. 7-8, p. 85-101, julho-agosto de 1946, p. 85.

⁴⁷⁰ BODAMER, 1946, p.86.

⁴⁷¹ BODAMER, 1946, p.86-7.

⁴⁷² REHFELDT, Mario. O Pastor como Administrador. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano IXX, n. 5, p. 206-208, 1958, p. 207. (Resumo do artigo *The Pastor as Administrator*, SCHRAMM, G.C.).

processo que levou ao estabelecimento da *hierarquia* católica. O terceiro estudo abordou o ministério em Lutero, a partir da análise de algumas teses propostas pelo teólogo luterano C.F. W. Walther. O último estudo aborda a Doutrina do Chamado no Sínodo de Missouri, a igreja-mãe da IELB.

Já a temática do *Burnout* pastoral foi tematizada por Nerbas de modo curiosamente precoce no Brasil, em 1984, bem antes do termo *burnout* ficar conhecido como uma patologia ligada ao mundo do trabalho e ao termo passar a ser mais utilizado pelos profissionais da saúde, o que acontece apenas após a década de 1990. Nesse artigo o autor procura apresentar, de forma resumida, o que John Sanford, psicólogo e ministro da Igreja Anglicana nos Estados Unidos aborda em sua obra *Ministry Burnout*, editada em 1982.⁴⁷³ Esse artigo, que é bastante aderente ao objeto de estudo da presente pesquisa, já foi abordado no capítulo três de nossa tese.

Em 1985, o tema central da revista volta a ser o ministério pastoral, apresentando artigos teológicos que embasaram os estudos do primeiro Concílio Pastoral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, em 1983, que teve como tema a “Igreja e Ministério hoje”. Dois dos artigos tratam diretamente sobre o objeto de nossa pesquisa. O primeiro artigo, intitulado “*O ministério*”, já referenciado nesse trabalho, aborda o tema na seguinte perspectiva: considerações exegético-históricas, a natureza do ministério público, a relação entre o ministério público e o sacerdócio espiritual de todos os crentes, a instituição divina do ministério público e a necessidade do ministério público, que não traz elementos teológicos novos ou discordantes daqueles já referidos nesse capítulo. Já o segundo artigo intitula-se “*O Ministro: nomes, qualificações, atribuições e formação*”, seguindo uma estrutura teórica de acordo com seu título.⁴⁷⁴

Esse último artigo, de Scholz, que foi um trabalho apresentado no Concílio de obreiros da IELB, em 1983, talvez seja o texto contemporâneo com mais aderência a nossa tese, que melhor detalha o assunto do pastor e suas qualificações para exercício do ministério. Scholz inicia alertando para dois perigos que devem ser evitados, por serem julgados como dois extremos ao se falar de ministros ou pastores. O primeiro perigo seria enfatizar sua importância de forma demasiada e indevida. Já o segundo, em contrapartida, seria de diminuir-lhe a importância sem autorização divina para tanto. Scholz insere, desde o início de seu artigo o ministro no contexto do plano salvífico de Deus, como ministro de Cristo, que

⁴⁷³ SANFORD, John A. *Ministry Burnout*. Ramsey, N.J. Paulist Press, 1982. In: NERBAS, 1984, p. 71-78.

⁴⁷⁴ ROTTMANN, Johannes Henrich. *O Ministério*.; SCHOLZ, Vilson. *O Ministro: nomes, qualificações, atribuição e formação*. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 45, p. 2-17; 17-52, 1º e 2º Trimestre de 1985.

atua a serviço dele e a favor da igreja.⁴⁷⁵ Porém, Scholz, entre diversos teses/destaques que compõem seu artigo, pontua que o ministro, como servo de Cristo (*doulos Iesou Christou*), não tem autorização para ser senhor (*kyrios*) sobre a igreja. Como servo/filho (*doulos*) de Deus o ministro é também um servo (*diákonos*), a serviço da igreja, dos irmãos e dos seus semelhantes.⁴⁷⁶

Porém, além da dimensão do serviço, do artigo de Scholz destacamos o ponto no qual ele passa a tratar das qualificações do ministro, segundo as cartas pastorais. Destacaremos algumas de suas teses.

Na tese 7 ele afirma: “As qualificações apresentadas nas cartas pastorais não autorizam a conclusão de que o ministro deva ser ‘mais cristão’ do que o leigo, embora não deixem dúvidas de que o ministro deve ser padrão”. Scholz diz que são difíceis de conciliar as expectativas em torno das qualificações do ministro. Diz Scholz:

A imagem que os membros da congregação e as pessoas em geral fazem do ministro exerce influência sobre o mesmo e muitas vezes se torna em fonte de frustração. Muitas vezes, na verdade, se espera que o ministro seja mais ético e moral do que os leigos, e desta forma o pastor é colocado num pedestal. Sua vida, assim se argumenta, deveria ser melhor do que a dos outros.

As listas de qualificações nas cartas pastorais não autorizam essa diferenciação entre a moralidade do leigo e a moralidade do pastor. [...] O que acontece quando se coloca o pastor num pedestal é que os leigos, muitas vezes por iniciativa pessoal e sem autorização da palavra de Deus, suavizam as exigências éticas que se aplicam a eles, e mantêm elevadas as expectativas em torno de seus ministros. Estas, em geral, são as expectativas apresentadas nas Escrituras. Assim, a questão do "pastor no pedestal" surge quando o leigo relativiza a validade do mandamento para o seu caso - no que está errado, diga-se de passagem - mas entende, neste caso corretamente, que, no caso do pastor, as exigências não podem e não devem ser suavizadas.

As qualificações apresentadas nas cartas pastorais não requerem do ministro uma moralidade particular ou excepcional. Não se exige dele uma vida ascética especial. As virtudes citadas pertencem ao domínio da vida diária e familiar - no mundo. O que se requer dele corresponde, em grande parte, ao que se requer de cada cristão.

[...] O que não se pode negar, todavia, é que o ministro, em virtude da sublimidade do seu ofício, deve ser padrão dos fiéis (1 Pe 5.3; 1 Tm 4.12; Tt 2.7). Isto não significa que deva ser perfeito em si e por si mesmo, mas que viva à altura da função de representante de Cristo, sendo modelo no qual os fiéis podem se espelhar.⁴⁷⁷

Nessa exposição de Scholz encontramos elementos que podem ser interpretados pela grande maioria dos leitores como fonte de idealização pastoral. A tese 8, na qual Scholz afirma que “Sendo lei, as qualificações são tanto espelho (pré-requisitos) como norma (alvo a

⁴⁷⁵ SCHOLZ, Vilson. O Ministro: nomes, qualificações, atribuição e formação. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 45, p. 17-52, 1º e 2º Trimestre de 1985, p. 17.

⁴⁷⁶ SCHOLZ, 1985, p. 22.

⁴⁷⁷ SCHOLZ, 1985, p. 30.

ser alcançado) ajuda nessa interpretação, quando defende que essas atribuições não apenas devem ser pré-requisitos a serem preenchidos pelo aspirante ao episcopado como também se constituem em alvo a ser alcançado pelos pastores de hoje”.⁴⁷⁸

Já na tese 10 Scholz afirma, embasado no texto bíblico: “Pessoalmente o ministro deve ter excelentes qualidades morais: ser irrepreensível, temperante, ter domínio próprio, ser sóbrio, modesto, não dado ao vinho, justo, amigo do bem, não avarento ou cobiçoso de torpe ganância”. Destacamos a análise de Scholz do termo irrepreensível, importante em nossa tese.

Paulo apresenta esta qualificação tanto em 1 Timóteo como em Tito, usando em cada caso adetivo diferente. Em 1 Tm 3.2 temos *anepileptos*, em Tito 1.6,7, *anegkletos*. Em ambos os casos a versão Almeida traduz "irrepreensível". O Novo Testamento na Linguagem de Hoje traduz *anepileptos* por "pessoa que ninguém possa culpar de nada" e *anegkletos* por "homem que ninguém possa acusar de nenhuma falta".

Em 1 Co 1.8 e Cl 1.22 o adjetivo *anegkletos* ocorre em contextos de caráter escatológico, referindo-se ao estar livre de culpa diante do tribunal de Deus no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Este "ser irrepreensível" é dom de Deus em Cristo, conferido a todos os santos. Trata-se de irrepreensibilidade diante de Deus (*coram Deo*).

Nas cartas pastorais esta irrepreensibilidade se refere mais ao que se chama de justiça civil (*justitia civilis*), ou seja, justiça numa dimensão humana. O bispo deve ser alguém que não pode ser acusado de nada em sua conduta moral, nem mesmo por não-cristãos. Assim era Timóteo, companheiro de Paulo (At 16.2). "Ser irrepreensível" é uma qualificação de caráter bastante amplo. Encabeça a lista de qualificações tanto em 1 Tm 3 como em Tito 1, o que faz com que seja uma espécie de resumo das qualificações seguintes.⁴⁷⁹

Como penúltimo aspecto a ser destacado do artigo de Scholz, vamos para a tese de nº 13, onde Scholz afirma: “Quanto à sociedade em que vive, o ministro deve ter bom testemunho dos de fora”. Aqui Scholz afirma que o apóstolo Paulo, em seu ministério, deu muita importância a este requisito, mesmo que ele não seja exclusividade do ministro. Paulo declara em 2 Co 8.21: "o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens". Diz Scholz:

Espera-se do bispo que tenha bom testemunho dos de fora. O mundo tende a julgar a igreja a partir do caráter e da conduta do pastor. Se fracassar neste ponto, mediante comportamento inconveniente, o bispo cairá no descrédito. Uma vez desmoralizado, estará nas garras do diabo, que passa a ter domínio sobre ele e o torna inapto para o ministério.⁴⁸⁰

O último aspecto a ser destacado no artigo de Scholz não é menos importante do que os anteriores e está presente na sua tese 19: “Sendo o ministério muito mais um ofício de

⁴⁷⁸ SCHOLZ, 1985, p. 31.

⁴⁷⁹ SCHOLZ, 1985, p. 32-3.

⁴⁸⁰ SCHOLZ, 1985, p. 39.

representante de Cristo do que profissão, desempenhá-lo requer dedicação total, o que pode se tornar desgastante, e se reveste de contornos próprios, distintos dos padrões seculares”. Pela enorme aderência ao nosso tema julgamos relevante colocar na íntegra o comentário de Scholz a essa sua tese:

Ministério não é profissão; ministério é vida. Ser ministro de Cristo, "herdeiro" do ministério apostólico, é ser representante de Cristo. Não se pode fazer isso oito horas por dia, cinco dias por semana. Isto requer toda a vida. O pastor é pastor vinte e quatro horas por dia, sempre, pois (e isso também é verdadeiro no caso de todo cristão) não pode fazer a distinção "agora sou pastor" - "agora não sou pastor". Ministério é vida.

Esta é a razão por que, no caso do pastor, sua vida se torna o ponto focal. Não se pode dissociar sua pessoa e sua vida da função que desempenha. Os catálogos de qualificações do bispo nas cartas pastorais, com sua ênfase no caráter pessoal, em detrimento de uma longa lista de qualificações profissionais (como talvez fosse de se esperar), testemunham eloquentemente que isto de fato é assim.

Neste particular o ministro é diferente de todos os demais profissionais. Dum professor, por exemplo, se espera que dê boas aulas. Em casa pode brigar com a mulher, sem que isso prejudique em muito a sua carreira profissional. Um militar pode ser alcoólatra e isso em nada afeta sua carreira militar, pois os superiores dizem: "Quando ele está no quartel é ótimo sujeito". Com o pastor nada disso é possível. É pastor sempre, onde quer que esteja. A forma como se relaciona com esposa e filhos também faz parte de seu ministério. Assim sendo, sua casa se torna ponto focal. O pastor, como disse alguém mora num aquário, e é melhor que ele o saiba. Ignorá-la é pior.

Tudo isso pode se tornar desgastante, e geralmente é. Agora, em se tratando de um doulos e diakonos, isto não deveria ser visto como razão para lamúrias, e sim, pelo bom exemplo, como oportunidade de servir a Cristo.⁴⁸¹

Dando continuidade à identificação de textos aderentes a nossa tese, a próxima edição da revista a focar a pessoa do pastor e o ministério só acontece em 1989. Nessa edição encontramos dois artigos ligados ao nosso tema. O primeiro é o próprio editorial, intitulado “A Igreja precisa de homens grandes diante do Senhor”, no qual João Batista é biografado como um exemplo de pastor, por ser cheio do Espírito Santo.⁴⁸² O segundo artigo, intitulado “O Obreiro da Igreja, exemplo dos fieis”, na realidade é uma síntese do 2º Concílio Nacional de Obreiros da IELB, realizado de 5 a 9 de julho de 1989. Os temas das quatro preleções e conferências desse Concílio são resenhados no artigo, abordando: 1) O Valor Pedagógico do Exemplo (Vendo); 2) O Exemplo dos Fieis na Palavra (Fazendo); 3) O Exemplo dos Fieis no Procedimento (Sendo); 4) O Exemplo dos Fieis nas Virtudes Cristãs (Tendo). O artigo também apresenta *O Código de Ética do Pastor*, que foi discutido com os conciliares no mesmo evento.⁴⁸³

⁴⁸¹ SCHOLZ, 1985, p.45.

⁴⁸² HEIMANN, Leopoldo. Editorial. A Igreja precisa de homens grandes diante do Senhor. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 48, n. 2, p. 2-4, jul-dez. 1989.

⁴⁸³ FLOR, Elmer. O Obreiro da Igreja, exemplo dos fieis. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 48, n. 2, p. 103-108, jul-dez. 1989.

No programa do 2º Concílio Nacional de Obreiros da IELB, realizado de 5 a 9 de julho de 1989, conforme já citado anteriormente, as 4 preleções versaram sobre o pastor. Destacou-se na primeira preleção, intitulada “O Valor Pedagógico do Exemplo” a seguinte observação:

A necessidade de modelos de fé e vida também está presente no pastorado. Ter exemplos a seguir e dar exemplo é a constante do ministério. Destacaram aspectos relacionados ao pastor e à sua vida em família, bem como a solidão em a que muitas vezes se relega o obreiro devido à sua condição de depositário de elevada confiança e responsabilidade.⁴⁸⁴

Já na preleção intitulada “O exemplo dos fieis no procedimento” avaliou-se a pessoa do pastor, sua vida pessoal e social, seu falar e proceder.

A problemática que envolve as famílias em nossos dias, incluindo a do pastor, foi alvo da preocupação dos palestrantes e dos debates. Também as condições de vida e trabalho no âmbito civil, na comunidade social, foram consideradas. Outro alerta foi o das tentações, que envolvem o pastorado. Devido a importância de sua missão, o pastor é alvo de muitas tentações, que visam a minar o efeito de seu trabalho e da pregação do evangelho. Se a fidelidade é uma qualidade essencial, apenas homens provados, quanto à fé e ao caráter, devem ser chamados para o ministério.⁴⁸⁵

Por sua vez, o *Código de Ética do Pastor*, já abordado em seção anterior desse capítulo, foi tema da primeira edição da revista do ano de 1991. Ele não é apresentado como artigo, mas sim como uma transcrição literal do atual Código.⁴⁸⁶ Já na edição de 1993 um tema curioso, intitulado “Direitos do Pastor” ocupa espaço de destaque na revista.⁴⁸⁷ Nesse artigo, como o próprio título indica, o foco não recai nas qualidades, virtudes e deveres pastorais, mas no seu anverso, que são os direitos do pastor, em diferentes âmbitos, procurando demonstrar a importância do pastorado e do cuidado que se deve ter com a pessoa do pastor. Porém, em alguns excertos do artigo poderíamos encontrar, na forma como é exposta a linha de pensamento do autor, elementos que poderiam levar a uma posição de superioridade do pastor frente a outras pessoas da igreja, o que colide com o que temos exposto a partir de Lutero e das Confissões.

Se o ministro recebe o seu ofício pelo chamado da igreja ou congregação para servi-la e executar, por delegação, o poder principal da igreja, sua função, se reveste de alta importância também neste sentido. Na igreja o ministério (pastorado) é o ofício mais importante. Pode-se concluir daí que, quanto maior a consideração para o ministério, tanto maior será a influência da igreja no mundo. Jesus, em Lucas 10.16,

⁴⁸⁴ FLOR, 1989, p. 103.

⁴⁸⁵ FLOR, 1989, p. 104.

⁴⁸⁶ O Código de Ética Pastoral. In: *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 50, n. 1, p. 14-21, 1991.

⁴⁸⁷ SONNTAG, Werner. Direitos do Pastor. *Igreja Luterana*. Porto Alegre, ano 52, n. 1, p. 16-42, jun. 1993.

diz: "Quem vos ouve a vós, a mim me ouve". Paulo chama-os de "embaixadores de Cristo".

Se o ministério merece tanta consideração por parte de Deus, os homens deveriam considerá-lo com o maior respeito possível, pois são os diretamente beneficiados com a sua presença entre eles. Como o ministério repousa sobre pessoas, não há como separar totalmente a pessoa da função que ela exerce. Em 1Ts 5.12,13 o apóstolo Paulo escreve: "... vos rogamos... acatais com apreço os que trabalham entre vós e os que presidem no Senhor e vos admoestam; e que os tenhais em máxima consideração".⁴⁸⁸

O próximo artigo que tratou do ministério foi em 1995, intitulado "*O Chamado ao Ministério à Luz do Artigo XIV da Confissão de Augsburgo*", já referenciado nesse capítulo.⁴⁸⁹ Já em 1998, dois artigos tematizaram o ministério pastoral. O primeiro de David Scaer, intitulado "*O Caráter Cristológico do Ministério*", cujo título já explicita seu teor. Já o segundo, de Paulo Nerbas, abordou "*O pastor como um profissional*", no qual o autor argumenta que a profissão não está dissociada da vocação, além de também procurar diferenciar os verdadeiros dos falsos pastores na realidade contemporânea.

Nessa rápida descrição, que longe de abarcar a riqueza contida em cada um dos artigos, que certamente poderiam ser melhor explorados e analisados à luz de nosso enfoque de pesquisa, julgamos que há um certo perigo de uma interpretação "idealizatória" do ministério pastoral e da pessoa do pastor, pelo menos em alguns dos artigos. Porém, a maioria se alinha ao pensamento de Lutero e das Confissões, o que nos permite arriscar de que, salvo algumas exceções, não há, teologicamente falando, qualquer idealização do pastorado na produção acadêmico-teológica da igreja luterana objeto da pesquisa. Passamos, então, para a última seção desse capítulo, que vai verificar elementos temáticos na revista periódica mensal chamada de Mensageiro Luterano.

4.10.2 Mensageiro Luterano

O Mensageiro Luterano também tematizou em diversas de suas edições o tema do ministério pastoral e da pessoa do pastor. Não faremos uma descrição de cada um dos artigos, que se encontram listados em nota de rodapé, com o seu título e data de sua edição.⁴⁹⁰ Alguns

⁴⁸⁸ SONNTAG, 1993, p. 19.

⁴⁸⁹ BECK, 1995, p. 131.

⁴⁹⁰ AZEVEDO, Gilvan de. O pastor e o politicamente correto. vol. 91, n. 6, jun. 2008.; BUENO, Joel Evangelista. O meu pastor: a sua casa. vol. 65, n. 10, p. 9-10, out. 1982.; HASSE, Rodolpho. Pastores e padres trocando seus púlpitos. vol. 48, n. 9-10, p. 113-114, set./out. 1965.; HARTUNG, Bruce. O pastor, um profissional vocacionado que também precisa ser visto enquanto profissional. vol. 78, n. 2-3, p. 12-13, fev./mar. 1995.; HEIMANN, Leopoldo. O pastor e o seu ministério. vol. 51, n. 7, p. 9 e 13, jul. 1968.; HEIMANN, Leopoldo. Ser Pastor. vol. 26, n. 1, p. 41, 1965.; HEIMANN, Thomas. Cuidando dos Cuidadores. vol. 91, n. 8, p. 8-10, ago. 2008.; HOFFMANN, Wesley. Ser pastor: influências, expectativas, alegrias, frustrações. vol. 97, n.

títulos, porém, tematizam diversas questões que já abordamos nos capítulos anteriores, como o pastor e sua família, a relação vocação versus profissão, a postura ética do pastor, pastores feridos, cuidando de cuidadores, os desafios do ministério na atualidade, as tristezas e frustrações pastorais etc.

Dentre todos os artigos queremos fazer referência a um dos mais recentes, baseado numa pesquisa já citada anteriormente. Trata-se do artigo de Wesley Hoffmann, pastor luterano e psicólogo, intitulado “Ser pastor: influências, expectativas, alegrias, frustrações...”, publicado na edição do Mensageiro Luterano de junho de 2014.⁴⁹¹

Este artigo, conforme diz o próprio autor, apresenta resumidamente o resultado de uma pesquisa realizada em 2011 com pastores da IELB sobre o ofício pastoral e suas implicações sob o ponto de vista psicológico,⁴⁹² no qual o autor ressalta o fenômeno recente na igreja, referente ao aumento de pedido de demissões do ministério. A pesquisa que serviu como base do artigo, um trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia, é intitulada: *A Escolha por ser Pastor Luterano: uma Questão de Identidade Social*.⁴⁹³

Buscando alguns excertos do artigo, ao analisar os resultados para a pergunta “o que é ser pastor?”, Hoffmann descreve uma síntese de sua análise.

Espera-se que todo pastor luterano tenha o mesmo estereótipo de cuidador e abdique de seus valores em favor do grupo, e que, ao mesmo tempo apresente os estereótipos, diante do grupo e da sociedade, de marido ideal, de pai exemplar, de modelo de cidadão e de comportamento moral inquestionável. Acreditamos que as exigências do ofício pastoral são bem maiores do que as de outras profissões, gerando estresse nos pastores; estes, ao que parece, tendem a responder às expectativas de todas as pessoas da igreja para não decepcioná-las.

Os entrevistados relataram que sua principal função como pastores é cuidar das pessoas, sendo que, para isso, precisam abdicar, como já dito, do contato com a própria família, interferindo, inclusive, no seu comportamento social, pois sentem-se pressionados a atender como pastores em período integral, não podendo, por exemplo, ser vistos em trajés informais fora de seu dia de folga.

6, p. 16-19, jun. 2014.; HOFFMANN, Waldyr. Como iniciar e continuar bem o ministério. vol. 86, n. 6, p. 8-11, jun. 2003.; HOFFMANN, Waldyr. A postura ética do pastor na congregação. vol. 85, n. 6, p. 6-7, jun. 2002.; HUF, Fernando Henrique. Igrejas e pastores feridos, caminhos para a reconciliação. vol. 95, n. 6, p. 13-15, jun. 2012.; KUCK, João. O pastor e o desafio da atualização ministerial: um líder de visão. vol. 81, n. 6, p. 7, jun. 1998.; LANGE, Rosemarie Kunstmann. O meu pastor: Que penso dele? vol. 65, n. 10, p. 8-9, out. 1982.; LAUTERT, Nelson. O pastor e o desafio da atualização ministerial: em busca da qualidade total. vol. 81, n. 6, p. 6, jun. 1998.; LINDEN, Gerson Luis. Pastor, esposo e pai. vol. 74, n. 6, p. 35, jun. 1991.; MILOVÁN, Guilherme. As lágrimas do pastor. vol. 79, n. 5, p. 8-9, maio 1996.; NEITZEL, Leonardo. Pastores segundo o coração de Deus. vol. 85, n. 6, p. 6-7, jun. 2002.; NERBAS, Paulo Moisés. Entre a palavra e o povo está o pastor. vol. 80, n. 2-3, p. 8, fev./mar. 1997.; PATZER, Lauro. É duro ser pastor. vol. 56, n. 2, p.6-7, fev. 1973.

⁴⁹¹ HOFFMANN, Wesley. Ser pastor: influências, expectativas, alegrias, frustrações... *Mensageiro Luterano*, p.16-19, junho 2014.

⁴⁹² Tomamos conhecimento desse trabalho em meados de 2015, quase um ano após sua publicação, quando fomos arrolando os títulos da revista que tratavam do tema ministério pastoral, porém não conseguimos junto ao seu autor a íntegra do seu trabalho, o que nos dificulta a análise do mesmo.

⁴⁹³ HOFFMANN, Wesley. *A Escolha por ser Pastor Luterano: uma Questão de Identidade Social*. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Psicologia - Faculdade Brasileira. Vitória, E.S., 2011.

Alguns entrevistados acreditam que precisam estar disponíveis todo o tempo. Porém, ao mesmo tempo em que estar disponível é descrito como ponto positivo, o efeito, que é a perda da autonomia, é relatado como prejudicial à pessoa do pastor e a sua família. Assim, o pastor abre mão de estar disponível para os seus familiares em favor dos membros da igreja.⁴⁹⁴

Lembramos que esses dados da pesquisa de Hoffmann são corroborados por outros aportes teóricos já referenciados em nosso terceiro capítulo. Mais adiante o autor complementa, chegando a um dos pontos centrais de nossa tese, da idealização pastoral: “Simultaneamente, parece que os entrevistados se sentem impelidos a serem modelos para a sociedade, como se vivessem numa vitrine, sendo bons maridos, pais exemplares, cidadãos corretos e moralmente irrepreensíveis”.⁴⁹⁵

Ao abordar a questão do *status* pastoral, Hoffmann descreve que os pastores entrevistados não se enxergam como pessoas especiais ou com outros privilégios diante de Deus, mesmo que concordem com o fato de terem responsabilidades maiores do que os demais membros para cumprir com a função para a qual foram chamados por Deus. Porém, referem-se a um ponto negativo do pastorado atual, que é a perda de status, no qual o pastor estaria passando de líder e guia espiritual para empregado ou funcionário da congregação. Aliados a um declínio salarial sentido nos últimos anos, esse conjunto de situações estaria levando a uma redução do grau de satisfação pessoal no exercício do ministério.⁴⁹⁶

Os motivos para a desistência do ministério, segundo a pesquisa de Hoffmann, estão ligados a dificuldades em conciliar vida familiar e função pastoral, a baixa remuneração e também uma crise vocacional. Complementa o autor:

Os participantes do estudo consideram também que talvez haja uma crise vocacional. Somando-se a isso, ainda afirmaram que há dificuldades no trabalho e falta de suporte, o que acarreta sobrecarga de trabalho. Destaca-se ainda que alguns pastores deixam o ministério por causa de sua conduta pessoal incompatível com esse ofício.

O trabalho é importante na constituição da identidade social, porém não como suficiente para identificar a pessoa; ao mesmo tempo, a identidade apresenta um caráter mutável. Assim, uma vez que o trabalho não confere uma produção de sentido positivo à pessoa, ela procura outra opção de trabalho mais satisfatória.⁴⁹⁷

Como conclusão e sugestão Hoffmann aconselha os membros para que se disponham a ajudar os seus pastores e os enxerguem como pessoas que também passam por dificuldade e dias ruins. Aos pastores, é sugerido que reconheçam que não podem dar conta de tudo, devendo expor suas dificuldades e limitações aos membros e busquem ajuda profissional, se

⁴⁹⁴ HOFFMANN, 2014, p. 16-7.

⁴⁹⁵ HOFFMANN, 2014, p. 16-19.

⁴⁹⁶ HOFFMANN, 2014, p. 18.

⁴⁹⁷ HOFFMANN, 2014, p. 19.

necessário. A ambos, que “criem uma relação de auxílio mútuo e um ambiente seguro, onde todos possam se expressar e buscar o melhor para o reino de Deus”.⁴⁹⁸

4.11 Considerações finais

A análise feita nesse capítulo buscou apresentar o percurso percorrido pelo conceito de ministério pastoral, desde os seus primórdios até a contemporaneidade, numa delimitação que procurou focar especialmente o pensamento luterano. Pretendeu-se verificar na teologia bíblica, de Lutero, da Reforma e dos documentos oficiais da igreja luterana, bem como em alguns ritos litúrgicos, elementos que pudessem indicar uma possível idealização do ministério ou do ofício pastoral no seio da IELB.

Vimos que, em essência, a teologia luterana, especialmente nos seus textos-fonte, baseados em Lutero e nas Confissões, não dá grandes motivos para que idealizemos o ministério, pelo contrário, nos auxiliam a colocá-lo sempre numa dimensão diaconal, de um serviço, o que não exclui a sua sublimidade, colocada pelo apóstolo Paulo como “uma excelente obra” (1 Timóteo 3.1). Porém, também foi possível identificar elementos de idealização, mesmo que não intencionais, no rito litúrgico de ordenação e na forma redacional – ou quem sabe até na hermenêutica - de alguns artigos sobre o tema do ministério pastoral nas últimas décadas, publicados em revistas oficiais da IELB.

Abarcado esse eixo temático podemos, finalmente, nos dedicar ao último aspecto de nossa tese, buscando no percurso pessoal de Martinho Lutero, em sua vida e ensino, elementos para evitamos qualquer possibilidade de idealização do ministério pastoral, inserindo o libertador conceito da Teologia da Graça.

Porém, julgamos não só relevante, mas essencial, colocar ao final desse capítulo o resultado de nossa pesquisa, quando na questão 11 incitamos os pastores à reflexão da seguinte afirmativa, totalmente aderente ao que buscamos averiguar no capítulo 4: “A teologia luterana do ministério pastoral contribui para a construção de um pastorado idealizado”. A percepção dos entrevistados quanto a essa afirmativa nos remeteu ao seguinte resultado: setenta e oito (78%) dos pastores concordam que a teologia luterana contribui, sim, para a construção de um pastorado idealizado (36% totalmente e 42% em parte). O resultado em si não nos surpreende, especialmente em função de dados empíricos auscultados ao longo dos doze anos ministrando cursos sobre o *cuidado a cuidadores* a pastores da IELB. Surpreende, porém, ao percebermos o grande *gap* existente entre aquilo que se professa e aquilo que se

⁴⁹⁸ HOFFMANN, 2014, p. 19.

percebe como prática vivida na igreja luterana. Sobre esse *gap* ou distanciamento falaremos com maiores detalhes em nosso próximo capítulo.

5 DA DESGRAÇA DA IDEALIZAÇÃO PASTORAL À TEOLOGIA DA GRAÇA: REFLEXÕES E CUIDADOS A PARTIR DA VIDA E ENSINO DE LUTERO

5.1 Considerações iniciais

Esse último capítulo de nossa tese já tem no seu título a delimitação do que se propõe a refletir. No jogo de palavras, parte da premissa que a idealização pastoral é uma “desgraça” para o pastor que for enredado nessa tirânica armadilha. Porém, também quer sinalizar para os cuidados pastorais diante dos processos de idealização neurótica, encontrados fundamentalmente na teologia da graça. O capítulo pretende investigar, naquele que é o “fundador”⁴⁹⁹ do luteranismo, elementos que indiquem que o próprio reformador Martinho Lutero viveu profundos momentos de angústia e sofrimento em função de processos de idealização neurótica no exercício de seu ministério pastoral.

Interessa-nos, fundamentalmente, compreender qual foi o caminho percorrido por Lutero desde os processos de formação de sua culpa neurótica – muito em função de cobrar de si mesmo uma perfeição moral-espiritual – até o momento em que ele vai se libertando desses processos neuróticos.⁵⁰⁰ Para chegarmos a essa compreensão é preciso acompanhar não só fatos de sua biografia, mas especialmente o pensamento teológico de Lutero, do abandono do caminho da autojustificação para o caminho da graça libertadora de Deus. A partir dessa guinada teológica e pessoal Lutero passa a defender e a proclamar um dos aspectos centrais da reforma e de toda sua teologia: a teologia da graça ligada à doutrina da justificação pela fé em Cristo, fundamentada especialmente nos textos escriturísticos do apóstolo Paulo. Paulo, justamente, é o apóstolo que também deixou muito clara a dimensão do sofrimento pastoral no exercício do seu ministério e a sua completa dependência de Deus em todo o seu trabalho pastoral.

⁴⁹⁹ Mesmo que a intenção de Lutero nunca tenha sido de fundar uma nova igreja, mas sim de reformar a igreja da qual fazia parte, podemos atribuir o título de fundador do luteranismo a ele. Num de seus escritos Lutero declara explicitamente a esse respeito: “Que pretensão seria essa de um miserável e fedorento saco de vermes como eu se quisesse que os filhos de Cristo fossem chamados por seu desastrado nome? Que não seja assim, amigo. Vamos extirpar as siglas partidárias e nos chamar de cristãos, de quem temos a doutrina”. In: LUTERO, Martinho. Uma sincera exortação de Martinho Lutero a todos os cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia. (1522). _____, *Obras Seleccionadas*. vol. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 472-483, p. 481.

⁵⁰⁰ Alguns estudiosos que se debruçaram sobre a vida de Lutero, como Martin Dreher, Erik Erikson, James Jones e outros comentam que elementos neuróticos do reformador nunca foram totalmente superados, sendo percebidos até os últimos anos de sua vida, visto que ao fim dela voltou a ficar profundamente amargo e virulento. Há todo um contexto que poderia explicar esse recrudescimento de traços neuróticos em Lutero, mas ele não é tão importante para a nossa pesquisa. Em nenhum momento se pretenderá dizer que o processo de libertação de Lutero, no que tange aos seus processos neuróticos, é algo linear ou definitivo, pois isso seria ir inclusive contra o próprio pensamento antropológico dialético de Lutero, do *simul iustus et peccator*. Também no desenvolvimento da sua “teologia da cruz” Lutero deixa isso claro, de que a cruz acompanha o cristão, não havendo uma libertação total dela enquanto vivermos nesse mundo.

A proposta desse último capítulo é justificada pela hipótese de que muitos pastores da atualidade também estejam passando por situações análogas a que Lutero passou: o sofrimento gerado por uma idealização moral e espiritual inatingível diante de Deus, diante de si mesmo, diante de sua família, diante da igreja e diante de toda a sociedade, como já pudemos perceber pelos resultados da pesquisa apresentados nos capítulos anteriores.

Acreditamos que o sofrimento gerado por esse ideal religioso, ético e moral inatingível seja fruto da dificuldade de muitos pastores de serem também “tocados” pela graça divina, ou melhor dizendo, de confiarem plenamente na graça libertadora de Deus, mesmo tendo plena clareza de que, na visão luterana, isso não acontece a partir do próprio cristão, mas é um *extra nos, pro nobis*, ou seja, um presente de Deus dado a nós, recebido sem qualquer mérito, dignidade ou mesmo esforço intelectual ou espiritual de nossa parte. Não somos nós que conseguimos alcançar isso, Deus é que alcança a nós pelos meios da graça.

Supor que pastores luteranos não estejam conseguindo confiar na graça libertadora de Deus não deixa de ser um grande paradoxo: numa denominação religiosa que ficou conhecida e demarcada como a igreja que anuncia a graça incondicional de Deus, o pastor, que é o portador especialmente chamado para anunciar essa graça ao mundo parece, muitas vezes, não conseguir usufruir ou se apropriar⁵⁰¹ dela. Vive aprisionado por uma tirânica idealização, fruto, provavelmente, de uma influência fortemente pietista⁵⁰² ainda presente no seio de muitas comunidades luteranas e das quais muitos pastores são originários, dado que será referenciado por alguns dos pastores respondentes de nossa pesquisa ainda nesse capítulo.

Lutero, em seu longo e doloroso processo de luta interior, que vai desembocar na própria obra da Reforma, nos descortina a possibilidade de que existem caminhos possíveis de libertação dessa idealização neurótica religiosa e pastoral, que passa também por uma reflexão teológica e um necessária reforma em determinados aspectos da igreja de hoje. Lembramos que a “Experiência na Torre” de Lutero, o *Turmerlebnis*, é uma das importantes etapas nesse seu gradativo e paradigmático processo de “libertação”. Trataremos dele mais adiante, mesmo

⁵⁰¹ Apropriar-se aqui não significa que isso seja uma tarefa obtida por mérito ou esforço intelectual, psicológico ou mesmo espiritual por parte do pastor, visto que para a teologia luterana a própria fé é um presente de Deus, não sendo fruto de reflexão teológica ou acadêmica. Como dissemos, é um *extra nos, pro nobis*.

⁵⁰² O Pietismo foi um movimento de renovação espiritual surgido no âmbito do Protestantismo do século XVII. Enfatiza a santidade de vida, não no plano racional, mas fundamentalmente prático. O alvo maior desse movimento era a edificação do homem interior, que exigiria um novo nascimento. Esse novo homem atuaria procurando transformar as relações na vida da Igreja e da sociedade. No pietismo há uma certa tendência ao moralismo, no que diz respeito à postura ética e moral do cristão em meio ao mundo pecador. TESSMANN, Mário Francisco. Pietismo. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto. (ORG.). São Paulo: ASTE, 2008, p. 785-790.

reconhecendo que prevalece nessa experiência específica um aspecto muito mais simbólico do que prático ou “metodológico”.⁵⁰³

Acreditamos que toda a teologia de Lutero é fruto de uma época em crise, que clamava pela liberdade de opressão religiosa e existencial. Porém, essa teologia é também, em sua essência, resultado de uma consciência profundamente angustiada de um ser humano em crise, que nos pode servir de inspiração para uma reflexão atual, tanto num nível coletivo/institucional quanto individual/pessoal. No dizer do teólogo e historiador protestante Marc Lienhard, a teologia de Lutero é um “clamor do coração”,⁵⁰⁴ o clamor de um coração profundamente atribulado e sequioso de libertação, como talvez sejam hoje os corações de muitos pastores.

Em função disso, esse capítulo também pretende se debruçar sobre as falas dos pastores acerca de como estão percebendo a teologia da graça em suas vidas e na própria denominação a que pertencem. Encerramos o capítulo com a proposição de uma reflexão sobre a necessidade de resgatar a dimensão humana, frágil e pecadora do pastor, o que vai nos exigir um reposicionamento enquanto igreja, no sentido de enxergarmos os pastores como pessoas que precisam, absolutamente, viver *na* e *sob* a graça de Deus, permitindo-se a ser “pessoa” e não apenas atendendo a sua *persona* de “pastor”. Como diz o jornalista e escritor Philip Yancey no título de seu livro,⁵⁰⁵ é preciso que saíamos do “eclipse da graça”, cuja sombra parece estar sob muitos pastores luteranos da atualidade, para que sejamos banhados novamente pelo doce e libertador calor do evangelho, propondo espaços de cuidado pastoral aos próprios pastores em sofrimento.

5.2 Culpa e idealização: a neurose como construto da vida de Lutero

Tratar de alguns temas teológicos em Lutero, tal como a teologia da graça e justificação pela fé, pode parecer, no mundo teológico luterano contemporâneo, desperdício de tempo ou, num jargão popular, “chover no molhado”. Muitos poderão argumentar que não há mais nada a ser escrito ou descoberto a esse respeito. Essa não seria uma crítica tão injusta, visto que o pensamento teológico de Lutero a respeito desses dois temas parece ser bastante claro, tanto mais no meio protestante luterano.

⁵⁰³ No sentido de que o *Turmerlebnis* não pode ser enxergada como um método ou caminho para que os pastores também reflitam e “obtenham” um insight psico-teológico-espiritual acerca da graça de Deus em suas vidas.

⁵⁰⁴ LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 43.

⁵⁰⁵ YANCEY, Philip. *O Eclipse da graça*. Onde foi parar a boa nova do Cristianismo? São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

Porém, tratar da vida pessoal de Lutero, num olhar investigativo a respeito de seu mundo interior, buscando identificar experiências de angústias, dúvidas, culpas e idealizações, num olhar psíquico-espiritual-emocional, já é algo menos comum. Mesmo que esse olhar sobre o Lutero “pessoa” já tenha sido objeto de diferentes estudos, essa tarefa, em nosso entender é mais delicada e arriscada do que se debruçar sobre a teologia da graça e da justificação pela fé, desenvolvidas pelo reformador de forma bastante sólida em toda sua vasta produção literária.

Uma eventual tentativa de propormos um diagnóstico psicológico de Lutero não seria prudente, nem inteligente, nem tampouco muito ético, além de que seria marcado por um subjetivismo que dificilmente encontraria consenso no meio acadêmico, seja ele teológico ou psicológico. Como diz o teólogo e pesquisador de Lutero, Risto Saarinen, “O Lutero histórico está oculto atrás de 500 anos de história de texto e tradição. É uma tarefa difícilíssima encontrá-lo e então compreendê-lo da forma como ele teria compreendido a si mesmo”.⁵⁰⁶ Outros exemplos nessa dificuldade de definirmos Lutero é que ele já foi chamado de gênio e de louco, de maníaco e depressivo, de psicótico e neurótico, entre outras qualificações e “desqualificações” a respeito de sua complexa personalidade. Logo mais adiante referenciaremos os autores que se puseram a analisar psicologicamente Lutero e a diagnosticá-lo dessas formas.

Essa primeira seção do capítulo, apesar dessas ressalvas acima expostas, se propõe a lançar alguma luz sobre o Lutero pessoa, não o Lutero teólogo, buscando identificar elementos que apontem para o contexto cultural, familiar, educacional e religioso profundamente neurótico no qual Lutero nasce e é criado.

Tentaremos demonstrar que culpas, medos, dúvidas e angústias, questões comuns a qualquer ser humano, no período em que Lutero viveu eram marcadamente potencializadas em todas as instâncias da vida da Idade Média Tardia. Pensamos que muito da trajetória pessoal e teológica de Lutero, deve-se a esse contexto neurótico.

5.2.1 Tempos neuróticos

Para que possamos compreender a linha de pensamento seguida nesse capítulo, alguns conceitos desenvolvidos no capítulo dois serão retomados, especialmente ligados à formação

⁵⁰⁶ SAARINEN, Risto. A lenda urbana Lutero. In: HELMER, Christine (ed). *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 25-44. p. 26.

dos processos neuróticos, visto que partimos do pressuposto de que Lutero é fruto de uma época profundamente neurótica.

Já vimos que a psicologia conceitua neurose como um transtorno mental que não afeta as funções essenciais da personalidade e das quais o sujeito está dolorosamente consciente.⁵⁰⁷ Os estados neuróticos apresentam algumas características comuns, como falta de confiança do sujeito no seu papel social, agressividade contra si ou contra o outro, perturbações do sono e da sexualidade, cansaço exagerado, entre outros sintomas, muitos dos quais são facilmente identificados na biografia de Lutero, segundo relatos dele próprio e que serão abordados mais à frente no capítulo. Tais sintomas, ainda segundo a psicologia, seriam a expressão simbólica do drama interior que o indivíduo é incapaz de dominar, pois escapam à sua consciência clara os elementos essenciais.⁵⁰⁸

Já quando Horney agregou ao posicionamento freudiano as inferências culturais como fundamentais na produção das neuroses, isso nos leva a levantarmos a possibilidade de Lutero ter traços neuróticos não apenas em função de uma possível fragilidade na estrutura de sua personalidade, como Freud diria, mas também atribuindo às forças culturais e religiosas de sua época um papel importante na construção dos seus processos neuróticos.

Como diz Freud, o psiquismo neurotiza como uma forma de defesa das pressões, melhor expresso nas palavras do próprio psicanalista: “A vida, tal como encontramos, é árdua demais para nós; nos proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar medidas paliativas”.⁵⁰⁹ Alia-se a essa concepção o que disse Horney, de que o indivíduo neurótico precisa “esconder quão fraco, inseguro e inerte se sente, e quão pouco é capaz de afirmar-se”, construindo para si uma fachada de força. Esse indivíduo passa a sentir que há perigo em sua fraqueza, considerando-a abjeta, classificando como fraqueza qualquer insuficiência que possa perceber em si mesmo. A partir do desprezo que passa a ter para “qualquer “fraqueza” em si mesmo, bem como acreditando que os outros também o desprezarão caso a descubram, o indivíduo faz esforços desesperados para escondê-las. Porém, sua ansiedade não diminui, pois paira o temor constante de que, mais cedo ou mais tarde, será desmascarado.”⁵¹⁰ Esse parece ter sido um retrato fiel de boa parte da vida de Lutero, especialmente na sua relação inicial com Deus, antes de ser alcançado pela graça divina, como veremos logo a seguir. Uma das medidas paliativas de Lutero diante de suas

⁵⁰⁷ SILLAMY, 1998, p. 164.

⁵⁰⁸ SILLAMY, 1998, p. 164.

⁵⁰⁹ FREUD, Sigmund apud SILVA, Magali, 2009, p. 265.

⁵¹⁰ HORNEY, 1959, p. 175-6.

tarefas morais-religiosas impossíveis provavelmente culminou na sua escolha em ingressar no convento agostiniano, um dos mais severos da região.

Já quando Aubert passa a descrever a neurose de excelência, chamada de “a doença da idealização”, que decorre da luta constante que o ser humano mantém para satisfazer os ideais de excelência que caracterizam nossa sociedade, bem como de trabalhar energeticamente, sempre tentando, com muito esforço pessoal, um melhor desempenho e sucesso, também percebemos esses elementos conceituais na luta de Lutero para ser um cristão e melhor monge. Na busca dessa satisfação de excelência o indivíduo acaba caindo e ficando preso a uma espiral infernal, “obrigado a correr cada vez mais depressa em um contexto onde tudo muda tão rapidamente que não resta nada mais de estável a que se agarrar para retomar o fôlego”.⁵¹¹

Aspectos dessa definição acima se tornarão claramente identificáveis ao descrevermos a sociedade e igreja da época de Lutero. A primeira delas trata das exigências para se conquistar, por mérito próprio a salvação da alma, na tentativa de satisfazer os ideais de excelência espiritual e religiosa impostos pela igreja medieval. Já o segundo aspecto nos remete a uma curiosa correlação entre a época da Idade Média Tardia, que é marcada por grandes mudanças e quebra de referências sólidas, se tornando muito similar com os processos de mudança rápidas e constantes que estamos vivendo no período atual da “Pós-modernidade”.⁵¹² Vemos que há muitas coisas comuns entre o período de Lutero com o período atual em que vivemos, o que nos facilitará quando quisermos demonstrar possíveis identificações de pastores de hoje com o que vivenciou o reformador.

5.2.2 A neurose profissional: um clero neurótico?

Um terceiro tipo de neurose que queremos retomar nesse capítulo, pois acreditamos também se relacionar ao mundo vivido por Lutero após seu ingresso na vida monacal, trata-se da *neurose profissional*. Conforme diz Aubert, a neurose profissional seria “uma afecção psicogênica persistente na qual os sintomas são a expressão simbólica de um conflito psíquico no qual o desenvolvimento está ligado a uma situação organizacional ou profissional determinada”.⁵¹³

⁵¹¹ AUBERT, 1993, p. 101-2.

⁵¹² Uma das similaridades entre o período de Lutero e o atual, resguardadas as devidas proporções, foi o impacto da tipografia de Gutenberg, que permitiu uma disseminação rápida de novas ideias, jamais vista até então na sociedade europeia. Isso é o que de mais próximo há das redes virtuais de comunicação, que influenciam nas instabilidades referenciais do mundo moderno.

⁵¹³ AUBERT, 1993, p. 87.

Segundo a autora, essa neurose pode ser de dois tipos. A primeira é uma *neurose profissional atual*, quando tem origem na própria situação profissional, sem remeter particularmente a um conflito infantil. Já a segunda é chamada de *psiconeurose profissional*, que exprime através de uma situação organizacional ou profissional um conflito oriundo da infância.⁵¹⁴ Ou seja, no caso de Lutero o ingresso na vida monacal e, posteriormente a sua atuação como sacerdote, pode ter lhe feito reviver ou mesmo potencializar um conflito que já trazia desde a infância, na sua relação conflituada com as figuras de autoridade, especialmente seu pai e o próprio Deus, ambos vistos por Lutero como juízes muito severos, fatos que ficarão claros pela própria exposição de Lutero logo a seguir.

Na psiconeurose profissional, portanto, o sujeito funciona como uma caixa de ressonância dos múltiplos problemas ou dos múltiplos conflitos da organização e isto porque ele é, por sua própria história, particularmente receptivo ou sensível.⁵¹⁵ Não seria errado afirmar que Lutero, sem dúvida, se tornou uma caixa de ressonância dos problemas vividos pela organização eclesiástica da época, assim como isso poderia ser dito de outros reformadores do período, desde John Hus (1369-1415), passando pelos reformadores contemporâneos de Lutero como Calvino e Zwínglio.

Com relação a uma possível fragilidade psíquica de Lutero, cabe aqui citar pelo menos algumas das hipóteses interpretativas acerca da personalidade de Lutero por alguns dos estudiosos do assunto⁵¹⁶. Segundo o psiquiatra dinamarquês P.J. Reiter, Lutero beirava à psicose, sendo que teria uma tendência inata para a depressão, reforçada pela má relação com a figura paterna. Já o filósofo francês Dalbiez via em Lutero uma forte tendência para o pessimismo e a ansiedade. Já para o psicanalista Erik Erikson, autor do livro *Young Man Luther* (O jovem Lutero), o drama de Lutero teria se consistido numa crise de identidade.⁵¹⁷ Já Jones, mesmo sem usar o termo bipolaridade, caracteriza Lutero como uma pessoa de extremos, que ia da escrupulosidade e ascetismo a momentos de extrema complacência em termos de alimentação, bebida e discurso.⁵¹⁸

⁵¹⁴ AUBERT, 1993, p. 87.

⁵¹⁵ AUBERT, 1993, p. 95.

⁵¹⁶ Alguns dos principais estudos médicos, psicanalíticos e psiquiátricos acerca de Lutero, conforme descrito por LIENHARD, 1998. p. 326, são: P. Smith (Luther's early development in the light of psycho-analysis, 1913); Erik Erikson (Young man Luther: a study in psychoanalysis na history, 1958); P.J. Reiter (Martin Luthers Umwelt: karakter uns Psychose, 1937 e 1941); R. Dalbiez (L'angoisse de Luther, 1978).

⁵¹⁷ LIENHARD, 1998, p. 326-7.

⁵¹⁸ JONES, James W. Lutero e a Psicanálise Contemporânea: viver em meio a horrores. In: HELMER, Christine (ed). *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 83-98. p. 84.

Steven Ozment, professor de história antiga e moderna de Harvard, ao abordar o mundo psíquico-mental de Lutero, refere-se ao fato de que Erikson vai muito além do que deveria na sua análise de Lutero, supervalorizando a crise de identidade de Lutero a partir de sua relação conflituada com o pai. Porém, um elemento comum à nossa visão sobre Lutero é que Erikson também aponta a “experiência da torre” como um evento chave do processo de guinada pessoal do reformador.⁵¹⁹

Independente de aceitarmos ou não os “diagnósticos” psicológicos acerca de Lutero, o que importa para nossa pesquisa é admitirmos que havia todo um contexto propício para formação de processos neuróticos em Lutero, sendo isso o suficiente para a proposição defendida aqui, de que Lutero sofreu profundamente com todas essas questões.

5.2.3 Sob o domínio da culpa

Após vermos alguns elementos neuróticos presentes no contexto histórico de Lutero, retomamos o conceito de *culpa*, especialmente por ser ela, pelo menos sob o ponto de vista da psicanálise, uma das principais fontes das neuroses individuais e coletivas. No contexto desse capítulo, a culpa talvez tenha sido o motor principal da neurose presente na Idade Média Tardia, motivo pela qual ela precisa ser aqui descrita, mesmo que sinteticamente.

Segundo Antonio Máspoli de Araújo Gomes, conforme já sinalizado em capítulo anterior, culpa e pecado são conceitos intimamente ligados, sendo que o pecado é um dos elementos fundamentais para a compreensão do problema da culpa e do sofrimento humano na sociedade contemporânea.⁵²⁰ A relação dessa trilogia, pecado-culpa-sofrimento, é facilmente percebida na vida e obra de Lutero, em diversos de seus escritos, de modo muito especial no escrito *Da Vontade Cativa* (1524).⁵²¹

Já o psicólogo e doutor em ciências da religião, James Jones vai comentar justamente acerca desse aspecto, ao afirmar que, para Lutero, o grande e mais atribulado campo de batalha acontece dentro da própria alma humana, quando precisa lidar diariamente com o pecado que habita em seu interior. O próprio Lutero vai afirmar isso no seu texto *As catorze consolações*:

Isto é certo e verdadeiro, quer a pessoa creia, quer não; não pode haver sofrimento tão grande que seja o pior dos males que estão dentro dela. Os males que há dentro

⁵¹⁹ OZMENT, Steven. *The Age of Reform: 1250-1550*. New Haven and London: Yale University Press, 1980. p. 225-7.

⁵²⁰ GOMES, 2002, p. 76.

⁵²¹ LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. In: _____. *Obras Seleccionadas*. Vol.4. Debates e Controvérsias, II. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. p. 11-216.

dela são muito mais numerosos e maiores do que ela sente. Porque se sentisse seu mal, sentiria o inferno, pois ela tem o inferno dentro de si.⁵²²

Fenichel, outro psicanalista, vai afirmar que “os sentimentos de culpa que acompanham a prática de uma maldade e os sentimentos de bem-estar que resultam do cumprimento de um ideal são os modelos normais seguidos pelos fenômenos patológicos de depressão e mania”.⁵²³ Mais uma vez, parece-nos que os três componentes dessa definição se mostram presentes na vida de Lutero: a culpa, a incapacidade de cumprimento do ideal religioso imposto pela igreja e sintomas depressivos e melancólicos.

O impacto da culpa, que como já vimos no capítulo três acompanha muitos dos pastores de nossa pesquisa, parece ser uma das fontes seguras do sofrimento pastoral. Diz Gomes, já citado no capítulo três, sobre o assunto:

[...] o sentimento de culpa geralmente apresenta-se como sintoma do pecado e da transgressão. Mas num processo de feedback, a culpa pode transformar-se na causa de inúmeros problemas humanos. Jung (1988) relacionou algumas das consequências da culpa para o indivíduo: isolamento social, depressão, angústia, ansiedade, tendência suicida, insônia e demais distúrbios psicossomáticos, tais como asma, bronquite, prisão de ventre, até doenças mais complexas como algumas manifestações de câncer. A Bíblia também faz referência a algumas doenças relacionadas com a culpa. A leitura e reflexão em passagens como Gn 4.1-7, o Sl 32, e Mt 9.1-8 são suficientes para se ter uma ideia do estrago que a culpa pode provocar na alma e na saúde física, espiritual e mental do homem.⁵²⁴

Já na obra do psiquiatra cristão Paul Tournier, intitulada *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*, a culpa é vista como um fenômeno psíquico que traz como consequência quase inevitável uma ideia de pagamento. "Tudo deve ser pago", diz Tournier, afirmando haver uma atitude psicológica profundamente enraizada no coração de todos os homens, que o leva a sentir-se um devedor contumaz por tudo o que acontece em sua vida.⁵²⁵ Esse pensamento é corroborado por Gomes quando, ao conceituar culpa como um “sentimento que uma pessoa tem de ter errado, violado algum princípio ético, moral ou religioso”, associa a essa consciência um grau muito baixo de autoestima e sentimento de que o erro deve ser expiado ou compensado.⁵²⁶

Não apenas essa, mas uma outra afirmação de Tournier encontra forte ressonância na produção literária de Lutero, mais especificamente na sua antropologia. Tournier considera

⁵²² LUTERO, Martinho apud JONES, 2013, p. 87.

⁵²³ FENICHEL, 1981, p. 96.

⁵²⁴ GOMES, 2002, p. 76.

⁵²⁵ TOURNIER, Paul. *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. São Paulo: ABU, 1985, p. 200.

⁵²⁶ GOMES, 2002, p. 76.

como hipócritas aqueles que se julgam justos ou isentos da culpa, visto afirmar que o ser humano repousa num fundo de iniquidades inumeráveis de imoralidade escondida, o que descortina em Tournier uma visão bastante pessimista de ser humano, tal como Lutero, que afirma que o ser humano tem a sua vontade totalmente aprisionada pelo pecado.⁵²⁷

Para Tournier, a falta de humildade em reconhecer suas falhas, com a repressão da própria consciência é o grande perigo para o ser humano, sendo uma falsa solução para se livrar da culpa, acabando por produzir neuroses.⁵²⁸ Portanto, a tentativa de tentar buscar uma autojustificação, especialmente diante de Deus, tarefa essa que é impossível para Tournier, será sempre fonte produtora de sofrimento neurótico. Afirma Tournier a esse respeito:

Reduzido a si mesmo, o homem está perdido. Seus esforços, sua boa vontade, suas boas intenções, suas virtudes, nada é suficiente para dissipar o seu mal-estar. Ele se apercebe que, mesmo os mais sinceros esforços que ele empreende para eliminar o mal, desencadeiam um novo mal. Há dentro dele um veneno que ele recebeu com a própria vida, que persiste tanto quanto dura a sua vida, e que contamina tudo com antecedência.⁵²⁹

Na relação da culpa com a religião, especialmente na relação do ser humano com Deus, mesmo quando esse ser humano já teve um encontro com a doutrina bíblica da graça, Tournier ainda afirma a dificuldade do ser humano em se apoderar ou se apropriar da graça de Deus.

Parecia-lhe impossível (ao ser humano) que Deus pudesse remover a sua culpa sem que ele tivesse de pagar alguma coisa. Pois a noção de que tudo tem que ser pago está profundamente arraigada e atuante em nós, tão universal quanto inabalável por qualquer argumento lógico. Portanto, as pessoas que anseiam ardentemente pela graça são as que têm maior dificuldade em aceitá-la. Seria uma solução muito simples, e uma espécie de intuição se lhe opõe.⁵³⁰

Nessas palavras de Tournier se desvela uma parte importante da história de Martinho Lutero, que sofreu ao longo de muito tempo a opressão, interna e externa, de ter que agradar a Deus, de buscar a justiça própria e pessoal diante dele, através de inúmeras formas de pagamento, inclusive o autoflagelo e mortificação pessoal. Chegamos, finalmente ao cenário culpabilizante e neurótico no qual Lutero foi forjado.

⁵²⁷ Ao invés de afirmarmos que Lutero tem uma visão pessimista de ser humano, o que seria correto do ponto de vista da psicologia humanista, sob o ponto de vista teológico poderíamos dizer que Lutero tem, muito mais, uma visão realista de ser humano. Ela também se embasa no dilema paulino: “Porque *não faço o bem que quero*, mas o mal que não *quero* esse faço” (Romanos 7.19).

⁵²⁸ TOURNIER, 1985, p. 155-6.

⁵²⁹ TOURNIER, 1985, p. 156.

⁵³⁰ TOURNIER, 1985, p. 200.

5.2.4 Idade Média: uma época marcada pela culpa neurotizante

Para que possamos compreender a trajetória de Martinho Lutero da culpa neurótica para a graça libertadora, necessitamos um breve olhar sobre o contexto histórico-cultural no qual ele nasce e é criado, a saber a Idade Média Tardia.

Segundo o historiador e professor de teologia Carter Lindberg, a disposição de ânimo que marcava essa época era caracterizada fortemente por ansiedade e pressentimentos, encontrando seu ponto focal em expectativas que anunciavam amplamente o juízo divino. “O pecado, a morte e o diabo assomavam de forma ameaçadora e em grande escala no cenário da vida e da mentalidade medieval-tardia”.⁵³¹

Para o autor, há um consenso de que esse período histórico precisa ser considerado uma época de “crise”, sendo essa uma chave heurística para se entender o contexto das Reformas e, em nosso entender, a própria “neurose” de Lutero. A crise nesse período atingiu todas as classes sociais e uma grande extensão da Europa Ocidental, sendo marcada não só por pestes variadas e fome aguda, que tornavam a morte quase onipresente, mas também por uma crise de caráter existencial. No dizer de Lindberg, havia uma “crise de símbolos de segurança”, visto que várias certezas e valores tradicionais estavam sendo questionados na época,⁵³² fato já referido anteriormente. É possível afirmarmos que estamos vivendo uma crise muito parecida na chamada Pós-Modernidade, especialmente no que tange a uma crise dos símbolos de segurança e de referência, aspectos já sinalizados no primeiro capítulo de nossa tese. Essa crise atinge em cheio os pastores, que eram vistos até pouco tempo atrás como figuras de referência, mas que agora veem esse *status* sendo cada vez mais desconstruído ou minimizado.

Retomando Lutero, mesmo que após o seu nascimento a peste já tivesse abrandado, ele próprio viveu esse martírio na sua atuação pastoral. Em 1527 a peste atingiu a região onde ele vivia, sendo que Lutero acolheu em sua própria casa muitos desses doentes. Isso o motivou a escrever o panfleto intitulado *Acerca da questão de se é possível fugir de uma peste mortal*”.⁵³³

A peste era percebida, em grande escala, como a punição de Deus pelos pecados da humanidade. Em decorrência, era comum nessa época surgirem movimentos de flagelação,

⁵³¹ LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 38-9.

⁵³² LINDBERG, 2001, p. 38-9.

⁵³³ LINDBERG, 2001, p. 42.

nos quais cristãos faziam penitências sangrentas pelos pecados pessoais e coletivos, considerados pela grande maioria do povo como a causa da peste.⁵³⁴

Todo esse cenário testou com grande rigor a fé das pessoas, gerando um pessimismo que influenciou também a literatura e as artes, que ficaram marcadas por imagens macabras e lúgubres da morte.⁵³⁵ Tais imagens espelhavam a ruptura da vida pessoal e social. Os ritos fúnebres foram abandonados, criando-se uma perigosa descontinuidade entre vivos e mortos, prejudicando não só a elaboração do luto mas a própria preservação de uma vida saudável psicologicamente. A possibilidade de ficar órfão ou de ser completamente abandonado pela morte dos familiares gerava uma grande angústia pela realidade de cada um dos sobreviventes depender somente de si mesmo em sua vida.⁵³⁶ Neste clima de angústia existencial constante é que Lutero foi sendo moldado em sua personalidade.

5.2.5 Uma Igreja Neurótica

A ansiedade psicológica da época era maximizada, quase que obviamente, pela imposição de padrões clericais de moralidade e de comportamento às pessoas. Agrega-se à angústia imanente da época a angústia transcendente, do que aguardaria o ser humano após a sua morte: salvação ou condenação?

Segundo nos diz Lindberg, a teologia e prática pastoral da Idade Média se esforçavam em oferecer segurança a partir de um sistema de serviços *quid pro quo* [“isto por aquilo”, “toma lá, dá cá”], que acabavam por gerar uma insegurança e incerteza ainda maiores no tocante à salvação eterna.

Uma das ideias escolásticas centrais que levaram a essa incerteza com respeito à salvação exprimia-se na expressão *facere quod in se est*: faz o que está ao teu alcance; faz o melhor que podes. A expressão significava que o empenho de amar a Deus da melhor maneira possível – por mais fraco que ele pudesse ser – levaria Deus a recompensar os esforços da pessoa em questão com a graça de agir e fazer ainda melhor. [...] essa “matemática da salvação” concentrava-se em alcançar tantas boas obras quantas fossem possíveis a fim de merecer a recompensa de Deus. [...] Essa teologia, porém, acabou aumentando a crise, pois ela fazia as pessoas depender de seus próprios recursos. Ou seja; por mais assistidas pela graça que fossem as boas obras, o ônus da prova em favor dessas mesmas obras recaía em seus executores; e o mais sensíveis entre os últimos começaram a se perguntar como poderiam saber se tinham feito o melhor que podiam.⁵³⁷

⁵³⁴ LINDBERG, 2001, p. 43.

⁵³⁵ O realismo artístico florescia em manuais populares acerca da arte de morrer, em descrições da dança da morte e em representações profundamente comoventes da paixão de Cristo. Exemplo disso são as pinturas bizarras de Jerônimo Bosch (1450-1516).

⁵³⁶ LINDBERG, 2001, p. 44-5.

⁵³⁷ LINDBERG, 2001, p. 78.

Em outras palavras, a teologia cristã da época afirmava que a salvação era um processo que acontecia *dentro do sujeito*, à medida em que buscava se aperfeiçoar ou chegar a uma quase perfeição, a partir da realização cotidiana de atos justos ou boas obras. Porém, como aponta Lindberg, numa época marcada pela ansiedade e insegurança a pergunta que sempre vinha à tona era: “Como posso saber se fiz o melhor que pude?”. Segundo conta a história, os vigários, sem grande habilidade teológico-pastoral respondiam aos seus congregados: “tente fazer ainda melhor”. Em outros termos, nunca se tinha a plena certeza de se estar cumprindo aquilo que Deus esperava de cada fiel.⁵³⁸ Sendo um pouco jocoso, qualquer semelhança disso com ensinamentos e práticas religiosas contemporâneas não é mera coincidência.

Importa referir que um dos catecismos católicos mais utilizados pela Igreja na época anterior à Reforma de Lutero era o “*Espelho do cristão*” de Dietrich Kolde, cuja marca era a expressão dada pelo autor à falta de certeza difundida entre o povo no que dizia respeito à salvação. Diz Kolde: “Há três coisas que sei serem verdadeiras e que frequentemente me pesam no coração. A primeira aflige meu espírito, porque eu terei de morrer. A segunda aflige mais meu coração, porque não sei quando. A terceira me aflige mais que tudo: não sei para onde irei”.⁵³⁹

Nesse caminho de grande temor e piedade imposto pelo espírito da época, a prática pastoral do período incentivava um constante e diário autoexame, que estimulava a ansiedade e introspecção de forma consciente. Um dos textos usados era Eclesiastes 9.1 “Ninguém sabe se é digno do amor ou do ódio de Deus”. Esses fatores todos levavam os fiéis a uma forte ansiedade de desempenho⁵⁴⁰, ou numa linguagem do sociólogo Alain Ehrenberg,⁵⁴¹ geravam um culto à performance.⁵⁴²

⁵³⁸ LINDBERG, 2001, p. 81.

⁵³⁹ JANZ, 1982, *apud* LINDBERG, 2001, p. 82.

⁵⁴⁰ LINDBERG, 2001, p. 78 e 82.

⁵⁴¹ EHREBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias et letras, 2010.

⁵⁴² Uma interpolação aqui se faz pertinente. Lendo Ehrenberg, percebe-se uma proximidade entre a teologia e o espírito medieval para com o espírito do mundo capitalista e competitivo moderno, quando este exige que cada indivíduo dê o máximo de si em tudo o que faz, na busca obsessiva e neurótica da perfeição. O culto à performance moral e espiritual da Idade Média é hoje comparado pelo culto à performance em outras dimensões da vida, especialmente intelectual, estética, financeira, social etc. Já a fórmula medieval *quid pro quo*, que pode ser traduzida coloquial e modernamente como “*é dando que se recebe*” não é muito diferente do que se percebe em muitas comunidades religiosas da atualidade., numa teologia da reciprocidade tal como se vê no neopentecostalismo. Se queremos a graça e a bênção de Deus sobre nossas vidas precisamos dar algo em troca. Mesmo que essa não seja uma teologia propagada pelo luteranismo, parece que a afirmação de Paul Tournier a respeito da culpa antropológica humana ainda teima em se fazer presente, não só na época de Lutero mas também na contemporaneidade.

Aqui voltamos a citar a compreensão de Horney a respeito da construção das neuroses, contemplada integralmente pelo espírito cultural e religioso da época medieval. O esforço dos cristãos e religiosos realmente preocupados com a obtenção da salvação, em procurar corresponder à imagem ou *persona* ideal, gerava certamente neles um sentimento de culpa neurótico pela impossibilidade de conseguir atingi-la. O medo da reprovação e da condenação eterna por não alcançar o ideal religioso traz uma consequência que provavelmente atingiu Lutero:

Se o medo da reprovação não é causado por sentimentos de culpa, pode-se perguntar, então, porque o neurótico se preocupa tanto com o ser descoberto e rejeitado. O fator principal é a grande discrepância que existe entre a fachada (*persona* em Jung) que o neurótico apresenta tanto ao mundo quanto a si mesmo e as tendências recalcadas que jazem escondidas por detrás de tal fachada. Conquanto ele sofra, ainda mais do que percebe, por não estar integrado em si mesmo e por todos os fingimentos que tem de sustentar, não obstante defende esses fingimentos com todas as suas forças, porquanto representam a amurada que o protege contra sua sorrateira ansiedade.[...] Há algo a mais a ser modificado: falando sem rodeios, é a insinceridade toda de sua personalidade, que é responsável por esse medo de reprovação, e é essa insinceridade que ele teme ver descoberta.⁵⁴³

Numa transposição interpretativa da afirmação de Horney para o mundo pessoal de Lutero, não seria por demais exagerado levantarmos a hipótese de que Lutero, no seu íntimo, tinha a percepção do quão falso estava sendo na busca de atingir a inalcançável idealização religiosa e espiritual de sua época, visto que não conseguia encontrar a paz interior que tanta almejava.

5.2.6 Lutero: uma educação familiar e escolar repressoras

Além dos dois aspectos macrossociais, representados pela cultura e igreja, outros dois aspectos precisam ser ao menos referidos, buscando identificar alguns aspectos da vida familiar e educacional de Lutero que contribuíram para reforçar o espírito opressor e repressor a que ele foi submetido.

Lutero vinha de uma família que estava sendo marcada pela ascensão social. Seu pai, João Lutero, havia progredido profissionalmente na indústria de mineração chegando a se tornar um pequeno empregador. Por isso, acabou tendo condições financeiras para proporcionar uma educação universitária para o filho Martinho.⁵⁴⁴

⁵⁴³ HORNEY, 1959, p. 175.

⁵⁴⁴ LINDBERG, 2001, p. 74-5.

Tudo leva a crer que a educação moral familiar de Lutero foi muito rígida e repressora, como era normal na época. Segundo Lienhard, dois testemunhos de Lutero, bem posteriores a sua juventude, indicam essa educação particularmente severa. Numa das vezes teria sido castigado de forma tão rude pelo pai que fugiu dele, tendo guardado ressentimento dessa experiência. Outro episódio teria sido o de uma noz que havia pego indevidamente, o que lhe acarretou ser espancado “até sangrar” por sua mãe.⁵⁴⁵

Roberto Fonseca, em sua pesquisa de mestrado que tratou de Lutero e a análise de Erikson, também refere-se às possíveis experiências traumáticas de Lutero com seus pais, porém não maximiza as mesmas, afirmando que o método rígido e até agressivo de criação de filhos nessa época não foi “privilégio” da família de Lutero. Fonseca, até pelo contrário, refere-se ao fato de que Lutero falava dos pais com um profundo afeto, tendo lamentado não ter podido estar no sepultamento deles.⁵⁴⁶

O teólogo e pesquisador em Lutero, Clóvis J. Prunzel, ao abordar a relação entre Lutero e seu pai, reitera que Lutero não guardou boas recordações da infância, em função da rigidez dos pais. Aponta um estremecimento maior dessa relação quando Lutero desobedeceu ao pai, abandonando a formação em Direito e ingressando na vida monástica. Prunzel lembra também que Lutero reavalia essa sua posição em 1521, reconhecendo o papel do pai no Quarto Mandamento e o dever do filho de obedecê-lo, sendo que esta obediência estaria acima, inclusive, dos votos monásticos. Um aspecto simbólico que demonstra esse ato de reparação foi o fato de que no seu escrito *O Julgamento de Martinho Lutero sobre os votos monásticos* (1521, WA 8, 573), ele dedica a obra justamente a seu pai.⁵⁴⁷

Com relação à escola, segundo Lindberg, o sistema educacional a que o jovem Lutero foi submetido era eficiente mas nada edificante. O conhecimento era “literalmente espancado nos alunos”. As técnicas pelas quais foi submetido a aprender latim, por volta dos 7 anos de idade, incluíam a coerção e a ridicularização. Alguns alunos eram forçados a exibir a imagem de um jumento, sendo inclusive tratados como tais, caso tivessem mau desempenho. O uso de surras com varas era comum diante de fracassos ou baixo desempenho. O próprio Lutero

⁵⁴⁵ LIENHARD, 1998, p. 31-2.

⁵⁴⁶ FONSECA, Roberto Silva. *Religião e interioridade*. O bem e o mal na vida de Martinho Lutero com o enfoque psicanalítico de Erik H. Erikson. 2007. 137 f. Dissertação de Mestrado. UPM/CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007. p. 12. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=689> Acesso em: 27 set. 2015.

⁵⁴⁷ PRUNZEL, Clóvis Jair. Alguns aspectos especiais que marcam a vida e a obra de Lutero. In: PRUNZEL, Clóvis Jair. *Teologia, Educação e Ética em Lutero*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2012. p. 10.

lembra o fato de que numa certa manhã levou quinze varadas por não dominar as tabelas de gramática latina.⁵⁴⁸

O teólogo e historiador inglês Roland Bainton reitera essa visão retratada por Lutero, inserindo ainda um outro componente ansiogênico e persecutório das aulas, a presença do *lupus*, o aluno espião. Diz Bainton:

As escolas não eram suaves, mas brutais. Seu objetivo era incutir um conhecimento falado da língua latina. Os meninos não lamentavam isto, pois o latim era útil: era a linguagem da igreja, da lei, da diplomacia, das relações internacionais, dos eruditos, das viagens. Os ensinamentos se levavam a cabo mediante exercícios pontuados com a vara. Um aluno, chamado *lupus*, o lobo, era designado para espiar os outros e informar cada vez que se falava alemão. O aluno mais atrasado recebia uma máscara de burro, devendo usá-la até que outro fosse pego na mesma falta. Deste modo se podia receber 15 açoites em um só dia.⁵⁴⁹

Já foi referido que o sonho do pai de Lutero era de que ele seguisse a carreira de Direito. Tudo estava se encaminhando para isso, visto Lutero já ter cumprido a formação preparatória de Bacharel em Artes, inclusive concluindo, em 1505, o Mestrado em Artes. Porém, esse caminho profissional sofreu uma drástica mudança na sua rota a partir de uma experiência pessoal traumática de Lutero. Numa de suas *Tischreden* (Conversas à Mesa)⁵⁵⁰ Lutero afirma que ingressou no convento dos agostinianos em função de ter ficado aterrorizado por um raio que quase o atingiu em meio a um temporal, perto de Stotterheim. Diante da iminência da morte, Lutero faz um voto: “Ajuda-me, Santa Ana, que me tornarei monge”. De volta a Erfurt, despede-se dos seus amigos e ingressa, ainda em 1505, no Mosteiro Agostiniano em Erfurt, o mais conservador da cidade. Outras circunstâncias são ainda elencadas como possíveis motivadoras do ingresso de Lutero no mosteiro. Uma delas teria sido a morte súbita de um amigo pouco antes do acontecimento em Stotterheim. A outra teria sido pelo fato de ainda estar impactado por um ferimento de espada ao qual foi acometido nos meses precedentes.⁵⁵¹

Independente de sabermos qual tenha sido o real ou principal motivo, todos eles dão fortes indícios de que a motivação para Lutero ingressar no mosteiro estava ligado não a questões de falta de perspectivas futuras, ou a problemas financeiros ou mesmo a uma incapacidade intelectual de continuar os estudos em Direito. O motivo do ingresso na vida

⁵⁴⁸ LINDBERG, 2001, p. 75.

⁵⁴⁹ BAINTON, Roland Herbert. *Lutero*. 1. ed. Buenos Aires, Argentina: Editorial Sudamericana, 1955. p. 22.

⁵⁵⁰ As *Tischreden*, ou “Conversas à Mesa” são uma compilação de diálogos de Lutero com seus discípulos e colegas, sendo consideradas fontes indiretas ou secundárias, sem a mesma confiabilidade dos escritos próprios de Lutero. Portanto, mesmo que possam ser utilizadas em relação com outros escritos do Reformador, não são consideradas como fonte primária nem segura para fundamentar posicionamentos teológicos de Lutero.

⁵⁵¹ LIENHARD, 1998, p. 34.

monástica parece estar ligado profundamente às suas próprias angústias existenciais, especialmente diante do horror da morte e de uma possível condenação eterna, sendo uma decisão de caráter eminentemente existencial e religioso. Diz Lienhard, a respeito dessa guinada de Lutero em sua trajetória pessoal e profissional: “Ao menos há de admitir-se que essa trajetória é o ponto de encontro entre uma consciência inquieta, em sua confrontação com um Deus exigente e majestático, e aquilo que a Igreja daquele tempo tinha de melhor para oferecer as almas inquietas, a saber a via monacal.”⁵⁵²

Também o contato com o occamismo nos seus estudos preparatórios ao Direito pode ter influenciado Lutero, visto que essa corrente teológica, mesmo que sublinhasse a soberania de Deus, oferecia também ao crente a possibilidade de ser aceito por esse Deus. O engajamento numa via ascética, típico do mosteiro no qual Lutero escolhe ingressar, um dos mais conservadores da região como já foi dito, era uma das formas comuns na época de tentar tornar-se digno de aceitação diante de Deus.⁵⁵³

Portanto, a transferência para o estudo da teologia e consequente vida monástica se dá num contexto de profunda piedade medieval. A Igreja exacerbava essas inseguranças promovendo um tipo de prática pastoral destinada a deixar as pessoas incertas quanto a sua salvação e, conseqüentemente, com uma maior sensação de dependência das intercessões da Igreja.⁵⁵⁴ Portanto, era somente ali, no seio da própria Igreja, que Lutero via alguma possibilidade de aplacar a sua angústia.

5.2.7 Lutero e sua angústia pessoal: o agravamento neurótico no mosteiro

Tudo indica que a luta interior de Lutero contra sua angústia e culpa, ao invés de ser aplacada, acabou sendo maximizada nos primeiros anos de sua vida monástica. No Mosteiro dos Agostinianos Lutero fez de tudo para obter a salvação através do esforço pessoal, como indica Lienhard.

Entre as seis celebrações religiosas de cada dia, que começavam às duas da manhã, ele encaixou sessões de oração, meditação e exercícios espirituais intensos. Mas isso era apenas a rotina normal, que Lutero, em seu zelo por mortificar sua carne e tornar-se aceitável a Deus, logo ultrapassou. “Eu me torturava com orações, jejuns, vigílias e congelamento; só a geada podia ter me matado” (LW 24, p.24). [...] Num momento posterior de sua vida, ele fez a seguinte observação: “Jejei quase até a

⁵⁵² LIENHARD, 1998, p. 35.

⁵⁵³ LIENHARD, 1998, p. 35.

⁵⁵⁴ LINDBERG, 2001, p. 77.

morte, pois muitas vezes passava três dias sem tomar uma gota de água. Ou aceitar um bocado de comida. Eu levava o jejum muito a sério” (LW 54, p.339-40).⁵⁵⁵

Lutero levou muito a sério o caminho da salvação que a Igreja lhe indicava, a Penitência, levando-a até as últimas consequências. Preocupava-lhe tanto a ponto de acreditar que era necessário confessar ao sacerdote *todos* os pecados, sem exceção, porque pecados não confessados não seriam perdoados, levando o pecador ao purgatório. Lutero observava-se a si mesmo com a maior atenção para descobrir até o menor pecado no lugar mais oculto de seu interior. Quase chegou ao ponto de necessitar de um pastor-confessor só para si.⁵⁵⁶

Lindberg cita uma observação do próprio Lutero a esse respeito: “Às vezes meu confessor me dizia, quando eu discutia repetidamente uma serie de pecados tolos com ele; ‘Tu és um idiota [...] Deus não está zangado contigo, tu é que estás zangado com Deus’ (LW 54, p.15)”.⁵⁵⁷

Entre alguns dos fatos que mostram o peso da angústia, medo e culpa de Lutero diante de Deus durante sua vida monacal, pode ser citada a celebração de sua primeira missa, após ser consagrado sacerdote, em dois de maio de 1507. Um detalhe curioso, do ponto de vista psicológico, é que nessa missa o pai de Lutero estava presente, o que pode ter maximizado a ansiedade desse momento, pelas razões já anteriormente expostas na relação de Lutero com seu pai. Segundo Lienhard, na parte central da celebração, Lutero teria sido tomado de uma súbita angústia diante da majestade de Deus, passando a celebrar a missa com intenso pavor, diante de sua própria indignidade.⁵⁵⁸ Conta-se que o prior ou mestre de noviços teve de reter Lutero junto ao altar, porque ele ameaçava fugir.⁵⁵⁹

Percebe-se, portanto, que a entrada no convento e a imersão no mundo religioso não conseguiram aplacar a angústia de Lutero. Tanto nos primeiros anos que passou em Erfurt quando já em Wittenberg, Lutero ainda era acometido de muitas dúvidas e oprimido por uma inquietude profunda, como ele próprio relata em seus escritos. Diz Lutero:

Eu me martirizava com a oração, o jejum, as vigílias, o frio [...] Que procurava com isso, senão a Deus?: Ele sabe com quanto zelo observei minha regra [monástica] e que vida severa eu levava. [...] Pois eu não confiava em Cristo, antes tomava-o por nada além de um juiz severo e terrível, [...] (WA 45, 482.10-17).⁵⁶⁰

⁵⁵⁵ LINDBERG, 2001, p. 83.

⁵⁵⁶ FISCHER, Joachim, Culpa, perdão e penitência em Lutero. In: DREHER, Martin N. *Reflexões em torno de Lutero*, vol. 3, p. 29-48. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 33.

⁵⁵⁷ LINDBERG, 2001, p. 83-4.

⁵⁵⁸ Lienhard afirma que, segundo testemunho do próprio reformador, Lutero teria dito para si mesmo no momento da angústia subitamente irrompida: “Quem é aquele com quem tu falas?” (1540, WA TR 5.86, nº 5357).

⁵⁵⁹ LIENHARD, 1998, p. 36.

⁵⁶⁰ LIENHARD, 1998, p. 38.

O pesquisador em Lutero, Joachim Fischer aborda o que chama de “neurose traumática” de Lutero, afirmando o desespero que tomava conta do reformador em função dessa sua culpa, que não conseguia ser aplacada apesar das penitências severas que ele fazia:

Lutero experimentou que isso é um ônus demasiado grande. Girava excessivamente em torno de si mesmo. [...] Perdeu totalmente de vista seus próximos, suas necessidades, sua salvação, seu bem-estar. Encontrava-se no cativeiro de seu Eu. Ainda não conhecia o caminho da libertação. Poderia ter resumido sua experiência na frase: “Vi o abismo da culpa face a face, e a minha vida estava perdida”.⁵⁶¹

O que parece ficar claro em Lutero é que a intensidade da sua angústia foi diretamente proporcional ao esforço teológico e intelectual que ele fez para superar essa crise, uma crise essencialmente relacional, não só consigo, mas principalmente entre ser humano e Deus.⁵⁶² A sua busca por uma vida ascética, cheia de autopunição, não estava conseguindo lhe libertar da angústia. Isso perdurou até o momento em que a história descreve a sua “Experiência na Torre”. É disso que trataremos na próxima seção, que representa a virada teológica e existencial de Lutero rumo à teologia da graça e um aplacamento, pelo menos parcial, de sua profunda angústia existencial.

5.3 Lutero e o encontro com a graça libertadora de Deus

Nas leituras a respeito de Lutero, na busca de compreender o seu pensamento teológico, há um momento histórico que ficou conhecido como a “experiência da torre”. Segundo os historiadores de Lutero esse é o momento historicamente simbólico no qual acredita-se que o processo de luta interior de Lutero é culminado com o “*insight teológico*” da doutrina da justificação pela fé. É o momento no qual Lutero passa a ter o encontro com a liberdade da graça salvadora de Deus, o que nos poderia levar a dizer que o *insight* não foi apenas teológico, mas sim espiritual, psíquico, emocional e existencial, ou seja, um *insight* de seu próprio *ser*, tocado agora pelo Espírito Santo de Deus. Esse *insight*, presente de Deus a Lutero, fonte da conversão/transformação interior do reformador, é que transforma o Deus juiz, controlador, mau e vingativo do “antigo Martin Luder” – o “vagabundo” – num Deus de

⁵⁶¹ FISCHER, 1998, p. 33.

⁵⁶² Quando Lutero percebe que a questão não seria resolvida na relação entre o ser humano e Deus, mas no seu contrário, na relação de Deus com o ser humano, é que inicia o processo de libertação da angústia.

amor e perdão incondicional, a despeito de toda miserabilidade do ser humano pecador, transformando o reformador no “Martin Eleutherius” – o liberto.⁵⁶³

5.3.1 Lutero e a experiência da torre: insight teológico - ação do Espírito

O evento conhecido como “A experiência da Torre” é considerado o ponto de ruptura do Lutero Católico para o Lutero Protestante. Nele Lutero passa a abandonar o pensamento da autojustificação perante Deus, elaborando o princípio básico e embrionário de todo luteranismo: o homem é justificado e santificado somente pela fé em Cristo, pela confiança no Salvador Jesus. As boas obras são inúteis, porque Cristo cumpriu a lei para o ser humano.⁵⁶⁴

Numa de suas *Tischreden*, escritas entre 9 de junho e 21 de julho de 1532, Lutero pronunciou as seguintes palavras a respeito da *Turmerlebnis*:

As palavras ‘íntegro’ e ‘retidão de Deus’ golpeou minha consciência como um raio. Quando eu as ouvi estava excessivamente apavorado. Se Deus é íntegro [eu pensei], ele tem que castigar. Mas quando pela graça de Deus eu ponderei em cima destas palavras, na torre e quarto aquecido [cloaca] deste edifício. ‘O justo viverá por fé’ [Romanos 1.17] e ‘a retidão de Deus’ [Romanos 3.21], eu logo cheguei à conclusão que se nós como íntegros, deveríamos viver da fé e se a retidão de Deus deveria contribuir para a salvação de todos os que creem, então a salvação não será nosso mérito mas a clemência de Deus. Meu espírito se alegrou assim. Pois está que pela retidão de Deus estamos justificados e salvos por Cristo. Estas palavras [que antes me terrificava] agora se tornaram mais agradáveis a mim. O Espírito Santo desvendou a Bíblia para mim nesta torre.⁵⁶⁵

Mais tardiamente em sua vida Lutero volta a descrever como se deu esse processo libertador de sua profunda angústia, ao escrever sua introdução à carta aos Romanos, num riquíssimo e esclarecedor desabafo de seu mundo interior, no diálogo consigo e com Deus.

Eu fora tomado por uma extraordinária paixão em conhecer a Paulo na Epístola aos Romanos. Fazia-me tropeçar não a firmeza de coração, mas uma única palavra no primeiro capítulo: ‘A justiça de Deus é nele revelada’ (Rm 1.17). Isso porque eu odiava esta expressão ‘justiça de Deus’, pois o uso e o costume de todos os

⁵⁶³ Esse jogo de palavras feito com o sobrenome utilizado por Lutero, que foi alterado pelo próprio reformador em dado momento de sua vida, será descrito e explicado logo a seguir, nas próximas páginas. In: DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 23.

⁵⁶⁴ FONSECA, 2007, p. 29.

⁵⁶⁵ LUTERO, Martinho. *Luther's works*. vol. 54: Table Talk, ed. Jaroslav Jan Pelikan, Hilton C. Oswald, e Helmut T. Lehmann, vol. 54. Philadelphia: Fortress Press, 1999. p. 193–194. “The words ‘righteous’ and ‘righteousness of God’ struck my conscience like lightning. When I heard them I was exceedingly terrified. If God is righteous [I thought], he must punish. But when by God’s grace I pondered, in the tower and *heated room* of this building, over the words, ‘He who through faith is righteous shall live’ [Rom. 1:17] and ‘the righteousness of God’ [Rom. 3:21], I soon came to the conclusion that if we, as righteous men, ought to live from faith and if the righteousness of God contribute to the salvation of all who believe, then salvation won’t be our merit but God’s mercy. My spirit was thereby cheered. For it’s by the righteousness of God that we’re justified and saved through Christ. These words [which had before terrified me] now became more pleasing to me. The Holy Spirit unveiled the Scriptures for me in this tower.”

professores me havia ensinado a entendê-la filosoficamente como justiça formal ou ativa (como a chamam), segundo a qual Deus é justo e castiga os pecadores e injustos. Eu não amava o Deus justo, que pune os pecadores; ao contrário, eu o odiava. Mesmo quando, como monge, eu vivia de forma irrepreensível, perante Deus, eu me sentia pecador, e minha consciência me torturava muito. Não ousava ter a esperança de que pudesse conciliar a Deus através de minha satisfação. E mesmo que não me indignasse, blasfemando em silêncio contra Deus, eu resmungava violentamente contra ele: Como se não bastasse que os míseros pecadores, perdidos para toda a eternidade por causa do pecado original, estivessem oprimidos por toda sorte de infelicidade através da lei do decálogo, deveria Deus, ainda, amontoar aflição sobre aflição, através do evangelho, e ameaçá-los com sua justiça e sua ira também através do evangelho? Assim, eu andava furioso e de consciência confusa. Não obstante, teimava impertinentemente em bater à porta desta passagem; desejava com ardor saber o que Paulo queria. Aí Deus teve pena de mim. Dia e noite eu andava meditativo, até que, por fim, observei a relação entre as palavras: ‘A justiça de Deus é nele revelada, como está escrito: o justo vive por fé’. Aí passei a compreender a justiça de Deus como sendo uma justiça pela qual o justo vive através da dádiva de Deus, ou seja, da fé. Comecei a entender que o sentido é o seguinte: Através do evangelho é revelada a justiça de Deus, isto é, a passiva, através da qual o Deus misericordioso nos justifica pela fé, como está escrito: ‘O justo vive por fé. Então me senti como que renascido, e entrei pelos portões abertos do próprio paraíso. Aí toda a Escritura me mostrou uma face completamente diferente. Fui passando em revista a Escritura, na medida em que a conhecia de memória, e também em outras palavras encontrei as coisas de forma análoga: ‘Obra de Deus’ significa a obra que Deus opera em nós; ‘virtude de Deus’ – pela qual ele nos faz poderosos; ‘sabedoria de Deus’ – pela qual ele nos torna sábios. A mesma coisa vale para ‘força de Deus’, ‘salvação de Deus’, ‘glória de Deus’.⁵⁶⁶

Analisando o discurso acima, do ponto de vista psicológico, segundo Lienhard é indubitável a presença da crise interior de Lutero, o que demonstra que Lutero esteve implicado íntima e profundamente com toda a sua pessoa no encontro com um certo tipo de espiritualidade e de teologia. “É tanto o ser humano quanto o teólogo que foram tocados e passaram por uma transformação”.⁵⁶⁷

O teólogo Philip Watson, em sua obra *Let God Be God* (Deixa Deus ser Deus), se refere a essa transformação de Lutero como uma *revolução copernicana*, na qual ele abandona a sua concepção religiosa antropocêntrica ou egocêntrica, passando à concepção teocêntrica, ou melhor, cristocêntrica de religião. O moralismo e legalismo dão lugar à confiança plena da graça e suficiência de Deus. Diz Watson:

Em Lutero, retorna o teocentrismo do cristianismo primitivo que é o fator determinante de toda a sua perspectiva. [...] Na concepção católica do cristianismo é, em última análise, o homem que ocupa o centro do palco religioso. Na concepção reformadora de Lutero, é Deus. Lutero procura erradicar todo o vestígio da tendência egocêntrica ou antropocêntrica do relacionamento religioso. Não há lugar para o mínimo grau de autoafirmação ou interesse próprio na presença de Deus. Aqui, o homem deve contentar-se em receber as dádivas imerecidas que Deus lhe

⁵⁶⁶ LUTERO, Martinho. Introdução à epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: _____, *Obras Seleccionadas*. vol. 8. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 2003. p. 237-330. p. 242-3.

⁵⁶⁷ LIENHARD, 1998, p. 326.

quer outorgar, [...]. Em outras palavras, ele deve realmente permitir que Deus seja Deus, [...].⁵⁶⁸

Dois livros da Bíblia são considerados a fonte inspiradora de Lutero para a descoberta da teologia da justificação pela fé: os Salmos e a Epístola aos Romanos, sendo que no *Comentário aos Salmos* já é possível ver em Lutero o passo inicial da sua guinada teológica. Nesse *Comentário aos Salmos*, utilizando-se dos métodos exegéticos tradicionais da época, que consistia em tirar de cada passagem quatro sentidos diferentes,⁵⁶⁹ Lutero já começa a se concentrar na pessoa de Jesus Cristo. Exemplo disso é o comentário ao Salmo 22, onde as palavras do abandono são vistas na perspectiva cristológica. Aqui, na relação entre o abandono da cruz e a sua vitória sobre a morte já começa a ser construída a teologia luterana da cruz.⁵⁷⁰

Outra das afirmativas teológicas de Lutero no seu estudo dos salmos está ligada ao Salmo 51, no qual ele sublinha que todas as pessoas são pecadoras, fato que devemos reconhecer diante de Deus, desenvolvendo em inúmeras passagens o tema da autoacusação. Para Lutero, justo é aquele que renuncia à sua própria justiça para confessar os seus pecados e dar razão a Deus. Lienhard cita o próprio Lutero: “Quanto mais alguém se condenar profundamente e engrandecer os seus pecados, tanto mais estará apto para a misericórdia e a graça de Deus” (WA 3, 429, 7).⁵⁷¹

Já a epístola aos Romanos é considerada a fonte primária da doutrina da justificação pela fé. O grande tema desse comentário é a justiça de Deus. Desde o início, já na sua introdução ao comentário aos Romanos, Lutero diz:

O tema essencial e a intenção do apóstolo nesta epístola é destruir toda justiça e sabedoria próprias e, em contraposição, destacar e ressaltar (isto é, fazer com que se reconheça que ainda persistem, sendo muitos e grandes) os pecados e a estultícia que não existiam (isto é, que por nós eram considerados inexistentes por causa da justiça própria); e, assim, mostrar, por fim, que Cristo e sua justiça nos são necessários para que [toda a justiça e sabedoria próprias] venham a ser verdadeiramente destruídas.⁵⁷²

⁵⁶⁸ WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus*. Uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: Ed. da ULBRA, 2005. p. 58-9.

⁵⁶⁹ Nota: os quatro sentidos usados na época eram, respectivamente: literal (histórico), alegórico (ou eclesiológico), tropológico (ou moral, ligado ao fiel cristão) e anagógico (ligado à escatologia). Era chamada de “quadriga medieval”. BAESKE, Albérico E.G.F. Introdução aos salmos. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, vol. 8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Legre: Concórdia, 2003. p. 333- 348. p. 340.

⁵⁷⁰ LIENHARD, 1998, p. 45.

⁵⁷¹ LIENHARD, 1998, p. 46.

⁵⁷² LUTERO, Introdução à epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos, 2003. p. 254.

Em outros termos, segundo Lutero, a justiça que o ser humano aspira em constituir por si próprio a partir de suas próprias boas obras é contraposta à justiça de Deus que salva o ser humano e o atinge de fora.

Pois Deus não quer salvar-nos pela nossa própria justiça, mas sim, pela justiça e sabedoria que vem de fora; não [pela justiça] que vem e nasce a partir de nós, mas a que surge em nós, vinda de outra parte; não a que se origina em nossa terra, mas a que vem do céu. Por conseguinte, é preciso ser instruído pela justiça totalmente externa e alheia, razão pela qual é necessário, em primeiro lugar, extirpar a justiça própria e familiar.⁵⁷³

A experiência de Lutero, a sua conversão espiritual, segundo Lindberg, virou a piedade medieval de cabeça para baixo, no momento em que ele passou a ver que a salvação não é um objetivo da vida, mas sim o seu fundamento. A descoberta teológica de Lutero derrubou os ensinamentos catequéticos dominados por ansiedade de sacerdotes como Kolde, citados anteriormente. Os estudos bíblicos de Lutero o levaram à convicção de que não se supera a crise da vida humana por meio daquilo que fazemos, mas sim pela certeza de que Deus nos aceita a despeito daquilo que fazemos. Tal convicção o libertou daquilo que ele chamava de “o monstro da incerteza”, que deixava não só a sua, mas todas as consciências dos cristãos em dúvida, no tocante ao oferecimento do perdão divino e, em última instância, à salvação da alma.

Para Lutero, portanto, a teologia é correta quando “ela nos arranca de nós mesmos e nos coloca fora de nós, de modo que não dependamos de nossa própria força, consciência, experiência, pessoa ou obras, mas dependamos daquilo que está fora de nós, ou seja, da promessa e verdade de Deus, que não podem iludir (LW 26, p.386-87)”.⁵⁷⁴

Algumas teses apresentadas por Lutero no Debate de Heidelberg (1518) também nos auxiliam a entender como Lutero entende a teologia da graça, em contraposição à teologia automeritória das obras, que está afeta aos processos de idealização neurótica que estamos trabalhando nessa pesquisa.

Há um detalhe curioso na autoreferência que Lutero faz a si mesmo a partir do debate de Heidelberg, com a mudança de seu próprio nome, em 1518.⁵⁷⁵ Mais do que um detalhe

⁵⁷³ LUTERO, Introdução à epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos, 2003, p. 254.

⁵⁷⁴ LUTERO, *apud* LINDBERG, 2001, p. 86.

⁵⁷⁵ Dreher, em sua recente obra biográfica sobre Lutero, comenta o fato de que a mudança de sobrenome Luder (ou Lüder) para Eleutherius, feita pelo próprio Lutero, deve-se ao fato do reformador ter descoberto a liberdade cristã, a *eleutheria*, de onde deriva a grafia “Luther/Luthero/Lutero”. Comenta também que no alemão moderno “Luder” é traduzido por vagabundo, o que faz do jogo dos sobrenomes uma interessante hermenêutica. In: DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. p. 23.

curioso vemos esse como um fato simbolicamente muito significativo. Na introdução a esse texto de Lutero nas *Obras Seleccionadas* de Lutero, Dreher vai afirmar.

Para o próprio Lutero, o Debate de Heidelberg é um marco. Isto se evidencia na maneira como assina a carta dirigida a Espalatino: Martinus Eleutherius. Até agora, o reformador assinara seu sobrenome na forma "Luder". A partir de agora é o "*Eleutherius*", o liberto. Desta versão ortográfica é que vai surgir a nova grafia: Lutherus, Luther, Lutero.⁵⁷⁶

Algumas das teses desse debate são resumidas por Dreher na sua introdução ao documento, dizendo que nelas Lutero vai distinguir entre a postura prática do ser humano e o conhecimento teológico. Na primeira parte (teses 1-18), Lutero tenta provar que o ser humano não tem o direito de se basear em suas realizações éticas e que nem mesmo a lei divina tornaria o ser humano justo. Já a possibilidade de vislumbrar no livre arbítrio da decisão ética ocasião para a justificação diante de Deus é qualificada de absoluta tolice; segundo o testemunho da Escritura "o livre" arbítrio é sempre escravo do pecado (teses 13-15). Por isso, também não existe preparação para a graça, na qual o ser humano "faz o que está em si". Somente está apto para conseguir a graça de Cristo quem desesperar totalmente de si mesmo e colocar sua confiança totalmente em Cristo (teses 16-18)".⁵⁷⁷

Na segunda parte, continua Dreher, compostas pelas teses 19-22, Lutero vai afirmar que o conhecimento teológico só se encontra na humildade. A verdadeira teologia não reconhece Deus em seu poder, mas no sofrimento e na fraqueza, no Cristo crucificado (teses 19 e 20). Estas teses reproduzem a *teologia da cruz* de Lutero. Esta teologia da cruz nada mais é que outra expressão da doutrina da justificação: Cristo salva o pecador condenado, não o justo.⁵⁷⁸

Com relação a que queremos afirmar em nossa pesquisa, destacamos o comentário de Lutero à tese 16 do Debate de Heidelberg, abaixo descrita, que tira do cristão qualquer possibilidade de querer buscar um processo de perfeição espiritual por sua própria ação ou força, tornando-se, dessa forma, mais digno de receber a graça divina:

O ser humano que crê querer chegar à graça fazendo o que está em si³ acrescenta pecado sobre pecado, de sorte que se torna duplamente réu.

Pois do que foi dito fica evidente que, enquanto faz o que está em si, o ser humano peca e procura exclusivamente o que é seu. Contudo, se crê que, através deste pecado, torna-se digno da graça ou apto para ela, ele ainda acrescenta uma soberba presunção e não crê que o pecado seja pecado, nem que o mal seja mal; isto, porém, é um pecado muito grande. [...]

⁵⁷⁶ DREHER, Martin N. O Debate de Heidelberg. Introdução. In: *Obras Seleccionadas*. vol. 1. Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concordia, 1987, p. 35-37. p. 36.

⁵⁷⁷ DREHER, 1987, p. 36-7.

⁵⁷⁸ DREHER, 1987, p. 37.

Pois é para isto que nos são ensinadas estas coisas, é para isto que a lei dá a conhecer o pecado, para que, sendo conhecido o pecado, se procure e se obtenha a graça. Bem assim é que Deus concede a graça aos humildes⁵⁷⁹ e é assim que quem se humilha é exaltado. A lei humilha, a graça exalta. A lei opera o temor e a ira; a graça opera a esperança e a misericórdia. Pois pela lei é adquirido o conhecimento do pecado; pelo conhecimento do pecado, porém, a humildade; e pela humildade, a graça. Desta forma, a obra estranha de Deus realiza, por fim, a sua obra própria, fazendo um pecador para torná-lo justo.⁵⁷⁹

Importante ressaltarmos que, mesmo diante da descoberta da teologia da graça, que nitidamente transformaram a vida e a teologia de Lutero, concordamos com a posição de Lienhard, de que a inquietude e a tentação não desapareceram jamais inteiramente na vida de Lutero.⁵⁸⁰ Afirmar que isso pudesse eventualmente ter acontecido teria sido trair o próprio pensamento de Lutero, que passaremos a melhor analisar agora em sua antropologia teológica.

5.4 A antropologia inclusiva e universalista de Lutero e seu impacto sobre a teologia do ministério pastoral

Para que possamos complementar a teologia do ministério pastoral em Lutero, descrita especialmente no capítulo quatro, precisamos nos debruçar, mesmo que brevemente, acerca de sua antropologia, que é o ponto de partida para compreendermos algumas considerações sobre a desidealização do ministério pastoral.

5.4.1 A antropologia de Lutero: o *simul iustus et peccator*

Conforme nos diz o doutor e teólogo luterano Gottfried Brakemeier, são poucos os escritos de Lutero com conteúdo especificamente centrado na antropologia. Destacam-se três grandes obras: o escrito *Da Liberdade Cristã* (1520), *Da Vontade Cativa* (1525) e o *Debate acerca do Homem* (1536). Porém, a concepção antropológica de Lutero transparece em praticamente todas as suas obras.⁵⁸¹

Dos três textos acima citados, destacamos o tratado sobre a liberdade cristã, até porque, segundo Dreher, ele fala justamente da liberdade resultante da justificação, sendo que a argumentação de Lutero está dirigida contra o legalismo eclesial vigente na época.

⁵⁷⁹ LUTERO, Martinho. Demonstração das Teses Debatidas no Capítulo de Heidelberg. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 1. Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987. p. 40-54. p. 47-8.

⁵⁸⁰ LIENHARD, 1998, p. 39.

⁵⁸¹ BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 108.

Assume, por isso, um significado emancipatório, pois se volta contra uma igreja opressora e repressora. Diz Dreher:

A liberdade cristã é proveniente de Deus, é presente dele, e não é conseguida através de ativismo que busca auto-realização religiosa. A visão antropológica subjacente ao tratado vai além do anseio por liberdade política e social — sem excluí-las (!) —, buscando a finalidade do ser humano em seu relacionamento com Deus. Essa concepção está em oposição ao conceito antropológico de então e também colide com concepções modernas a respeito das potencialidades do ser humano.⁵⁸²

Na sua obra *Da liberdade Cristã* Lutero volta-se para a pessoa interior, buscando ver o que faz como que ela se torne justa, livre e verdadeiramente cristã. Afirma Lutero:

Por outra, que mal fará à alma a saúde abalada, ou cativo, ou fome, ou sede, ou qualquer outro incômodo externo, quando até as pessoas mais piedosas e mais livres na consciência pura são atormentadas por estas coisas? Nenhuma dessas coisas alcança a alma para libertar ou escravizá-la. Assim de nada adianta se o corpo se enfeita com vestes sacras, a exemplo dos sacerdotes, ou permanece em recintos sagrados, ou se ocupa com ofícios sagrados, ou ora, jejua, se abstém de certos alimentos e faz toda obra que pode ser feita por meio do corpo ou no corpo. É preciso algo bem diferente para [trazer] justiça e liberdade à alma, visto que aquilo que referimos pode ser feito por qualquer ímpio, e por meio desses esforços não se produz outra coisa do que hipócritas.⁵⁸³

Ao abordar o posicionamento de Lutero sobre a ausência de qualquer livre-arbítrio do ser humano, Brakemeier diz que o ser humano sempre será um *possesso*, entendido aqui como o fato de estar sob o poder de Deus, ou sob o poder de Satanás. A livre vontade, nesse contexto, dissolve-se totalmente, o que leva Brakemeier a concluir:

Tal discurso soa mal em ouvidos humanistas. É golpe na autoestima do ser humano. Fere-lhe o orgulho. De fato, Lutero acaba com as inclinações à divinização do ser humano, comuns na Renascença, por exemplo. Todo idealismo antropológico fica descartado. O discurso de Lutero não é apenas duro. [...] Foi acusado de defender um determinismo antropológico que, aliado a um profundo pessimismo, estaria minando a energia ética das pessoas.⁵⁸⁴

Importa ainda dizer que a compreensão de Lutero acerca da justificação trouxe consigo uma compreensão radical da pessoa diante de Deus. Lutero afastou-se de todas as antropologias religiosas que dividem a pessoa entre corpo, alma, espírito, interior ou exterior,

⁵⁸² DREHER, Martin N. Introdução ao tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol 2. O Programa da Reforma; Escritos de 1520. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989. p. 435-6. p. 436.

⁵⁸³ LUTERO, Martinho. Tratado de Martinho sobre a Liberdade Cristã. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol 2. O Programa da Reforma; Escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/ Concórdia, 1989. p. 435-460. p. 437-8.

⁵⁸⁴ BRAKEMEIER, 2002, p. 112.

passando a considerar o ser humano como um todo indivisível, o que é muito interessante para uma visão de cuidado integral que precisa ser oferecido aos que sofrem. A própria distinção entre carne e espírito não é mais antropológica ou dualista, mas bíblica e teológica, referindo-se não a partes estanques das pessoas, mas ao relacionamento da pessoa toda com Deus.⁵⁸⁵

Os seres humanos não possuem nenhuma capacidade intrínseca que lhes garanta o direito a um relacionamento com Deus. A pessoa como um todo, e não só algum aspecto “inferior”, é pecadora. Lutero compreendia o pecado em termos teológicos, e não em termos éticos. Pecado não significa fazer coisas más; significa, antes, não confiar em Deus.⁵⁸⁶

Para Lindberg, justamente o reconhecimento do pecado e a aceitação do juízo de Deus é que capacitam o pecador a viver como justo, a despeito do seu pecado.

Ao “deixar Deus ser Deus” ou seja, ao interromper seus esforços para ser como Deus, o pecador obtém a permissão de ser o que é destinado a ser – humano. O pecador não é conclamado a negar sua humanidade e buscar a “semelhança” com Deus. Antes, o perdão do pecado ocorre em meio à vida. O cristão diante de Deus é, portanto, a um só e mesmo tempo, tanto pecador quanto justo.⁵⁸⁷

Brakemeier chega à mesma conclusão ao dizer que, para Lutero o ser humano está libertado da coação de ser o salvador de si próprio e do mundo. Para Lutero, a pessoa espiritual ou nova é aquela fraca, imperfeita, culpada que se refugia em Cristo, recebendo dele a força para corresponder à imagem do filho. Espelha-se em tal concepção uma sobriedade que, sem dúvida alguma, é mais “humana” do que o rigorismo legalista e perfeccionista de seus adversários.⁵⁸⁸

O teólogo Paul Althaus, na sua obra *A teologia de Martinho Lutero*, ao tratar sobre o tema do ser humano como pecador afirma o perigo do qual o ser humano se expõe em buscar a autojustificação:

O ser humano procura-se a si mesmo também em seu ethos. Por fim, “ele quer alegrar-se em suas obras e adorar a si mesmo como ídolo. Assim o orgulho em adição à concupiscência vem a ser uma característica adicional do amor próprio. Esse amor próprio é inflamado pelas próprias façanhas éticas das pessoas. O orgulho e a satisfação própria estão tão profundamente enraizados no ser humano que podem alimentar-se também de sua humildade e do seu arrependimento. Isso, naturalmente,

⁵⁸⁵ LINDBERG, 2001, p. 92.

⁵⁸⁶ LINDBERG, 2001, p. 92.

⁵⁸⁷ LINDBERG, 2001, p. 93.

⁵⁸⁸ BRAKEMEIER, 2002, p. 121.

não é a verdadeira, mas antes a falsa e fabricada humildade; pois os verdadeiramente humildes “nunca estão conscientes de sua humildade.”⁵⁸⁹

A crítica de Lutero assinalada por Althaus, é a de que o orgulho torna toda a atividade humana pecaminosa, especialmente as boas obras (WA 7,433; LW 32,83). O perigo estaria quando o ser humano pensa que pode ter uma boa consciência, a partir de uma autohumilhação, autojulgamento e autosacrifício, o que levaria a uma satisfação pessoal consigo mesmo.⁵⁹⁰ Na visão psicanalítica, o narcísico, com seus sentimentos de grandiosidade, louvaria a si mesmo por ser um cristão ou um pastor de tão boa qualidade, ficando orgulhoso de sua capacidade de autocontemplação e cumprimento de um rigorismo ético e moral. Nesse sentido, diz Lutero:

Nossa carne é tão má, que muitas vezes nos engana bem no meio da tribulação e humilhação, assim que nós nos agradamos de nossa humilhação e do desagrado a nós mesmos, e de nossa própria confissão de pecados; nós nos tornamos orgulhosos pelo acusarmo-nos a nós mesmos de nosso orgulho. Esta é a oculta presunção e a culpa do orgulho (WA 5,564).⁵⁹¹

Segundo o teólogo Hans-Martin Barth, o resultado antropológico da teologia de Lutero devia poder ser reconhecido também por aqueles que não foram socializados na fé cristã, pois levaria a uma “consciência alegre da própria identidade – apesar de toda a sua fragmentação e imperfeição – [...], além de uma perspectiva de sentido que abarca toda a vida e alcança para além da vida”.⁵⁹² Tanto mais isso deveria ser reconhecido por aqueles que estão incumbidos de anunciar essa verdade, os pastores, que precisam dar-se conta que a antropologia do *simul iustus et peccator* também os alcança em sua graça libertadora.

5.5 O salto no tempo: uma aplicação da vida e ensino de Lutero para o ministério pastoral contemporâneo

O leitor desse último capítulo pode estar se perguntando porque discorremos tão delongadamente acerca da vida de Lutero, enfocando seus dilemas, crises, culpas e possíveis processos neuróticos relacionando-os com a produção de sua teologia, bem como porque abordamos todo contexto cultural de exigências e cobranças no qual o reformador foi criado.

⁵⁸⁹ ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: Ed. ULBRA, 2008. p. 164.

⁵⁹⁰ ALTHAUS, 2008, p. 164-5.

⁵⁹¹ LUTERO, *apud* ALTHAUS, 2008, p. 165.

⁵⁹² BARTH, Hans-Martin. A teologia de Martin Lutero num contexto global. *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 2, p. 123-144, 2007. p. 139.

O que isso tem a ver com os pastores da atualidade? De que forma isso nos ajuda em nossa problemática contemporânea, levantada na presente tese?

De igual modo, uma outra pergunta poderia ser feita, justamente sobre a Teologia da Graça como o caminho preventivo e curativo para evitar e também sair de processos de idealização neurótica do ministério pastoral. Se essa teologia não é um método intelectual do qual podemos nos apropriar, mas é um *extra nos, pro nobis*, mediado tão somente pela ação do Espírito Santo sobre o ser humano, de que adianta falar sobre ela como uma proposta para libertar os pastores de uma possível angústia pela sua *neurose de excelência*? Afinal, nos parece não ser tão fácil, mesmo que talvez necessário, proporcionar diferentes “experiências na torre” para pastores angustiados, nas quais eles pudessem lidar e lutar com suas próprias “sombrias” – numa linguagem junguiana – tal como Lutero lutou.

Penso que parte dessas respostas já deveriam estar implícitas no desenvolvimento teórico do capítulo e na forma e linha de pensamento utilizados para expô-lo. Quanto à primeira questão, reafirmo que ter no “fundador” do luteranismo elementos claros de identificação para um fenômeno que temos percebido entre muito pastores da atualidade, do sofrimento da idealização pastoral, é uma forma de minimizarmos o impacto negativo de lidar com esse tema, que gera muito desconforto entre alguns setores da igreja luterana. Vemos, porém, que muitos elementos presentes no contexto sócio-cultural-elesiástico da época de Lutero, especialmente traços de legalismo, com ênfase exagerada numa ética do dever, sem falar no culto à performance,⁵⁹³ são fartamente encontrados no meio religioso cristão contemporâneo, inclusive na igreja luterana objeto dessa pesquisa, como bem sinalizam algumas falas pastorais de nossa pesquisa, descritas abaixo.

[...] Aliás as comunidades não estão vivendo mais a teologia da graça bem como os pastores não conseguem fugir do seu legalismo nas pregações provocando na congregação um certo mal-estar e hipocrisia que acabam trazendo prejuízos para o próprio pastor. Há um problema entre o que Deus fez, faz e fará com o que você deve fazer tanto a comunidade como o Pastor. Ambos não vivem a Graça de Deus proclamada em toda a sua doçura. A Igreja perdeu o seu sentido e interesse porque a Graça não consegue modificar os corações devido a sua ausência nos cultos, estudos etc. É muito "o que você tem de fazer e deixar de fazer" ao invés do que Cristo fez e as possibilidades que você tem na vida. Um problema de Lei e Evangelho! (anexo 4, questão 47, nº 20)

⁵⁹³ A relação do culto à performance está ligada ao fato de que na época de Lutero as exigências para ser um bom cristão pela prática de boas obras era um imperativo moral. Atualmente o culto à performance é encontrado não só em meio à sociedade competitiva, como também na própria igreja, no sentido de uma cobrança para ser o melhor cristão, o melhor pastor, a melhor igreja etc, mesmo que isso seja explicitado de forma velada e não explícita.

[...] Muitas igrejas, pessoas ainda estão fortemente enraizadas no pietismo! O que faz com que se desviem do foco da cruz e graça para apenas as obras! [...] (anexo 4, questão 47, nº 28)

[...] Vejo ainda muito operante na IELB uma teologia da lei. Muitas cobranças são feitas e pouco amor é transmitido. Posso estar enganado, mas acho que este é um dos problemas que tem feito a nossa igreja crescer tão pouco. Muitos pastores e muitos líderes exigem e cobram de seus ouvintes o que Jesus nos oferece gratuitamente. Outros vivem em uma graça barata não se envolvendo em uma vida cristã sóbria e decente. Quer queiramos ou não, esta prática influencia negativamente o ministério pastoral. Que Deus nos ajude! (anexo 4, questão 47, nº 61)

[...] Quando o pastor não apresenta nenhum problema está tranquilo, à medida que demonstra alguma fraqueza ao invés de ser ajudado jogam-se pedras pelos membros, colegas e a diretoria nacional. Não temos um tratamento pastoral entre nós pastores. A igreja parece por vezes somente querer pastores bons ... no sentido que cumpram as regrinhas impostas e pronto. A medida que se questiona algo ou apresenta alguma fragilidade começa a ser olhado de ladinho por todos. Parece-me que ninguém quer se incomodar mais com absolutamente nada. (anexo 4, questão 47, nº 107)

No ambiente rural e/ou urbana de origem rural, levando em conta a origem teuto-russa e pietista de muitas famílias, olha-se o pastor e família, bem como líderes (diretoria) da igreja com necessidade de vida muito regrada, com menor livre arbítrio sobre a conduta pessoal.[...] (anexo 4, questão 47, nº 138)

Já com relação ao segundo bloco de perguntas, mesmo correndo o risco de sermos mal compreendidos em nossa hermenêutica, tentaremos demonstrar que, pelo menos em parte, é possível levarmos os pastores a novos *insights* teológicos acerca da teologia da graça e da antropologia de Lutero, claramente “desidealizadoras” e humanizadoras do ministério pastoral, nas quais enfatizam a dimensão pecadora de todo ser humano, de todo cristão e, por conseguinte, de cada pastor ou ministro religioso.

A partir desse preâmbulo, nos arriscamos a pontuar algumas questões que pretendem, humildemente, encaminhar uma reflexão profícua acerca do sofrimento pastoral em função da neurose de excelência ou da idealização, bem como sinalizar para a minimização desses processos neuróticos no seio da igreja luterana.

5.5.1 O *gap* entre o discurso da teologia luterana da IELB acerca do ministério pastoral e a percepção pastoral sobre ele

Já vimos, ao final do capítulo 4, que apesar de não haver, especialmente nos escritos de Lutero e nas Confissões Luteranas, elementos para uma idealização do ministério pastoral, que estaria atrelado a uma cobrança desmedida do comportamento ético-moral-espiritual-social dos pastores, tivemos diversos resultados em nossa pesquisa que demonstram haver um *gap* entre o discurso e a prática da teologia luterana, ou seja, um afastamento do que se crê e

professa, daquilo que se experimenta ou se percebe no exercício do ministério pastoral acerca da graça divina.

Julgamos importante aqui fazer uma síntese dos resultados que indicam esse *gap*. Há um conjunto temático significativo de questões que certamente nos auxiliarão nesse sentido. Vamos a sua descrição e breve análise, para que tenhamos uma visão geral do ponto fulcral de nossa tese. Mesmo que parte delas já tenham sido citadas em seções anteriores, pela relevância da análise de conjunto, retomaremos algumas.

Na questão quatro (4), 84% dos pastores concordaram (45% totalmente e 39% em parte) que o rito litúrgico de ordenação pastoral da IELB, especialmente mediante os textos bíblicos selecionados, transmite a ideia de um pastorado idealizado. Acreditamos que tais textos dificilmente conseguirão ser interpretados e compreendidos de forma a que não transpareçam a exigência do cumprimento pleno das virtudes e qualificações anunciadas publicamente perante a comunidade. Aliado à toda representação simbólica que envolve o culto e o rito de ordenação, revestidos ainda de certa pompa, numa importância que Lutero vai minimizar em seus escritos, temos aqui um elemento clássico potencializador de idealização da *persona* pastoral e do próprio ministério, que talvez devesse ser melhor refletido e repensado pela igreja para evitar tal percepção.

Já na questão cinco (5), a respeito de acreditar que o ministério pastoral precisa ser exercido por pessoas especialmente qualificadas, o que de certa forma idealiza o sujeito que pretende seguir essa vocação, 92% dos pastores concordam com tal assertiva (61% totalmente e 31% em parte). O paradoxo dessa questão é que Deus escolheu dentre seus profetas e apóstolos pessoas simples, cheias de defeitos, capacitando-as, sob seu poder, para exercer o ministério. Se levássemos em conta o conjunto prévio de dons de cada profeta e apóstolo da Escritura, talvez muitos deles seriam hoje desaconselhados pelos seminários cristãos e luteranos a se candidatarem ao ministério pastoral. Poderíamos acerca dessa questão específica escrever um capítulo inteiro, demonstrando as fraquezas e falhas das pessoas chamadas por Deus para serem líderes, profetas e apóstolos. Faremos breve alusão a isso em tópico a seguir.

Na questão onze (11) afirmou-se que a teologia luterana do ministério pastoral estaria contribuindo para a construção de um pastorado idealizado. Chegamos a um índice de concordância nessa assertiva de 78% (36% totalmente e 42% em parte). Aqui nos restaria ainda aprofundar a que fontes da teologia os pastores estariam se referindo, se ao pensamento de Lutero e das Confissões ou se a documentos mais recentes escritos e publicados por teólogos luteranos ou pela própria Diretoria Nacional da IELB, conforme descritos e

analisados no capítulo anterior. Nossa hipótese é de que textos contemporâneos que tratam do ministério, muito mais do que os textos confessionais históricos, é que poderiam estar levando a igreja a essa percepção, fortalecida por registros de aumento nas demissões ou abandonos do ministério pastoral por parte de colegas pastores.⁵⁹⁴

Já na questão doze (12) temos um resultado muito significativo dentro do tema dessa seção, no qual 77% dos pastores respondentes concordaram com o fato de que as experiências e vivências dentro da igreja luterana indicam a exigência de um ministério pastoral irrepreensível (30% totalmente e 47% em parte). Esse dado de 77% - mesmo que apenas 30% concorde totalmente com ele - corrobora a hipótese do *gap*, ou seja, do distanciamento existente entre o “discurso” da teologia luterana com o que se tem vivenciado ou pelo menos percebido no seio dela, ligado provavelmente à temática da teologia da graça ou à falta dela no trato com os pastores que caem em erros e pecados. Esse dado também vai ao encontro das nossas percepções pessoais nos cursos *cuidando de cuidadores* ministrados aos pastores da IELB, sendo duas fontes de resultados que se alinham e se fortalecem mutuamente. Vejamos a fala de um dos pastores respondentes na questão aberta nº 48, que traduz o que queremos dizer:

Penso que seria desejável que neste seu trabalho, muito oportuno, um capítulo fosse dedicado à apreciação da liderança nacional que avalia e julga o ministério pastoral e os pastores, o presidente nacional, a diretoria e as comissões afins. Eles, apesar de ser fato que existem e tem surgido muitos problemas na vida pessoal e no ministério de pastores, eles têm tratado disso de forma notoriamente de forma legalista e não evangélica que condiz com a Teologia da Graça. (anexo 5, questão nº 48, nº 66)

Quando saltamos para a questão quarenta e dois, que afirma, categoricamente: “Um ministério pastoral menos idealizado e mais humanizado, que leve em conta as fragilidades do pastor enquanto pessoa é uma necessidade que as igrejas precisam tomar consciência”, temos a concordância significativa de 96% dos respondentes, com a grande maioria concordando totalmente com tal assertiva (75%). A quase unanimidade frente a essa questão é um sinal claro de que a temática que estamos tratando na presente tese merece o seu espaço de reflexão na igreja luterana, como bem verbalizaram alguns dos pastores respondentes na questão aberta nº 48: “Obrigado por me envolver na pesquisa. Foi como um divã” (nº 108). Já outro disse: “Pesquisa importante. Conclusões precisariam ser repartidos e debatidos na IELB” (nº 109).

⁵⁹⁴ Alguns dados talvez seriam importantes de serem citados aqui, no sentido de demonstrar o aumento significativo nas últimas décadas de abandonos, pedidos de licenciamento e até demissão do ministério pastoral dentro do quadro ministerial da IELB. Poderiam ser elencados diferentes motivos, mas não o fazemos nessa tese pois demandaria uma análise cuja coleta de dados não pertence ao escopo do projeto doutoral. Está aqui outra área de pesquisa muito relevante para complementar os estudos no tema que estamos desenvolvendo.

“Em primeiro lugar, está na hora de termos reflexões mais profundamente voltadas a esse assunto” (nº 110). Isso nos traz uma certa paz de espírito, pois além de corroborar uma das principais hipóteses de nossa pesquisa, justamente da existência do *gap* entre o discurso teológico e a percepção da vivência prática do mesmo, demonstra o quão necessário é essa reflexão na igreja cristã e luterana na contemporaneidade.

Já a questão quarenta e quatro (44), que pergunta direta e explicitamente se na Igreja Luterana (IELB) há uma certa idealização da figura do pastor, no sentido da exigência de uma irrepreensibilidade moral e comportamental, o índice de concordância chega aos 89% (42% totalmente e 47% em parte). Vejamos algumas falas pastorais a esse respeito:

Pregamos a graça, mas, na prática essa graça parece não atingir os pastores, que ao sinal de qualquer tropeço são punidos por terem exacerbado (sic) da graça. (anexo 4, questão 47, nº 54)

Isso se verifica especialmente quando o pastor é pego em um pecado "grave" (relacionado ao sexo, principalmente). Não só é afastado do ministério, mas frequentemente é abandonado completamente pela igreja e por colegas, mesmo vivendo em meio a grandes dificuldades (anexo 4, questão 47, nº 55)

Sim! Pois o pastor não pode errar! Se, o pastor errar é condenado imediatamente. Não há graça! (anexo 4, questão 47, nº 89)

Mais uma vez precisamos sinalizar para uma certa incongruência entre a teologia e a prática luteranas. Parece-nos, porém, que a necessidade de manter íntegra a identidade presbiterial dos pastores luteranos no âmbito público-social, especialmente em tempos nos quais o pastorado está profundamente abalado e manchado por escândalos, como vimos delongadamente no capítulo um, explica e “justifica” essa idealização. Penso não haver má intenção por parte da diretoria nacional da igreja quando encaminha cartas circulares que sinalizam e admoestam os pastores no sentido da importância da manutenção de sua irrepreensibilidade moral diante da comunidade e da sociedade. O problema, porém, é que a comunicação e linguagem nem sempre são plenamente claras e compreensíveis, fazendo com que a própria intenção da carta seja desvirtuada, sendo interpretada por muitos pastores angustiados e feridos como um puro discurso legalista da igreja. Não tivemos a possibilidade de investigar essa percepção em nosso instrumento de pesquisa, visto que as cartas enviadas com esse teor foram posteriores à aplicação de nosso instrumento. Porém, pensamos que esse é um problema que certamente precisa ser melhor tratado, na busca de se evitar que um gesto plenamente justificável por parte da igreja seja mal interpretado por quem o recebe. É um desafio que precisa ser refletido e enfrentado por aqueles que exercem cargos de liderança eclesial.

Finalmente, na questão quarenta e seis (46) perguntamos se a idealização da imagem e identidade pastorais, assim como a consideramos importante para o exercício da função pastoral e para o reconhecimento público de seu trabalho seria, ao mesmo tempo, uma perigosa armadilha para a vida e ministério dos pastores. O índice de concordância nessa questão também foi elevado, chegando a 85% (43% totalmente e 42% em parte). Nessa questão se presentifica a tensão cotidiana dos pastores em reconhecer a importância e o valor de assumir condignamente a sua *persona* pública, como bem sinaliza Jung: “A sociedade espera e tem que esperar de todo o indivíduo o melhor desempenho possível da tarefa a ele conferida; assim, um sacerdote não só deve executar, objetivamente, as funções do seu cargo, como também desempenhá-las, sem vacilar a qualquer hora e em todas as circunstâncias”.⁵⁹⁵ Porém, por outro lado, na consecução dessa tarefa é que mora o perigo de se cair na armadilha neurótica de uma *persona* idealizada demais, que não permite espaço para a “sombra” também se manifestar, conforme postula Jung, no sentido do pastor reconhecer as suas dimensões sombrias ligadas aos “traços obscuros do caráter, das inferioridades do indivíduo, de fundo eminentemente emocional”.⁵⁹⁶ Essa síntese integrativa entre essas duas tensões é outro dos grandes desafios pastorais no exercício cotidiano de seu ofício. Vejamos a fala de um dos pastores:

Acredito que as pessoas esperam no pastor um super-herói e, por vezes os pastores caem na cilada de tentar assumir esse papel. Acredito ainda que parte dessa visão dos membros aos pastores está amplamente atravessada pelo discurso do pastor que tenta transmitir uma imagem idealizada de bom marido, pai exemplar e cidadão moralmente irrepreensível. [...] (anexo 4, questão 47, nº 123)

Outros resultados da pesquisa poderiam ser aqui descritos, mesmo que não corroborem majoritariamente, nos resultados percentuais, algumas de nossas hipóteses iniciais. Uma dessas questões, de número nove (9), que investiga a percepção dos pastores sobre se os membros das comunidades cristãs demonstram paciência e compreensão diante das limitações e falhas pastorais, demonstrou que 47% dos pastores concordam com isso, apesar de que apenas 2% concordam totalmente e 45% concordam em parte. Esse resultado demonstra que o número de pastores que acredita que os membros possuem uma visão mais “humanizada” do ministério pastoral (47%) é maior do que os 44% que vão discordar dessa assertiva. Mesmo que tenhamos aqui um empate técnico, a tendência ainda pende para um ambiente de maior

⁵⁹⁵ JUNG, *O eu e o inconsciente*, 1987, p. 68.

⁵⁹⁶ JUNG, *AION. Estudos sobre ...*, 1990, p. 6-7.

compreensão das falhas pastorais pela comunidade de fé, o que é um elemento positivo dentro do conjunto temático que estamos investigando.

Na realidade, esse dado confirma uma impressão prévia desse pesquisador, de que a comunidade cristã é mais tolerante ou mais evangélica com possíveis falhas pastorais do que a hierarquia da igreja, do que os colegas pastores e do que o próprio pastor, que é o principal algoz de si mesmo, pela exigência de seu superego ou *ego ideal*, conforme propõe Freud. Nesse sentido, fazemos referência a uma entrevista do escritor, psicanalista e ex-pastor presbiteriano brasileiro, Caio Fábio, no qual ele pontua essa questão. Mesmo que Caio Fábio tenha caído em descrédito junto a segmentos do clero protestante, muito em função de sua própria conduta moral, a sua afirmativa é absolutamente pertinente e verdadeira quando diz:

A maioria dos pastores se queixa do que eles mesmo alimentam. Na maior parte das vezes os pastores querem se passar por seres especiais, acima do bem, do mal, do erro e das carências. Se a igreja fosse ensinada a “desfetichizar” os seus pastores e se os visse como seres humanos, sujeitos aos mesmos sentimentos que tantos profetas e apóstolos, não haveria tanta doença.⁵⁹⁷

Um dos pastores de nossa pesquisa escreveu algo muito próximo do autor acima, como segue: “Contudo, por vezes, o próprio pastor coloca sobre seus ombros um fardo invisível que nem a própria congregação dispensou a ele. É coisa da cabeça pastoral. Quem sabe até para poder exercer um poder moralista sobre sua congregação. Ser um pequeno papa” (questão 47, nº 15).

O que podemos afirmar é que descortina-se na escuta das comunidades de fé um campo de pesquisa complementar excelente à presente tese, que precisaria ser investigada em estudos futuros, conforme inclusive solicitam alguns dos participantes, diante da questão aberta nº 48, que abre espaço para sugestões. Pastores verbalizaram: “Talvez em um projeto futuro seria interessante ‘ouvir’ os membros em relação as mesmas questões” (anexo 5, questão 48, nº13). Já outro diz: “Faria uma pesquisa com o mesmo tema, e praticamente as mesmas perguntas, com os líderes leigos distritais, ou se possível, com os presidentes de congregações. Seria um contraponto interessante quanto a visão do ministério e a figura pastoral visto pelos olhos do leigo”. (anexo 5, questão 48, nº 8). Vê-se aí, o interesse dos pastores em conhecer o que os outros pensam a respeito do tema que está sendo aqui investigado.

⁵⁹⁷ FÁBIO, Caio. *O esgotamento do pastor*: entrevista. Disponível em: <<http://ejesus.com.br/esgotamento-do-pastor/>> Acesso em: 13 out. 2015.

Já na questão vinte e sete (27), quando os pastores se deparam com a afirmativa de que a graça libertadora que tanto anunciam aos outros por vezes não conseguem anunciar a si mesmos, tivemos mais um empate técnico. Dos respondentes, 48% concordam com essa assertiva, mesmo que apenas 13 % concorde totalmente. De qualquer forma, no conjunto geral entre concordância e discordância temos um dado de 48% de concordância para 46% de discordância nessa assertiva. Ou seja, quase metade dos pastores pesquisados já teve dificuldade, em algum momento de sua vida, de “anunciar a si mesmo” a teologia da graça, ficando, conseqüentemente, enredado na armadilha da neurose de excelência e de irrepreensibilidade moral, não conseguindo ter acesso à liberdade da graça e do perdão oferecidos em Cristo e por Cristo a eles. Vejamos a fala de dois pastores:

[...] a graça pregada e ensinada pelos pastores - tanto do púlpito como em momentos não cúltricos (estudos, visitas, conversas...) - nem sempre é aplicada ao pastor. As vezes pelo pastor mesmo, em função de colocar parâmetros muito elevados a si e a seu ministério. [...] (anexo 4, questão 47, nº 18)

Dentro de nossa igreja temos uma grande dificuldade na aplicação da maravilhosa teologia da graça. Falamos, escutamos e lidamos constantemente com Lei e Evangelho e, ainda assim, fazemos ainda tão pouco uso desta doutrina tão consoladora. Começo por mim mesmo. Sendo pastor, muitas vezes me pego aplicando cobranças sobre humanas a mim mesmo. Por que não fiz mais visitas? Por que não consegui fazer um estudo melhor? Por que não consegui escrever todo o sermão? Este é um assunto delicado por haver uma linha tênue entre a cobrança desmesurada e o desleixo assumido. Na primeira opção acabamos numa correria sem fim. Na segunda opção, abandonamos as preocupações pertinentes ao ministério. (anexo 4, questão 47, nº 110)

Com relação a esse assunto, Enio Mueller, teólogo luterano, ao tratar do conceito da “*sola gratia*” a descreve não como um princípio abstrato, mas como uma existência concretamente vivida, relacionando-a com o Cristo e também colocando-a numa correlação direta com a fé. Mueller vê como grande desafio dos cristãos manter um nível intenso de atividades movidas pela fé, sem cair numa imperceptível depreciação da graça como o motor principal do discipulado cristão. Por outro lado, descreve que a graça tem tido sempre de novo que competir com a *santidade*.⁵⁹⁸

Enquanto que o apelo a obras nos impele para fora de nós, buscando ver sinais da salvação no que fazemos, o apelo à santidade leva o nosso olhar para dentro de nós próprios. A santidade tem uma relação inerente com a fé. Evangelicamente, ela é crida antes de ser vista. Mas na prática cristã normal isso é difícil de ser mantido. Vivemos num mundo que desde sempre nos molda no sentido de busca imediata de

⁵⁹⁸ MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo: Editora Teológica; São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2005. p. 64-6.

resultados. E assim buscamos também resultados de santificação em nossa vivência da fé.⁵⁹⁹

Nessa seção, que está verificando a distância entre teologia e prática, não temos como deixar de fazer uma breve análise da questão aberta de número 47, cujas verbalizações já foram citadas em diversas oportunidades nas páginas anteriores. A questão 47 pergunta aos pastores: “*Você acha que está havendo uma distância entre a teologia da graça professada pela igreja e uma cobrança exagerada sobre quem exerce o pastorado? Justifique*”.

Essa foi uma questão aberta, não obrigatória, onde os pastores podiam se posicionar a respeito do tema, numa correlação entre o ensino da teologia da graça e a percepção da vivência da mesma no exercício do pastorado, inserindo o contraponto da cobrança sobre os pastores. Não temos muita clareza se essa contraposição formulada na questão foi a melhor forma de expressar o que pretendíamos auferir, mas ela tematiza dois conceitos bastante claros: a teologia da graça e a cobrança aos pastores. Dos 223 respondentes da pesquisa, 143 responderam livremente à questão, perfazendo 64,12% da amostra, o que julgamos ser um número significativo, em função da não-obrigatoriedade em respondê-la. Vamos a uma breve análise dos resultados.

Numa análise quantitativa simples, 81 pastores (56,64%) responderam afirmativamente, concordando estar havendo um distanciamento entre a teologia da graça professada pela igreja e uma cobrança exagerada sobre os pastores. Se acrescentarmos a esse dado aqueles que concordam em parte, que foram 16 sujeitos (11,18%), chegamos a um resultado de concordância de 67,82% entre os respondentes. Mais uma vez confirma-se o *gap* entre discurso e prática que estamos observando em diferentes questões de nossa pesquisa e de modo especial nessa seção do capítulo.

Para ilustrar o que queremos dizer, citamos algumas falas pastorais presentes na questão 47 e que corroboram o que estamos afirmando.⁶⁰⁰

Há sim! As exigências provindas de um ativismo em busca de resultados tem atrapalhado o desempenho do pastorado... (anexo 4, questão 47, nº 1)

Sim, quando a cobrança é exagerada e não se admite que o pastor erra porque é humano, estão valorizando muito mais as obras e dando pouco valor à graça de Deus. Deus nos perdoa pelo que somos e não pelo que outros desejam que sejamos. (anexo 4, questão 47, nº 3)

⁵⁹⁹ MUELLER, Enio, 2005, p. 66.

⁶⁰⁰ Poderíamos descrever as respostas afirmativas dividindo-as em algumas categorias de resposta, dentro do tema central da questão, por exemplo: exigências da hierarquia da igreja; exigências da comunidade de fé; exigências do próprio pastor; exigências da sociedade no ativismo do mundo moderno; problemas de má compreensão teológica etc. Essa análise demandaria um espaço mais amplo para descrevê-la, sendo uma tarefa que certamente deverá ser melhor aproveitada na construção de artigos científicos ligados ao tema.

Acho que infelizmente a igreja em parte está perdendo a essência da teologia da graça e migrando em alguns pontos para os modismos do mundo com a desculpa de atualizar-se... (anexo 4, questão 47, nº 4)

Exatamente, parece que você deve ver os outros a partir da graça e os outros não te olham sob esta perspectiva. (anexo 4, questão 47, nº 5)

Sim, graça e compreensão deve ser concedida pelo pastor aos seus congregados, mas não é recíproca. (anexo 4, questão 47, nº 6)

Penso que há uma má compreensão da santificação, ocasionando assim todos estes transtornos espirituais e psicológicos acima descritos. (anexo 4, questão 47, nº 7)

Sim. Há uma exigência muito forte por parte das congregações de uma perfeição absoluta do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 8)

Sempre há expectativas, exageradas, a respeito do pastor e família. (anexo 4, questão 47, nº 12)

JÁ FOI PIOR NO PASSADO!!! A PRESSÃO ATUALMENTE TEM DIMINUÍDO, MAS SEMPRE ESTÁ/CONTINUA PRESENTE "NO AR"!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! É ENDEMICO NA IELB!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (anexo 4, questão 47, nº 14)

Sim. Contudo, por vezes, o próprio pastor coloca sobre seus ombros um fardo invisível que nem a própria congregação dispensou a ele. É coisa da cabeça pastoral. Quem sabe até para poder exercer um poder moralista sobre sua congregação. Ser um pequeno papa. Parece que você só não pode ser pego em escândalo sexual, mas se for autoritário, chegado a exageros verbais ou em atitudes, não há problema algum. Creio que falhamos pela falta de um sistema de aconselhamento pastoral aos pastores. (anexo 4, questão 47, nº 15)

Sim, pois muitos membros da igreja acham que o pastor é alguém que deve ser um modelo idealizado, as demais pessoas podem falhar, mas o líder deve ser irrepreensível. Mas ele é alguém frágil e vive na graça e amor do bondoso Deus. (anexo 4, questão 47, nº 16)

Sim, pois a graça pregada e ensinada pelos pastores - tanto do púlpito como em momentos não cúltricos (estudos, visitas, conversas...) - nem sempre é aplicada ao pastor. As vezes pelo pastor mesmo, em função de colocar parâmetros muito elevados a si e a seu ministério. Outras vezes, a Comunidade que chama cria uma expectativa muito elevada da pessoa e do trabalho do pastor, e ao não conseguir "chegar lá" cria-se uma atmosfera de decepção e cobrança, mesmo que velada com relação ao pastor; isso pode trazer desdobramentos perniciosos, pois acaba também prejudicando relações outras da pessoa do pastor, que não somente com sua Comunidade - como com a família, por exemplo, ou ainda relações sociais. (anexo 4, questão 47, nº 18)

Sim! Aliás as comunidades não estão vivendo mais a teologia da graça bem como os pastores não conseguem fugir do seu legalismo nas pregações provocando na congregação um certo mal-estar e hipocrisia que acabam trazendo prejuízos para o próprio pastor. Há um problema entre o que Deus fez, faz e fará com o que você deve fazer tanto a comunidade como o Pastor. Ambos não vivem a Graça de Deus proclamada em toda a sua doçura. A Igreja perdeu o seu sentido e interesse porque a Graça não consegue modificar os corações devido a sua ausência nos cultos, estudos etc. É muito "o que você tem de fazer e deixar de fazer" ao invés do que Cristo fez e

as possibilidades que você tem na vida. Um problema de Lei e Evangelho! (anexo 4, questão 47, nº 20)

Sim. É perceptível em muitos "chamados" em que são apresentadas uma série de exigências ao candidato. Muitas congregações desejam um "super-homem" com todos os dons possíveis e esquecem-se das limitações humanas da figura do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 90)

Como forma de demonstrar a pluralidade de pensamentos, práticas e experiências eclesiais, sejam elas coletivas ou pessoais, é preciso afirmar que 28 pastores respondentes, num percentual de 19,58%, não concordam que esteja havendo um distanciamento entre a teologia da graça professada pela igreja e uma cobrança exagerada sobre os pastores.⁶⁰¹ É curioso também analisarmos algumas verbalizações nesse sentido.

Não. O fato de se esforçar para viver um ministério irrepreensível não significa falta de confiança na Graça divina. Creio que o pastor precisa ser exemplo de boas obras, de vida e de fé. Primeiro por ser cristão firmado na fé salvadora; depois para ser exemplo à família (como qualquer pai cristão deveria ser) e também à comunidade. Somente confiando totalmente na Graça de Deus é que o pastor será guiado pelo Espírito Santo a viver assim. Portanto, confiar na teologia da graça, conforme professado em nossa igreja, é o que capacita esse viver do pastor. (anexo 4, questão 47, nº 23)

Pessoalmente, nunca senti "cobranças exageradas" sobre meu pastorado. Mas sempre recebi as críticas como uma oportunidade de avaliação e reflexão para fazer melhor ou diferente. Sempre recebi as críticas como fruto de uma teologia da graça exigente e perdoadora, porém não tolerante com erros permanentes. (anexo 4, questão 47, nº 27)

Creio que não. Faz parte da vocação ministerial essa tensão. Deus estabelece sim um padrão ideal para seus ministros. Contudo, a graça de Jesus perdoa e encobre as fraquezas do pastor. O mesmo apóstolo que fala desse ideal (1Tm 3) também fazia questão de ressaltar suas fraquezas e limitações, consolando-se na graça de Deus (Rm 7). É preciso cuidar com extremos. Não podemos viver livres da idealização a pretexto da graça. Contudo, não podemos nos sobrecarregar, como que essa idealização viesse de nós próprios. Pelo contrário, ela vem de Deus, por obra e poder do seu Espírito, que nos abraça e acolhe em nossas limitações (graça). (anexo 4, questão 47, nº 32)

Não. Pois a "cobrança" vem de um perfeito embasamento Bíblico (anexo 4, questão 47, nº 47)

[...] A graça pode e deve ser dispensada à pessoa independente de sua função no Reino, Contudo, não podemos nos esquecer que o perdão (graça) não nos livra da consequência do pecado (morte corporal). Da mesma forma, na vida ministerial, pecados passíveis de uma punição que implique a cassação ministerial não invalida a ação da graça e do perdão. Portanto, acho que, nesse sentido, o que vemos, talvez seja justamente o contrário, uma convicção exacerbada da Diretoria, o que, por outro lado ocasiona a des-graça ministerial e consequentemente comunitária. (anexo 4, questão 47, nº 57)

⁶⁰¹ Outros 18 sujeitos, num percentual de 12,58% deram respostas que não puderam ser categorizadas como positivas nem negativas, apenas fazendo comentários mais neutros ou diversos sobre a questão.

Não creio que haja esta distância entre ambas. Reconheço que a exigência é necessária para a boa visão do ministério pastoral e do próprio cristianismo. (anexo 4, questão 47, nº 64)

Acho que a cobrança é muito menor do que há 40, 50 anos atrás. Acho até que existe muita "tolerância" em relação aos pastores. Existem erros e atitudes que desautorizam o pastor a exercer o seu ministério. É necessária uma consagração cada vez maior dos pastores para que não sejam apenas mais um "profissional" no exercício de seu pastorado, mas um servo totalmente consagrado ao serviço da Palavra de Deus. (anexo 4, questão 47, nº 82)

Não. Uma está relacionada à justificação (teologia da graça) e a outra à santificação (pastorado). Dentro da santificação a cobrança do ministério é necessária, pois precisamos de um norte para seguir. As cartas pastorais nos trazem esse norte. Talvez o que falte é uma compreensão da limitação humana devido à queda em pecado. Precisamos aceitar mais que nossos pastores são pecadores. Essa limitação se dá também no ministério. O pastor não é livre de pecados, mas o pastor é justo em Cristo assim como os demais cristãos. Há casos em que é necessário agir de forma brusca com o pastor para que haja crescimento na santificação. (anexo 4, questão 47, nº 88)

Pelo contrário. Vejo que o descompromisso da vida, da atividade, do fiel, do ministério pastoral, estão muito latentes nos dias atuais, sem cobrança de quem quer que seja. A liberdade, a leviandade, a falta de amor, a exemplo do Bom Pastor, estão deixando muitas agendas pastorais em branco! Há um "buraco negro" perigoso e altamente prejudicial entre a Formação Teológica da IELB e o Campo Prático do Ministério Pastoral. Infelizmente, a boa estrutura orgânica da Igreja não cobre esta lacuna. (anexo 4, questão 47, nº 125)

Podemos perceber nas falas acima posicionamentos bastante sóbrios de alguns pastores, que demonstram um correto entendimento teológico sobre o tema. Chama a atenção acima, porém, várias falas pastorais que afirmam estar havendo, inclusive, uma convivência com os pecados pastorais, que seriam geradores da “des-graça” (*sic*) ministerial e comunitária. Percebe-se, por isso, que este tema da cobrança, do controle, do disciplinamento eclesial, do perdoar pecados pastorais públicos é, sem dúvida, um barril de pólvora, tanto mais quando envolve o mundo pastoral.

Temos plena consciência de que esse aspecto da tese precisará ser melhor explorado, numa análise mais atenta e detalhada de cada uma das falas pastorais. Porém, a delimitação não nos permite fazermos isso aqui, sendo um excelente material para a produção de artigos futuros.

5.6 Identidade pastoral: O *simul iustus et peccator* como resgate da dimensão humanizadora do ministério pastoral

Na epígrafe de nossa tese citamos o poema do conhecido teólogo e pastor luterano Dietrich Bonhoeffer, escrito nos campos de concentração nazista, em julho de 1944. Com o apropriado e instigante título *Quem sou eu?*, aderente ao tema da identidade pastoral que

estamos tratando, o pastor Bonhoeffer retrata nesse seu poema um dos aspectos fundamentais daquilo que estamos tentando demonstrar em nossa tese. Apresenta uma convivência nada pacífica, mas também longe de ser incongruente, entre a *persona pastoral*, na dimensão de seu ofício, com a pessoa do pastor, ou seja, com seu mundo interno, pessoal e subjetivo. Dito de outra forma, Bonhoeffer traz à lume no poema um diálogo entre a identidade presbiterial/pastoral e a identidade do presbítero/pessoa. Bonhoeffer consegue não apenas se dar conta da dupla dimensão da sua personalidade e existência, da *persona* e da *sombra*, como também consegue verbalizá-la, dando sinal, em nosso entender, de uma saudabilidade psíquica e espiritual. Transcrevemos novamente abaixo o poema do pastor Bonhoeffer, na sua íntegra.

Quem sou eu? Seguidamente me dizem
 Que deixo a minha cela
 Sereno, alegre e firme
 Qual dono que sai de seu castelo.
 Quem sou eu? Seguidamente me dizem
 Que falo com os que me guardam
 Livre, amável e com clareza
 Como se fosse eu a mandar.
 Quem sou eu? Também me dizem
 Que suporto os dias do infortúnio
 Impassível, sorridente e altivo
 Como alguém acostumado a vencer.
 Sou mesmo o que os outros dizem a meu respeito?
 Ou sou apenas o que sei a respeito de mim mesmo?
 Inquieto, saudoso, doente, como um pássaro na gaiola,
 Respirando com dificuldade, como se me apertassem a garganta,
 Faminto de cores, de flores, do canto dos pássaros,
 Sedento de palavras boas, de proximidade humana,
 Tremendo de ira por causa da arbitrariedade e ofensa mesquinha,
 Inquieto à espera de grandes coisas,
 Em angústia impotente pela sorte de amigos distantes,
 Cansado e vazio até para orar, para pensar, para criar,
 Desanimado e pronto para me despedir de tudo?
 Quem sou eu? Este ou aquele?
 Sou hoje este e amanhã um outro?
 Sou ambos ao mesmo tempo? Diante das pessoas um hipócrita?
 E diante de mim mesmo um covarde queixoso e desprezível?
 Ou aquilo que ainda há em mim será como um exército derrotado,
 Que foge desordenado à vista da vitória já obtida?

Quem sou eu? O solitário perguntar zomba de mim.
 Quem quer que seu seja, ó Deus, tu me conheces,
 Sou teu.⁶⁰²

⁶⁰² BONHOEFFER, Dietrich. In: MALSCHITZKY, Harald. *Dietrich Bonhoeffer: discípulo testemunha e mártir: Meditações*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 101-102.

Quantos pastores, não apenas só da IELB, não poderiam se sentir autorizados a assinar como autores desse poema, no sentido de confessar sua identificação com os sentimentos relatados pelo pastor Bonhoeffer? Pois quando lido e refletido em inúmeros cursos de cuidando de cuidadores, o poema invariavelmente encontrava profunda ressonância nos pastores participantes, o que nos leva não apenas a crer, mas a confirmar a pertinência e necessidade desse diálogo entre *persona* e *sombra*, tantas vezes negado e reprimido pelos pastores de hoje, temerosos de serem maculados em sua *persona* pública pelo desvelamento de sua *sombra*. A coexistência e convivência entre esses dois arquétipos faz-se necessária no exercício da vida e ministério de cada pastor, sempre com grande senso de responsabilidade, moderação e equilíbrio.

Parece-nos que, pelos resultados apresentados pela pesquisa, há um consenso entre os pastores quanto à responsabilidade do exercício condigno da sua *persona* pastoral. Porém, não temos dúvida de que o reconhecimento da *sombra*, da dimensão pecadora, frágil, limitada, imperfeita é um dos primeiros passos para o resgate da humanização do ministério pastoral, quebrando qualquer possibilidade de idealização neurótica de uma *persona* inatingível, seja externa ou internamente imposta aos pastores.

Quando o apóstolo Paulo fala acerca de si mesmo: “Pois o que é bom não vive em mim, isto é, na minha natureza humana. Porque, ainda que a vontade de fazer o bem esteja em mim, eu não consigo fazê-lo. Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7.18-19), assim como quando Martinho Lutero se autodenomina “um miserável e fedorento saco de vermes”,⁶⁰³ bem como quando Bonhoeffer se reconhece em seu poema como alguém “inquieto, saudoso, doente, como um pássaro na gaiola”, somados a todos os líderes, profetas e apóstolos, cada um com uma lista de pecados, defeitos e limitações, podemos nos sentir confortados em também admitir as nossas próprias limitações, imperfeições e pecados. Quem quer que sejamos, como disse Bonhoeffer, “Deus nos conhece e nos torna seus”, por meio da sua graça. Isso não nos torna menos responsáveis para com o nosso dever e ofício pastoral, ou mesmo leniente com nossos próprios pecados. Porém, nos deve fazer repousar na certeza da graça do perdão incondicional de Deus, que nos capacita a sermos seus servos, mesmo nas nossas fraquezas. Sobre esse tema, um dos pastores respondentes faz questão de também citar o apóstolo Paulo, dizendo:

⁶⁰³ LUTERO, Martinho. Exortação aos cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia. In: _____. *Obras Seleccionadas de Martinho Lutero*. vol. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. 1996. p. 472-483. p. 481.

Acredito que como pano de fundo não poderia ser deixado de lado a figura do Apóstolo Paulo que foi um dos maiores evangelistas que o mundo já viu e foi um pastor que não teve medo de falar de suas fraquezas também. Vejo que por esse motivo as pessoas se identificavam muito com a sua pregação, pois não viam um Paulo "perfeito", mas sim um Paulo cheio de fraquezas e pecados, assim como elas, porém cheio também da graça perdoadora de Deus que o capacitou e transformou sua vida para boas obras e vida de exemplo aos outros. (anexo 5, questão 48, nº 64)

Jorge León, ao tratar das tensões psicológicas existentes no ministério pastoral, afirma que “Deus desafia-nos a sermos plenamente humanos como ele é plenamente Deus (Mateus 5.48)”.⁶⁰⁴ Essa dimensão humana do pastor, como também vai dizer Caio Fábio, precisa ser admitida e reconhecida pelo próprio pastor, como diz o autor a seguir:

Primeiramente ele (o pastor) deve saber que não passa de um ser humano. Quando há desrespeito para com a dimensão humana, o corpo cansa, a alma se esgota e o espírito perde a alegria de servir pelo simples privilégio de servir. Além disso, o pastor não pode sucumbir à “necessidade” da igreja de que ele se apresente como um ser mineral, para além da necessidade de viver e respirar a mesma Graça que prega para outros.⁶⁰⁵

Nesse contexto temático queremos ainda fazer referência a um pequeno artigo de Sebastião Junior, intitulado *Todo jovem líder tem o direito de fracassar*. Apesar de que esse título provavelmente não seria muito bem aceito em muitos setores da igreja luterana, como já demonstramos pelas verbalizações pastorais da pesquisa, pensamos que a afirmativa é verdadeira. O apóstolo Pedro talvez teria maior autoridade para afirmá-lo, após ter negado o mestre e Senhor Jesus diante da multidão por três vezes. A esse “amigo da onça” que traiu sua amizade ao negá-lo publicamente Jesus mais tarde ordena, também por três vezes: “Tome conta das minhas ovelhas” (João 21.15, 16 e 17). Seja pastor do meu povo! É a ordem de Jesus ao impulsivo e instável apóstolo. Graça que acoberta o pecado e que capacita o pecador.

Sebastião Junior vai, portanto, afirmar: “Quando não existe um ambiente saudável para líderes chorarem as suas dores, contarem seus fracassos e um ambiente seguro de confissão, uma história cheia de máscaras vem sobre nós, que com o tempo se torna insuportável”.⁶⁰⁶ Palavras similares a essas já ouvimos em outras seções de nossa tese, mas precisam ser aqui reafirmadas. Fazendo alusão à mensagem pregada por Ricardo Gondim em 1999, acerca das “Bem-aventuranças de um derrotado”, Sebastião Junior a transcreve:

Bem-aventuradas as minhas derrotas, porque elas fizeram com que encarasse a realidade quando só queria viver fantasias... Bem-aventuradas as minhas perdas,

⁶⁰⁴ LEON, Jorge A. *Introdução à Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 173.

⁶⁰⁵ FÁBIO, Caio. O esgotamento do pastor, s/data e s/pág.

⁶⁰⁶ JUNIOR, Sebastião. *Todo jovem líder tem o direito de fracassar*. Artigo. 26 jun. 2015. Disponível em: <<http://sepal.org.br/blog-sepal/artigos/todo-jovem-lider-tem-o-direito-de-fracassar/>> Acesso em: 12 dez. 2015.

porque elas me tiraram da embriaguez dos elogios que me encheram de narcisismo... Bem-aventuradas as minhas dores, porque elas me mostraram áreas ocultas, cegadas por minha própria mentira, que agora posso corrigir... Bem-aventuradas as minhas derrocadas, porque elas removeram o verniz que não me deixavam ter compaixão de quem sofre... Bem-aventurados os meus reveses, eles não me deixaram soberbo, um passo antes da queda... Bem-aventurados os meus percalços, eles me tornaram consciente de que preciso de amigos, de misericórdia e da graça...!!!

O teólogo evangélico Haddon Robinson, na mesma linha de pensamento do autor acima fala sobre o aprendizado de seu sofrimento, muito dele ligado às questões de autoexigência moral e espiritual.

Quando passei por esse período de aflição intensa no Seminário de Denver, alguns disseram que sentiram mais brandura e empatia em minha pregação. Isso com certeza era o que eu sentia. Se me decorreu algum bem desse tempo de aflição, foi um senso esmagador de minha carência de Deus. Eu me sentia completamente vulnerável. Embora não fosse culpado de nenhuma negligência ou erro legal, sentia-me carente da graça como nunca. (...) Eu sondava meu coração e via que, apesar de minha inocência legal, eu era como outra pessoa qualquer, um ser humano pecador com motivações impuras boa parte do tempo, carente da graça de Deus o tempo todo.⁶⁰⁷

Depois, mais adiante no seu texto Robinson fala do impacto do sofrimento e da forma como também a família pastoral recebe e lida com o sofrimento do pastor.

Quando tive aquela experiência em Denver, não fui um modelo inabalável, indubitável. Passei por momentos de profundo desânimo. Minha família me viu passar por eles. Se me levantasse domingo após domingo dizendo “quando passarem por provações, confiem em Deus, não vacilem nem duvidem”, teria perdido um bocado da credibilidade diante deles.

É melhor dizer algo como: “Quando passamos por provações, precisamos confiar em Deus. Às vezes podemos vacilar. Às vezes podemos duvidar. Mas precisamos buscar a fé. Só pela fé no Senhor Jesus Cristo podemos manter o passo, mesmo sentindo que estamos escorregando.”⁶⁰⁸

Lothar Hoch, importante teólogo luterano na área do aconselhamento pastoral, num texto apresentado a obreiros e obreiras da IECLB, no qual reflete sobre a pessoa do pastor, nos auxilia a aprofundar essa discussão, justamente iniciando pela dualidade e tensão que os pastores vivem nessa sua condição pastoral. Diz Hoch:

A temática que se coloca diante de nós é deveras complexa. De um lado, a Escritura afirma que “o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”. (2 Timóteo 3,17) e como tal somos chamados a ser “sacerdócio santo” (1

⁶⁰⁷ ROBINSON, Haddon. Quando você está sofrendo. In: BROWN, Steve. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002. p. 113-122. p. 118.

⁶⁰⁸ BROWN, 2002, p. 119.

Pedro 2,5), instrumentos de Deus para edificação do seu Reino. De outro lado, a Bíblia não deixa dúvida de que somos “servos inúteis” (Lucas 17,10), que todos pecamos e carecemos da glória de Deus (Romanos 3,23), a ponto de Lutero, na sua linguagem forte, afirmar que não passamos de “vermes”. Como conviver com essa dupla natureza ou dupla vocação dentro de nós? Em que medida o ser pastor e o ser pessoa são compatíveis? A dignidade do ministério exige que eu abdique do ser pessoa?⁶⁰⁹

Hoch diz que esse é um dilema difícil de resolver, inclusive falando acerca de si mesmo. Parte do pressuposto bíblico de que, enquanto vivemos nesse mundo, estamos expostos à fragilidade da nossa condição humana, também enquanto ministros do Evangelho. “Temos o tesouro do Evangelho em vasos de barro. Deus assim o dispôs para que a glória do nosso ministério nunca fosse nossa glória, nem nosso mérito pessoal, mas glória de Deus”. Complementa então Hoch:

O fato de sermos pessoas humanas fragilizadas, passíveis de cairmos em tentação e movidos, muitas vezes por pensamento egoísta compromete o nosso ministério? Compromete sim. Eis porque o apóstolo nos exorta para que nós despojemos da natureza humana e revistemos do novo homem (Colossenses 3,5 -10). Esta é uma luta difícil, uma luta inglória, feita de avanços e retrocessos diários. A ponto do nosso Reformador, Martin Lutero, dizer que precisamos afogar diariamente o “velho homem” em nós.

Graças à misericórdia de Deus, temos a sublime promessa de que o poder do Espírito Santo nos assiste em nossa fraqueza e intercede por nós (Romanos 8,2s), de maneira que todos os que fomos batizados no nome de Jesus Cristo, tenhamos a esperança de que, mesmo frágeis e indignos de exercer o ministério de Cristo, possamos ainda assim, ser instrumentos seus na construção do Reino de Deus nesse mundo.⁶¹⁰

Hoch, porém, afirma que assumir a nossa condição humana como pastor não significa que nos conformemos com nossas limitações, fraquezas, dúvidas e neuroses, como já havíamos também afirmado anteriormente. É preciso assumi-las para poder trabalhá-las, visando um crescimento autêntico da fé, no amor e no serviço, no que comumente conhecemos por santificação. Consonantes a essa ideia, verbalizam dois pastores de nossa pesquisa:

Quando se conhece a Graça de Deus e em Deus deposita a sua vida, longe de um legalismo barato, tanto a vida dos membros da Igreja como a vida do pastor e família passam a ter uma harmonia que é salutar para a vida da Igreja e na Igreja. Os membros cientes que dependemos única e exclusivamente na Graça de Deus serão parceiros e não carrascos do pastor. Serão ombros, braços, pernas e mentes amigos e irmãos para um ministério segundo a vontade de Deus. Se houver tratativas com os

⁶⁰⁹ HOCH, Lothar Carlos. *O/a obreiro como Pessoa*. Texto avulso apresentado a obreiros e obreiras da IECLB em Joinville – 20/09/2001.

⁶¹⁰ HOCH, 2001, s/página.

membros da Igreja assim como Jesus tratou qualquer pecador, esses mesmo vão retribuir com a mesma misericórdia. Muitos dos ministérios fracassados se devem ao não uso e não compreensão da Graça de Deus por ambos os lados. (anexo 4, questão 47, nº 30)

Entendo que há má compreensão da Graça de Deus por parte de muitas congregações (membros) e até por parte de pastores. A Graça não me dá o direito de agir de forma repreensível. Ela não anula a lei em nenhum de seus três usos. Mas ela me perdoa quando caio. Há uma confusão enorme por parte de colegas que apoiam-se na "graça barata" para justificar o injustificável. Por outro lado, também por parte de congregações que tornam imperdoável o que Deus a muito já perdoou. Penso que esta questão varia muito de congregação para congregação e região para região. Não dá para simplesmente nivelar. Há congregações e pastores que lidam muito bem com isto e também os que lidam muito mal. Um aspecto bem importante a ser notado pelo pastor é o fato de que quanto mais "legalista" ele for com os membros, provavelmente estes também serão com ele. (anexo 4, questão 47, nº 81)

Postas essas questões que explicitamente ratificam a posição luterana do *simul iustus et peccator* também aplicado aos pastores, partimos para a última seção desse capítulo e também de nossa tese.

5.7 Cuidados Pastorais a pastores em sofrimento

Ao nos encaminharmos para o fechamento do círculo teórico proposto nessa tese não há como deixar de fazer referência à principal terminalidade dessa pesquisa: a urgência de um olhar de cuidado aos pastores que estão sofrendo no exercício de seu ministério, especialmente em função de uma equivocada idealização do ofício ou da *persona* pastoral.

Mesmo reconhecendo a importância dos temas adjacentes à tese, não nos satisfaz apenas discutir e analisar os processos de construção e reconstrução da imagem e identidades pastorais, nos debruçar sobre os processos psicológicos formadores da idealização neurótica, identificar e diagnosticar as diferentes fontes do sofrimento pastoral, assim como tentar compreender com o máximo de clareza como o ministério pastoral vem sendo ensinado, percebido e vivido na igreja luterana, verificando como o pensamento e vida de Lutero podem ser transversalizados nesse conjunto temático. Esse construto teórico, com diferentes aportes da sociologia, psicologia e teologia querem todos convergir para uma reflexão-ação, obviamente influenciada pela minha própria formação na teologia prática, do aconselhamento e psicologia pastoral.

Sem a pretensão de propor caminhos ou métodos de auxílio, como por exemplo, algo similar a um *Turmerlebnis*, duas perguntas de ordem prática se tornam um imperativo para uma reflexão final: a) numa dimensão mais individual, como podemos auxiliar os pastores em sofrimento, aprisionados por idealizações neuróticas, a buscarem um processo de

“libertação”?; b) numa dimensão coletiva e institucional, como podemos ajudar as igrejas a cuidarem melhor de seus pastores, no sentido de um maior acolhimento de suas falhas, fraquezas e limitações?

Está posto aí o pano de fundo de nossa pesquisa. Esse resgate da temática *cuidando de cuidadores*, solo no qual germinou e cresceu o projeto doutoral que se presentifica na presente tese, nunca deixou de estar no horizonte de todo o meu percurso como pesquisador ao longo desses quatro anos de doutoramento. Sendo fiel a esse nascedouro intelectual, espiritual e afetivo, não podíamos deixar de ao menos mencioná-lo ao final de nossa tese.

Porém, não temos como aprofundar a temática do cuidado aos pastores, mas apenas rememorar questões imprescindíveis para esse necessário olhar de cuidado aos pastores em sofrimento. Já trabalhamos o tema em nossa dissertação de mestrado, capítulos de livros e em cursos de aperfeiçoamento pastoral. Da mesma forma não queremos sobrepor pesquisas onde esse tema é exaustivamente trabalhado por autores tais como Roseli Oliveira, já citada na presente tese. Nas obras de Oliveira o leitor, especialmente os cuidadores pastorais, poderão buscar as orientações tão necessárias para o seu próprio cuidado e de seus colegas.⁶¹¹ Questões muito pontuais serão aqui ressaltadas, todas elas circunscritas, de alguma forma, na vida e ensino de Lutero, sendo fiel à linha epistemológica que decidimos trilhar.

Queremos iniciar essa reflexão final sobre o cuidado lembrando o que diz o teólogo e escritor católico Henri Nouwen acerca dos sacerdotes e ministros religiosos:

Estou convencido de que sacerdotes e ministros, especialmente aqueles que se relacionam com muitas pessoas angustiadas, precisam de um lugar realmente seguro para si mesmos. Precisam de um lugar onde possam compartilhar suas dores e lutas profundas com pessoas que não precisam deles, mas que possam guiá-los cada vez mais adiante no profundo mistério do amor de Deus.⁶¹²

Já em nossa conclusão da dissertação de mestrado afirmamos que essa temática de cuidar de cuidadores não é algo tão comum, mesmo que no decorrer dos últimos anos tem sido cada vez mais reconhecida e aceita pela sociedade e pelos próprios cuidadores, ou seja, de que cuidadores também necessitam de cuidado. Penso que aquela conclusão ainda serve para abordarmos o assunto, mesmo treze anos após a sua redação, o que nos encoraja a retomá-la aqui:

⁶¹¹ Referimo-nos às obras de Oliveira já citadas no capítulo três: OLIVEIRA, Roseli K. de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005. 147 p. (Teses e Dissertações, 28).; OLIVEIRA, Roseli M. Kühnrich de. *Pra não perder a alma: o cuidado aos cuidadores*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

⁶¹² NOUWEN, Henri J.M. *O perfil do líder cristão no século XXI*. Americana: Worship Produções, 1993. p.55.

O fato de se ocupar e aprofundar o tema do cuidado do ser humano, considerado um pressuposto natural da própria condição humana, leva o pesquisador a tomar consciência de que este não é um fato tão óbvio e natural quanto deveria parecer. A relevância do tema é descortinada quando percebe estar se vivendo numa época onde o descuidado parece estar prevalecendo sobre o cuidado, sendo este um dos estigmas dos tempos modernos. Neste sentido, o tema é candente e urge em ser investigado, visto o pressuposto ontológico inicial do trabalho ser de caráter permanente, isto é, sem o cuidado do outro ninguém pode tornar-se verdadeira e plenamente humano. [...]

A preocupação que transversaliza a pesquisa, que parte do questionamento “quem cuida de quem cuida?”, parece ter conseguido demonstrar que todo cuidador ou profissional da saúde é um sujeito carente de afeto, de atenção, de complementaridade e de relações humanas significativas. Quem optar em ser cuidador precisa, portanto, aprender a cuidar de si próprio, pois só aí a prática de seu cuidado se tornará mais efetiva, espontânea e profunda. [...]

Para tanto, os cuidadores precisam permitir o encontro com a sua própria humanidade, baixando as resistências quanto ao contato com seus sentimentos, bem como abandonando a sua eventual onipotência. Ao rechaçar qualquer auxílio para o seu trabalho como cuidador, o profissional da saúde começa a correr o risco de deixar de ser um autêntico cuidador, [...].⁶¹³

Essa preocupação com o cuidado aos cuidadores também foi verbalizada por alguns pastores respondentes à nossa pesquisa, tal como vemos abaixo, em resposta a questão aberta nº 48: “Que aspecto, item, tópico ou sugestão você acrescentaria à presente pesquisa? Há algum aspecto que você gostaria de destacar?” Vejamos algumas das respostas:

Acredito que a Igreja deveria valorizar mais seus pastores e oferecer momentos de integração e socialização entre eles. Oferecer gratuitamente aos pastores, cursos de aperfeiçoamento, pelo menos uma vez por ano, com carga horária mínima de 20 horas. Uma Igreja que não cuida e valoriza seus pastores não irá crescer nunca! (anexo 5, questão 48, nº 5)

Os pastores não são "educados" a compartilharem suas dificuldades com outros pastores. Creio que por medo, por desconfiança e por uma "rivalidade", uma "disputa" tola. Normalmente desabafam com a família, gerando altos graus de insatisfação. [...] (anexo 5, questão 48, nº 11)

Penso que a IELB deveria dispor de um esquema de maior amparo aos pastores. Talvez conselheiros distritais de tempo integral, ou alguns pastores com formação em Psicologia que pudessem visitar periodicamente os pastores da igreja. Muitos problemas poderiam ser resolvidos antes de causarem sofrimento ou danos familiares. (anexo 5, questão 48, nº 20)

Pastores vão ao oculista, ao otorrino, ao dentista, ao cardiologista... mas não procuram por psicólogos. Deveriam fazê-lo, inclusive como forma de prevenir sofrimentos de ordem psíquica que interferem no exercício do ministério. (anexo 5, questão 48, nº 26)

⁶¹³ HEIMANN, Thomas. *Cuidando de Cuidadores: acompanhamento a profissionais que assistem pacientes em UTI's – uma abordagem a partir da Psicologia Pastoral*. 2003. 221 f., Dissertação. (Mestrado). PPG/Faculdades EST. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003. p. 163-4.

Cuidado com os cuidadores pode vir a ser um auxiliar para evitar demissões e desistências do ministério. Acho que esta tese poderá ser utilizada para um bom auxílio aos pastores e famílias pastorais. (anexo 5, questão 48, nº 32)

Talvez o aspecto da necessidade (pouco existente) de auxílio disponível para pastores receberem auxílio de aconselhamento. Isto, antes de mais nada, envolve a disponibilidade de pessoas "empáticas" (e de confiança?) na vida do pastor (não apenas o Pastor Conselheiro, outros pastores, mas também pessoas leigas). (anexo 5, questão 48, nº 36)

Sugiro à IELB colocar à disposição dos pastores/ professores (que sofrem com stress, depressões...) de um profissional capacitado, de preferência, cristão luterano, com o qual ele possam se desabafar e encontrar uma saída (cura) de seus sofrimentos. Depois de uma consulta pessoal, o acompanhamento poderia ser feito pela internet. É apenas uma simples sugestão, porém que é necessária e urgente. (anexo 5, questão 48, nº 42)

[...] Acredito que a questão da "resiliência" peculiar a cada um deveria ser analisada, respeitada e tratada para haver ainda mais prazer e alegria em trabalhar com pessoas que precisam de cuidados especiais. Todos precisamos mais colo, amor e valorização. (anexo 5, questão 48, nº 67)

Além dessas verbalizações acima, outras ainda tocam, direta ou indiretamente, sobre a necessidade do cuidado aos próprios pastores, abrangendo relacionamentos entre colegas, momentos de integração e socialização, melhorias salariais, necessidade de resgatar uma maior espiritualidade, encaminhamento a conselheiros e psicólogos, diminuição na sobrecarga de trabalho, melhor mordomia do tempo, valorização do pastor, oferta de cursos de aperfeiçoamento, humanização etc. (39, 71, 73, 75, 77, 92, 93, 96, 99, 104).

Ainda que a expressão *cuidado aos cuidadores* não tenha sido utilizada no instrumento de pesquisa em nenhuma das 48 questões, nem tampouco no termo de consentimento livre e esclarecido, chamou-nos a atenção o fato de tantos pastores terem se referido a esse tema. Certamente o *rapport* inicial feito com os pastores, enviado por e-mail no mesmo período em que enviamos o instrumento de pesquisa via *google docs* contribuiu para isso, além do próprio trabalho já realizado ao longo dos últimos doze anos pelo autor da tese junto a diversos pastores da denominação investigada. De qualquer forma, o tema do cuidado parece também ter sido sentido por muitos pastores como o pano de fundo de toda a nossa pesquisa.

Mas afinal, por onde começar esse cuidado? Penso que, primeiramente nos lembrando que o Deus em quem cremos é um Deus de cuidado,⁶¹⁴ mesmo diante de nossas piores falhas. Três exemplos bíblicos paradigmáticos nos ensinam isso, mesmo que em dois deles o castigo

⁶¹⁴ O tema do cuidado foi desenvolvido em minha dissertação de mestrado de forma bem mais detalhada e exaustiva. Não o faremos nessa tese, mas queremos citar algumas obras de referência dentro dessa temática: BOFF, Leonardo: *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 7. ed. Petrópolis: vozes, 2001.; _____. *Princípio de compaixão e cuidado*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. HOCH; Lothar Carlos; NOÉ, Sidnei, Vilmar (Orgs.). *Comunidade terapêutica: cuidando do ser através das relações de ajuda*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2003.; ZANDRINO, Ricardo. *Curar também é tarefa da Igreja*. São Paulo: Nascente, 1986.

pela falta foi também cumprido pelos faltosos (a expulsão da terra em que habitavam). Quando Adão e Eva pecam no Éden, Deus providencia a eles não só a redenção com a promessa do Salvador (Gênesis 3.15), como também tem o trabalho amoroso e materno de costurar roupas de pele para eles vestirem a sua nudez. (Gênesis 3.21). No segundo caso, após o assassinato de seu irmão Abel, Caim, chamado por Deus para conversar, expõe a Deus o temor do castigo, além de relatar o medo de que as pessoas iriam querer matá-lo aonde quer que ele fosse. Mas Deus lhe responde: “Isso não vai acontecer” e “em seguida o Eterno pôs um sinal em Caim para que, se alguém o encontrasse, não o matasse” (Gênesis 4.15). Um sinal para proteção e cuidado, não para estigmatizá-lo ou puni-lo, como tantos interpretam equivocadamente tal texto. O terceiro caso, da negação de Pedro a Jesus, já comentado por nós, nos mostra que Deus, além de ir ao encontro de Pedro com o perdão, delega a ele a tarefa de apascentar o seu rebanho, numa clara restituição de sua imagem e identidade, denegridas pelo pecado de ter negado a Jesus em público. Esse é o Deus da graça, que acolhe e perdoa o que há de pior em cada um de nós.

Dessa forma, o primeiro elemento para um resgate da humanização do ministério pastoral passa pela fé e espiritualidade de cada indivíduo, na confiança plena do perdão de Deus. Esse é o primeiro passo para o nosso cuidado.

Libânio, mesmo dirigindo-se a um contexto católico, toca num ponto importante da crise vivida por presbíteros, que é justamente a superficialidade da sua espiritualidade, sendo essa superficialidade fonte de muitos sofrimentos pastorais, também dos pastores luteranos:

A identidade presbiteral acomoda-se ao *status quo* pela via da superficialidade, exterioridade. Esta tem ganhado enorme importância. Deslocou-se do ser para o ter com a modernidade produtiva do capitalismo agressivo. Já aí afetou a identidade e a espiritualidade. Ambas radicam basicamente no ser. Agora se prefere o aparecer ao ser e ao ter. O desafio cresce. Cultiva-se na identidade a aparência, a forma visível, unida a uma espiritualidade também ela voltada para fora, para ser vista, para os olhos e menos para o coração.⁶¹⁵

Não temos como deixar de citar Lutero nesse aspecto. Ao tratar de como se deve estudar corretamente a teologia, Lutero vai propor o “método das três regras”, que ficaram conhecidas como *oratio, meditatio e tentatio* (oração, meditação no texto e tentação). Diferentemente do modelo vigente da época, que enfocava uma espiritualidade ativa e a autopromoção, na busca da contemplação e êxtase espiritual, o modelo de espiritualidade de

⁶¹⁵ LIBÂNIO, João Batista. A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 43, n 121, p. 353-388, Set/Dez 2011, p. 369. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos2/index.php/perspectiva/article/view/1482/1843>> Acesso em: 23 jun. 2014.

Lutero enfocava a *recepção*. Kleinig explica o que isso quer dizer quando afirma que Lutero não via a vida espiritual de forma ativa, como um processo de autodesenvolvimento, mas em termos passivos,⁶¹⁶ no sentido de ser um processo de recepção da parte do Deus Trino, no qual pessoas autossuficientes aprendem a ser mendigos na presença de Deus.⁶¹⁷

Os três aspectos, *oratio, tentatio e meditatio*, giram em torno de uma contínua e cuidadosa atenção à Palavra de Deus, descrevendo a vida de fé como um ciclo que começa com a oração do Espírito Santo, passa pela meditação na palavra externa da Bíblia (ouvir a pregação, fazer leituras e estudos concretos na Palavra) e termina na tentação pelos ataques do diabo, que para serem vencidos nos levam a nos apegar ainda mais nas duas regras anteriores (oração e meditação), num ciclo interminável diante dos desafios da vida cristã. Conclui-se do método das três regras de Lutero que a vida de fé é, portanto, uma vida “passiva” e receptiva, na qual não é o cristão que se torna melhor, mas é o próprio Deus quem assume o controle, nos transformando, nos moldando e nos desenvolvendo em nossa vida de fé.⁶¹⁸

Nesse sentido podemos, com Lutero, sugerir a pastores em sofrimento, que se veem diante de conflitos em sua vida e ministério, o conselho do reformador: - “Entra em teu quartinho ou recolhe-te a um canto e ali abre teu coração e derrama-o perante Deus, com lamentos e suspiros e uma consoladora confiança, pedindo que teu fiel Pai Celeste te ajude nessas dificuldades e te aconselhe”.⁶¹⁹ Esse é o “método” apontado por um dos pastores respondentes da pesquisa: “O cuidado diário com a vida espiritual pelo estudo da bíblia e pela oração é onde busco em Deus o perdão para meus pecados, alimento para minha fé, orientação e força para exercer minha vocação”. (anexo 5, questão 48, nº 21)

Um segundo aspecto que não podemos deixar de citar como elemento importante do cuidado pastoral e que também encontramos presente na biografia de Lutero, é a importância de termos, além de nosso Deus como o cuidador-mor, um confessor e conselheiro sábio, confiável e amoroso. O papel de Johann von Staupitz, o vigário geral da ordem dos Agostinianos, como confessor e conselheiro de Lutero é reputado por teólogos como Sidnei Noé e Lothar Hoch como fundamentais no seu processo de cura e libertação, sendo

⁶¹⁶ Kleinig explica que Lutero vai empregar o termo “passivo” no seu sentido gramatical, como o ato de receber uma ação, e não num sentido físico, designando um estado de inércia ou inação. In: KLEINIG, John W. Como se forma um teólogo?:- *Oratio, Meditatio, Tentatio*. In: NERBAS, Paulo (Org.). *O preparo de pastores luteranos para hoje*. Canoas, Ed. ULBRA, 2006. p. 11-37, p. 36.

⁶¹⁷ KLEINIG, 2006, p. 17.

⁶¹⁸ HEIMANN, Thomas. Lutero e o Aconselhamento. In: HEIMANN, Thomas. *Princípios Teológicos de Aconselhamento*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2015. p. 206-230. p. 221-226.

⁶¹⁹ LUTERO, Martinho. *Prédicas semanais sobre Mateus 5-7*. In: *Obras Seleccionadas*. vol 9. Interpretação do Novo Testamento: Mateus 5-7; Coríntios 15; 1 Timóteo. Sinodal: São Leopoldo; Concórdia: Porto Alegre; Editora da ULBRA: Canoas, 2005. p. 17-279. p. 224.

provavelmente o responsável pelo primeiro encontro com um aconselhamento realmente restaurativo.⁶²⁰ Isso demonstra a relevância da função do aconselhamento pastoral para a igreja e para os indivíduos que se veem em aflição e sofrimento e que precisam encontrar quem os acolha e conduza ao caminho da graça incondicional. Hoch é enfático em afirmar a importância de Staupitz para Lutero.

No meu ponto de vista, o mais importante neste momento poimênico-pastoral é que na relação graciosa, compreensiva, de acolhimento incondicional de Staupitz, Lutero experimentou a graça, o amor incondicional do próprio Deus. A experiência da graça de Deus, mediada pela palavra e intermediada pela relação pessoal, abriu o coração e a mente de Lutero para a teologia da justificação por graça e fé que ele viria a aprofundar mais tarde.⁶²¹

Diversas falas pastorais de nossa pesquisa, muitas delas recém citadas, pontuaram a importância do pastor encontrar alguém para derramar o peso da alma e encontrar o consolo que muitas vezes não encontram em si mesmos. Destacamos a fala de um dos pastores, que afirma: “Nós pastores carecemos do mesmo perdão que pregamos, o mesmo perdão que me leva amar meus membros; para isso carecemos do contato de gente com gente, de pastor com pastor”. (anexo 5, questão 48, nº 39)

Cabe, porém um alerta, afirmando que talvez isso não seja tão fácil quanto parece, não só pela “crise de confiança” existente na sociedade moderna e no seio da própria igreja, já citada e corroborada pelos resultados de nossa pesquisa, como também se torna difícil pelo exercício de humildade que isso exige de cada um dos pastores. Afirma Hoch a esse respeito:

Confesso que o exercício da humildade não é tarefa fácil, para nenhum de nós. Às vezes, e necessário que entremos em crise conosco mesmo e com o pastorado para que aprendamos que é necessário trabalhar algumas questões que viemos adiando há muito tempo. O fato de termos nos reunido aqui para refletir sobre o pastor como pessoa é um indício positivo de que queremos e precisamos falar mais sobre nós mesmos. O cuidado de nós mesmos, visando uma vida com mais qualidade e satisfação, seja no trabalho, seja na vida pessoal, é uma tarefa que o Criador nos deu e que podemos perseguir com alegria. Temos muito que recuperar, pois os obreiros, especialmente os pastores, na maioria dos casos, não têm liberdade para falar sobre si mesmos como pessoas. [...] Nós enquanto pessoas humanas, “vasos de barro” presenteados com talentos e, ao mesmo tempo marcados com fraquezas e imperfeições, se quisermos exercer bem o nosso trabalho de pastores/as, precisamos aperfeiçoar, com a graça de Deus e com sofrimento a nossa principal ferramenta de trabalho: nós mesmos!⁶²²

⁶²⁰ NOÉ, Sidnei V. O pastor Lutero e sua contribuição para a teologia do Aconselhamento Pastoral. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). *Lutero, o Pastor*. 4. Fórum ULBRA de Teologia Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 117-131. p. 119-20.

⁶²¹ HOCH, Lothar Carlos. Aconselhai-vos mutuamente. In: HEIMANN, Leopoldo (org.). *Lutero, o Educador*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p.131-133. p. 132.

⁶²² HOCH, 2001, s/página.

Finalmente, como uma última forma de cuidado, pensamos na atuação da própria igreja junto a seus pastores. O apóstolo Paulo, por exemplo, se preocupou com cada uma das comunidades cristãs fundadas por ele. Dirigia-se tanto aos líderes quanto às comunidades através de cartas e epístolas, orientando, ensinando, admoestando, repreendendo, consolando, mediando o perdão, ou seja, acolhendo firme e amorosamente as demandas do povo de Deus, em diferentes âmbitos: espiritual, emocional, afetivo, social, financeiro etc. Porém, acreditamos que esse papel precisa não ser apenas ocupado pelos pastores, mas pode também ser exercido pelos líderes e membros das comunidades de fé, na perspectiva de um trabalho cooperativo e complementar. A questão coletiva, de uma comunidade que deixa de se colocar numa posição de total dependência de seu pastor, transformando-se numa comunidade de partilha, pode favorecer a saída de um círculo vicioso da idealização do líder-pastor-pai. Nesse sentido, uma comunidade que aceite as dimensões falhas e “escuras” de seu pastor está crescendo rumo à maturidade e certamente usufruirá do aprofundamento do ministério pastoral pós-crise, tal como ocorreu com o apóstolo Pedro após o episódio da negação a Jesus.

Porém, sendo fiel à linha de pesquisa de nossa tese, encontramos também no reformador e pastor Martinho Lutero esse mesmo caminho de cuidado pelo seu “rebanho”. Grande parte dos escritos de Lutero nascem como respostas a conflitos, dúvidas e dificuldades concretas de indivíduo e grupos com os quais convivia e se relacionava. Em diversas de suas pregações e cartas fica claro o seu viés não apenas de apologeta, mas de um conselheiro e cura d’almas, realizando sua tarefa na mesma linha do apóstolo Paulo: orientando, ensinando, admoestando, repreendendo, consolando, mediando o perdão, acolhendo firme e amorosamente as demandas do povo de Deus.

Portanto, é preciso que a igreja, não só a comunidade de fé, mas a própria administração eclesiástica, olhe com cuidado para seus pastores, realizando com firmeza e amor, a tarefa de cuidar e acolher aqueles por quem é responsável. Com a implementação de seu Programa MML (Ministério, Missão e Liderança), já citado no capítulo três, vemos que a Igreja luterana (IELB) já começou a se preocupar, não só com o ofício pastoral, mas também com a pessoa do pastor, bem como com sua esposa e família, sendo esses sinais de esperança em meio ao crescente aumento do sofrimento pastoral existente no meio luterano. Com certeza há mais a ser feito, mas o caminho já está posto, havendo terreno fértil para necessários aprofundamentos e complementos nas ações de cuidado aos pastores de hoje. Quem sabe, espaços que podem se tornar pequenos ou significativos *Turmerlebnisse* para muitos pastores. Outras medidas, em nosso entender também são de fácil consecução, como um repensar no rito de ordenação e instalação pastoral, o estabelecimento de uma rede de

contatos profissionais da psicologia e aconselhamento por regiões, colocadas à disposição dos pastores entre outras medidas plenamente exequíveis no contexto da igreja luterana.

Encerramos essa seção do cuidado fazendo referência a uma carta circular⁶²³ do presidente da LCMS (Lutheran Church Missouri Synod), o pastor Matt Harrison, no qual ele encaminha orientações e admoestações aos pastores de sua igreja nos Estados Unidos, numa linha muito próxima daquilo que acreditamos ser a forma adequada de tratar questões de orientações sobre conduta pastoral. É uma carta profundamente evangélica, que metodologicamente parte com a inclusão da dimensão de fraqueza de Lutero e também aborda a fraqueza do próprio autor da carta – como o apóstolo Paulo e Lutero também fazem a respeito de si mesmos. Com esse recurso, cria-se um contexto no qual o conteúdo da carta não é visto como mera cobrança de idealização ministerial, pois revela uma profunda consciência da plena fraqueza e humanidade pastoral. Destacamos alguns excertos dessa carta.

Queridos irmãos no Ministério:

Saúdo a cada um em nome de Jesus, nossa esperança e consolo constante no Ministério.

Estive relendo a grande biografia de Lutero, em três volumes, escrita por Martin Brecht. A vida de Lutero era repleta de alegria, de amor pelas Escrituras, amizade e grande convívio. No entanto, era também repleta de frustrações. Perto do fim de sua vida, ele se descreveu como “um velho, com frio, manco e com um só olho”. Naquele verão, antes de morrer, estava tão irritado com sua própria congregação em Wittenberg, que resolveu deixar a cidade definitivamente. [...]

[...] É verdade que nesta época Lutero havia se transformado em um velho rabugento, no entanto suas frustrações com as congregações em Wittenberg não estavam relacionadas à sua idade avançada. [...] Lutero frequentemente expressava, tanto em seus sermões como em correspondências privadas, as suas grandes frustrações com a paróquia da cidade. O Evangelho não produziu entre as pessoas o efeito por ele esperado, e isto, de tempos em tempos o incomodava muito. É claro que, como ele mesmo admitiu, a sua velha carne pecaminosa só fez exacerbar esta questão.

E assim é também conosco. Não podemos pintar todo o *ministerium* ... só com um largo pincel. Com certeza há muitos irmãos que passam, de forma abundante, por um momento excelente em suas vidas de serviço. Há também muitos que passam intensamente por uma experiência de cruz em seu ofício. Em muitos aspectos lembra a frase inicial do livro de Charles Dickens, “Um Conto de Duas Cidades”: “Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos...”. Vivemos um grande momento em que, enquanto a pós-modernidade derrubou a oposição puramente racionalista e empirista às realidades metafísicas, deixando a porta bem aberta para defendermos Jesus, ao mesmo tempo o dilúvio de “espiritualidade” e fantasias individualistas têm puxado a população para longe da Igreja. Lamentavelmente, muitos dos nossos têm sido incluídos. Não é necessário que eu repita aqui os desafios demográficos que nós, e todo o cristianismo ocidental, enfrentamos. Vocês conhecem bem diretamente este desafio e lidam com ele diariamente.

Irmãos, há consolo, mesmo para os ministros do Evangelho. “O que Deus institui e ordena não pode ser coisa vã. Deve ser algo precioso, mesmo que pareça

⁶²³ Essa carta, dirigida aos pastores da LCMS, foi compartilhada com um pastor e professor da IELB, sendo traduzida para o português, com a permissão do próprio autor para que fosse socializada entre os pastores da IELB. Esse é o motivo pelo qual não solicitamos o consentimento formal e direto por parte do Pastor-Presidente Harrison para seu uso nessa tese.

ter menos valor do que palha” (CM IV 8). O comentário de Lutero se aplica a nós, pastores.

[...] Além disso, você não escolheu a sua vocação por si mesmo. É claro, Deus lhe deu desejo de estudar para o ministério (1 Timóteo 3.1); você foi encorajado nesta caminhada pelo povo de Deus. Professores fiéis o encorajaram. Mas foi a igreja que, ao final, colocou você no ofício, ou “*Amt*” (*auf Deutsch*). “São Paulo diz a Timóteo e a Tito que entreguem o ministério a homens fiéis e capazes (2 Timóteo 2.2; 3.2; Tito 1.19)” (Chemnitz, *Enchiridion*, 28**). A igreja reconheceu os seus dons, e o povo de Deus, em um determinado lugar chamou você com um chamado “especial e legítimo”. Você foi preparado, chamado e ordenado para este ministério; você não começou seu trabalho tagarelando por aí dizendo qualquer coisa sem pensar (Romanos 10.15; Jeremias 23.21; Hebreus 5.4).

[...] Queridos irmãos no ofício, temos uma sagrada vocação de serviço. Nós servimos. Porque carregamos o próprio ofício de Cristo, um ofício que nossas Confissões nos dizem ser derivado de Cristo e dos apóstolos, podemos esperar em meio às alegrias e grandes bênçãos também espinhos, provações, cruces e dificuldades. Algumas destas nos sobrevêm pelas fraquezas daqueles a quem servimos. Porém o ofício é um ofício destinado *somente* para servir pecadores! Este é o jeito de Jesus. Outras dificuldades, algumas vezes maiores do que estamos dispostos a admitir, são colocadas sobre nós por nossa própria fraqueza e pecaminosidade. E eu penso, especialmente na minha própria vida, nos meus pecados de descontentamento e ansiedade. Entretanto, sabemos, em arrependimento, que até mesmo os nossos fracassos são trabalhados para o bem por nosso misericordioso Pai celestial!

Peço as suas orações, assim como prometo as minhas. Planejo escrever estas cartas de tempos em tempos para encorajá-los, não sobrecarregá-los.

Em Cristo,
Matt Harrison⁶²⁴

Fazendo coro a Harrison, que numa linguagem clara e profundamente evangélica consegue expor o delicado tema das fraquezas e desvios pastorais sem, contudo, minimizar a sublimidade e o compromisso do pastor como um exemplo para o seu rebanho, temos o mesmo desejo com o conteúdo dessa tese. Que ela não seja vista como algo a sobrecarregar ou culpabilizar quem quer que seja, pastores, comunidade ou a administração da igreja, mas que sirva como um encorajamento para tratarmos, de coração aberto, acerca de um tema tão relevante para o reino de Deus e para a igreja: o sofrimento dos pastores, especialmente relacionado a uma equivocada idealização do ministério pastoral.

Nesse contexto, das fraquezas e também inevitáveis crises pastorais, citamos a contribuição de Wondracek na defesa dessa tese, quando lembra a contribuição do teólogo e conselheiro James E. Loder, do Seminário de Princeton, que destaca as crises como “momentos transformativos” operados pelo Espírito Santo, no sentido de ajudar a formar nos seus filhos a identidade cristã. Numa lógica que contempla aspectos humanos e divinos, trabalha o processo de crise como facilitador do construir a semelhança de Cristo, numa identidade dialética que mantém até o final a tensão entre os polos humano e divino, que

⁶²⁴ HARRISON, Matt. *Carta Circular aos pastores da LCMS*. Documento recebido por e-mail em 03 de agosto de 2015.

seria justamente o *simul iustus et peccator*. Sem essa compreensão as igrejas podem se tornar lugares que apenas reproduzem uma versão cristã de adição ao sucesso, manutenção institucional e nostalgia.⁶²⁵

5.8 Considerações finais: uma palavra de despedida

Ao término desse capítulo fica a sensação de que muito mais poderia ter sido dito acerca do tema e, de fato, essa é uma realidade. Como disse von Sinner, numa de suas orientações ao autor dessa pesquisa, e que tomo a liberdade de referir, é preciso saber encontrar um fim. Nas suas próprias palavras há elementos de humilde sabedoria: “sempre ficamos no incompleto, mas também não se pode cobrar o ‘absolutamente’ último - se não já seria o *eschaton*”.⁶²⁶

Nesse sentido, quando em dezembro de 2015 nos deparamos com o artigo do teólogo batista Lourenço Stelia Rega, intitulado *O pastor ideal*, um misto de preocupação e alegria se fundiram. Preocupação por uma possível perda da originalidade da tese, mas alegria pelo fato de perceber que a reflexão acerca desse tema pulsa forte no meio eclesial, devendo ser refletido e desvelado aonde quer que hajam pastores exercendo o seu ministério. Como diz Stelia Rega “o que se observa, e é extremamente preocupante, é a redução da alegria, da autorrealização e da esperança daqueles que ocupam o púlpito”, complementando:

O problema é que, ao longo do tempo, foi se formando a imagem de que o “homem de Deus” é alguém sobrenatural, com capacitação gigantesca, portador de dons e talentos espetaculares, inquestionável autoridade e elevado nível de resistência às pressões, asperezas, obstáculos e intempéries da vida e ministério. Contudo, o tempo também foi provando que este imaginário não era compatível com a natureza de qualquer ser humano – afinal, pastor não é como Jesus, que tinha a natureza humana e divina. Somos, os pastores, como qualquer ser humano na face da terra: imperfeitos, limitados, pecadores. Gente, simplesmente, e não máquina. Aliás, até as máquinas falham e necessitam de ajustes. [...] Pastores precisam ser pastoreados.⁶²⁷

Dessa forma nos encaminhamos para o fim. Assim como Lutero teve em Staupitz um confessor e cura d’almas, que o auxiliou a encontrar a graça redentora e libertadora de Cristo, queremos finalizar lembrando o que disse um dos meus próprios “confessores e cura d’almas”, alguém que me auxiliou a vivenciar, de certa maneira, a minha pessoal e própria

⁶²⁵ KOVACS, Kenneth E. *The Relational Theology of James Loder: Encounter and Conviction*. New York: Peter Lang Publishing, 2011.

⁶²⁶ Comentários pessoais entre orientador e orientando nos processos finais da redação da presente tese.

⁶²⁷ STELIA REGA, Lourenço. O pastor ideal. *Revista Cristianismo Hoje*. Versão eletrônica. Dez 2015. Disponível em: <<http://cristianismohoje.com.br/artigos/lideranca/pastor-ideal>> Acesso em: 19 dez. 2015.

Turmerlebnis, o teólogo e amigo Lothar Hoch, que há mais de quinze anos atrás já afirmava o que estamos tentando alertar nessa tese:

Podemos também negar nossa condição de pessoa imperfeita e tentar viver uma imagem que consideramos ser um cristão e um pastor ideal, quase perfeito. Há pessoas que, por algum tempo, às vezes também por bastante tempo, conseguem evitar de se confrontar com os lados escuros do seu ser e passar a imagem de um “pastor modelo”. A minha experiência na IELCB e fora dela é que tais “ícones da fé” um dia acabam tropeçando e caindo. Tropeçando no rigor e no legalismo que se auto impuseram e que impõem aos outros; tropeçando sobre problemas pessoais que jamais foram capazes de assumir perante a si mesmos e perante aos outros, de modo que pudessem ser trabalhados psicologicamente e espiritualmente. [...]

É parte da teologia da cruz, suportarmos diariamente a cruz da nossa fragilidade humana. Buscamos o novo ser humano? Buscamos sim. Mas o buscamos na humildade de quem sabe que nunca o alcançaremos, enquanto peregrinamos nesse mundo.

Portanto, ninguém de nós pode se colocar como modelo para os outros. O que a Escritura pede é que nos atentemos “diligentemente para que ninguém seja faltoso” (Hebreus 12,15) e que imitemos a fé dos nossos guias (Hebreus 13,7). Ser exemplo de fé e de conduta é parte de nosso ministério, pois serve para edificação da comunidade. [...] ⁶²⁸

Somados a essas afirmativas, por outro lado, não temos como deixar de finalizar retomando o tema da teologia da graça. De forma intencional e provocativa citamos a fala de um ex-pastor, que apesar de suas fraquezas e pecados que se tornaram públicos, é capaz de confessar: “Crendo na *Graça* que vem sobre nós no dia chamado Hoje, fica-se *também* liberto até mesmo da necessidade de *ser*, que nada mais é que *legalismo existencial*. Isto porque quem é na *Graça*, aprende que até mesmo para ser, tem-se que descansar Naquele que é o *Eu Sou!*”⁶²⁹ Nessa confissão do ex-pastor Caio Fábio sobre o enigma e mistério da graça, vemos que o Espírito de Deus sopra aonde Ele quer:

A Graça é dom de Deus, apropriado pela fé, que também é Graça, pois, é também dom de Deus; a qual se origina do trabalho do Espírito Santo na consciência-coração humano, pela revelação da Verdade, que é Cristo Jesus; [...]foi Ele, o Cordeiro de Deus, quem estabeleceu que por Sua Graça se pode ter Vida; e, isto, não é tão somente algo que se manifesta dos céus para a terra, mas também entre os humanos na forma de duas tomadas de consciência: a primeira é que quem recebeu Graça não nega Graça, pois, quem foi perdoado tem que perdoar; e, em segundo lugar, mediante a cessação dos julgamentos entre os homens, visto que, quem foi absolvido pela Graça de Cristo já não se oferece para ser juiz do próximo; antes pelo contrário, tal percepção induz a caminhar na prática das obras preparadas de antemão para que andássemos nelas, sendo sua maior expressão o amor com que devemos nos amar uns aos outros; e, sendo assim, para tais pessoas, guiadas pelo Espírito da Graça, a germinação de seus corações na fé em Jesus, gera o fruto do Espírito que torna toda Lei obsoleta e desnecessária para a consciência que recebeu a revelação do

⁶²⁸ HOCH, 2001, s/página.

⁶²⁹ FÁBIO, Caio. *O Enigma da Graça* – Um comentário Bíblico-Existencial sobre o Livro de Jó. São Paulo: Ed. Prólogos, 2002. p. 10-11.

Evangelho. O resto é invenção humana para diminuir a Loucura da Cruz e o Escândalo da Graça.⁶³⁰

Que essa graça de Cristo, tão lindamente expressa na Escritura Sagrada, tão cara ao reformador Martinho Lutero, nos motive em fé confiante e sincera, a escrever em nossos corações e nomes o que Lutero escreveu: “Eleutherios” - libertos pela graça de Deus. “Porque pela graça sois salvos, e isso não vem de vós; é dom de Deus” (Efésios 2.8).

Nas palavras de Lutero, ao fim seu prefácio ao Catecismo Menor, finalizamos em definitivo:

Não perde, pois, isto de vista, pastor e pregador. Nosso ofício tornou-se agora algo diferente do que era sob a tirania papal, algo que agora é sério e salutar. Mas isso implica em muita fadiga e trabalho, perigos e tentações, sendo pouca a recompensa e gratidão no mundo. Cristo mesmo, no entanto, quer ser o nosso galardão, caso exercermos nosso ofício com fidelidade. A tanto nos ajude o pai de todas as misericórdias, a quem seja louvor e gratidão por toda a eternidade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém”.⁶³¹

⁶³⁰ FÁBIO, Caio. *Confissão de fé do livro o enigma da graça*. Disponível em: <<http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=00216>> Acesso em: 08 jan. 2016.

⁶³¹ LUTERO, Martinho. Enquirídio. Catecismo Menor para os pastores e pregadores indoutos. In: *Obras Selecionadas*. vol. 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 447-470. p. 450.

CONCLUSÃO

“O pastor precisa saber que existe um ideal, que deve ser buscado, porém, não pode esquecer que é um ser humano falho e pecador. Precisa viver e anunciar o evangelho da graça e da misericórdia de Deus. Quem é legalista, vive sob a égide da lei. Sofrerá e fará sofrer. Muitos colegas luteranos não conhecem a graça de Deus e por isso sofrem. O cristianismo não é um código de leis, é amor, é graça, é misericórdia. Deus é maravilhoso e nos ajuda em nossas fraquezas” (anexo 4, questão 47, nº 72).

É chegado o momento de concluirmos o nosso trabalho. Queremos fazê-lo, inicialmente, com um trecho da citação acima, verbalizada por um dos pastores da pesquisa e que parece sintetizar bem o pensamento que nos orientou desde o ingresso no doutorado até a escrita dessa conclusão: “*O cristianismo não é um código de leis, é amor, é graça, é misericórdia. Deus é maravilhoso e nos ajuda em nossas fraquezas*”. No pano de fundo desse trabalho, que se ocupa, em última instância, do cuidado aos cuidadores pastorais, destacamos, portanto, a promessa de que sempre teremos a ajuda e o cuidado divinos em nossas fraquezas, oferecidos em amor e graça também a aqueles que exercem o ofício pastoral. Colocada essa premissa básica, que permeia toda a nossa proposta de pesquisa, passemos a algumas conclusões advindas de todo o nosso processo investigativo.

Concluir um trabalho acadêmico, gestado ao longo de quatro longos anos, exige que retomemos, com um olhar atento, o que foi proposto inicialmente em nosso projeto de pesquisa. Revisar os objetivos propostos, os problemas e as hipóteses levantadas, a metodologia utilizada é importante para podermos comparar com o que conseguimos atingir no produto final concretizado nessas páginas. A realização dessa tarefa nos provocou, porém, um estranho misto de sentimentos e reflexões. Por um lado, evocou um sentimento de satisfação pessoal pelo percurso percorrido, desde o ingresso no doutorado até a escrita final da tese, visto que a pesquisa nos proporcionou um mergulho íntimo e aprofundado num tema relevante para os pastores e para toda a igreja que sofre as consequências desse sofrer pastoral. Penso que o título do livro do psicólogo e professor William Pereira, bastante referenciado em nossa tese, sintetiza bem o que queremos dizer, ao relacionar a dimensão pessoal do sofrer com a dimensão institucional, ao nominar sua obra como *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*.

As verbalizações de agradecimento, apoio e incentivo pela participação na presente pesquisa, expressada por muitos pastores na questão aberta de número 48,⁶³² parecem indicar que o tema transcende ao interesse particular desse pesquisador, encontrando ressonância em muitos colegas de ministério, tal como já supúnhamos em função de nossa escuta nos cursos *cuidando de cuidadores*. O apoio da Diretoria Nacional da Igreja Luterana (IELB), sempre disponível em nos disponibilizar textos e informações também demonstra um espírito de acolhimento ao assunto que aqui foi tratado.

Porém, por outro lado, refletir atentamente sobre o produto final que escrevemos fez surgir muitas inquietações, num incômodo sentimento de incompletude diante daquilo que ainda poderia ou deveria ter sido dito dentro do complexo e multifacetado objeto de pesquisa. Talvez esse seja um sentimento necessário a qualquer pesquisador, qual seja, ter a consciência de que a sua pesquisa sempre será apenas uma parcela ínfima num vasto oceano de conhecimento, o que precisa sempre reafirmar a nossa humildade enquanto pesquisadores. Em nossa análise, que passamos a descrever a partir de agora, algumas dessas inquietações serão trazidas à lume.

A primeira inquietação se encontra no título dado à tese: *Imagem e Identidade Pastoral: a Desidealização do Ministério Pastoral a partir da Teologia Da Graça proposta por Lutero*. É importante esclarecermos – diante de uma possível e equivocada inferência dos leitores pela forma como o título está elaborado – que essa tese não pretende propor um método teológico ou psicoteológico para a “cura” da neurose da idealização pastoral. Reafirmamos, baseados no que professa a teologia luterana, que a graça não é alcançada *por nós* através de ações intelectuais ou contemplativas, mas sim, é alcançada *para nós*, pela ação amorosa do Espírito Santo. Como já dissemos, ela é um *extra nos, pro nobis*. Não tivemos como aprofundar essa questão teológico-pastoral aqui nesse trabalho, mas é preciso reconhecer que ela seria de grande relevância diante de uma eventual proposição terapêutica e de cuidado pastoral a pastores, que pudesse ser efetivada em decorrência da socialização dessa tese e de outras reflexões e estudos que estão ou ainda serão realizados nessa área da poimênica. Acreditamos que movimentos nesse sentido, do cuidado aos pastores, deveriam ser continuamente promovidos no contexto da igreja luterana em favor daqueles que estão em sofrimento no exercício do ofício pastoral, também em função de processos de idealização neurótica de sua imagem e identidade.

⁶³² Segue, a seguir, o número das verbalizações dadas na questão 48 que agradem, apoiam e incentivam a escolha do tema de pesquisa: 11, 29,32, 41,62,67, 68, 72,74,76, 78, 85, 90, 92, 94, 101, 198, 109, 114, 115 e 116.

Acreditamos, porém, que os *Turmerlebnis* não acontecem como um método terapêutico estruturado ou formal, mas como oportunidades que a vida ou o próprio Deus nos contemplam em nossa caminhada pessoal e ministerial, não sendo o pastor quem decide quando ou onde elas acontecerão. Somos passivos diante da ação do Espírito que precisa agir, em sua graça, em cada um de nós. Isso, porém, não implica a inação ou não-ação do pastor, sendo que o método proposto por Lutero da *oratio, meditatio e tentatio* deveria ser observado por cada pastor em sua vida particular, como alimento diário e necessário para o cuidado de sua própria espiritualidade.

Para João Batista Libânio, é justamente na espiritualidade que reside o grande problema das crises pastorais contemporâneas, bem como uma intensificação de seu sofrer. Para Libânio, com quem concordamos integralmente, a espiritualidade vem sendo caracterizada por uma gradativa e crescente superficialidade, voltada para fora, para ser vista mais pelos olhos e menos para o coração. Bloqueia-se assim, a possibilidade de *insights* teológicos e existenciais como o que Lutero experimentou em seu *Turmerlebnis*. Enquanto Lutero permaneceu numa espiritualidade exterior, que buscava agradar a todos a seu redor e a agradar si mesmo na busca da autojustificação, a teologia da graça não conseguia cumprir o seu papel libertador, pois não havia espaço para Deus na autosuficiência de Lutero. Na tomada de consciência de nossa miserabilidade, de nossas fraquezas, de nosso pecado, de nossa total dependência de Deus é que abrimos espaço para a ação do Espírito Santo em nós, numa espiritualidade que confia totalmente no poder transformador e libertador de Deus.

Acreditamos, porém, que a criação de momentos ou espaços de reflexão sobre diferentes temas da vida pastoral e ministerial poderiam ser promovidos, periódica e sistematicamente, pelas igrejas cristãs. Temas como a relação entre a identidade do pastor (pessoal) e a identidade pastoral (coletiva), sobre os dilemas e desafios do ministério contemporâneo, sobre a família pastoral, sobre a crise da solidão e da confiança, sobre a realidade dos diferentes tipos de sofrer pastoral etc. seriam bastante úteis para problematizarmos questões fundamentais do ministério pastoral. Também espaços de reflexão sobre temas teológicos que necessitariam serem urgentemente reaprendidos na igreja luterana, como a antropologia de Lutero e a teologia da graça, em contraposição ao legalismo e à influência pietista que ainda exercem grande influência no meio luterano. Certamente esses momentos poderiam ser úteis no sentido de auxiliar os pastores a despirem-se de algumas couraças, a desvestirem personas/máscaras idealizadas, a tomarem contato com a sua sombra, contribuindo para possíveis *insights* teológicos, espirituais e existenciais de muitos pastores. De certo modo é o que já vem sendo promovido nos cursos cuidando de cuidadores e nos

programas oficiais da IELB, como o MML - Missão, Ministério e Liderança, mesmo que de forma incipiente. É digno de nota que o 6º Concílio Nacional de Pastores luteranos da IELB, a ser realizado de 18 a 21 de abril de 2016, novamente irá tematizar no seu programa a pessoa e o ofício pastoral, sob o título “Somos ministros de Cristo”, o que demonstra que a preocupação com o tema já atingiu o âmbito institucional da igreja luterana pesquisada.⁶³³ Mesmo que esse tema já tenha sido abordado em concílios anteriores, a questão talvez a ser revista nas discussões é sobre como enfocamos e interpretamos esse tema na vida concreta dos pastores e da igreja: se de forma mais legalista, num imperativo da ética do dever, ou numa maneira mais evangélica e realista, que contemple as limitações e falhas pastorais.

Passando para as conclusões gerais de nosso trabalho, vamos seguir como roteiro a ordem dos conteúdos conforme observada ao longo dos cinco capítulos.

Primeiramente destacamos de que o conceito de imagem não pode ser desprezado pelos pastores no exercício do seu ministério. Como disse o sociólogo Pierre Bourdieu, uma boa imagem se transforma num importante capital simbólico. Por isso, acaba se tornando necessário o investimento na imagem para se alcançar um pastorado “de sucesso”, no sentido da obtenção do reconhecimento, respeito, honra e prestígio, não só da comunidade de fé, mas de toda a sociedade. Zelar pela boa imagem torna-se ainda mais importante quando levamos em conta a perda gradativa do *status* pastoral na contemporaneidade e a dura realidade da desconstrução da imagem pastoral promovida pela mídia. Como dissemos no primeiro capítulo, não basta *ser* um bom pastor, é preciso também *parecer* um bom pastor. Isso é importante não só para o próprio pastor como também para a instituição a qual ele pertence. O zelo pela imagem, portanto, não deve ser visto como uma imposição arbitrária ou mesmo inadequada, mas como um compromisso de coerência com o ofício pastoral que se escolheu exercer e que precisa apontar para aquele que é o Bom-Pastor, Jesus Cristo. Ressaltamos, porém, o verbo aqui utilizado: *apontar* para Cristo e não *assumir* o que Cristo foi, pois isso seria uma tarefa absolutamente impossível de se cumprir, fonte certa de idealização neurótica.

Com relação à identidade, não foi possível verificar se os pastores da igreja luterana estão, de fato, vivendo uma crise identitária. Porém, ficou evidente de que estão sofrendo as consequências de uma crise pela perda de *status* pastoral na contemporaneidade. Quando o teólogo católico João Batista Libânio debate sobre a questão da atual crise e transformação da

⁶³³ Na realidade, muitos dos concílios nacionais de pastores promovidos pela IELB ao longo dos últimos trinta anos, têm tematizado questões ligadas ao ministério e à pessoa do pastor. Segue a descrição dos seis concílios e os respectivos temas desenvolvidos: 1º Concílio Nacional (1983): “Igreja e Ministério hoje”; 2º Concílio Nacional (1989): “O obreiro da Igreja – exemplo dos fiéis”; 3º Concílio Nacional (1993): “O crescimento da Igreja”; 4º Concílio Nacional (1997): “Ministros de Deus sempre alegres”; 5º Concílio Nacional (2009): “Identidade Luterana”; 6º Concílio Nacional (a ser realizado em 2016): “Somos ministros de Cristo”.

identidade no contexto do ministério presbiteral da Pós-Modernidade, questionando de onde viria a insatisfação subliminar que nos levaria a esse questionamento, ao invés de ver isso como algo negativo, Libânio enxerga aí um frutuoso espaço e tempo para debates, reflexões, propostas e possíveis reformulações. Na esteira do pensamento de Libânio, consideramos que o presente debate da idealização neurótica da imagem e identidade pastorais apresentados nessa tese, precisa também encontrar espaço para ser debatido e refletido na igreja, necessitando de propostas e reformulações conceituais, que precisam ser sentidas no âmbito do pensamento (intelectual), das emoções (psíquico-afetivo) e do comportamento (das ações concretas) de todos os que estão envolvidos no campo do ministério pastoral: pastores, comunidade de fé e lideranças administrativas da igreja. Os resultados de nossa pesquisa apontam para um espírito ou expectativa de mudança em alguns conceitos e práticas, como por exemplo, rever o próprio rito de ordenação e instalação pastoral, tornando-os menos propícios a uma equivocada idealização da pessoa e ofício pastorais.

Já adentrando no capítulo dois, que buscou na psicologia elementos para a compreensão dos processos psíquicos de idealização, o capítulo certamente possibilita uma justa crítica pelo caminho teórico escolhido, não pela falta de pertinência, mas pela sua grande amplitude. Penso ter sido um risco optar por três linhas teóricas distintas, porque tal escolha não nos permitiu aprofundar nenhuma delas como talvez fosse necessário. Porém, esse risco é assumido por entendermos que há elementos conceituais e hermenêuticos plenamente aplicáveis ao objeto de nossa pesquisa em cada uma das três correntes abordadas na tese, auxiliando-nos para a compreensão mais completa do fenômeno investigado.

Freud nos auxiliou na compreensão dos processos mais internos da idealização, mostrando que é necessário abandonarmos o *ego ideal*, onipotente, que não admite em si mesmo qualquer incompletude ou fraqueza, para ascendermos ao *ideal de ego*. O Ideal de ego é mediado pela consciência da castração, no linguajar freudiano, ou seja, a consciência dos seus próprios limites, imperfeições e incompletudes. Freud também nos sinaliza, a partir do estudo da psicologia das massas, que é quase impossível para pessoas que exercem cargos de liderança pública, dentre as quais inclui-se os líderes da Igreja, como os pastores, livrarem-se de ser modelos de identificação para o seu rebanho. Portanto, os pastores sempre permanecerão ocupando um lugar de referência moral e espiritual para a sua comunidade de fé. Em função dessa ‘obrigação de ofício’ pastores precisarão aprender a lidar com tal realidade de modo a não se tornarem prisioneiros de uma falsa projeção de si mesmo, vendo a si mesmos como seres perfeitos, julgando-se capazes de atenderem a todas as expectativas da comunidade, numa idealização que se tornaria neurótica e até tirânica. Pode nascer dessa

incapacidade pastoral de não aceitar a sua castração/limitação o que nós havíamos denominado no capítulo três de Síndrome de Listra, ou seja, acreditar que podemos nos tornar pequenos deuses.

A psicanálise nos ajuda justamente a entender que em nosso inconsciente continua vigente o desejo da onipotência narcísica, de *ser* Eu ideal, e não apenas *ter* Ideal do eu. Pastores precisam admitir e confessar, em seu devido tempo, que o lugar idealizado satisfaz certos desejos íntimos do ser humano e seus próprios. Esse fato nos remete à tentação originária de Gênesis 3, que demonstra ser muito primitivo o desejo de não apenas não sermos tão dependentes de Deus, mas de inclusive quereremos ser iguais a Ele.

Já Hugo Bleichmar nos auxiliou a refletir sobre a necessidade da igreja revisitar as regras de enunciação identificatória acerca do ministério pastoral. Sabendo que elas trazem em todo seu construto histórico-cultural-social um ideal de perfeição, de irrepreensibilidade, de um ser que precisa se tornar modelo ou padrão para os fiéis, elas precisariam ser reinterpretadas à luz do evangelho e não aplicadas sob a égide da lei. Na forma atual como estão sendo interpretadas, elas não permitem a possibilidade de erros ou falhas pastorais, quase inviabilizando pastores que falham de continuar exercendo sua função pastoral pública.

Já em Jung destacamos a pertinência dos conceitos de *persona* e *sombra*, cuja coexistência, complementaridade e equilíbrio são absolutamente indispensáveis para a manutenção de uma saudabilidade psíquica dos indivíduos. Reforçamos que uma *sombra* reprimida sempre dará margens para a origem de uma *persona* exacerbada, fonte comprovada de neurose. Jung também nos alerta que, ao mesmo tempo em que a *persona* é útil e necessária no exercício de qualquer ofício público, como o pastorado, ela também pode se tornar perniciosa, especialmente quando o pastor passa a acreditar que a sua *persona* pastoral reflete sua verdadeira natureza, negando assim as dimensões mais pessoais e subjetivas de sua existência. Jung chama isso de ilusão, onde o indivíduo passa não só a enganar os outros como também a si mesmo, sendo fonte certa de neurose e sofrimento. Juntamente com Jung, não queremos defender a supressão das *personas* pastorais, até porque isso é uma total impossibilidade, mas reforçamos que a utilização demasiada das *personas* pode se tornar um sério obstáculo ao desenvolvimento individual e ao bem-estar existencial dos pastores.

Por fim, nas conclusões pertinentes ao terceiro capítulo, a psicanálise culturalista de Karen Horney nos deu subsídios para integrarmos em nossa compreensão os fenômenos culturais da idealização da imagem e identidade pastorais. A influência da teoria de Horney pode ser vista na influência das representações sociais sobre a identidade dos sujeitos, bem como pode ser percebida na própria vida e biografia de Lutero. Afinal, Lutero foi fruto de

uma cultura, sociedade, família e igreja também neuróticas, o que em parte vivemos analogamente ainda hoje em muitos contextos religiosos, mesmo luteranos, como já afirmamos ao longo do trabalho. Já sobre o perigo dos indivíduos alimentarem uma imagem idealizada de si mesmos, Horney afirma que isso pode criar um eu fictício ou ilusório, mesmo que na origem desse ‘eu’ ilusório estejam crenças verdadeiras. Aplicando a teoria de Horney para o contexto religioso e pastoral, mesmo que esse eu ilusório esteja baseado no próprio desejo dos pastores em serem uma genuína referência para suas comunidades de fé, o pastor poderá ser enredado na perigosa ‘tirania dos deveres’ que irá impor a si mesmo, buscando corresponder à imagem que espera de si e que considera que os outros também esperam dele. Como já vimos, outra fonte certa de sofrimento e neurose pastoral.

Passando para o terceiro capítulo, as conclusões talvez sejam as mais pacíficas e consensuais. É notória a alegria, a satisfação, a honra e o sentimento de realização dos pastores em exercerem o ministério pastoral, ao ponto dele ser considerado um eixo organizador da vida para grande parte dos pastores, tal como os resultados da nossa pesquisa empírica indicaram. Porém, o lado da satisfação e do prazer não suspendem a realidade do sofrer pastoral, que é inequívoco e inquestionável por todo o aporte teórico apresentado nessa tese e também corroborado pelos resultados encontrados na nossa pesquisa. Frustrações, decepções, dilemas familiares, culpas, estresse, cobranças exageradas fazem parte do cotidiano pastoral, assim como fazem parte da vida de todo ser humano. É preciso dar vez e voz para que essa realidade seja discutida e acolhida em todo o meio eclesial, desconstruindo a falsa ideia de que pastores são invulneráveis, super-heróis, que pela sua ‘inabalável’ fé e condição de liderança não possam sofrer reveses em suas vidas. A repressão desse lado frágil, de fraquezas, dores e limitações pastorais é também um perigoso elemento fomentador de idealização pastoral que precisa ser revertido.

Analisando o trabalho sob o viés teológico, muitas poderiam ser as considerações a serem feitas. Sabemos que para os teólogos sistemáticos haveria muito mais a ser explorado acerca da doutrina do ministério pastoral. Porém, para o propósito dessa pesquisa, centrada na verificação de possíveis elementos idealizatórios da teologia sobre o ministério pastoral e sobre a imagem e identidades do pastor luterano da IELB, optamos por uma delimitação que nos pareceu suficiente para fundamentar a nossa argumentação e especificidade do tema enfocado.

Acreditamos ter sido possível demonstrar que a doutrina do ministério pastoral defendida pela Escritura Sagrada, por Lutero, pelas Confissões Luteranas e pelos próprios documentos contemporâneos da igreja luterana pesquisada não idealizam o ofício pastoral,

nem tampouco a pessoa do pastor. Pelo contrário, sem negar a sublimidade da função, a ênfase sempre recai na dimensão do serviço, que implica humildade e total dependência de Deus em tudo o que o pastor realizar. A dimensão da fraqueza, do pecado, das limitações daquele que vai exercer o ministério são claramente demonstradas pelo apóstolo Paulo e pelo reformador Martinho Lutero. Podemos e devemos confessar, como eles, que somos como ‘saco de vermes’ ou vasos de barro, sem dignidade pessoal nenhuma diante de Deus para assumirmos e exercermos a vocação pastoral. Porém, Deus justamente usa os fracos e pecadores para realizar a sua obra de anunciar a graça, o perdão e a salvação à humanidade.

Passando para as conclusões do capítulo cinco, vimos que o reformador Martinho Lutero pode ser utilizado como referência, tanto na sua vida quanto no seu ensino, como um pastor que percebeu o trágico caminho da idealização pastoral, mas que após ser encontrado pela graça libertadora de Deus, conseguiu se reconstruir psíquica, espiritual e existencialmente. Não queremos dizer com isso que os problemas e dilemas pessoais de Lutero tenham se resolvido plenamente, pois isso seria contradizer a sua própria vida e teologia. Mas que o *Turmerlebnis* de Lutero ressignificou a sua vida, disso não podemos discordar. Lembramos, portanto, que assim como 91% dos pastores respondentes da pesquisa concordaram que Lutero nos serve como um exemplo de pastor que se humanizou a partir da desidealização de si mesmo, ao confiar plenamente na graça de Deus diante de suas próprias limitações (anexo 3, questão 45), também queremos afirmar isso nessa conclusão: a humanização do ministério implica na consciência do nosso pecado e na confiança total e absoluta na graça de Deus que nos acolhe em nossas fraquezas e imperfeições.

Não há como deixar de citar a nossa preocupação com os resultados finais da pesquisa que corroboram uma das principais e mais paradoxais hipóteses levantada nessa tese. Os resultados dão fortes indícios de que existe, efetivamente, uma distância entre aquilo que se crê e confessa na Igreja Luterana acerca do ministério pastoral e sobre a pessoa do pastor, para com aquilo que os pastores sentem ou percebem no exercício cotidiano de seu ministério. Esse é o grande desafio que essa tese nos acena, buscar uma reaproximação congruente entre a teologia e a vida prática da igreja no que concerne ao conhecimento e vivência da teologia da graça. O que estamos vendo é que pastores que deveriam ser os porta-vozes do evangelho da graça, por vezes não estão conseguindo anunciá-la si mesmos, caindo na trágica armadilha de cobranças e idealizações de sua vida e ministério.

Portanto, para que não criemos uma igreja neurotizante, como diria Karl Kepler, que gere adoecimento e sofrimento ao povo de Deus, os pastores precisam, juntamente com toda a igreja, desconstruir a idealização pastoral impossível de ser cumprida. É preciso, na

perspectiva da fé cristã, confiar que isso pode ser deixado para Jesus, que já cumpriu essa perfeição em nosso lugar e não mais a exige, apesar de desejar que nós a busquemos em verdadeiro amor e serviço uns pelos outros. Não esqueçamos, porém, que as resistências a essa desconstrução, de uma imagem de perfeição, podem residir nos próprios pastores, numa questão narcísica, afinal se desinstituir da figura totêmica idealizada pode causar frustração, tanto a si mesmo quanto aos outros dos quais se deseja o amor e admiração. Isso nos deve lembrar o que diz Jung, de que “enquanto, por um lado, o autoconhecimento é um expediente terapêutico, por outro lado implica, muitas vezes, um trabalho árduo que pode se estender por um largo espaço de tempo”.⁶³⁴ Sempre, porém, é hora de começar a mudar, tanto em nossa dimensão íntima e pessoal quanto no auxílio a mudanças de ordem mais coletiva e institucional.

Outras conclusões, de uma ordem um pouco diferente, ainda se fazem pertinentes e necessárias, especialmente a partir de um olhar autocrítico sobre os processos da pesquisa e seu produto final. Referimo-nos, primeiramente, ao aproveitamento e análise do material presente nas duas questões abertas do questionário aplicado aos pastores. O fato de já termos experiência com pesquisas qualitativas e também já termos utilizado o modelo de análise de conteúdo proposto por Bardin, relatado na introdução dessa tese, nos permite afirmar que a análise feita nessa tese foi parcial e limitada, não contemplando devidamente toda a riqueza de conteúdo presente nas verbalizações pastorais. Há, com certeza, um farto material a ser ainda explorado em futuros trabalhos e artigos, que poderão surgir como interessantes subprodutos dessa nossa tese.

Outras observações e críticas referentes à nossa pesquisa empírica precisam ser feitas. Uma dessas críticas é positiva e diz respeito à pertinência de praticamente todas as 46 questões objetivas do questionário aplicado. Isso ficou demonstrado pelo fato delas terem sido inseridas com muita facilidade e aderência ao longo do desenvolvimento do corpo teórico, corroborando diversos conceitos e postulados desenvolvidos na tese. Como crítica negativa, percebemos a subutilização de nossas variáveis de pesquisa, como tempo de ministério, idade, tipo ou local em que se estava pastoreando. O instrumento de pesquisa permitia e ainda permite que selecionemos qualquer uma das variáveis, bem como permite também cruzá-las, possibilitando análises específicas que poderiam ter sido relevantes dentro de determinados temas investigados em nossa tese. É preciso reconhecer que não contemplamos suficientemente essa rica linha de análise, o que não invalida a escolha em inserir tais

⁶³⁴ JUNG, 1990, p. 6.

variáveis no instrumento, visto que elas poderão ser melhor exploradas em possíveis artigos futuros sobre a temática aqui desenvolvida.

Uma outra restrição, essa de caráter mais geral, diz respeito a algumas questões conceituais. O conceito de idealização utilizado no instrumento de pesquisa pode ter favorecido a algumas confusões hermenêuticas por parte dos sujeitos respondentes. A fala de um dos pastores sinalizou para essa possível imprecisão conceitual ao dizer: “O conceito de idealização me parece que não é positivo na pesquisa. Ideal e modelo, por vezes, podem ser sinônimos. Senti que, na pesquisa, idealização tem conotação negativa”. (anexo 5, questão 48, n.º15). Mesmo que no corpo teórico da tese, em cada uma das teorias psicológicas descritas, os conceitos tenham sido abordados no seu sentido correto e específico, talvez tenhamos falhado em não dar uma explicação inicial aos respondentes da pesquisa, numa espécie de delimitação dos termos. Lembramos que no título do projeto submetido à banca de qualificação ainda havia a expressão ‘idealização neurótica’ da imagem e identidade pastorais, que foi intencionalmente suprimida no título da pesquisa empírica, justamente para não contaminar ou direcionar a percepção dos pastores. São observações que merecem ser destacadas.

Há ainda um outro grupo de conceitos que necessitaria de uma melhor descrição ou aprofundamento. Ele diz respeito à diferenciação entre a idealizações narcísica e a idealização neurótica. Parece haver sentidos diferentes na visão freudiana e de Karen Horney, o que talvez não tenha ficado muito claro em nossa tese. Para Horney a idealização narcísica é potencialmente neurótica, sendo fonte certa de sofrimento. Já para a psicanálise freudiana há indivíduos que possuem uma idealização narcísica que não é caracterizada por um sofrimento psíquico ou neurótico, ou seja, se sofrem, não sofrem conscientemente. Os indivíduos com a idealização narcísica parecem ainda viver no *ego ideal*, não conseguindo evoluir para um *ideal de ego*. Se acham perfeitos, completos, ilimitados e possuem profundo gozo/prazer nesse seu ‘jeito de ser’. Talvez não sofram conscientemente, mas certamente fazem sofrer a aqueles com quem convivem. Em nosso entendimento, essa categoria de idealização proposta por Freud, que não foi explorada em nossa tese, também poderia ser aplicada a alguns pastores da igreja luterana. Fica o registro de que não nos esquecemos de que ela existe.

Finalmente nos aproximamos das considerações finais. Reforçamos que essa tese aponta claramente para o fato de que uma idealização do pastorado gera um perfeccionismo falso, irreal, trágico e até tirânico, como já foi dito. O pastor que cai na armadilha perversa de querer fazer jus à esta imagem idealizada, passando a viver tão somente através da *persona* pastoral, entra num perigoso processo de alienação do ‘eu’ verdadeiro e de um ‘eu’ mais

saudável. Somente esse ‘eu’ verdadeiro é que vai permitir a coexistência da *persona* e da sombra, ou seja, dos aspectos bons e aceitáveis socialmente, mas que reconhece os aspectos maus e obscuros em si mesmo. É essa consciência que permite o ser humano amadurecer e chegar à individuação, se constituindo num *self* aceitável, uno, íntegro e harmônico, que dá conta das suas próprias limitações e imperfeições, no que Lutero vai definir em sua antropologia como a consciência do *simul iustus et peccator*.

Que nenhum leitor interprete deste trabalho que estejamos minimizando a importância da santificação na vida cristã e ministerial, fato que o pastor, mais de que todos, sabe não poder abrir mão, pois continuará sempre a ser exemplo e referência para os seus fiéis. Também não pretendemos alimentar aqui um falso e nocivo ‘coitadismo’ pastoral. Pastores precisam, sim, da compaixão consigo mesmo, sem cair, porém, na autocomiseração. O que se quer desconstruir aqui é a busca da perfeição, do perfeccionismo, algo inatingível para o ser humano e também para o pastor, numa teologia e prática da idealização do ministério que não encontra embasamento bíblico e nem tampouco encontra sustentação no pensamento luterano original, trazido por Lutero e pelas Confissões Luteranas da Reforma.

Como diz Jung numa de suas obras, “não há luz sem sombra, nem totalidade psíquica isenta de imperfeições. Para que seja redonda, a vida não exige que sejamos perfeitos, mas sim completos; e, para isso, necessita-se de um ‘espinho na carne’, o sofrimento dos defeitos sem os quais não há progresso nem ascensão”.⁶³⁵ Somente quando reconhecemos a nossa sombra, a nossa dimensão pecadora, frágil, de dores e sofrimentos, abraçando essa obscuridade, é que podemos nos tornar receptivos e abertos à graça libertadora e curativa de Deus. Este é o desejo último dessa tese.

⁶³⁵ JUNG, Lembranças, sonhos e pensamentos apud AU, Wilkie; CANNON, Noreen. *Anhelos del corazón*, Desclé De Brouwer S.A. Editorial, 1999. Colección Serendipity. p. 53.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do chute na santa – a intolerância com a diferença. Apud SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

ALTHAUS, Paul. *A teologia de Martinho Lutero*. Canoas: Ed. ULBRA, 2008.

ARAÚJO, Luiz Alberto David. *A proteção constitucional da própria imagem*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.

ARGENTI, Paul A. *Comunicação empresarial*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

AUBERT, Nicole. *A neurose profissional*. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, 33(1): Jan./Fev. 1993. p.84-105 p.101-2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v33n1/a09v33n1>> Acesso em: 03 nov. 2013.

BAESKE, Albérico E.G.F. Introdução aos Salmos. In LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*, vol. 8. São Leopoldo: Sinodal; Porto Legre: Concórdia, 2003. p. 333- 348.

_____. Ministério. Introdução ao assunto. In. LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Volume 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 73-79.

BAINTON, Roland Herbert. *Lutero*. 1. ed. Buenos Aires. Argentina: Editorial Sudamericana, 1955.

BANOV, Márcia Regina. *Psicologia no gerenciamento de pessoas*. São Paulo: Atlas, 2008.

BARRY, A.L. *What about Pastors?* Documento oficial do Presidente da Lutheran Church-Missouri Synod - LCMS. s/data. Disponível em: <<http://lcms.org/Document.fdoc?src=lcm&id=1094>> Acesso em: 10 mai. 2014.

BARTH, Hans-Martin. A teologia de Martim Lutero num contexto global. In: *Estudos Teológicos*, v. 47, n. 2, 2007. p. 123-144.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BBC Religião. Conheça os escândalos mais recentes na Igreja em vários países. 26 de março de 2010. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/03/100326_igrejaescandalosml.shtml> Acesso em: 17 mai. 2015.

BECK, Nestor Luiz João. O Chamado ao Ministério à Luz do Artigo XIV da Confissão de Augsburgo. *Igreja Luterana*. ano 54, n. 2, Porto Alegre: nov/95. p. 131-137.

BENEVIDES-PEREIRA, Ana Maria T. (Org.). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulinas, 1985.

BEYREUTHER, E. Pastor. In: *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, vol III. BROWN, Colin (Editor Geral). 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1985. p. 469-473.

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985.

BODAMER, W. Tábua de Deveres Pastorais: segundo a encontramos nos imperativos das Cartas Pastorais. In: *Igreja Luterana*. ano VII, Porto Alegre: julho-agosto de 1946, n. 7-8, p. 85-101.

BONHOEFFER, Dietrich. In: MALSCHITZKY, Harald. *Dietrich Bonhoeffer: discípulo testemunha e mártir: Meditações*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

BOUMAN, H.J. A. A doutrina do ministério segundo Lutero e as Confissões Luteranas. In: *Igreja luterana*. vol. 27, n. 1 (1966). p. 1-30.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002.

BROSSE, Olivier de; HENRY, Antonin-Marie; ROUILLARD, Philippe. Ungido. p. 790-791. In: *Dicionário de Termos da Fé*. Aparecida, SP: Santuário, 1989.

BROWN, Steve. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002.

_____. Quando você não é levado a sério. In: PRICE, Donald E. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002. p. 59-71.

BUSS, Paulo W. (Org.). *Lutero e o Ministério Pastoral*. Porto Alegre: Concórdia, 2015.

_____. Mudanças históricas no ofício pastoral. In: NERBAS, Paulo Moisés (Org.). *O preparo de Pastores luteranos para hoje*. Conferência Teológica Mundial de Seminários do Conselho Luterano Internacional. Canoas: Ed. ULBRA, 2006.

CAHEN, Roger. *Comunicação Empresarial*. São Paulo: Ed. Best Seller, 1990.

_____. *Tudo que seus gurus não lhe contaram sobre comunicação empresarial: a imagem como patrimônio da empresa e ferramenta de marketing*. São Paulo: Best Seller, 1990.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. In: *Gerai*: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul/dez. 2013, p. 179-191. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2014.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura*. vol. 1. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A história de Severino e a estória da Severina*. 7. reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

CID, Andrea Cristina Vaz. *Tudo pela fama. Idealizações narcísicas na contemporaneidade*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília. Mestrado em Psicologia e Cultura. Instituto de Psicologia, 2006.

COSTA, J. apud MINADEO, Roberto. *Gestão de marketing: fundamentos e aplicações*. São Paulo: Atlas, 2008.

CRISÓSTOMO, João. *O sacerdócio*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

CRITELLI, D.M. *A analítica do sentido: uma aproximação e interpretação da real orientação fenomenológica*. São Paulo: Educ/Brasiliense, 1996.

CROUCHER, Rowland. *Estresse e burnout no ministério*. s/data. Disponível em: <http://www.redemaosdadas.org/wp-content/uploads/2013/11/Estresse_Burnout_No_Ministerio-rev.pdf> Acesso em: 09 jan. 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Misterium, 2007.

DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. In: *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, supl. 1; 2007. p. 25-33. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a05v34s1.pdf>> Acesso em: 24 out. 2015.

DAUNIS, Roberto. *Jovens desenvolvimento e identidade: troca de perspectiva na psicologia da educação*. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DICIONÁRIO ONLINE. *Rapport*. Disponível em: <<http://www.meusdicionarios.com.br/rapport>> Acesso em: 11 jul. 2016.

DORSCH, Friedrich. Imagem. In: *Dicionário de Psicologia Dorsch*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.470-471.

DREHER, Martin N. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

_____. *Igreja, ministério, chamado e ordenação: estudos a partir de Lutero*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 2011.

_____. Introdução ao tratado de Martinho Lutero sobre a Liberdade Cristã. In: *Obras Seleccionadas*. vol. 2. O Programa da Reforma; Escritos de 1520. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989. p. 435-6.

_____. Martin N. O Debate de Heidelberg. Introdução. In: *Obras Seleccionadas*. vol. 1. Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1987. p. 35-37.

_____. Martin N. Chamado e ordenação pastoral. In: BUSS, Paulo W. (Org.). *Lutero e o Ministério Pastoral*. Porto Alegre: Concórdia, 2015. p. 103-140.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. O trabalho pastoral numa análise psicodinâmica do trabalho. *Revista Aletheia*. vol. 30, p. 197-212, jul./dez. 2009.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias et letras, 2010.

ESTATUTOS E REGIMENTOS da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. MARQUARDT, Rony. (Org). Porto Alegre: Concórdia, 2010.

FÁBIO, Caio. *Confissão de fé do livro o enigma da graça*. Disponível em: <<http://www.caiofabio.net/conteudo.asp?codigo=00216>> Acesso em: 08 jan. 2016.

FÁBIO, Caio. *O Enigma da Graça – Um comentário Bíblico-Existencial sobre o Livro de Jó*. São Paulo: Ed. Prólogos, 2002.

FÁBIO, Caio. *O esgotamento do pastor: entrevista*. Disponível em: <<http://ejesus.com.br/esgotamento-do-pastor/>> Acesso em: 13 out. 2015.

FADIMAN, James. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986.

FAGERBERG, Holsten. *A new look at the Lutheran Confessions*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1988.

FELDMEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *O Deus dos vivos: uma doutrina bíblica de Deus*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/Faculdades EST, 2015.

FENICHEL, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FERREIRA, Sandro. Comunicados do 14º Encontro Nacional de Presbíteros. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fascículo 286, Abril, 2012. p. 431-436.

FISCHER, Joachim, Culpa, perdão e penitência em Lutero. In: DREHER, Martin N. *Reflexões em torno de Lutero*. vol. 3, p. 29-48. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FLOR, Elmer. O Obreiro da Igreja, exemplo dos fiéis. In: *Igreja Luterana*. ano 48, n. 2, Porto Alegre: jul-dez./1989. p. 103-108.

FONSECA, Roberto Silva. *Religião e interioridade*. O bem e o mal na vida de Martinho Lutero com o enfoque psicanalítico de Erik H. Erikson. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado). UPM/CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=689> Acesso em: 27 set. 2015.

FREITAS, Hugo Gonçalves de. Pastor espetacular: a imagem do pastor na sociedade midiática. In. *Discernindo* – Revista Teológica Discente da Metodista. vol. 2, n. 2, Jan-dez 2014. p. 225-236.

FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. *Estud. Pesqui. Psicol.*, Rio de Janeiro, vol. 13, n. 1 (2013), p. 7-26. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7880/7251>> Acesso em: 23 jul. 2015.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: *Obras Completas*, vol. 12. [1914-1916]. Introdução ao narcisismo. Ensaios de metapsicologia e outros textos São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 13-50.

_____. *Psicologia da massas e análise do eu*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. Coleção L&PM Pocket, vol. 1106.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. O problema da culpa e a graça da justificação pela fé. Em: *Revista Fides Reformata et Semper Reformanda Est*, vol. 7, n. 1, 2002. p. 75-103.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALLIDAY, Tereza. A Construção da Imagem Empresarial: quem fala, quem ouve? In: *Espaços na Mídia: história, cultura e esporte*. Brasília: Banco do Brasil, 2001, p. 58-67, Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IIIImostra/ComunicacaoSocial/61966%20-%20CAMILO%20CATTO.pdf>> Acesso em: 03 jul. 2015.

HARRISON, Matt. *Carta Circular aos pastores da LCMS*. 03 de agosto de 2015. 3 f.

HEIMANN, Leopoldo. Editorial. A Igreja precisa de homens grandes diante do Senhor. In: *Igreja Luterana*. ano 48, n. 2, Porto Alegre: jul-dez./1989. p. 2-4.

HEIMANN, Thomas. *Cuidando de Cuidadores: acompanhamento a profissionais que assistem pacientes em UTI's – uma abordagem a partir da Psicologia Pastoral*. 2003. 221 f.,

Dissertação. (Mestrado). PPG/ Faculdades EST. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2003.

HEIMANN, Thomas. Lutero e o Aconselhamento. In: HEIMANN, Thomas. *Princípios Teológicos de Aconselhamento*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2015. p. 206-230.

HOCH, Lothar Carlos. Aconselhai-vos mutuamente. In: HEIMANN, Leopoldo (org.). *Lutero, o Educador*. Canoas: Ed. ULBRA, 2005. p. 131-133.

_____. *O/a obreiro como Pessoa*. Texto avulso apresentado a obreiros e obreiras da IECLB em Joinville. 20 set. 2001.

HOFFMANN, Wesley. Ser pastor: influências, expectativas, alegrias, frustrações... In: *Mensageiro Luterano*, Junho 2014. p. 16-19.

HORNEY, Karen. *A personalidade neurótica do nosso tempo*. 10. ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

_____. *Neurose e desenvolvimento humano: a luta pela autorrealização*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966.

_____. Karen. *Nossos conflitos interiores: uma teoria construtiva das neuroses*. 8. ed. São Paulo: DIFEL, 1984.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. Imagem. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGO BLEICHMAR (site oficial). Disponível em: <<http://centropsicanalise.com.br/user/hugo-bleichmar/>> Acesso em 19 jan .2016.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. Comissão de Culto. *Culto Luterano: liturgias e orações*. Porto Alegre: Concórdia, 2010.

INSTITUT FÜR DEMOSKOPIE ALLENSBACH. Allensbacher Berufsprestige-Skala, 2011. Disponível em: <http://www.ifd-allensbach.de/uploads/tx_reportsdocs/prd_1102.pdf> Acesso em: 17 agos. 2014.

_____. Allensbacher Berufsprestige-Skala 2013 Disponível em: <http://www.ifd-allensbach.de/uploads/tx_reportsdocs/PD_2013_05.pdf> Acesso em: 13 jul. 2015.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

JONES, James W. Lutero e a Psicanálise Contemporânea: viver em meio a horrores. In: HELMER, Christine (ed). *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 83-98.

JOSUTTIS, Manfred. *Der Pfarrer ist anders: Aspekte einer zeitgenössischen Pastoraltheologie*. 4. Aufl. München, Kaiser, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *AION. Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____. *O eu e o inconsciente*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Psicologia do Inconsciente*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

JUNIOR, Sebastião. *Todo jovem líder tem o direito de fracassar*. Artigo. 26 jun. 2015. Disponível em: <<http://sepal.org.br/blog-sepal/artigos/todo-jovem-lider-tem-o-direito-de-fracassar/>> Acesso em: 12 dez. 2015.

KEMP, Jaime. *Pastores em Perigo: ajuda para o pastor, esperança para a Igreja*. 3. ed. São Paulo: Sepal, 2000.

KEPLER, Karl. *Neuroses eclesiásticas e o evangelho para crentes: uma análise preliminar*. São Paulo: Arte editorial, 2009.

_____. *O fascínio do dever para os cristãos: estudos em Gálatas e na história da Igreja*. 1. ed. Joinville, SC: Grafar, 2014.

KLEINIG, John W. Como se forma um teólogo? Oratio, Meditatio, Tentatio. In: NERBAS, Paulo (Org.). *O preparo de pastores luteranos para hoje*. Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 11-37.

KOENIG, Harold G; Weaver, Andrew J. et.all. Mental Health Issues Among Clergy and Other Religious Professionals: a Review of Research. *The Journal of Pastoral Care & Counseling*. Winter 2002, vol. 56, n. 4, p. 393-403, p. 397-8. Disponível em: <<http://healthcarechaplancy.org/userimages/Mental%20Health%20Issues%20Among%20Clergy%20and%20others.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2013.

KOPERECK, Egon. [Carta circular da Presidência da IELB aos pastores do sínodo]. Outubro de 2014. Reproduzida com autorização/permmissão da presidência da igreja.

_____. [Carta circular da Presidência da IELB aos pastores do sínodo]. Março de 2015. Reproduzida com autorização/permmissão da presidência da igreja.

KOVACS, Kenneth E. *The Relational Theology of James Loder: Encounter and Conviction*. New York: Peter Lang Publishing, 2011.

LAGO, Kennyston. *Fadiga por compaixão: o sofrimento dos profissionais em saúde*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LEON, Jorge A. *Introdução à Psicologia Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano 43, Número 121, p. 353-388, Set/Dez 2011, Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos2/index.php/perspectiva/article/view/1482/1843>> Acesso em: 23 jun. 2014.

_____. *Identidade na Pós-modernidade*. Publicado em 06/06/2011. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/smartsection/item.php?itemid=170>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

LIENHARD, Marc. *Martim Lutero: tempo, vida e mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LINDEN, O ofício do ministério. In: LINDEN, Gerson Luis. *Sistemática IV – Tópicos em Teologia Escatológica*. Canoas: Ed. ULBRA, 2013. p.51-61.

LOTUFO-NETO, Francisco. *Psiquiatria e religião – a prevalência de transtornos mentais entre ministros religiosos*. 1997. 368 f. Tese. (Livre-Docência). Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Livre-docente junto ao Departamento de Psiquiatria. São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.hoje.org.br/arq/artigos/20050516-es-drfln-teseFranciscoLotufoNeto.pdf>> Acesso em: 12 jun. 2013.

LUTERO, Martinho. À Nobreza Cristã da Nação Alemã acerca da Melhoria do Estamento Cristão (1520). In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 2. O Programa da Reforma e Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. p. 277-340.

_____. Como Instituir Ministros na Igreja. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 81-113.

_____. Da vontade cativa. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 4. Debates e Controvérsias, II. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993. p. 11-216.

_____. Demonstração das Teses Debatidas no Capítulo de Heidelberg: In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 1. Os Primórdios – Escritos de 1517 a 1519. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concordia, 1987. p. 40-54.

_____. Enquirídio. Catecismo Menor para os pastores e pregadores indoutos. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 447-470.

_____. Comentário à Epístola aos Gálatas. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol 10. São Leopoldo: Sinodal, Canoas: ULBRA, Porto Alegre: Concórdia, 2008. p 22-557.

_____. Exortação aos cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. 1996. p. 472-483.

_____. Introdução à epístola do Bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 8. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concordia, 2003. p. 237-330.

_____. *Luther's works*. vol. 54: Table Talk, ed. Jaroslav Jan Pelikan, Hilton C. Oswald, e Helmut T. Lehmann, vol. 54. Philadelphia: Fortress Press, 1999.

_____. Prédicas semanais sobre Mateus 5-7. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol 9. Interpretação do Novo Testamento: Mateus 5-7; Coríntios 15; 1 Timóteo. Sinodal: São Leopoldo; Concórdia: Porto Alegre; Editora da ULBRA: Canoas, 2005. p. 17-279.

_____. Tratado de Martinho sobre a Liberdade Cristã. In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol 2. O Programa da Reforma; Escritos de 1520. São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1989. p. 435-460.

_____. Uma sincera exortação de Martinho Lutero a todos os cristãos para se precaverem de convulsão e rebeldia. (1522). In: _____. *Obras Seleccionadas*. vol. 6. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996. p. 472-483.

MANNING, Brennan. *O impostor que vive em mim*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MANSK, Erli (org). *Manual de ordenação e instalação*. São Leopoldo: Sinodal: Porto Alegre: IECLB, 2011.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*. Sociologia do Novo Pentecostalismo. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MARQUARDT, Rony. Coordenador MML. [Carta circular da IELB]. Missão, Ministério e Liderança. 07 set. 2012.

MARTINS, Rennê. A construção social da imagem da OAB na mídia. In: BONELLI, Maria da Glória. et al. *Profissões jurídicas, identidades e imagem pública*. São Carlos: Ed. UFSCar, 2006.

MELANCHTON, Filipe. Confissão de Augsburgo. In: *Livro de Concórdia*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1980.

MOHANA, João. *Padres e bispos auto-analisados*. 2. ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1968.

MONLOUBOU, Louis. Imagem. In: *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Publicado sob a direção do Centro: “Informática e Bíblia” Abadia de Maredsous. São Paulo: Edições Loyola; Paulus: Paulinas, 2013.

MORA, José Ferrater. Imagem. In: *Dicionário de Filosofia*. Tomo II. São Paulo: Loyola, 2001. p. 1442-1444.

MUELLER, Enio R. *Teologia cristã em poucas palavras*. São Paulo: Editora Teológica; São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia, 2005.

MUELLER, John Theodore. *Dogmática Cristã*. vol. II. Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1960.

MUSSKOPF, André. *Talar Rosa – Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a ordenação ao ministério eclesiástico e o exercício do ministério ordenado por homossexuais*. Dissertação de Mestrado. 209 f. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2004. 209 p.

NERBAS, Paulo Moisés. O “Burnout” do Pastor. In: *Revista Luterana*. ano 44, número III-IV, 1984. p. 71-78.

NOÉ, Sidnei V. O pastor Lutero e sua contribuição para a teologia do Aconselhamento Pastoral. In: HEIMANN, Leopoldo (Org.). *Lutero, o Pastor*. 4. Fórum ULBRA de Teologia Canoas: Ed. ULBRA, 2006. p. 117-131.

_____. A vocação sublime: da relação entre religião e sublimação na definição da vocação religiosa. In: *Psicologia USP*. São Paulo, janeiro/março 2010. vol. 21(1), p.165-182. Disponível em: já j < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v21n1/v21n1a09.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2014.

NOUWEN, Henri J.M. *O perfil do líder cristão no século XXI*. Americana: Worship Produções, 1993.

OLIVEIRA, Roseli K. de. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a Palavra de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2005. 147 p. (Teses e Dissertações, 28).

_____. *Pra não perder a alma: o cuidado aos cuidadores*. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

ORIOLO, Edson. Identidade Presbiterial: estatuto social do sacerdote. In: Formação dos presbíteros. *Revista Eclesiástica Brasileira*. fasc. 282, Abril, 2011. p. 428-238.

OZMENT, Steven. *The Age of Reform: 1250-1550*. New Haven and London: Yale University Press, 1980.

PARK, Samuel. Pastoral identity as social construction: an exploration of pastoral identity in postmodern, intercultural, and multifaith contexts. *Dissertation*. Presented to the Faculty of the Brite Divinity School. Fort Worth, Texas, May 2010. Disponível em: <<https://repository.tcu.edu/bitstream/handle/116099117/4260/Park.pdf?sequence=1>> Acesso em: 12 ago. 2015.

PATTERSON, Ben. O equilíbrio do tempo dedicado à família, à igreja e a si mesmo. In: PRICE, Donald E. (Org). *Autenticidade ou Hipocrisia? A integridade e os desafios do ministério*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 115-124.

PEREIRA, Cláudia Rodrigues. *Distímia e precariedade do espaço transicional*. 2008. 104 f. Dissertação. (Mestrado). PPG em Saúde Coletiva. Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

PEREIRA, William Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. 4. Ed. Petrópolis: RJ, Vozes; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013.

PEREZ, Clotilde. Semiótica da marca corporativa. In: KUNSH, Margarida Maria K. (Org.). *Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. p. 225-240.

PETERSON, Eugene H. *O pastor que Deus usa: o trabalho pastoral segundo a Palavra de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2003.

_____. H. *Um pastor segundo coração de Deus: a forma da integridade pastoral*. Rio de Janeiro: Textus, 2000.

PFISTER, Oskar. *Das Christentum und die Angst*. Zurique: Artemis, 1944.

PRICE, Donald E (org.). *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.

PRUNZEL, Clóvis Jair. Alguns aspectos especiais que marcam a vida e a obra de Lutero. In: _____. *Teologia, Educação e Ética em Lutero*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2012.

PUERTAS, Kelly Cristina Pereira. *Emergência e constituição do ideal do eu em Freud*. 2010. 128 f. Dissertação. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010.

QUARESMA, Roselia Nobre. Esposa de pastor: peso ou privilégio? *Revista Cristianismo Hoje*. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.cristianismohoje.com.br/artigos/familia/como-equilibrar-as-tarefas-e-estar-presente-na-vida-da-comunidade-sem-se-sentir-sobrecarregada>> Acesso em: 30 jul. 2015.

QUEIROZ, José J. Caminhos da profissionalização da teologia. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. *Teologia: Profissão*. São Paulo: Edições Loyola e SOTER, 1996.

RAMOS, Luiz Carlos. *A Pregação na Idade Média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea*. 2005. 280 f. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.

REHFELDT, Mario. O Pastor como Administrador. In: *Igreja Luterana*. Ano IXX, Porto Alegre: 1958. n. 5, p. 206-208, Resumo do artigo The Pastor as Administrator, SCHRAMM, G.C.

RIETH, Ricardo W. Comunidade: introdução ao assunto. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. vol. 7. Vida em Comunidade. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p.15-24.

_____. *Cruz e cura na teologia e na poimênica de Lutero*. In: *Estudos Teológicos*, v. 43, n. 2, 2003. p. 7-20.

_____. Reação – Chamado e Ordenação pastoral. p. 141-151. In: BUSS, Paulo W. (Org.). *Lutero e o Ministério Pastoral*. Porto Alegre: Concórdia, 2015.

ROBBINS, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

ROBINSON, Haddon. Quando você está sofrendo. In: BROWN, Steve. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002. p. 113-122.

ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. 2. ed. revista e ampliada. Recife: edição do Autor, 2001.

ROTTMANN, Johannes Heinrich. O ministério cristão no Novo Testamento. In: *Revista Igreja Luterana*. 1976, n. 2, p. 47-57.

SAARINEN, Risto. A lenda urbana Lutero. In: HELMER, Christine (ed). *Lutero: um teólogo para tempos modernos*. Tradução de Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 25-44.

SADIR, Maria Angelica et al. Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais. *Paideia*. Jan.-abr. 2010, vol. 20, n. 45, p. 73-81, p. 73 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v20n45/a10v20n45.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2015.

SADIR, Maria Angelica; LIPP, Marilda E. Novaes. As fontes de stress no trabalho. *Revista de Psicologia da IMED*, vol.1 n.1. 2009. p. 114-126, Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/viewFile/16/16>> Acesso em: 06 jun. 2015.

SANFORD, John A. Ministry Burnout. Ramsey, N.J. Paulist Press, 1982. In: NERBAS, 1984.

SANTOS, Jésus Benedito dos. *O presbítero católico: uma identidade em transformação*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

SANTOS, Marcelo. Vocação em xeque. *Revista Cristianismo Hoje*. ano 5, Edição 28. Abril/maio 2012. p. 18-22.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. 2. ed. São Paulo: ASTE. 2010.

_____, Ronaldo. Ministério Pastoral. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto. (ORG.). São Paulo: ASTE, 2008. p. 649-651.

SCHOLZ, Vilson. O Ministro: nomes, qualificações, atribuição e formação. In: *Igreja Luterana*. ano 45, Porto Alegre: 1º e 2º Trimestre de 1985. p. 17-52.

_____; NERBAS, Paulo Moisés. O pastor e seu perfil segundo as cartas pastorais. In: HEIMANN, Leopoldo (org.) *Lutero: o pastor*. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2006. p. 197-207.

SCHULER, Maria. O método de configuração de imagem aplicado à administração de imagem de produtos. In: KUNSH, Margarida Maria K. (Org.). *Gestão estratégica em comunicação organizacional e relações públicas*. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. p. 241-257.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SEPAL. *Servindo aos Pastores e Líderes*. Missão interdenominacional. Disponível em: <http://sepal.org.br/>. Acesso em: 12 out. 2014.

SERBENA, Carlos Augusto. Imaginário, ideologia e representação social. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. n. 52, p. 1-13, Dezembro de 2003. Disponível em: <

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1944/4434>> Acesso em: 03 jul. 2015.

SILLAMY, Norberto. *Dicionário de Psicologia Larousse*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SILVA, Alcione Leite da; PADILHA, Maria I.C. de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. In: *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. vol 10, n. 4, Ribeirão Preto, julho-agosto 2002. p. 587-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692002000400017&script=sci_arttext> Acesso em: 10 ago. 2015.

SILVA, Jetro Ferreira. *O Burnout pastoral na perspectiva da teologia prática: definições, causas e prevenção*. 2007. Tese. Doutorado. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção, São Paulo: 2007.

SILVA, Magali Milene da. Para além da saúde e da doença: o caminho de Freud. *Revista Agora*. Rio de Janeiro. vol. XII, n.2 jul/dez 2009. p. 259-274.

SILVA, Rogério Rodrigues da. *Profissão pastor: prazer e sofrimento*. Uma análise psicodinâmica do trabalho de líderes religiosos neopentecostais e tradicionais. 2004. 187 f. Dissertação. (Mestrado). Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v11n1/v11n1a12.pdf>> Acesso em: 02 mar. 2014.

SILVA, Rogério Rodrigues da; HOLANDA, Adriano Furtado. A vivência de prazer e sofrimento no trabalho de líderes protestantes. *Estud. Psicol.* (Campinas). 2008, vol.25, n.3, pp. 375-383. ISSN 1982-0275. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300006>> Acesso em: 07 jan. 2014.

SILVEIRA, José Roberto. Pastores em crise: os efeitos da secularização e do neopentecostalismo sobre o clero protestante. *Âncora. Revista Digital de Estudos em Religião*. 2005. p.106-127. Disponível em: <http://www.revistaancora.com.br/revista_1/04.pdf> Acesso em: 24 ago. 2014.

SONNTAG, Werner. Direitos do Pastor. *Igreja Luterana*. ano 52, n. 1, Porto Alegre: jun/1993. p. 16-42.

SOUZA, Wilson Emerick. *Pastores em crise: O conflito da identidade social do pastor Presbiteriano*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 1998. 139 p.

STELIA REGA, Lourenço. O pastor ideal. *Revista Cristianismo Hoje*. Versão eletrônica. Dez 2015. Disponível em: <<http://cristianismohoje.com.br/artigos/lideranca/pastor-ideal>> Acesso em: 19 dez. 2015.

STRECK, Gisela I.W.; LAUX, Núbia M. (Orgs). *Manual de normas para trabalhos científicos*. Baseado nas normas da ABNT. 2. ed. revista e atualizada. São Leopoldo: EST/ISM, 2009.

STROCCHI, Maria Cristina. *Psicologia da Comunicação: manual para estudo da linguagem publicitária e das técnicas de venda*. São Paulo: Paulus, 2007.

TEIXEIRA, Vinícius Augusto Ribeiro. Identidade: construção, abertura e interiorização. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. vol. X, fascículo 286, p. 431-436, abril de 2012.

TOURNIER, Paul. *Culpa e graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do evangelho*. São Paulo: ABU, 1985.

TESSMANN, Mário Francisco. Pietismo. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto. (ORG.). São Paulo: ASTE, 2008.

TRIPP, Paul David. *Dangerous Calling: confronting the unique challenges of Pastoral Ministry*. Published by Crossway: Illinois, 2012.

VALLE, Edênio. Préfácio. SANTOS, Jésus Benedito dos. *O presbítero católico: uma identidade em transformação*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010. p. 15-18.

VEITH JUNIOR, Gene Edward. *A espiritualidade da cruz: os caminhos dos primeiros evangélicos*. Porto Alegre: Concórdia, 2014.

_____. *Deus em ação: a vocação cristã em todos os setores da vida*. [tradução Lúcia Kerr Jóia]. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

VELÁSQUES FILHO. Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no Protestantismo Brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio G; VELÁSQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 205-232.

VOLKMANN, Martin. Ministérios. In: *Dicionário Brasileiro de Teologia*. FILHO, Fernando Bortolletto (Org.): São Paulo: ASTE, 2008. p. 652-655.

VON HEYL, Andreas. *Das anti-Burnout-Buch für Pfarerinnen und Pfarrer*. Freiburg im Breisgau: Kreuz Verlag, 2011.

VON SINNER, Rudolf. Confiança e convivência. Aportes para uma hermenêutica da confiança na convivência humana. In: _____. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9-25.

WATSON, Philip S. *Deixa Deus ser Deus*. Uma interpretação da teologia de Martinho Lutero. Canoas: Ed. da ULBRA, 2005.

WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2008.

WILDE, Oscar. O retrato de Dorian Gray. 1890 *apud* FILHO, Lelivaldo Marques. Todo mundo de olho em você. *Revista Época-Negócios*. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,ERT229999-16366,00.html>> Acesso em: 23 jul. 2014.

AU, Wilkie; CANNON, Noreen. *Anhelos del corazón*, Desclé De Brouwer S.A. Editorial, 1999. Colección Serendipity.

WILLIMON, William. O poder de meras palavras. In: PRICE, Donald E. *O pastor, profeta de Deus*. São Paulo: Edições Vida Nova. 2002. p. 21-31.

WINGREN, Gustaf. *A vocação segundo Lutero*. Tradução Martinho Lutero Hoffmann. Canoas: ed. ULBRA, 2006.

WOOD, Thomaz; PAULA, Ana Paula Paes de. O culto da performance e o indivíduo S.A. In: EHRENBURG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2010. p. 197-208.

YANCEY, Philip. *O Eclipse da graça*. Onde foi parar a boa nova do Cristianismo? São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

ANEXO 1- RAPPORT INICIAL: CONVITE À PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Prezados colegas pastores!

Saudações fraternas em Cristo!

Como é de conhecimento de muitos de vocês venho me debruçando, desde o tempo do Mestrado, em 2000, no estudo do tema “Cuidando de Cuidadores”. Nos últimos anos ministrei diversos cursos com essa temática, tanto a pastores, a esposas de pastores e também a lideranças de nossa igreja, pelo qual sou muito grato a Deus, em função das ricas experiências que foram compartilhadas nesses encontros.

Escrevo hoje a vocês para solicitar algo muito especial que, em parte, é decorrência dessa experiência com os cursos “cuidando de cuidadores” já realizados. No meu programa de doutoramento estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que tem como assunto a **imagem e identidade pastorais**. Questões como idealização, sofrimento, *burnout*, Lutero e a teologia da graça são conceitos abordados em minha tese, que tem como pano de fundo a humanização do ministério pastoral ou, em outras palavras, o cuidado aos cuidadores.

O pedido que faço a vocês, queridos colegas, é que possam dispender algum tempo para responder a pesquisa. Para acessá-la basta clicar no link do arquivo do *google docs* (que envio em anexo). Essa forma de participação garante a confidencialidade da resposta, ou seja, nenhum participante será identificado. Reforço que a identificação da própria igreja também será mantida em sigilo. Estarei enviando esse e-mail a partir do dia 20 de setembro para todos os pastores da lista da IELB, o que demandará algum tempo para atingir os mais de 800 pastores. Estarei enviando em pequenos grupos de e-mails.

Independente de vocês responderem ou não a pesquisa, desde já agradeço a atenção em considerarem essa possibilidade. Quanto mais respondentes, mais fidedignas as conclusões que poderão ser tiradas, que certamente poderão auxiliar na reflexão desse tema tão importante, não só para as nossas vidas, de nossas famílias, de nossas comunidades e, em última análise, do próprio reino de Deus.

Caso vocês se dispuserem a me auxiliar, no início do formulário de respostas haverá um texto explicativo mais formal, que segue os critérios dos comitês de ética em pesquisa em nosso país.

Desejando ricas bênçãos de Deus a cada um de vocês, tanto na vida quanto no ministério, despeço-me fraternalmente, contando com a preciosa colaboração de cada um.

Um grande abraço,

Thomas Heimann

Doutorando em Teologia pelo PPG/EST – São Leopoldo, RS
Bolsista da CAPES

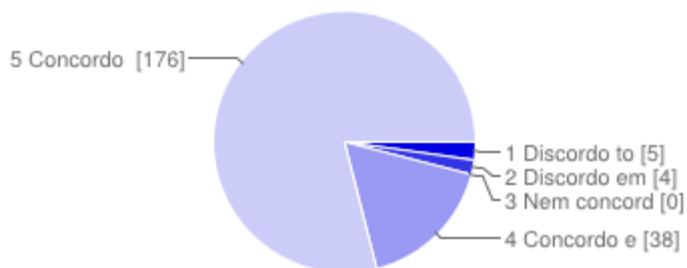
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da Pesquisa "Ministério Pastoral: a Imagem e Identidade do Pastor", sob a responsabilidade do pesquisador Thomas Heimann, a qual pretende verificar como está construída a imagem e identidade de pastores numa igreja protestante histórica, cujo nome será preservado em sigilo. Sua participação é voluntária, não implicando nenhum tipo de ônus ou gratificação financeira e se dará por meio das respostas e envio do presente formulário de questões. Se você aceitar participar estará contribuindo para a reflexão do tema do ministério pastoral na contemporaneidade, especialmente no contexto das igrejas protestantes históricas. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados na tese de doutorado do pesquisador. A sua identidade pessoal está resguardada pelo sigilo e confidencialidade, até porque o envio do formulário não registra o nome de quem o enviou. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo e-mail **prof.thomasheimann@gmail.com**, ou pelo telefone 0xx5191341301. Poderá entrar ainda em contato com o Comitê de ética e Pesquisa do PPG/EST, pelo telefone (51) 2111 1419, sob a responsabilidade de Walmor Ari Kanitz.

- Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.
- Tendo em vista os itens acima apresentados, eu não concordo em participar da presente pesquisa.

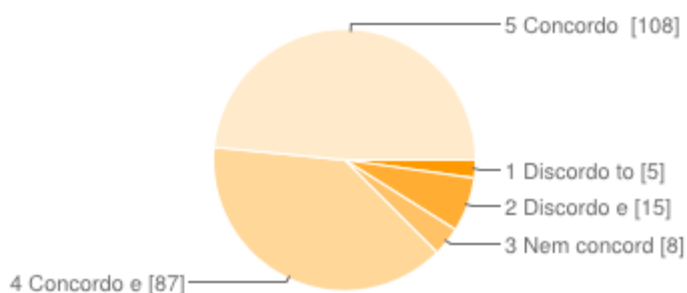
ANEXO 3 – RESPOSTAS DAS QUESTÕES FECHADAS COM GRÁFICOS

1. Ser modelo para os fiéis e padrão de boas obras é uma exigência de Deus para quem almeja ser pastor.



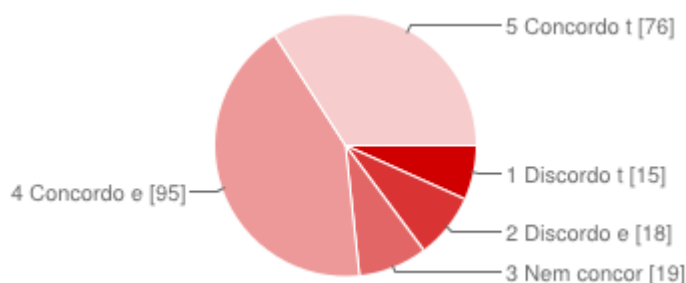
1 Discordo totalmente	5	2%
2 Discordo em parte	4	2%
3 Nem concordo nem discordo	0	0%
4 Concordo em parte	38	17%
5 Concordo totalmente	176	79%

2. Cumprir a recomendação apostólica de ser modelo e padrão de boas obras é uma das tarefas mais difíceis no exercício do ministério pastoral.



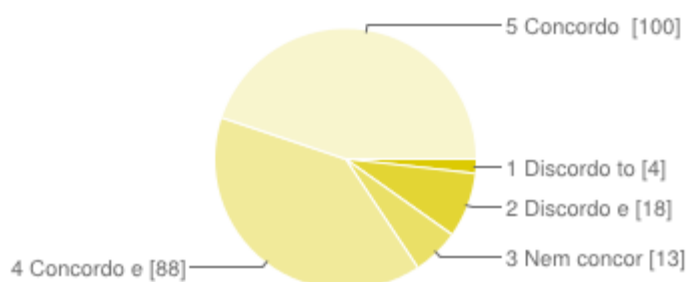
1 Discordo totalmente	5	2%
2 Discordo em parte	15	7%
3 Nem concordo nem discordo	8	4%
4 Concordo em parte	87	39%
5 Concordo totalmente	108	48%

3. A representação da figura do “bom pastor” (Sl 23) é a principal marca da imagem e identidade públicas de quem deseja exercer o ministério pastoral.



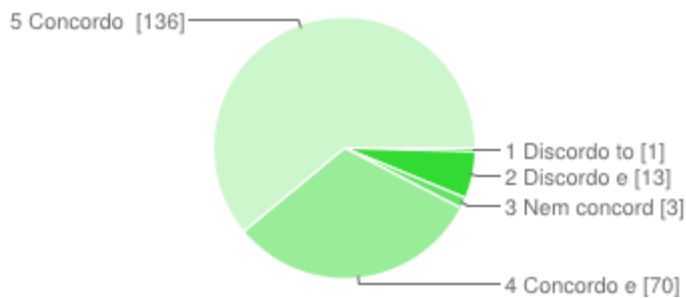
1 Discordo totalmente	15	7%
2 Discordo em parte	18	8%
3 Nem concordo nem discordo	19	9%
4 Concordo em parte	95	43%
5 Concordo totalmente	76	34%

4. O rito litúrgico de ordenação pastoral da IELB, especialmente mediante os textos bíblicos selecionados, transmite a ideia de um pastorado idealizado.



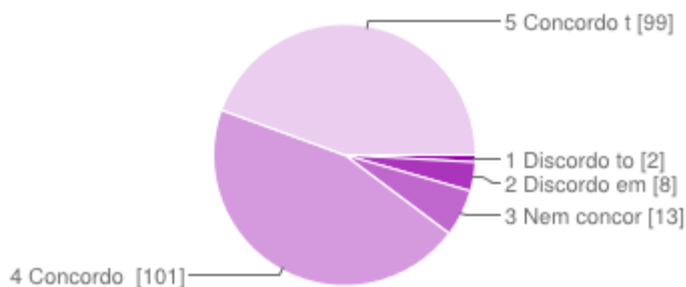
1 Discordo totalmente	4	2%
2 Discordo em parte	18	8%
3 Nem concordo nem discordo	13	6%
4 Concordo em parte	88	39%
5 Concordo totalmente	100	45%

5. Segundo diz a Bíblia, o ministério pastoral precisa ser exercido por pessoas especialmente qualificadas.



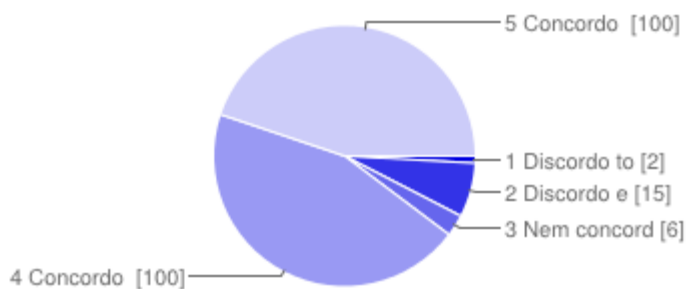
1 Discordo totalmente	1	0%
2 Discordo em parte	13	6%
3 Nem concordo nem discordo	3	1%
4 Concordo em parte	70	31%
5 Concordo totalmente	136	61%

6. O pastor é a principal referência de identificação moral e espiritual da comunidade cristã.



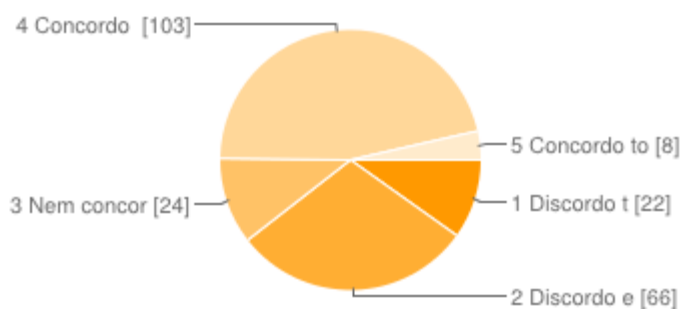
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	8	4%
3 Nem concordo nem discordo	13	6%
4 Concordo em parte	101	45%
5 Concordo totalmente	99	44%

7. Há uma crescente desvalorização da autoridade pastoral mesmo no meio das comunidades cristãs.



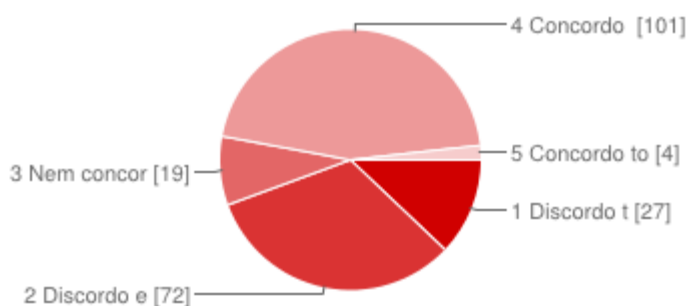
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	15	7%
3 Nem concordo nem discordo	6	3%
4 Concordo em parte	100	45%
5 Concordo totalmente	100	45%

8. O pastor recebe apoio e compreensão de colegas pastores diante de suas limitações e falhas pastorais.



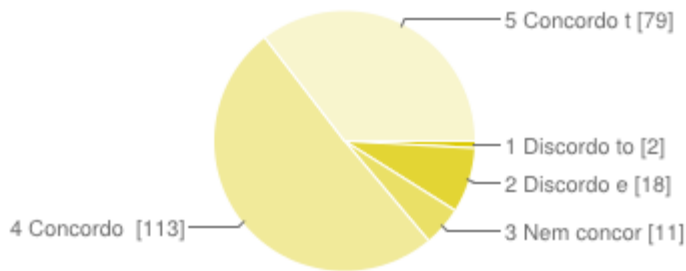
1 Discordo totalmente	22	10%
2 Discordo em parte	66	30%
3 Nem concordo nem discordo	24	11%
4 Concordo em parte	103	46%
5 Concordo totalmente	8	4%

9. Os membros da comunidade cristã mostram-se pacientes e compreensivos diante das limitações e falhas pastorais.



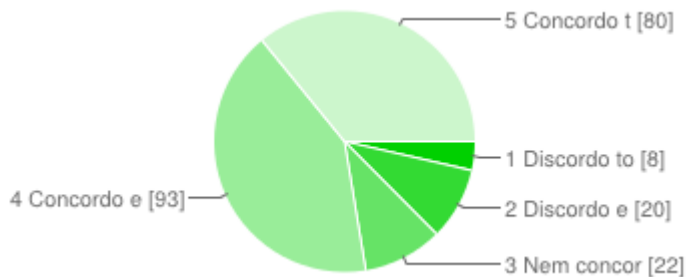
1 Discordo totalmente	27	12%
2 Discordo em parte	72	32%
3 Nem concordo nem discordo	19	9%
4 Concordo em parte	101	45%
5 Concordo totalmente	4	2%

10. Penso que os membros da igreja esperam do pastor que ele assuma/encarne a imagem e missão do “bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas”.



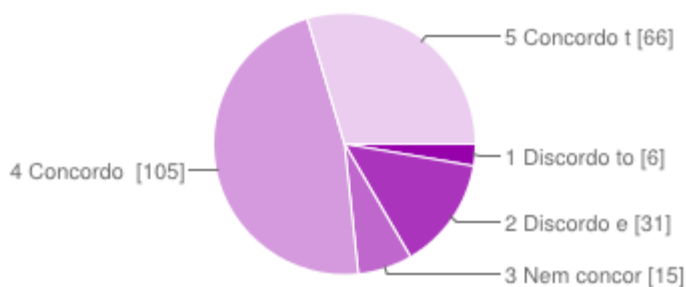
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	18	8%
3 Nem concordo nem discordo	11	5%
4 Concordo em parte	113	51%
5 Concordo totalmente	79	35%

11. A teologia luterana do ministério pastoral contribui para a construção de um pastorado idealizado.



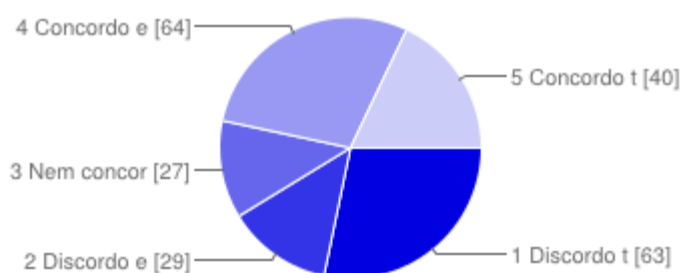
1 Discordo totalmente	8	4%
2 Discordo em parte	20	9%
3 Nem concordo nem discordo	22	10%
4 Concordo em parte	93	42%
5 Concordo totalmente	80	36%

12. As experiências e vivências dentro da igreja luterana indicam a exigência de um ministério pastoral irrepreensível.



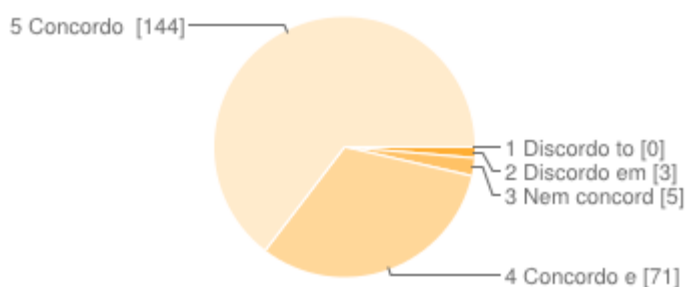
1 Discordo totalmente	6	3%
2 Discordo em parte	31	14%
3 Nem concordo nem discordo	15	7%
4 Concordo em parte	105	47%
5 Concordo totalmente	66	30%

13. Um dos motivos que me levou a ser pastor foi porque meus pais me incentivaram a seguir esse caminho ou pelo menos expressaram o desejo de que eu me tornasse pastor.



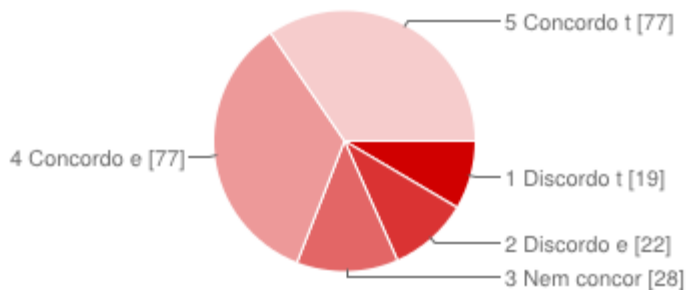
1 Discordo totalmente	63	28%
2 Discordo em parte	29	13%
3 Nem concordo nem discordo	27	12%
4 Concordo em parte	64	29%
5 Concordo totalmente	40	18%

14. A vida da família pastoral é uma vitrine sobre a qual recai o olhar vigilante da comunidade.



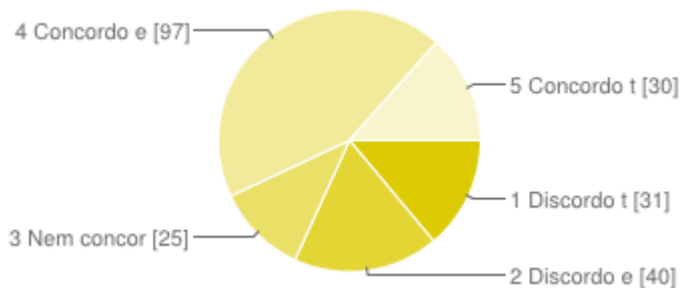
1 Discordo totalmente	0	0%
2 Discordo em parte	3	1%
3 Nem concordo nem discordo	5	2%
4 Concordo em parte	71	32%
5 Concordo totalmente	144	65%

15. A minha família já sofreu com o fato de ser considerada pela comunidade como “a família do pastor”, encarada como modelo para os fieis.



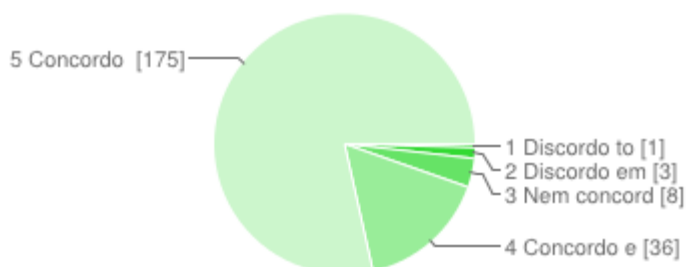
1 Discordo totalmente	19	9%
2 Discordo em parte	22	10%
3 Nem concordo nem discordo	28	13%
4 Concordo em parte	77	35%
5 Concordo totalmente	77	35%

16. Meu ministério tem prejudicado uma dedicação e cuidados mais adequados à minha família.



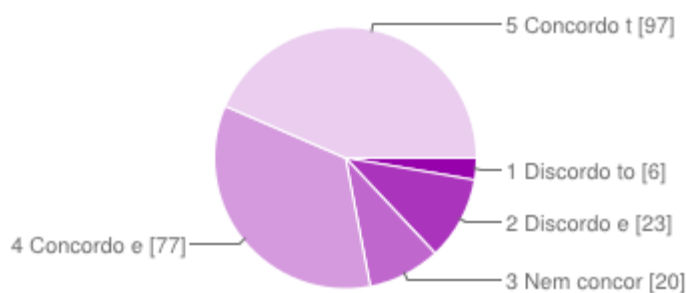
1 Discordo totalmente	31	14%
2 Discordo em parte	40	18%
3 Nem concordo nem discordo	25	11%
4 Concordo em parte	97	43%
5 Concordo totalmente	30	13%

17. Sinto que Deus me escolheu e vocacionou para o ministério pastoral.



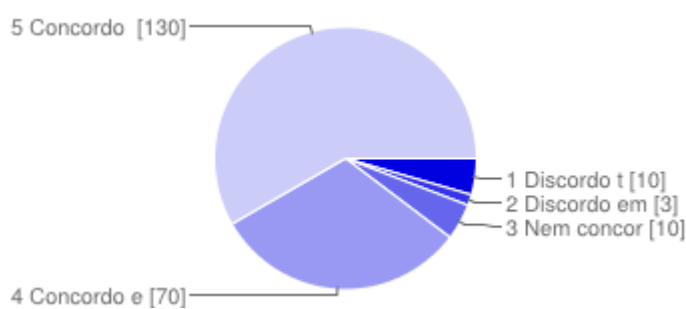
1 Discordo totalmente	1	0%
2 Discordo em parte	3	1%
3 Nem concordo nem discordo	8	4%
4 Concordo em parte	36	16%
5 Concordo totalmente	175	78%

18. O pastorado é um eixo organizador de minha vida, um projeto pessoal que não gostaria nunca de abandonar.



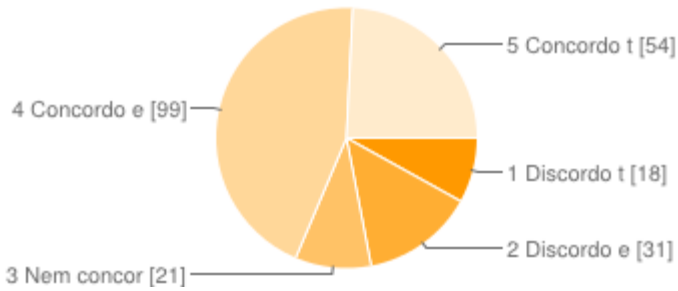
1 Discordo totalmente	6	3%
2 Discordo em parte	23	10%
3 Nem concordo nem discordo	20	9%
4 Concordo em parte	77	35%
5 Concordo totalmente	97	43%

19. Já me senti culpado por não conseguir ser um pastor melhor do que sou.



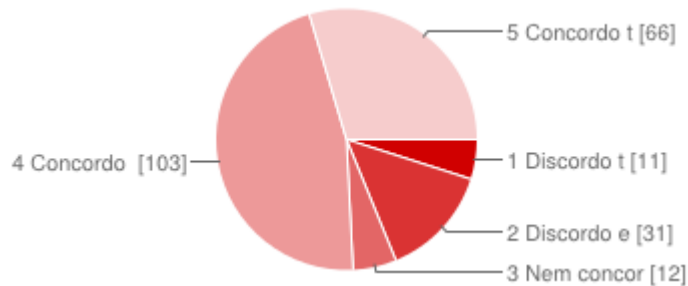
1 Discordo totalmente	10	4%
2 Discordo em parte	3	1%
3 Nem concordo nem discordo	10	4%
4 Concordo em parte	70	31%
5 Concordo totalmente	130	58%

20. É difícil para mim lidar com as minhas limitações, carências e falhas como pessoa e como pastor.



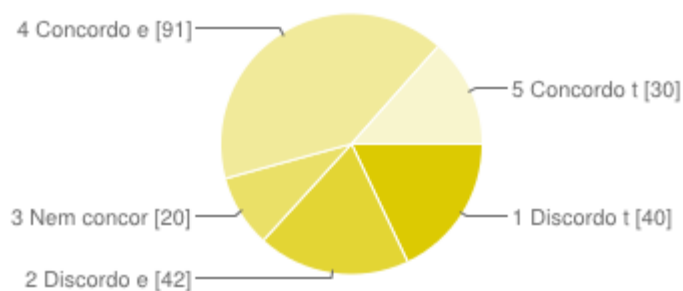
1 Discordo totalmente	18	8%
2 Discordo em parte	31	14%
3 Nem concordo nem discordo	21	9%
4 Concordo em parte	99	44%
5 Concordo totalmente	54	24%

21. Como pastor sei que preciso assumir o controle sobre minhas fraquezas e emoções negativas, evitando demonstrá-las publicamente.



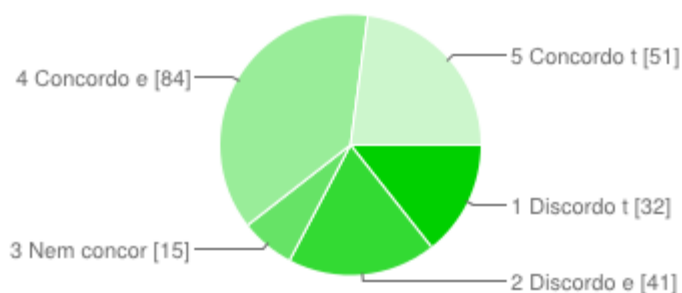
1 Discordo totalmente	11	5%
2 Discordo em parte	31	14%
3 Nem concordo nem discordo	12	5%
4 Concordo em parte	103	46%
5 Concordo totalmente	66	30%

22. Minhas emoções negativas são descarregadas frequentemente dentro de meu próprio lar e com minha família.



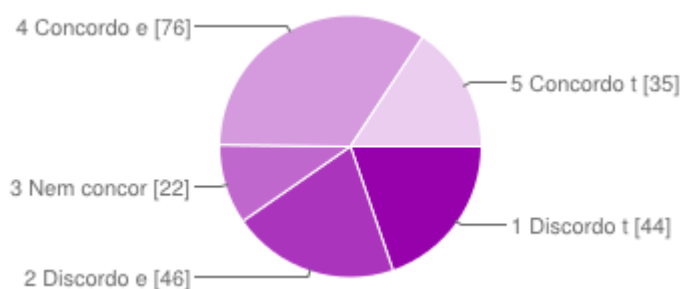
1 Discordo totalmente	40	18%
2 Discordo em parte	42	19%
3 Nem concordo nem discordo	20	9%
4 Concordo em parte	91	41%
5 Concordo totalmente	30	13%

23. Minha vida social é muito limitada e controlada pelo fato de eu ser pastor.



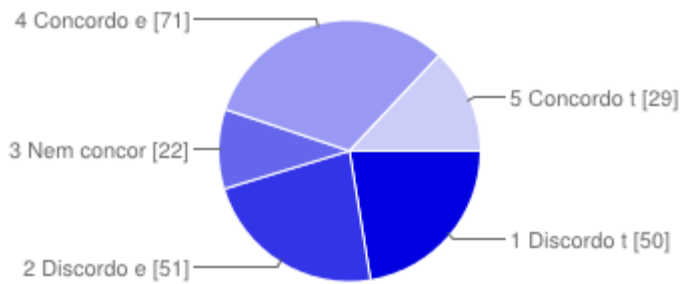
1 Discordo totalmente	32	14%
2 Discordo em parte	41	18%
3 Nem concordo nem discordo	15	7%
4 Concordo em parte	84	38%
5 Concordo totalmente	51	23%

24. Culpa é um sentimento frequente com relação à minha vida e desempenho pastorais.



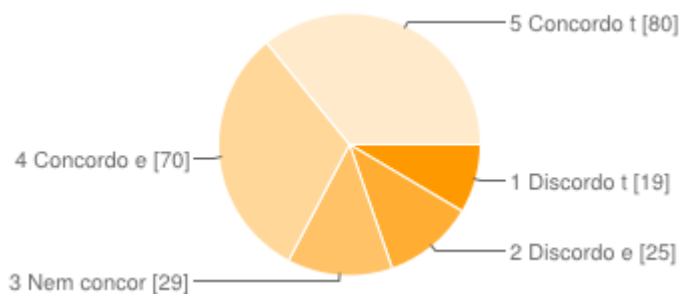
1 Discordo totalmente	44	20%
2 Discordo em parte	46	21%
3 Nem concordo nem discordo	22	10%
4 Concordo em parte	76	34%
5 Concordo totalmente	35	16%

25. Culpa é um sentimento frequente com relação à vivência de minha vida familiar.



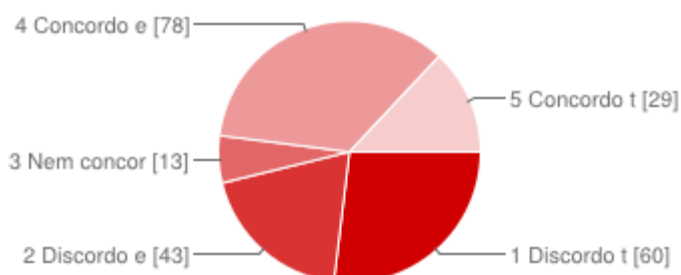
1 Discordo totalmente	50	22%
2 Discordo em parte	51	23%
3 Nem concordo nem discordo	22	10%
4 Concordo em parte	71	32%
5 Concordo totalmente	29	13%

26. Se eu abandonasse o ministério pastoral certamente decepcionaria muitas pessoas que estimo.



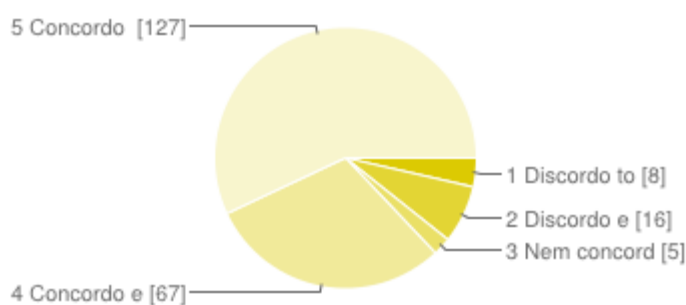
1 Discordo totalmente	19	9%
2 Discordo em parte	25	11%
3 Nem concordo nem discordo	29	13%
4 Concordo em parte	70	31%
5 Concordo totalmente	80	36%

27. A graça libertadora de Deus que tanto anuncio aos outros por vezes não consigo anunciar a mim mesmo.



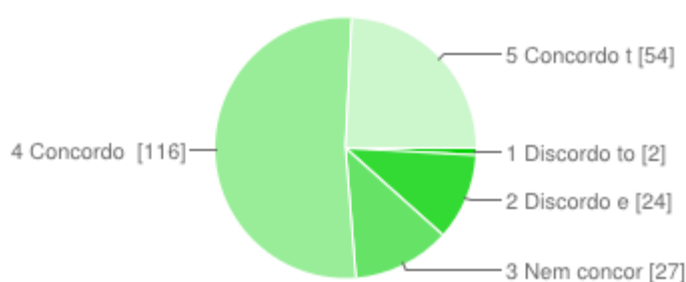
1 Discordo totalmente	60	27%
2 Discordo em parte	43	19%
3 Nem concordo nem discordo	13	6%
4 Concordo em parte	78	35%
5 Concordo totalmente	29	13%

28. Não há muitos espaços, pessoas ou lugares para o pastor compartilhar o peso de sua alma quando ela está atribulada.



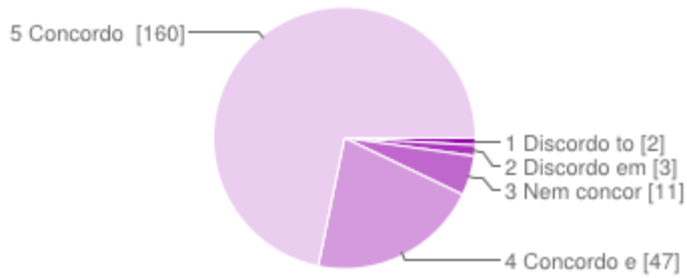
1 Discordo totalmente	8	4%
2 Discordo em parte	16	7%
3 Nem concordo nem discordo	5	2%
4 Concordo em parte	67	30%
5 Concordo totalmente	127	57%

29. A minha auto-imagem real está muito próxima da imagem pública e social que comunico à comunidade.



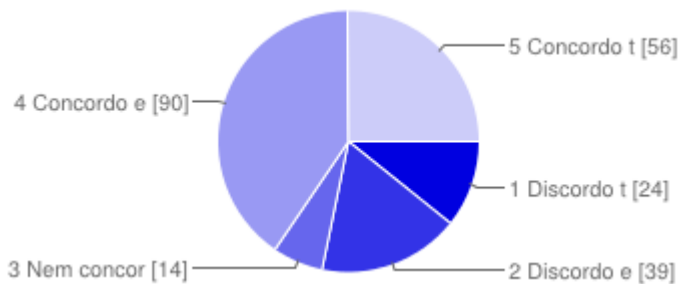
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	24	11%
3 Nem concordo nem discordo	27	12%
4 Concordo em parte	116	52%
5 Concordo totalmente	54	24%

30. Me sinto honrado em ser pastor.



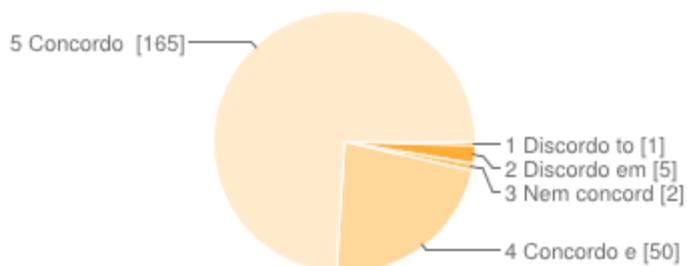
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	3	1%
3 Nem concordo nem discordo	11	5%
4 Concordo em parte	47	21%
5 Concordo totalmente	160	72%

31. Exercer o ministério pastoral com zelo e fidelidade é um trabalho cansativo e desgastante.



1 Discordo totalmente	24	11%
2 Discordo em parte	39	17%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	90	40%
5 Concordo totalmente	56	25%

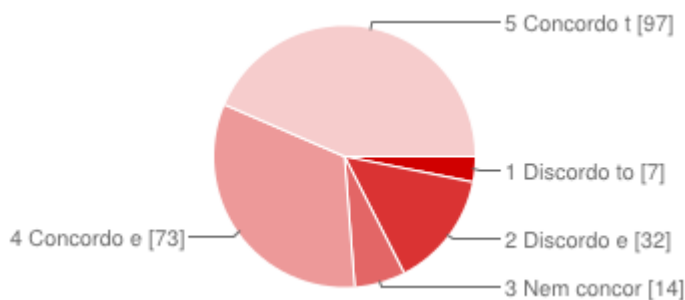
32. Já vivi momentos de estresse ou de sofrimento em meu ministério pastoral.



1 Discordo totalmente	1	0%
-----------------------	----------	----

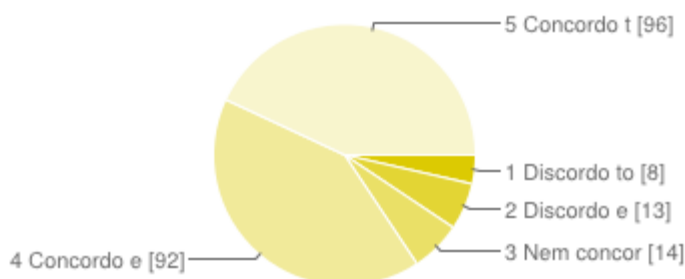
2 Discordo em parte	5	2%
3 Nem concordo nem discordo	2	1%
4 Concordo em parte	50	22%
5 Concordo totalmente	165	74%

33. Já vivi muitas frustrações e decepções na minha vida como pastor.



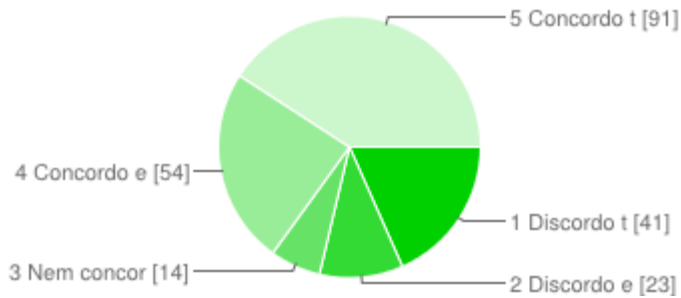
1 Discordo totalmente	7	3%
2 Discordo em parte	32	14%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	73	33%
5 Concordo totalmente	97	43%

34. O prazer, alegria e realização pessoal em ser pastor superam qualquer dificuldade enfrentada no exercício do ministério pastoral.



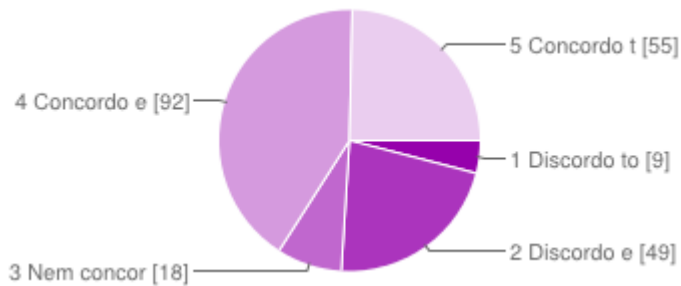
1 Discordo totalmente	8	4%
2 Discordo em parte	13	6%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	92	41%
5 Concordo totalmente	96	43%

35. Já tive momentos em que pensei em abandonar o ministério pastoral.



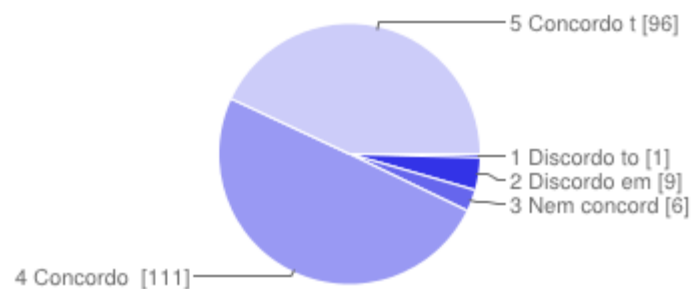
1 Discordo totalmente	41	18%
2 Discordo em parte	23	10%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	54	24%
5 Concordo totalmente	91	41%

36. O pastor ainda é visto pela sociedade secular como um modelo e exemplo a ser seguido.



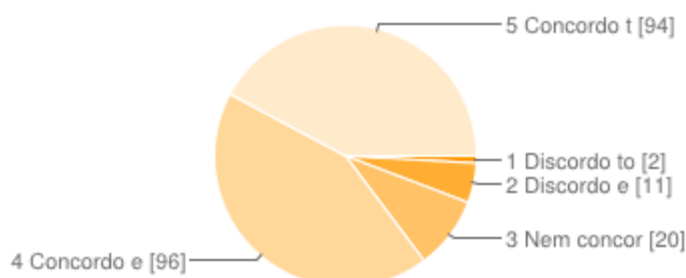
1 Discordo totalmente	9	4%
2 Discordo em parte	49	22%
3 Nem concordo nem discordo	18	8%
4 Concordo em parte	92	41%
5 Concordo totalmente	55	25%

37. Na sociedade atual perdeu-se muito do antigo respeito que se tinha pela figura do pastor.



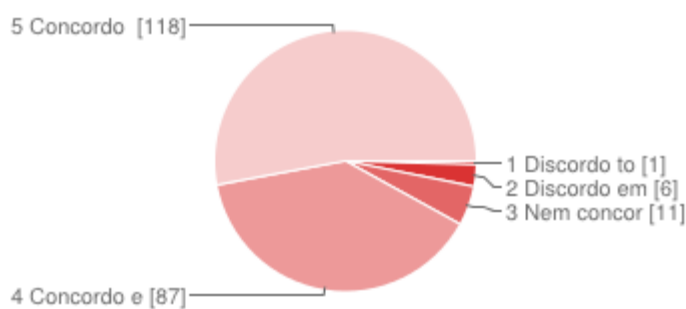
1 Discordo totalmente	1	0%
2 Discordo em parte	9	4%
3 Nem concordo nem discordo	6	3%
4 Concordo em parte	111	50%
5 Concordo totalmente	96	43%

38. Em comunidades rurais ou do interior o pastor ainda é mais valorizado e respeitado do que em centros urbanos.



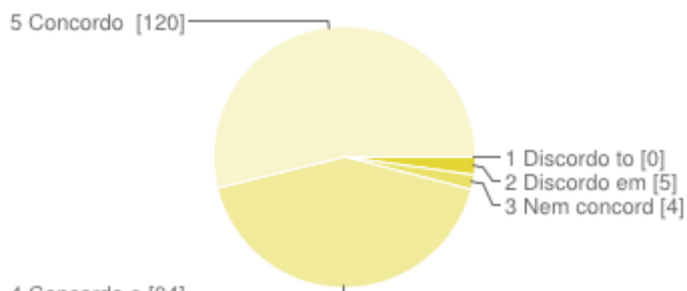
1 Discordo totalmente	2	1%
2 Discordo em parte	11	5%
3 Nem concordo nem discordo	20	9%
4 Concordo em parte	96	43%
5 Concordo totalmente	94	42%

39. Na sociedade contemporânea os pastores precisam se esforçar para restaurar a imagem pública da função pastoral/sacerdotal, manchada por muitos escândalos.



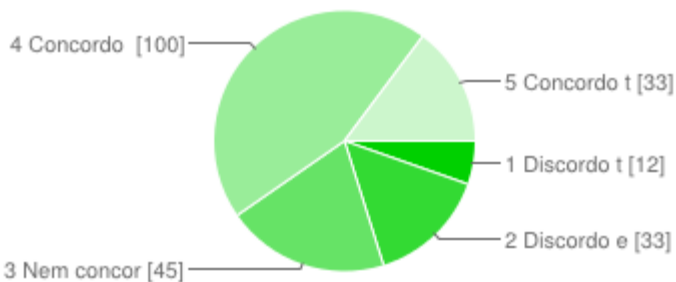
1 Discordo totalmente	1	0%
2 Discordo em parte	6	3%
3 Nem concordo nem discordo	11	5%
4 Concordo em parte	87	39%
5 Concordo totalmente	118	53%

40. A construção e manutenção de uma boa imagem pública é essencial para o exercício do ministério pastoral.



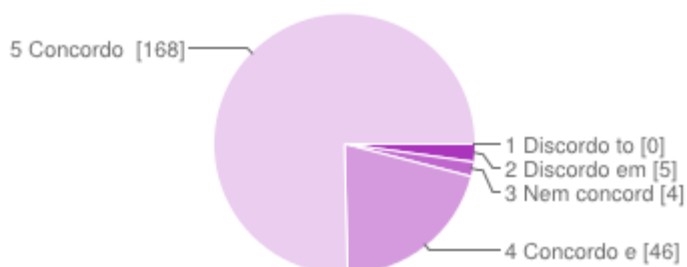
1 Discordo totalmente	0	0%
2 Discordo em parte	5	2%
3 Nem concordo nem discordo	4	2%
4 Concordo em parte	94	42%
5 Concordo totalmente	120	54%

41. Ser uma figura pública reconhecida e de destaque faz bem para o próprio ego.



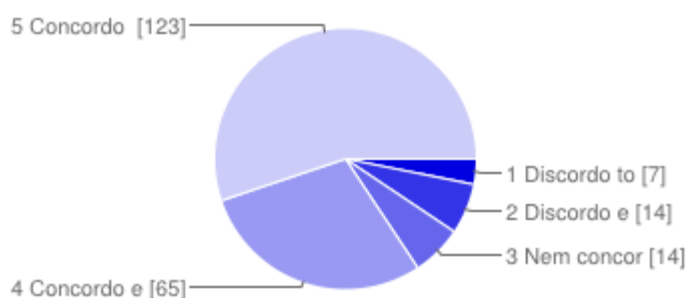
1 Discordo totalmente	12	5%
2 Discordo em parte	33	15%
3 Nem concordo nem discordo	45	20%
4 Concordo em parte	100	45%
5 Concordo totalmente	33	15%

42. Um ministério pastoral menos idealizado e mais humanizado, que leve em conta as fragilidades do pastor enquanto pessoa é uma necessidade que as igrejas precisam tomar consciência.



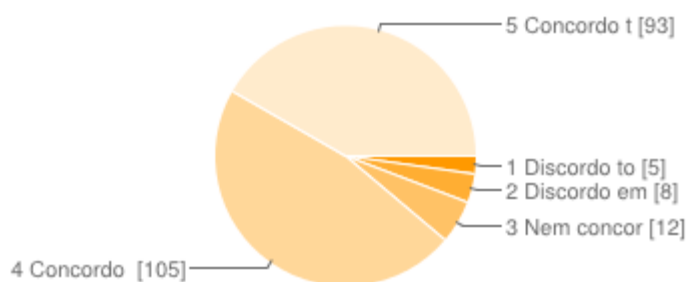
1 Discordo totalmente	0	0%
2 Discordo em parte	5	2%
3 Nem concordo nem discordo	4	2%
4 Concordo em parte	46	21%
5 Concordo totalmente	168	75%

43. Um ministério pastoral idealizado, que coloca o pastor como uma pessoa espiritual e emocionalmente superior aos demais membros da igreja, é fonte geradora de sofrimento para o pastor.



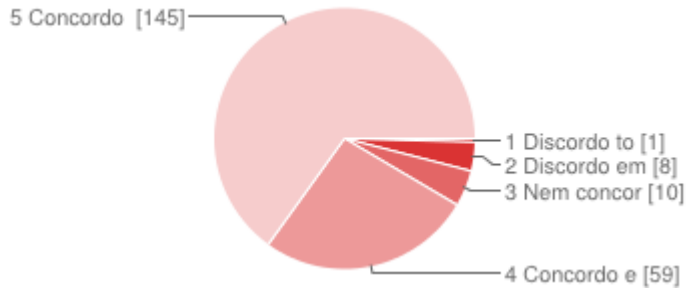
1 Discordo totalmente	7	3%
2 Discordo em parte	14	6%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	65	29%
5 Concordo totalmente	123	55%

44. Na IELB há uma certa idealização da figura do pastor, no sentido da exigência de uma irrepreensibilidade moral e comportamental.



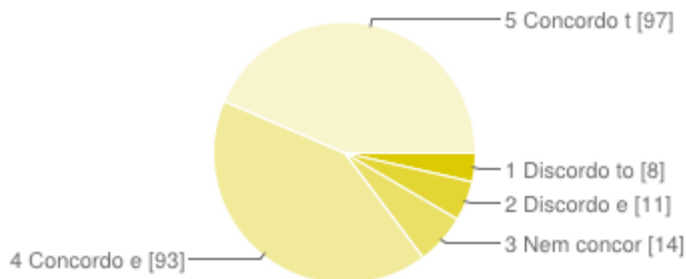
1 Discordo totalmente	5	2%
2 Discordo em parte	8	4%
3 Nem concordo nem discordo	12	5%
4 Concordo em parte	105	47%
5 Concordo totalmente	93	42%

45. Martinho Lutero serve como um claro exemplo de pastor que se humanizou a partir da desidealização de si mesmo, ao confiar plenamente na graça de Deus diante de suas próprias limitações.



1 Discordo totalmente	1	0%
2 Discordo em parte	8	4%
3 Nem concordo nem discordo	10	4%
4 Concordo em parte	59	26%
5 Concordo totalmente	145	65%

46. A idealização da imagem e identidade pastorais, assim como é importante para o exercício da função pastoral e para o reconhecimento público de seu trabalho é, ao mesmo tempo, uma perigosa armadilha para sua vida e seu ministério.



1 Discordo totalmente	8	4%
2 Discordo em parte	11	5%
3 Nem concordo nem discordo	14	6%
4 Concordo em parte	93	42%
5 Concordo totalmente	97	43%

ANEXO 4 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA Nº 47

Pergunta não obrigatória. O questionário podia ser enviado sem que o sujeito respondesse a essa questão. Houve 143 sujeitos que responderam a ela, perfazendo 64,12% da amostra total. Para uma melhor leitura foram feitas algumas correções ortográficas e de concordância, sem qualquer alteração no teor das afirmativas. As pontuações foram preservadas tal e qual o original. Excluí qualquer identificação de nomes em função do contrato de confidencialidade, visto que alguns assinaram após o comentário.

47. Você acha que está havendo uma distância entre a teologia da graça professada pela igreja e uma cobrança exagerada sobre quem exerce o pastorado? Justifique.

- 1) Há sim! As exigências provindas de um ativismo em busca de resultados têm atrapalhado o desempenho do pastorado...
- 2) Acredito. A exigência não elimina a teologia da graça, pois exigir o exercício de uma responsabilidade não significa, necessariamente, deixar a teologia da graça de lado. Talvez, a dificuldade é equilibrar estas questões para que o ministério seja exercido de forma responsável, mas não com uma cobrança como se o pastor não pudesse errar e ser perdoado.
- 3) Sim, quando a cobrança é exagerada e não se admite que o pastor erra porque é humano, estão valorizando muito mais as obras e dando pouco valor à graça de Deus. Deus nos perdoa pelo que somos e não pelo que outros desejam que sejamos.
- 4) Acho que infelizmente a igreja em parte está perdendo a essência da teologia da graça e migrando em alguns pontos para os modismos do mundo com a desculpa de atualizar-se...
- 5) Exatamente, parece que você deve ver os outros a partir da graça e os outros não te olham sob esta perspectiva.
- 6) Sim, graça e compreensão deve ser concedida pelo pastor aos seus congregados, mas não é recíproca.
- 7) Penso que há uma má compreensão da santificação, ocasionando assim todos estes transtornos espirituais e psicológicos acima descritos.
- 8) Sim. Há uma exigência muito forte por parte das congregações de uma perfeição absoluta do pastor.
- 9) Há cobranças, sim, contudo não as vejo como exageradas. Hoje em dia qualquer pessoa pública é cobrada.
- 10) Em parte, sim. Porém, é difícil distinguir o "escândalo" da "hipocrisia".
- 11) Acho que sim. Quando se cobra resultados.
- 12) Sempre há expectativas, exageradas, a respeito do pastor e família.
- 13) O distanciamento é algo normal, pois as pessoas dentro do seio da igreja e fora veem no pastor algo fora do comum, em alguns casos até do mau caráter. Percebo a necessidade de ensino, cada vez mais centrado na graça em todas as esferas da igreja.
- 14) **JÁ FOI PIOR NO PASSADO!!! A PRESSÃO ATUALMENTE TEM DIMINUÍDO, MAS SEMPRE ESTÁ/CONTINUA PRESENTE "NO AR"!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! É ENDÊMICO NA IELB!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!**

- 15) Sim. Contudo, por vezes, o próprio pastor coloca sobre seus ombros um fardo invisível que nem a própria congregação dispensou a ele. É coisa da cabeça pastoral. Quem sabe até para poder exercer um poder moralista sobre sua congregação. Ser um pequeno papa. Parece que você só não pode ser pego em escândalo sexual, mas se for autoritário, chegado a exageros verbais ou em atitudes, não há problema algum. Creio que falhamos pela falta de um sistema de aconselhamento pastoral aos pastores.
- 16) Sim, pois muitos membros da igreja acham que o pastor é alguém que deve ser um modelo idealizado, as demais pessoas podem falhar, mas o líder deve ser irrepreensível. Mas ele é alguém frágil vive na graça e amor do bondoso Deus.
- 17) Creio que há aqui até falha na educação teológica, no sentido de levar os que se preparam ao ministério a terem uma visão e apreciação pessoal sadia da teologia da graça. E, para isso, precisa haver mecanismos para avaliar isto em cada estudante.
- 18) Sim, pois a graça pregada e ensinada pelos pastores - tanto do púlpito como em momentos não cúltricos (estudos, visitas, conversas...) - nem sempre é aplicada ao pastor. As vezes pelo pastor mesmo, em função de colocar parâmetros muito elevados a si e a seu ministério. Outras vezes, a Comunidade que chama cria uma expectativa muito elevada da pessoa e do trabalho do pastor, e ao não conseguir "chegar lá" cria-se uma atmosfera de decepção e cobrança, mesmo que velada com relação ao pastor; isso pode trazer desdobramentos perniciosos, pois acaba também prejudicando relações outras da pessoa do pastor, que não somente com sua Comunidade - como com a família, por exemplo, ou ainda relações sociais.
- 19) Faz-se necessário uma aproximação maior do terceiro uso da lei e da graça redentora.
- 20) Sim! Aliás as comunidades não estão vivendo mais a teologia da graça bem como os pastores não conseguem fugir do seu legalismo nas pregações provocando na congregação um certo mal-estar e hipocrisia que acabam trazendo prejuízos para o próprio pastor. Há um problema entre o que Deus fez, faz e fará com o que você deve fazer tanto a comunidade como o Pastor. Ambos não vivem a Graça de Deus proclamada em toda a sua doçura. A Igreja perdeu o seu sentido e interesse porque a Graça não consegue modificar os corações devido a sua ausência nos cultos, estudos etc. É muito "o que você tem de fazer e deixar de fazer" ao invés do que Cristo fez e as possibilidades que você tem na vida. Um problema de Lei e Evangelho!
- 21) Penso que o pastor precisa ouvir, assim como os demais cristãos, a proclamação da Palavra. Na maioria das vezes, o pastor não tem a oportunidade de ouvir o Evangelho e acaba "vazio", ou melhor, "cheio" a ponto de explodir.
- 22) Acredito que há, sim, por falta de conhecimento da doutrina da graça por parte de membros e até dos líderes/servidores da Igreja.
- 23) Não. O fato de se esforçar para viver um ministério irrepreensível não significa falta de confiança na Graça divina. Creio que o pastor precisa ser exemplo de boas obras, de vida e de fé. Primeiro por ser cristão firmado na fé salvadora; depois para ser exemplo à família (como qualquer pai cristão deveria ser) e também à comunidade. Somente confiando totalmente na Graça de Deus é que o pastor será guiado pelo Espírito Santo a viver assim. Portanto, confiar na teologia da graça, conforme professado em nossa igreja, é

o que capacita esse viver do pastor.

- 24) A distância que pode haver entre a primeira premissa e a segunda é produzida pelo tratamento desigual que ambas recebem na formação e na reciclagem do ministro.
- 25) Nas minhas observações de casos conhecidos, salvo exceções, não percebo este distanciamento.
- 26) Pela minha experiência no ministério, creio que não. O exagero sempre é perigoso, tanto na idealização pastoral, como na liberdade e limitação da mesma. A cobrança é positiva, desde que seja construtiva e verdadeiramente cristã. A graça que professamos mostra que Deus compreende as nossas limitações humanas no ministério e é gracioso em fortalecer a fé para os desafios do chamado pastoral em determinada congregação. E, certamente Deus perdoa também os pastores em suas limitações.
- 27) Pessoalmente, nunca senti "cobranças exageradas" sobre meu pastorado. Mas sempre recebi as críticas como uma oportunidade de avaliação e reflexão para fazer melhor ou diferente. Sempre recebi as críticas como fruto de uma teologia da graça exigente e perdoadora, porém não tolerante com erros permanentes.
- 28) Sim! Muitas igrejas, pessoas ainda estão fortemente enraizadas no pietismo! O que faz com que se desviem do foco da cruz e graça para apenas as obras! Por isso a cobrança se torna excessiva ao ponto de querer mudar a pessoa e personalidade, costumes, tradições e vida do ministro! Por isso sinto-me ainda mais motivado para anunciar que o olhar de Deus para mim é perfeito e mesmo não merecendo ele me usa sempre de novo! Isso é maravilhoso! É pura graça!
- 29) Creio que o momento que vivemos os desafios são percebidos de forma mais rápida. Antes demorava anos para chegar um comunicado, decisão, na ponta. Hoje é praticamente instantâneo. Com isso a cobrança aumenta. Mas também sinto que em todas as outras profissões também cobram, mas parece que com a igreja sempre todos tem direito maior de cobrar. Parece que, às vezes, é de todos e outras de ninguém. No momento que assumo uma responsabilidade vou querer viver de acordo.
- 30) Quando se conhece a Graça de Deus e em Deus deposita a sua vida, longe de um legalismo barato, tanto a vida dos membros da Igreja como a vida do pastor e família passam a ter uma harmonia que é salutar para a vida da Igreja e na Igreja. Os membros cientes que dependemos única e exclusivamente na Graça de Deus serão parceiros e não carrasco do pastor. Serão ombros, braços, pernas e mentes amigos e irmãos para um ministério segundo a vontade de Deus. Se houver tratativas com os membros da Igreja assim como Jesus tratou qualquer pecador, esses mesmo vão retribuir com a mesma misericórdia. Muitos dos ministérios fracassados se devem ao não uso e não compreensão da Graça de Deus por ambos os lados.
- 31) Em algumas congregações acontece esta cobrança exagerada. É preciso que o pastor esclareça seus congregados sobre isso, instruindo e aconselhando. Nem um ser humano é 100% bom e/ou 100% mau. Temos defeitos e virtudes e o pastor não foge à regra. Mesmo assim, o pastor deve dar sempre o exemplo perante seus congregados e sociedade: "Todas as coisas me são lícitas mas nem todas me convém" diz Paulo. Basta, portanto, o pastor viver conforme Deus assim o deseja e prescreve em sua Palavra. Quem não conseguir,

deixe o ministério. "Palavras convencem; exemplos arrastam".

- 32) Creio que não. Faz parte da vocação ministerial essa tensão. Deus estabelece sim um padrão ideal para seus ministros. Contudo, a graça de Jesus perdoa e encobre as fraquezas do pastor. O mesmo apóstolo que fala desse ideal (1Tm 3) também fazia questão de ressaltar suas fraquezas e limitações, consolando-se na graça de Deus (Rm 7). É preciso cuidar com extremos. Não podemos viver livres da idealização a pretexto da graça. Contudo, não podemos nos sobrecarregar, como que essa idealização viesse de nós próprios. Pelo contrário, ela vem de Deus, por obra e poder do seu Espírito, que nos abraça e acolhe em nossas limitações (graça).
- 33) Sim, pois a imagem idealizada do pastor contribui para uma visão e aplicação limitada da graça de Deus aos ministros.
- 34) Sim. Porque existe uma mania de determinados membros querem igualar a todos. Por exemplo: Se venho todos os Domingos à Igreja, então fulano também deve vir. Neste sentido tentam tornar as pessoas iguais, com as mesmas práticas e costumes. Quando isto não acontece parece que o pastor deveria fazer algo para tornar isto possível.
- 35) A cobrança vem tanto de fora como do próprio pastor. Pastores são tentados a assumir uma posição moral, intelectual e espiritual superior. Quando encontram nas comunidades e na sociedade uma aprovação ou até mesmo um incentivo para que isso seja cultivado e aperfeiçoado, aí o perigo cresce.
- 36) Vejo especialmente quando um pastor cai num pecado que provoca escândalo. Muitas vezes, em vez de tentar recuperá-lo através do perdão, ele simplesmente é obrigado a pedir demissão do seu chamado pastoral e do ministério. Penso que isso precisa ser repensado. Qual é o maior testemunho do cristão e da igreja, senão o perdão?
- 37) Penso haver hoje uma visão popular distorcida do que seja graça na perspectiva bíblica e luterana. Confunde-se igreja como estrutura e Igreja Cristã. Esperam-se por resultados que apenas Deus conhece. Estatísticas deveriam ser banidas da igreja porque é legalismo e conduz, eventualmente, ao autoengrandecimento pastoral. É preciso que haja acompanhamento junto aos pastores com amplo apoio logístico, emocional e pastoral para que o evangelho tenha livre curso.
- 38) Tenho certeza que sim. Inclusive a tal ponto que pastores são desaconselhados e até demitidos do pastorado por razões que nem mesmo encontram respaldo nos regimentos muito menos na Bíblia.
- 39) Algumas congregações (de pessoas) estão agindo mais como se fossem empresas com seu pastor, cobrando, exigindo, vistoriando e fiscalizando... isso por exemplos pastorais negativos no passado. Por outro lado, existem muitos pastores que são ditadores em suas paróquias, dominando as pessoas completamente e fazendo o que bem entendem, sem que a congregação de cristãos e mesmo a IELB possa fazer algo a respeito. Então a resposta é sim, há um distanciamento da verdadeira teologia da graça, mas dos dois lados, ou seja, dos membros e dos pastores.
- 40) ACHO QUE NEM TEM MUITA RELAÇÃO COM A TEOLOGIA DA GRAÇA. NA MINHA OPINIÃO TEM UMA RELAÇÃO MAIOR COM O ALTO TEAR TRADICIONAL DA IGREJA E DO PASTORCENTRISMO QUE AINDA É LATENTE

NA NOSSA IGREJA.

- 41) Atualmente vejo esta questão caminhando para uma humanização. Creio que quanto a isso, como Igreja sempre estaremos aprendendo, principalmente, levando em consideração o anunciar a Lei com todo vigor e o Evangelho com toda doçura. Tenho por hábito, aplicar a mim mesmo toda mensagem, pregação que elaboro. Muitas vezes isto me leva a enfatizar a graça, que no amor de Cristo me motiva a ação, para que ela se sobressaia a cobrança da Lei que mata, mas não deve ser amenizada. Creio que assim procedendo, motivado pela graça de Deus mantenho o bom ânimo no Ministério Pastoral, e também, o entusiasmo dos congregados e família pela causa de Deus.
- 42) Cobranças são necessárias, mas não vejo exageros em minha Igreja.
- 43) Sim, infelizmente esta realidade está sendo cada vez mais forte. O que mais deixa triste, é a frieza entre os pastores e suas famílias. Pastor não ajuda pastor! Pastor não pode errar e se errar é porque não serve mais para o pastorado.
- 44) A sociedade está cada vez mais exigente. Na Igreja não é diferente. As cobranças são muitas. Se o pastor trabalha numa Comunidade com acima de 300 membros ele se desgasta fisicamente nos afazeres do dia a dia. Nestes casos a cobrança é exagerada.
- 45) Sim, Primeiro pela incompreensão da extensão, alcance, abrangência da Teologia da graça, segundo pela forma de aplicação da teologia da Graça na vida, no ministério pastoral.
- 46) Em alguns contextos isso é muito presente. Já sofri esta cobrança em contextos que nem sempre tinham a devida valorização ao ministério.
- 47) Não. Pois a "cobrança" vem de um perfeito embasamento Bíblico.
- 48) Precisa ser assim.
- 49) Sim, porque são perceptíveis tanto situações nas quais o pastor não se permite viver da graça de já não haver mais culpa para os que estão em Cristo quanto congregados e congregações que reproduzem esta lógica.
- 50) No meu caso não é a teologia bíblica do ministério que pesa, mas especialmente as questões cotidianas que envolvem a família pastoral, especialmente no que diz respeito ao equilíbrio e a mordomia do tempo, onde o ministério despende muito tempo, cuidado e atenção, mas sei que a família precisa tanto quanto. Eu tenho um "problema psicológico" de dualidade que preciso resolver: quando estou no escritório sofro de culpa lembrando das coisas que preciso fazer em casa e da atenção que não estou dando a família naquele momento e que ela "me cobra" por isso. E quando estou em casa, fico me culpando que estou deixando de fazer tantas coisas no ministério e que os membros e diretoria vão me "cobrar" por isso. Assim não estou dando conta de fazer tudo ao mesmo tempo, e no fim, acabo não fazendo nada direito.
- 51) Sim. Apesar dessa graça maravilhosa de Deus, que é dada a todos os seres humanos, ser pregada ano após ano, a igreja (membros) subtraem a mesma dos pastores, deixando-os com poucas migalhas, por acharem que o pastor já vem com a graça a tiracolo.
- 52) Sim, a Igreja (comunidade) muitas vezes cobra e espera além das possibilidades e características do pastor.
- 53) Não penso ser assim. Acho que, em muitos casos, os colegas pastores sofrem muito

por esperarem um reconhecimento da Comunidade que não vem. No entanto, particularmente, tenho sempre me pautado pela motivação maior para tudo o que sou e faço, na graça e misericórdia de Deus. 'É o amor de Cristo que me constrange/motiva ...' E neste amor de Cristo, não há decepção!

- 54) Sim! Pregamos a graça, mas, na prática essa graça parece não atingir os pastores, que ao sinal de qualquer tropeço são punidos por terem exacerbado da graça.
- 55) Sim Isso se verifica especialmente quando o pastor é pego em um pecado "grave" (relacionado ao sexo, principalmente). Não só é afastado do ministério mas frequentemente é abandonado completamente pela igreja e por colegas, mesmo vivendo em meio a grandes dificuldade.
- 56) Os membros das congregações estão muito mais preocupados se o pastor usou uma palavra ou frase com algum vocabulário que possa dar a entender um deslize teológico do que em abraçar e cuidar do seu pastor. Muitas vezes nem lembram do dia do pastor. Minhas maiores decepções e conflitos se deram com os membros luteranos do que com os demais dentro da escola em que trabalho.
- 57) Penso que não existe esse abismo. Contudo, penso também que pastores que incorrem em pecados e escândalos públicos devem ser destituídos de sua função por uma questão de incompatibilidade funcional apenas. Vejamos, para alguém ser um Policial, um Juiz é necessária uma investigação social que, por um deslize no presente ou passado próximo, pode retirar o candidato do certame. Isso não significa contudo, que o mesmo deixa de ser um bom cidadão. Com a pastorada, a aplicação de uma penalidade que implique na perda da função ministerial em decorrência de um escândalo, não pode soar como a inaplicabilidade da graça, pelo contrário. Nesse sentido, sou muito mais favorável a preservação do ofício ministerial imaculado que o próprio ministro como tal. A graça pode e deve ser dispensada a pessoa independente de sua função no Reino, Contudo, não podemos nos esquecer que o perdão (graça) não nos livra da consequência do pecado (morte corporal). Da mesma forma, na vida ministerial, pecados passíveis de uma punição que implique a cassação ministerial não invalida a ação da graça e do perdão. Portanto, acho que, nesse sentido, o que vemos, talvez seja justamente o contrário, uma conviência exacerbada da Diretoria, o que, por outro lado ocasiona a des-graça ministerial e consequentemente comunitária.
- 58) Creio que sim, pelas exigências que são feitas ao pastor e sua família, de forma aberta ou velada.
- 59) A idealização exigida em nossa igreja é exagerada, e acredito que está longe dos parâmetros usados por Jesus. Um excelente teólogo nunca será um bom pastor, se a prática da vida ministerial humanizada não levá-lo ao encontro dos que anseiam por um servo consagrado que busca a santificação constante na graça de DEUS.
- 60) Não; Eu sou tão pecador como qualquer um, e por isso necessito da graça de Deus sempre, a minha comunidade vai saber disso, aceitar e reconhecer quando eu me colocar nesse patamar de igualdade. Quando isso acontece não há cobrança maior sobre o pastor do que sobre outra pessoa.
- 61) Acredito que sim. Vejo ainda muito operante na IELB uma teologia da lei. Muitas

cobranças são feitas e pouco amor é transmitido. Posso estar enganado, mas acho que este é um dos problemas que tem feito a nossa igreja crescer tão pouco. Muitos pastores e muitos líderes exigem e cobram de seus ouvintes o que Jesus nos oferece gratuitamente. Outros vivem em uma graça barata não se envolvendo em uma vida cristã sóbria e decente. Quer queiramos ou não, esta prática influencia negativamente o ministério pastoral. Que Deus nos ajude!

- 62) Uma coisa é a teologia da graça; outra, a da cobrança sobre o pastor. A comunhão com Deus por meio de Cristo, seu Filho, é comum a todos os cristãos. Aptidão para o ministério pastoral (consagração, conhecimento, dons, habilidades) é inquestionável. As fraquezas... todos têm as suas próprias. Vejo isto como o que ocorre com os atletas de uma seleção. Claro que todos os seres humanos que quiserem poderão jogar onde quiserem, mas para atuarem numa seleção, deverão ter várias habilidades e qualidades. Assim é com quem aspira ao pastorado.
- 63) Infelizmente muitas vezes a gente é visto apenas como um empregado da igreja. Os membros só precisam ser servidos. Tudo que não acontece corretamente é culpa do pastor. Há sim uma distância muitas vezes por esses motivos. Pastor e família estão longe dos seus familiares e precisam de carinho e atenção que muitas vezes não tem de irmãos da igreja, ao contrário, distanciamento e críticas. A abundância na graça de Jesus é algo pessoal, que pastor e família deverão buscar, porque por outra maneira é difícil. Só por Jesus, pela suficiência que vem Dele continuo pastor.
- 64) Não creio que haja esta distância entre ambas. Reconheço que a exigência é necessária para a boa visão do ministério pastoral e do próprio cristianismo.
- 65) Sim. Infelizmente, alguns veem o pastor como um funcionário porque deve cumprir com suas obrigações, inclusive, como se fosse exigência empregatícia não errar. Afinal, ele recebe salário para isso! Ele foi preparado para isso! Ele foi vocacionado para isso! Quem sofre mais com tudo isso é a família. Sou filho de pastor e pastor. Eu sofria e sofro, meu pai sofre, minha mãe sofre, minha esposa sofre, meus irmãos sofrem. Meus irmãos se sentem totalmente desestimulados em permanecer na instituição luterana, ainda que, sua fé é tão luterana quanto a de muitos membros ativos de diretoria paroquial. Minha mãe, um de meus irmãos e minha esposa já tiveram que buscar ajuda psicológica para lidar com traumas ocorridos na relação congregação-família pastoral. A maior razão que por vezes sentimos vontade de desistir do ministério reside no fato da congregação não querer ajudar em carregar o fardo juntamente conosco e, ainda aproveitar-se das fraquezas, muitas vezes emocionais, para dar razão a coisas negativas que acontecem na congregação, enquanto poucos buscam compreender as dificuldades. Tal vez erramos em não ter a coragem para expressar mais sentimentos, mas parece ser um muro psicológico construído na infância pelo fato de ser o perfeito filho da perfeita família pastoral. Um "exemplo"! Acrescento ainda que isso não pode ser dito de todos os membros. Alguns tomam atitudes de amor que nos elevam a alma e como gotas de graça também nos ajudam a servir ao Senhor Deus num ministério necessário para a salvação de muitos e, da qual, cremos que Deus nos tem dado dons para servi-lo como embaixadores nas congregações e sociedade.
- 66) Em geral, sim. No entanto, existem locais em que a exigência não é tão grande, bem

como bons exemplos de casos em que pastores (colegas) ou/e igreja e congregações souberam muito bem "encarnar" a doutrina da graça professada pela igreja e demonstrar misericórdia quando necessário.

- 67) Na verdade, eu acho que os pastores estão vivendo sem se preocupar muito com essa cobrança. Muitos vivem de aparência e não saem do ministério por falta de opção para trabalhar em outro lugar. Muitos vivem longe dessa graça.
- 68) Item 32: Já vivi momentos de stress bastante acentuado. Fiquei bastante deprimido. Relutei em me afastar do ministério pastoral. Busquei e clamei pela misericórdia divina. Mas também busquei auxílio de um profissional em psicologia. Pela graça de Deus, consegui vencer o stress depressivo. Ainda exerço o meu ministério com alegria e gratidão.
- 69) Concordo totalmente.
- 70) Há, sim, uma distância entre a Teologia da Graça e a Cobrança Exagerada. Isto acontece porque se pensa que o pastor Não pode mais pecar, por isso, diante de qualquer falha, aumentam ainda mais as cobranças.
- 71) Não acho não. O pastor é homem, mas a ele não se permite certos privilégios do homem. No meu entender se os quer usufruir, nada impede que deixe o pastorado. Ser exemplo é uma necessidade. Todo mau exemplo tem suas consequências. Ex.: Como vai pastorear um casal em conflito se ele próprio não foi capaz de evitar a dissolução do seu matrimônio?
- 72) Em parte, sim. O pastor precisa saber que existe um ideal, que deve ser buscado, porém, não pode esquecer que é um ser humano falho e pecador. Precisa viver e anunciar o evangelho da graça e da misericórdia de Deus. Quem é legalista, vive sob a égide da lei. Sofrerá e fará sofrer. Muitos colegas luteranos não conhecem a graça de Deus e por isso sofrem. O cristianismo não é um código de leis, é amor, é graça, é misericórdia. Deus é maravilhoso e nos ajuda em nossas fraquezas.
- 73) xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
- 74) NA IGREJA EXISTE O RELACIONAMENTO D ESFERA DA FÉ. MAS, NA VIDA COMUM DA IGREJA É NECESSÁRIO REGRAS CLARAS PARA A CONDUTA DA VIDA PASTORAL. ASSIM SENDO, DENTRO DA ESFERA DA GRAÇA, ELA PRÓPRIA EXIGE UMA CONDUTA MORAL E PROFISSIONAL CONDIZENTE COM O OFÍCIO PASTORAL.
- 75) Sim. Muitos membros querem que o seu pastor seja um super-homem, que esteja sempre sorrindo, imune a problemas e sofrimentos, e que, esteja pronto para servi-los.
- 76) Sim. Nos encontros oficiais da IELB tem-se usado muita lei e pouco evangelho, gerando até mal-estar entre alguns membros e aplauso de outros.
- 77) Em certos casos sim!
- 78) Não. Penso que aquilo que a igreja como um todo cobra é a luz da Palavra de Deus. Deus coloca o ministério sobre o pastor de tal forma que ele seja modelo, como conhecemos nas cartas pastorais. Isso com certeza ajuda a estarmos cientes de tudo isso e ficarmos mais atento para que o velho homem não se sobressaia. E com certeza, estou ciente de que dou o melhor de mim e sou fiel ao ministério, porém como um ser humano sou falho e muitas vezes não consigo cumprir com todas as exigências do ministério, no

entanto quando percebo sempre recorro a graça de Deus e confio plenamente no perdão que Jesus conquistou por nós. E também sei que se dependesse de mim jamais estaria no ministério pastoral, pois tudo é pela graça de Deus que nos alcança e nos sustenta.

- 79) O pastor que não demonstra para o seu povo que se alimenta constantemente da graça de Cristo, como poderá ensiná-los a buscar este caminho? Quando se estabelece um "modelo padrão" cria-se um estereótipo... e julga-se como incorreto qualquer um que ouse agir de forma diferente. Não me refiro ao agir com ética e moral o que é a orientação para a vida de todo o cristão, mas, a imagem de intocável, irrepreensível e imaculado... Pessoas que não conhecem o seu pastor provavelmente ainda o enxergam desta forma. Infelizmente o problema inicia na falta de valorização dos pastores que são, muitas vezes, apenas repetidores das "inquestionáveis" tradições humanas estabelecidas como modelos. Nos importamos mais com a forma do que com o conteúdo, mais com o ensino do que com a aprendizagem. Agindo assim, desconsideramos contextos, linguagens e sentimentos, inclusive os nossos. A verdade é que precisamos deixar um pouco de lado as práticas "pastorcênicas" e nos aprofundarmos mais nas práticas cristocêntricas.
- 80) Não vejo isso como uma posição da IELB, mas como uma arma na mão de muitos líderes, que desejosos de se manter intocáveis em sua liderança hipócrita, não enxergam a possibilidade de praticar a teologia da graça para com os seus pastores. Na verdade, desenvolvem uma verdadeira guerra de poder.
- 81) Não. Entendo que há má compreensão da Graça de Deus por parte de muitas congregações (membros) e até por parte de pastores. A Graça não me dá o direito de agir de forma repreensível. Ela não anula a lei em nenhum de seus três usos. Mas ela me perdoa quando caio. Há uma confusão enorme por parte de colegas que apoiam-se na "graça barata" para justificar o injustificável. Por outro lado, também por parte de congregações que tornam imperdoável o que Deus a muito já perdoou. Penso que esta questão varia muito de congregação para congregação e região para região. Não dá para simplesmente nivelar. Há congregações e pastores que lidam muito bem com isto e também os que lidam muito mal. Um aspecto bem importante a ser notado pelo pastor é o fato de que quanto mais "legalista" ele for com os membros, provavelmente estes também serão com ele.
- 82) Acho que a cobrança é muito menor do que a 40, 50 anos atrás. Acho até que existe muita "tolerância" em relação aos pastores. Existem erros e atitudes que desautorizam o pastor a exercer o seu ministério. É necessária uma consagração cada vez maior dos pastores para que não sejam apenas mais um "profissional" no exercício de seu pastorado, mas um servo totalmente consagrado ao serviço da Palavra de Deus.
- 83) Acho que a cobrança é mais no sentido de produtividade. Em alguns locais ainda se espera que o pastor "cobre o escanteio e vá na área cabecear", ou seja, se espera que o pastor faça a missão, prepare o culto, toque no culto, faça visitas, limpe o pátio, resolva as burocracias. Nem todos compreendem que o culto, estudo, ensaio de coral, precisa ser bem preparado. Algumas pessoas ainda acham que o pastor saiu do Seminário com tudo estudado e tudo já está na cabeça. Pelo menos no meu caso, é o envolvimento com questões burocráticas que tiram o tempo para focar naquilo que de fato diz respeito ao ministério, bem como o tempo para a família. Mas muitos membros já estão percebendo

que nem tudo isso pode ser atribuição do pastor.

- 84) Acredito que sim. Porém, não é coisa generalizada. Acontece em alguns lugares
- 85) Sim e Não. Sim quando se trata da relação/cobrança de Lideranças da Igreja com pastores comissionados e mantidos financeiramente com auxílio da Igreja. Não, quando o pastor tem uma relação equidistante com as Lideranças da Igreja e a relação se dá mais em nível pastoral/congregacional.
- 86) Sim. Nossas congregações, muitas vezes sobrecarregam o pastor cruzando os braços e exigindo demais do seu pastor e pouco fazendo.
- 87) As vezes sim. A figura do pastor é sempre modelo e exemplo para as pessoas. Quando algo acontece, um erro, um pecado, por parte do pastor, a uma classificação de pecado (como as vezes também acontece em relação aos membros): maior ou menor. Se é um pecado "maior", todo o trabalho pastoral é esquecido, e o foco é o pecado. E muitos pecados parecem não ter perdão por serem "maiores" do que outros.
- 88) Não. Uma está relacionada a justificação (teologia da graça) e a outra a santificação (pastorado). Dentro da santificação a cobrança do ministério é necessária, pois precisamos de um norte para seguir. As cartas pastorais nos trazem esse norte. Talvez o que falte é uma compreensão da limitação humana devido à queda em pecado. Precisamos aceitar mais que nossos pastores são pecadores. Essa limitação se dá também no ministério. O pastor não é livre de pecados, mas o pastor é justo em Cristo assim como os demais cristãos. Há casos em que é necessário agir de forma brusca com o pastor para que haja crescimento na santificação.
- 89) Sim! Pois o pastor não pode errar! Se, o pastor errar é condenado imediatamente. Não há graça!
- 90) Sim. É perceptível em muitos "chamados" em que são apresentadas uma série de exigências ao candidato. Muitas congregações desejam um "super-homem" com todos os dons possíveis e esquecem-se das limitações humanas da figura do pastor.
- 91) Ser um Pastor PERFEITO é completamente diferente de ser um PASTOR FIEL. Um Pastor metido a PERFEITO sempre irão achar uma imperfeição. Agora.... O FIEL!!!! Sou um professor que demonstro aos meus alunos as minhas IMPERFEIÇÕES. Agora, sou fiel aos meus cálculos, fórmulas, atívidades... Pense num professor porreta!!
- 92) Em parte, devido a uma "cobrança por crescimento", que por vezes conflita com a teologia da graça com uma teologia de resultados; talvez, muito mais pelos membros do que pela liderança da IELB.
- 93) Infelizmente, alguns colegas deram e estão dando um mau exemplo de vida pessoal e familiar. Não têm suas prioridades bem ordenadas. Isso tem despertado essa "cobrança exagerada" sobre quem exerce o ministério. Tais pastores prejudicam muito os seus colegas, pois os leigos começam a olhar com desconfiança o seu pastor. Daí surgem os pedidos de relatórios detalhados do trabalho pastoral e a tendência de tratar o pastor como um empregado.
- 94) Isso ocorre as vezes. Nao é uma constante.
- 95) Há 2 aspectos a serem analisados. Não entendo que a igreja como instituição organizada exerce uma cobrança tão grande. Mas a igreja como congregação e povo oscila

entre o extremo de negligência e desinteresse pela Palavra e Sacramentos (Cristo) e por consequência desinteresse pelo pastor e por outro lado há excesso de cobrança, transferindo ao pastor a culpa do que compete a eles mas não são capazes de fazer pela igreja (missão, sustentação, interesse, cuidado e até vida moral e conduta cristã).

- 96) Sim. A cobrança é demais na maioria dos casos e esquece-se que tudo é oferecido por Deus de graça e por graça.
- 97) Nas congregações sempre há aqueles que querem uma cobrança de todos os aspectos morais da vida pastoral. É mais fácil raciocinar pelo lado da lei do que da graça.
- 98) Em parte, sim. Ainda há muita hipocrisia, poucas são as pessoas que demonstram que vivem dependentes da graça de Deus. O justo e pecador não é confiança plena de todos. O que contribui é o fato da influência de outras igrejas que veem e pregam uma espiritualização (ou hipocritização) do pastor e das pessoas mais "espirituais", estão acima de qualquer dificuldade humana.
- 99) Não! Pois o mesmo perdão oferecido a qualquer cristão está também disponível e é usado para com a figura do pastor e, muitas vezes vemos a igreja sendo condescendente e por que não dizer cúmplice de pastores que não exercem corretamente seu ministério, isso tem até causado prejuízo ao reino de Deus. A cobrança exercida sobre o pastorado é de Deus e, quem deseja ser pastor tem que assumir o ônus!
- 100) Não, como fator principal. A cobrança exagerada sobre quem exerce o pastorado tem origem em outros fatores como por exemplo a visão empresarial da igreja, a forma como o pastor exerce seu ministério e administra sua vida pessoal e familiar (é verdade que ele não está acima dos demais, mas não precisa estar sempre abaixo), a dureza dos corações de alguns que se professam cristãos e que fazem do pastor o alvo prioritário de sua ira, entre outras.
- 101) Não. Penso o contrário. Muitas vezes pastores estão confundindo graça e amor de Deus com permissividade, edificando o ministério sobre alicerces arenosos. A graça de Deus é regeneradora. Nos leva a viver em novidade de vida! Nisto não há cobrança exagerada. Jesus disse: 'Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.' (Mt 11.30) E todos os cristãos, no seu ofício e função, devem ser luz do mundo e sal da terra. E termos orientações Bíblicas claras para o ministro de Cristo, que devem ser levadas a sério, mais a sério, inclusive. Muitas vezes se quer anunciar o Evangelho, sem tomar a cruz e seguir Jesus. A alegria do cristão e do pastor em seguir Jesus e anunciar Jesus não está em não ter sofrimentos, mas em nunca estar só nos sofrimentos (Sl 23.1,4) O que eu penso é que os pastores devem 'se aproximar' mais da graça restauradora do EVANGELHO, que nos anima e fortalece para toda e qualquer situação.
- 102) Com certeza. A Igreja esquece que os seus pastores são pessoas humanas com as mesmas necessidades de todos os demais mortais. O pastor precisa tempo de qualidade para com sua família, tempo para meditação no Evangelho, tempo para aprofundar o seu relacionamento com os filhos, principalmente os jovens e netos.
- 103) Não sei.
- 104) Acredito que em parte, não havendo cobrança exagerada e com muita distância da teologia da graça como cremos e confessamos, pois estamos nos referindo aqui ao pastor e

suas atribuições como tal, e assim, as qualificações do pastor como para antes, também para hoje. Apenas precisamos saber que pastor ideal, somente o bom pastor, Jesus. E que por falta desta compreensão, aí sim, as cobranças exageradas por parte de alguns líderes da igreja e congregações, fazendo sofrer e levando ao abandono de tal ofício. Também acredito na desvalorização crescente da pessoa do pastor, principalmente nos grandes centros.

- 105) Talvez. Contudo, acredito que isso aconteça por causa dos frequentes escândalos que tem sido mostrados, envolvendo pastores nos dias atuais e em diversas denominações.
- 106) Sim. Pregamos a graça ou a justificação pela fé, mas ao se praticar com irmãos ou membros que cometem erros, há ainda uma distância a ser percorrida para aí se colocar a graça que se professa.
- 107) Acredito que de certa forma sim. Quando o pastor não apresenta nenhum problema está tranquilo, à medida que demonstra alguma fraqueza ao invés de ser ajudado jogam-se pedras pelos membros, colegas e a diretoria nacional. Não temos um tratamento pastoral entre nós pastores. A igreja parece por vezes somente querer pastores bons ... no sentido que cumpram as regrinhas impostas e pronto. A medida que se questiona algo ou apresenta alguma fragilidade começa a ser olhado de ladinho por todos. Parece-me que ninguém quer se incomodar mais com absolutamente nada.
- 108) Acredito que sim, diante de uma idealização muitos pastores se vestem de uma imagem de pura santidade, se distanciando dos congregados, e muitas vezes se tornando puritanos, devido a cobrança sobre eles imposta. Precisamos de mais Graça!
- 109) Em parte, sim. Porque o peso maior sempre cairá sobre a figura do pastor em termos de resultado na missão sem "perceber" o todo num sentido mais amplo. Creio que na prática deve-se deixar mais de fato nas mãos de um Deus de amor e misericórdia.
- 110) Sim. Dentro de nossa igreja temos uma grande dificuldade na aplicação da maravilhosa teologia da graça. Falamos, escutamos e lidamos constantemente com Lei e Evangelho e, ainda assim, fazemos ainda tão pouco uso desta doutrina tão consoladora. Começo por mim mesmo. Sendo pastor, muitas vezes me pego aplicando cobranças sobre humanas a mim mesmo. Por que não fiz mais visitas? Por que não consegui fazer um estudo melhor? Por que não consegui escrever todo o sermão? Este é um assunto delicado por haver uma linha tênue entre a cobrança desmesurada e o desleixo assumido. Na primeira opção acabamos numa correria sem fim. Na segunda opção, abandonamos as preocupações pertinentes ao ministério. Seguindo neste pensamento, existe uma forte pressão por parte das comunidades cristãs com a intenção de que o pastor atenda às expectativas. Não são raras as cobranças por uma espiritualidade mais elevada do pastor. Por vezes, não fazer uma visita é entendido como indiferença do pastor por uma pessoa, mesmo que o pastor tenha tido toda a semana ocupada. E se a pessoa disser isso para o pastor, algo o fará acreditar que ela tem razão, mesmo que o pastor demonstre discordância.
- 111) Sim e Não! Depende de quem vem a cobrança. Sem vem dos que gostam ou dos que não gostam do pastor.
- 112) Sim. Me parece que a igreja coloca sobre o pastor o peso de não poder errar. E, em

- muitas situações vejo algumas falhas que poderiam ser perdoadas e manifestado a misericórdia de Deus como é feito a todo ser humano, mas por ser pastor é tomado como pecado imperdoável, pelo menos no sentido de continuar a exercer o ministério.
- 113) Quando há arrependimento é natural que haja acolhimento e retorno. Temos dificuldades em administrar a disciplina eclesial tanto internamente nas congregações quanto na estrutura da igreja. Penso que deveríamos, alguns casos, ser mais duros (impenitência) e, em outros, mais evangélicos.
- 114) Não. A graça é fundamental para a fé cristã e para a vida do pastor. Esta cobrança pode estar muito na mente do pastor e não tanto na da igreja.
- 115) Não. Conforme os ensinamentos de Jesus, os textos bíblicos de Tito 1.6-9 e 1 Timóteo 3.1-7 e a teologia da graça, todos os cristãos são orientados para terem uma vida santificada e consagrada a Deus. O pastor antes de ser pastor é cristão. Mas se esperar do pastor um modelo e exemplo, e que ele tenha uma vida coerente em relação ao que ele crê e ensina. O pastor é pecador e vai errar, por isso é fundamental o exercício do perdão em sua família e com seus irmãos na fé, tendo a fonte na graça de Deus revelada em Cristo.
- 116) Não. Segundo a Bíblia, realmente o pastor deve ser irrepreensível, assim como cada cristão deve buscar ser irrepreensível. "Sede santos porque eu sou santo". No entanto a vida do pastor deve ser de entendimento da graça e perdão de Deus. Você sabe que é falho, sabe que é difícil alcançar o padrão apostólico de Paulo, mas a pregação do perdão de Deus, parte justamente de você sentir e viver este perdão. A lei de Deus atinge o pastor, denuncia, aponta suas falhas e mostra que não ele não é o super-herói que a igreja precisa; mas a graça de Deus, o limpa da culpa, e do sentimento de fracasso, e a partir disso a busca pela qualidade recomeça. A vida a pregação, a imagem pública do pastor deve ser um reflexo disso. E a atual forma da igreja, possibilita isso, pois não pode deixar de haver a lei de Deus, o que Deus espera da igreja e dos pastores e muitas vezes consequências de pecados públicos; como não vai deixar de haver o perdão, que vem da vivência do pastor e da família pastoral com Cristo, e o que ele ensina para suas congregações. O pastor só é pastor ao viver lei e do evangelho, e a partir daí dar testemunho disso.
- 117) Sim! Vejo que há na IELB uma cobrança por resultados e, sempre recai sobre o pastor. São poucos os membros que se comprometem a dedicar o melhor do tempo, dons e bens para o trabalho no reino de Deus. Muitos membros preferem criticar, apontar as falhas, ou dizem ao pastor como o trabalho deveria ser feito, mas eles não fazem. São cristãos só dentro da igreja, mas fora dela se acham incapazes de liderar um estudo bíblico ou ir convidar a ovelha afastada para vir a Cristo. Isto é tarefa do pastor. Estamos, ainda, longe do propósito de Cristo onde pastor e membros trabalham em parceria, desenvolvendo o ministério sacerdotal que envolve a todos na igreja.
- 118) Em parte. As vezes cobra-se muito do pastor, mas é preciso lembrar que o pastor é um ser humano como qualquer outro e está sujeito a cometer erros.
- 119) Acho que não.
- 120) Se há, é em razão da falta de clareza entre teologia da graça e aptidão para o exercício do ministério. A teologia da graça não anula as exigências da aptidão para o exercício do ministério, nem as qualificações para ele exigidas. Mas, não esqueçamos, a teologia da

graça nos traz o consolo do abraço perdoador de Deus para nossas fraquezas, deslizes e pecados no exercício do ministério, lembrando que o pastor, antes de ser pastor, é alguém que vive em meio à tensão de santo e pecador ao mesmo tempo.

- 121) De forma bem sucinta e direta, concordo que há exigências em cima de alguns pastores, mas tenho exemplos onde o pastor também busca quase negar seu ofício pastoral com a sua forma de vida. Há situações em que a cobrança se torna necessário porque a postura se distancia do conceito bíblico do pastorado. A graça nos coloca em condições espirituais a produzir os frutos que o Espírito, pois não são nossos, são do Espírito. E estando o Espírito em nós, os frutos são óbvios. Poderia dizer muito mais, mas acho que este parágrafo dá a direção do pensamento.
- 122) Depende da realidade de cada situação, mas, a teologia da graça não exclui o pastor como uma pessoa que está sendo visada e que foi instruída para servir, se preciso, até mesmo como modelo para os demais conforme 1 Timóteo 3.
- 123) Acredito que as pessoas esperam no pastor um super-herói e, por vezes os pastores caem na cilada de tentar assumir esse papel. Acredito ainda que parte dessa visão dos membros aos pastores está amplamente atravessada pelo discurso do pastor que tenta transmitir uma imagem idealizada de bom marido, pai exemplar e cidadão moralmente irrepreensível. Não descarto a teologia, doutrina, liturgia de ordenação/instalação, texto bíblico ou expectativa dos membros ou sociedade, mas temos que lembrar que quem prega a doutrina e tem a responsabilidade pelo ensino cristão é o pastor chamado pela congregação.
- 124) Creio que os pastores, ao pregarem e ensinarem sobre a Graça, precisam se colocar como alvo da mesma, é difícil ser um ideal para os outros e ser cobrado por isso, mas é mais difícil ser um ideal para si mesmo, e não assumir suas fraquezas, dores e pecados...! - Nem sempre a cobrança desse ideal vem dos membros da Igreja...em muitos casos falta a maturidade e a coragem de lidar com as suas limitações...uma autoestima frágil leva muitos a ignorarem essas limitações e a serem legalistas com eles mesmos e com os outros...!
- 125) Pelo contrário. Vejo que o descompromisso da vida, da atividade, do fiel, do ministério pastoral estão muito latentes nos dias atuais, sem cobrança de quem quer que seja. A liberdade, a leviandade, a falta de amor, a exemplo do Bom Pastor, estão deixando muitas agendas pastorais em branco! Há um "buraco negro" perigoso e altamente prejudicial entre a Formação Teológica da IELB e o Campo Prático do Ministério Pastoral. Infelizmente, a boa estrutura orgânica da Igreja não cobre esta lacuna.
- 126) Há sim o distanciamento da teologia da Graça e a cobrança sobre o pastorado. Pregamos uma igreja que sai, que vai para o mundo ser sal e luz. Mas onde é que mora a maioria dos pastores? Na "igreja". Assim como é para as pessoas um momento especial e de reverência estar na igreja; assim também está cunhado no subconsciente do pastor e de sua família. A diferença é que ele passa 24h dentro do "terreno santo".
- 127) Em alguns casos, sim. Mas há uma tendência de renovação na compreensão das fraquezas e complexidade de vida do pastor, sobretudo nos centros urbanos ou em locais onde a formação cultural dos membros é maior.

- 128) Sim. Por se espera que o pastor seja o faz tudo, e isto as vezes é uma carga muito pesada.
- 129) Talvez. O fato é que a teologia da graça atinge todas as pessoas, os pastores não estão fora da graça. Quanto às exigências, ideologias e cobranças, vejo que fazem parte e muitas vezes causam desconfortos, mas precisam ser superadas, até por ser portador da graça. (E qual trabalho/ministério não sofre pressão ou cobrança?). A cobrança, na verdade, pode dificultar a execução de projetos, pois quando não aparecem resultados as pessoas costumam ficar apreensivas. Contudo, com relação ao trabalho pastoral, é muito difícil fazer uma avaliação de resultados, realização, frutos. A graça de Deus é que conforta e consola, pois nós plantamos, mas a colheita é dele!
- 130) Eu acredito que sim. Talvez a falha às vezes esteja no próprio pastor, quanto à correta compreensão da teologia da graça. Ao fazer a aplicação correta a si mesmo e às outras pessoas, tendo consciência de que é uma pessoa com falhas e limitações, talvez ele possa diminuir essa distância e não ter tanta dificuldade diante de uma cobrança mais exagerada. Tendo humildade e uma correta postura pastoral, o pastor certamente se sentirá melhor e também poderá compreender melhor aqueles que estão aos seus cuidados.
- 131) Talvez. Compreendo a preocupação da Igreja com escândalos, manchas e outras coisas que prejudicam o trabalho e a imagem da igreja. Mas já vi casos de exagero e injustiças sendo praticados. Também sei de omissões em algumas trata tiras. Mas compreendo a preocupação da Igreja.
- 132) ACREDITO QUE SIM! NO AFÃ DE ENTUSIASMAR OS TEOLOGANDOS p/ O EXERCÍCIO DO MINISTÉRIO OS PROFS. TENDEM A ESTA IDEALIZAÇÃO. O JOVEM PASTOR ENFRENTA REALIDADES QUE SE CONTRAPÕE A ESTA VISÃO IDEALIZADA E PODE FALHAR EM APLICAR A GRAÇA A SI MESMO. AQUI ESTÁ A MAIOR APLICAÇÃO QUE O PASTOR PODE/DEVE FAZER DA DISTINÇÃO DE LEI EVANGELHO EM SEU MINISTÉRIO: A SI MESMO! ISSO O TORNARÁ CADA VEZ MAIS CAPAZ DE APLICÁ-LA A SEUS COLEGAS (infelizmente vi pouco disso no ministério: tive dificuldade em achar e nunca fui procurado), E AOS MEMBROS.
- 133) Sim. Embora a Bíblia aponta a figura do pastor como 'modelo', alguém apto para ensinar, sóbrio, hospitaleiro, boa conduta, irrepreensível etc, ele também tem suas limitações e fragilidades. Isso, entretanto, não é visto como tal. 'Ele é uma pessoa que nunca deve errar, cair' isso é o que muitas vezes acontece.
- 134) Sim, em grande parte, porque a quase "infallibilidade pastoral" geralmente impede o pastor de se ser agraciado por parte dos membros com a mesma graça que anuncia. Por outro lado, apesar de certo rigor, tenho recebido compreensão para com minhas falhas e de colegas aonde atuo. Creio que varie muito de realidade para realidade. Creio que o rigor (no sentido legalista) imposto aos congregados, pode e certamente reverterá contra o pastor, nas suas falhas. Se há uma idealização do ministério, eu tento ser gente, apesar do ministério, das imposições e das angustias provocadas por essas situações. Por outro lado, não engano, nem me engano, quanto as minhas limitações. Essa discussão é extremamente relevante.

- 135) Penso que não está havendo distanciamento, pois na IELB não há cobrança exagerada. Pelo contrário, em alguns casos deveria haver mais firmeza no trato com questões que envolvem má conduta de quem exerce o ministério.
- 136) Talvez. Muitas vezes a cobrança maior é do próprio pastor diante de si mesmo e não de meios externos como Congregação e lideranças. Ainda é importante que a IELB muitas vezes só "lembra" do pastor quando este se "torna um problema", enquanto que ao fazer o trabalho com dedicação ele fica esquecido!
- 137) Temo que a avaliação que o pastor "sofre" por parte de sua congregação, seus colegas e da sociedade em que está inserido é alterada por ênfases da gestão vocacional através dos tempos. Ultimamente, os pastores, seus valores e êxitos, tem sido comparados e medidos muito por critérios de executivos de empresa, empresários e investidores. Exigem-se estes atributos, sem - no entanto - compensar os pastores quer em honra, quer em emolumentos. Confesso, de outra forma, que o currículo e o histórico de cada ministério (pastorado) está intensamente impregnado e conduzido pelo Senhor dos Exércitos e Pai de toda Misericórdia (Der Mensch denkt, Gott lenkt).
- 138) No ambiente rural e/ou urbana de origem rural, levando em conta a origem teuto-russa e pietista de muitas famílias, olha-se o pastor e família, bem como líderes (diretoria) da igreja com necessidade de vida muito regrada, com menor livre arbítrio sobre a conduta pessoal. A ênfase na teologia da graça divina, aos poucos, quebra esse paradigma, levando em conta a ênfase colocada no amor de Deus em Cristo junto aos confirmandos.
- 139) A cobrança exagerada de quem exerce o pastorado pode muito bem-estar relacionada com o esfriamento espiritual de várias comunidades; o qual é decorrente do pouco conhecimento doutrinário bíblico, o acúmulo de múltiplas tarefas sob a responsabilidade do pastor e a inevitável comparação com os pastores evangélicos que fazem shows em suas igrejas e conseguem arrecadar grandes somas de ofertas.
- 140) Não sei se a distância é por causa desta cobrança. O que se percebe é que na teoria a graça é pregada e também na teoria ela produz frutos nos membros. No final, a falta de compromisso das pessoas com a igreja faz com que tudo recaia sobre o pastor, e por isso a cobrança sobre ele é extremamente chata...
- 141) Sim, Espera-se que o pastor não tenha defeito, seja perfeito, e transmita uma "teologia antropológica da graça", ou seja, pela sua maneira de viver, agir, pensar e falar ele transmita um caminho a se alcançar a graça de Deus aos seus fiéis, sendo que "graça", nesse contexto, é algo a se alcançar imitando o pastor. Se esquece que o pastor também é pecador e necessitado da graça de Deus, e o transformam no portador da graça.
- 142) Pessoalmente, não tenho sentido isso da liderança da IELB, mas tenho a impressão de que alguns colegas têm tido dificuldades neste sentido. O que tenho sentido é que alguns membros da liderança da congregação têm essa dificuldade em relação aos pastores (trabalho com mais colegas na mesma congregação).
- 143) Sim, a distância existe!! É preciso estudar e atualizar (bíblicamente) temas como Igreja, ministério, chamado, leigos, administração, unidade e liberdade da personalidade - Estamos no séc. 21; precisamos pregar a Bíblia hoje.

ANEXO 5 – RESPOSTAS DA QUESTÃO ABERTA Nº 48

Pergunta não obrigatória. O questionário podia ser enviado sem que o sujeito respondesse a essa questão. Houve 116 sujeitos que responderam a ela, perfazendo 52% da amostra total. Para uma melhor leitura foram feitas algumas correções ortográficas e de concordância, sem qualquer alteração no teor das afirmativas. As pontuações foram preservadas tal e qual o original. Excluí qualquer identificação de nomes em função do contrato de confidencialidade, visto que alguns assinaram após o comentário.

48. Que aspecto, item, tópico ou sugestão você acrescentaria à presente pesquisa? Há algum aspecto que você gostaria de destacar?

- 1) Tenho a impressão que o próprio termo "pastor" é pejorativo atualmente. Traz a imagem, principalmente, de pessoa que explora os outros, que age levemente com a verdadeira espiritualidade cristã. Isso tem causado um grande desgaste na vida daqueles pastores que buscam desempenhar a função pastoral com seriedade e integridade.
- 2) Há dois votos que costumo fazer a colegas pastores: Que seja útil (isso beneficia a Igreja de Cristo). Que se sintam úteis (isso consola a si mesmo).
- 3) A pessoa da esposa do pastor normalmente é foco de tensões quanto ao ministério e as exigências sobre a família pastoral. Existe um modelo bem consolidado, que é assumido por muitas esposas e que, se por um lado lhes traz status e reconhecimento, por outro, enche de angústias quanto à sua vida como mulher, sua independência em relação ao marido e a seu trabalho e suas fraquezas ou desejos pessoais.
- 4) Apesar de sentir esta questão da imagem do pastor, sua cobrança para com os membros e procuro observá-la, coloco-me sempre na condição de pecador. Tanto diante de Deus, como diante da congregação. Isto alivia a culpa diante dos erros.
- 5) Acredito que a Igreja deveria valorizar mais seus pastores e oferecer momentos de integração e socialização entre eles. Oferecer gratuitamente aos pastores, cursos de aperfeiçoamento, pelo menos uma vez por ano, com carga horária mínima de 20 horas. Uma Igreja que não cuida e valoriza seus pastores não irá crescer nunca!
- 6) Um exemplo do que minha esposa sente atualmente: normalmente as mães que levam seus filhos a igreja tem a ajuda do pai, avós, padrinhos ou amigos que auxiliam a cuidar. No caso da família pastoral "itinerante", normalmente a esposa está sozinha, longe dos familiares e também não tem o pai para ajudar, pois durante o culto ele é o pastor ou em outras atividades precisa dar atenção aos outros e a família fica de lado. No nosso caso, esta fase de ter mais do que um filho pequeno sem ninguém para ajudar está prejudicando a frequência e a motivação de ir aos cultos e outras atividades... e por consequência a falação de que a esposa do pastor não leva os filhos a igreja. Eventualmente até alguém se preocupa, mas logo passa o filho para o outro cuidar... ou seja, não está comprometido da mesma forma do que fosse o pai ou familiar. Por isso minha esposa "brinca sério" que os filhos de pastor não têm pai.

- 7) 'Doutorado', hein Thomas!? 'Faca e queijo' na mão... Sempre avante, 'fuchks'!! Deve se recordar do que me ocorreu... Veio a me 'visitar', em Ctba, PR, em casa de seus tios... 01,02/1992... Tempo?? 'Capaiz'... Humpf!!! Próx. 17/11, 23 anos q eu restei 'inativo, inválido, aleijado... e lascado'!!! Formatura: 08/12/1990; desgraça restada: 17/11/1991... Valeu!!
- 8) Faria uma pesquisa com o mesmo tema, e praticamente as mesmas perguntas, com os líderes leigos distritais, ou se possível, com os presidentes de congregações. Seria um contraponto interessante quanto a visão do ministério e a figura pastoral visto pelos olhos do leigo.
- 9) x-x-x
- 10) Muita preocupação, por parte dos administradores das congregações e paróquias, com o material e pouca importância com o espiritual, que é o que realmente deveria se importar. Certas ocasiões os pastores quase que mendigam seu sustento.
- 11) Os pastores não são "educados" a compartilharem suas dificuldades com outros pastores. Creio que por medo, por desconfiança e por uma "rivalidade", uma "disputa" tola. Normalmente desabafam com a família, gerando altos graus de insatisfação. A questão salarial é muito séria, sendo que com as mesmas qualificações, um pastor poderia receber dividendos muito maiores em outra função. O dinheiro não é o principal, mas quando a família passa necessidades por que o pastor não recebe pagamento, ou não recebe o suficiente, é claro que ele vai optar pela família ao ministério. A administração da igreja tem gerado muitas desconfianças nos pastores da IELB, com decisões lentas, insuficientes, e em algumas vezes, obscuras. Isso cansa e desanima. Mas também é gerado, em meu ponto de vista, por uma desconfiança nas pessoas que elegemos para liderar. Por isso é necessário 500 comissões para determinado objetivo, pois "não podemos confiar as decisões a uma pessoa somente"... No meio empresarial, se um funcionário não trabalha direito, ele é demitido. Guardadas as devidas proporções, no ministério pastoral vemos alguns pastores quebrando diversas paróquias, afastando pessoas da fé e não se pode fazer nada a respeito!!! Como conselheiro, eu tenho exercido um papel de aconselhar, visitar, conversar, conhecer as dificuldades, compartilhar a fé... mas sinto uma grande resistência (não somente a mim) e, por outro lado, não tenho com quem conversar sobre estes assuntos. Se me permite, vou assinar minhas respostas: Um grande abraço e desejo que continues desenvolvendo seu trabalho com dedicação e zelo. Ele é muito importante!
- 12) Parece haver um afastamento ou pouca ênfase no Sacerdócio Real (Universal). E como consequência, há uma maior concentração de atenção ou exigência à função (ofício) ministerial em aspectos e responsabilidades que são universais da fé cristã.
- 13) Talvez em um projeto futuro seria interessante "ouvir" os membros em relação as mesmas questões.
- 14) A atual idealização humana de pastor, usa o mesmo critério que JESUS uso para escolher seus discípulos?
- 15) O conceito de idealização me parece que não é positivo na pesquisa. Ideal e

modelo, por vezes, podem ser sinônimos. Senti que, na pesquisa, idealização tem conotação negativa.

- 16) Talvez, caso possível, a inclusão da seguinte questão: você esperaria que seu filho se tornasse pastor e o estimularia a tanto?
- 17) Gostei da objetividade das questões. Pode ter ocorrido alguma resposta sem análise mais profunda. Tentei ser sincero. Talvez em algumas respostas haja alguma contradição. Vejo ainda o trabalho pastoral como elevado serviço aos olhos de Deus, apesar de tantas interferências humanas no chamado pastoral. Vejo que diminuiu bastante na vida da Igreja a capacidade de pensar. Vejo que diminuiu bastante a perseverança para suportar as dificuldades próprias do pastorado contemporâneo.
- 18) Vejo minha Igreja tendo dificuldades em alguns aspectos referentes à necessidade de se colocar a teoria na prática. Somos bem teóricos, nem sempre tão eficientes na práxis.
- 19) Valorizar mais a formação para lidar com as diversas situações requeridas pelo ministério.
- 20) Penso que a IELB deveria dispor de um esquema de maior amparo aos pastores. Talvez conselheiros distritais de tempo integral, ou alguns pastores com formação em Psicologia que pudessem visitar periodicamente os pastores da igreja. Muitos problemas poderiam ser resolvidos antes de causarem sofrimento ou danos familiares.
- 21) O cuidado diário com a vida espiritual pelo estudo da bíblia e pela oração é onde busco em Deus o perdão para meus pecados, alimento para minha fé, orientação e força para exercer minha vocação.
- 22) Não.
- 23) A falta de apoio da Diretoria Nacional sofrida por meu filho na sua vida pastora em uma situação em que foi rejeitado pela Congregação.
- 24) O pastor como simul iustus et peccator.
- 25) Excelentes questões para uma reflexão sobre o ministério e o pastorado.
- 26) Pastores vão ao oculista, ao otorrino, ao dentista, ao cardiologista... mas não procuram por psicólogos. Deveriam fazê-lo, inclusive como forma de prevenir sofrimentos de ordem psíquica que interferem no exercício do ministério.
- 27) Na questão 21 questiono o termo "emoções negativas" talvez as reações que vem dessas emoções e a maturidade para lidar com isso...? Na questão 23 a vida social de um pastor ou de um cristão não deveria ser atingida...vivemos a nossa fé, tem lugares pessoas e situações que não vamos viver por estarmos em outros meios...! Na questão 44, perguntaria na IELB? Ou é um ensinamento bíblico?
- 28) Eu gostaria de destacar o sofrimento da minha família. Me sinto realizado no ministério, faço o que gosto, porque gosto. Mas a minha família se queixa frequentemente da minha ausência e impossibilidade de se planejar, já que o pastor, além de trabalhar em carga horária pesada, ainda trabalha "na base do plantão" (tem que atender a quem quer que seja no horário que a pessoa chega na igreja, sob pena de ser considerado antipático), não tem finais de semana, trabalha durante a noite ao longo da semana, costuma estar envolvido em todos os eventos da congregação desde que o

primeiro chega até que o ultimo sai, não tem a opção de não participar de algum evento, etc...

- 29) Simplesmente parabenizar pela iniciativa e trabalho. Muito pertinente! Pode ser o começo para uma reflexão ainda maior com ondas que possam atingir aos membros da congregação. Em nosso último conselho distrital em Campo Grande a respeito de uma moção sobre a elevação de um salário pastoral os pastores comentaram que não era este tipo de valorização que buscavam, mas que os membros se colocassem ao lado de seus pastores no ministério.
- 30) A apropriada compreensão do ministério pastoral ajudaria e não um "faz-tudo" daria um equilíbrio maior na relação do chamado divino e do chamado com aspectos humanos no desempenho do chamado ao ministério. Como equilibrar as exigências da fidelidade à Palavra de Deus ao servir outros e o chamado imediato na relação familiar poderia ser uma pergunta aberta para ser pesquisada.
- 31) Apenas observar a questão 20. A redação/português está correto?
- 32) Cuidado com os cuidadores pode vir a ser um auxiliar para evitar demissões e desistências do ministério. Acho que esta tese poderá ser utilizada para um bom auxílio aos pastores e famílias pastorais.
- 33) Poderia ser abordada a questão da importância da proclamação da palavra na vida do pastor. Poderia ser perguntar se existe entre os pastores ou comunidades a prática da proclamação individual ou pública de perdão para o próprio pastor.
- 34) 1. Destaques: questões 39 e 45 2. Acrescentar: "Ministério Sacerdotal" (Leigos - 1 Pe 2.9; Lc 10.1-21); maior valorização do leigo na missão da Igreja; "parceria efetiva entre Pastor e Leigo" na divulgação do EVANGELHO
- 35) As igrejas históricas, como a Luterana, necessitam uma reformulação na didática missionária mais acentuada e prática a partir dos cursos de teologia e evangelização. Ainda se percebe o distanciamento entre formação teológica na teoria e na prática dentro da própria instituição.
- 36) Talvez o aspecto da necessidade (pouco existente) de auxílio disponível para pastores receberem auxílio de aconselhamento. Isto, antes de mais nada, envolve a disponibilidade de pessoas "empáticas" (e de confiança ?) na vida do pastor (não apenas o Pastor Conselheiro, outros pastores, mas também pessoas leigas).
- 37) Sim. Esposa do pastor. Alguém que se alegra e sofre junto. Agradeçamos a Deus pela esposa que tenho. Abraço, irmão.
- 38) Ao próprio fato de que pastores estão indo para o seminário sem uma vida de fé nas suas igrejas, vão sem ponto de referência bíblica... mas creio que isso é fruto da falta de uma educação continuada... ainda hoje o Catecismo ou melhor, hoje o catecismo não mais é um agente que reforça o confirmando, mas tenho visto que é usado para apenas poder tomar a S. Ceia, o que é errado, deve ser aplicado o Catecismo de maneira a formar um aluno(jovem/ cristão) com capacidade de argumentação na sociedade onde está inserido, e assim dar bom testemunho da Salvação pela graça...
- 39) Nós pastores carecemos do mesmo perdão que pregamos, o mesmo perdão que me

leva amar meus membros; para isso carecemos do contato de gente com gente, de pastor com pastor.

- 40) O aspecto financeiro da vida ministerial também pode acarretar problemas na vida de uma família pastoral. Na média dos membros, aparentemente um salário alto, mas para colocar uma vida confortável e segura a longo prazo (comprar casa, manter um plano de saúde e seguridade em dia...) para a família, nem sempre possível - essa tensão gera muitos conflitos entre pastores e congregações e entre pastores e sua família (esposa e filhos especialmente, que veem seu marido/pai, 'ralar' no ministério e não ter como, apesar de tudo, receber e conseqüentemente, oferecer alguma vantagem material).
- 41) Muitas das perguntas podem ser direcionadas e outras podem ser situacionais, porém, as perguntas foram bem formuladas para conhecer a realidade pastoral em si. Acredito que um dos problemas de perguntas sobre pressão no ministério, ego e felicidade podem variar muito de acordo com o momento vivido por aquele que responde. Uma dificuldade hoje pode me desanimar, mas uma vitória amanhã pode mudar a minha inspiração para o ministério mesmo que em ambas as situações o pastor possa buscar conforto e proteção em Deus. Acrescentaria uma questão hipotética: "Em caso de uma perda familiar (luto) você se sentiria menos capaz ou motivado para o exercício do ministério pastoral?" Novamente a resposta varia de acordo com a personalidade de quem responde, sua situação atual e a pessoa a perder, contudo, isso poderia fazer-nos refletir sobre este tema.
- 42) Ainda o item 32. Sugiro à IELB colocar à disposição dos pastores/ professores (que sofrem com stress, depressões...) de um profissional capacitado, de preferência, cristão luterano, com o qual eles possam se desabafar e encontrar uma saída (cura) de seus sofrimentos. Depois de uma consulta pessoal, o acompanhamento poderia ser feito pela internet. É apenas uma simples sugestão, porém que é necessária e urgente.
- 43) Poderia ser sondado sobre a carga horária do pastor; além disso, sobre o envolvimento nos três turnos, sem conseguir desligar do trabalho (ou seja, não consegue desligar a bateria, nem ter vida familiar de qualidade); sobre a pressão em se envolver em tudo e ter que ser um líder em todas as áreas (stress puro), um super-homem, (o melhor aconselhador, o melhor, líder, o melhor pregador, o melhor visitador, ...). Enfim, Abraço e bênçãos de Deus para a tua tese. A IELB precisa urgentemente repensar seu modelo pastoral. Embora o problema não esteja acontecendo só na IELB, ele tem peculiaridades no nosso meio.
- 44) E a família??? A esposa, os filhos, genros, noras também precisam opinar!!!!!!!!!!!!!!
- 45) Apenas um comentário: por serem questões de pesquisa bem específicas, me surgiram alguns pontos que poderiam abranger a "minha opinião" sobre a pesquisa. Algumas questões mostraram o quanto os pastores necessitam da graça divina. Isso é algo que confio, mas não é possível expressar isso nas respostas acima. De qualquer forma, foi muito reflexivo para mim. Obrigado!
- 46) Penso que você poderia ter abordado também questões financeiras concernentes a

vida ministerial.

- 47) A supervalorização da formação acadêmica, por vezes, tem contribuído para a idealização do ministério pastoral e para a desumanização da figura do pastor.
- 48) Você se sente à vontade para falar de seus problemas com um colega pastor ou um líder da comunidade?
- 49) É NECESSÁRIO QUE NÓS LÍDERES DA IGREJA SEJAMOS MAIS TRANSPARENTES ENTRE NÓS E COM NOSSOS PAROQUIANOS. A HIPOCRISIA DE ALGUNS É UM PÉSSIMO ASPECTO PARA O TESTEMUNHO CRISTÃO. AGRADEÇO SEMPRE A DEUS, POR TODOS OS QUE DE UMA OU DE OUTRA FORMA, SERVIRAM DE EXEMPLO E, ATÉ DE REPREENSÃO PARA COMIGO.
- 50) No meu caso faltou a opção: ministério de tempo parcial.
- 51) Nestes 24 anos de pastorado foram muitas as alegrias, bênçãos, aprendizado com o povo de Deus, e sou grato a Deus por isso. Nas três Paróquias que trabalhei até hoje o Ministério Pastoral foi valorizado, não posso me queixar, recebi apoio das lideranças em todos os sentidos, pessoal, familiar e financeiro. Recebi diversas homenagens em datas especiais... Muitas vezes o pastor procura uma boa Paróquia para trabalhar. Mas, o que é um bom lugar para trabalhar? Em todas as paróquias há coisas boas e ruins. Bênçãos, desafios, dificuldades. Acredito que, com a graça de Deus, o pastor, em parceria com a Comunidade, fazem o lugar ser bom para trabalhar. Considero, ainda, importante o pastor ter o seu passatempo, um hobby, e se desligar dos afazeres. Eu pratico esporte, caminhadas... e os membros até dão apoio porque sabem da importância da saúde física, mental e espiritual, diante das exigências do Ministério Pastoral. É isso, um abraço e abençoado trabalho!
- 52) Creio que está crescente a desvalorização pastoral por nós mesmos (pastores). O fato de sermos humanos pecadores não deve servir de desculpa para vivermos sem esforços a uma vida santificada. Me parece que os pastores estão querendo "se fazer de vítimas" em muitas situações, embora em algumas realmente seja, mas isso está fazendo com que muitos de nós deixemos de nos esforçar para o ministério, querendo que a comunidade e a IELB nos trate como reis mimados. Não tenho o ministério como um peso ou obrigação. Trabalho feliz e creio que, dentro de meus limites, faço o que preciso. Contudo a ideia de abandonar o ministério não é um peso para mim. O ministério é uma opção e não falta de opção. Por questões familiares (cuidar de pai e mãe entrando na velhice) provavelmente pedirei demissão em alguns anos, ou tentarei assumir um chamado parcial perto da casa de meus pais, e isso não me pesa na consciência. Já estou me preparando para isso, com outras opções de cursos e profissão.
- 53) Acredito que os próprios pastores, entre eles, não se valorizam. Na IELB, por exemplo, pastores convidados a falar ou a palestrar são sempre os mesmos, uma parcela muito pequena do efetivo. E existem muitos bons pastores, que poderiam agir mais, falar mais, estudar mais, tendo uma presença pastoral e uma valorização maior.
- 54) Se o pastor viver em coerência com suas pregações, então, conseqüentemente, sua

- 65) Creio que o quanto mais, nós pastores, fugirmos da autopiedade, do pousar como vítima, aplicando o poder transformador da Palavra de Deus as nossas vidas, e então estendendo, este poder as pessoas que nos cercam, família e congregados, mais conseguiremos viver um ministério pastoral feliz. Como só fui estudar no Seminário aos 27 anos e me formei aos 33 anos, para mim uma das grades dificuldades que precisei trabalhar, foi a administração do tempo. Pois antes no que trabalhava, cumpria um horário x, agora no ministério, tinha-se atividades a realizar, manhã, tarde e noite, não conseguia me sentir livre, nos horários livres, parecia que sempre precisava empreender algo relacionado ao ministério, e assim, diferente da minha vida antes do ministério pastoral, agora me via sob constante pressão, e estressado via que a minha diplomacia no tratar com a família e congregados, ficava bastante comprometida. Trabalhar sob pressão, em si não é o problema, mas viver constantemente sentindo se pressionado, nos torna ásperos, queixosos e irritativos. Por isso, penso que: administrar o tempo de forma adequada no ministério pastoral, trabalho, vida familiar, descanso, quando nos sentimos sempre à serviço, é essencial para a felicidade do pastor, família e a própria congregação.
- 66) Penso que seria desejável que neste seu trabalho, muito oportuno, um capítulo fosse dedicado à apreciação da liderança nacional que avalia e julga o ministério pastoral e os pastores, o presidente nacional, a diretoria e as comissões afins. Eles, apesar de ser fato que existem e tem surgido muitos problemas na vida pessoal e no ministério de pastores, eles têm tratado disso de forma notoriamente de forma legalista e não evangélica que condiz com a Teologia da Graça.
- 67) Parabéns boas questões. Acredito que a questão da "resiliência" peculiar a cada um deveria ser analisada, respeitada e tratada para haver ainda mais prazer e alegria em trabalhar com pessoas que precisam de cuidados especiais. Todos precisamos mais colo, amor e valorização. Um forte abraço querido colega, amigo e Bênçãos de Deus em tudo!
- 68) CONSIDERO O QUESTIONÁRIO DE BOA AMPLITUDE E PROFUNDIDADE. RESPONDI VÁRIAS QUESTÕES CONCORDANDO PARCIALMENTE, POIS, EVIDENTEMENTE, CONCORDAR TOTALMENTE CONFIGURARIA ESTAR IDEALIZANDO O MINISTÉRIO!!
- 69) Eu acrescentaria algo relacionado à postura pastoral. É preciso ter a consciência de que ninguém é mais valioso do que ninguém, especialmente o pastor em relação ao seu rebanho e à sociedade em que atua. Trabalho pastoral e vida pastoral têm como premissas honestidade nas atitudes e nas palavras, um agir correto e uma apresentação como tal. Pregar o Evangelho, tendo como premissa o modelo de Jesus, exige atitudes de acordo para que possa surtir efeito na vida de quem ouve e procura seguir tal paradigma.
- 70) A Questão dos dons. (Música, etc.)
- 71) Quanto a vida emocional dos pastores! Muitas cargas a serem carregadas! Seu relacionamento com a Igreja e/ou colegas.
- 72) A pesquisa está bem estruturada. Apenas gostaria de lembrar uma citação do Dr.

D. A. Carson em seu livro "A Cruz e o Ministério Cristão". Ele diz na página 120: "Aqueles de nós que desejam ser líderes nas igrejas hoje tem de começar pelo reconhecimento de que não há nenhuma qualificação especial, elitista. Essa observação está em completa harmonia com as listas de qualificações para a liderança apresentadas em outras passagens do Novo Testamento. Por exemplo, quando Paulo delineou em 1 Timóteo 3.1-7 as qualificações para um presbítero ('bispo'), a característica mais admirável daquela lista é que ela não contém nada extraordinário. [...] Quase tudo na lista se encontra também em outras passagens do Novo Testamento que expõem qualidades requeridas de todos os cristãos..." E na página seguinte ele conclui: "...a liderança cristã exige uma focalização nas qualidades e virtudes que devem estar presentes em todos os cristãos, em todos os lugares. Isso é o que torna possível os líderes cristãos servirem como modelos e ensinadores na igreja de Deus."

- 73) Destaco um ponto positivo como reconhecimento do trabalho pastoral, a questão da subsistência pastoral, onde muitas comunidades e a própria direção da IELB estão empenhados na melhoria salarial e assistência médica ao Pastor e sua família.
- 74) É louvável a pesquisa e o estudo. Teremos elementos interessantes para trabalhar com o grupo de pastores, para que realmente tenhamos pastores luteranos, ou seja, pessoas que vivem e conhecem o evangelho do perdão e da graça imerecida de Deus. Grande abraço colega. Vai que é tua! eheheh!
- 75) Talvez algo sobre o pecado. Imagino que ainda não entendemos bem o que isso significa. Ainda não está claro, especialmente para muitas pessoas, o aspecto do pecado na vida do ser humano. Está presente em todos nós. Somente pela graça de Deus é que somos perdoados. Diante de todas as fraquezas, limitações, cobranças, será que realmente entendemos o que significa o pecado? Quando a Palavra de Deus diz que não existe nenhum justo sequer, vale para todos, também aos pastores. Paulo escreve aos romanos que o bem que gostaria de fazer não faz, mas o mal que não gostaria de fazer, isso ele faz. Essa é a nossa realidade. Todos estamos no mesmo barco. Neste barco batemos de um lado para outro, e se não batemos é por pura graça e misericórdia de Deus que se renova a cada manhã. Essa é a forma como nós pastores vemos. Mas para os membros, isso ainda não está claro. É difícil para eles entenderem essa realidade presente na vida de todos nós - pecadores. Assim, queremos construir um ministério idealizado. Jamais vamos conseguir isso. Mas Deus nos assegura de que não estamos sozinhos. Ele está conosco. Nossa suficiência vem de Deus, diz Paulo. Nossas confissões enfatizam muito bem a realidade do pecado na vida do ser humano. O diabo, está aí solto, como um leão que ruge pronto para atacar, devorar. Especialmente ele vai atacar aqueles que são os mensageiros de Deus, usando o próprio povo de Deus. A Bíblia diz isso, e se ela diz, é verdadeiro. Acredito que poderia ser enfatizado essa questão também - pecado. Não é chover no molhado falar isso, mas destacar aquilo que a Bíblia traz em todos os textos - um ser humano frágil que necessita dos cuidados e amor de Deus todos os dias, por mais que ele que pregue, conheça e aconselhe outros. Que Deus o abençoe em sua tese.
- 76) Muito oportuna esta reflexão. Bênçãos de Deus neste trabalho!

- 77) Talvez a questão da importância de manter uma comunhão íntima com Deus, confissão e perdão.
- 78) Parabéns pelo trabalho. Tenho dito que a igreja precisa de novos "Reformadores"... o perigo é a excomunhão! A preocupação da igreja em manter-se nas práticas formais que a caracterizam tem feito com que ela perca a sua sensibilidade causando o afastamento das pessoas. Nunca podemos generalizar, mas arrisco a dizer que muitos dos nossos cultos voltaram a ser praticados em latim.
- 79) Tentar incluir na pesquisa os pastores que estão em licença.
- 80) Na pergunta 5 poderia delimitar um texto bíblico como exemplo. O tema é extremamente importante diante de tantos pastores que tem desistido do ministério ou mudado de congregação em tão pouco tempo de ministério. Seria interessante fazer um outro tipo de questionário para as bases, os congregados, os membros da igreja luterana. Seria importante e reflexivo fazer uma avaliação com os luteranos de como eles veem o seu pastor... Qual é a função do seu pastor... Existe alguma função do membro luterano... Acredito que acharíamos o contra ponto para estas perguntas feitas neste questionário. Quem sabe para uma próxima?
- 81) Agradeço a oportunidade de participar. Pode estar fora do foco da pesquisa, mas o alimento espiritual na vida do pastor é fundamental. A devoção em família é fundamental, necessária e esperada por Deus. Mas infelizmente há famílias pastorais onde a piedade cristã e a busca da direção de Deus ficam relegadas ao segundo plano. Lutero certamente orava e refletia sobre as promessas de Deus para a sua vida, e as aplicava à sua vida. Que Deus abençoe a pesquisa, os resultados e todo o ministério pastoral na IELB
- 82) Há uma lacuna a ser preenchida. Quanto à educação cristã, temos um grave problema. É só lembrarmos da palavra de Lutero colocadas logo abaixo do título de cada parte principal do Catecismo Menor: Como o chefe de família deve ensiná-lo..." A maioria dos pais não faz nada disso, e então se espera que tudo seja resolvido pelo pastor na instrução de confirmandos. Quando se trata de preparo ao ministério público da Palavra, temos algo semelhante: as comunidades em geral depositam quase toda a agenda de capacitação "aos pés do Seminário". Sem dúvida: o Seminário tem a sua parte a cumprir, mas as igrejas deixam a desejar...! E o problema já começa na família cristã, onde muitas vezes percebe-se um jejum regular no uso da Palavra de Deus. A coisa vai aos "trancos e barrancos". Temos ainda outro problema: o marxismo cultural a moldar a mentalidade rasteira da nossa educação escolar. O nosso conhecimento pessoal de filosofia normalmente é um desastre. E se alguém estuda alguma coisa a mais (nada fora do comum), logo é visto como um possível "salvador da pátria" pastoral.
- 83) Posso tranquilamente dizer que amo muito ser pastor. Tenho tristezas, frustrações, mas encaro eles como forma de crescimento, avanço no conhecimento, pois nesses momentos tenho crescido muito. Mas posso dizer também que as alegrias e bênçãos no ministério são muito maiores. Mas, acho eu, que falta ainda maior ênfase nas responsabilidades pastorais, aquilo que de fato, efetivamente é o papel do pastor e não

tanto aquilo que ele deveria receber, troca, mas servir como Cristo sempre serviu. Muitas vezes tenho sentido no poder público: "O que eu ganho com isso? Quando ganho? O que vou receber?" E sempre passa batido o que eu preciso fazer, quais são minhas incumbências. Claro, sem negar tudo o que foi dito acima. Também é plenamente verdade. Sempre penso que um dia o pastor ainda vai ser muito mais valorizado. Continuemos nossa missão e Deus dará o devido destino as sementes que semearmos.

- 84) Acharia interessante uma pesquisa sobre uma certa "tipologia" de pastores. Tipos como: legalista, amoroso, sacrificador, papa, administrador, entre outros.
- 85) Não li a sua tese, pastor Thomas, mas a frase: 'Um ministério pastoral menos idealizado e mais humanizado' pode ser mal-entendida. Eu assisti sua palestra. Excelente. Aprendi muito. Fazendo um contraponto. As orientações Bíblicas sobre ministério não são para "idealizar" nem para "humanizar", são para orientar como precisa viver um ministro de Cristo, sempre sob a graça restauradora, renovadora, alentadora de Deus. Como cristãos, corremos para o alvo, para o que já somos pela fé em Cristo. O que nos falta é pregar mais LEI e EVANGELHO para os pastores. O que nos falta é ouvirmos, cremos e confessarmos mais a Palavra Viva de nosso Deus. Obrigado pela oportunidade de reflexão. Deus te abençoe ricamente neste trabalho, ministério e vida. Forte abraço.
- 86) PENSO QUE OS PASTORES ATUALMENTE NÃO SE DEDICAM PRIORITARIAMENTE A MEDITAÇÃO E ORAÇÃO = O QUANTO NECESSITAM PARA O DESEMPENHO DESSA IMPORTANTE REALIZAÇÃO-Tarefa. E ISSO FAZ UMA DIFERENÇA MUITO GRANDE PARA SE MANTEREM FIRMES NO MINISTÉRIO E FORTALECIDOS NA FÉ... TB. CONSOLIDADOS E TRANQUILOS. PRECISAM TOMAR CONSCIENCIA DESSA "CENTRAL ATIVIDADE"... O QUANTO ANTES!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- 87) Vejo dificuldades na compreensão de "pastor idealizado". O "idealizado" do ponto de vista da Lei é um grande problema, porém o "idealizado" do ponto de vista do evangelho uma grande bênção. A figura modelo do "Bom Pastor" é a figura do "Pai misericordioso" do Sl 103. Esse sem dúvida é um modelo fantástico para o ministério gratificante e bem sucedido! Mas isso não diminui a seriedade, nem a angústia vivida, nem as limitações de convivência com a família e sociedade, como por exemplo Lutero também experimentou. A diferença está em o que fazer com os seus problemas e as suas culpas. e para estas encontra consolo em Cristo!
- 88) Com relação ao ponto 8, vejo que poderia haver maior contato entre os colegas. Vejo um grande distanciamento presente. A aproximação entre colegas poderia contribuir muito no compartilhar das alegrias e dificuldades do ministério. Ainda que não houvesse relação com desabafo, encontros sociais entre colegas amigos contribuiria muito para a vida social dos pastores. Conheço lugares que esse tipo de coisa acontece com certa frequência, e já vi lugares que não há nenhum tipo de contato. Mesmo que as distâncias sejam curtas. Já percebi que alguns colegas chamam pastores amigos/conhecidos/colegas de turma para congregações vizinhas. Não sei se este é o

caminho, pois entraria na questão do chamado e sua legitimidade. Mas com certeza trabalhar com ou próximo a colegas oportuniza maior facilidade de partilhar as alegrias e frustrações procedentes do trabalho pastoral. Hoje em dia a maior dificuldade é encontrar alguém em quem você de fato pode confiar e falar tudo, mesmo um colega pastor. Vejo que até mesmo membros encontram estas dificuldades com seus pastores.

- 89) Seria interessante avaliar na IELB nossa doutrina, comparada à prática, quanto à congregacionalidade e à episcopacidade. Parece-me que estamos numa crise na IELB: por exemplo, o pastor-presidente, às vezes não se sente à vontade para interferir nos problemas de uma congregação, outras vezes, sabe-se lá por quais razões, interfere diretamente, em nome da IELB. Mesmo nas decisões convencionais as decisões não são unívocas em relação a este assunto. Isto parece interferir na "segurança" pessoal do pastor e mesmo na sua identidade. É claro que este é um só aspecto.
- 90) O pastor também é pecador, humano, sensível, carente de contato pessoal verdadeiro e informal. A vida social do pastor e família deveria ser normal e cultivada entre pastores e congregações. Tenho alegria em meu ministério por vários motivos, e um deles é porque posso sair em horários "nobres" com minha esposa e a congregação não só entende como incentiva. A realização pessoal, familiar, influencia muito a ministério. Parabéns pela iniciativa Thomas. Que Deus te abençoe.
- 91) Uma questão sobre a principal satisfação pessoal no ministério. Imagino que aparecerão "n". No meu caso: a minha grande realização era ensinar o que as pessoas não sabiam (da Escritura) ou aprenderam de modo diverso do que nós cremos e ensinamos.
- 92) Sou da opinião que a tarefa mais difícil para o trabalho pastoral seja conciliar o tempo entre o trabalho e a família. Eu por exemplo trabalho das 8h até 21h30min. Minha esposa trabalha das 8h às 17h. Temos por dia menos de 3h para conversarmos, almoçarmos, jantarmos. Sobre isso levando algumas questões: Não deveria a IELB pensar sobre uma carga horária de trabalho pastoral? Sobre a pergunta acima, não está na hora de estudar estratégias para que não haja um desgaste emocional e físico no trabalho pastoral? Foi um prazer responder estas perguntas e corroborar com tua tese. Que Deus em sua misericórdia o abençoe e o guarde!
- 93) Valorizar e aperfeiçoar os cuidadores dos pastores: bispos, conselheiros
- 94) Ótima pesquisa. Parabéns. Que a mesma nos ajude a sermos a igreja que dizemos ser. o Assunto é complexo... que bom que alguém está fazendo alguma coisa. Ação é o que precisamos. Deus abençoe.
- 95) Olha, tive experiências extremamente frustrantes em minha comunidade anterior. Cheguei ao ponto de entrar em conflito com minha fé e vocação. De um lado "ganhei" o título de doutor por parte de uma liderança que elogiava muito alguns sermões ,pois falava que eu tinha coragem de abordar questões fundamentais sobre fé e santificação e salvação. Do outro lado um outro cacique falava que detestava meus sermões pois ele ficava com raiva dele mesmo e do resto da comunidade por serem maus cristãos. Na realidade ele sentia aplicação da lei, mas se recusava ao arrependimento e mudança. Ao mesmo tempo em algumas visitas era extremamente difícil ,pois você sentia o ódio

a sua pessoa no ar e era complicado falar. Em parte porque ,diziam eles, que eu quebrei a esperança da salvação de muitas pessoas ao falar em meus sermões que eles estavam errados ao acreditar que o fato de serem batizados, confirmados, casados e participarem de todos os cultos daria automaticamente a salvação. Outra situação difícil foi lutar para manter a posição doutrinária bíblica luterana confessional, pois muitos acreditavam em coisas erradas e de que a Bíblia não é totalmente a palavra de Deus, que a pessoa nasce gay, que comunhão com a igreja católica e presbiteriana era saudável (entenda, sempre tive bom relacionamento com padres e pastores de todas as denominações, mas cultos e missas ecumênicas não são práticas doutrinárias luteranas).Enfim tem muitas outras coisas que gostaria de compartilhar, mas não dá tempo. O que sei é que após dois anos estou saindo da minha depressão e começando a querer trabalhar normalmente. Que Deus abençoe a elaboração de sua tese de doutorado.

- 96) Destacar um pouco mais a humanidade do pastor!!
- 97) Acredito que os próprios pastores deveriam se ajudar mais. Parece, algumas vezes, que a desgraça de um colega é a alegria do outro. Vira até motivo de anedotas.
- 98) Cada vez mais o pastor é visto como um empregado qualquer. Isto prejudica e desvaloriza o ministério pastoral.
- 99) Talvez o maior problema esteja mais entre nós pastores, quando um busca ser o pastor mais ideal que o outro, não reconhecendo suas limitações e fragilidades também. Precisamos nos ater ao bom pastor Jesus e quanto aos demais, estamos todos no mesmo nível. Assim, frente a desvalorização do ministério pastoral e demais dificuldades, mais unidos nos ajudaremos mais.
- 100) Quando você erra, tem coragem de compartilhar com seus colegas pastores. Temos o medo do julgamento e de que esta confissão não fique em segredo, mas que o colega fale isso para outras pessoas.
- 101) Eu penso que deveria se abordar um pouco mais o peso que a esposa do pastor também carrega. Muitas tentações recaem sobre a esposa para atingir o ministério pastoral, o trabalho como um todo. Há um livro que comprei esses dias para minha esposa, e que dá para concordar com algumas coisas da autora. - Segredos de vida de uma Esposa de pastor - Laudelina Lima. Editora Edilan - www.edilan.com.br - Consegui o livro facilmente pela livraria erdos que envia o material em casa a preço bem acessível. www.erdos.com.br Minha esposa se identificou em muitas coisas citadas no livro. Quero felicitá-lo caro pastor Thomas, por esse belo projeto.
- 102) Precisamos olhar para o pastor com um olhar de amor e misericórdia. Alguém que está sujeito a erros e pecados - um ser humano - e não um SUPER Homem (o que ele não é!).
- 103) Falhamos em viver a ética pastoral no dia-a-dia.
- 104) A igreja tem muitas comissões (ética, colóquio etc), mas falta um grupo além da diretoria nacional que pudesse de alguma forma amparar o pastor e família que passam por um momento de fragilidade no ministério, talvez composto por psicólogo, pastor.
- 105) O preparo de futuro pastor e de sua esposa mais voltado para aspectos relacionais e

familiares do que profissionais.

- 106) A única observação é que atendo tanto comunidades rurais quanto uma comunidade urbana.
- 107) Não posso acrescentar nada, pois não sei quais são todos os teus objetivos a serem alcançados, portanto, espero que eu tenha sido ao menos um pouco útil. Abraço e que Deus abençoe fazendo que alcance os objetivos propostos!
- 108) No momento não. Obrigado por me envolver na pesquisa. Foi como um divã. Bênçãos de Deus em seu trabalho.
- 109) Pesquisa importante. Conclusões precisariam ser repartidos e debatidos na IELB.
- 110) Em primeiro lugar, está na hora de termos reflexões mais profundamente voltadas a esse assunto. Acredito que o trabalho pastoral executado com mais respeito e compreensão dos líderes das congregações, fluirá com muito mais alegria e frutos de vida e salvação.
- 111) Creio que falta em nossa formação pastoral mais elementos humanísticos contemporâneos. Precisa falar e entender a linguagem do povo do cotidiano.
- 112) Somente esta questão que ao meu ver tem muito a ver com o Evangelho e sua doçura e a Lei que os próprios pastores propuseram para si e para seus colegas.
- 113) Sendo bem direto: 1) que pastores pensem e pratiquem o ministério como excelente obra; 2) que ninguém entre no ministério como um meio de ganhar a vida (monetária); 3) que ser pastor que honre o ministério e conheça as verdades profundamente; 4) que o pastor não seja, como acontece em nossa IELB, o melhor contador de piadas; 5) que cuide primeiramente de sua vida e da sua família, e, a partir daí da igreja; 6) que se alcance, para o bem da igreja e para os que não são igreja, o bom testemunho dos de fora; 7) que faça o trabalho pastoral alegre e não gemendo; 8) que trabalhe ali onde Deus o colocou como se jamais fosse removido dali, mas que ao mesmo tempo sempre esteja pronto a levantar acampamento; 9) que sempre esteja pronto a promover mais o Reino de Deus e a sua justiça do que a própria igreja; 10) que seja um pastor amigo, mas a mesmo tempo que exorte e instrua na medida de Deus.
- 114) A questão está bem abordada e abrangente, como não poderia ser diferente vindo de ti e teu trabalho. Uma questão que sempre me pega refletindo é quanto a culpa por não dar conta das tarefas, por vezes justamente por tentar desenvolver um pastorado humanizado, aonde cada pessoa é diferente e precisa assim ser tratada. Segue-se nesta linha a questão da formação do ministério como de "tempo integral", 25hs por dia. Isso traz um sobrepeso, ao menos é meu sentimento. Não que me importaria de fazer coisas em momentos tidos por "fora de hora", não, até porque faço isso e de bom grado. Mas o peso dessa responsabilidade me angustia. Na questão abandonar o ministério, somente quando em relação a dificuldades familiares. Tento protegê-los da carga em demasia. Hoje já vencemos bastante, ou talvez simplesmente aceitamos. Bem. Abraços.
- 115) Ótimo questionamento, inclusive para uma autoanálise de como anda o meu ministério em relação a congregação, a família e a mim próprio. Fiquei feliz em

respondê-lo.

116) Pesquisa respondida. Belo trabalho, este que estás propondo.

Sabes que já passei dos 50 anos e, por isto, já me `dou ao direito` (?) de dizer algumas coisas para os `meninos` mais novos, meus colegas pastores, sobre algumas coisas que tem me `incomodado` com o ministério da IELB, como relato abaixo:

1. Sinto que há uma dicotomia: por um lado os nossos pastores querem ser tratados como se fossem funcionários, quer seja, ter horário de trabalho (8h dia), direitos trabalhistas (o que é justo!), chamado garantido na formatura, etc. Por outro lado, reclamam quando são cobrados para apresentar resultados (não na conversão, pq isto é trabalho do Espírito Santo) mas em atividades, não querem ser avaliados pela diretoria, pelo conselheiro distrital ou pela diretoria da IELB (todos somos pequenos papas, como já dizia Lutero). Ou seja, a maioria quer ser autônomo do que faz mas, ao mesmo tempo, quer ter direitos que competem a se submete a regras, como acontece nas empresas;

2. Chamado - na minha opinião, este tem sido um dos maiores motivos de escândalo em nossa IELB. Por um lado, insistimos no Chamado Divino (e eu considero ter sido chamado AO MINISTÉRIO por Deus) e, por outro lado, vemos cada negociata envolvendo os chamados em nossas comunidades, que é motivo de escândalo para os irmãos mais fracos. O que se ouve, por exemplo, é: quando interessa ao pastor aceitar o chamado, ele é divino; quando não interessa, ele não é divino? Veja que existem casos em que pastores, famílias pastorais e comunidades sofrem terrivelmente, porque um pastor fiel não recebe chamado, mesmo estando há décadas no mesmo lugar. Em outros casos, por `interesses` que não têm nada de divino, um pastor é RETIRADO de uma paróquia prematuramente, sem nenhuma ética por parte da comunidade que chama e do pastor que recebe e aceita o chamado. Ou seja, vejo que esta tal `doutrina` do chamado está sendo motivo de escândalo e sofrimento e, por isto, precisa ser revista com urgência;

3. Vocação ao ministério - existem muitas e belas exceções, mas penso que o sofrimento de muitos colegas também está neste fato. Não foram ou não são vocacionados ao ministério, mas por razões `n` não abrem mão deste e passam uma vida inteira sofrendo e fazendo os mais próximos sofrer, tanto sua família quanto sua comunidade. Eu mesmo já incentivei colegas que se queixavam constantemente do peso do ministério, a abrirem mão do mesmo, buscando servirem a Deus em outra vocação. Quando o salmista nos convida a `servir ao Senhor com alegria`, eu entendo que é: liberdade, liberalidade, amor, paixão, paz, etc. Não se pode servir a Deus no ministério, quando isto se torna um peso ou um sofrimento exagerado. Aliás, tudo o que fizermos com má vontade, se torna duplamente pesado e leva ao adoecimento.

Enfim, faço estes relatos, com o espírito de um servo do Senhor que, escolheu o ministério e procura exercê-lo com alegria e responsabilidade. Veja um pequeno resumo do meu ministério que, penso eu, poderia ser motivo para muita reclamação e revolta. No entanto, sou grato a Deus e cada dia me alegro com o fato de ser PASTOR da IELB. Veja:

1. Ao me formar em [...], tive o privilégio de servir no ministério em comunidade pequena ([...], de onde saí prematuramente depois de apenas 3,5 anos de atividade e pelo qual peço perdão a Deus, constantemente);

2. Servi em uma Paróquia do interior, [...], de onde saí com muita tristeza após 7,5 anos, por causa de escândalos provocados por minha ex-esposa, mas para onde retornei em vários momentos para celebrar cultos festivos, casamentos, aniversários, etc;

3. Trabalhei como pastor capelão em [...] por 3 anos, saindo mais uma vez em função de problemas com a ex-esposa. Aliás, saí de [...] demitido, sem esposa e com três meninos para criar e sustentar - 8, 10 e 12 anos. A diretoria nacional da IELB, na época, apenas me entregou uma carta dizendo que lamentava muito o ocorrido, mas que, como pastor divorciado precisava me licenciar e que a igreja não tinha colocação para mim. A sugestão do ex-presidente [...], na época, era passar um ano com meus pais no [...]. Corri atrás, através de ex-paroquianos de [...], arrumei emprego em [...] em uma empresa de sementes, mas a [...] me chamou devolta dois meses após me demitir, para trabalhar como professor de ensino religioso em [...] e [...], onde trabalhei como auxiliar do pastor e capelão [...]. Tinha 14 turmas em cada uma das duas escolas, mais 4 turmas de Cultura Religiosa no [...]. Mesmo ficando pouco tempo em [...] e sem receber um R\$ por isto, desenvolvi uma série de projetos comunitários com os alunos das escolas, que fazem com que seja lembrado até hoje na cidade, conforme relatos do diretor [...];

4. Após 7 meses em [...], o ex-reitor [...] me convocou para ir a Carazinho, para iniciar o trabalho de aulas de CR, na Unidade. Cheguei em [...] no dia em que iniciaram as aulas, ou seja, 16 de agosto 2000. Como era pastor licenciado, não recebi comissionamento como capelão e, portanto, meu salário era correspondente às aulas de CR que ministrava. Teve um semestre que atuei com 32h, outras com 20h, etc. Mas, desde o primeiro dia que cheguei a [...], iniciei o trabalho da Pastoral, sendo que o trabalho comunitário pelo qual a [...] é reconhecida até hoje, digo isto com humildade e responsabilidade, foi idealizada e construída pela pastoral da Unidade. Foi apenas em 2003 que consegui retornar ao ministério e, como tal, fui instalado como CAPELÃO da Unidade, quando passei a receber por 44h semanais, independentemente das aulas dadas. As pessoas perguntavam o que mudaria, agora? Na verdade, o que mudou foi o fato que passei a usar vestes talares e nada mais.

5. Mesmo sem nunca ter trabalhado para isto e nem esperava por isto, no dia 16 de agosto de 2006, exatamente no dia em que completava 6 anos de [...], o ex pró-reitor [...] me ligou e fez o convite para assumir a direção da [...]. Tive um susto muito grande e quando perguntei o que levava a reitoria a me fazer este convite, ele respondeu: nós conhecemos o teu caráter e o teu trabalho. A [...] precisa de alguém assim em [...]. Ponto.

Assumi este novo ministério com um comissionamento para função administrativa. Tanto em Santarém, assim como a direção de [...], para a qual o ex-reitor me convocou e não podia dizer não, bem como, a direção de [...] há dois anos, tenho a mesma alegria e preocupação que tive no [...]. As funções são diferentes, mas o Senhor é o mesmo. Portanto, zelo, ética, exemplo, dedicação, coerência ... são necessidades básicas no exercício deste ministério. É lógico que, como sempre digo, o pastor capelão é a presença do EVANGELHO na Unidade; já o diretor é a presença da LEI. Mas, ambos são palavra e presença de Deus.

Enfim, desculpe tomar tanto do teu tempo. Mas, por dever de consciência, não

poderia deixar de escrever o que se passa em meu coração. Agradeço a Deus pelos pastores fieis que a IELB têm; mas também me preocupo com os que fazem do ministério uma simples opção de vida, onde se destaca o negativismo e a reclamação, levando muitos ao adoecimento. Creio que a valorização do ministério também passa pela alegria, zelo, responsabilidade, exemplo, ... com que os pastores fazem o seu dia a dia. É isto.

ANEXO 6 – CHARGES NEGATIVAS ALUSIVAS A PASTORES E RELIGIOSOS



Figura 1



Figura 2

PEDOFILIA NA IGREJA



Figura 3



Figura 4



Figura 5

Você pergunta, o pastor responde:



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13

Lista de Figuras Anexo 6

Figura 1 Imagem disponível em: http://4.bp.blogspot.com/-YiPHI55yCic/TlkOEVR3qqI/AAAAAAAAAFfo/2FRCIE_5UbU/s1600/teologia+da+prosperidade.jpg Acesso em: 01 maio 2014	372
Figura 2 Imagem disponível em: http://www.rationalskepticism.org/news-politics/atheists-more-compassionate-than-believers-study-finds-t31300.html Acesso em: 01 maio 2014.....	372
Figura 3 Imagem disponível em: http://s196.photobucket.com/user/danielcbranco/media/juniaopedofilia.jpg.html Acesso em: 01 maio 2014.....	373
Figura 4 - Imagem disponível em: http://cafehistoria.ning.com/profiles/blog/list?tag=charge Acesso em: 01 maio 2014.....	373
Figura 5 - Imagem disponível em http://www.idadecerta.com.br/blog/?tag=culpa Acesso em: 01 maio 2014-	374
Figura 6 Imagem disponível em http://zecarlosfrases.blogspot.com.br/2013/05/voce-pergunta-o-pastor-responde-charge.html Acesso em: 01 maio 2014.....	374
Figura 7 Imagem disponível em: https://chicocamera.files.wordpress.com/2012/01/charge_igreja_universal_fausto1.jpg Acesso em: 01 maio 2014	375
Figura 8 Imagem disponível em: http://blogdoparrini.blogspot.com.br/2011/11/bomba-video-de-edir-macedo-ensina.html Acesso em: 01 maio 2014.....	375
Figura 9 Imagem disponível em: http://proftiagomenta.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html Acesso em: 01 maio 2014	376
Figura 10 Imagem disponível em http://www.humorpolitico.com.br/wp-content/uploads/2012/05/pastor-dinheiro-240512-alpino-humor-politico-580x414.jpg Acesso em: 01 maio 2014.....	376
Figura 11 Imagem disponível em http://www.humorpolitico.com.br/wp-content/uploads/2012/05/pastor-dinheiro-240512-alpino-humor-politico-580x414.jpg Acesso em: 01 maio 2014.....	377
Figura 12 Imagem disponível em: http://www.olhardireto.com.br/conceito/imgsite/noticias/homofobia.jpg Acesso em 01 de maio 2014	377
Figura 13 Imagem disponível em: https://latuffcartoons.files.wordpress.com/2012/12/cura-gay-2.gif?w=590 Acesso em 01 de maio 2014	378

ANEXO 7 – CAPAS DE REVISTAS



Figura 14



Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18

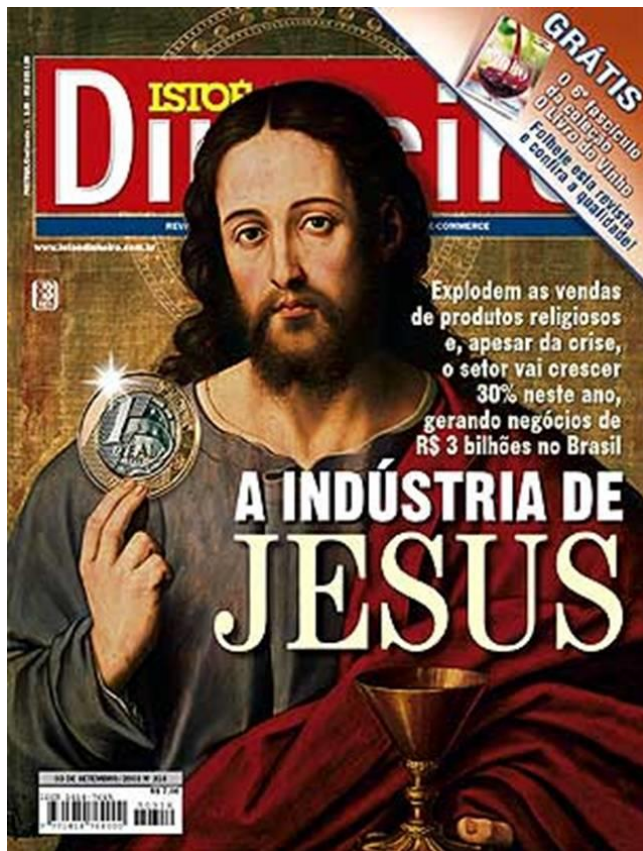


Figura 19



Figura 20



Figura 21

Lista de figuras anexo 7

Figura 1 Revista IstoÉ. Edição 2293. 25. out.2013. Imagem disponível em:
<http://www.ofuxicogospel.com/2013/10/revista-diz-que-valdemiro-santiago-e.html> Acesso em: **01 maio 2014**.....379

Figura 2 Revista Veja. Edição 2126. 19 ago.2009. Imagem disponível em:
<http://integras.blogspot.com.br/2009/08/fe-e-dinheiro-uma-combinacao-explosiva.html> Acesso em: **01 maio 2014**.....379

- Figura 3** Revista Carta Capital. Imagem disponível em: http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=97
Acesso em: 01 maio 2014 Acesso em 01 maio 2014.
- Figura 4** Revista Isto É. Edição 1369. Dezembro de 1995. Imagem disponível em:
<https://unabrasil.wordpress.com/2009/06/29/igreja-universal-e-denunciada-na-onu-por-intolerancia-religiosa/>
Acesso em: 01 maio 2014.380
- Figura 5** Revista Superinteressante. Edição 351. Setembro 2015. Imagem disponível em:
<http://3.bp.blogspot.com/-Lfo-fA7YBhk/Vd-vA2tegrI/AAAAAAAAABaA/aVHySpSFF80/s1600/capa-super-351.jpg> Acesso em: 03 dez. 2015. 381
- Figura 6** Revista IstoÉ Dinheiro. Edição 313. 27 Ago. 2003. Imagem disponível em: <http://www.adventistas-bereanos.com.br/imagens/A%20indu1.jpg> Acesso em: 03 dez. 2015381
- Figura 7** Revista IstoÉ Dinheiro. Edição 313. 27 Ago. 2003. Imagem disponível em: <http://www.adventistas-bereanos.com.br/imagens/A%20indu1.jpg> Acesso em: 03 dez. 2015382
- Figura 8** Revista IstoÉ Dinheiro. Edição 313. 27 Ago. 2003. Imagem disponível em: <http://www.adventistas-bereanos.com.br/imagens/A%20indu1.jpg> Acesso em: 03 dez. 2015 382

ANEXO 8 – CÓDIGO DE ÉTICA PASTORAL

CÓDIGO DE ÉTICA PASTORAL DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL

Preâmbulo

O texto do Código de Ética Pastoral foi examinado e debatido em concílios, conferências, seminários e convenções e, especialmente, pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais. Em novembro último, foi aprovado pelo Conselho Diretor para uso na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Deve ser visto como um conselheiro que, com palavras suaves e amigas, de maneira evangélica, procura orientar as relações dos membros leigos e dos pastores e professores que desejam ser encontrados fiéis no serviço do reino de Deus. Nesse sentido, o Código foi escrito, debatido e revisado, aprovado e, agora, entregue a todos os fiéis da IELB.

Sabemos que o Código não esgota todos os assuntos. Além disso, acima do Código estão as orientações invariáveis de Deus, abrigadas sob o resumo que o próprio Senhor Jesus citou: "Amarás o Senhor teu Deus... e o teu próximo como ti a mesmo".

O Código, dirigido inicialmente aos pastores, será útil a todos os obreiros, clérigos e leigos, engajados no serviço de Deus.

Como o Código procura esclarecer assuntos do ponto de vista da ética cristã, que a ética do mundo deixa entregues à decisão individual, o Código de Ética Pastoral será auxiliar importante para que a IELB, através dos seus representantes maiores, também tenha um "bom testemunho dos que são de fora", como diz Paulo.

Ao lado do Estatuto e do Regimento da IELB, o Código poderá ser uma grande bênção para a vida ética da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Porto Alegre, 17 de janeiro de 1997

Introdução

O pastor é chamado para pastorear o rebanho de Deus sob o Bom Pastor, Jesus Cristo (1 Pe 5.2,4). Há regras de conduta bem específicas para os obreiros de Deus na Escritura. Elas mencionam a capacidade de trabalho, a qualificação pessoal, a conduta social e os proibitivos. Encontram-se em 1 Pe 5.1-4; 1 Tm 3.1-7; 4.16; 2 Tm 2.24-25; 4.2,5; Tt 1.7-9; 2.1,7-8:

1. Capacidade de trabalho para cumprir o ministério:

- a) O ministro será apegado à Palavra e terá cuidado da sã doutrina (não pode ser neófito).
- b) O ministro pregará a Palavra, instará com integridade, reverência, com linguagem sadia e irrepreensível.
- c) O ministro será apto para ensinar e instruir, como evangelista e despenseiro de Deus.
- d) O ministro exortará, convencerá, disciplinará, corrigirá, repreenderá com mansidão e longanimidade.
- e) O ministro suportará aflições.

2. Qualificações pessoais:

- a) O ministro será piedoso.
- b) O ministro será espontâneo e terá boa vontade.
- c) O ministro terá cuidado de si e terá domínio sobre si.

3. Conduta social:

- a) O ministro será irrepreensível, com bom testemunho dos de fora.
- b) O ministro terá família padrão: uma só mulher, filhos educados.
- c) O ministro será hospitaleiro, amigo do bem, padrão de boas obras, modelo.
- d) O ministro será temperante, sóbrio, modesto, cordato, inimigo de contendas, brando, paciente, justo.

4. Proibitivos:

O ministro não será constrangido ao ofício, ganancioso (avarento, cobiçoso), dominador, violento, arrogante, irascível, que goste de contenda e de muito vinho (pessoa alcoólica).

A espiritualidade recebida pela fé está continuamente sob ataque da natureza corrompida. Isso torna frágil também o pastor. Pode sentir-se exausto e sem recursos espirituais, seguido de um sentimento de frustração, fracasso ou revolta. A verdadeira espiritualidade só pode ser dada pela meditação no evangelho, que é o poder de Deus que cria e move a fé. A devoção diária com estudo e oração é básica para o pastor. Como espiritual,

aceita os seguintes princípios de conduta dirigidos aos obreiros de todas as categorias e extensivos aos leigos.

I. ACEITAR AUTORIDADE

Há um elemento muito sensível que garante a existência da sociedade e que, no entanto, está sob contínuo ataque na rebelião do homem: a autoridade. Como o homem em rebelião não aceita que Deus é Deus, assim ele também não quer servir sob nenhuma autoridade. Mas o "espírito voluntário" (Sl 51.12) do cristão aceita a autoridade.

Art. 1º - Como cristão e pastor, eu aceito pela fé, acima de tudo, a autoridade de Deus e de sua Palavra, revelada em lei e evangelho na Sagrada Escritura. Minha primeira resposta é a adoração, demonstrada na confissão da fé, na oração e no culto pessoal ao meu Deus.

Art. 2º - Como cristão e pastor luterano, eu aceito a autoridade dos três Credos Ecumênicos (Apostólico, Niceno e Atanasiano) e das Confissões Luteranas, como estão no Livro de Concórdia de 1580, por serem a clara e correta exposição da Palavra de Deus.

Art. 3º - Como cristão e pastor, eu aceito a autoridade daqueles que são colocados por Deus acima de mim nas diferentes ordens sociais: na relação familiar e econômica, no governo e na igreja.

Art. 4º - Como pastor, eu aceito, especialmente, a autoridade daqueles que foram eleitos para governarem na igreja: o presidente e a direção da igreja, os conselheiros, a diretoria da congregação, e outros que receberam essa autoridade. Entendo que também os colegas me foram dados por Deus para mútuo conselho e exortação necessários para um ministério mais espiritual e eficiente. Onde eu mesmo exerço esta autoridade, seja na igreja, na congregação ou na família, entendo que não o posso fazer como dominador (1 Pe 5.3). Entendo que preciso exercer a autoridade recebida como quem serve o próximo em humildade, (Jo 13.14-17) de quem recebi esta autoridade.

Art. 5º - Como pastor, eu aceito a autoridade de uma congregação ou paróquia que me chama e respeito o seu direito de ser comunicada imediatamente do recebimento do chamado, bem como de uma pronta solução para o chamado. Estando a serviço de outra

congregação ou paróquia ou entidade da igreja, reconheço o direito de esta opinar comigo sobre o novo chamado. Reconheço que chamado é coisa pública na ordem social da igreja, ficando, inclusive, sob a autoridade do seu presidente e dos seus conselheiros distritais, com os quais preciso me comunicar. Reconheço que a congregação e/ou paróquia ou o segmento da igreja que me chamou também tem o direito de reavaliar o chamado e propor modificações.

Art. 6º - Como cristão e pastor, eu aceito a autoridade de todo aquele que se dirige a mim por carta ou por outra forma de comunicação pessoal, reconhecendo a necessidade de dar uma resposta adequada dentro do menor prazo possível.

Art. 7º - Como cristão e pastor, eu aceito a autoridade de todos os que vivem comigo na família, com os quais pratico a submissão mútua (Ef 5.21), porque abri espaço com ternura para viverem comigo. Lembro que, sendo casado, nem mesmo sou a única autoridade sobre o meu corpo, pois o uni à esposa.

II. ACEITAR A LIBERDADE E SEUS LIMITES

A liberdade sempre é dada: Deus a dá e distribui. Há uma liberdade de mim mesmo, que Deus me dá pela fé. Essa liberdade me determina como aquele que está aí para servir ao seu Senhor, servindo ao seu próximo. Como o meu próximo tem a mesma liberdade, surge o limite pela vocação de cada um.

Art. 8º - Como cristão e pastor, eu aceito a liberdade de filho de Deus e a coloco à disposição do meu Senhor para servir ao meu próximo.

Art. 9º - Como cristão e pastor, eu aceito a liberdade de dispor do meu tempo, dos meus bens, dos meus dons, da minha nova vida em Cristo para servir sob o reino de Deus.

Art. 10 - Como cristão e pastor, eu aceito o limite da minha liberdade, procurando respeitar o tempo, os bens e a vida do meu próximo.

Art. 11 - Como cristão e pastor, eu respeito o direito que meu próximo tem à sua privacidade, afastando-me de qualquer tentativa de especular a respeito de seus privilégios ou de seus defeitos.

Art. 12 - Como cristão e pastor, eu aceito o direito à privacidade dos congregados, não procurando penetrar curiosamente em seu mundo de erros e ofensas, quando não são conhecidos e públicos.

Art. 13 - Como cristão e pastor, eu aceito o direito dos outros de modelarem a sua vida de acordo com os privilégios éticos que lhes cabem. Nesse sentido, procurarei não impor os meus padrões nem abusar de seu tempo com visitas alongadas, nem sobrecarregando-os com trabalhos excessivos, nem com os problemas dos outros.

Art. 14 - Como cristão e pastor, lembrarei aos congregados o direito de ser consultado em assuntos que dizem respeito à minha paróquia. Assim, não aceitarei pessoas de outras paróquias para aconselhamento sem acerto devido com o colega ou protocolo de transferência.

Art. 15 - Como cristão e pastor, eu aceito o direito do meu colega, que me precedeu no ministério em determinado lugar, de ter o seu nome protegido de interpretações falsas. Nesse sentido, procurarei sempre falar bem do colega, interpretando tudo da melhor maneira.

Art. 16 - Como cristão e pastor, eu aceito o direito e a responsabilidade pastoral de meu colega pastor, não me intrometendo em sua área de trabalho nem oficiando em sua paróquia sem autorização clara dele, de sua paróquia ou da presidência da IELB.

Art. 17 - Como cristão e pastor, eu aceito a liberdade de trabalhar em equipe com os outros, tanto com os líderes paroquiais como com os colegas pastores, sem ver neles concorrentes, mas dons de Deus para aperfeiçoamento dos santos (Ef 4.12). Entendo que trabalho em equipe também inclui aceitar admoestação, quando eu faltar a compromissos assumidos.

III. RESPEITAR A ESCALA DE VALORES

Como cristãos, nós entendemos que há certas prioridades numa escala de valores. Estas precisam estar sempre claramente diante de nós quando precisamos decidir.

Art. 18 - Como cristão e pastor, eu aceito uma escala de valores em que o espiritual tem precedência sobre o físico e o material. Lembro-me de que uma pessoa tem mais valor do que todo o mundo, e que o reino de Deus e a sua justiça vêm em primeiro lugar, sendo depois acrescentadas as coisas.

Art. 19 - Como cristão e pastor, eu aceito a primazia do reino de Deus sobre as coisas, procurando administrar meu tempo, meus bens e meus talentos de acordo com essa escala de valores. Assim com "espírito voluntário" (Sl 51.12) buscarei, em primeiro lugar, uma orientação segura na Palavra do Senhor para então fazer a distribuição do meu tempo, meus bens e dos meus talentos nas ordens sociais em que Deus me colocou por sua vocação. Entendo que equipar, preparar e aperfeiçoar os santos (Ef 4.12) é tarefa básica do pastor.

Art. 20 - Como cristão e pastor, eu quero discernir entre tarefas urgentes e outras menos urgentes, entre tarefas necessárias e outras menos necessárias.

IV. DEFENDER A HONRA DO PRÓXIMO

O mundo entende que é fácil destruir alguém, destruindo a sua honra. Já se matava com a língua nos tempos bíblicos. O cristão entende que a honra pode ser considerada uma ordem social, pois Deus defende a honra do próximo no oitavo mandamento.

Art. 21 - Como cristão e pastor, eu me comprometo a guardar sigilo confessional diante de qualquer pessoa. Minha congregação precisa saber que jamais trairei segredos que me foram confiados em confissão ou no aconselhamento pastoral.

Art. 22 - Como cristão e pastor, eu quero "falar pelo mudo" (Pv 31.8). Sei que preciso falar sempre quando alguém é acusado injustamente.

Art. 23 - Como cristão e pastor, eu vou procurar cobrir, o quanto possível, os pecados dos irmãos (1 Pe 4.8). Nesse sentido, quero ser um consolador e ajudador e estar aí para os outros, para ajudar a carregar o peso de sua vida.

Art. 24 - Como cristão e pastor, eu quero interpretar tudo da melhor maneira, defendendo os meus colegas no ofício, meu presidente, meu conselheiro, minha diretoria, minha igreja, os membros da minha congregação e o meu próximo.

Art. 25 - Como cristão e pastor, eu quero usar de moderação ao julgar os outros, sabendo que também eu tenho minhas fraquezas, que precisam de perdão.

V. RECONHECER OS DIREITOS DE PROPRIEDADE

Cada pessoa tem certos bens que são suas conquistas na vida. Podem ser propriedades, invenções, idéias. O mundo reconhece que quem inventou, pode patentear sua invenção. O cristão também reconhece que o próximo tem direito à sua propriedade. Ela não está simplesmente à minha disposição.

Art. 26 - Como cristão e pastor, eu reconheço o direito do meu próximo sobre a sua propriedade. Desta forma, não posso simplesmente invadir a sua propriedade nem fazer uso dela sem a sua autorização.

Art. 27 - Como cristão e pastor, reconheço, também, que todos os bens que me foram confiados por Deus possuem uma finalidade variada: o privilégio de ofertar para a obra de Deus, de suprir as minhas necessidades, as de minha família e também as do próximo como parte do meu culto a Deus. Dessa forma, não devo utilizar meus bens egoisticamente, mas administrá-los para Deus dentro das ordens sociais: econômica (família), política e eclesiástica.

Art. 28 - Como cristão e pastor, não quero enfeitar-me com "plumas alheias". Assim, quando quero usar pensamentos, sermões, poesias e artigos de outros que não são de domínio público, eu quero, primeiro, verificar se tenho autorização para usá-los. E quando o fizer, darei o crédito ao seu autor, citando as fontes.

Art. 29 - Como cristão e pastor, eu quero valorizar os esforços dos outros que me ajudaram a crescer. Sei que não me diminui quando reconheço e valorizo a aprendizagem que fiz com alguém.

Art. 30 - Como cristão e pastor, quero ser muito cuidadoso e consciencioso com valores que me foram confiados. Sei que preciso administrar os bens que me foram confiados e prestar contas com exatidão a quem mos confiou.

VI. EQUILIBRAR RESPONSABILIDADES

Quando uma pessoa fica envolvida demasiadamente com certo assunto, ela pode ficar unilateral em seu julgamento ou em suas ações. Todos nós pertencemos a todas as ordens sociais: família, governo e igreja. Em cada uma temos certas responsabilidades.

Art. 31 - Como cristão e pastor, eu quero cuidar para equilibrar minhas responsabilidades como pastor com as demais responsabilidades como esposo, pai, assalariado, súdito e como membro da minha sociedade e do meu país. Mesmo que deva estar atento aos problemas da sociedade, não quero, enquanto pastor, exercer política partidária. Preciso, também, reavaliar continuamente minha permanência na mesma paróquia ou tarefa por tempo acima ou abaixo do conveniente e produtivo.

Art. 32 - Como pastor, reconheço minha responsabilidade de pastor-mestre para equipar, preparar e aperfeiçoar os santos pela pregação do Evangelho e administração dos sacramentos. Entendo que só assim cada um do povo de Deus poderá desempenhar sua tarefa como membro do corpo de Cristo. Reconheço a responsabilidade de equipar os congregados para viverem sua vida cristã de adoração a Deus em confissão de fé e missão, em oração e culto doméstico e público. Da mesma forma, preciso equipar os santos para viverem a sua fé em amor e serviço ao próximo nas inúmeras oportunidades de sua vocação nas diferentes ordens sociais. Ainda preciso equipá-los para compreenderem a vida sob a cruz na esperança cristã.

Art. 33 - Como cristão e pastor, eu quero dividir bem o meu tempo para atender a todos os meus compromissos. Lembro especialmente o meu compromisso de pregar, de escrever devoções e artigos, de estudar, de visitar, de aconselhar e de instruir para equipar, preparar e aperfeiçoar os santos. Para isso, preciso buscar energias novas e conhecimentos atualizados em conferências, concílios e outras oportunidades de estudo, na certeza de que não estou caminhando sozinho nessa tarefa sublime.

Art. 34 - Como cristão e pastor, reconheço minha responsabilidade com a sociedade em que vivo, usando a linguagem, os modos e os trajes adequados a cada momento de convívio social. Entendo que também tenho responsabilidade com minha saúde pessoal e social, dando um bom exemplo de preparo físico e mental, de limpeza e asseio pessoal, de equilíbrio entre trabalho e lazer, de sensatez e seriedade na administração dos recursos disponíveis, de moderação no comer e no beber, evitando o sedentarismo, as drogas e vícios da sociedade e guardando distância da poluição moral do mundo em que vivemos.

VII. RESPEITAR A RESPONSABILIDADE DOS OUTROS

A tendência humana é sentir-se o centro do mundo. Achamos que temos soluções para os problemas do mundo. Dessa forma, muitas vezes, tomamos a liberdade de decidirmos pelos outros, não lhes dando a oportunidade de tomarem a sua decisão ética que Deus requer.

Art. 35 - Como cristão e pastor, eu quero aprender a incentivar os outros a tomarem as suas decisões diante de Deus. Entendo que ninguém pode crer pelo outro, ninguém pode viver pelo outro e que ninguém, por isso, deve decidir pelo outro. Pois cada um será responsabilizado diante de Deus.

Art. 36 - Como cristão e pastor, quero ajudar o meu próximo e, especialmente, meu congregado, a tomar as suas decisões, ensinando-lhe o processo de decisão. Entendo que o processo de decisão, depois de ter recebido de Deus, pela fé, um espírito voluntário, é o seguinte:

- a) conhecer a lei imutável de Deus, os Dez Mandamentos;
- b) conhecer as leis variáveis de Deus, como são verificadas nas diversas ordens sociais e na experiência do povo de Deus;
- c) pedir em oração que Deus me faça decidir bem;
- d) fazer a minha decisão, na certeza de que Deus me guia e que me quer perdoar os erros;
- e) agradecer a Deus quando me permitiu decidir bem; voltar a Deus, em arrependimento, quando decido erradamente;
- f) viver com alegria, quando houve boa decisão; fazer nova decisão quando possível, quando esta não foi correta.

Art. 37 - Como cristão e pastor, quero estar à disposição do meu próximo para aconselhar e ajudar, respeitando, no entanto, a sua responsabilidade de decidir. Mesmo que nem

sempre possa concordar com a sua decisão, quero aprender a respeitar a decisão do meu próximo, pois ele será responsabilizado por Deus.

Art. 38 - Como cristão e pastor, entendo que não há espaços livres de pecado, porque continuamos a ser, simultaneamente, justos pelo evangelho e pecadores pela lei. Como, no entanto, recebemos a espiritualidade verdadeira, pela fé, a minha decisão como cristão será a favor da justiça e contra a injustiça. Isso não garante, sempre, uma decisão entre certo e errado. Muitas vezes, deverá ser uma decisão entre menos e mais prejudicial. Mesmo sabendo que não serei perfeito, eu sou chamado a decidir continuamente como um pecador espiritual que recebeu um espírito novo e voluntário pela fé.

Conclusão

Em suma, como cristão e pastor, eu quero praticar o que Paulo diz ao pastor Tito: "...vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente." Tt 2.12

Conselho Diretor

Canoas, RS, 21 a 24 de novembro de 1996

ANEXO 9 – RITO LITÚRGICO DE ORDENAÇÃO PASTORAL DA IELB

In: Culto Luterano: liturgias e orações. [organizado e atualizado por] Comissão de Culto da Igreja Luterana do Brasil – Porto Alegre: Concórdia, 2010. p.147-154.

9. MINISTÉRIO PASTORAL

O Presidente da Igreja autorizará a ordenação ou instalação, designando o oficiante. No processional de entrada, o pastor a ser ordenado ou instalado entra à frente dos pastores assistentes e o oficiante entra por último. Quando da instalação, a diretoria da congregação ou da paróquia pode ser convidada a postar-se ao lado do pastor a ser instalado, permanecendo a congregação sentada. As ordens de ordenação ou instalação podem suceder à Oração Geral.

9.1. ORDENAÇÃO DE PASTOR

Prezado irmão, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo ordenou aos apóstolos: “Vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a vocês. E lembrem-se disto: eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos.” Considerando que você tem demonstrado conhecimento satisfatório da doutrina cristã, bem como capacidade para instruir a outros, e considerando ainda que você foi chamado para atuar no santo ministério, é importante ouvir e meditar nas palavras de Deus que apresentam as sagradas responsabilidades do ofício do ministério.

Assim diz o apóstolo Paulo a Timóteo: “Se alguém quer muito ser bispo na Igreja, está desejando um trabalho excelente. O bispo deve ser um homem que ninguém possa culpar de nada. Deve ter somente uma esposa, ser moderado, prudente e simples. Deve estar disposto a hospedar pessoas na sua casa e ter capacidade para ensinar. Não pode ser chegado ao vinho nem briguento, mas deve ser pacífico e calmo. Não deve amar o dinheiro. Deve ser um bom chefe da sua própria família e saber educar os seus filhos de maneira que eles lhe obedçam com todo o respeito.” Com muito amor, Paulo orienta o pastor Timóteo dizendo: “Pregue a mensagem e insista em anunciá-la, seja no tempo certo ou não. Procure convencer, repreenda, anime e ensine com toda a paciência. Seja um exemplo na maneira de falar, na maneira de agir, no amor, na fé e na pureza. Cuide de você mesmo e tenha cuidado com o que ensina. Continue fazendo isso, pois assim você salvará tanto você mesmo como os que o escutam.”

Assim, pois, os ministros do Evangelho são embaixadores de Cristo, a quem cabe pregar a Palavra e ministrar os santos sacramentos; pastorear e servir a Igreja; oferecer ao

Senhor as orações e súplicas do seu povo; bem como alimentar, instruir, vigiar e conduzir as ovelhas e cordeiros do rebanho de Jesus, que ele adquiriu com o seu próprio sangue. A fim de poderem cumprir o seu ministério, devem dedicar-se ao ofício, por meio da meditação e do estudo constante das Escrituras, alimentando-se com as palavras da fé e da boa doutrina, e tornando-se padrão dos fiéis em sua vida cristã.

Você, prezado irmão, está por assumir os deveres que, segundo a Palavra e vontade do Senhor Deus, fazem parte do ofício do santo ministério. Pergunto-lhe, pois, diante de Deus e desta congregação: Você crê que os livros canônicos do Antigo e Novo Testamento são a Palavra inspirada por Deus e única norma infalível de fé e vida?

- Creio.

Aceita os três credos ecumênicos - Apostólico, Niceno e Atanasiano - como fiel testemunho da verdade revelada por Deus, e rejeita todos os erros que condenam?

- Aceito.

Crê que a Confissão de Augsburgo é a exposição da Palavra de Deus e apresentação correta das doutrinas da Igreja Evangélica Luterana? Crê ainda que a Apologia da Confissão de Augsburgo, os dois catecismos de Martinho Lutero, os Artigos de Esmalcalde e a Fórmula de Concórdia, conforme contidos no Livro de Concórdia, também estão de acordo com a única fé revelada na Escritura Sagrada?

- Creio.

Promete cumprir os deveres do ofício ministerial e ensinar e administrar os santos sacramentos de acordo com a Escritura Sagrada e as confissões?

- Prometo.

Quer exercitar a doutrina de nosso Salvador com uma vida cristã e consagrada?

- Quero.

O pastor a ser ordenado ajoelha-se. O oficiante, impondo-lhe a mão direita, dirá:

Confio-lhe, pois, o santo ofício da Palavra e dos sacramentos, e assim o consagro e ordeno ministro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, † em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Queira o Senhor derramar sobre você o Espírito Santo para o desempenho do ofício e dos encargos que lhe confiou o chamado divino de modo que seja fiel na administração dos meios da graça. Amém.

Os outros pastores estenderão a mão sobre o recém-ordenado, pronunciando uma bênção. Exemplos: Josué 1.7-8; Salmo 20.1-2; Salmo 27.1,14; Salmo 84.7-8; Isaías 52.7; Daniel 12.3; 2 Coríntios 2.14-16; 2 Coríntios 4.6-7; 1 Timóteo 4.6-7; 2 Timóteo 1.13-14.

Voltando-se para o altar, o oficiante fará intercessão: Senhor Jesus Cristo, grande Pastor e cabeça da Igreja, rogamos que conserves este teu servo na santa Palavra e na boa doutrina que ela expõe. Fortalece-o para o fiel desempenho dos deveres do ministério. Abençoa a sua atuação em teu serviço, para a glória do teu santo nome e crescimento do reino de Deus; tu, que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Ou Senhor Deus, Pai Celestial, que envias à Igreja ministros capazes, conferindo-lhes o poder do alto para o desempenho do seu ministério; humildemente rogamos que ilumines o coração deste teu servo com o Espírito Santo. Conduze-o com a tua mão a fim de que ele possa cumprir fielmente o ministério que lhe foi confiado, para a glória do teu nome e a edificação da Igreja de Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Estendendo a mão direita sobre o pastor, o oficiante e os pastores assistentes dirão:

Pai nosso, que estás no céu. Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação. Mas livra-nos do mal. Pois teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.

O pastor ordenado se levantará. Neste momento, pode ser colocada no pastor ordenado a estola sacerdotal.

O oficiante, estendendo-lhe a mão direita, dirá:

Estimado irmão, cuide de você mesmo e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados, como pastor da Igreja de Deus, que ele comprou por meio do sangue do seu próprio Filho. Faça o seu trabalho de pastor com dedicação, como Deus quer, com o verdadeiro desejo de servir. Não procure dominar os que foram entregues aos seus cuidados, mas seja um exemplo para o rebanho. Que o Senhor o abençoe e faça de você uma bênção para muitos, de maneira que produza muito fruto e o seu fruto permaneça para a vida eterna. Amém.

9.2. ORDENAÇÃO E INSTALAÇÃO DE PASTOR

Prezado irmão, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo ordenou aos apóstolos: “Vão a todos os povos do mundo e façam com que sejam meus seguidores, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a obedecer a tudo o que tenho ordenado a

vocês. E lembrem-se disto: eu estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos.” Considerando que você tem demonstrado conhecimento satisfatório da doutrina cristã, bem como capacidade para instruir a outros, e considerando ainda que você foi chamado para atuar no santo ministério, é importante ouvir e meditar nas palavras de Deus que apresentam as sagradas responsabilidades do ofício do ministério.

Assim diz o apóstolo Paulo a Timóteo: “Se alguém quer muito ser bispo na Igreja, está desejando um trabalho excelente. O bispo deve ser um homem que ninguém possa culpar de nada. Deve ter somente uma esposa, ser moderado, prudente e simples. Deve estar disposto a hospedar pessoas na sua casa e ter capacidade para ensinar. Não pode ser chegado ao vinho nem briguento, mas deve ser pacífico e calmo. Não deve amar o dinheiro. Deve ser um bom chefe da sua própria família e saber educar os seus filhos de maneira que eles lhe obedçam com todo o respeito.” Com muito amor, Paulo orienta o pastor Timóteo dizendo: “Pregue a mensagem e insista em anuncia-la, seja no tempo certo ou não. Procure convencer, repreenda, anime e ensine com toda a paciência. Seja um exemplo na maneira de falar, na maneira de agir, no amor, na fé e na pureza. Cuide de você mesmo e tenha cuidado com o que ensina. Continue fazendo isso, pois assim você salvará tanto você mesmo como os que o escutam.”

Assim, pois, os ministros do Evangelho são embaixadores de Cristo, a quem cabe pregar a Palavra e ministrar os santos sacramentos; pastorear e servir a Igreja; oferecer ao Senhor as orações e súplicas do seu povo; bem como alimentar, instruir, vigiar e conduzir as ovelhas e cordeiros do rebanho de Jesus, que ele adquiriu com o seu próprio sangue. A fim de poderem cumprir o seu ministério, devem dedicar-se ao ofício, por meio da meditação e do estudo constante das Escrituras, alimentando-se com as palavras da fé e da boa doutrina, e tornando-se padrão dos fiéis em sua vida cristã.

Como servo do Senhor Jesus na terra, é seu dever pregar e ensinar a doutrina pura da Palavra de Deus, ministrar os santos sacramentos conforme a ordem de Cristo, instruir as crianças e os jovens, admoestar os pecadores, ajudar os fracos na fé, ir atrás dos perdidos, confortar os aflitos, amparar os necessitados, visitar os doentes, consolar os abatidos, enfim, cuidar de todas as pessoas que lhe foram confiadas, sempre orando pelo bem-estar espiritual delas.

Você deve ser dedicado no estudo particular e na meditação da Palavra de Deus, cumprir o seu ofício de acordo com esta Palavra, ser um bom exemplo na maneira de viver diante da família e de todos, a fim de não causar escândalo e desonrar e difamar o ministério.

Essas recomendações devem ser levadas a sério para que o ministério pastoral seja uma bênção para a Igreja. Assim, é seu dever cumprir tudo o que Deus pede, não por

obrigação, mas motivado pelo amor de Deus que está em você e que o capacita igualmente a amar a Deus e ao próximo. Seja fiel com o dom que há em você e compartilhe com os seus ouvintes a boa notícia da salvação.

Você, prezado irmão, está por assumir os deveres que, segundo a Palavra e vontade do Senhor Deus, fazem parte do ofício do santo ministério. Pergunto-lhe, pois, diante de Deus e desta congregação:

Você crê que os livros canônicos do Antigo e Novo Testamento são a Palavra inspirada por Deus e única norma infalível de fé e vida?

- Creio.

Aceita os três credos ecumênicos - Apostólico, Niceno e Atanasiano - como fiel testemunho da verdade revelada por Deus, e rejeita todos os erros que condenam?

- Aceito.

Crê que a Confissão de Augsburgo é a exposição da Palavra de Deus e apresentação correta das doutrinas da Igreja Evangélica Luterana? Crê ainda que a Apologia da Confissão de Augsburgo, os dois catecismos de Martinho Lutero, os Artigos de Esmalcalde e a Fórmula de Concórdia, conforme contidos no Livro de Concórdia, também estão de acordo com a única fé revelada na Escritura Sagrada?

- Creio.

Promete cumprir os deveres do ofício ministerial e ensinar e administrar os santos sacramentos de acordo com a Escritura Sagrada e as confissões?

- Prometo.

Quer exercitar a doutrina de nosso Salvador com uma vida cristã e consagrada? - Quero.

Ainda lhe pergunto se você está disposto a assumir as responsabilidades do trabalho nesta Congregação (ou Paróquia) Evangélica Luterana _____ de _____, e a cumprir fielmente todos os deveres do ministério?

- Estou.

Em seguida o oficiante se dirige à congregação:

Estimados irmãos, vocês ouviram a promessa que fez o ministro que escolheram para ser o pastor de vocês.

Portanto, admoesto e aconselho com firmeza para que, como membros do corpo de Cristo, o recebam como tal, obedecendo ao que a Palavra de Deus pede a vocês. Ouçam com atenção a pregação da Palavra, recebendo-a não como palavra de homens, mas como ela é, a

Palavra de Deus. Auxiliem o seu pastor em todo o trabalho da Igreja reconhecendo e usando os dons que cada um recebeu de Deus.

Amem e honrem o pastor conforme a recomendação do apóstolo Paulo, que diz: “Respeitem os que trabalham entre vocês, aqueles que o Senhor escolheu para guiá-los e ensiná-los. Tratem estas pessoas com o maior respeito e amor, por causa do trabalho que fazem”.

Lembrem-se ainda das palavras no livro de Hebreus: “Obedeçam aos seus líderes e sigam as suas ordens, pois eles cuidam sempre das necessidades espirituais de vocês, sabendo que vão prestar contas disso a Deus. Se vocês obedecerem, eles farão o trabalho com alegria; porque se eles fizerem o trabalho com tristeza, isso não ajudará vocês em nada”.

O pastor a ser ordenado e instalado ajoelha-se.

O oficiante, impondo-lhe a mão direita, dirá:

Confio-lhe, pois, o santo ofício da Palavra e dos Sacramentos, e assim o consagro e ordeno ministro da Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o instalo como pastor desta congregação, † em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Queira o Senhor derramar sobre você o Espírito Santo para o desempenho do ofício e dos encargos que lhe confiou o chamado divino de modo que seja fiel na administração dos meios da graça. Amém.

Os outros pastores estenderão a mão sobre o recém-ordenado, pronunciando uma bênção. Exemplos: Josué 1.7-8; Salmo 20.1-2; Salmo 27.1,14; Salmo 84.7-8; Isaías 52.7; Daniel 12.3; 2 Coríntios 2.14-16; 2 Coríntios 4.6-7; 1 Timóteo 4.6-7; 2 Timóteo 1.13-14.

Voltando-se para o altar, o oficiante fará intercessão:

Senhor Jesus Cristo, grande Pastor e cabeça da Igreja, rogamos que conserves este teu servo na santa Palavra e na boa doutrina que ela expõe. Fortalece-o para o fiel desempenho dos deveres do ministério na Igreja Luterana e nesta congregação. Abençoa a sua atuação em teu serviço, para a glória do teu santo nome e crescimento do reino de Deus; tu, que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Ou

Senhor Deus, Pai Celestial, que envias à Igreja ministros capazes, conferindo-lhes o poder do alto para o desempenho do seu ministério; humildemente rogamos que ilumines o coração deste teu servo com o Espírito Santo. Conduze-o com a tua mão a fim de que ele possa cumprir fielmente o ministério que lhe foi confiado, para a glória do teu nome e a edificação da Igreja de Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Estendendo a mão direita sobre o pastor, o oficiante e os pastores assistentes dirão:

Pai nosso, que estás no céu. Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação. Mas livra-nos do mal. Pois teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.

O pastor ordenado se levantará. Neste momento, pode ser colocada no pastor ordenado a estola sacerdotal. O oficiante, estendendo-lhe a mão direita, dirá:

Estimado irmão, cuide de você mesmo e de todo o rebanho que o Espírito Santo entregou aos seus cuidados como pastor da Igreja de Deus, que ele comprou por meio do sangue do seu próprio Filho. Faça o seu trabalho de pastor com dedicação, como Deus quer, com o verdadeiro desejo de servir. Não procure dominar os que foram entregues aos seus cuidados, mas seja um exemplo para o rebanho. Que o Senhor o abençoe e faça de você uma bênção para muitos, de maneira que produza muito fruto e o seu fruto permaneça para a vida eterna. Amém.

O pastor ordenado e instalado oficiará o restante do culto.